SANDRA CRISTINA FAGUNDES DE LIMA

MEMÓRIA DE SI, HISTÓRIA DOS OUTROS:
Jerônimo Arantes, educação, história e política em Uberlândia nos anos de 1919 a 1961.

Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação da Prof ª. Dr ª. Vera Hercília Faria Pacheco Borges.

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em _____ /_____ / 2004.

BANCA:

Prof ª. Dr ª. Vera Hercília Faria Pacheco Borges (orientadora)- UNICAMP

Prof ª. Dr ª. Christina da Silva Roquette Lopreato - UFU-MG

Prof ª. Dr ª. Helenice Ciampi Ribeiro Fester - PUC-SP

Prof ª. Dr ª. Leila Mezan Algranti - UNICAMP

Prof ª. Dr ª. Maria Carolina Bovério Galzerani - UNICAMP

Campinas-SP
Agosto/2004

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

Lima, Sandra Cristina Fagundes de

L628m **Memória de si, história dos outros : Jerônimo Arantes, educação, história e política em Uberlândia nos anos de 1919 a 1961 / Sandra Cristina Fagundes de Lima. - - Campinas, SP : [s. n.], 2004.**

**Orientador: Vera Hercília Faria Pacheco Borges.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.**

1. Educação. 2. História local. 3. Política. 4. Memória.

I. Borges, Vera Hercília Faria Pacheco. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

À Janeth, minha mãe;
à Silvia, minha irmã e ao
Gabriel, meu filho.

AGRADECIMENTOS

À profª. Drª. Vavy Pacheco Borges, a quem serei sempre grata pela orientação pontual, segura, crítica e construtiva. Sou grata também pela acolhida carinhosa.

À profª. Drª. Christina Lopreatto, pela leitura criteriosa e sugestões precisas durante o exame de qualificação. Sou grata, sobretudo, por ter acreditado no projeto inicial.

À Profª. Drª. Helenice Ciampi, pela leitura criteriosa e sugestões precisas durante o exame de qualificação.

À Fátima e ao Júlio, pelo incentivo desde o início, quando o projeto de pesquisa não passava de idéias desconexas. Agradeço-lhes a leitura da tese e as sugestões que contribuíram para tornar o texto melhor.

À minha mãe, aos meus irmãos e ao Paulinho, pela colaboração, solidariedade e companheirismo.

Ao sr. Delvar Arantes, srª. Regina Arantes e Vera Arantes pelas informações, empréstimo de documentos e boa vontade em atender a todas as solicitações que lhes dirigi.

Aos depoentes, que se dispuseram a compartilhar comigo suas memórias.

Aos funcionários do Arquivo Público de Uberlândia.

Agradeço também a todas as demais pessoas que contribuíram para a realização desta tese: André, Arlete, Bisinha, Conceição, prof. Dr. Ernesto S. Bertoldo, profª. Drª Jacy A. Seixas, Dª Ione, Jô, Ronaldo, Silvia, Soene, Solaine, Stella, Valcicléia, Tony e Wilmar.

À CAPES, pela concessão da bolsa de estudos.

À FACED/UFU, pela liberação integral para realizar o trabalho.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a trajetória do professor, funcionário público (Inspetor Municipal de Educação e chefe do Serviço de Educação e Saúde do Município), memorialista e jornalista Jerônimo Arantes, no período que remonta aos anos de 1919 a 1961, vividos na cidade de Uberlândia/MG. As questões que orientaram esta investigação giraram em torno da relação existente entre, de um lado, as representações construídas por ele em torno da educação, do exercício de um cargo no serviço público e da escrita da história e de outro a política. Nesse sentido, as perguntas às quais procuramos responder podem ser formuladas nos seguintes termos: Quais eram os liames estabelecidos entre a educação e o poder político local? Quais foram os sujeitos sociais destacados por Arantes em sua revista *Uberlândia Ilustrada?* Como situar a produção de Arantes, que, concomitantemente aos textos escritos, utilizava como fonte de pesquisa, ainda que muito subsidiariamente, o testemunho dos "excluídos", por meio do emprego de depoimentos de ex-escravos e de trabalhadores braçais, muitas vezes, analfabetos? A valorização das memórias daqueles que a escrita da história positivista renegava estaria relacionada, em sua obra, a um deslocamento em direção à incorporação de novas fontes de pesquisa? Para discutir esses aspectos, empregamos como fonte tanto os documentos pertencentes à Coleção Professor Jerônimo Arantes (CPJA), depositados no Arquivo Público de Uberlândia (APU) — jornais, livros, revistas, correspondência pessoal, provas de exames finais elaboradas por Arantes e aplicadas aos alunos na sua escola particular, o *Colégio Amor às Letras*, memorandos e ofícios expedidos e recebidos pelo Serviço de Educação e Saúde do Município e também pelo Diretório Municipal de Estatísticas, recortes de jornais e revistas —, quanto jornais, revistas e atas das reuniões escolares incorporados ao acervo geral daquele mesmo Arquivo. Utilizamos, também, as fontes orais por meio de entrevistas e informações verbais obtidas junto a pessoas que conheceram e conviveram com Arantes na cidade de Uberlândia. Os resultados aos quais chegamos possibilitam apreender que, embora não tendo exercido nenhum mandato político, Arantes não se afastou do poder local. Ao contrário, foram constantes os nexos estabelecidos entre ele, a educação e a política durante o período que recortamos para a pesquisa. Por meio de seu envolvimento com a educação (primeiro, em sua própria escola e, depois, no serviço público inspecionando as instituições de ensino municipais) e de suas atividades no meio jornalístico, assim como por intermédio de suas incursões no campo da produção da história local, ele sempre esteve próximo da política, em particular, daqueles que ocuparam o poder executivo no município. Concluímos, também, que os nexos estabelecidos entre Arantes e o poder político não se fundaram em uma mera subserviência do primeiro ao segundo, mas, sim, constituíram-se com base em uma gama de interesses e necessidades mútuas, assim como de uma convergência entre projetos pessoais e coletivos.

Palavras-chave: Educação, História Local, Política, Memória.

ABSTRACT

This research aims at analysing aspects of the life of Jerônimo Arantes who worked as a teacher, a civil servant, a memorialist and a journalist from 1919 to 1961 in Uberlândia, Minas Gerais, Brazil. The concerns that guided this reflection were: The relationship between, on the one side, representations constructed by Jerônimo about education, his role as a civil servant and his writing of Uberlândia's History and, on the other side, politics. Thus, these were the questions this research seeks to answer: what were the boundaries established between education and the local political power? Who were the social subjects pointed out by Arantes on the magazine entitled *Uberlândia Ilustrada*? How to classify the production of Arantes that, beyond written texts, used as research sources, although secondarily, the testimony of those marginalized by taking reports of ex-slaves as well as common workers who were not always literate? Was the valuing of the memories of those forgotten by positivist History, related in Arantes' work, a change in direction of new research sources? In order to discuss these issues, we used the documents belonging to the collection of Jerônimo Arantes (CPJA), available in the public archive in Uberlândia (APU) – newspapers, books, magazines, personal mails, final exams elaborated by Arantes and applied to students at his private school – *Colégio Amor às Letras* – official documents received and sent by the Educational and Health Departments of the city and the Municipal Bureau of Statistics and clips of newspaper and magazines. Newspaper, magazines and school records of proceedings from the same archive were also used as research sources. Oral interviews and verbal information taken from people who knew and lived with Arantes in Uberlândia were used as research sources, too. Results have shown that although Arantes has not exercised any position as a politician, he was not away from local power. On the contrary, it was very evident the connections he made between education and politics during the period elected for this research. It was by getting involved with education – first in his own school and later as a civil servant when he supervised the local teaching institutions – and also by working in journals, that he was always linked to politics, particularly connected to those who were responsible for the executive power in Uberlândia. Arantes has contributed to local history production. We have also concluded that the relations established between Arantes and the political power were not based on a mere subservience to local power, but on a set of interests and mutual necessities. Those relations were also founded in converging personal and collective projects.

Key- words: Education, Local History, Politics, Memories.

SUMÁRIO

LISTAS DE: ILUSTRAÇÕES,
QUADROS, ABREVIATURAS/SIGLAS..... viii
INTRODUÇÃO..... 1
Capítulo I
"**AMOR ÀS LETRAS"**..... 25
1.1. Longa Trajetória no Breve Século..... 25
1.2. O Professor e sua Escola..... 41
1.3. Literatura Educacional..... 69
1.4. Escola, Livros e Política: Percursos que se Imbricam..... 82
Capítulo II
SERVIÇO PÚBLICO..... 99
2.1. Escolas Rurais..... 99
2.2. Arantes e as Escolas Municipais..... 111
2.3. Produzindo Representações..... 128
2.4. Educação e Política..... 144
Capítulo III
ARQUIVO HISTÓRICO E "UBERLÂNDIA ILUSTRADA"..... 159
3.1. Arquivo Histórico: Trajetória..... 159
3.2. Arquivo Histórico: Documentos..... 168
3.3. "Uberlândia Ilustrada": Trajetória e Patrocinadores..... 189
3.4. "Uberlândia Ilustrada": Seções e Público Leitor..... 205
Capítulo IV
O PROFESSOR QUE DEIXOU HISTÓRIA..... 221
4.1. Objeto, Temas e Fontes..... 221
4.2. História e Produção da Memória..... 254
4.3. Do Presente ao Passado..... 265
4.4. Entre Memória e Esquecimento..... 282
BIBLIOGRAFIA..... 291
FONTES..... 303
ANEXOS..... 323
Anexo I - Inventário da Coleção Prof. Jerônimo Arantes - Arquivo Público..... 325
Anexo II - Programa Proposto p/ Leitura nas Escolas Primárias do Est. de MG ... 391
Anexo III - “Cartilha Brasileira”..... 393
APÊNDICE..... 395
Apêndice I - Roteiros para Entrevistas..... 397
Apêndice II - Dissertações e Teses que Utilizaram o Acervo de Arantes..... 399
Apêndice III – “Uberlândia Ilustrada”..... 401

LISTAS

ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Arantes aos 25 anos de idade 32
Figura 2 Arantes em seu escritório, aos 73 anos de idade 36
Figura 3 Arantes e alunos do *Colégio Amor às Letras.* 45
Figura 4 Alunos e Professores da Escola Municipal Prof. Jerônimo Arantes 137
Figura 5 Alunos e Professores da Escola Municipal Rural Marimbondo 138
Figura 6 Revista "simples"..... 204
Figura 7 Revista com edição especial 204
Figura 8 Cartilha Brasileira 393

QUADROS

Estatística de Matrícula por Sexo..... 52
Comércio na Região do Triângulo Mineiro - (1904-05)..... 90
Tratamentos Dirigidos a Arantes em suas Cartas Recebidas..... 183
"Uberlândia Ilustrada": Temas Explorados em Todas as Capas..... 209
"Uberlândia Ilustrada": Correlação entre
Imagem Estampada na Capa e Temas Abordados 212

ABREVIATURAS E SIGLAS

APU - Arquivo Público de Uberlândia

ARE - Atas das Reuniões Escolares

CPJA - Coleção Professor Jerônimo Arantes

PT - Pastas Temáticas

INTRODUÇÃO

I

Se recuarmos na história das idéias e/ ou do pensamento político, depararemo-nos, alguns séculos atrás, com a defesa filosófica da clivagem entre ciência e política. Kant, escrevendo no século XVIII, chegou à conclusão de que os reis não deveriam filosofar e tampouco deveriam tornar-se filósofos. Estes deveriam gozar de liberdade para desenvolver livremente seu pensamento, mas não poderiam se imiscuir em assuntos de "Estado"[1]. Posteriormente, em meio ao caos e às incertezas que perpassavam o globo durante a I Grande Guerra, sobretudo, o continente europeu, o sociólogo italiano Pareto e o alemão Max Weber reeditaram o discurso kantiano, ratificando o pressuposto da separação entre atividade intelectual e o exercício do poder.[2]

Os campos estariam, pois, previamente demarcados, sendo que, de um lado, ficariam os homens da ciência, os "produtores" de idéias, aptos a fazer análises e emitir pareceres, de outro, situar-se-iam os homens de ação, cuja responsabilidade de tomar decisões, de interferir no ordenamento da sociedade não se deveria confundir com as atribuições dos primeiros. Duas realidades, duas esferas de atuação que não poderiam imbricar-se a fim de que uma não conspurcasse a outra.[3]

---

[1] "Não se deve esperar que os reis filosofem ou se tornem filósofos, nem mesmo desejar isso, pois a posse da força corrompe inevitavelmente o livre juízo da razão. Mas que reis ou povos soberanos (...) não deixem desaparecer ou não reduzam ao silêncio a classe dos filósofos, mas a deixem se expressar publicamente, isso é indispensável a uns e a outros para que possam ter clareza sobre seus próprios negócios. E desde que essa classe, por sua natureza, é imune ao espírito faccioso e é incapaz de conspirar, não pode ser suspeita de fazer propaganda". (KANT, E. *À paz perpétua*. Porto Alegre: LP&M, 1989, p. 13).

[2] "Costuma-se dizer, e eu concordo, que a política não tem seu lugar nas salas de aula das universidades. Não o tem, antes de tudo, no que concerne aos estudantes. (...) mas a política não tem lugar, também, no que concerne aos docentes. Mais do que nunca, a política está, então, deslocada. Com efeito, uma coisa é tomar uma posição política prática, e outra coisa é analisar cientificamente as estruturas políticas e as doutrinas de partidos". (WEBER, Max. *Ciência e política*: duas vocações. São Paulo: Cultrix, 1993, p. 38).

[3] "Tanto Pareto quanto Weber, rígidos e obstinados adversários de toda contaminação entre a obra do cientista e a obra do político ou do moralista, estiveram inclinados a acreditar, e operaram em conseqüência como cientistas, que em uma sociedade guiada por forças irracionais — (...) —, pela prevalência de ideologias (...) que são tomadas por teorias científicas, em um universo irredutível de 'politeísmo dos valores' como efeito da impotência da razão, a única empresa humana na qual deviam ser mantidos incontrastados o domínio e a orientação da razão seria a ciência". (BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. São Paulo: UNESP, 1997, p. 128).

Ao lado das teorias que defendiam a separação entre a atividade intelectual e o exercício do poder, germinava, há muitos séculos, o seu oposto, materializado na filosofia que propalava que ambos os domínios não seriam dicotômicos, mas que, ao contrário, pensamento e ação, ciência e política seriam domínios interpenetráveis, um não existindo sem a colaboração do outro. Bobbio, ao abordar a questão dos intelectuais, estabeleceu a distinção entre aqueles que são contrários à imbricação entre ciência e poder e aqueles que são favoráveis, classificando-os em dois grandes grupos, a saber: intelectual puro e intelectual revolucionário. No primeiro grupo, encontrar-se-iam aqueles que separaram o exercício do poder da atividade intelectual, tais como: como Croce, Pareto e Weber. Estes autores refutaram a aproximação entre política e ciência e, portanto, acreditaram que a tarefa do intelectual situar-se-ia em uma instância diferenciada, a que a política não teria (ou não deveria) acesso. Já, para os revolucionários, o intelectual é sempre um ser engajado e a atividade política é inerente ao ato de pensar. Marx, Lênin, Gramsci e Sartre são alguns de seus signatários.[4]

O debate parece interminável, pois a defesa da indissolubilidade entre essas duas esferas de atuação atravessou longos períodos, na Grécia antiga, por exemplo, Platão formulou a tese de que o verdadeiro governo deveria ser exercido pelo filósofo. Desta forma, a solução para os problemas da época consistiria na possibilidade de os reis tornarem-se filósofos e de os filósofos tornarem-se governantes; não havendo, portanto, espaço para a separação entre ciência e política.[5]

Depois de acompanhar o transcurso de muitos séculos, a tese da indissolubilidade entre o exercício da política e a atividade intelectual ganhou os seus mais fervorosos signatários nos anos de 1800 com o advento da teoria marxista. A partir de então, segundo o marxismo, pensar o mundo e transformá-lo tornaram-se atividades necessariamente inseparáveis, pois a história, entendida como processo de produção da realidade e transformação do próprio homem, deixou de ser apreendida como uma entidade extra-humana e o "mundo sensível" (para utilizar uma expressão do próprio Marx) perdeu o estatuto de dado natural e imutável, para tornarem-se ambos resultado da ação humana no processo de produção coletiva da existência.[6]

---

[4] BOBBIO, op. cit.
[5] PLATÃO. *A república*. São Paulo: Hemus, 1970, p. 150.
[6] MARX & ENGELS, F. *A ideologia alemã.* Lisboa: Editorial Presença, s.d. , p. 33-34.

Aprofundando os pressupostos de Marx, Gramsci desenvolveu um longo estudo sobre o papel dos intelectuais na sociedade. O filósofo italiano chegou à conclusão de que os intelectuais não são autônomos em relação à produção do mundo material, mas que, ao contrário, permanecem organicamente ligados a uma das classes sociais em cena, delas não se descolando na produção de seu pensamento e na proposição de tarefas que visassem interferir no social, perfazendo, pois, a mais estreita relação entre pensamento e razão.[7]

A lista de ambos os lados é longa e não se esgotaria no âmbito desta tese. Rechaçar a união entre pensamento e ação ou entre ciência e política, ou, de outro modo, mostrar a sua indissolubilidade, tem se constituído em um debate longo e de complexos contornos. Estariam os intelectuais situados em uma esfera privilegiada que lhes possibilitaria uma compreensão do real mais abrangente, livre de preconceitos?[8] Ou, afastados do universo político, só lhes interessariam os temas relacionados ao "espírito"? A atividade intelectual e o universo da política seriam, ao contrário, esferas intercambiáveis, em que política e pensamento deveriam seguir uma mesma trajetória? Embora exigindo posicionamentos diversos, subjaz às repostas para essas clivagens entre ciência e poder, intelectuais e exercício da política, uma dada representação de projeto social, bem como toda uma concepção filosófica calcada na relação entre política e ética.[9] Trata-

[7] "O indivíduo não entra em relação com os outros homens por justaposição, mas organicamente, isto é, na medida em que passa a fazer parte de organismos, dos mais simples aos mais complexos. Desta forma, o homem não entra em relações com a natureza simplesmente pelo fato de ser ele mesmo natureza, mas ativamente, por meio do trabalho e da técnica. E mais: estas relações não são mecânicas. São ativas e conscientes, ou seja, correspondem a um grau maior ou menor de inteligibilidade que delas tenha o homem individual. Daí ser possível dizer que cada um transforma a si mesmo, se modifica, na medida em que transforma e modifica todo o conjunto de relações do qual ele é o ponto central. Neste sentido, o verdadeiro filósofo é — e não pode deixar de ser . — nada mais do que o político, isto é, o homem ativo que modifica o ambiente, entendido por ambiente o conjunto das relações de que o indivíduo faz parte". (GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991, p. 39-40).

[8] Esta seria, segundo Löwy, uma das conclusões à qual chegaria Mannheim após analisar a relação entre utopia e ideologia e estabelecer a distinção entre ambas, fundando um campo privilegiado de análise para os intelectuais. Segundo Löwy, para o pensador húngaro, alguns intelectuais estariam "(...) destinados a realizar a grandiosa tarefa da síntese dinâmica e da conciliação entre os vários pontos de vista. (...) Em primeiro lugar, justamente porque ela não tem vínculos sociais, porque ela é livre. Outra vantagem é que, no seio da camada dos intelectuais, existem indivíduos oriundos de várias classes sociais e, portanto, habituados a confrontar vários pontos de vista e a não escutar uma só voz. O terceiro elemento é que, independentemente de sua origem de classe, o intelectual vive dentro de uma certa comunidade com outros intelectuais vindos de outras classes e essa comunidade lhes permite a formação de uma espécie de ponto de vista comum". (LÖWY, Michel. *Ideologias e ciência social*: elementos para uma análise marxista. 9 ed. São Paulo: Cortez, 1993, p. 84).

[9] Bastos e Rêgo discutem, no ensaio introdutório de seu livro, a relação entre os intelectuais e a política, ressaltando a dimensão moral que conforma o envolvimento dos primeiros com as experiências políticas e sociais do seu tempo, bem como atentando para a vinculação dos intelectuais ao exercício da crítica como forma de aplicação da razão. Na seqüência, as autoras reproduzem alguns textos produzidos por pensadores considerados clássicos que enfrentaram esta questão desde o século XVIII até final do XX. (BASTOS, Elide R.; RÊGO, Walquíria D.L. (Orgs.). *Intelectuais e política*: a moralidade do compromisso. São Paulo: Olho D'água, 1999).

se, portanto, como frisou Sirinelli, *"...de tentar destrinchar a questão das relações entre as ideologias produzidas ou veiculadas pelos intelectuais e a cultura política de sua época"*.[10]

No Brasil, esse debate também remonta é antigo e vem sendo fecundado há muito tempo, pois, em meados do século XIX, por exemplo, José de Alencar já discutia o "salutar" afastamento que deveria haver entre política e intelectualidade. Transcorridas algumas décadas, já no início da República, essa atitude consolidou-se e foi expressa, sobretudo, por Machado de Assis. Todavia, segundo Gomes: *"Não há como negar que durante todo esse tempo tivemos intelectuais doublés de políticos, a demonstrar as tensões e seduções permanentes da relação"*.[11]

Contudo, com a ascensão de Vargas ao poder, iniciaram-se os trabalhos de construir uma outra tradição, ancorada, agora, na defesa do envolvimento dos intelectuais com a política. Tarefa que, segundo Gomes, teria sido facilitada pela postura da geração modernista que, a partir dos anos de 1920, encampou a *"temática da brasilidade com feições militantes"*[12]. Nessa década, as insatisfações com a República e os temores de que esta não implementaria os ideais de uma sociedade nova alimentavam o debate entre a intelectualidade e serviam de combustível para seus freqüentes debates. Esses questionamentos não se encerravam em torno apenas da condução do processo republicano, mas também incidiam sobre o próprio papel que *"os homens de letras"* deveriam desempenhar na sociedade.[13] Esses fatores contribuíram, sobretudo o último aspecto, para que os intelectuais problematizassem de forma radical a sua condição, aprofundando a noção, já existente no início da República, de seu trabalho como missão.[14]

Ao afã reformador que tomou conta da intelectualidade a partir dos anos de 1920 correspondeu, na década seguinte, o projeto de mudança alardeado pelo governo Vargas e

---

[10] SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: URFJ, 1996, p. 261.

[11] GOMES, Ângela de C. *História e historiadores*: a política cultural do Estado Novo. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 139.

[12] GOMES, 1996, op. cit., p. 139.

[13] As ambigüidades inerentes à intelectualidade brasileira pertencente à geração modernista, em plena atividade durante a década de 1920, foram trabalhadas por Lahuerta em um texto relativo ao tema em questão. O autor discute os limites da crítica dos modernistas à sociedade vigente, problematizando a noção de moderno e as propostas de ruptura daí decorrentes. (LAHUERTA, Milton. Os intelectuais e anos 20: moderno, modernista, modernização. In: LORENZO, Helena C. de; COSTA, Wilma P. da (Orgs.). *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: UNESP, 1997, p. 93-114).

[14] "Na busca de uma nova identidade, vêem-se os intelectuais confrontados com o poder sem a mediação de uma perspectiva realmente política. O que faz com que se aprofunde a idéia de que lhes cabe um papel diferenciado no processo social. Isto ocorre tanto no sentido organicista, que os vê como heróis civilizadores, como artífices da modernização e fundadores da cultura nacional (...), quanto no sentido do 'jacobinismo', que os vê como revolucionários em potencial aspirando ao assalto aos céus e à insurreição ... ". (LAHUERTA, op. cit., p. 100).

implementado de forma centralizada a partir do final da segunda metade de 1930, após a instauração do regime ditatorial: *"É em nome da ordem e até da tradição, e sempre pleiteando o primado do público sobre o privado, que o Estado Novo, realizando expectativas difusas da sociedade civil, se assume como arauto da modernidade e realizador dos ideais do ano 20"*.[15]

Ascendendo, pois, como instância capaz de implementar as mudanças reivindicadas pela intelectualidade desde os anos de 1920 e, portanto, trazendo para si a possibilidade de concretizar o projeto renovador encampado por aqueles intelectuais, o Estado Novo colocava-se em condição favorável de operar *o "... consenso entre a intelectualidade quanto à necessidade de que somente o Estado, sobrepondo-se ao particularismo, ao clientelismo e ao caráter 'clânico' da sociedade, poderia realizar a construção da nação e a modernização da sociedade..."*[16]

A aproximação entre os intelectuais e o Estado Novo ancorou-se mais na convergência entre os ideais sócio-culturais dos quais os primeiros eram portadores e o projeto político proposto pelo segundo. Para Lahuerta, os vários organismos estatais centralizadores criados no período ditatorial (DIP: Departamento de Imprensa e Propaganda, fundado em 1939, por exemplo) acolheram os intelectuais e sinalizaram para a possibilidade de tornar realidade a concretização de seus ideais e utopias de construção da nação, porém, por meio da centralização do Estado. *"É por isso que não se trata de cooptação, mas de constituição de um novo bloco de poder com uma simultânea perspectiva autoritária e modernizadora, que busca consenso entre a intelectualidade chamando-a para participar do processo"*.[17]

De fato, segundo Capelato, ao incorporar esses intelectuais, o governo ditatorial buscava também, além de resolver o problema de preenchimento de quadros dentro das esferas burocráticas criadas a fim de implementar seu projeto político, obter apoio de uma parcela da população, entretanto, sem mobilizar as camadas populares para participarem da política.[18]

---

[15] LAHUERTA, op. cit., p. 101.
[16] LAHUERTA, op. cit., p. 100-01.
[17] LAHUERTA, op. cit., p. 106.
[18] "Não se observava da parte de Getúlio Vargas, um grande empenho na mobilização das massas para participar da política. O autoritarismo do Estado Novo se caracteriza, como já foi dito, pelo seu aspecto desmobilizador. Considerando o povo brasileiro inepto para a participação política (a grande massa de analfabetos servia de reforço para esse argumento), propunha-se a organização do novo Estado pelo alto, o que explica a preocupação do governo em ganhar o apoio das elites intelectuais. A proposta de consenso era dirigida a elas e não aos setores populares". (CAPELATO, Maria Helena Rolim. Estado Novo: novas histórias. In: FREITAS, Marcos Cezar de. (Org.) *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 1998, p. 211).

Velloso, ao abordar o mesmo período, também concluiu que o Estado Novo ao levar adiante a tarefa de centralização do poder em moldes autoritários — contudo travestidos de aspectos democráticos —, empenhou-se em consolidar o apoio das camadas populares à custa de mantê-las afastadas dos canais de decisão.[19]

Diferentemente dos intelectuais que foram incorporados pela República em suas primeiras décadas — e, mesmo antes, no Império —, que buscavam satisfazer às mais diversas exigências daqueles que eram tributários do cargo que ocupavam, os intelectuais, a partir de 1930, ocuparam postos que lhes exigiam, além de dedicação, a posse de um saber mais especializado, capaz de dotar os institutos, os ministérios e toda a gama de órgãos recém-criados da racionalização necessária ao funcionamento parcialmente autônomo da esfera federal em relação aos poderes político e econômico localizados em âmbito regional.[20]

Dentre esses intelectuais recém incorporados pelo governo, havia uma hierarquia tanto no nível das funções quanto no que dizia respeito a salários. Pois, da mesma forma que o Estado empregou uma elite intelectual que, em virtude de sua competência escolar e profissional, ocupou cargos mais elevados — tais como: ministérios e conselhos consultivos do Executivo — e recebeu os salários mais altos, também preencheu seus quadros com outros intelectuais que, menos por sua titulação e mais em virtude dos laços de amizade que os ligavam aos membros do poder político, serviram como assessores comissionados junto à Presidência, aos ministérios e demais órgãos vinculados ao poder central.[21] Essa configuração hierárquica, que perpassava a

[19] VELLOSO, Mônica Pimenta. Cultura e poder político: uma configuração do campo intelectual. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela Maria Castro (Orgs.). *Estado Novo*: ideologia e poder. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, p. 71-2.

[20] "Enquanto os anatolianos contavam com as sinecuras que os dirigentes oligárquicos lhes ofertavam como paga por serviços prestados, os intelectuais do regime Vargas estavam muito mais vinculados aos figurões da elite burocrática do que aos dirigentes partidários ou às facções políticas de seus respectivos estados. Os anatolianos participavam de corpo e ânimo das campanhas eleitorais de seus manda-chuvas ou de candidatos por eles indicados, ao passo que os intelectuais do regime Vargas se empenhavam com garra em ampliar, reforçar e gerir as 'panelas' burocráticas de que faziam parte e só se sentiam credores de lealdade em relação ao poder central. Dessa maneira, os intelectuais contribuíram decisivamente para tornar a elite burocrática uma força social e política que dispunha de certa autonomia em face tanto dos interesses econômicos regionais como dos dirigentes políticos estaduais". (MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 198).

[21] MICELLI, op. cit., p. 210-11.

atuação dos intelectuais no interior do governo, deve ser relacionada a uma forte centralização do poder no âmbito político.[22]

Seja incorporando uma dada elite intelectual seja empregando intelectuais comissionados, os liames entre a camada dirigente e os intelectuais naquele período se caracterizaram por uma transformação na própria função do Estado.[23] Conseqüentemente, o papel dos intelectuais em relação ao poder também foi balizado, uma vez que, dentre eles, vários procuraram atenuar o grau de dependência em relação ao Estado fortemente autoritário. Segundo a fala de muitos desses intelectuais, ao ingressar nos cargos disponibilizados pelo Estado, eles estariam em melhores condições para concretizar obras que expressassem os anseios da coletividade e, portanto, a sua atuação constituía-se nos canais de expressão dos anseios da própria nação e não na promoção dos interesses de um grupo dirigente qualquer. "*Muitos foram os que, nos dizeres de Carlos Drummond, 'serviram sob uma ditadura', sem aderir de corpo e alma a um projeto político"*.[24] Com esse argumento, alguns intelectuais que passaram a servir ao governo a partir de 1930 tentavam deslindar uma dada produção científico/literária das relações estreitas que os mantinham atados ao poder político.[25] Porém, muitos deles abraçaram, de fato, a ideologia da

---

[22] No dizer de Velloso: "No Estado Novo, a alta centralização do poder político é evidentemente acompanhada pela centralização do poder simbólico. O controle efetuado pelo DIP na tentativa de obstaculizar a divulgação dos outros discursos configura um campo ideológico bastante homogêneo. A nítida demarcação de tarefas no campo ideológico estabelece a função precisa que cada agente deve desempenhar. A produção simbólica se restringe a um círculo especializado de teóricos e/ou dirigentes que se colocam como os 'guardiães privilegiado das ideologias'. (...) À elite intelectual cabe, portanto, a produção e a manipulação das representações que conformam o discurso estado-novista. Aos intelectuais de menor projeção cabem as tarefas práticas da propaganda, no sentido de difundir para o conjunto da sociedade o ideário já estabelecido". (VELLOSO, op. cit., p. 77-8).

[23] "É nítida, portanto, a tentativa do regime no sentido de estabelecer uma nova relação Estado-sociedade. Configuram-se novas estratégias de poder, que prevêem uma ampliação considerável das funções estatais. O Estado penetra nos domínios da sociedade civil, assumindo claramente o papel de *direção* e *organização* da sociedade. Assim, se auto-elege o educador mais eficiente junto às classes trabalhadoras, argumentando ser o 'bem público' o móvel de sua ação. O que se verifica, portanto, é um deslocamento de atribuições, onde o Estado assume funções que até então estavam sob o encargo dos diferentes grupos sociais". (VELLOSO, op. cit., p. 72).

[24] LAHUERTA, op. cit., 109-10.

[25] No entanto, em alguns casos, descolar a produção intelectual da função ocupada no interior do governo tornava-se, na ótica de Velloso, uma tarefa quase impossível, uma vez que: "A função social dos intelectuais, no contexto do Estado Novo, coloca-se como fundamental para definir o caráter de sua produção. Francisco Campos, como bem define Jarbas Medeiros, é o 'típico ideólogo do Estado', exercendo tríplice papel de reformador do sistema de ensino nacional, das instituições jurídicas e das instituições políticas. A posição social do autor na política brasileira se evidencia pelos cargos e funções político-administrativas que exerceu em âmbito federal e estadual. Já Azevedo Amaral não exerce funções diretamente vinculadas ao aparelho de Estado; desempenha sobretudo atividades jornalísticas. O relativo distanciamento do aparelho de Estado confere à sua produção um caráter 'menos dogmático', na medida em que se permite discordar de alguns dispositivos veiculados pela Constituição de 37. (...) 'Quanto a Almir de Andrade, além de desempenhar atividades de cunho acadêmico — professor da Universidade do Brasil, fundador e diretor da revista *Cultura Política* — ocupa o cargo de diretor da Agência Nacional de 1943 a 45". (VELLOSO, op. cit., p. 78-9).

"construção da nacionalidade" que perpassava o período, sobretudo durante o Estado Novo.[26] Segundo Lahuerta

> *... mesmo os que não aderiram explicitamente ao Estado Novo, de uma maneira ou de outra, adequaram-se ao seu projeto de ordem, revelando uma aceitação tácita do autoritarismo que tinha por eixo a 'compreensão de que o atraso da nação estava, bem ou mal, sendo sanado pela imposição de uma ditadura que acertava o passo dentro das exigências do progresso'.*[27]

O debate sobre o papel dos intelectuais na sociedade não se encerrou com o fim do Estado Novo. Findo aquele período ditatorial, durante aproximadamente três décadas, ainda para grande parte da intelectualidade cabia-lhe aproximar-se da sociedade e da cultura popular como sinônimo de nacionalismo.[28] A defesa do distanciamento da política e de todas as suas implicações só se efetivará entre a intelectualidade após mais um período ditatorial.[29]

A discussão parece, mesmo, constituir-se em uma polêmica em aberto, interminável, posto que cada época direciona os olhares para questões específicas — da mesma forma em que é direcionada também — e ora o intelectual é cobrado (e se cobra) a participar dos embates estabelecidos na sociedade de uma forma geral, ora é convidado a isolar-se em suas salas fechadas, distantes da realidade cotidiana. É esse jogo, cujas regras estabelecem-se em torno da aproximação e do distanciamento, que tem servido de palco para a intelectualidade brasileira.

II

Refletindo sobre essa tensão entre poder e ciência, intelectual e político, entre ação e filosofia e aceitando a premissa de que o passado interessa ao historiador porquanto pode encerrar as chaves para a compreensão de problemas que se colocam no presente e que, portanto, nossas pesquisas não são desinteressadas, o objetivo desta pesquisa é investigar a trajetória de Jerônimo Arantes (1892-1983), buscando problematizar a relação por ele estabelecida entre educação, história e política na cidade de Uberlândia no período que compreende as décadas de 1919 a 1961.

---

[26] CAPELATO, 1998, op. cit., p. 211-12.
[27] LAHUERTA, op. cit., p. 110.
[28] LAHUERTA, op. cit., p. 110-13.
[29] LAHUERTA, op. cit., p. 114.

Relacionando a diversificada atuação de Arantes no universo intelectual de Uberlândia — professor, escritor, jornalista e memorialista[30] — com a tensão existente entre ciência e política, pensamento e ação ou, para sermos mais precisos, entre o intelectual e o poder, a escolha desse funcionário público como sujeito da presente pesquisa repousa sobre a sua ampla atuação no cenário cultural de Uberlândia. Arantes atravessou o século XX ocupando-se com a realização de pesquisas, o trabalho na imprensa, a coleção de documentos, a produção de uma literatura escolar e a escrita de livros e artigos acerca da história de Uberlândia. Nesse sentido, atuou na fiscalização dos trabalhos educacionais, uma vez que, como funcionário público, foi inspetor municipal de ensino e chefe do Serviço de Educação e Saúde do Município (cargo que, atualmente, corresponde ao de Secretário Municipal de Educação); lidou com empreendimentos jornalísticos, haja vista sua iniciativa de produzir e editar, durante três décadas, uma revista local denominada *Uberlândia Ilustrada*; assim como empreendeu longas incursões no âmbito da história, tendo-se envolvido por seis décadas com a pesquisa e a escrita da história da cidade.

A maior parte da produção de Arantes, bem como a sua atuação nos cargos públicos que ocupou na esfera de poder municipal, situa-se nos anos que compreenderam de 1933 a 1961, dentro do período em que houve no âmbito federal uma expansão da oferta de cargos públicos a intelectuais. Partindo das análises de que na referida esfera alguns desses intelectuais a serviço do Estado procuraram desvincular suas produções dos interesses políticos, ainda que, na maioria das vezes, essa tentativa permanecesse circunscrita apenas ao plano discursivo, pergunta-se: de que forma Arantes, que vivia na região do Triângulo Mineiro, interior de Minas Gerais, e atuava como intelectual e homem de "ação" — embora não tendo exercido cargo político, uma vez que não chegou a candidatar-se a vereador, prefeito, governador e/ou senador, ocupou cargos de cunho político na área educacional, haja vista que foi nomeado inspetor de municipal de ensino e, posteriormente, chefe do Serviço de Educação e Saúde do Município — enfrentou a clivagem entre política e pensamento?

---

[30] Embora alguns autores empreguem as expressões *historiador*, *historiador não acadêmico*, *historiador profissional*, *pensador da história* e outros para se referirem àquele que lida com o passado sem, no entanto, ser graduado em História, optamos por utilizar a denominação *memorialista* por entender que ela serve como baliza para demarcar as particularidades inerentes ao trabalho realizado por uns e por outros. As três primeiras denominações são encontradas em particular nas obras de: GOMES, A., 1996, op. cit. / RODRIGUES, Antônio E. M. O achamento do Brasil e de Portugal: perfil intelectual do historiador luso-brasileiro João Lúcio de Azevedo. *Acervo*: Escritas do Brasil. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, n. 1-2, p. 37-66, jan./dez. 1999, 2000. O último termo é empregado no seguinte texto: GONTIJO, Rebeca. Manoel Bonfim, 'pensador da História' na Primeira República. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH; Humanitas, n. 45, p. 129-54, julho 2003.

Uma outra questão que emerge ao investigar a trajetória de Arantes incide sobre a sua longa permanência na inspetoria de ensino municipal (1933 a 1946) e também na chefia do Serviço de Educação e Saúde do Município (1946 a 1959). Estes cargos, cujo ingresso se dava por meio de nomeação do Prefeito, revestiam-se de um caráter marcadamente político e, como tal, exigiam de seu titular, se não a cumplicidade total, pelo menos, o alinhamento com o plano de governo em questão. Com base nessa constatação, pergunta-se: quais eram os liames estabelecidos entre a educação e o poder político local?

Ainda que conhecidos e parentes de Arantes tenham afirmado em seus depoimentos que ele não se envolveu em política e não fez campanha para nenhum candidato, como explicar o fato de, em 1936, ele ter participado da caravana realizada em direção às escolas rurais para divulgar a candidatura de Vasco Gifoni a prefeito de Uberlândia, pelo Partido Popular Progressista, recém fundado na cidade? Ocupando, na época, a inspetoria municipal de ensino e gozando, portanto, do prestígio que o cargo lhe conferia, sua presença na campanha de qualquer candidato significava apoio, ainda que não explícito, sobretudo quando ela se realizava no ambiente escolar, *locus* de sua atuação e "autoridade". [31]

Embora atuando apenas em Uberlândia, não se pode perder de vista que o trabalho de Arantes na educação insere-se em um contexto nacional de acalorados debates entre os defensores de uma escola renovada em métodos e conteúdos e os partidários da manutenção de uma escola organizada sob propostas tradicionais. A eclosão do movimento em favor da renovação da escola no Brasil culminou com a conclusão, já ao final dos anos de 1920, de um amplo programa de reformas educacionais realizadas por quase todos os estados da federação, com posteriores reformas efetuadas em âmbito federal, e prosseguiu com a publicação, em 1932, do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nacional.[32]

---

[31] VISITANDO o interior do município. *Diário de Uberlândia*, Uberlândia, p. 1, 05 maio 1936. APU. CPJA.

[32] A partir dos anos de 1920 foram realizadas as seguintes reformas educacionais em âmbito estadual: São Paulo, 1920; Ceará, 1922-23; Bahia, 1928; Minas Gerais, 1927-28; Pernambuco, 1928; Paraná, 1927-28; Rio Grande do Norte, 1925-28; Distrito Federal, 1928. (ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da educação no Brasil*: (1930/1973). Petrópolis: Vozes, 1998, p. 129).

No dizer de Romanelli: "Assim, por exemplo, enquanto apresenta uma concepção avançada da educação e suas relações com o desenvolvimento, denunciando uma visão globalizante deste último, permanece, todavia, no terreno do romantismo, quando cogita das causas dos problemas educacionais. Ao colocar estes como decorrência da falta de uma 'filosofia de vida' por parte dos educadores, o Manifesto demonstra que a compreensão da realidade educacional, por parte dos pioneiros, estava ainda muito próxima da concepção liberal e idealista dos educadores românticos do século XIX". (ROMANELLI, op. cit., p. 145).

Elaborado por Fernando Azevedo e assinado por 26 educadores, esse Manifesto representou, no âmbito educacional, a sistematização de um amplo debate que já estava se desenrolando na sociedade desde a década de 1920, com o início daquelas reformas. O seu conteúdo refletia, além das incertezas do período, a clivagem de interesses existentes entre o programa educacional defendido pelos católicos e demais signatários de posturas conservadoras em educação, assentado sobre o ensino confessional e privado, e o outro programa assinado pelos liberais, que se consubstanciava nas propostas de uma escola laica e pública. Assinado por estes últimos, o Manifesto surgiu como o grande libelo do movimento renovador e, como tal, refletiu tanto suas inconsistências quanto aquelas oriundas do próprio momento.

Esse período, que remonta ao final dos anos de 1920, colocou a educação, seus problemas, assim como as suas possíveis soluções em evidência no cenário educacional brasileiro. Nesse sentido, a análise da atuação de Arantes no meio educacional de Uberlândia, nessa mesma época, sugere a seguinte problematização: de que forma ele se posicionou diante das transformações verificadas no pensamento pedagógico a partir desses movimentos? Ou, dito de outra maneira, face ao embate entre os princípios da escola tradicional, criticada pelos reformadores, e os alardeados pressupostos de uma escola renovada, em métodos e conteúdos, como se movimentou Arantes?

Além dessas questões relacionadas ao papel de Arantes na condição de ocupante de um cargo político na esfera educacional, problematizamos, também, nesta pesquisa, sua produção, tendo em vista discutir o sentido de sua obra — tanto no que diz respeito ao seu trabalho como memorialista, registrado nos folhetos de caráter histórico e também nos textos publicados na revista *Uberlândia Ilustrada*, quanto no que concerne seu acervo de documentos — para a educação e também para a historiografia local.

Arantes viveu, pensou, trabalhou e produziu durante seis décadas, tendo, inclusive, atravessado um dos momentos de transição política na cidade, quando novos sujeitos passaram a dividir o espaço político-econômico e social com antigos representantes do poder local. Nesse sentido, uma das questões que aflora ao tomarmos contato com a *Uberlândia Ilustrada* e demais textos deixados por ele, gira em torno das formas de apreensão e representação das transformações político-sociais que estiveram presentes na sua produção, e daí formulamos a seguinte questão: quais foram os sujeitos sociais destacados pela sua revista?

Ao analisar os escritos de Arantes e ao refletir sobre as representações construídas por ele em torno do passado da cidade, emerge ainda outra problemática, a saber: subjaz aos seus textos alguma relação com os interesses políticos que envolviam os cargos ocupados por ele no poder executivo municipal?

Outra questão que surge, ao se tomar contato com a sua obra, relaciona-se às características de seus trabalhos sobre a historia local, pois, em um período caracterizado por uma historiografia de cunho marcadamente positivista, identificável no privilégio conferido aos feitos de poucos homens, metamorfoseados em heróis nacionais, e no emprego das fontes textuais — sobretudo dos documentos oficiais em detrimento da consulta aos testemunhos orais[33] —, como situar a produção de Arantes, que, concomitantemente aos textos escritos, utilizava como fonte de pesquisa o testemunho dos "excluídos", por meio do emprego de depoimentos de ex-escravos e de trabalhadores braçais, muitas vezes, analfabetos? A valorização das memórias daqueles que a escrita da história positivista renegava estaria relacionada, em sua obra, a um deslocamento em direção à incorporação de novas fontes de pesquisa? Ao dar voz aos excluídos da historiografia oficial e introduzir as suas memórias no discurso sobre a história de Uberlândia, estaria ele incorporando a vivência deles na cidade, para além dos fatos revelados em suas memórias atinentes ao passado?

III

Os deslocamentos obtidos pela pesquisa histórica nas últimas décadas, tanto no que diz respeito ao tratamento conferido às fontes quanto no que tange à seleção dos objetos e ao levantamento das problematizações, como também a crise dos paradigmas engendrada pelas transformações sociais que atravessaram o ocidente, impossibilitam a pretensa interpretação cristalizada e puramente objetivada da história, que resultaria em um (pseudo) resgate do passado tal qual ele teria ocorrido.

As modificações incorporadas pela historiografia concernentes aos seus pressupostos epistemológicos e ao tratamento metodológico do objeto de pesquisa, aceleradas, sobretudo, após

[33] Segundo Velloso, no afã de rechaçar as influências do liberalismo, durante o Estado Novo defendia-se e também se praticava uma concepção de história tributária do positivismo. (VELLOSO, op. cit., p. 84-5).

a entrada em cena dos historiadores franceses ligados à revista dos *Annales*, viabilizaram a compreensão de que as análises do passado, ainda que caracterizadas por uma pesquisa abrangente, são sempre limitadas e, por conseguinte, permanecem abertas a inúmeras problematizações.[34]

Aceitando, então, o pressuposto de que o envolvimento existente entre o historiador e o passado fundamenta-se em uma perspectiva questionadora, marcada pela constante possibilidade de recompor as análises realizadas e, também, tomando como referência a compreensão, segundo a qual, aos testemunhos — sejam eles textuais, iconográficos ou procedentes da oralidade — subjazem motivos, intenções e desejos que concorrem para a sua produção, o diálogo proposto com a obra de Arantes não tem a pretensão de reconstruir literalmente a realidade por ele vivida e, tampouco, pretende-se retraçar fielmente a trajetória percorrida por ele, seja no campo da educação, seja nos domínios da escrita da história. Conforme ressaltou Le Goff

> *...não apenas é impossível para um historiador ressuscitar integralmente o passado, como não é esse o seu objetivo. A história, mesmo que recorra a uma escrita, à narrativa, a retratos, permanece um esforço de explicação. Mergulhar no passado como está implicado na idéia de ressurreição integral é uma empresa que não apenas é vã e ilusória, como anticientífica. Temos que tentar reencontrar o sabor do passado, a vida, os sentimentos, as mentalidades de homens e mulheres, mas em sistemas de exposições e interpretações de historiadores do presente*.[35]

Buscando, pois, ir ao encontro do "sabor do passado" e, concomitantemente, procurando esquivar das interpretações absolutistas e, ao mesmo tempo, redutoras da realidade, nesta pesquisa elegemos como categoria de análise o conceito de representação, por entender que este permite apreender a história tanto em sua dimensão material quanto em seu aspecto intelectual, sem, contudo, dicotomizá-los, sem opor uma dada realidade objetiva a outra subjetivada.

Devemos, no entanto, ressaltar que, ao buscar na trama histórica as imbricações entre uma tessitura objetivada e outra de conotação mais subjetiva, não estamos pressupondo a ausência de

---

[34] De acordo com Marc Bloch, "O passado é, por definição, um dado que coisa alguma pode modificar. Mas o conhecimento do passado é coisa em progresso, que ininterruptamente se transforma e se aperfeiçoa". (BLOCH, Marc. *Uma introdução a história*. Lisboa: Edições 70, s.d., p. 55).

[35] LE GOFF, Jacques. *Uma vida para a história*: conversações com Marc Heurgon. São Paulo: UNESP, 1998, p. 103.

tensões.[36] Ao contrário, as representações são entendidas aqui como processo constituinte do real por meio da elaboração dos significados que conferem sentido à realidade. Ao serem apreendidas como processo, essas representações comportam dimensões conflituosas, pois, conforme ressaltou Chartier, elas devem ser apreendidas em um campo do qual fazem parte "concorrências" e "competições".[37]

Uma vez que se partimos do pressuposto de que subjazem às representações conflitos e tensões que as caracterizam como sendo esse campo de lutas de que nos fala Chartier, e que buscamos compreendê-las como elementos constituintes do real e não apenas como o seu reflexo, esperamos, com o emprego desta noção, contribuir para superar a clivagem operada entre uma dada objetividade das estruturas, eleita por uma historiografia de tradição iluminista como o verdadeiro objeto da história, e a subjetividade das representações, lançada por essa mesma historiografia no limbo da pesquisa historiográfica.

Em virtude de possibilitar uma leitura múltipla da realidade, propiciando, assim, a ruptura com um quadro epistemológico assentado em apreensões unívocas e/ou dicotomizadas das instâncias da realidade, e também por não dissimular as diferentes posições ocupadas pelos atores sociais e nem ignorarem os objetivos discordantes que compõem o real, é que as representações serão empregadas como fio condutor para se penetrar na trama tecida por Arantes em sua trajetória.

Embora enfocando a vida de uma pessoa "singular", não tivemos a pretensão de elaborar um estudo biográfico; o que exigiria o aprofundamento de muitos aspectos da vida de Arantes e também o conhecimento de muitos fatos a ele relacionados que não se constituíram em nosso

[36] Ao empregar o conceito de trama, buscamos em Paul Veyne a sua definição. Para esse historiador, os fatos não se apresentam de maneira atomizada, mas, sim, de forma a constituir uma trama, e esta definiria o tecido histórico, pois trata-se de: "uma mistura muito humana e muito pouco 'científica' de causas materiais, de fins e de acasos; de um corte de vida que o historiador tomou, segundo sua conveniência, em que os fatos têm seus laços objetivos e sua importância relativa; ...". (VEYNE, Paul. Como se escreve a história. Brasília: Universidade de Brasília, 1982, p. 28).

[37] "Como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção de mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio". (CHARTIER, Roger. *A história cultural*: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1988, p. 17).

objetivo.[38] No entanto, ainda que não adotando a perspectiva biográfica, tivemos que fazer incursões pela vida de Arantes para procurar responder às questões por nós propostas, e estas incursões situam-se nos domínios do que se denominou *trajetória*, entendida, aqui, na acepção que lhe dá Kofes, como sendo: "... o processo de configuração de uma experiência singular".[39] E esta experiência fundamenta-se em um percurso que se compõe de deslocamentos ora previsíveis ora inesperados e no qual a travessia torna-se mais relevante do que o ponto de chegada; com efeito, é aquela e não esta o objeto do entendimento.

Desta forma, ao perseguir a trajetória de Arantes, tivemos mais a preocupação de compreender quais as escolhas ele fez e como lidou com os desafios que lhe eram apresentados do que buscar a mera retilinidade e uma (pseudo) previsibilidade que, supostamente, seria inerente à sua própria história, pois: *"Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância"*.[40]

Sensíveis às advertências de Bourdieu, também não partimos do pressuposto de que *"...a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado..."*[41]. Mas, sim, procuramos aprender aspectos da vida de Arantes como fazendo parte de uma caminhada que se constrói pelos sujeitos sociais, eles mesmos em processo de construção. Nesse sentido, a trajetória objetiva implica a construção de "sentidos subjetivos" naquele que a empreende, *"... naqueles relacionados a este deslocamento e naqueles que já foram inscritos no próprio deslocamento"*.[42] A análise não se limita a essas categorias, mas acreditamos que as demais foram esclarecidas ao longo dos quatro capítulos subseqüentes, nos quais abordamos a problematização proposta.

---

[38] Há uma vasta bibliografia acerca da problemática que permeia os estudos biográficos e, que, por conseguinte aponta para as limitações e também para as perspectivas que este método agencia; dentre estes estudos destacamos: BORGES, Vavy Pacheco. Desafios da memória e da biografia: Gabrielle Brune-Sieler, uma vida (1874-1940). In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). *Memória e (res)sentimento*. Campinas: UNICAMP, 2001, p. 287-312./ _____. O historiador e seu personagem: algumas reflexões em torno da biografia. *Horizontes*. Dossiê: Temas da história cultural. Bragança Paulista, v. 19, p. 1-10, 19 jan./ dez.2001/ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 183-91/ LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA; AMADO, op. cit., p. 167-82. / CHAUSSINAND-NOGARET, Guy. Biográfica (História). In: BURGUIÈRE, André. *Dicionário das ciências históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993, p. 95-97./ LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, op. cit., p. 141-84.

[39] KOFES, Suely. *Uma trajetória, em narrativas*. Campinas: Mercado de Letras, 2001, p. 27.

[40] ROSA, Guimarães. *Grande sertão*: veredas. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1980, p. 113.

[41] BOURDIEU, op. cit., p. 184.

[42] KOFES, op. cit., p. 25.

IV

Para apreender as representações construídas por Arantes, em torno da educação, da história e da política, tivemos que fazer um recorte temporal selecionando um período que acreditamos responder mais adequadamente às nossas inquietações e que, sobretudo, tivesse relação com o objeto selecionado e as fontes disponíveis; desta forma, elegemos o intervalo que vai do ano de 1919 até 1961.

A opção por esse corte cronológico justifica-se em função da relevância que ele assume para o contexto de nossas investigações, pois 1919 foi o ano em que Arantes estabeleceu-se definitivamente na cidade de Uberlândia, abrindo a sua escola particular, o denominado *Colégio Amor às Letras*, e 1961, por sua vez, marca o fim da publicação da *Uberlândia Ilustrada*. Em agosto daquele ano, Arantes publicava o último número de sua revista, em uma edição dedicada à história da Vila Martins, um dos bairros da cidade em questão. Embora ele não tenha deixado de trabalhar nos anos subseqüentes, estabelecemos como recorte esse período porque ele abarca a maior parte de sua produção, incluindo as suas atividades docentes exercidas em seu colégio, os anos no serviço público, a formação da maior parte de seu *Arquivo Histórico*, a publicação de alguns de seus livros, assim como publicação de sua revista.

Contudo, mesmo estabelecendo esse recorte, não nos limitamos a ele rigidamente. Em alguns momentos, tivemos que avançar, extrapolando o limite estabelecido em torno de 1961 e, em outras ocasiões, recuamos, rompendo a barreira dos anos de 1919. No primeiro capítulo, por exemplo, retrocedemos algumas décadas ao limite por nós imposto, a fim de buscar os elementos que propiciariam recompor alguns aspectos relativos à trajetória pessoal percorrida por Arantes nos anos anteriores à sua chegada em Uberlândia. Nos quatro capítulos, ainda que subsidiariamente, empregamos documentos produzidos após 1961. Às vezes um artigo de jornal, um livro deixado mimeografado, outras vezes, uma entrevista ou uma conversa informal nos arremessaram para as décadas posteriores ao limite estabelecido. Mas, de forma geral, buscamos privilegiar o recorte adotado.

Para imergir na temporalidade que elegemos e também para discutir a problemática levantada, empregamos como fonte, primeiramente, os documentos escritos que compõem a

Coleção Professor Jerônimo Arantes (CPJA), depositados no Arquivo Público de Uberlândia (APU).[43] Utilizamos também as atas das reuniões escolares e os jornais que não fazem parte da referida Coleção e que se encontram depositados no mesmo Arquivo. Por fim, trabalhamos também com as fontes orais. Estas foram produzidas por meio de entrevistas realizadas com familiares, amigos e conhecidos de Arantes; algumas dessas pessoas trabalharam com ele no serviço público municipal e outras o conheceram fora do ambiente de trabalho.

Dentre os documentos escritos pertencentes à CPJA, destacamos: jornais; revistas; correspondências pessoais; atas das reuniões escolares, em que ficaram registradas as atividades de Arantes como inspetor de ensino municipal e chefe do Serviço de Educação e Saúde do Município. Dentre essas atividades, encontram-se as visitas de rotina realizadas pelo inspetor e as visitas para inspecionar a realização dos exames finais; provas de exames finais elaboradas por ele e aplicadas aos alunos na sua escola particular; diários de classe; pareceres e memorandos recebidos e expedidos pelo Serviço de Educação e Saúde do Município. Utilizamos, também, a literatura produzida por Arantes, sendo que alguns de seus livros e livretos foram publicados e outros se encontram apenas mimeografados. Na mesma coleção, consultamos a biblioteca de Arantes, seu acervo fotográfico e os mapas empregados em suas pesquisas.

O trabalho com as fontes textuais foi realizado no APU durante três semestres consecutivos de pesquisa (1°. e 2°. de 2002, e 1°. de 2003). Como se tratava de um volume muito grande de documentação e para conseguir fazer a leitura e seleção de todo o material, as visitas àquela instituição tiveram de ser cotidianas. Mesmo depois de encerrada a fase da coleta dos dados, quando estes começaram a ser analisados tivemos que retornar ao APU em diversas ocasiões, ora íamos à procura do nome correto de um periódico e de uma data de jornal, ora partíamos em busca de uma frase cujo sentido parecia comprometido. Enfim, uma gama de detalhes atinentes a qualquer pesquisa com fontes textuais nos impeliu a transformar o APU em um segundo "escritório".

As primeiras visitas àquela instituição tiveram como propósito estabelecer um contato inicial com as fontes, visando estabelecer tanto um plano de análise quanto um cronograma de atividades. Optamos, então, por iniciar a pesquisa pelos documentos pertencentes à CPJA, pois

[43] Anexo I. Inventário da Coleção Professor Jerônimo Arantes. Arquivo Público.

como esta se constituía em nosso objeto, concluímos que deveríamos primeiramente partir dali para, em seguida, investigarmos a documentação complementar em busca de informações adicionais e também de aprofundamento do que já havíamos coletado. Uma vez decidido por qual coleção iniciar, optamos por trabalhar, inicialmente, com os jornais, adotando um procedimento que incluía a leitura panorâmica de todas as páginas e a leitura minuciosa das matérias que, porventura, tivessem sido assinadas por Arantes e ou daquelas que lhe dissessem respeito. Ao abrir os periódicos, procurávamos, primeiramente, o nome de Arantes nas assinaturas das matérias, bem como no conteúdo destas. Em seguida, buscávamos todos os assuntos cuja temática incidia sobre questões relativas à escrita da história local e educação escolar em Uberlândia, fosse estadual fosse municipal. Por fim, percorríamos as notícias referentes a fatos ocorridos na cidade, no país e no exterior — relativas à economia, política e sociedade — que nos colocariam em contato com a época investigada. Depois de concluída a leitura e anotado o que iríamos precisar, demos início à transcrição do material selecionado.

Após realizar a leitura e a transcrição dos jornais, investigamos os conteúdos das pastas temáticas, compostas de recortes de jornais, revistas e livros. Nessa etapa, não foi preciso transcrever o material selecionado, pois o APU deixa à disposição uma fotocópia dos originais para consulta e, neste caso, o pesquisador tem a autorização para xerocar o que lhe interessar. O trabalho inicial com esta fonte não apresentou muitos embaraços, pois os conteúdos das pastas, embora consideráveis (pois ao todo são 52 pastas repletas de documentos), encontram-se em bom estado de conservação, uma vez que se trata de cópias dos originais bastante legíveis. Um dos únicos empecilhos para a posterior utilização desses documentos, consistiu no fato de muitos recortes terem sido arquivados sem a devida referência bibliográfica: às vezes, constava apenas o nome do jornal de onde o texto havia sido retirado, faltando a informação relativa ao número do periódico, a data da publicação e a página, outras vezes, não havia nenhum desses dados. Mas, não obstante às limitações, insistimos em empregar os recortes, pois algumas informações eram inéditas, posto que retiradas de periódicos já extintos e cujos números não foram preservados por nenhuma instituição da cidade de Uberlândia.

Uma vez concluído o trabalho com os jornais e as pastas temáticas, iniciamos a leitura da revista *Uberlândia Ilustrada*. Para empreender tal tarefa, não precisamos permanecer no APU

tempo todo, pois tal qual a documentação das pastas temáticas, e ao contrário dos jornais, das atas e de demais documentos, aquela instituição dispõe de fotocópias para consulta de todos os números da revista, que, por sua vez, podem ser reproduzidas em xerox pelo usuário, que, de posse do material, tem a liberdade de trabalhar em casa. Mesmo assim, consultamos os originais da *Uberlândia Ilustrada* — estes são interditados para o público e liberados apenas em casos cuja consulta às cópias não resolvem o problema —, pois necessitávamos analisar as cores utilizadas, o papel empregado na impressão e outros detalhes não revelados na reprodução em preto e branco.

O procedimento adotado para análise da revista de Arantes consistiu em, inicialmente, percorrer todas as páginas de cada um dos números publicados para familiarizarmos com o periódico em seu conjunto e apreender as possíveis mudanças pelas quais passou no decorrer dos anos. Após esta tarefa, passamos a analisar cada uma das seções que compõem a *Uberlândia Ilustrada*, incluindo aí tanto a análise da composição das capas quanto a origem e o conteúdo dos anúncios publicados. Concomitante à realização dessa segunda etapa, elaboramos o fichamento de todos os assuntos que julgávamos relevantes para nossos propósitos de pesquisa.

Encerrada essa etapa, deixamos de lado a documentação pertencente à coleção deixada por Arantes e passamos a consultar outros documentos que compõem o acervo do APU. Pesquisamos, então, jornais, revistas e as atas das reuniões escolares. O tratamento adotado com os jornais e revistas foi análogo àquele descrito anteriormente, quando nos referimos ao trabalho realizado com os documentos da CPJA.

No que se refere às atas, o procedimento consistiu na leitura de todas as páginas produzidas no período por nós estabelecido como marco para a pesquisa. Em seguida, transcrevemos aquelas que julgávamos mais relevantes e ou alguns fragmentos esclarecedores do nosso objeto. Em geral, para cada evento registrado em ata, era destinada apenas uma folha preenchida em frente e verso e, como são documentos redigidos por professores primários, apresentam uma caligrafia legível, o que facilitou nosso trabalho.

Finalmente, retornamos ao acervo de Arantes para consultar a sua biblioteca, tendo sido esta a última fonte textual pesquisada. Na primeira fase da análise, verificamos quais eram os

temas que predominavam em meio aos títulos arquivados. Para tanto, classificamos os livros dentro das disciplinas das quais faziam parte — ou seja, livros de História Geral, História do Brasil, História Local, Geografia, romances, poesias —, a fim de apreender quais eram as áreas de maior interesse de Arantes.

Partindo do pressuposto de que a presença de um determinado livro na biblioteca não era indício de que Arantes o tivesse lido, depois de concluída a primeira fase, folheamos todos os exemplares e também as revistas, investigando as pistas que nos conduzissem à sua possível leitura. Nesse sentido, buscávamos frases grifadas, anotações feitas nas margens, na capa, na página de rosto, enfim, íamos atrás de todo tipo de sinal impresso em qualquer parte do livro. Com base nesse trabalho, pudemos concluir quais eram as áreas mais lidas por Arantes e, dentro destas, os assuntos que mais lhe interessavam. Para apreender as possíveis influências e inspirações dessa biblioteca nos trabalhos desenvolvidos por Arantes, nos livros em que ficaram impressas marcas de leitura, detivemo-nos na análise dos textos assinalados, procurando compreender aspectos relacionados ao conteúdo, metodologia e fundamentação teórica.

Concomitantemente ao trabalho realizado com as fontes textuais, realizamos entrevistas com o propósito de ampliar as informações coletadas e, principalmente, de acrescentar novos dados não obtidos por meio de outros documentos impressos. Embora não tendo priorizado a fonte oral, esta foi imprescindível para dilatar nossa análise, pois, por meio do trabalho de rememorar, as pessoas auxiliaram a recompor uma dada paisagem, introduziram personagens e eventos que não constavam nos documentos, problematizaram o passado, enfim, coloriram fatos que nos textos escritos pareciam monocromáticos.[44]

Para a realização das entrevistas, formulamos um esquema básico, do tipo semi - estruturado, contendo questões que, embora genéricas, poderiam orientar o depoente para discutir os temas que nos interessavam e também abordar outros que não tínhamos previamente

[44] Nesse sentido, constatamos na prática a pertinência das seguintes considerações tecidas por Samuel: "Há verdades que são gravadas nas memórias das pessoas mais velhas e em mais nenhum lugar; eventos do passado que só eles podem explicar-nos, vistas sumidas que só eles podem lembrar. Documentos não podem responder; nem, depois de um certo ponto, eles podem ser instigados a esclarecer, em maiores detalhes, o que querem dizer, dar mais exemplos, levar em conta exceções, ou explicar discrepâncias aparentes na documentação que sobrevive. A evidência oral, por outro lado, é infindável, somente limitada pelo número de sobreviventes, pela ingenuidade das perguntas do historiador e pela sua paciência e tato". (SAMUEL, Raphael. História local e história oral. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 9, n. 19, p. 230, set. 89/ fev. 90).

elaborado.[45] Nesse aspecto, a opção pelo esquema semi-estruturado, assim como a proposta de trabalhar com questões abrangentes, foi norteada pela preocupação em possibilitar aos depoentes maior liberdade e também maior flexibilidade no ato de rememoração. Acreditamos que, embora precisássemos de algumas informações específicas, era necessário aos entrevistados estarem em condições de recompor aquilo que lhes foi significativo, dialogando com o passado e trilhando caminhos que, de alguma forma, marcaram as suas reminiscências.

Embora consultando pessoas que mantiveram com Arantes um relacionamento cordial e ainda que alguns citassem aspectos já ressaltados, cada depoente revelou detalhes não mencionados por outros, dado que: *"... as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porém, em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são – assim como as impressões digitais, ou, a bem da verdade, como as vozes – exatamente iguais"*.[46]

Dessa forma, um depoente lembrou-se da forma como Arantes se vestia, um segundo falou sobre seus hábitos de trabalho, um terceiro narrou a forma como foi recebido por Arantes quando precisou consultar dados em seu *Arquivo Histórico*, um outro se recordou da maneira como ele se relacionava com os professores e, assim, gradativamente, contribuíram para a ampliar a compreensão a respeito da trajetória de Arantes. Inicialmente tomamos o depoimento de um dos seus filhos, depois de uma de suas netas e, em seguida, de professores que trabalharam com ele nas escolas municipais, bem como de alguns conhecidos.

O registro da maior parte dos depoimentos orais foi realizado por meio de gravação em fita cassete mediante o consentimento dos entrevistados. Posteriormente, as fitas foram transcritas em fichas. Mesmo tendo conhecimento de que a transcrição é um processo complicado — uma vez que implica transformar em texto escrito a linguagem oral, repleta de gestos, mímicas e sentidos ocultos — e que, mesmo quando cuidadosamente trabalhado, não traduz de forma plena a oralidade, ainda que se empreguem vírgulas, exclamações, travessões e toda a gama de sinais de pontuação, o processo de transcrição foi fundamental para analisar os dados coletados.[47]

---

[45] Apêndice I - Roteiro de Entrevistas.
[46] PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho — Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. Recompondo a memória. *Projeto História* — Ética e História oral. São Paulo, n. 15, p. 17, abr. 1997.
[47] PORTELLI, op. cit., p. 40.

Em síntese, buscamos cruzar constantemente as fontes, tanto as textuais quanto as orais, tendo em vista a necessidade de, sempre, problematizá-las, evitando com isto tomá-las como arauto de uma verdade que, supostamente, seria inerente à documentação consultada. Partimos do pressuposto de que à produção dos documentos, sejam esses escritos, iconográficos e orais, corresponde uma série de interdições e inúmeras representações que necessitam ser contextualizadas e, especialmente, questionadas, pois, conforme advertiu Le Goff, um documento não é produto simplesmente de uma dada situação, mas ele é também, e, sobretudo, produto orientado de uma situação.[48]

A partir da análise dessas fontes e tendo em vista responder aos questionamentos propostos, esta tese divide-se em quatro capítulos, contemplando os seguintes aspectos. No primeiro, discutiremos questões relacionadas ao universo vivido por Arantes, procurando apreender particularidades de sua trajetória profissional e pessoal que podem elucidar os problemas propostos pela análise. Em seguida, analisaremos também algumas das atividades desenvolvidas por Arantes na cidade de Uberlândia a partir da segunda década do século XX. Dentre essas atividades, destacamos o funcionamento de sua escola, *Colégio Amor às Letras,* e a produção de uma literatura destinada a subsidiar os professores em sua prática docente com as crianças do curso primário.

No segundo capítulo, debateremos o período em que Arantes atuou como funcionário público — primeiro como inspetor de ensino, depois como chefe do Serviço de educação e Saúde do Município —, administrando e fiscalizando o trabalho realizado pelos professores nas escolas públicas municipais. Analisaremos, primeiramente, as condições de funcionamento daquelas escolas; em seguida, mediante a discussão referente a algumas estratégias empregadas com a finalidade de estabelecer vínculos políticos entre o poder local e a comunidade beneficiada pela escolarização, deter-nos-emos nas representações produzidas por Arantes acerca do funcionamento das escolas municipais, das representações construídas em torno da sua atuação

[48] "O documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziu, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. (...) É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos". (LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: UNICAMP, 1996, p. 547-48).

nessas escolas, assim como dos liames existentes entre essas representações e o poder político instituído em Uberlândia.

No terceiro capítulo, refletiremos, primeiramente, sobre as questões relativas ao *Arquivo Histórico* formado por Arantes. Nesse sentido, estudaremos a trajetória desse acervo, desde a sua formação até a sua venda para a Prefeitura de Uberlândia em 1983. Em seguida, abordaremos as características implícitas a esta documentação e o papel que esses documentos desempenharam no âmbito da produção de Arantes. O segundo foco de análise deste capítulo incidirá sobre a revista *Uberlândia Ilustrada.* Buscaremos, nesse periódico, de um lado, as suas características principais; de outro, discutiremos a importância dessa revista para o projeto desenvolvido por Arantes em torno da escrita da história da cidade.

No último capítulo, trataremos do envolvimento de Arantes com a pesquisa e a escrita da história de Uberlândia, buscando apreender as características desse seu projeto, tais como o tema e os objetos privilegiados, a abordagem conferida ao passado, as fontes utilizadas, bem como a relação da história que construiu com a produção de uma dada memória de si e da própria cidade. Em relação ao seu trabalho com a escrita da história, destacaremos, ainda, a versão que assumiu e construiu para a história de Uberlândia — desde as primeiras ocupações da região no século XIX até a década de 1970 — e que deixou impressa em livros, textos de jornais e também em artigos publicados na sua revista *Uberlândia Ilustrada*.

CAPÍTULO I

AMOR ÀS LETRAS

1.1. Longa Trajetória no Breve Século[49]

Todos aqueles que moraram e ou que trabalharam nas cercanias da Praça Rui Barbosa, localizada na região central da cidade de Uberlândia, conheceram-no; afinal, a sua presença era constante naquelas imediações, pois residiu no mesmo endereço durante seis décadas, uma vez que para lá se mudara em 1918, jovem, cheio de planos e recém-casado com Juvenília Ferreira.[50] Construiu sua casa no *"lado da sombra, lado da meditação e da ternura, ainda mais pertinho da Igreja ..."*[51]. Seu nome: Jerônimo Arantes para uns, professor Jerônimo Arantes para outros, Arantes, para nós, ou, simplesmente, *"Jerominho, como nós o conhecemos nas rodas da intimidade ..."*[52].

Na segunda década do século XX, quando Arantes mudou-se para ali com sua esposa, a cidade ainda se denominava Uberabinha[53] e sua reduzida população era estimada em aproximadamente 5.000 habitantes.[54] Os sons que preenchiam o cotidiano das poucas vias públicas então existentes não eram produzidos por equipamentos elétricos e nem eletrônicos,

---

[49] A expressão "breve século" foi tomada de empréstimo ao historiador Eric Hobsbawm que a emprega para delimitar o período que remonta ao início da primeira Grande Guerra em 1914 e encerra-se com o fim da era soviética em 1991. (HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos*. O breve século XX, 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 13).

[50] A cerimônia de casamento foi realizada na cidade de Uberaba/MG no dia 20 de agosto de 1918. O casal teve cinco filhos: Delicia, Délcio, Delvar, Délvia e Délio. (ARANTES, Delvar. *Biografia*: Professor Jerônimo Arantes. Uberlândia, s.d. p. 5. [Datilografado]. Acervo Delvar Arantes).

[51] ULHÔA, Domingos P. [Discurso proferido a propósito da homenagem que o Rotary prestou a Arantes]. In: ROTARY Clube de Uberlândia. *Título honorífico*: Diploma. Uberlândia: [s.n.], não paginado, jan. 1977. Acervo Delvar Arantes.

[52] PROFESSOR Jerônimo Arantes. *O Repórter,* Uberlândia, p. 5, 22 jul. 1942. APU.

[53] Inicialmente denominada São Pedro de Uberabinha, posteriormente a cidade passou a ser designada simplesmente por Uberabinha, e assim permaneceu até 1929, quando, então, pela Lei Estadual nº. 1126, de 19/10/1929, seu nome modificou-se para Uberlândia. No entanto, mesmo conhecendo a trajetória dessas designações, tomamos a liberdade de, independentemente do ano, sempre que mencionarmos a referida cidade denominá-la Uberlândia.

[54] O recenseamento federal realizado em 1920, dois anos após a chegada de Arantes na cidade, apurou um total de 5.453 habitantes distribuídos em 1.118 prédios. (UBERLÂNDIA e seu crescimento demográfico. *A Tribuna*, Uberlândia, não paginado, 23 jul. 1939. APU. CPJ A).

eram, ao contrário, eminentemente "artesanais", pois resultavam: do contato do galope do cavalo com o chão; do chiar das rodas de madeira dos carros-de-boi; da cantilena dos vendedores ambulantes em cujas cestas transportavam verduras, cereais, pães e até carnes; do ruído dos mascates anunciando as últimas novidades em armarinhos e calçados; do badalo dos sinos anunciando o horário da missa, comunicando os batizados e/ou informando, em notas fúnebres, os velórios; e do alegre burburinho de crianças ora brincando ao ar livre, ora seguindo em algazarra a caminho da escola.

Sobre suas ruas escuras, de traçado irregular — muitas das quais eram recortadas por becos e vielas sem saída —, ladeadas por poucos casarões e muitos casebres de construção rústica, enlameadas no período das chuvas, poeirentas na estação do inverno, ainda carentes de saneamento básico e de pavimentação, trafegavam os toscos carros-de-bois, as vagarosas carroças carregadas de sortimentos, bem como os cavaleiros e os poucos e conhecidos pedestres. Enfim, como descreveu aquele antigo habitante, na antiga Uberabinha:

> *... Não havia calçamento.*
> *Muitas ruas esburacadas.*
> *Na seca, era um tormento*
> *a poeira levantada.*
> *Nas ruas da cidade*
> *dominava a escuridão.*
> *De fraca claridade*
> *veio depois o lampião.*
> *Carros de bois, a gente via*
> *pelas ruas, toda hora,*
> *carregados de mercadoria*
> *para o comércio de fora. ...*[55]

Da mesma forma que as ruas, as praças da antiga cidade permaneciam imersas na escuridão e, vez ou outra, eram iluminadas, mas de forma tão incipiente que a claridade não ultrapassava a simples penumbra. Essas praças ainda não eram calçadas e nem eram ajardinadas, mas já se constituíam em espaço de sociabilidade, atraindo as pessoas para torcer e participar dos jogos de futebol, cujos campos eram improvisados ali mesmo, naqueles espaços sem pavimentação, sem grama e cobertos de poeira.[56] Outros se dirigiam para aqueles locais, a fim de assistir aos divertidos espetáculos circenses, pois *"Quando o circo chegava, o povo alegre*

[55] ARANTES, J. *A cidade*: Uberlândia dos primeiros tempos. Uberlândia, 1971a, p. 09. (Datilografado). Acervo Delvar Arantes.
[56] ARANTES, J., 1971a, op. cit., p. 14.

aguardava o dia da exibição. Na praça, a barraca armada, o palhaço e a meninada anunciavam a função".[57] Após a despedida do palhaço a praça servia de palco para outro evento: nos finais de semana, mais precisamente "Aos domingos era assim: a banda de música tocava no coreto do jardim onde o povo passeava".[58] Esses números musicais, regidos pelo maestro França e executados pela banda de música *União Operária,* eram também muito animados e bastante apreciados pela criançada, que, ao se informar a respeito das exibições programadas, começava a seguir a banda marchando junto com os músicos, desde a saída de sua sede até a chegada no destino, que, em geral, era uma das praças da cidade.[59]

A sociabilidade exercia-se também nos jardins públicos em função das festividades de caráter religioso, tais como: as concorridas e populares quermesses, denominadas, na época, por "festa das barraquinhas". Durante esses eventos, com os quais as igrejas buscavam angariar fundos para as suas atividades assistencialistas, as praças ficavam repletas de pessoas que iam se divertir, degustar os petiscos que eram vendidos nas barracas de alimentação, arrematar prendas nos concorridos leilões ou, simplesmente, andar de um lado para o outro, pondo em dia a conversa e, com um pouco de sorte, iniciar um flerte, pois,

> *A festa mais elegante*
> *e que mais animação tinha*
> *era a da moçada galante*
> *na festa de "barraquinha".*[60]

A circulação de pessoas pelas praças ocorria também em decorrência das atividades religiosas que aconteciam no interior das igrejas e capelas instaladas em suas proximidades. Desses eventos, destacavam-se as missas, casamentos, batizados e festas dos padroeiros. Fossem realizadas no interior dos templos, fossem organizadas ao ar livre, essas cerimônias eram marcadas sempre por momentos que transformavam as praças em espaços movimentados, alegres e festivos. Segundo Arantes, o início dessas festividades de cunho religioso era marcado quando:

---

[57] ARANTES, J., 1971a, op. cit., p. 15.
[58] ARANTES, J., 1971a, op. cit., p. 11.
[59] SILVA, Antônio Pereira da. *As histórias de Uberlândia*. Uberlândia: Paulo Antônio, v. 2, 2002, p. 53.
[60] ARANTES J., 1971a, op. cit., p. 11.

O som do bronze sagrado
anuncia no povoado
a festa do padroeiro.
O padre da freguesia,
está ali naquele dia,
a convite do festeiro.
Em frente da igrejinha,
da modesta vilazinha,
se reúne toda a gente.
Ao toque da campanhia,
Entra o povo na igrejinha
E vai orar contritamente.
Durante aquele dia,
Reina franca alegria
Em toda a povoação.
Nas casuchas de capim,
Barracas e botequim
e no coreto de leilão... .[61]

Desses festejos, Arantes parecia entender bem, pois a praça Rui Barbosa, em cujo entorno ele morava, abrigava uma igreja dedicada ao Rosário de Maria Santíssima —, primeiramente, uma pequena capela, depois ampliada por meio de uma reforma e abençoada pelo Bispo de Uberaba em um dia marcado por "solenes festejos" (10 de maio de 1931)[62] —, que, freqüentemente, era palco de quermesses e demais festas religiosas, como a Congada, realizada anualmente em homenagem a São Benedito e a Nossa Senhora do Rosário, em uma ocasião abençoada pelas preces dos devotos, colorida pelas vestimentas dos congadeiros e agitada pelo som dos seus instrumentos de percussão, tais como: caixas, tambores, chocalhos, guizos, violas e violões. Arantes deixou registrada em versos a movimentação festiva realizada pelos devotos de N ª. Sª. do Rosário e São Benedito na praça em cujo entorno ele morava. Segundo o autor:

Na festa do Rosário
—também muito animada —
os negros que cantavam
dançando a Congada. (...). [63]

---

[61] DALBAS JÚNIOR. A festa no povoado. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 3, não paginado, maio 1939. APU. CPJA.

[62] A instalação daquela Igreja na Praça Ruy Barbosa reflete o preconceito racial das elites locais, pois conta-se que, inicialmente, no final do século XIX, essa capela fora erguida no Largo do Rosário (atual praça Dr. Duarte) e, no ano de 1891, um dos representantes da irmandade de Nossa Senhora do Rosário, Cel. Arlindo Teixeira, incomodado com a origem social dos fiéis, solicitou autorização do Bispado para transferir a igreja para um terreno vago, distante de sua residência, onde depois formou-se a praça Ruy Barbosa. (SILVA, Antônio Pereira da. *As histórias de Uberlândia*. Uberlândia: Paulo Antônio, v. 1, [200-], p. 88).

[63] ARANTES J., 1971a, op. cit., p. 11.

Nas primeiras décadas do século XX, nos dias em que não estava repleta de fiéis, barraquinhas e congadeiros, aquela praça servia também como espaço para Arantes criar galinhas, e o aglomerado destas aves tingia de branco a paisagem poeirenta, sendo motivo de grande euforia entre a meninada.[64] Espetáculo bucólico bem diferente do seu frenético cotidiano na década de 1980, quando o seu entorno já denotava os sinais das transformações urbanas pelas quais a cidade passava: arranha-céu, ruas asfaltadas, bares movimentados, casas comerciais, cinema, motocicletas, automóveis e ônibus apressados espargindo fumaça. E em meio a tudo isso, barulho, muito barulho: motoristas estressados acelerando rumorosos motores e buzinando por quaisquer motivos; comerciantes afoitos anunciando suas mercadorias em alto-falantes ruidosos; candidatos fazendo campanhas em carros de som escandalosos; betoneiras em plena atividade na construção civil; silvos dos guardas de trânsito; clubes noturnos e boates cuja música executada em volume excessivamente elevado extrapolava suas paredes indo de encontro ao descanso dos vizinhos.[65] Enfim, signos e sons da modernidade que se encontravam presentes em qualquer centro urbano com mais de 100.000 habitantes, e Uberlândia, nessa época, já somava um total de 231.598 mil habitantes na zona urbana.[66]

No entanto, todo esse barulho, assim como o ritmo acelerado dos motores e a azáfama dos pedestres, parecia não incomodar Arantes, um dos mais antigos moradores daquela praça. Este era, ao contrário, um arauto entusiasmado das transformações pelas quais a cidade passava, insistindo sempre em contá-las em seus livros, artigos e crônicas, cotejando passado e presente: *"As antigas ruas da cidade velha, na sua perene tranqüilidade, onde o arvoredo dava sombra de suave frescor, são iluminadas agora pela luz branca das luminárias a vapor de mercúrio, vias de intenso trânsito de veículos e pedestres, no labor cotidiano da cidade trepidante"*.[67]

Com efeito, ele sabia como era a cidade velha, pois, embora tivesse nascido em Monte Alegre/MG, em 23 de julho de 1892 — final do século que testemunhara importantes invenções, dentre elas: o automóvel, o cinema e a fotografia, por exemplo —, mudou-se para Uberlândia em

---

[64] ARANTES, D.: depoimento [maio 2000]. Entrevistador: Sandra Cristina F. de Lima. Uberlândia, 2000. 2 fitas cassete (120 min), estéreo.

[65] Segundo Schafer, ao longo da trajetória humana, o ruído sempre esteve associado ao poder, menos pelo simples fato de que aqueles que o detém sempre puderam fazer o ruído mais alto e mais por terem sido revestidos da autoridade para fazê-lo sem censura. (SCHAFER, R.M. *A afinação do mundo*. São Paulo: UNESP, 2001, p. 256-57).

[66] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Planejamento. *BDI: Banco de Dados Integrados*. Uberlândia, 1996, v. 1, p. 35. [Digitado]. APU.

[67] ARANTES, J. *Crônicas sociais*. Uberlândia, 1977, p. 35. (Datilografado). Acervo Delvar Arantes.

1918. Tendo chegado ali logo nas primeiras décadas do século XX, foi lhe possível conhecer tanto a parte "velha" quanto a "nova", pois permaneceu nessa cidade até o início da década de 1980, mais precisamente, até 19 de maio de 1983, quando, vitimado por ataque cardíaco, sua saúde, quase inabalável, não resistiu e ele então faleceu — era novamente final de outro século, não menos importante em descobertas científicas do que o anterior no qual havia nascido, porém matizadas, agora, por acontecimentos de caráter bastante violentos, como as duas grandes Guerras, o nazismo, a revolução socialista, a guerra do Vietnã, enfim, o século dos "extremos".[68]

Arantes atravessou o breve século XX e viveu a maior parte de sua longa trajetória em Uberlândia, cidade que adotara como sua e para a qual reservava sempre dois carinhosos adjetivos: "cidade encantadora" e "cidade bonita". Ali, foi funcionário público, *"educador, professor exemplar e simpatizante da cultura"*.[69] Era um entusiasta da juventude, pois admirava a mocidade, apreciava as festas, era alegre, comunicativo, brincalhão, não gostava de ir a enterros e evitava assuntos fúnebres.[70] Por isso, esquivava-se de um vizinho "agourento" que tinha por hábito ir à sua casa comentar sobre a morte de conhecidos e parentes e também para vaticinar sobre o dia em que chegaria o fim deles próprios. A presença desse pessimista lhe era insuportável e, quando o encontrava na rua, sempre dava um jeito de mudar a direção, evadindo do encontro sinistro que, por certo, lhe turvaria o dia. (Informação verbal).[71] Afinal, a velhice parecia não existir para Arantes, *"... mas somente para o outro. E este outro é um opressor"*[72] que lhe atormentava com conversas indesejáveis.

Com efeito, a velhice, para ele, parecia não existir e, para afastá-la de si, ensinava aos netos desde pequenos a chamarem-no de "paizinho", evitando, com isso, o fatídico tratamento de vovô, associado sobremaneira à senilidade.[73] Ademais, para ele, a idade avançada não se constituía em um período da vida que merecesse ser lembrado com freqüência e tampouco

---

[68] HOBSBAWM, op. cit.
[69] DINIZ, Cícero: depoimento [set. 2001]. Entrevistador: Sandra Cristina F. de Lima. Uberlândia, 2001. 1 fita cassete (20 min), estéreo.
[70] ARANTES, D.: depoimento [abr. 2001]. Entrevistador: Sandra Cristina F. de Lima. Uberlândia, 2001. 1 fita cassete (60 min), estéreo.
[71] Depoimento de Vera Regina Carrara Arantes sobre as memórias que conserva de seu avô, Jerônimo Arantes. Os dados foram colhidos em 2001 por Sandra Cristina Fagundes de Lima.
[72] CHAUÍ, Marilena de Souza. Os trabalhos da memória. In: BOSI, Ecléia. *Memória e sociedade*: Lembranças de velhos. São Paulo: Cia das Letras, 1994, p. 19.
[73] ARANTES, V., op. cit.

louvado. Em uma das lições elaboradas por Arantes, para compor a sua cartilha de alfabetização, ele deixou transparecer sua hostilidade em relação ao envelhecimento:

> *Primeiro ele foi um pintinho. Piava todos os dias acompanhando sua boa mãe. Cresceu ficou frango. Cresceu mais até ficar bem grande. Hoje ele é um galo. Sabe cantar muito bem. Canta de madrugada e canta durante o dia. Vive sempre alegre. Vive alegre porque é novo. Quando ele ficar velho, vai ficar feio e triste. Tudo no mundo é assim.*[74]

À primeira vista, o texto parece apenas uma ingênua história narrando a sucessão linear na vida de uma ave. No entanto, não há como ignorar o tom rancoroso dirigido ao inexorável passar dos anos que permanece subjacente às entrelinhas da fábula. Mas, afinal, por que enaltecer a velhice, ou ocupar-se em demasia com ela? E para que falar em morte, uma vez que tinha saúde "de ferro", não se queixava de dores e parecia aspirar à vida eterna? E se não foi possível eternizá-la, foi-lhe, no entanto, permitido vivê-la muito tempo sem transtornos físicos e mentais, pois morreu, aos noventa anos, ainda lúcido e sem ter sofrido doença alguma que o tivesse debilitado e/ou o impossibilitado para o trabalho — apresentava apenas um pequeno problema na coluna vertebral do qual ele não se queixava, mas que o levou a dormir em rede, pois a cama tornara-se-lhe incômoda.[75]

Portanto, o fato de ser nonagenário não se constituía em motivo para assumir a velhice como impossibilidade para o trabalho, a diversão e, tampouco, deveria servir de pretexto para mitigar-lhe a vaidade, haja vista que procurava apresentar-se elegantemente e, para tanto, não abria mão do paletó verde, do terno bege, da gravata e do chapéu.[76] Quando não estava usando este, tomava as precauções necessárias para disfarçar a calvície, ora cobrindo a região central da cabeça com os poucos fios que ainda lhe restavam nas laterais, ora disfarçando-a por meio do uso de uma peruca, confeccionada por uma prima chamada Erotildes (Informação verbal).[77] Sua companheira desde os anos de mocidade, a acomia parece que lhe preocupava sobremaneira, haja vista que encontramos uma foto sua na qual ele havia pintado fios de cabelo no espaço em que estes começavam a lhe faltar.[78] Vaidoso como era e, consequentemente, hostil ao

[74] ARANTES, J. *Cartilha brasileira*. Uberlândia: Livraria Kosmos, 1938b, p. 50. Acervo Delvar Arantes.
[75] ARANTES, D., [maio 2000], op. cit.
[76] ARANTES, V., op. cit.
[77] Depoimento de Paula Arantes sobre as memórias que conserva de seu tio, Jerônimo Arantes. Os dados foram colhidos em jun. 2003 por Sandra Cristina Fagundes de Lima.
[78] Figura 2 - Arantes aos 25.

envelhecimento, a perda dos cabelos significava-lhe um duplo infortúnio, pois, de um lado, comprometia sua estética facial e, de outro, era um sinal aviltante a denunciar de forma precoce a idade avançada.

De estatura baixa, abdome avantajado e óculos de aro redondo com lentes grossas, ocultando-lhe os olhos muito pequenos e apertados, Arantes era presença freqüente no centro da cidade, uma vez que não dispensava o passeio matinal, que sempre obedecia a um mesmo itinerário: primeiro, uma passada na agência do correio, para despachar correspondência e

Figura 1. Arantes aos 25 anos de idade.
Na fotografia original percebe-se que os cabelos da testa foram acrescentados à tinta. Uberlândia, 1917. Acervo Delvar Arantes

também para verificar o conteúdo da caixa postal; em seguida, dirigia-se até a prefeitura, a fim de visitar amigos deixados no antigo local de trabalho e, também, visando buscar patrocínio para a publicação de um livro acerca da história de Uberlândia;[79] por fim, um pulo ao supermercado. No lar, além de auxiliar na cozinha preparando as refeições, ele era encarregado de fazer as compras, pois sua mulher, também idosa, já não tinha acuidade visual para sair à rua e orientava-se bem apenas no interior da casa, quase centenária. Mas isso para ele não era um problema e desempenhava essa tarefa sem reclamar, pois, no caminho, ia encontrando velhos amigos e fazendo outros, uma vez que não dispensava uma prosa, sobretudo se esta fosse entabulada com uma pessoa jovem.[80] Conforme palavras de uma amiga: *"... a jovialidade e mocidade é um estado permanente em seu espírito afeito às belezas da vida e da natureza. Ele é tão jovem quanto a sua fé, quanto ainda se produz sua fértil imaginação"*.[81]

Em Arantes, esse espírito jovial, presente ainda no final da vida, parece guardar relação com traços de uma personalidade extrovertida e alegre que marcou seus anos de mocidade, vividos nas primeiras décadas do século XX. Nessa época, ainda era muito moço e festivo, conforme ressaltou o orador do Rotary Clube de Uberlândia ao homenageá-lo na década de 1970: *"O adolescente Jerônimo, para aqui chegado [em Uberlândia] aos quinze anos, trazia n'alma, tão somente o orvalho dos plenilúnios de maio das chapadas triangulinas e no coração a pureza do moço que canta e que dança ..."*.[82]

Esta mesma alegria também foi ressaltada por seu filho Delvar, que relatou o fato de seu pai gostar muito de festas, fossem estas batizados, aniversários ou comemorações mais solenes, como as formaturas de alunos e os eventos cívicos realizados pelas escolas locais. Ainda, segundo Delvar, seu pai fora boêmio na juventude, fazendo parte, nas primeiras décadas do século, de um grupo de violeiros, intitulado Grupo do Lenço Preto, executor de serenatas,

---

[79] LUIZ Fernando. Adeus, professor Jerônimo. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, 21 maio 1983. 2°. Caderno, p. 12. APU.
[80] ARANTES, V., op. cit.
[81] ARANTES, Sebastiana. *Traços genealógicos da família Arantes.* Uberlândia, 18 abr. 1970, p. 3 (Datilografado). Acervo Delvar Arantes.
[82] ULHOA, Domingos Pimentel de. Merecida homenagem do Rotary Clube de Uberlândia. *O Triângulo*, Uberlândia, [página não identificada], 10 jul. 1971. APU. CPJA. PT.

modinhas e catira.[83] Das muitas apresentações daquele grupo musical Arantes recordou-se, muitos anos depois, de uma em particular e escreveu uma crônica a qual denominou *"aquela inesquecível serenata"*. O fato teria ocorrido no ano de 1915 quando:

> *... foi organizado pela classe caixeral o primeiro concurso para se eleger a 'miss Uberabinha'. (...) Do galante programa comemorativo, constava uma cantata de modinhas. A pedido de Juvenal Loureiro, abriu o recital os visitantes seresteiros Felizardo Fontoura e Jerônimo Arantes, que duetaram ao som das cordas gementes do violão a bonita modinha ....*[84]

Do Grupo do Lenço Preto, Delvar lembra-se de fazer parte, além do aludido Felizardo Fontoura, um alfaiate e um funcionário do Grande Hotel, instalado na cidade de Uberlândia. Os ensaios eram realizados na casa do professor Arantes, mais especificamente, no cômodo destinado às atividades de sua escola, nos dias e horários em que esta não estava funcionando. Os músicos do referido Grupo não se limitavam às apresentações em ocasiões festivas, pois, como resultado destas e também dos muitos ensaios realizados, gravaram, na cidade do Rio de Janeiro, um disco de 78 rotações.[85]

Além da música, Arantes passava parte de seu tempo livre cuidando da sua criação de galinhas e, nos meses de julho a setembro, divertia-se empinando papagaios com a criançada na praça de fronte à qual morava, fato relembrado por amigos na década de 1970, quando, ao ser homenageado pelo Rotary Clube de Uberlândia, o orador da solenidade referiu-se a esse seu velho hábito: "Em 1959, [Jerônimo Arantes] aposenta-se com dignidade e respeito, mas com tanta juventude que ainda pode empinar papagaios lá na sempre querida praça do Rosário".[86]

---

[83] Modinha: Inicialmente erudita, a modinha alcançou contornos populares no Brasil do século XIX, constituindo-se com o tempo em um gênero muito apreciado por diversas camadas populares, isto é, por cantores de rua — acompanhados por violão —, pianistas que ocupavam casas e saraus na segunda metade daquele século, tocando e cantando essas canções que falavam sobretudo de amor. (ANDRADE, Mário de. *Modinhas imperiais*. São Paulo: Casa Chiarato, 1930, p. 8).
Catira: Segundo definição de Ferreira, esta dança também conhecida como Cateretê, é mais conhecida no Brasil nos estados do Sul e na região de Goiás, possui as seguintes características: "Dança rural, em fileiras opostas e cantada, e cujo nome indica origem tupi, mas que coreograficamente se mostra muito influenciada pelos processos africanos de dançar". (CATERETÊ. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 369).

[84] DALBAS JÚNIOR. Dias distantes: aquela inesquecível serenata. [Jornal não identificado]. 23 nov. 1974. APU. CPJA. PT.

[85] ARANTES, D., 2000, op. cit.

[86] ULHOA, op. cit..

Arantes gostava também de divertir os outros, "provocando muitas risadas" na platéia, ao declamar versos caipiras em eventos literários realizados pelo jornal *A Tribuna* na década de 1920.[87] Aliás, os versos eram uma de suas grandes paixões, e escrevia-os desde a juventude, pois, em 1935, ele já se referia a alguns versos como: "dos meus sonetos antigos".[88] Não se dedicava apenas à temática caipira, pois escreveu muitos poemas com conteúdo romântico, nos quais ora tratava do primeiro beijo ora chorava os amores platônicos e os sofrimentos deles advindos, como esse que se segue:

> *Passas sempre altiva e imponente,*
> *Sem ver no meio da multidão,*
> *aquele que te ama loucamente,*
> *sem tu teres dele compaixão.*
> *Não te importas, que naquela gente*
> *Viva alguém que tenha coração,*
> *E que saiba amar sinceramente,*
> *a mulher que lhe fez ingratidão ... .*[89]

Mas não só de viola, papagaios e versos vivia Arantes. Sem outra fonte de renda a não ser aquela proveniente do próprio trabalho, era preciso laborar para adquirir o sustento para si e para a família. Para tanto, após instalar-se em Uberlândia, abriu em 1919, na própria residência, uma escola primária, o *Colégio Amor às Letras.* Segundo ele, esta escola teria sido fundada: "ao influxo de sadio idealismo de mestre, ainda no vigor da nossa esplendorosa mocidade". O *Colégio Amor às Letras* funcionou até 1933, quando seu proprietário, "a convite do prefeito Lúcio Libânio, no regime ditatorial", foi nomeado para ocupar a Inspetoria da Instrução Pública Municipal, depois, em 1946, assumiu o cargo de chefe do Serviço de Educação e Saúde do Município. Era, então, o início de uma longa carreira no serviço público, que só iria se encerrar no ano de 1959, com a aposentadoria, após "10.183 dias de efetivo exercício".[90]

---

[87] A TRIBUNA falada. *A Tribuna*, Uberlândia, não paginado, 18 jun.1926. APU. CPJA.
A prática de mesclar "causos" com anedotas, sempre contados em dialeto caipira, já era empregada em São Paulo desde a segunda metade da década de 1910. Recorrendo ao modelo sertanejo fundamentado nas tradições rurais caipiras, e não nas nordestinas, como ocorria no Rio de Janeiro, essa prática foi inicialmente divulgada e popularizada na cidade por Cornélio Pires por meio de palestras, peças teatrais, revistas, jornais, livros e discos. Depois de ocupar espaço nas gravadoras, os "caipiras" ganharam os programas de rádio e as telas do cinema. Censurados e perseguidos pela ditadura do Estado Novo, os caipiras, com o tempo estabeleceram uma relação bastante ambígua com Vargas, pois, passado o período de perseguições, tiveram algumas canções liberadas e cantavam no Catete para o presidente. (MORAES, José Geraldo V. *Metrópole em sinfonia*: história e música popular na São Paulo dos anos 30. São Paulo: Estação Liberdade, 2000, p. 234-48).
[88] ARANTES, J. Sem título. *Triângulo de Minas*, Uberlândia, não paginado, 01 mar. 1935. APU. CPJA.
[89] ARANTES, J., 01 mar. 1935, op. cit.
[90] ARANTES, J. *Minha aposentadoria*. Uberlândia: [s.n.], 1959a, p. 7; 16-17. Acervo Delvar Arantes.

Mas seu trabalho não se resumia no cargo ocupado na prefeitura e na escrita de seus livros e artigos, pois Arantes cuidava pessoalmente da elaboração de sua *Uberlândia Ilustrada* e era também colecionador de documentos relativos à história da cidade de Uberlândia. Quando estava em casa, organizava a documentação que, gradativamente, ia se avolumando; nesses momentos, separava os jornais, as fotografias, as revistas; recortava o que lhe parecia mais interessante, montava pastas temáticas, datilografava legendas, assim como todos os demais escritos, em sua antiga *Remington*, instrumento de trabalho indispensável em seu escritório.[91] Em meio a tudo isso, ainda encontrava tempo para receber as pessoas que o procuravam em busca de informações acerca da história local.[92]

Figura 2. Arantes em seu escritório, aos 73 anos de idade.
Uberlândia, 1965. Acervo Delvar Arantes.

[91] ARANTES, V., op. cit.
[92] ARANTES, D., 2000, op. cit.

Além do trabalho na prefeitura municipal, ele foi nomeado, no ano de 1937, pelo Decreto nº. 21, para fazer parte da comissão, não remunerada, que deveria organizar o serviço de estatística e propaganda do município, cuja finalidade era demonstrar *"...o valor e as possibilidades do município, tornando conhecido o grau de adiantamento em que se encontram todas as atividades, quer comerciais, industriais ou sociais..."*.[93] O resultado do primeiro trabalho da referida comissão foi publicado em 1938 e consistia em um recenseamento da população local e do número de residências existentes na cidade, ficando para depois o levantamento da movimentação comercial, industrial e agro-pecuária.[94]

Um ano após formar essa comissão, foi criado o Diretório Municipal de Geografia — órgão subordinado respectivamente ao Diretório Regional do Conselho no Estado de Minas Gerais e ao Conselho Nacional de Geografia —, cuja presidência o prefeito Vasco Giffoni assumiu, e para o qual Jerônimo Arantes foi designado como agente de estatística do município, sendo nomeado secretário e suplente do presidente. Conforme publicou um jornal, as atribuições desse Diretório eram as mesmas da Comissão formada anteriormente, quais sejam: *"promover um melhor conhecimento do território do município, quer de dos seus acidentes naturais (...), quer das suas características humanas ..."*.[95]

Nessa época, a propósito das comemorações do cinqüentenário do município, um dos jornais da cidade, *O Repórter,* teceu muitos elogios ao trabalho de estatística realizado por Arantes: *"O prof. Jerônimo Arantes, esforçado Inspetor Escolar Municipal, é, também, um apaixonado pela estatística. Nas horas em que não se dedica à causa do ensino, emprega-as em enfileirar dados, comparar quadros, traçar gráficos, esquemas, etc"*.[96]

O primeiro recenseamento local realizado por aquele Diretório culminou na elaboração de uma monografia histórico-corográfica de autoria de Arantes resenhada com grande flama pelo jornal *A Tribuna*:

> *O conhecido historiador da nossa vida, desde as primeiras penetrações pelos sertões da Farinha Podre, professor Jerônimo Arantes, diligente inspetor municipal, foi*

[93] GIFFONI, Vasco. Prefeitura Municipal de Uberlândia: Decreto nº. 21. *A Tribuna*, Uberlândia, p. 02, 09 jun. 1937. APU. CPJA.
[94] RECENSAMENTO de Uberlândia. *O Repórter*, Uberlândia, não paginado, 22 maio 1938. APU.
[95] CRIADO o Diretório Municipal de Geografia. *O Repórter*, Uberlândia, não paginado, 10 jul. 1938. APU.
[96] MAGNÍFICA iniciativa. *O Repórter*, Uberlândia, não paginado, 3 abr. 1938. APU.

> *encarregado pelo ilustre prefeito Vasco Giffoni de elaborar a Monografia histórico-corográfica do nosso município. (...) Em cada um daqueles setores [itens abordados na obra], o prof. Arantes, como verdadeiro douto, demonstrou a segurança dos seus conhecimentos, que pudemos apreciar desfolhando o seu magnífico trabalho, que estamos convictos, será um dos melhores apresentados.*[97]

Conquanto tanto elogios, segundo depoimento de um de seus filhos, Arantes não era "um apaixonado pela estatística", não gostava de lidar com cálculos e tampouco tinha facilidade para trabalhar com dados numéricos de qualquer espécie, em função disso, sempre que se fazia necessário, requisitava-o para esta tarefa.[98] Arantes gostava mesmo era de ocupar-se com questões relacionadas à educação escolar e aos fatos do passado da cidade, pois ele "era apaixonado pelo ensino e apaixonado pela cidade. Ele era louco com Uberlândia".[99] Esta última preferência, por exemplo, ficou explícita em suas atividades à frente dos trabalhos realizados pelo referido Diretório, em particular, em alguns documentos depositados em seu acervo, assinados por ele, solicitando tanto a oficialização do nome de um fundador para a cidade, quanto novas denominações para praças e ruas, alegando, para tanto, motivos históricos como justificativa para as solicitações.[100] Em um desses documentos, por exemplo, apresentou as seguintes considerações:

> *...solicitamos da egrégia Câmara Municipal, em abono da nossa história, a revogação da Lei n. 562 de 5 de dezembro de 1955 que dá a denominação de Praça do Líbano à Praça 21 de Maio. A primitiva denominação dada a esse logradouro público foi em atenção a um pedido do Diretório Municipal [de Estatística], para se comemorar a data histórica da passagem do primeiro centenário da criação do Distrito de paz de São Pedro de Uberabinha, ocorrido aos 21 dias do mês de maio de 1852.*[101]

Um comunicado enviado ao prefeito municipal também demonstra o seu interesse pelos assuntos relacionados à história do município. Nesse comunicado, Arantes informou ao prefeito sobre o cinqüentenário da instalação da imprensa na cidade e a deliberação dos membros do

---

[97] A ÚLTIMA fase do censo local. *A Tribuna*, Uberlândia, não paginado, 08 mar. 1942. APU. CPJA.
[98] ARANTES, D., 2001, op. cit.
[99] ARANTES, D., 2000, op. cit.
[100] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. Diretório Municipal de Geografia e Estatística. *[Ofício]*. Uberlândia, 11 set. 1969. Ofício de Jerônimo Arantes ao Presidente da Câmara Municipal de Uberlândia sugerindo nova denominação para ruas e praças da cidade. APU. CPJA. PT. / UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. Diretório Municipal de Geografia e Estatística. *[Ofício]*. Uberlândia, 06 jun. 1955. Ofício de Jerônimo Arantes ao Presidente e demais membros da Câmara Municipal de Uberlândia sugerindo nova denominação para ruas e praças da cidade. APU. CPJA. PT.
[101] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. Diretório Municipal de Geografia e Estatística. *[Ofício]*. Uberlândia, 09 ago. 1956. Ofício de Jerônimo Arantes ao Presidente e demais membros da Câmara Municipal de Uberlândia sugerindo nova denominação para duas praças da cidade. APU. CPJA. PT.

Diretório de homenagear o primeiro jornal assim como o seu fundador, denominando dois logradouros públicos com os nomes daqueles. Além disso, solicitava à *"autoridade administrativa" "...dar também publicidade oficial a uma resenha histórica sobre aquele acontecimento, trabalho do mesmo Diretório"*.[102]

Outro documento de teor análogo consiste na transcrição de uma palestra que Arantes teria proferido em um programa veiculado pela Rádio Difusora. Nesta palestra, ele falara como Secretário do Diretório Municipal de Geografia, e o tema abordado girou em torno do centenário da criação do Distrito de Paz em São Pedro de Uberabinha (1852-1952). Em lugar dos números e das estatísticas, o palestrante discorreu didaticamente sobre fatos, nomes, datas e documentos, bem no estilo de sua vocação para professor e memorialista.[103]

Até aposentar-se em 1959, Arantes realizava essas atividades em meio à sua ocupação principal: a educação, sobretudo a educação escolar. Nesta área, trabalhou tanto na esfera particular quanto na pública municipal, em que atuou na escolarização das crianças, na alfabetização de adultos e na fiscalização das escolas mantidas pela prefeitura. No princípio, dedicou-se à docência no ensino primário particular, foi professor e proprietário de escola. Posteriormente, ingressou no serviço público, em que fiscalizou e organizou os trabalhos escolares no município, primeiramente, como inspetor municipal de ensino (1933-1946) e, depois, como chefe do Serviço de Educação e Saúde do Município de Uberlândia (1946-1959).

No limiar da década de 1980, já fazia vários anos que deixara o magistério e que, por conseguinte, fechara a sua escola; no entanto ainda era conhecido como professor, ofício que exerceu desde 1907 até 1933, quando ingressou no serviço público. O seu comportamento parecia reforçar a relação que se estabelecia entre ele e a docência, pois, mesmo contando com noventa anos e já tendo se aposentado há mais de 20 anos, não perdia hábitos peculiares aos professores. Nessa época, em um de seus passeios matinais, parou diante de um estabelecimento que confeccionava placas de propaganda e cumprimentou o pintor de letras pela apropriação correta

[102] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. Diretório Municipal de Geografia e Estatística. *[Ofício]*. Uberlândia, 22 nov. 1947. Ofício de Jerônimo Arantes ao Prefeito Municipal sugerindo novas denominações para duas ruas da cidade e também a publicação de uma resenha histórica sobre a imprensa. APU. CPJA. PT.
[103] ARANTES, J. *Centenário da criação do Distrito de Paz de São Pedro de Uberabinha* (1852-1952). Texto da palestra proferida pelo autor na Rádio Difusora Brasileira de Uberlândia, PRC6. Uberlândia, 21 maio 1952. APU. CPJA. PT.

da língua portuguesa. Ao ler o anúncio pintado na placa, teria dito àquele: "Muito bem, *Alugam-se casas*". (Informação verbal).[104]

Essa intima relação com o ensino talvez encontre uma de suas explicações no fato de Arantes ter começado a exercer a docência ainda muito jovem em Monte Alegre, sua cidade natal, após ter concluído seus estudos primários no colégio Estadual e cursado a 4ª série ginasial no Colégio Bandeira daquela cidade, cujo proprietário e professor, José Felix Bandeira, foi homenageado por Arantes em sua *Uberlândia Ilustrada* no princípio da década de 1940: *"Professor de vasta cultura e perfeita vocação profissional, fez do livro o seu instrumento, com o qual ganhou honestamente o sustento para os seus, até o dia que partiu deste mundo, findando uma existência perene de benefícios"*.[105]

Fiel ao seu antigo mestre, Arantes permaneceu em Monte Alegre até o final do ano de 1906 e, no ano seguinte, mudou-se para Uberlândia para acompanhá-lo, uma vez que sua escola, o Colégio Bandeira, tinha sido transferida para aquela cidade. Após um período não determinado, no qual deu aulas no referido colégio, Arantes deixou Uberlândia para fixar residência em Itumbiara (município do estado Goiás, que faz divisa com Minas Gerais), onde, além de exercer a docência na escola de sua propriedade, foi promotor de justiça no ano de 1917. Em visita àquela localidade na década de 1970, Arantes assim se referiu ao período no qual o Colégio *Amor às Letras* ali funcionou:

> *Ao entardecer do dia, despedimos, guardando o reconhecimento da distinta recepção, trazendo no íntimo d'alma imorredoiras recordações de nossa ardorosa juventude ali passada, na direção do colégio 'AMOR ÀS LETRAS', não vivendo mais a maioria de meus queridos alunos e bons amiguinhos que me prezavam tanto*! [106]

Um ano após regressar à Uberlândia, no mês de fevereiro de 1919, fundou o *Externato Carvalho* em parceria com João Basílio de Carvalho: *"... estabelecimento esse que teve poucos meses de existência, pelo motivo de falecimento daquele professor"*. [107] Ao fechar essa escola,

---

[104] Informação de Enézio Rodrigues de Souza Filho sobre as memórias que conserva de Jerônimo Arantes, datadas do final da década de 1970, período em que, por trabalhar na praça Rui Barbosa, via cotidianamente aquele professor. Os dados foram colhidos em 2003 por Sandra Cristina Fagundes de Lima.
[105] ARANTES, J. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 10, p. 11, jul. 1941. APU. CPJA.
[106] ARANTES, J. Santa Rita que vi. Itumbiara que vejo. *O Triângulo*, Uberlândia, não paginado, 21 out. 1972. APU. CPJA. PT.
[107] ARANTES, J., 1959a, op. cit., p. 7.

providenciou para que outra, que já havia sido instalada em Itumbiara, fosse inaugurada: o *Colégio Amor às Letras*, que funcionou até 1933. Ali, Arantes atuou tanto na administração quanto na regência de suas salas de aula.

1.2. O Professor e sua Escola

Inaugurado em 1919 em Uberlândia, o *Amor às Letras* veio somar-se a alguns estabelecimentos particulares de ensino primário já existentes na cidade. Havia, no período, uma considerável movimentação em torno da abertura de escolas particulares em Uberlândia, assim como no município vizinho de Uberaba e nos demais estados da federação.[108] O total de escolas particulares existentes na região, que compreendia a 40ª Superintendência Regional de Ensino, da qual Uberlândia fazia parte, era de 7 estabelecimentos para apenas 4 escolas públicas.[109] Esses estabelecimentos particulares de ensino predominaram, em Uberlândia, até o ano de 1940 em detrimento das escolas públicas.[110]

A escola fundada por Arantes incluía-se, portanto, nessa tendência privatista do ensino que vigorou na região até os anos de 1940 — tendência que refletia, dentre outros fatores, o desinteresse do Estado e a falta de verbas dos municípios para assumir a educação como uma de suas atribuições —, com a ressalva, porém, de não ter sido essa escola de caráter confessional,

---

[108] De acordo com Mello e Novais, no Brasil, o predomínio do ensino público sobre o privado só vai se acentuar na década de 1960, quando: "O ensino de primeiro grau (os antigos primário e ginásio) (...) já era ministrado, pelos estados e municípios, para cerca de 7,5 milhões de discentes, contra apenas os 860 mil dos colégios privados". (MELLO, João Manuel Cardoso de; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, v. 4, p. 594).

[109] CARVALHO, Carlos Henrique de. e outros. Reflexões em torno da expansão escolar no Triângulo Mineiro. In: *Boletim CDHIS,* Uberlândia, n. 22, ano 11, p. 5-7, 1º. semestre 1998, p. 6.

[110] Segundo dados compilados pelo próprio Arantes, em Uberlândia, existiram, a partir do século XX, as seguintes escolas particulares de ensino primário: *Externato Carvalho*, fundado em 1902 pelo professor João Basílio de Carvalho; o *Externato Carvalho de Brito*, fundado em 1907 pelo professor Leôncio do Carmo Chaves e *Colégio São José*, fundado em 1913 pela irmã Maria Marcelina. Além do *Colégio São José*, na década em que Arantes abriu a sua escola, surgiram na cidade os seguintes estabelecimentos particulares, também de ensino primário: a Escola Rui Barbosa, fundada em 1915 pela professora Juvenília Ferreira dos Santos; o *Externato Violeta* fundado em 1918, pela professora Violeta Guimarães e o *Instituto Fundamental*, fundado em 1919 pela professora Margarida de Oliveira Guimarães. (ARANTES, J. A luz das letras: 1935 — 1940. *Uberlândia Ilustrada***,** Uberlândia, n. 10, p. 7-8, jul. 1941. APU. CPJA.).

como era o mais freqüente no período; pois, embora particular, o *Amor às Letras* caracterizava-se por ser um estabelecimento de ensino laico.[111]

A escola do professor Arantes era pequena, instalada em prédio próprio — como muitas outras espalhadas pelo país —, mais precisamente, em uma das salas localizada na parte da frente da residência de seu proprietário.[112] Em uma das visitas realizadas àquela escola, o funcionário do serviço de inspeção registrou uma vaga descrição do referido prédio: "As aulas funcionam em prédio pertencente ao citado diretor, amplo e com a metragem necessária".[113]

Essas pequenas escolas, funcionando apenas em uma sala improvisada, muitas vezes, contígua à casa do professor, constituíam-se no oposto do que a legislação educacional mineira estipulava como critério para a construção dos grupos escolares desde a segunda década do século XX. O Decreto n°. 3191, de 9 de junho de 1911, também denominado Regulamento Bueno Brandão, especificou minuciosamente os aspectos que deveriam ser observados na instalação física daqueles grupos, assim como forneceu detalhes acerca dos materiais didáticos necessários para o seu funcionamento.[114]

Mas, a despeito da legislação, escolas como o *Amor às Letras*, funcionando em residências e/ou outros espaços improvisados, não se constituíam exceção nas primeiras décadas

---

[111] "Percebe-se que o ensino privado predominou totalmente na região até 1908. Contudo, os números também demonstram que, mesmo após o início da fundação de escolas estaduais em 1908, o ensino público não conseguiu reverter o quadro na região senão a partir dos anos de 1940. Durante todo este longo período podemos inferir que a formação educacional da elite do Triângulo Mineiro e adjacências esteve, em sua maior parte, nas mãos de interesses particulares, notadamente católicos, uma vez que não encontramos, ainda, registro de alguma escola ligada a outro credo religioso". (INÁCIO FILHO, Geraldo. Escolas para mulheres no Triângulo Mineiro (1880-1960). In: ARAÚJO, José Carlos S.; GATTI JÚNIOR, Décio (Orgs.). *Novos temas em História da Educação Brasileira*. Campinas: Autores Associados, Uberlândia: EDUFU, 2002, p. 54).

[112] ARANTES, D., 2000, op. cit.

[113] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata do termo de visita realizada no dia 25 set. 1928*. Uberlândia, 1928. [Livro não identificado], p. 31. APU. CPJA. PT.

[114] Apenas para ilustrar as diferenças entre o que a legislação previa para a construção desses grupos escolares e o que a realidade mostrava sobre as escolas isoladas — em particular, o *Colégio Amor às Letras* —, reproduziremos alguns aspectos relativos aos primeiros. Segundo Mourão, o referido Regulamento estabelecia que: "A construção desses prédios deveria ser feita fora do alinhamento das ruas, inteiramente isolados de outros edifícios. O terreno para a construção deveria ser seco e permeável e a área respectiva deveria ser de 1000 m². Além do edifício principal, o prédio escolar deveria ter um jardim para estudo de Agricultura e Botânica e uma área nivelada, coberta, macadamizada ou asfaltada, para ginástica e evoluções militares. (...) O prédio teria gabinetes, com aparelhos sanitários, dois no mínimo para cada escola, (...). Nos grupos deveria haver um salão para museu e biblioteca; um gabinete para o diretor, servindo também de sala de visitas, um salão para trabalhos manuais, além 4 a 12 salas de aulas". (MOURÃO, Paulo Krüger Corrêa. *O ensino em Minas Gerais no tempo da República*. Belo Horizonte: Centro Regional de Pesquisas Educacionais de Minas Gerais, 1962, p. 192-93).

do século XX e tampouco eram exclusividade de Uberlândia, pois, mesmo que os primeiros grupos escolares tenham sido construídos em São Paulo na última década do século XIX, ainda nos anos de 1920 e de 1930, havia carência daquela modalidade de escola nas capitais e em cidades maiores espalhadas pelo país.[115] Em Minas Gerais, por exemplo, a autorização para a formação dos grupos ocorreu em 1906 e, durante vários anos, a expansão desses espaços escolares foi processada timidamente; pois além de incluir poucas localidades, nestas onde eram instalados havia uma quantidade reduzida de estabelecimentos. Na maior parte das vezes, e durante anos, as cidades contavam apenas com um grupo escolar. O caso de Uberlândia é paradigmático dessa carência, pois a primeira escola daquele porte, denominada Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão, só foi inaugurada na cidade em 1 de fevereiro de 1915 e, de acordo com os versos escritos por Arantes, instalada:

> *Numa praça espaçosa,*
> *Que ainda jardim não tinha,*
> *fez-se a construção vistosa*
> *para o Grupo de Uberabinha.*
> *Era um Grupo organizado.*
> *Bom diretor ele tinha.*
> *O Honório, mestre estimado*
> *na cidade de Uberabinha.*[116]

Esse primeiro grupo escolar instalado em Uberlândia obedeceu a muitos dos critérios estipulados pelo regulamento Bueno Brandão, aludidos anteriormente. Foi construído em prédio próprio, em uma vasta área localizada no centro da cidade, em frente a uma de suas praças centrais. Além das salas de aulas, possuía um salão nobre para realização de eventos e festividades escolares; contava com um diretor e com sete professoras; funcionava em dois turnos, a saber, no período da manhã, o horário das aulas era das 7h às 11h e, no turno da tarde, das 12h às 16h. No ano seguinte ao de sua inauguração, registrou um total de 787 crianças matriculadas.[117]

---

[115] FARIA FILHO, Luciano M. de; VIDAL, Diana G. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 14, maio/jun./jul./ago. 2000, p. 27.

[116] ARANTES J., 1971a, op. cit., p 9.

[117] CARVALHO, Luciana B. de O. Bar. *A configuração do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão no contexto republicano* (Uberabinha-MG, 1911-1929). 2002. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002, p. 61-63.

O *Amor às Letras*, ao contrário, além do tamanho reduzido, caracterizava-se também por ser subvencionado pela Câmara Municipal. Esta custeava a matrícula, bem como as mensalidades de alguns alunos carentes, conforme atesta um ofício enviado pelo presidente daquela Casa ao professor Arantes em 1923.[118] Outro documento dirigido ao presidente da Câmara também confirma subvenção da referida escola pelo poder público municipal; trata-se de um requerimento solicitando a matrícula na escola de Arantes de um aluno sem recursos financeiros, uma vez que o grupo escolar da cidade encontrava-se superlotado.[119]

Além desses documentos, uma fotografia datada do ano de 1919 e tirada na parte externa do colégio *Amor às Letras*, ou seja, no quintal da residência de Arantes, também serve como pista para comprovar essa subvenção (Figura 3). A imagem retrata Arantes ao centro, apoiando o braço esquerdo em um livro, ladeado por um grupo de alunos predominantemente pertencentes ao sexo masculino, que também trazem em suas mãos um objeto que tanto pode ser livro quanto um caderno. Embora se observe a pose altiva do professor, cuidadosamente trajado de terno e gravata, e o esmerado cuidado no vestuário de alguns alunos, quatro crianças sentadas à frente apresentam-se descalças, denotando ser provenientes de famílias pouco abastadas e, por conseguinte, revelando a possível condição de alunos subvencionados.[120]

---

[118] "Ilmº. srº. Professor Jerônimo Arantes (...) Dou abaixo os nomes dos alunos que, por conta da Câmara freqüentaram o seu Colégio no ano próximo findo e que serão substituídos pelos que passo a indicar: (...). A matricular mais por conta da Câmara ...". (MARQUEZ, Eduardo. *[carta]*. Uberabinha, 15 jan. 1923. Carta do presidente da Câmara Municipal de Uberlândia ao professor Jerônimo Arantes solicitando-lhe a matrícula no *Colégio Amor às Letras* dos alunos subsidiados pelo legislativo. APU. CPJA. PT).

[119] "Diz a abaixo assinada, viúva, paupérrima, residente nesta cidade, que necessitando dar instrução primária a seu filho Geraldo, de 12 anos de idade, vem requerer a V. Exª. a matrícula do mesmo no Colégio Amor as Letras, desta cidade, de que é professor o sr. Jerônimo Arantes, subvencionado pela municipalidade". (CONCEIÇÃO, Miguela Abadia da. *[Requerimento]*. Uberabinha, 10 fev. 1927. Requerimento expedido a Eduardo Marquez, presidente da Câmara, solicitando-lhe o subsídio da matrícula de uma criança sem recursos financeiros no Colégio Amor às Letras. APU. CPJA. PT).

[120] Figura 1 - reproduzida na página seguinte.

Figura 3. Arantes e alunos do "Colégio Amor às Letras".
Uberlândia, 1919. Acervo Delvar Arantes.

A subvenção pública destinada aos estabelecimentos de ensino particulares era rotina nas primeiras décadas do século XX. Sem recursos financeiros para abrir e ou manter escolas, o Estado e, por vezes, os municípios destinavam parte de seus orçamentos ao pagamento de matrícula e mensalidades de alunos carentes em escolas particulares. Tal prática era, no caso de Minas Gerais, freqüente até o final dos anos de 1930. Na legislação educacional do Estado — aprovada no início do século XX — constava, inclusive, dentre as atribuições dos inspetores escolares, a responsabilidade de fiscalizar a aplicação da subvenção recebida pelas escolas particulares e também a de selecionar escolas para receber tal benefício.[121]

No Regulamento da Instrução de 1911, estavam previstos outros auxílios, além do pagamento da matrícula e das mensalidades, às escolas particulares que seguissem no curso

[121] MOURÃO, op. cit., p. 60.

primário os métodos e os programas oficiais. Dentre esses outros benefícios, incluíam-se: prêmios em dinheiro para professores cujos alunos tivessem concluído todo o curso primário sob a sua orientação; fornecimento de materiais didáticos, tais como livros gratuitos para alunos carentes e vendas a preços de custo de móveis escolares, sobretudo carteiras.[122]

Porém, a legislação que regulamentava tal prática determinava que essa subvenção só poderia beneficiar a população estudantil de baixa renda e, sobretudo, aqueles que habitassem cidades onde não houvesse vagas em estabelecimentos públicos de ensino. Três anos após a proclamação da República, por exemplo, foi elaborada e sancionada uma lei com o objetivo de reformar a instrução pública no estado de Minas Gerais, a Lei n°. 41 de 3 de agosto de 1892, também conhecida como reforma Afonso Pena, além de reconhecer como válido o ensino ministrado em alguns estabelecimentos particulares, estabelecia os seguintes critérios para sua subvenção: Deveria ser *"...escola primária particular, onde não houvesse pública; estabelecimentos de ensino técnico; jardins de infância; asilos de cegos e surdos-mudos; escolas de trabalhos manuais"*.[123]

As reformas posteriores realizadas no ensino no estado de Minas Gerais ratificaram a prática da subvenção pública ao ensino particular. Haja vista que, em 27 de setembro de 1920, o governador Artur da Silva Bernardes sancionou a Lei n°. 800, que, em seu artigo nº. 19: *"especificava uma subvenção mensal de 3$000 por aluno pobre que freqüentasse a escola particular situada a mais de quatro quilômetros da escola próxima. Tal subvenção não excederia de 50$000, auxílio bem apreciável para a época"*.[124] Sete após a aprovação desta lei, no governo de Antônio Carlos (1926-1930), foi implementada outra reforma no ensino primário que mantinha a subvenção.[125]

Não encontramos na documentação pesquisada referências diretas às características dos cursos oferecidos pelo *Colégio Amor às Letras* à população local. Este dado encontra-se disperso em alguns termos de visita elaborados pelo inspetor de ensino da época e também em um documento de publicidade pelo qual se informa que, na referida escola, eram oferecidos:

---

[122] MOURÃO, op. cit., p. 204.
[123] MOURÃO, op. cit., p. 29-30.
[124] MOURÃO, op. cit., p. 323.
[125] O documento que a especifica é o Regulamento do Ensino Primário, aprovado pelo Decreto n°. 7970-A, de 15 de outubro de 1927. (MOURÃO, op. cit., p. 372).

> *Curso primário, pelas normas do programa oficial de Minas, ampliado em algumas matérias, e um curso prático, que se destina a preparar o estudante para a vida pratica. As matérias deste curso podem ser escolhidas pelos interessados. O colégio mantém uma aula noturna para adultos. Não se lecionam línguas. Trata-se, neste curso, de desenvolver um programa útil na vida pratica.*[126]

Contrariando o anúncio publicitário, consta, em alguns termos de visita da inspetoria escolar, que, no referido colégio, funcionava apenas o curso primário em período diurno e noturno, sendo que, no turno da noite, no horário das 18h às 21h, a escola era "cedida" para a Prefeitura, que mantinha uma cadeira de ensino primário.[127] Permanece, então, a dúvida se o curso prático, referido no documento supra citado, foi implantado posteriormente a esses termos de visita ou se nunca chegou a funcionar, existindo apenas no folder que veiculava a propaganda.

No que diz respeito ao funcionamento da escola no período diurno, embora conste, em um termo de visita do ano 1919, que o *Colégio Amor às Letras* oferecia, além do primário, o curso secundário, o conjunto da documentação pesquisada revelou apenas a existência do primeiro, que era oferecido em regime de escola particular no período diurno, com as aulas iniciando às 11h. e encerrando às 16h.[128] Conquanto os documentos mencionem cinco horas diárias de aulas, o mais usual era o tempo escolar ser distribuído em quatro horas apenas, obedecendo a uma grade de horário bastante austera.[129] Em seu depoimento, Delvar Arantes diz recordar-se de que o estabelecimento funcionava como escola particular em dois turnos, sendo que, no turno da

---

[126] COLLEGIO 'Amor às Letras'. *[Folder]*. Uberabinha, s.d. APU. CPJA. PT.

[127] O regulamento da reforma realizada na instrução pública em Minas Gerais durante o governo Júlio Bueno Brandão, em junho de 1911, traçou as normas para o funcionamento desses cursos noturnos. A partir dessa reforma, ficou estabelecido que as escolas noturnas seriam destinadas a adolescentes, ou mesmo a adultos que, em virtude de trabalhar durante o dia, ficavam impossibilitados de freqüentar cursos diurnos. "Os seus programas, aprovados conjuntamente com os dos grupos escolares e das escolas singulares, nada tinham, talvez, de específico, para a finalidade. O regime desses cursos noturnos era o das escolas singulares, com quatro classes, que estudavam ao mesmo tempo, cabendo ao professor, pela divisão das tarefas, mantê-las todas em atividade ao mesmo tempo. Só se destinavam ao sexo masculino e poderiam ser instaladas desde que pudessem contar com a freqüência mínima de 30 alunos. As matérias de ensino eram: Língua Pátria, Aritmética, Geografia, Geometria e Desenho, Lições de Coisas. As lições eram dadas apenas em 3 horas, todas as noites, com exceção do domingo". (MOURÃO, op. cit., p. 211-12).

[128] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata do termo de visita realizada no dia10 [ilegível] 1919*. Uberlândia, 1919. [Livro e página não identificados]. APU. CPJA. PT.
Esse horário de funcionamento do Colégio Amor às Letras aproximava-se daquele estipulado pela aludida reforma realizada no ensino durante o governo de Júlio Bueno Brandão. De acordo o texto da lei, o início das aulas deveria se dar às 11h. e o término às 15h. (MOURÃO, op. cit., p. 199).

[129] "'Cada período de 10 ou 25 minutos, de acordo com o estado brasileiro, correspondia a uma aula e, portanto, a um exercício. Aproximadamente a cada três aulas, efetuava-se uma pausa de 10 minutos, quando os alunos marchavam no interior da sala. No meio do dia, fazia-se um recreio com duração de 30 minutos". (FARIA FILHO, L. M. de; VIDAL, D. G., op. cit., p. 25).

manhã, estudavam os alunos mais adiantados e, no da tarde, aqueles que se encontravam mais atrasados.[130] No entanto, a documentação consultada não fornece esse grau de detalhamento.

Em relação ao curso noturno existente no *Colégio Amor às Letras*, o seu funcionamento ocorreu no período de 1924 a março de 1927 e era gerido pelo poder público municipal (daí a escola ser denominada *Escola Municipal de Uberabinha* – noturna), conforme atestam os termos de visitas elaborados pelo inspetor municipal de ensino.[131] Na escola noturna, havia apenas um professor para atender a todas as "séries", o denominado professor polivalente.[132] Durante o ano de 1924, essa escola foi regida pela professora Alice Paes e, nos anos de 1925, 1926 e início de 1927, assumiu a regência o próprio professor Arantes.

No que diz respeito à quantidade de alunos, os dados revelam que, embora não contando com prédio próprio, funcionando, portanto, na residência de Arantes, a escola possuía um número razoável de alunos para uma cidade que, além de localizar-se no interior do estado, distante, pois, da capital e de outros grandes centros, tinha dimensões reduzidas, com uma população estimada em apenas 5.453 habitantes no ano de 1920, 6.783 habitantes em 1925 e 9.560 habitantes em 1932.[133]

Segundo documento da inspetoria de ensino, 47 alunos concluíram seus cursos ao término do ano de 1926, pois este foi o número daqueles que realizaram as provas dos exames finais.[134] Em dois anos posteriores, os termos de visitas elaborados pelos inspetores de ensino forneceram

---

[130] ARANTES, D., 2000, op. cit.

[131] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Atas dos* t*ermos de visitas realizadas nos dias 29 jan.1924; 18 fev. 1924; 25 mar. 1924; 02 maio 1924; 16 jun. 1924; 12 ago. 1924; 26 ago. 1924; 17 set. 1924; 27 set. 1924; 15 out. 1924; 10 fev. 1925; 24 mar. 1925; 27 abr. 1925; 22 maio 1925; 27 jun. 1925; 23 jul. 1925; 27 jul. 1925; 28 ago. 1925; 29 set. 1925; 29 out. 1925; 30 nov. 1925; 23 fev. 1926; 25 mar. 1926; 27 mar. 1926; 28 maio 1926; 19 jun. 1926; 28 jul. 1926; 12 ago. 1926; 23 set. 1926; 28 out. 1926; 25 fev. 1927; 31 mar. 1927.* Uberlândia, 1924-1927. [Livros e páginas não identificados]. APU. CPJA. PT.

[132] O regulamento da reforma de Júlio Bueno Brandão traçou as normas para o funcionamento desses cursos noturnos. A partir dessa reforma, ficou estabelecido que as escolas noturnas seriam destinadas a adolescentes, ou mesmo a adultos, que, em virtude de trabalhar durante o dia, ficavam impossibilitados de freqüentar cursos diurnos. "Os seus programas, aprovados conjuntamente com os dos grupos escolares e das escolas singulares, nada tinham, talvez, de específico, para a finalidade. O regime desses cursos noturnos era o das escolas singulares, com quatro classes, que estudavam ao mesmo tempo, cabendo aso professor, pela divisão das tarefas, mantê-las todas em atividade ao mesmo tempo. As matérias de ensino eram: Língua Pátria, Aritmética, Geografia, Geometria e Desenho, Lições de Coisas. As lições eram dadas apenas em 3 horas, todas as noites, com exceção do domingo". (MOURÃO, op. cit., p. 211-212).

[133] FLEURY, Othon. Efetivo predial e população da cidade de Uberlândia. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 4, p. 27, jul. 1939. APU. CPJA.

[134] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata de exame realizado no dia 19 nov. 1926*. Uberabinha, 1926. [Livro não identificado], p. 30. APU. CPJA. PT.

dados mais precisos e, por intermédio deles, ficamos sabendo que, em 1928, existiam 119 matriculados na referida escola e, um ano depois, em 1929, o número de matrículas decresceu, atingindo um total de 80 alunos.[135] No entanto, ainda assim, a referida escola continuou sendo caracterizada por contar com uma freqüência regular, apresentando números semelhantes aos de outras instituições particulares de ensino primário existentes em Uberlândia no início da década de 1930, como, por exemplo, o Colégio São José, que possuía, no mesmo período, 72 alunos matriculados, e o Lyceu, que contava com 67 alunos.[136]

Com relação à freqüência no curso noturno, observamos que, no ano de 1924, foi grande a evasão escolar, haja vista que a média de alunos presentes nos primeiros meses de 1924, para uma matrícula de 62 pessoas, girava em torno de aproximadamente 30 alunos. Ao se aproximar o final do mesmo ano, a situação agravou-se, tornando-se, inclusive, mais severas as críticas do inspetor, pois, em visita à escola no dia 27 de setembro de 1924, ele verificou a presença de apenas 9 alunos.[137] Em outubro do mesmo ano, após examinar a freqüência e constatar uma queda no seu índice para apenas 13 alunos, quando já havia sido registrada, em meses anteriores, a presença de 30 alunos, o inspetor decretou o fechamento da escola a partir do semestre subseqüente, seguido de uma nota de protesto pela falta de interesse da comunidade estudantil em prestigiar o empenho com que o poder público municipal vinha investindo na educação escolar.

> *Verifiquei a presença de dezenove alunos; depois de alguns meses, é a primeira vez que encontro tantos alunos nesta Escola Noturna. Em vista pois da falta de freqüência, e por ordem do sr. Agente Executivo, declaro [ilegível] esta escola noturna a partir do dia primeiro de novembro próximo; pois não é possível que a tantos esforços da Câmara em beneficiar a população desta cidade, mormente empregando todos os meios para acabar com os analfabetos, não saibam os alunos corresponder aos empenhos da Câmara.*[138]

---

[135] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata do termo de visita realizada no dia 25 set. 1928*. Uberlândia, 1928. [Livro não identificado], p. 31. APU. CPJA. PT. / UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata do termo de visita realizada no dia 30 abr. 1929*. Uberlândia, 1929. [Livro e página não identificados]. APU. CPJA. PT.

[136] A VIDA escolar em Uberlândia. *A Tribuna,* Uberlândia, não paginado, 11 maio 1930. APU. CPJA.

[137] Conforme seu relatório, nos dias anteriores, os números tinham sido respectivamente: "dia 18, quatorze alunos; dia 19, quinze alunos; dia 20, a professora não deu aula por não terem vindo os alunos; (...) dia 22, quinze alunos; dia 23, dezessete alunos; dia 24, treze alunos; dia 25, quatorze alunos; dia 26, dezesseis alunos; dia 27, nove alunos; tudo isto denota má vontade dos alunos para o estudo". (UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata do termo de visita realizada no dia 27 set. 1924*. Uberlândia, 1924. [Livro e página não identificados]. APU. CPJA. PT).

[138] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata do termo de visita realizada no dia 31 out. 1924*. Uberabinha, 1924. [Livro e página não identificados]. APU. CPJA. PT.

A baixa freqüência registrada entre os alunos era um problema recorrente nas escolas durante as primeiras décadas do século XIX e não se restringia às escolas instaladas em Uberlândia, mas, ao contrário, perpassava quase todo o país, conforme atestam Faria Filho e Vidal: *"A freqüência, por sinal, se ao longo do ano era pura 'fantasia' para alguns, (...), em meses como dezembro, mês de festas, era mais fantasiosa ainda. Mas contra isso muito pouco pôde fazer a escola, que, paulatinamente, foi deixando de funcionar no último mês do ano"*.[139] No caso específico dos cursos noturnos, a legislação mineira estipulava um total mínimo de 30 alunos para manter tais escolas.[140]

Mas, a despeito dos números em decréscimo e da declaração do inspetor de ensino, a sala noturna instalada nas dependências do *Colégio Amor às Letras* não interrompeu o funcionamento nos anos seguintes, sendo que uma das únicas mudanças registradas ocorreu no corpo docente, pois, após o encerramento do ano letivo em 1925 até 1927, o professor Arantes ocupou o lugar da regente Alice Paes. Durante esse período, parece ter ficado resolvido o problema da freqüência dos alunos às aulas do referido curso, haja vista que a média de comparecimento durante o ano girou em torno de 24 alunos (a matrícula registrada era de aproximadamente 35 alunos).

Esse número deve ter satisfeito às expectativas do inspetor, pois, em seus relatórios, deixou de anotar as preocupações oriundas da evasão e durante todo o ano, ainda que não fornecesse dados relativos ao programa de ensino ministrado, ressaltava o bom aproveitamento dos alunos, assim como a dedicação do professor Arantes. Em uma de suas visitas, registrou a seguinte observação:

> *Desta vez, como das demais, encontrei o professor em seus afazer de lecionar e notei a grande atenção que lhe prestavam os alunos, bem como o estado de adiantamento de todos eles. O ensino está bem desenvolvido pelo professor, o que indica que os alunos estão em adiantamento.*[141]

Conforme se depreende dos relatórios, a situação da escola manteve-se estável durante todo o ano de 1925 e também 1926. Ao final deste período, a freqüência não tinha decrescido, e o inspetor ainda demonstrava grande entusiasmo com o trabalho do professor Arantes e, por

[139] FARIA FILHO, L. M. de; VIDAL, D. G. op. cit., p. 27.
[140] MOURÃO, op. cit., p. 212.
[141] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata do termo de visita realizada no dia 22 maio 1925*. Uberabinha, 1925. [Livro e página não identificados]. APU. CPJA. PT.

conseguinte, com o aproveitamento satisfatório apresentado pelos alunos, fato que poderia resultar em um bom desempenho nos exames finais, cumprindo, assim, o objetivo da administração escolar. Segundo seu relatório: *"...tive a oportunidade de verificar o adiantamento dos alunos, devido aos esforços do professor, o que denota haverá bons resultados nos exames finais; (...), pois, o professor trabalha com afinco e se esmera em ensinar"*.[142]

Conquanto destinado a alunos dos dois sexos, predominava no *Colégio Amor às Letras* a matrícula de meninos. Do total de 80 alunos registrados naquela escola em 1929, 60 eram do sexo masculino e apenas 11 do sexo feminino.[143] Em 1930, embora tenha diminuído o total de alunos matriculados, observou-se a mesma predominância do sexo masculino, que somava 51 alunos, para apenas 9 do sexo feminino.[144] O número maior de matrícula de alunos pertencentes ao sexo masculino constituía-se em uma característica das instituições escolares noturnas espalhadas por todo o país, sobretudo, aquelas que ofereciam os cursos técnicos. A própria legislação que regulamentava o ensino no estado de Minas Gerais estabelecia que esses cursos noturnos destinavam-se à população masculina, com idade oscilando entre 16 a 40 anos, que não havia freqüentado a escola durante a infância.[145]

Esse predomínio de alunos do sexo masculino revelava aspectos da herança colonial de alfabetização dos meninos em detrimento da escolarização das meninas ressaltada por Ribeiro ao estudar a questão da escolarização feminina durante o período colonial.[146] É claro, no entanto, que, passados mais de duzentos anos de colonização, a realidade havia se modificado, e as mulheres já vinham, há algum tempo, sendo alfabetizadas, especialmente nas escolas de curso Normal, mas, não obstante esse fato, não se verificou em Uberlândia uma mudança radical no perfil da escolarização no tocante à matrícula por sexo. Ao contrário, percebemos que, na cidade, a tendência de masculinização do ensino escolar continuou se processando nos cursos

---

[142] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata do termo de visita realizada no dia 23 set. 1926*. Uberabinha, 1926. [Livro e página não identificados]. APU. CPJA. PT.
[143] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata do termo de visita realizada no dia 30 abr. 1928*. Uberabinha, 1928. [Livro e página não identificados]. APU. CPJA. PT. O documento consultado apresenta um problema relacionado ao número total de alunos, pois somando os 60 meninos com as 11 meninas não se atinge o total de 80 alunos. No entanto, esta Ata foi indicada como fonte por fornecer, ainda que de forma imprecisa, um quadro relativo à questão de gênero existente no ambiente escolar de um dos colégios instalados na cidade de Uberlândia na década de 1920.
[144] A VIDA escolar em Uberlândia, op. cit.
[145] MOURÃO, op. cit., p. 195; 212.
[146] RIBEIRO, Arilda Ines M. Mulheres educadas na Colônia. In: LOPES, Eliane M. T.; FARIA FILHO, Luciano M.; VEIGA, Cynthia G. (orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 78.

preparatórios para as atividades agrícolas e/ou comerciais até as primeiras décadas do século XX, quando predominavam alunos do sexo masculino. Esse era, por exemplo, o caso *Lyceu de Uberlândia*, que, no ano de 1930, dos 67 alunos matriculados 63 eram do sexo masculino e apenas 4 do feminino.[147]

No que concerne ao currículo do curso diurno oferecido pelo *Colégio Amor às Letras,* a documentação não traz detalhes acerca do elenco de disciplinas existentes. Por exemplo, com relação ao primeiro ano, o documento refere-se apenas à existência de Aritmética. No entanto, outras disciplinas deveriam ser obrigatoriamente ministradas, uma vez que a reforma estadual, implementada na educação em Minas Gerais no ano de 1906, prescrevia para o programa de ensino primário as seguintes disciplinas: Leitura, Escrita, Língua Pátria, Aritmética, Geografia, História do Brasil, Instrução Moral e Cívica, Geometria e Desenho, História Natural, Física e Higiene, Trabalhos Manuais e Exercícios Físicos.[148] Com relação ao segundo ano, o livro de ata em que se registrou o termo de visita forneceu mais detalhes, e verificamos que constavam as seguintes disciplinas: Francês, Aritmética, Geometria Prática, Geografia, História Natural e do Brasil.[149]

Não podemos afirmar se todas as disciplinas estavam incluídas no programa desenvolvido no *Colégio Amor às Letras*, mas a consulta a uma das peças de teatro escrita por Arantes e denominada O pimenta, publicada na revista *Uberlândia Ilustrada*, possibilitou, ainda que hipoteticamente, deduzir parte do elenco de disciplinas adotadas. Essa peça tem como tema a escola, e, pelo diálogo travado entre duas personagens que representam papéis de estudantes, é

[147] A VIDA escolar em Uberlândia, op. cit.
Deve-se, no entanto, observar que nas escolas primárias de Uberlândia esta estatística invertia-se, conforme atestam os dados apresentados a seguir.

ESTATÍSTICA DE MATRÍCULA POR SEXO

Estabelecimento	Sexo masculino	Sexo feminino	Total de matriculados
Escola Normal	50	150	200
Externato Dr. Duarte	50	70	120
Colégio São José	28	44	72
Escola Ruy Barbosa	10	08	18
Grupo Escolar Bueno Brandão	550	580	1.130
Sub – Total	**688**	**852**	**1.540**

FONTE: A VIDA escolar em Uberlândia, op. cit.

[148] FARIA FILHO, Luciano M. de; VAGO, Tarcísio M. Entre relógios e tradições: elementos para uma história do processo de escolarização em Minas Gerais. In: VIDAL, Diana G.; HILSDORF, Maria Lúcia S. *Brasil 500 anos*: Tópicas em História da Educação. São Paulo: EDUSP, 2001, p. 124.

[149] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal, 10 [ilegível] 1919, op. cit.

possível apreender algumas das características do currículo vigente nos estabelecimentos de ensino primário antes de 1940: Língua Pátria, Geografia Geral, História do Brasil, Aritmética e Desenho.[150] Porém, não é possível afirmar em que séries eram ministradas essas disciplinas e nem se elas faziam parte da grade curricular do *Colégio Amor às Letras*. No entanto, como a peça foi escrita pelo proprietário daquela escola, não seria exagero pressupor a correspondência curricular existente entre a referência literária e a realidade escolar em questão.

Ademais, essa grade curricular constante da peça *O pimenta* aproxima-se muito daquela estipulada em 1892 pela Reforma Afonso Pena para as escolas urbanas em Minas Gerais, que deveria compreender: Leitura, Escrita, Língua Pátria, Aritmética, Instrução Moral e Cívica, Noções de Agricultura; Higiene, Trabalhos de Agulha (apenas para o sexo feminino), Geografia (Geral, do Brasil e do estado de Minas), História de Minas, Ciências Físicas e Naturais.[151] Esse elenco de disciplinas também se correlaciona com aquele que passou a vigorar a partir de 1892 nas escolas preliminares do estado de São Paulo. Segundo Souza, as disciplinas estabelecidas para o curso primário, a partir de então, possuíam um caráter marcadamente científico e uma boa dosagem de conteúdo moral.[152]

No curso noturno, eram oferecidas as seguintes disciplinas aos alunos do primeiro ano: Leitura, Escrita, Língua Pátria, Aritmética e Educação Moral e Cívica. No segundo e terceiro anos, essa lista ampliava-se: Leitura, Escrita, Língua Pátria, Aritmética e Geografia eram aquelas oferecidas no segundo ano, e, no terceiro, os alunos tinham Leitura, Escrita, Língua Pátria, Aritmética, Geografia, História do Brasil e Agricultura.

Não encontramos registro, seja em diários seja em relatórios, que nos permitissem aferir quais eram os conteúdos trabalhados naquelas disciplinas oferecidas ao longo do período em que a referida escola esteve em atividade. Entretanto, analisando alguns exames aplicados aos alunos na primeira, segunda e terceira séries no final de 1925[153] — ano em que o professor Arantes assumiu a regência da classe noturna —, constatamos que, pelo menos naquele período, os conteúdos avaliados nas disciplinas buscavam uma aproximação com a realidade dos alunos, em

[150] DALBAS JUNIOR. O pimenta. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 6, p. 31, jul. 1940. APU. CPJA.
[151] MOURÃO, op. cit., p. 28.
[152] SOUZA apud: FARIA FILHO; VIDAL, op. cit., p. 27.
[153] Anexo I. Inventário da Coleção Professor Jerônimo Arantes. Arquivo Público.

geral, oriundos da classe trabalhadora, conforme um artigo de jornal publicado na década de 1920 a propósito do início das aulas noturnas da escola municipal. O referido texto, ao convidar a população a se matricular, mencionou a origem social de alguns alunos a quem se destinava a escola noturna: *"É necessário que a classe caixeral, os operários, os carroceiros, os empregados municipais ou de fábrica, todos, enfim, se capacitem ..."*.[154] Além desse documento, em alguns termos de visita do *Colégio Amor às Letras,* há menções acerca da origem social desses alunos que possibilitam inferir que eram, na sua maioria, trabalhadores. Há, por exemplo, uma referência ao fato de os alunos se atrasarem para as aulas em virtude de estas se iniciarem às 18h, quando muitos deles ainda estavam saindo do trabalho.

Não foi possível apreender o conteúdo que era exigido em Leitura nas três séries, pois, nos exames, consta apenas a média obtida pelo aluno.[155] A Escrita constava de um pequeno ditado no primeiro e no terceiro ano; no segundo, era exigido do aluno copiar três frases que já vinham impressas no exame.[156] No que se refere à Língua Pátria, era solicitado aos alunos do primeiro ano formar sentenças com alguns substantivos; no segundo ano, pedia-se para escrever corretamente uma frase repleta de erros, localizando os verbos e os substantivos; para o terceiro ano, aumentava-se o grau de dificuldade, pois, além de corrigir uma frase, os alunos deveriam redigir um recibo, um requerimento e também uma carta.

O conteúdo do exame de Aritmética revela uma diferença em grau e em gênero entre as três séries, pois, além de uma crescente dificuldade nas perguntas, verifica-se uma diferença no conteúdo avaliado. No primeiro ano os alunos deveriam responder aos problemas empregando as duas operações matemáticas mais elementares: adição e subtração. Exigia-se-lhes também que transformassem em algarismos arábicos os números escritos por extenso. Os alunos do segundo ano deveriam converter em romanos os algarismos arábicos; resolver problemas empregando as

---

[154] A ESCOLA municipal. *A Tribuna*, Uberabinha, não paginado, 29 jul. 1923. APU. CPJA.

[155] No ano de 1925, entraram em vigor algumas instruções (aprovadas pelo Decreto 6758 de 1 de janeiro de 1925) visando à organização dos programas de ensino a ser aplicados pelos grupos escolares e demais escolas primárias do estado de Minas Gerais. No Anexo II (Programa Proposto para Leitura nas Escolas Primárias do Estado de Minas Gerais), encontra-se o detalhamento das atividades propostas no programa de Leitura e que, possivelmente, eram contempladas por Arantes em sua Escola.

[156] Tanto o conteúdo ministrado em Leitura quanto aquele abordado pela Escrita passaram por transformações a partir das décadas de 1920 e 1930, com o advento das mudanças engendradas pelos educadores ligados ao movimento da Escola Nova. Conforme salienta Vidal: "Da mesma maneira que a escrita, a escolarização da leitura repousou num movimento de impregnação das práticas culturais e sociais historicamente constituídas". (VIDAL, Diana Gonçalves. Escola Nova e processo educativo: In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 504).

operações de multiplicação e divisão e, por fim, calcular as horas indicadas na questão. No terceiro ano, avaliavam-se noções relativas ao sistema métrico, capacidade de cálculo de porcentagem e juros.

As provas de Geografia aplicadas ao segundo e terceiro anos e a de História cobrada no terceiro ano também revelam a preocupação em oferecer aos alunos um ensino prático, voltado para as suas necessidades cotidianas. Pois, em ambas as disciplinas, cobravam-se conhecimentos relativos ao relevo do Estado de Minas e do município de Uberlândia, assim como dados histórico/políticos das mesmas localidades. No segundo e terceiro anos, por exemplo, as questões da prova de Geografia abrangiam os seguintes aspectos:

> *1. Qual a posição do prédio escolar em relação à cidade de Uberlândia? 2. Qual a posição dos rios e córregos em relação ao prédio escolar? (...) 4. Quais as estradas para a sede do município e para os municípios vizinhos?* [157]
> *8. Qual a população do Brasil? 9. Qual a de Minas? 10. Qual a do município de Uberabinha? 11. Qual a da cidade de Uberabinha? 14. (...) Contorno de Uberabinha com o nome dos Municípios limítrofes e os três grandes rios do Município; a posição da escola e a da sede do município com a estrada publica para esta?* [158]

O conteúdo do exame de Educação Moral e Cívica, avaliado no primeiro ano, girava em torno dos "deveres dos homens", tais como deveres dos filhos para com os pais, dos homens entre si, dos cidadãos para com a pátria e dos alunos para com o professor. No terceiro ano, essa disciplina foi substituída por História e, novamente, da mesma forma que se dera na prova de Geografia, o conteúdo apresentava, ao lado das questões de abrangência nacional, outras relacionadas à história local, como, por exemplo: *"Como é constituído o governo municipal? De quantos membros consta? Quem exerce o poder executivo? Quem exerce o poder legislativo? Quem é o atual Agente Executivo?"*.[159]

No terceiro ano, os alunos também deveriam responder a questões relativas a um conteúdo voltado para a Agricultura. Estas também eram direcionadas para as necessidades mais cotidianas de uma população cuja atividade de subsistência ainda era predominantemente caracterizada pelo trabalho agrícola. Nesse sentido, algumas perguntas referiam-se ao período de

---

[157] UBERABINHA. Prefeitura Municipal. Escola Municipal de Uberabinha (noturna). *Provas de exame do aluno - 2º. Ano*. Uberabinha, dez. 1925. APU. CPJA. PT.
[158] UBERABINHA. Prefeitura Municipal. Escola Municipal de Uberabinha (noturna). *Provas de exame do aluno - 3º. Ano*. Uberabinha, dez. 1925. APU. CPJA. PT.
[159] UBERABINHA, *2º. Ano,* dez. 1925, op. cit.

plantio e colheita do feijão, milho, arroz, cana-de-açúcar, batata, mandioca, algodão. Outras abordavam aspectos ligados à agropecuária, tais como: local onde se criavam aves, gado bovino, suíno, caprino e outros. Por fim, no exame de Agricultura, havia também um terceiro grupo de perguntas que incidiam sobre a economia do município, por meio das quais se exploravam noções de exportação, importação e indagava-se acerca dos países com os quais o Brasil mantinha comércio.[160]

Em síntese, pode-se apreender que, conforme divulgava o folder da escola noturna, os conteúdos avaliados nas três séries, referentes ao conjunto de disciplinas supra mencionado, apresentavam uma preocupação em explorar os temas trabalhados durante as aulas, tendo em vista aproximá-los da realidade que parecia ser aquela vivenciada pelos alunos. Nesse sentido, a história do Município, assim como suas características político-geográficas, estava presente em todos os exames de História e Geografia. Da mesma forma, o enunciado dos problemas avaliados em Matemática referia-se a situações próximas daquelas que povoavam o dia-a-dia dos habitantes da pequena Uberlândia.

Os conteúdos abordados nessas avaliações, elaboradas e aplicadas por Arantes, relacionam-se com a renovação curricular contida nas instruções para execução dos programas de ensino primário elaboradas em Minas durante o governo de Melo Viana e aprovadas e implementadas pelo Decreto n°. 6758, de 1 de janeiro de 1925.

Essas instruções, por sua vez, parecem fundamentar-se em uma proposta de reforma curricular de âmbito nacional que lhe foi bem anterior, qual seja, os "Pareceres de Rui Barbosa acerca da Reforma do Ensino Primário e das Várias Instituições Complementares da Instrução Pública", elaborados em 1883. Souza localiza, nesse documento, uma das referências para se refletir sobre as propostas curriculares alternativas ao ensino literário predominante nos meios educacionais brasileiros no final do século XIX e a adoção de conteúdos que se harmonizassem com as necessidades educacionais existentes entre as camadas populares.[161]

---

[160] UBERABINHA, *3º. Ano,* dez. 1925, op. cit.

[161] Deve-se ressaltar que: "A ampliação do programa com a introdução de novos saberes objetivando desenvolver a educação física, intelectual e moral significou para as camadas populares maiores oportunidades de acesso à cultura. No entanto, esse saber enciclopédico sumário tinha um caráter de classe e compreendia a cultura disponibilizada para a instrução popular". (SOUZA, Rosa F. de. Inovação educacional no século XIX: A construção do currículo da escola primária no Brasil. *Cadernos Cedes*, São Paulo, n. 51, p. 24, nov. 2000).

O possível diálogo entre o conteúdo das provas aplicadas no *Colégio Amor às Letras* e as propostas que fazem parte do referido parecer evidencia-se em todas as disciplinas avaliadas. Segundo Souza, dentre outras questões, os Pareceres de Rui Barbosa continham uma proposição de que o ensino de História deveria se deter nos aspectos relacionados à história local, com ênfase na pátria. No caso da Geografia, por exemplo, o parecer sugeria que o conhecimento deveria partir daquilo que estava mais próximo do aluno – a escola, o bairro etc. – para, depois, ampliar o seu raio de visão, oferecendo-lhe informações acerca do que se encontrava mais afastado. Havia, inclusive, como complemento de ambas as disciplinas, propostas para ministrar rudimentos de Economia Política, cujo conteúdo deveria abranger noções relativas à riqueza, sua produção, distribuição e demais características. Da mesma forma, os conteúdos avaliados por Arantes no que diz respeito ao ensino da Educação Moral e Cívica também podem ser cotejados com as propostas constantes no referido Parecer. Essas propostas alertavam o professor para o fato de que essa disciplina deveria possibilitar:

> *...desenvolver sentimentos e hábitos, cultivar valores morais desejáveis, tais como: respeito à ordem, disciplina, abnegação, tolerância, amor ao dever, apreço ao trabalho, frugalidade, o bom emprego do tempo, probidade, sinceridade, autocontrole, decência, lealdade, caridade, amor à pátria*.[162]

Um dos desdobramentos dessa renovação curricular proposta por Rui Barbosa pode ser localizado na tentativa de regionalização do ensino. Segundo Nagle, durante a primeira República, circulou, nos meios educacionais brasileiros, um conjunto de orientações de reformulação curricular que ficou conhecido como regionalização do ensino. Na sua base, situava-se a preocupação em diversificar a escola com vistas a atender as particularidades regionais, tornando o ensino mais dinâmico, "mais vivo". Para tanto, fazia-se necessário ministrar conteúdos que tivessem aproximação tanto com as experiências vivenciadas pelas crianças quanto com a realidade sócio-cultural do meio social mais imediato.[163]

Nesse sentido, ao incluir as questões relativas à história local, ao relevo da região e aos aspectos políticos locais, as avaliações aplicadas no *Colégio Amor às Letras* demonstram uma certa familiaridade tanto com a proposta de Rui Barbosa quanto com os seus desdobramentos, que se consubstanciaram nos preceitos da regionalização do ensino e nos programas curriculares

[162] SOUZA, R. F. de, op. cit., p. 24.
[163] NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade* na primeira República. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 302.

defendidos pelos renovadores do ensino, a partir das décadas de 1920 e 1930, pois, ao contrário do que convencionou uma dada vertente de análise acerca dos pressupostos da Escola Nova, este movimento não pode ser confundido com um predomínio da Psicologia e com o conseqüente emprego de seus conceitos em detrimento de preocupações acerca dos programas curriculares.[164]

Na sua escola, além daquelas disciplinas, o professor Arantes proporcionava aos alunos uma iniciação ao teatro, pois escrevia textos para serem encenados por eles, sob a sua direção. Parece que valorizava sobremaneira essa arte, apostando nos seus frutos não apenas como mais um recurso didático, mas também como possibilidade de formação para os alunos que a experimentavam, conforme se depreende de uma das lições referentes ao teatro infantil presentes no livro *Minha escola modelo*, no qual salienta que: "A diretora diz sempre, que o teatro é também uma escola onde muito se aprende".[165]

Segundo Delvar Arantes, na escola de seu pai, os teatros — ou "teatrinhos", como ele denominou — eram realizados, principalmente, nos cursos noturnos, pois estes eram freqüentados por alunos adultos, na sua maioria, trabalhadores, que precisavam de muito, muito estímulo para permanecerem na sala de aula depois de um longo e estafante dia de trabalho. Parece que essa estratégia didática era mesmo eficaz para cativar os estudantes, pois mesmo após deixarem o curso noturno, alguns egressos da escola de Arantes ainda continuavam atuando nas peças montadas pelo ex-professor.[166]

Alguns anos depois de ter fechado a sua escola, Arantes ainda apreciava esse tipo de trabalho como recurso pedagógico, pois, em 1949, quando já era chefe do Serviço de Educação e Saúde do Município, ao inspecionar a realização dos exames finais na Escola Pública Municipal de Dourados (zona rural), registrou em ata as atividades desenvolvidas naquele dia e ressaltou a representação de algumas cenas teatrais pelos alunos: "Em complemento aos trabalhos foi

---

[164] De acordo com a análise efetuada por Cunha: "A Psicologia, embora uma das ciências básicas da Escola Nova, (...) não constitui, isoladamente das ciências sociais, o cerne do pensamento escolanovista. A Psicologia fornece os meios necessários para que a escola renovada investigue melhor as características infantis e seja um local capaz de realizar plenamente os atributos de cada indivíduo. Mas a investigação desses atributos e o respeito à personalidade e ao pleno desenvolvimento da criança não são tidos como fins em si, mas sim como instrumentos para a construção de um projeto de sociedade. É de modo coerente com esse pensamento que os escolanovistas se recusam a colocar em plano secundário os conteúdos das matérias, contidos nos programas de ensino". (CUNHA, Marcus Vinicius da. *A educação dos educadores*. Da Escola Nova à escola de hoje. Campinas: Mercado de Letras, 1995, p. 41).
[165] ARANTES, J. *Minha escola modelo*. Uberlândia: Livraria Kosmos, 1938d, p. 20. Acervo Delvar Arantes.
[166] ARANTES, D., 2001, op. cit.

representado pelo conjunto das classes um variado programa de poesias e cenas diversas com bastante conhecimento por parte dos alunos da difícil arte do teatro".[167]

Ao que indica o livro *Minha escola modelo*, o conteúdo das peças encenadas deveria ter um objetivo pedagógico, tratando sempre de assuntos de conotação moral e instrutiva.[168] Não encontramos registros que informassem quais eram os textos encenados pelos alunos no *Colégio Amor às Letras*; contudo, nas revistas *Triângulo de Minas* e *Uberlândia Ilustrada,* foram publicadas três peças de autoria de Arantes, por meio das quais é possível apreender algumas das temáticas abordadas, e uma vez que eram mencionadas como proposta de conteúdo curricular, a compreensão delas é relevante para se aproximar dos pressupostos de ensino e de sociedade subjacentes ao pensamento de Arantes.[169]

A temática da primeira peça, denominada *Comédia em um ato*, incidia sobre os preparativos para uma dupla comemoração: festa de aniversário e de núpcias. Desejando uma recepção com muito estilo, a anfitriã resolveu substituir os serviços de sua criada, de origem rural e muito simples, pelo de uma governanta habilitada para tal fim. A partir daí, vão se desenrolar os conflitos entre os hábitos urbanos e refinados presentes no comportamento da governanta bem como no da patroa e os costumes rurais e grosseiros da criada.[170]

A segunda peça, *O Pimenta,* consiste em uma comédia infantil e aborda uma situação vivenciada por dois estudantes, em véspera de exames escolares, envoltos com as peraltices de um criado da casa, de cor negra, analfabeto e muito levado. Percebendo que os primeiros estudavam para uma prova, o criado se põe a fazer estrepolias de forma a desconcentrá-los e impedir que se preparassem para o exame do dia seguinte.[171]

---

[167] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata de exames realizados no dia 19 out. 1949*. Uberlândia, 1949. Livro 101, p. 27. APU. ARE.
[168] ARANTES, J., 1938d, op. cit., p. 20.
[169] Conforme ressaltaram Antônio F. Moreira e Tomaz T. da Silva: "O currículo não é um elemento inocente e neutro de transmissão desinteressada do conhecimento social. O currículo está implicado em relações de poder, o currículo transmite visões sociais particulares e interessadas, o currículo produz identidades individuais e sociais particulares. O currículo não é um elemento transcendente e atemporal — ele tem uma história, vinculada a formas específicas e contingentes de organização da sociedade e da educação". (MOREIRA, Antônio Flávio B.; SILVA Tomaz T. da. Sociologia e teoria crítica do currículo: uma introdução. In: MOREIRA, A. F. B.; SILVA T. T. da (Orgs.). *Currículo, cultura e sociedade*. São Paulo: Cortez, 2002, p. 7-8).
[170] ARANTES, J. Comédia em um ato. *Triângulo de Minas*, Uberlândia, n. 2, não paginado, jun. 1935. APU. CPJA.
[171] DALBAS JUNIOR, jul. 1940, op. cit.

E, por fim, a terceira peça, intitulada *O casamento do Tião*, tem como enredo a cerimônia de matrimônio — realizada no civil — de um casal de origem do meio rural. A situação retratada na peça aborda o constrangimento deste casal, de costumes toscos e vocabulário parco, frente à polidez inerente ao comportamento do juiz de paz que realizava a cerimônia de casamento de ambos. Este era, aos olhos dos camponeses, educado e excessivamente formal.[172]

Embora abordando situações diferenciadas, as três peças apresentam em comum o fato de trabalhar com polarizações por meio da oposição entre o campo e a cidade, assim como de personagens urbanos contrastados com outros de vida e hábitos rurais. Nas duas últimas peças, essa dualidade é acrescida de uma outra dicotomia, a saber, ilustração em oposição à falta de estudos e, por conseguinte, autoridade decorrente da posse do saber versus submissão oriunda da ignorância acerca dos conhecimentos escolares. Essas dicotomias são mostradas de forma bem caricatas, presentes não apenas na descrição das personagens, mas ressaltadas, particularmente, no vocabulário caipira que algumas dessas empregam, por meio do qual se percebe a sua origem rural.

Guardadas as devidas particularidades, o emprego feito por Arantes de alguns aspectos da cultura popular — expressa, no caso em questão, pela preservação do vocabulário sertanejo na fala de suas personagens — remete às considerações feitas por Giroux e Simon a propósito da inclusão de traços dessa mesma cultura no programa das escolas norte-americanas. Segundo eles: *"...historicamente, as formas de escolarização regulamentadas pelo Estado têm enxergado a cultura popular (...) [como] algo a ser ocasionalmente explorado como tática circunstancial de motivação, para aumentar o interesse do aluno por determinada lição ou disciplina"*.[173]

Outra atividade desenvolvida por Arantes, em suas aulas, referia-se ao emprego de algumas estratégias com a finalidade de construção e preservação da memória. Revelando o interesse que ele nutria pela pesquisa acerca do passado, existia, na sua escola, um museu, organizado pelos alunos sob sua orientação. Havia também uma "galeria dos homens célebres", que não era utilizada apenas como ornamento, mas, segundo o termo de visita elaborado por

---

[172] ARANTES, J. O casamento caipira. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, p. 29-32, dez. 1946. APU. CPJA.

[173] GIROUX, Henry; SIMON, Roger. Cultura popular e pedagogia crítica: a vida cotidiana como base para o conhecimento. In: MOREIRA, A. F. B.; SILVA T. T. da (Orgs.). *Currículo, cultura e sociedade*. São Paulo: Cortez, 2002, p. 104.

Alice Paes, servia também como material didático, uma vez que a referida inspetora afirmou ter interrogado os alunos a seu respeito, "obtendo dos argüidos ótimas respostas".[174]

No que concerne ao museu, o documento não traz nenhum dado que possibilite precisar quais eram as suas características. No entanto, informações de depoentes, bem como a data constante em alguns documentos depositados no acervo colecionado por Arantes, permitem inferir que esse museu era constituído por jornais, revistas, fotos, mapas e, possivelmente, outros documentos relativos à história da cidade e do Brasil.

Como havia na escola noções de Ciências Naturais, infere-se que esse museu também contava com vegetação e insetos que poderiam constituir-se em objeto de estudo referente aos conteúdos daquela disciplina. A legislação educacional mineira alude ao museu de ciências naturais ao tratar do programa estipulado para o ensino primário no ano de 1906. De acordo com o Decreto 1947, de 30 de setembro de 1906, o Museu Escolar deveria inscrever-se no âmbito das disciplinas obrigatórias no ensino primário.[175] No ano seguinte, o Decreto n°. 1969, de 3 de janeiro de 1907, que aprovou o Regimento Interno dos Grupos Escolares e Escolas Isoladas no estado de Minas Gerais, regulamentou a organização desses museus, estabelecendo que eles deveriam ser de História e História Natural e também que a sua confecção, organização e manutenção deveriam ser feitas pelos alunos "mais adiantados", sob a orientação do professor, fora do horário das aulas.[176]

Ao visitar o *Colégio Amor às Letras*, uma funcionária da inspetoria do Serviço de Educação mencionou outras atividades realizadas pelo professor Arantes com os seus alunos: "São adotados os cantos escolares, ginástica e excursões".[177] Conquanto a inspetora tenha mencionado os *Cantos Escolares*, não encontramos nenhuma referência a esta atividade nos documentos consultados.

---

[174] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata do termo de visita realizada no dia 30 out. 1928*. Uberlândia, 1928. [Livro e página não identificados]. APU. CPJA. PT.

[175] Eram estipulados os seguintes critérios para o funcionamento desses museus: "No ensino de Geografia, História do Brasil, História natural, Física, etc., os professores terão, muitas vezes, necessidade de apresentar aos seus alunos, como exemplo ou provas, coisas e objetos de que trata a lição. Para isso, deverão, com o material fornecido pelo governo e com o concurso de donativos dos próprios alunos, organizar o Museu Escolar, onde poderão fazer pequenas exposições de produtos agrícolas e industriais, plantas, animais, minérios, etc., conseguindo, desse modo, um elemento dos mais importantes para o ensino intuitivo das crianças". (MOURÃO, op. cit., p. 113).

[176] MOURÃO, op. cit., p. 166.

[177] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata do termo de visita realizada no dia 25 out. 1928*. Uberlândia, 1928. [Livro e página não identificados]. APU. CPJA. PT.

No que diz respeito às aulas de Ginástica, embora na documentação pesquisada não constem informações detalhadas sobre quais eram as atividades desenvolvidas, no livro *Minha escola modelo,* Arantes menciona que, durante o recreio, os alunos faziam ginástica, e o exercício desenvolvido era pular corda. O autor descreve esta atividade de forma detalhada e ressalta, inclusive, alguns dos benefícios advindos dessa prática desportiva, a saber, "desenvolve a musculatura das pernas, auxilia as funções intestinais e agita a respiração".[178]

Desde 1912, os grupos escolares do estado de Minas contavam com um programa oficial para a prática de atividades físicas, e que não se limitava ao exercício de pular corda. As instruções para os exercícios físicos foram estipuladas naquele ano pelo Decreto 3405, que previa atividades detalhadas e progressivas para cada uma das séries do ensino primário, abrangendo tanto os grupos escolares, quanto as escolas isoladas.[179] Esses exercícios compreendiam técnicas de respiração, flexão e alongamento dos membros superiores e inferiores, assim denominados: *Forma*, *Movimento de tronco*, *Respiração*, *Movimento dos músculos*, *Mãos nos quadris*. Pelo que se depreende do seu detalhamento, a fundamentação que o orientava estava calcada nos preceitos da disciplina e do treinamento militares.

A influência do treinamento militar é explícita, especialmente, em dois dos exercícios propostos. De acordo com o programa, ambos os exercícios denominavam-se: 'Forma' e 'Marchar no mesmo lugar'. O primeiro deveria ser aplicado para as cinco séries do curso primário e logo no início das aulas. Segundo as instruções constantes do Decreto 3405 de 15 de janeiro de 1912, o exercício deveria ser executado da seguinte maneira: *"Alunos em linha, separados suficientemente para que não se toquem nos movimentos. Ficarão à vontade, espreguiçando-se, até à voz Posição! Quando se postarem (sic) em atitude militar correta"*. O outro exercício, a ser ministrado apenas no último ano do curso primário, deveria ser assim executado: *"Marchar no mesmo lugar a princípio naturalmente seguindo-se o andar mais rápido*

[178] ARANTES, J., 1938d, op. cit., p. 21.
[179] Segundo o programa, os Exercícios Físicos deveriam ser introduzidos nos cursos primários, observando os seguintes critérios: "Lições diárias, dirigidas sempre pela professora de cada classe, nos primeiros 15 minutos do intervalo de recreio, nos grupos e escolas singulares. Uma série para cada lição. Os alunos de ambos os sexos, dos quatro anos de curso, irão se exercitando progressivamente nos movimentos compreendidos em cada série e recapitularão sempre os das anteriores, até que, no quarto ano, os tenham executado todos. As recapitulações poderão ser feitas por mais de uma classe reunidas sob o comando do diretor ou de uma das professoras. Os movimentos serão comandados por contagem: um! dois! três! etc". (MOURÃO, op. cit., p. 215).

até correr, em que os alunos deverão levantar quanto possível os joelhos, fazendo todos uniformemente o mesmo movimento".[180]

Embora esse decreto regulamentasse a prática dos exercícios físicos nas escolas primárias do Estado, a documentação consultada não possibilitou apreender – além da "pista" oferecida pela literatura de Arantes – se a aula de "educação física" foi implementada no *Colégio Amor às Letras*, conforme estava previsto no programa oficial. Sabemos, apenas, que na referida escola havia ginástica, pois, conforme já mencionado, era mencionada nos relatórios das visitas realizadas pelo serviço de inspeção.

Com relação às excursões, sabe-se que foram regulamentadas pelo mesmo Decreto n°. 1969. Este documento definiu que sua realização deveria ocorrer fora do horário escolar. [181] Delvar Arantes afirmou ter acompanhado o pai nessas caminhadas educativas. Segundo ele, esses passeios eram realizados sempre aos domingos, com destino a uma região situada nas imediações da cidade, próxima ao rio Uberabinha, para onde o professor Arantes partia a pé com seus alunos. O objetivo dessas excursões era proporcionar aos estudantes noções práticas de conhecimentos científicos, notadamente daqueles referentes à área de história natural. Nessas aulas de laboratório realizadas ao ar livre, o professor, além de fornecer explicações rudimentares de botânica e entomologia, coletava todo o material que julgasse de interesse educativo, tais como folhas, cascas de árvores, borboletas, gafanhotos, lacraias e outros; em seguida, fornecia aos alunos as explicações que julgava mais importantes acerca dos vegetais e insetos recolhidos.[182]

De acordo com Souza, a inclusão da ginástica e do ensino de ciências no curso primário inscreveu-se em uma tentativa deflagrada no século XIX de substituição de uma escola tradicional, literária e clássica, por outra de caráter mais pragmático, na qual deveriam ser ministrados "conhecimentos úteis de natureza social, moral e cívica". Colocava-se, naquele momento, a urgência de adequar os conteúdos escolares à necessidade de modernização do país e também de formação das camadas populares. É, pois, nesse sentido, que assistimos à escolarização de outros saberes sociais, além daqueles já consagrados como tendo natureza escolar. Dentre os saberes que passaram a fazer parte dos programas educacionais, a autora

[180] MOURÃO, op. cit., 217-18.
[181] MOURÃO, op. cit., p. 162.
[182] ARANTES, D., 2001, op. cit.

destaca: *"...a ginástica, a música e o canto, os valores morais e cívicos, o desenho, a escrituração mercantil, o sistema de pesos e medidas, as noções de horticultura e arboricultura, os trabalhos manuais, a higiene, a puericultura, a economia doméstica, entre outros"*.[183]

Além da afinidade com esse aspecto ressaltado por Souza, as atividades extracurriculares que Arantes punha à disposição dos seus alunos parecem inscrever-se em uma perspectiva didático-pedagógica que ficou conhecida como 'método intuitivo'. Esse método foi amplamente difundido na Europa na segunda metade do século XIX e chegou ao Brasil no final do mesmo século, adentrou o XX e influenciou educadores brasileiros até os anos de 1930. Uma das principais características do método intuitivo consistia na defesa do princípio segundo o qual a aprendizagem ocorreria por meio de procedimentos naturais, e, portanto, era fundamental entender que o elementar na educação escolar residiria no processo de aprendizagem obtido por meio da relação concreta estabelecida entre o aluno e os objetos que lhe eram apresentados e não, fundamentalmente, na transmissão de conhecimentos pelo professor.[184]

Influenciados pela tradição empirista, os partidários desse deslocamento do processo de ensino para a questão da aprendizagem defendiam a observação e a intuição como elementos essenciais para assegurar a aquisição de conhecimento, daí, esse procedimento ficar conhecido como método intuitivo. Com base nesse pressuposto, a partir de 1870, alguns professores da escola primária começaram a voltar sua atenção para o aluno como sujeito do processo de escolarização, interessando-se em proporcionar-lhe atividades que garantissem uma educação dos sentidos, por meio da qual poderia ser assegurada uma aprendizagem acerca do conhecimento sensível. Para os adeptos do referido método, os elementos desencadeadores dessa educação sensível poderiam ser obtidos tanto por meio da observação e manuseio dos objetos em sala de aula quanto da natureza e dos seus fenômenos, por meio das pesquisas de campo.

Essa etapa inicial, denominada "lições das coisas", ficaria assegurada mediante a observação dos objetos existentes na escola – mesa, carteiras, porta e janelas –; exploração de mapas, gravuras impressas e também daqueles materiais trazidos de casa, tais como: lápis,

[183] SOUZA, op. cit., p. 15.
[184] RESENDE, Fernanda M. O método intuitivo em Minas Gerais na primeira república. In: LOPES, Ana A. B. de M. e outros (Orgs.). *História da Educação em Minas Gerais*. Belo Horizonte: FCH/FUMEC, 2002, p. 440.

cadernos, livros e outros; assim como por meio de passeios, excursões e demais atividades realizadas ao ar livre, fora do ambiente da sala de aula.[185]

Essa tentativa de tornar os conteúdos mais atraentes, por meio da sua aproximação com o cotidiano das crianças, começou a ser difundida no estado de Minas Gerais a partir do ano de 1911, quando foi aprovado o novo regulamento geral da instrução do Estado. Nesse documento, constavam algumas determinações que iam ao encontro dos princípios defendidos pelos entusiastas do método intuitivo, tanto no que diz respeito aos processos de ensino quanto no tocante aos recursos didáticos que deveriam ser utilizados para viabilizá-los.[186]

Na década de 1920, já havia se tornado uma prática mais ou menos empregada nos meios educacionais de Uberlândia a necessidade de superar o método tradicional, voltado apenas para as questões atinentes ao ensino, dedicando-se mais atenção aos aspectos relacionados com a aprendizagem. A revista *A Escola,* periódico idealizado e dirigido pelo professor Honório Guimarães, que circulou na cidade de Uberlândia durante a década de 1920, fornece um exemplo da questão. Segundo Araújo, um dos traços distintivos dessa revista, em relação ao pensamento educacional do período em que foi editada, incide sobre o seu "caráter inovador", uma vez que antecipou um "ideário moderno de educação", que iria começar a propagar-se no país no final da década de 1920. Um dos matizes da modernidade daquela Revista pode ser observado na defesa da pedagogia moderna em detrimento de "métodos pedagógicos antiquados", tema de vários artigos publicados em suas páginas.[187]

---

[185] FARIA FILHO, Luciano M. Instrução elementar no século XIX. In: LOPES, Eliane M. T.; FARIA FILHO, Luciano M.; VEIGA, Cynthia G. (Orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 143.

[186] Os artigos 188 e 290 do regulamento ilustram esse aspecto; o último, em particular, estabeleceu as seguintes determinações: "Art. 290: São proibidas as teorias puras e as abstrações, considerados como tais todos os conhecimentos que as crianças não puderem adquirir pela observação direta dos fatos e dos fenômenos. (...) O art. 188 do regulamento diz: São aparelhos necessários ao ensino e de que oportunamente todas as escolas serão providas: 1º. Uma bandeira nacional; 2º. Um globo terrestre; dois mapas geográficos, sendo um do Brasil e outro do Estado de Minas; 3º. Um contador mecânico e uma coleção de pesos e medidas; 4º. Sólidos e aparelhos necessários ao ensino de geometria; estojo de desenho; 5º. Instrumentos para a execução de trabalhos manuais, incluídos na classe: um sacho, uma sachola, um ancinho, um forcado, tesouras para arvores e de podar, um plantador, um desplantador, uma pá, um regador, um podão, um canivete e um ingeridor; 6º. Aparelhos para o ensino intuitivo das noções e princípios fundamentais, mais rudimentares, de física e de química; 7º. Pequenos museus ou coleções de historia natural". (RESENDE, op. cit., p. 446).

[187] ARAÚJO, José C. S. Um capítulo da veiculação da discussão educacional na imprensa do Triângulo Mineiro: a revista *A Escola* (1920 - 1921). In: ARAÚJO, J. C. S.; GATTI JÚNIOR, D. (Orgs.), op. cit, p. 125.

Gonçalves Neto, após analisar alguns aspectos relacionados à imprensa, educação e civilização em Uberlândia, nas primeiras décadas do século XX, ratifica essa análise encetada por Araújo acerca da circulação de concepções pedagógicas de feições modernizantes na cidade, antes mesmo da implantação das reformas estaduais que difundiriam o ideário escolanovista no país. Para o autor: *"... a noção de educação na Uberabinha do início do século assumia um caráter muito mais amplo que a simples instrução escolar, avançando realmente pela proposta de formação da cultura ..."*.[188]

Com efeito, nos anos posteriores essas orientações prevaleceram, uma vez que, a partir de 1920 e 1930, as propostas visando a mudanças no processo educativo, anunciadas pelos educadores envolvidos com a Escola Nova, incorporaram muitas das noções difundidas pelo método intuitivo e as reformularam, a fim de adaptá-nas ao seu programa de reforma, conforme ressaltou Vidal: *"Já no fim do século XIX, muitas das mudanças afirmadas como novidades pelo 'escolanovismo' nos anos de 1920 povoavam o imaginário da escola e eram reproduzidas, como prescrição, nos textos dos relatórios de inspetores e nos preceitos legais"*.[189] A reforma do ensino realizada durante o governo de Antônio Carlos, no ano de 1927, no estado de Minas Gerais, constitui-se um exemplo, pois a orientação para muitos dos pontos colocados em pauta fundamentava-se em alguns dos princípios da Escola Nova.

Contudo, não se pode afirmar que a Escola Nova apenas incorporou os preceitos estabelecidos pelo Método Intuitivo, pois aquele movimento apresentou pontos de afastamento em relação ao referido método. Em seu texto sobre as propostas subjacentes ao escolanovismo para a leitura e a escrita, Vidal comenta tanto a aproximação da Escola Nova com o método intuitivo quanto os deslocamentos que aquela produziu em relação a este. Segundo a autora, para a Escola Nova:

> *O trabalho individual e eficiente tornava-se a base da construção do conhecimento infantil. Devia a escola, assim, oferecer situações em que o aluno, a partir da visão (observação), mas também da ação (experimentação) pudesse elaborar seu próprio saber. Aprofundava-se aqui a viagem iniciada pelo ensino intuitivo no fim do século*

[188] GONÇALVES NETO, Wenceslau. Imprensa, civilização e educação: Uberabinha (MG) no início do século XX. In: ARAÚJO, J. C. S.; GATTI JÚNIOR, D. (Orgs.), op. cit., p. 214.
[189] Dentre as propostas, situam-se: "... a centralidade da criança nas relações de aprendizagem, o respeito às normas higiênicas na disciplinarização do corpo do aluno e de seus gestos, a cientificidade da escolarização de saberes e fazeres sociais e a exaltação do ato de observar, de intuir, na construção do conhecimento do aluno". (VIDAL, op. cit., p. 497).

> *XIX, na organização das práticas escolares. Deslocado do 'ouvir' para o 'ver', agora o ensino associava 'ver' a 'fazer'.*[190]

Embora já em processo de implantação nas escolas mineiras, muitas das orientações da Escola Nova ainda não estavam plenamente incorporadas por Arantes. Este parecia ainda mais ligado ao método intuitivo, privilegiando a observação como forma eficaz de aprendizagem, mas ainda sem relacioná-la à necessidade de construção do conhecimento pelos próprios alunos. No ano de 1938, por exemplo, quando já atuava como inspetor de ensino municipal, Arantes preocupava-se em adequar o ensino às condições dos alunos como uma das formas de assegurar-lhes – particularmente para aqueles que necessitavam dividir o tempo entre o estudo e o trabalho – uma aprendizagem mais eficaz dos conhecimentos ministrados durante as aulas. Em uma visita de inspeção realizada no Grupo Noturno Municipal, ele assim orientou a professora:

> *À professora do 4º. ano fiz ciente da maneira mais intuitiva de ensinar o ponto sobre Mares e Continentes, pelo estudo direto no mapa representando planisfério, dispensando as lições por palavras, ensino mais moroso e de menos resultado prático, mormente para adultos que não dispõem de tempo para consultar compêndios para um estudo mais detalhado.* [191]

Nos livros escolares que escreveu, Arantes também sugeriu o emprego de alguns dos preceitos difundidos pelo método intuitivo como estratégia de ensino e aprendizagem. Em *Minha escola modelo*, por exemplo, ele apresentou, na penúltima lição, denominada *Semana Instrutiva*, uma programação para ser cumprida com os alunos, que previa, para cada um dos dias da semana, visitas orientadas a algumas instituições sociais e a determinados locais de trabalho, tais como: oficina de marcenaria, carpintaria e serraria; sapataria; penitenciária; jardim público; cultura de hortaliças e pomar do Ministério da Agricultura. Essa programação, segundo a lição do livro, teria resultado em um bom saldo de conhecimentos para os alunos, denotando a eficiência do método. A professora, personagem fictícia do livro, fez a seguinte avaliação destas atividades:

> *Este ano fomos bastante felizes fazendo o nosso trabalho de observação, visitando as fábricas, as prisões e os campos de agricultura. (...) Muitas cousas viram. Somente mostrei-lhes aquilo que poderá ser útil na vida que lhes espera no futuro, para onde vão. Aprenderam com a própria observação, vendo e analisando.*[192]

---

[190] VIDAL, op. cit., p. 498.
[191] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata do termo de visita realizada no dia 22 mar. 1938*. Uberlândia, 1938. Livro 95, p. 32. APU. ARE.
[192] ARANTES, J., 1938d, op. cit., p. 59.

Na segunda edição de sua *Cartilha brasileira*, Arantes também fez referências à necessidade de ilustrar os conteúdos ensinados nas lições com situações concretas, que melhor poderiam ser apreendidas pelos alunos. Ao trabalhar a noção da passagem das horas e das formas empregadas para medir o tempo, o autor recomenda, em uma nota, que o professor utilizasse o relógio no dia daquela aula.[193]

Conquanto Arantes já aventasse a necessidade de superar o ensino calcado apenas na assimilação dos conteúdos por meio quase exclusivo da audição, o seu enfoque, até então, incidia somente sobre a importância do ato de ver como melhor caminho para aprender. Em suma, ainda não estava em questão a possibilidade de o aluno construir o conhecimento, conforme assinalaram os ideólogos da Escola Nova. Tanto nas orientações pedagógicas presentes na documentação do *Colégio Amor às Letras* quanto na literatura educacional produzida por Arantes, prevalecia o "ver" sobre o "fazer".

Este distanciamento verificado entre as representações construídas por Arantes e aquelas que já estavam inscritas em relação à Escola Nova, embora possa ser explicado em função das características subjacentes à própria formação escolar e intelectual de Arantes (a primeira se restringiu ao curso ginasial e a segunda manifestava-se sobretudo pela ausência de indícios que possibilitassem concluir sobre a realização de leituras acerca de teorias da educação e mesmo da história), remete à questão proposta por Chartier referente às condições e aos processos que amparam *"... as operações de produção de sentidos."* Esses são construídos historicamente e variam segundo os *"... tempos, os lugares e as comunidades"*. Dessa forma, ao contrário de uma submissão de Arantes (ou de quaisquer sujeitos de nossas pesquisas) às estratégias estabelecidas, deparamo-nos frente a frente com a sua capacidade inventiva, pois: *"... nem as inteligências nem as idéias são desencarnadas (...), as categorias dadas como invariantes, (...), devem ser construídas historicamente"*.[194]

---

[193] ARANTES, J., 1938b**,** op. cit.**,** p. 44.
[194] CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*. São Paulo: USP, v. 5, n. 11, p. 173-91, jan./ abr. 1991, p. 180.

1.3. Literatura Educacional

No final da década de 1920 e durante os anos de 1930, Arantes dedicou-se, além da docência e das demais atividades existentes em sua escola, à produção de uma literatura educacional voltada para o ensino primário, sendo que o primeiro livro editado dessa natureza foi a *Cartilha brasileira,* seguida de *Minha escola modelo.* Os dois outros restantes, *Meu aprendizado agrícola* e *Minha rica fazenda*, permaneceram datilografados, aguardando uma edição que não ocorreu.[195]

De uma forma geral, esses três livros, assim como a *Cartilha brasileira,* podem ser situados no movimento de nacionalização da literatura infantil gestado no Brasil a partir da última década do século XIX. No entanto, embora fosse enfatizada a necessidade de nacionalizar os livros infantis – começando pela defesa da importância de ser os seus autores brasileiros, como também ressaltando a necessidade de eleger temas oriundos da realidade nacional –, no país, essa literatura caracterizou-se no seu início pela importação de temáticas e também de livros europeus, que eram adaptados ao universo local, tendo como finalidade inculcar uma visão patriótica. Como exemplo, Bastos cita: *"...as traduções dos Contos seletos das Mil e uma noites, As aventuras do Barão de Münchhausen, Robinson Crusoé, Coração e as versões abrasileiradas de textos de Perrault, Grimm e Andersen".*[196]

Foi somente após a terceira década do século XX que a literatura infantil começou a adquirir entre nós uma feição que se poderia denominar brasileira, quando a conjugação de diversos fatores favoreceu o impulso da produção nacional de livros voltados para o público infantil. Dentre os elementos que contribuíram para a gestação dessa literatura, situam-se: a ascensão de uma classe média — promovida pelo impulso verificado na industrialização —; maior escolarização das camadas urbanas e, conseqüentemente, a formação e expansão de um público leitor; valorização da literatura e das artes promovida pelo movimento modernista e daí o

[195] ARANTES, J., 1938b, op. cit./ ARANTES, J., 1938d, op.. cit./ ARANTES, J. *Meu Aprendizado agrícola*. Uberlândia, s.d., p. 2. (Datilografado)./ ARANTES, J. *Minha rica fazenda*. Uberlândia, 1939. (Datilografado). (Acervo Delvar Arantes).

[196] BASTOS, Maria H. C. A educação do caráter nacional: leituras de formação. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 12, n. 33, p. 34, jan./jun. 1998.

interesse dos autores em "renovar" a arte nacional, e, por fim, investimentos das editoras na publicação de novos títulos.[197]

Data desse mesmo período, um revigoramento do discurso nacionalista e, a partir daí, o início de um processo de valorização inclusive de textos infantis produzidos por autores nacionais.[198] A relevância da literatura voltada para a educação de caráter nacional foi ressaltada pelo próprio Arantes na introdução de seu livro *Meu aprendizado agrícola,* que, depois de traçar os objetivos de sua obra, acrescentou o detalhe — bastante valorativo, se considerado o contexto — de ter escrito um livro "genuinamente brasileiro".[199] No prefácio que escreveu para o livro *Minha escola modelo*, Aimoré Dutra, inspetor técnico regional do ensino no estado de Minas Gerais, ressaltou com igual entusiasmo a particularidade de a referida obra ter um caráter nacional, haja vista que foi produzida por Arantes, um escritor brasileiro. No mesmo prefácio, o autor louvou o fato de o livro prestar um serviço à nação, uma vez que discutia temas que poderiam favorecer a unidade de seu povo.[200]

Esse último aspecto era muito relevante no período, pois os livros infantis produzidos desde então tinham em comum o fato de ser leituras de formação ou aprendizagem por meio das quais se esperava poder atingir o leitor, conformando o seu caráter por meio da divulgação de valores patrióticos e exaltação das virtudes advindas com o trabalho, com a convivência em família, com os relacionamentos estabelecidos na escola, igreja e demais instituições existentes na sociedade.[201]

Com efeito, em várias lições constantes nas três obras produzidas por Arantes, ficaram evidenciados o seu caráter normatizador; a sua mensagem disciplinadora, veiculada pelos conteúdos marcados por forte apelo patriótico, bem como a preponderância de uma abordagem unidimensional acerca da vida do narrador. Ao tratar a questão do aluno, por exemplo, o autor

---

[197] LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira*: história & histórias. São Paulo: Ática, 1984, p. 47.
[198] GOMES, A., 1996, op. cit.
[199] ARANTES, J., s.d., op. cit., p. 2.
[200] DUTRA, Aimoré. À maneira de prefácio. In: ARANTES, J., 1938d, op. cit., p. 4.
[201] Para definir a "literatura de formação", Bastos emprega o conceito utilizado por Freitag, para quem as leituras de formação são aquelas em que "as instituições sociais como a família, a escola, a igreja, a fábrica, o hospital, pelas quais transita o herói da obra, procuram influenciá-lo, moldá-lo, direcioná-lo, segundo seus valores e normas específicas." (FREITAG Apud. BASTOS, op. cit., p. 33).

apresenta, no livro *Minha escola modelo,* um perfil de estudante ideal: organizado, dedicado, obediente e pontual. O título da lição na qual são discutidas as caraterísticas do que seria considerado um bom aluno é bastante sugestivo, qual seja, *Estudante modelo;* além disso, o conteúdo não deixa dúvidas quanto ao aspecto normatizador que o perpassava:

> *Agora estou pronta para ir à escola. Os meus objetos estão todos dentro da pasta. Já estou vestida com o uniforme que usamos. (...) Quando chego da escola, troco o uniforme pelo vestido que uso em casa. Todos os meus objetos escolares ficam guardados dentro da pasta. Se tenho de fazer alguns deveres, retiro da pasta somente os objetos que vou ocupar no trabalho. Tenho muito cuidado quando faço os meus exercícios, para não errar e nem fazer borrões. Durante a aula observo atentamente as lições da professora. Sempre estou com a atenção firme naquilo que temos por dever de fazer em aula. Minha professora me diz sempre que eu sou estudante modelo. Devemos fazer tudo com perfeição.* [202]

No outro livro, *Meu aprendizado agrícola*, ao discutir a escola freqüentada pelo narrador, que é também uma personagem de conduta exemplar, cuja trajetória de vida é contada linearmente na obra, iniciando no nascimento e finalizando na vida adulta, esse mesmo tema é retomado e, novamente, o estereótipo do bom aluno reaparece, servindo, inclusive, como metáfora para a ordem e a disciplina social:

> *Fui sempre tratado com carinho e distinção, devido ao meu comportamento exemplar e dedicação aos estudos. Mamãe Olívia me ensinava sempre como eu devia proceder em aula. Os meus colegas me estimavam, e eu sempre soube corresponder àquelas amizades. Esforçava por fazer com perfeição os deveres escolares. Nunca sofri castigos e nem repreensões por desobediência à disciplina, ou descuido com os deveres ao estudo. Observei sempre os colegas que estavam contrariados constantemente em aula, notando que a causa era justamente a falta de cumprimento dos deveres indicados pelos professores.* [203]

No que se refere ao aspecto gráfico, os dois livros editados, a *Cartilha Brasileira* e *Minha escola Modelo*, apresentam características semelhantes, a saber, uma edição pouco elaborada, monocromática e com muita economia nas gravuras. Ao contrário da riqueza de ilustrações bem como da profusão de cores presentes nas primeiras cartilhas de alfabetização produzidas no país, as páginas da *Cartilha Brasileira*, por exemplo, eram monotonamente impressas em preto e preenchidas apenas com letras e números. Nas lições impressas no aludido manual, utilizou-se apenas a cor preta, e os únicos recursos empregados para destacar palavras, frases e/ou parágrafos

[202] ARANTES, J., 1938d, op. cit., p. 16.
[203] ARANTES, J., s.d., op. cit., p. 16.

foram o negrito e a diversificação no tamanho da fonte. Dessa forma, o seu autor, no intuito de chamar a atenção dos leitores, empregava letras claras ou escuras, ora grandes ora pequenas. As ilustrações, todas apresentando animais retratados no texto, aparecem apenas nas dez últimas páginas, assim mesmo na forma de gravuras monocromáticas, ocupando um espaço exíguo no início da página.

Minha escola modelo, por sua vez, já apresentava as páginas todas ilustradas em preto e branco. Na maior parte delas, constam fotografias da sua personagem principal, que era representada por uma aluna exemplar, e, no restante, foram reproduzidos apenas desenhos simples, esquemáticos e sem colorido. Tanto as fotografias quanto os desenhos podem ser lidos como se constituindo tentativas de estabelecer um vínculo entre o conteúdo do texto e a imagem impressa, sem, contudo, acrescentar-lhes nenhum aspecto. Dessa forma, nas lições que abordam a higiene pessoal, as ilustrações retratam a personagem lavando as mãos e escovando os dentes; em outra lição, que discute a plantação de hortaliça, a figura mostra a personagem plantando e regando o canteiro e assim por diante.

Todavia essa simplicidade verificada no projeto gráfico da *Cartilha Brasileira* e *Minha escola Modelo* não caracterizava os primeiros livros publicados no país. De acordo com Dietzsch, ao contrário da ausência de requinte verificada na edição dos manuais escolares de Arantes, os livros produzidos com finalidade didática destacavam-se pela riqueza de suas ilustrações e pela profusão de cores. Foi somente a partir da década de 1940 que se iniciou um processo de massificação nas cartilhas produzidas no Brasil, responsável, dentre outros aspectos, pela transformação dos manuais ricamente ilustrados em livros sem cor e sem atrativos iconográficos.[204]

Entretanto, a economia de requinte — visível na ausência completa de cores, assim como na parcimônia no emprego das ilustrações e na singeleza de gravuras impressas — acompanhou os manuais escolares produzidos por Arantes desde a sua primeira edição, e, por isso, não pode ser relacionada ao processo de massificação discutido por Dietzsch. Acreditamos que tal economia de elementos gráficos, que caracterizou a obra de Arantes, denota muito mais a falta de recursos de seu autor e a conseqüente dificuldade em conseguir um patrocinador mais abastado

[204] DIETZSCH, Mary J. Cartilhas: um mundo de personagens sem texto e sem história. *Cadernos de Pesquisa,* São Paulo, n. 75, p. 39, nov. 1990.

que pudesse incrementar a edição de seus livros do que a sua inserção no mercado editorial de livros didáticos, em franco processo de massificação.

A despeito de algumas semelhanças entre os quatro livros e muito embora, no projeto original, constasse o desejo do autor de que fossem editados de maneira a dar origem a uma única obra, em uma série, que deveria denominar-se *Amor ao trabalho*, essa literatura produzida por Arantes apresenta algumas particularidades que requerem uma análise em separado. Nesse sentido, primeiramente, abordaremos os aspectos concernentes à Cartilha e, posteriormente, trataremos dos outros três livros.

As cartilhas de alfabetização começaram a ser produzidas no país na segunda metade do século XIX, no decorrer do processo de organização republicana do ensino. Os seus primeiros autores foram notadamente professores fluminenses e paulistas, que as elaboravam baseados em suas experiências didáticas. No entanto, essas cartilhas só se difundiram de forma mais acentuada nas primeiras décadas do século seguinte, quando uma confluência de fatores tornou-nas fundamentais no interior dos centros alfabetizadores. Esses fatores consubstanciaram-se de um lado no já assinalado surgimento e difusão do mercado editorial brasileiro, que encontrou na escola o *locus* privilegiado de divulgação e também de consumo de seus produtos; de outro lado, no movimento desencadeado em prol da nacionalização do livro didático.[205]

A *Cartilha brasileira*, por exemplo, ao que indica uma carta recebida pelo seu autor, foi escrita no final da década de 1920.[206] No entanto, a sua primeira edição só saiu em 1936, e dois anos depois, em 1938, publicou-se a segunda edição. Esse manual, conforme anunciado na página de rosto, destinava-se àqueles que preferiam alfabetizar empregando o método silábico, consistindo, para tanto, em um bom modelo.[207] O processo de silabação e soletração caracterizou os métodos de marcha sintética que predominaram nas primeiras cartilhas produzidas no país no século XIX. O tal método consistia em iniciar o aluno nas seguintes habilidades:

> *... ensino da leitura com a apresentação das letras e seus nomes, de acordo com certa ordem crescente de dificuldade. Posteriormente reunidas as letras em sílabas e*

[205] MORTATTI, Maria do R. L. Cartilha de alfabetização e cultura escolar: um pacto secular. *Cadernos Cedes*, São Paulo, n. 52, p. 42, nov. 2000.
[206] ARAÚJO, Aristides P. de. *[carta]*. Monte Alegre, 16.07.1929. Carta ao professor Jerônimo Arantes elogiando a *Cartilha Brasileira*. Acervo Delvar Arantes.
[207] ARANTES, J., 1938b, op. cit.

> *conhecendo-se as famílias silábicas, ensinava-se a ler as palavras formadas com essas sílabas e letras e, por fim, ensinavam-se frases isoladas ou agrupadas. Quanto à escrita, esta restringia-se à caligrafia e seu ensino, à cópia, ditados e formação de frases, enfatizando-se a ortografia e o desenho correto das letras.* [208]

Condizente com essa definição, a *Cartilha brasileira* iniciava as suas lições pela apresentação das vogais maiúsculas e minúsculas, os ditongos, a formação de sílabas, a construção de palavras e, finalmente, a elaboração de frases simples, a princípio, isoladas e, depois, reunidas.[209]

Intercaladas às noções de silabação, existia um segundo grupo de lições que incluía *Palestras*, que nada mais eram do que pontos temáticos que os professores deveriam discutir com os alunos, cujo objetivo era introduzir noções básicas de anatomia humana; aritmética; higiene, tais como limpeza corporal e asseio com os materiais escolares; informações sobre o funcionamento do calendário, como, por exemplo, a distribuição dos dias em semana, meses, anos e semestres; e, por fim, explicação sobre as partes componentes de um livro, tais como capa, autor, páginas e título.

As cartilhas de alfabetização produzidas no Brasil a partir do fim do século XIX tinham em comum a veiculação de conteúdos cujo objetivo, dentre outros, era normatizar o comportamento dos alunos tanto no espaço intra quanto no extra escolar. Em decorrência disso, perpassava todos os seus textos um caráter fortemente disciplinador, sendo, portanto, repletas de lições prescrevendo regras de conduta visando difundir noções de bem viver, tais como: amor à pátria e aos seus símbolos, obediência às hierarquias sociais, positivação do trabalho, submissão aos pais e às pessoas mais velhas, bem como harmonia no lar. Em suma, a cartilha de alfabetização *"... institui e perpetua certo modo de pensar, sentir, querer e agir, que, embora aparentemente restrito aos limites da situação escolar, tende a silenciosamente acompanhar esses sujeitos em outras esferas de sua vida pessoal e social ..."*.[210]

Conquanto esse conteúdo normatizador — que, em outras cartilhas, era transmitido em lições cheias de regras de comportamento — não se constituísse no aspecto central da *Cartilha Brasileira*, este também esteve presente em suas páginas, ainda que subsidiariamente.

---

[208] MORTATTI, op. cit., p. 42-43.
[209] No Anexo III encontram-se duas páginas iniciais da referida cartilha.
[210] MORTATTI, op. cit., p. 50.

Diferentemente de outros manuais de alfabetização, o tom disciplinar desse livro não se consubstanciava na prescrição clara de normas que visassem à instauração da ordem por meio da apologia à obediência. O seu caráter disciplinar encontrava-se disperso em meio às discussões referentes a temas que incidiam sobre relacionamentos humanos.

Nesse sentido, o propósito de ensinar aos alunos a construção de sentenças mais longas, Arantes conta a história de uma ave, batizada de "Lulu", desde a sua formação no ovo até o seu triste fim na mesa para servir de refeição. A narrativa desenrola-se de forma linear e paradigmática, pois, ao tratar da trajetória de uma ave do nascimento à morte, discute questões de ordem existencial, tais como o amor da mãe pelos filhos, o seu instinto de proteção, a ingratidão destes ao crescer e abandonar o lar, os reveses da velhice. Por fim, o mesmo ciclo repete-se com os filhotes de Lulu. Estes crescem, engordam, envelhecem e acabam morrendo em alguma panela: "Lulu agora está no seu ninho. (...) Ficou contente porque ouviu um pio. Era o seu pintinho que estava piando. Saiu o pintinho de dentro do ovo. Agora cresceu e já é frango. Agora ele não gosta mais de sua mãe. Ah! Frango ingrato".[211]

Portanto, ainda que não fosse de forma imediata, à *Cartilha Brasileira* encontrava-se subjacente um conteúdo caracterizado pela apresentação de condutas normatizadoras e exemplares; porém essa mensagem disciplinar não era emitida de forma direta, permanecia, ao contrário, subentendida nas entrelinhas. E ler as entrelinhas é fundamental, pois conforme salientou Apple:

> *Os produtos culturais não apenas 'dizem', mas eles também 'deixam de dizer'. (...) qualquer texto não é necessariamente constituído por significados imediatamente evidentes (...) que possam ser facilmente vistos por qualquer observador. Em vez disso, um texto 'traz inscrito em seu interior as marcas de certas ausências determinadas, que transformam suas significações em conflito e contradição'. Aquilo que não é dito num texto é tão importante quanto o que é dito, uma vez que 'a ideologia está presente no texto na forma de seus eloqüentes silêncios'.*[212]

De fato, ao perscrutar o conteúdo da *Cartilha Brasileira,* descobre-se que a ausência de normatização era apenas aparente, pois o autor utilizou duas estratégias narrativas por meio das quais, habilmente, fez passar a sua mensagem, sem, no entanto, torná-la excessivamente

[211] ARANTES, J., 1938b, op. cit., p. 49.
[212] APPLE, Michel W. *Educação e poder*. Porto Alegre: Artmed, 2002, p. 172.

explícita. Acreditamos que a primeira dessas estratégias consistiu no fato de não propor afirmativamente padrões de comportamento. Dessa forma, o manual de alfabetização escrito por Arantes, ao contrário das demais cartilhas do período, não fornece exemplos, tais como: deve-se fazer o bem, ou é preciso ajudar aos outros, servir à pátria etc. As prescrições de boa conduta fazem-se pela reprovação de atitudes negativas, ou seja, mostrando o amor e os cuidados da mãe com os filhotes e a ingratidão daqueles ao crescer e abandonar o "ninho". Um outro aspecto da *Cartilha Brasileira,* que comprova a nossa hipótese de que esta não apresentava claramente prescrições normatizadoras, incide sobre o fato de ter empregado como personagem central uma ave. Dessa forma, os exemplos fornecidos são trasladados do mundo dos homens para o reino dos animais, e essa transposição parece, pois, cumprir a função de escamotear a sua mensagem, tornando-a menos dogmática, sem, no entanto, suprimi-la.

Segundo Dietzsch, a análise de oito cartilhas editadas no Brasil e utilizadas no estado de São Paulo, no período de 1930 a 1970, demonstrou que essa opção por adotar personagens extraídos do reino animal era um recurso freqüente nas cartilhas de alfabetização utilizadas no país e estava, por sua vez, intimamente imbricado à concepção normatizadora que perpassava muitos desses manuais em uso nas escolas. O mundo que salta das suas páginas é rigorosamente cindido em dois universos, a saber, em um lado bom, habitado por homens que se dedicavam à prática do bem, e em outro lado ruim, em que as características de suas personagens são a indolência, a subversão e a desordem de uma forma geral. De acordo com a autora:

> *Os animais têm uma função nesse universo maniqueísta, sendo apresentados com muitas das virtudes e vícios humanos. Não é irrelevante que o lugar reservado para os animais seja tão amplo. Sua presença no discurso da alfabetização quase nunca está ligada à agilidade, nem a sua beleza, mas simplesmente ao fato de serem animais e isso permitir-lhes praticar ações que podem ser levadas até as últimas conseqüências.*[213]

Afora esse aspecto, a referida Cartilha também compartilhava com suas contemporâneas a adoção de uma relação discursiva assentada no monólogo e na impessoalidade e, por conseguinte, perpassava as suas lições uma perspectiva redutora e limitadora do real. Esse traço de impessoalidade esteve presente nas cartilhas editadas por quase todo o país e adotadas em estabelecimentos de ensino localizados nas mais diversas regiões. Em geral, nos manuais de

[213] DIETZSCH, op. cit., p. 41.

alfabetização empregados pelos professores nas escolas brasileiras as personagens não assumiam: *"...o status de pessoa, de modo geral são descaracterizadas, estereotipadas: muitas vezes não apresentam nomes, ou recebem nomes anônimos, que se generalizam e na generalização permitem que cada aluno se inclua, ou se submeta ao modelo proposto"*.[214]

No caso do manual elaborado por Arantes, a personagem central é representada pela figura do professor, é ele quem conduz as lições de silabação e as outras de conteúdo, denominadas *palestras*. Ele sempre se dirige aos possíveis alunos, que não são identificados, de forma direta: pergunta sobre o tema do ponto em questão e oferece respostas objetivas, sem margem para discussões. Nas dez últimas lições, a impessoalidade do narrador/professor adquire contornos mais acentuados, uma vez que ele começa a dividir a "cena" com outras personagens do reino animal, a saber, uma galinha e seus pintinhos.

Além desse aspecto, o referido manual priorizava, nas discussões, os temas que pudessem ser aplicados no dia-a-dia dos alunos, facilitando-lhes o trabalho. Nesse sentido, em todas essas lições permanecem subjacentes conteúdos que tinham como finalidade orientar os alunos nas questões de ordem prática, fornecendo-lhes instrumentos para se situarem no cotidiano. As lições de n°. II e III, por exemplo, que tratam, respectivamente, do calendário e de noções de quantidade, são voltadas para o interesse pragmático e, por isso, são citadas a seguir:

> *— Quem sabe contar os meses do ano?*
> *— Muito bem. Aprenderam perfeitamente. Vamos desenvolver mais o 'ponto' com outros conhecimentos. Exemplo: A quantidade de 3 meses, forma o trimestre; a quantidade de 6 meses forma o semestre. Podemos contar também assim: 1. trimestre, 2. trimestre, 3. trimestre e 4. trimestre, que formam-se os 12 meses do ano. Agora, contando por semestre, temos: 1. Semestre e 2. Semestre, que são igualmente 12 meses.*[215]
>
> *— Vou fazer 12 tracinhos no quadro-negro. Sabem como se chama essa quantidade?*
> *— Quantas coisas devemos contar para formar uma dúzia e meia?*
> *— Quantas para duas dúzias? (...)*
> *— Quais são as cousas que compramos contadas a dúzia? (ovos, roupas, frutas, objetos escolares conhecidos pelos meninos, vasilhas, etc.)*
> *— Sabem quais são os objectos que compramos no comercio, contados ao centos? (Exemplo: frutas, calçados, etc.)*
> *— Quantas coisas contamos para se formar a quantidade milheiro? (Tijolos, telhas, cigarros, e outros objectos conhecidos).*[216]

[214] DIETZSCH, op. cit., p. 41
[215] ARANTES, J., 1938b, op. cit., p. 17.
[216] ARANTES, J., 1938b, op. cit., p. 22.

A documentação consultada não traz informações a respeito do emprego dessa Cartilha na alfabetização dos alunos matriculados nas escolas e grupos instalados na cidade. Todavia a publicação da segunda edição, dois anos após a primeira, assim como a autoridade de que gozava Arantes no meio educacional no período em que foram lançadas as suas duas edições — nessa época ele já havia tomado posse na Prefeitura Municipal como inspetor de ensino —, levam-nos a crer que o referido manual deve ter sido utilizado em Uberlândia para orientar o trabalho de alguns professores.

Além disso, se Arantes seguiu os conselhos de um dos seus amigos, que, após receber a Cartilha, endereçou-lhe uma carta contendo um parecer repleto de elogios e sugerindo-lhe a divulgação do livro, ele, provavelmente, deve ter introduzido essa sua obra nos estabelecimentos de ensino primário espalhados pela cidade e, especialmente, naqueles existentes na zona rural, pois conforme aquilatou o missivista:

> *... ´CARTILHA BRASIL´ [sic] é, sem lisonja alguma, a melhor possível, para o nobre fim a que se destina. Li-o com a máxima atenção e boa vontade. E, julgando-o merecedor de sinceros elogios e ampla divulgação, acrescento mais ser ele digno de figurar no numero e conceito dos que são hoje adotados e tidos como pedagógicos, em todas as escolas primárias do Estado.*[217]

No que se refere aos outros três livros escolares que ele escreveu, não encontramos dado algum que nos possibilitasse asseverar o seu emprego pelas escolas locais, ainda que o primeiro deles, *Minha escola modelo*, tenha sido publicado em 1938. De qualquer forma, seus conteúdos demonstram, como já analisado na *Cartilha brasileira*, as preocupações de Arantes com a formação dos alunos para além da mera transmissão e aquisição de conteúdos formais, tais como o aprendizado da língua pátria e da Aritmética.

Além disso, a literatura elaborada por Arantes denota o cuidado de contextualizar o programa de ensino ministrado nas escolas rurais segundo a realidade dos alunos matriculados naqueles estabelecimentos. Conforme avaliou Aimoré Dutra, esse aspecto consistia em uma das grandes contribuições de *Minha escola modelo* para os professores que atuavam naquelas escolas: *"Não queremos apreciar a sua feição artística, nem técnica, nem gramatical. Importa-*

[217] ARAÚJO, A., op. cit.

nos conhecer somente o seu valor pedagógico e a sua força educativa, nos meios a que ele se destina e que são os meios rurais. É um trabalho inestimável, sob esse ponto de vista".[218]

O terceiro livro, *Minha rica fazenda*, embora sem edição, foi analisado por um amigo de Arantes que evidenciou o fato de ser a população estudantil da zona rural o público alvo da referida obra. Na carta que esse amigo endereçou ao autor, ficaram demonstradas as vantagens do livro em questão, atendo-se ao aspecto de ele cumprir o objetivo de ir ao encontro das necessidades da escola rural, dotando-a de uma literatura específica, que contemplava o dia-a-dia do homem do campo, suas formas de trabalho e suas preocupações, constituindo-se, por isso, numa síntese do que pode ser considerado o cotidiano de uma fazenda:

> *Por iniciativa própria, o sr. Jerônimo Arantes estudou detalhadamente o problema do Ensino Agrícola nas classes primárias, não só com o fim de evitar má interpretação entre as crianças, mas também para que, com o referido estudo, cesse a falta de rudimentares conhecimentos agrícolas que, ministrados em pequenas doses às crianças as possam tornar aptas ao trabalho agrícola, pelo amor e interesse que lhe despertam os dados da pedra básica da Economia Nacional e Agricultura.*[219]

Ambos os documentos ressaltam a particularidade de ser os três livros voltados para o ensino primário nas escolas rurais e, com efeito, pela análise do conteúdo de seus capítulos é possível verificar que essa característica encontra-se presente na obra. No entanto, esta se restringe aos dois últimos livros, uma vez que o conteúdo do primeiro é genérico e não exclusivamente voltado para atender às necessidades específicas dos habitantes do campo.

Os temas destinados, mais especificamente, ao aluno que habitava o meio rural só começaram a aparecer no livro *Meu aprendizado agrícola* e, ainda assim, a partir da 14ª. lição. Ali, os conteúdos incidiam sobre algumas formas de trabalho agrícola, como, por exemplo, avicultura, horticultura, sericultura e pomar. No entanto, nesse livro, o olhar sobre a vida no campo ainda era direcionado pela cidade, pois o aprendizado agrícola em discussão era feito por uma personagem urbana, cujo contato com a realidade existente na fazenda se dava por meio de seu ingresso em um colégio agrícola.

---

[218] DUTRA, op. cit., p. 3-4.
[219] ARANTES, Eugênio Pimentel. *[carta]*. Uberlândia, 15 jun. 1940. Carta ao professor Jerônimo Arantes elogiando o livro *Minha rica fazenda*. Acervo Delvar Arantes.

A questão do meio rural com as suas idiossincrasias seria abordada de forma mais consistente somente no terceiro livro, *Minha rica fazenda*. Ou seja, depois desse livro, o foco não parte mais da cidade, mas desloca-se desta em direção à vida agrária. Aí, são apresentadas as mais diversas características do cotidiano rural: o comportamento de seus habitantes, a lida diária na lavoura, os trabalhos executados na criação dos animais e também no interior da casa, as formas de lazer das crianças e os perigos existentes, tais como o contato com animais silvestres e as moléstias.

Subjazia a todas as histórias um caráter educativo, porém, não apenas literário, mas, sobretudo, voltado para o mundo do trabalho, visando contribuir para o desenvolvimento da economia rural. O objetivo era, nesse sentido, preparar o aluno para as atividades agrícolas que, segundo permanece implícito nas obras, se bem orientadas, poderiam constituir-se em prosperidade dos negócios e, por conseguinte, fonte de enriquecimento. O autor assim anuncia os seus propósitos, que não pareciam nada modestos:

> *Como sonhadores que somos, da grandeza do nosso querido Brasil, pelo trabalho de seus filhos, idealizamos essa série de livros escolares, com o fito de contribuir com o nosso obscuro trabalho para o progresso da agricultura. Aos educadores, responsáveis pela formação do 'brasileiro de amanhã', entregamos os nossos modestos livrinhos, esperançosos de ver realizados o nosso sonho*.[220]

Aliado a esse aspecto educativo de cunho mais pragmático, implícito nos ensinamentos veiculados por essa literatura observamos um caráter disciplinador, cujo objetivo seria preparar o aluno para uma vida social ordeira, laboriosa e próspera. Na apresentação que redigiu para o terceiro livro, *Minha rica fazenda*, Arantes evidenciou os fins moralizantes que almejava atingir com a sua obra:

> *No segundo livro de leitura, foi o nosso tema uma organização de trabalho agrícola numa escola de aprendizado, aliando, na descrição da história, o cooperativismo, a moral, o ensino positivo e os sentimentos de amor paternal. No presente volume, o terceiro da série, tratamos da formação da personalidade do aluno — tão necessário se nos afigurou o tema — com dados incontestáveis para uma vida próspera e verdadeiramente feliz, em todas as fases do período que se descreveu o tema escolhido*.[221] (Grifos nossos)

[220] ARANTES, J., 1939, op. cit., p. 3.
[221] ARANTES, J., 1939, op. cit., p. 3.

Devem-se compreender as questões que permeiam esses livros de Arantes, remetendo-as também ao contexto no qual ele produziu a sua literatura. Vivia-se, naquele período, de um lado a crítica à escola tradicional e a divulgação das propostas de reformulação daquela escola pelos educadores ligados ao movimento da Escola Nova e, de outro lado, assistia-se à elaboração e divulgação do ideário estadonovista que, em educação, significou, além da ofensiva dirigida aos *"reformadores"*,[222] preparar o homem para *"construir a nação"* ou para *"formar o cidadão do Estado Novo"*.[223] Nessa perspectiva, conferia-se grande ênfase à disciplina, inspirada inclusive no regulamento militar, assim como a vários métodos que viabilizassem o ajustamento do aluno à sociedade. Nessa ótica, valorizava-se também a transmissão de habilidades com o fim de preparar o aluno para o trabalho, daí a centralidade ocupada pelas questões relativas à orientação educacional e vocacional.[224]

Valorização do treinamento profissional, disciplinarização e prescrição de normas de comportamento, com ênfase para a necessidade de adaptar o aluno ao meio no qual ele estava inserido, permearam, igualmente, a literatura educacional elaborada por Arantes. A conjugação de objetivos pragmáticos com lições de comportamento, de caráter normatizador seria, com efeito, o fio condutor de todas as narrativas que compunham essas três obras escritas por Arantes. Desde o primeiro livro, passando pelo segundo e culminando no terceiro, esse aspecto seria marcante, haja vista que, no primeiro livro, o autor elege como personagem central uma aluna exemplar, comportada, estudiosa e obediente; a escola onde ela estuda é representada como sendo o templo da disciplina. No segundo livro, ao tema da disciplina, soma-se o do altruísmo, uma vez que a criança que dará início ao seu aprendizado agrícola é representada por um filho adotivo de um lar formado por um casal abnegado; novamente, a escola agrícola é apresentada como uma instituição sem conflitos, com finalidade apenas educativa. No último livro, completa-se a conjugação, pois a questão da disciplina aliada à prosperidade constitui-se na temática.

---

[222] NUNES, Clarice. As políticas públicas de educação de Gustavo Capanema. In: BOMENY, Helena (Org.). *Constelação Capanema*: intelectuais e políticas. Rio de Janeiro: FGV, 2001, p. 112-13.

[223] HORTA, José S. B. A I Conferência Nacional de Educação ou de como monologar sobre educação na presença de educadores. In: GOMES, Ângela de C. (Org.). *Capanema*: o ministro e seu ministério. Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 149.

[224] GANDINI, Raquel. *Intelectuais, estado e educação*. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos 1944-1952. Campinas: UNICAMP, 1995, p. 73.

1.4. Escola, Livros e Política: Percursos que se Imbricam

A fundamentação teórica que parece ter conduzido as concepções educacionais encampadas por Arantes e que esteve presente tanto na organização de seu Colégio quanto nos pressupostos de sua literatura escolar guarda estreitos laços com o positivismo. Esse aspecto pode encontrar explicação tanto no fato de essa corrente filosófica ter influenciado uma parte da intelectualidade brasileira desde o fim do Império, quanto de ter conduzido algumas concepções educacionais, consubstanciando-se, inclusive, em uma das correntes pedagógicas gestadas na Europa no século XIX e, posteriormente, difundida no meio educacional brasileiro.[225] Ademais, o positivismo era uma das bases teóricas de sustentação do projeto de educação escolar que começou a ser gestado a partir do governo ditatorial de Getúlio Vargas. Segundo Gondini:

> *Ainda no quadro da ideologia estadonovista passa a fazer sentido a defesa da necessidade de se assumir 'consciência técnica' no tratamento das questões educacionais. (...) A esta tecnocratização das questões educacionais também corresponde o apelo positivista ao conhecimento da 'realidade nacional' e à necessidade de se 'adaptar' os indivíduos a essa mesma realidade*.[226]

A valorização de saberes científicos e de conhecimentos experimentais assim como a crença na necessidade de incorporar ao saber escolar conteúdos de caráter formativo, tanto no aspecto técnico quanto no âmbito moral, foram algumas das características do projeto pedagógico formulado pelos positivistas que estiveram presentes nas concepções educacionais de Arantes. A busca de conhecimentos científicos e experimentais, por exemplo, foi, como procuramos demonstrar, uma das características da proposta curricular implementada por ele em seu colégio. Da mesma forma, a relevância conferida por ele aos conteúdos com finalidade prática, tanto no que se refere à instrumentalização técnica – presente nas avaliações que aplicou em sua escola e

---

[225] "O projeto pedagógico do positivismo estava voltado, em particular, para a elaboração da pedagogia como ciência (ou 'ciência da educação'), por um lado, e, por outro, para uma redefinição dos *curricula* formativos, colocando em seu centro a ciência, vista como o conhecimento típico e central do mundo moderno baseado na indústria e como um feixe de disciplinas altamente formativas, tanto no plano intelectual como no do caráter. Ao lado destes aspectos dominantes deve, porém, ser destacada também a presença de outras características típicas da posição 'positivista': a valorização da educação como 'dever' essencial das sociedades modernas e como 'direito' de cada cidadão e, portanto, como meio primário para operar uma evolução no sentido laico e racional da vida coletiva; a atenção aos problemas da escola, sentida como o instrumento essencial desse crescimento educativo das sociedades industriais". (CAMBI, Franco. *História da pedagogia*. São Paulo: UNESP, 1999, p. 467).

[226] GANDINI, op. cit., p. 85.

nos textos de seus livros escolares – quanto no tocante ao conteúdo moral implícito na sua literatura escolar, autoriza-nos a atestar a existência de traços positivistas em seu projeto de escola.

Pensamos, também, que seu projeto educacional revela um certo matiz de cunho iluminista. A princípio, pode até parecer que a conjugação dessas duas vertentes filosóficas seja algo impensável, posto que estaríamos buscando uma aproximação de tendências antagônicas, uma vez que um dos teóricos do positivismo, Augusto Comte, em sua formulação filosófica, reiterou a necessidade de solapar o pensamento crítico, próprio do iluminismo, e, em seu lugar, instaurar a ordem positiva calcada, dentre outros aspectos, nos preceitos da observação das leis naturais que regeriam todos os fenômenos.[227]

No entanto, a análise da obra deixada por Arantes permite-nos uma leitura aproximativa entre essas duas correntes, porquanto constatamos não existir em seu pensamento uma influência teórica de bases sólidas, fosse orientada pelo iluminismo, fosse calcada nos pressupostos do positivismo. Ao contrário, verificamos uma fragilidade de sua formação teórica aliada a uma forte dose de empirismo. Nesse sentido, quando atribuímos à sua produção características do projeto iluminista, não pretendemos, com isso, afirmar que essa corrente de pensamento representasse para ele uma fundamentação teórica, mas, sim, que algumas de suas categorias foram por ele assumidas por fazerem parte de um conjunto de representações que circulava no período e que, portanto, estava presente nos meios freqüentados por ele.

A epígrafe que imprimiu em uma das páginas de sua revista, a *Uberlândia Ilustrada*, não deixa dúvidas quanto a essa influência iluminista: *"A grandeza do saber supera todas grandezas do mundo"*.[228] Acreditamos que o nome com o qual batizou a sua escola, *Amor às Letras*, bem como o entusiasmo que demonstrava ao lidar com as questões relativas à profissão docente e ao conhecimento (cultura) como uma forma de aprimorar o indivíduo e, por conseguinte, promover o desenvolvimento da sociedade e contribuir para a "formação do país" são igualmente tributários

[227] COMTE, A. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 103-05.
[228] DALBAS JÚNIOR. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 21, não paginado, jun. 1956. APU. CPJA.

de uma certa influência da mentalidade iluminista.[229] O fragmento do discurso proferido por Arantes, durante a cerimônia de instalação de mais uma escola municipal, corrobora essa questão: *"...o sr. Inspetor Escolar [Jerônimo Arantes] (...) fez subir nas suas palavras (...) a necessidade da cultura do povo brasileiro para assim poder a pátria contar com elemento forte para a defesa de suas riquezas cobiçadas e o desenvolvimento da sua formação como país novo"*.[230]

A influência do iluminismo se fez sentir sobre a concepção de alguns educadores brasileiros no período que remonta aos anos de 1902 a 1919.[231] Ademais, traços desse ideário perpassaram os projetos educacionais implementados em Minas Gerais e estiveram presentes, sobretudo, na apologia, que grassava na região nas primeiras décadas do século XX, construída em torno da educação escolar como forma de superar o atraso regional. Segundo Dulci:

> *Certo pressuposto iluminista, de superar o atraso pelo saber, esteve presente em diversas iniciativas educacionais, públicas e particulares, encetadas em momentos diversos do processo de desenvolvimento da região. Tratava-se tanto da formação de quadros dirigentes quanto do adestramento da força de trabalho*.[232]

Com efeito, o ingresso de Arantes nas atividades relacionadas à educação, em particular, a abertura do *Colégio Amor às Letras* no ano de 1919, ocorreu em um momento caracterizado por uma forte apologia à escola. Nesse período, a onda de insatisfação acerca dos destinos da República, instaurada no país no final do século XIX, resultou na crença alimentada por alguns intelectuais – que ora falavam em nome próprio ora empregavam instituições e os meios de comunicação, especialmente, as revistas, para divulgar o seus ideais [233] – em torno da suposta

---

[229] Pallares-Burke, ao analisar a questão da educação das massas como uma das "sombras" contidas no projeto iluminista, chama a atenção para o fato de alguns dos filósofos ligados ao iluminismo terem defendido a educação como elemento central no desenvolvimento humano. (PALLARES-BURKE, Maria L. G. Educação das massas: uma "sombra" no século das luzes. In: VIDAL, Diana G.; HILSDORF, Maria L. S. (Orgs.). *Brasil 500 anos*: Tópicas em História da Educação. São Paulo: EDUSP, 2001, p. 54-57).

[230] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata de instalação da escola pública municipal de Boa Vista realizada no dia 13 maio 1939*. Uberlândia, 1939. Livro 96, p. 49. APU. ARE.

[231] CATANI, Denice Bárbara. Metáforas da iluminação: observações acerca do estudo da história da educação republicana. In: SOUSA, Cynthia P. de. *História da educação*: processos, práticas e saberes. São Paulo: Escritura, 1998, p. 43.

[232] DULCI, Otávio S. *Política e recuperação econômica em Minas Gerais*. Belo Horizonte: UFMG, 1999, p. 50.

[233] Um desses periódicos, a revista *A Bandeira,* publicada no país durante o período de 1927 e 1929, "... operava com signos de progresso, dinamismo, força e unidade, produzindo com eles, metonimicamente, imagens de um país dinâmico e próspero, que surgiria de propostas de organização social, política e econômica que propagandeava. Entre elas, figuravam projetos de aprimoramento estratégico, técnico e conceitual de defesa nacional, de crescimento industrial, de modernização agrícola, de ordenação política, de saneamento e educação. (...) É neste quadro que a educação ganha estatuto de peça fundamental de uma política de valorização do homem como fator de produção e de integração nacional". (CARVALHO, Marta M. C. de. *A escola e a república*. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 6-17).

capacidade que a escola teria de sanar os males que acometiam o regime republicano, notadamente no que dizia respeito à instauração da ordem cívica, permitindo, assim, o pleno desenvolvimento das instituições implementadas pelo Regime.[234] Além disso:

> *Afirmar a importância da educação era, muitas vezes, espécie de exorcismo de angústias alimentadas por doutrinas deterministas que, postulando efeitos nocivos do meio ambiente ou da raça, tornariam infundadas as esperanças de progresso para o Brasil, país de mestiços sob o trópico. (...) Tratava-se de introduzir, mediado pela ação de elites esclarecidas pela campanha educacional, um novo tipo de fator determinante no que era pensado como processo necessário de constituição do povo brasileiro: a educação.*[235]

Porém, a sobrevalorização da escola, fosse como instituição adequada para resolver os problemas decorrentes da crise republicana fosse como fator constituinte da identidade do povo brasileiro, não implicou, conforme salientou Gonçalves Neto, a crença da educação como um *"direito inalienável do cidadão, mas um instrumento que poderá ser utilizado para a produção de uma determinada ordem, para a disseminação de um conjunto de valores"*.[236] Foi, portanto, como instrumento capaz de favorecer a instauração da ordem e preparar as bases da modernidade para o país que as reivindicações em torno da difusão da escola primária passaram a ser encetadas por vários intelectuais e também por algumas entidades ligadas ao ensino.[237]

Posteriormente, à apologia em torno da expansão da escola primária veio somar-se a preocupação em reformar e adequar o ensino existente no país à nova ordem em gestação. Ou

---

[234] Segundo Carvalho: "Nos anos 20, na avaliação da República instituída, feita por intelectuais que se propõem a *pensar* o Brasil, a política republicana é acusada de ter relegado ao abandono 'milhões de analfabetos de letras e de ofícios', toda uma massa popular, núcleo da nacionalidade. Esta legião de excluídos da ordem republicana aparece então como freio do Progresso, a impor sua presença incômoda no cotidiano das cidades. A escola foi, em conseqüência, reafirmada como arma de que dependia a superação dos entraves que estariam impedindo a marcha do Progresso, na nova ordem que se estruturava". (CARVALHO, M., 1989, op. cit., p. 7).

[235] CARVALHO, Marta M. C. de. Educação e política nos anos 20: a desilusão com a República e o entusiasmo pela educação. In: LORENZO, Helena C. de; COSTA, Wilma P. da (orgs.). *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: UNESP, 1997, p. 121.

[236] GONÇALVES NETO, op. cit., p. 203.

[237] "... ao longo dos anos 30, o tema que prevalece entre a intelectualidade é o da organização nacional, resultando numa saga modernizadora, que tem no 'monopólio da razão por parte de uma *intelligentsia* ativa, prometéica, agindo em nome do bem comum', a sua pedra angular. A tendência de subordinar a dinâmica da sociedade e de seus conflitos ao princípio abstrato da organização vai ser constante nesses anos. E explica em larga medida o frenesi pedagógico que pretende reformar a sociedade pela educação. Criando técnicos e renovando as elites". (LAHUERTA, op. cit., p. 98).

seja, começaram a tornar-se consensuais as críticas acerca da expansão escolar sem um conseqüente remodelamento no sistema educacional vigente nas escolas brasileiras.[238]

No estado de Minas Gerais, a partir do segundo decênio do século XX, a educação tornou-se também panacéia para a resolução dos problemas que obstavam a transformação do quadro político e a implementação das mudanças em gestação. Nesse sentido, as reformas no sistema educacional (cursos primário e normal) começaram a ser implementadas por Francisco Campos – Secretário dos Negócios do Interior na gestão do governo Antônio Carlos – no decorrer da década de 1920 e, grosso modo, tinham como justificativa adequar a educação no Estado aos princípios liberais postulados pelo governador em exercício no período.

Desta forma, assim como nas demais regiões do país, a inclusão da educação na agenda de reformas implementadas durante o governo de Antônio Carlos significou a tentativa realizada pelas elites rurais de acomodarem parte do conflito existente entre os interesses das classes médias urbanas e aqueles provenientes dos grupos proletários e, com isso, assumirem o controle de possíveis distúrbios sociais: *"Esperava-se da escola que ela renovasse a formação das elites dirigentes. Enquanto agência de instrução básica deveria preparar o indivíduo para bem escolher seus representantes quando da utilização do voto secreto"*.[239]

A educação deveria, então, ocupar uma posição estratégica, pois além de possibilitar a formação de mão de obra para atender às crescentes necessidades criadas com a urbanização em curso, a escola também tinha como função garantir a escolarização para uma centena de analfabetos, ampliando, assim, o seu direito ao voto. Nesse sentido, explica-se o fato de o Estado ter trazido para si a responsabilidade de remodelar a escola primária e normal. Segundo Peixoto:

---

[238] Segundo Nagle, ambos os períodos, denominados por ele respectivamente de *entusiasmo pela educação* e *otimismo pedagógico***,** podem ser definidos da seguinte forma: "... de um lado, existe a crença de que, pela multiplicação das instituições escolares, da disseminação da educação escolar, será possível incorporar grandes camadas da população na senda do progresso nacional, e colocar o Brasil no caminho das grandes nações do mundo; de outro lado, existe a crença de que determinadas formulações doutrinárias sobre a escolarização indicam o caminho para a verdadeira formação do novo homem brasileiro (escolanovismo). A partir de determinado momento, as formulações se integram: da proclamação de que o Brasil, especialmente no decênio da década de 1920, vive uma hora decisiva, que está exigindo outros padrões de relações e de convivências humanas, imediatamente decorre a crença na possibilidade de reformar a sociedade pela reforma do homem, para o que a escolarização tem um papel insubstituível, pois é interpretada como o mais decisivo instrumento de aceleração histórica". (NAGLE, op. cit., p. 134).

[239] LEROY, Noêmia M. I. P. *O gatopardismo na educação* — reformar para não mudar: "o caso de Minas Gerais". Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1987, p. 37.

> *Ao destacar a educação em seu programa de governo, Antônio Carlos o faz em sentido estratégico. Em primeiro lugar, sob a aparência de garantir, via transferência da educação para o Estado, a extensão dos direitos de escolaridade aos grupos até então marginalizados da política do país, Antônio Carlos coloca sob a direção dos grupos no poder um importante instrumento de controle e persuasão social. Em segundo lugar, ao atender a uma importante reivindicação dos grupos emergentes, ele capta a adesão dos setores médios e dos grupos modernizantes do país para o seu programa de governo.* [240]

Nesse sentido, para as camadas médias urbanas importava assegurar a educação como instrumento de acesso à participação política e também como uma possível garantia para seus representantes esquivarem-se da proletarização. O segundo grupo, por sua vez, poderia encontrar na escolarização uma das vias de ascensão social capaz de minimizar as privações a que estava sujeito. Dessa forma, ao assumir os encaminhamentos para a remodelação do ensino escolar em Minas Gerais, o governo estadual tentava evitar maiores conflitos entre esses grupos, tornando o acesso à escola uma possibilidade real para segmentos diferenciados da população, e, ao mesmo tempo, assegurando o controle da situação, dado que a iniciativa de implementar as mudanças almejadas partia do alto, mais especificamente das camadas detentoras das decisões no nível do executivo e do legislativo:

> *Assim sendo, a Reforma de Ensino constitui um movimento intervencionista do Estado Mineiro, necessário para o equilíbrio social a fim de garantir a continuidade da estrutura econômica. Esse movimento intervencionista, enquanto política social, constitui um instrumento de desmobilização dos grupos subalternos. O que se busca, no fundo, não é senão uma acomodação entre o 'tradicional e o moderno reformista', de cuja antecipação resultaria a desmobilização do 'revolucionário', ainda que distante.*[241]

Embora ainda não tenhamos estudos aprofundados que nos permitam compreender o significado dessa reforma do ensino para o município de Uberlândia, sabemos que, a partir de 1920, a cidade também foi varrida pelo vento que trazia consigo a crença na educação como possibilidade de conduzir o desenvolvimento da nação e, por conseguinte, de transformar o homem em um cidadão republicano, pois:

> *Se a preocupação com a educação no Brasil, no início do século passado, era geral, consideramos que Uberabinha não poderia estar de fora deste processo, ainda que descontadas as devidas proporções, em função da distância dos grandes centros, da*

[240] PEIXOTO, Anamaria Casassanta. *Educação no Brasil anos vinte*. São Paulo: Loyola, 1983, p. 72-73.
[241] PEIXOTO, op. cit., p. 169.

> *parca formação intelectual da elite local e da presença maciça do analfabetismo na população da cidade que não chegava a 5 mil pessoas em 1920 ... .*[242]

Os temas referentes à expansão da rede escolar e à necessidade de erradicação do analfabetismo povoavam as páginas dos periódicos locais, consubstanciando-se em motivos das mais ardorosas reivindicações. Segundo Carvalho: *"Nos jornais de Uberabinha, havia nos anos de 1920, um forte apelo pela disseminação da instrução, com o intuito de erradicar o analfabetismo e propagar a idéia do homem enquanto cidadão da República..."*.[243]

Em uma matéria publicada no *Jornal de Uberlândia*, o tom dramático do título, *Uma escola pelo amor de Deus*, demonstrava a gravidade da situação provocada pela carência de escolas e, conseqüentemente, apontava a necessidade de escolarizar a população, como forma de resolver problemas que iam desde a desestruturação familiar até aqueles oriundos da nacionalidade "ameaçada". O fortalecimento das instituições republicanas era, nesse caso, colocado como um dos fins primordiais ao qual se destinava a educação:

> *Entre nós, de todos os males é o analfabetismo, sempre crescente aos nossos filhos, o que mais desorganiza a família, enfraquece a República e ameaça assustadoramente o futuro da nacionalidade. O Brasil como país novo e de possibilidades econômicas extraordinárias, tem pela frente a solucionar problemas imediatos e imperiosos. A instrução é sem dúvida nenhuma o maior deles. O número de escolas que possuímos em todo o país, para a nossa já avultada população infantil, é alarmantemente deficiente*.[244]

Com efeito, encontramos, nos jornais da cidade, em diversas ocasiões, a defesa da escola como instrumento eficaz de progresso da nação e de desenvolvimento individual. Nesses artigos, ao lado de comentários genéricos acerca da importância da educação escolar, fazia-se a apologia ao ensino primário, alvo, então, das preocupações daqueles que se voltavam para a questão da escola e, sobretudo, para a desanalfabetização da sociedade.[245] A propósito do início das aulas noturnas em uma escola municipal, o jornal *A Tribuna*, por exemplo, publicou, no ano de 1923,

---

[242] GONÇALVES NETO, op. cit., p. 210.
[243] CARVALHO, L., op. cit., p. 56.
[244] CÂMARA FILHO. Uma escola pelo amor de Deus. *Jornal de Uberlândia*, Uberlândia, não paginado, 18 abr. 1937. APU. CPJA.
[245] O trecho reproduzido a seguir, extraído de um dos jornais que circulava na cidade, compõe um artigo que comenta uma visita realizada à escola noturna instalada no Grupo Escolar Bueno Brandão. Por meio dele, obtivemos um exemplo desse aspecto genérico com que era abordada a importância conferida à educação escolar: "O mundo marcha para época do aproveitamento de valores. A humanidade, como que pressentindo a aproximação de uma nova era, em que o homem será qualificado não pela fortuna mas pelo seu saber, e deixando de parte todos os preconceitos errôneos que a tornam incapaz de adquirir o necessário grau de civilização, encaminha-se para as escolas, num desejo incontido de desvendar as ciências, as artes e todos os ramos da atividade humana". (ESCOLAS noturnas. *A Tribuna*, Uberlândia, não paginado, 12 ago. 1934. APU. CPJA).

um artigo por meio do qual elogiava a iniciativa das autoridades locais em prol da escolarização dos habitantes da cidade e, na oportunidade, hasteava a bandeira do ensino primário em detrimento dos outros graus de escolarização:

> *Não são as academias, as universidades, os ginásios, os estabelecimentos de instrução mais necessários ao país. A escola primária, a base, o primeiro marco para o saber; o primeiro golpe ao analfabetismo, é a mais bela instituição que conhecemos para a grandeza de um país como o Brasil cheio de jecas doentes e analfabetos*.[246]

Em Uberlândia, a partir dos anos de 1920, o entusiasmo com a escola e a defesa veiculada pelos jornais em favor da alfabetização de crianças e adultos – consubstanciando na apologia ao curso primário –, podem ser explicados em função de algumas transformações sócio-econômicas pelas quais a cidade começou a passar desde a primeira metade da segunda década do século XX. Transformações que tiveram o seu primeiro impulso desencadeador com a chegada dos trilhos de ferro, implantados pela Cia. Mogiana de Estradas de Ferro. Segundo Arantes:

> *São Pedro de Uberabinha (Uberlândia), depois de Uberaba, foi o ponto da extensa ferrovia que recebeu a maior soma de benefício proveniente dessa estrada. Para esta cidade, ainda nos primórdios de sua formação, afluiu todo movimento da vastíssima e rica zona do vale do Paranaíba, sudoeste de Goiás e o baixo Triângulo Mineiro.*[247]

A despeito desse entusiasmo, a instalação da estrada de ferro, no ano de 1896, não trouxe isoladamente o imediato crescimento econômico para a cidade. A estatística da movimentação comercial efetuada na região, referente aos primeiros anos do século passado, apresentada por Guimarães, ao analisar a transformação econômica do Triângulo Mineiro ou do Sertão da Farinha Podre, fornece alguns dados reveladores da inexpressividade comercial representada por Uberlândia em âmbito micro-regional até aquele período. Os números levantados pelo autor demonstram que, em 1905, ou seja, transcorridos nove anos da instalação dos trilhos de ferro, Uberlândia ainda não desfrutava de uma posição econômica privilegiada, pois ocupava o último lugar dentre as oito cidades do Triângulo Mineiro avaliadas pela referida estatística. Os dados coletados representam o desenvolvimento do comércio na região durante os anos de 1904 a 1905, incidindo sobre o número de estabelecimentos comerciais e também sobre o montante das vendas

[246] INSTRUÇÃO primária. *A Tribuna*, Uberlândia, não paginado, 29 jul. 1923. APU. CPJA.
[247] ARANTES, J. *Memória histórica de Uberlândia*: Setor ferroviário. Alta Mogiana. Uberlândia: [s.n.], [1970], p. 1. Acervo Delvar Arantes.

anuais de seus produtos. Nesse período, a movimentação comercial observada em Uberlândia era ultrapassada por cidades como Araguari, Patrocínio, Monte Carmelo, Monte Alegre e outras.[248]

Faltavam estradas e pontes que facilitassem o escoamento da produção local e possibilitassem a redistribuição daqueles produtos que ali chegavam via Mogiana. Entretanto, a partir do final da primeira década do século XX, esses problemas foram, pouco a pouco, solucionados, e a situação econômica de Uberlândia começou a reverter-se favoravelmente em função de mais duas iniciativas que, somadas à ferrovia, delinearam nova configuração ao crescimento econômico da cidade.

O primeiro fator que, aliado à Mogiana, impulsionou o crescimento da economia local foi a construção da Ponte Afonso Pena. Inaugurada em 1909, esta ponte significou para Uberlândia a extensão de seu mercado consumidor e a ampliação das transações comerciais, pois, após sua inauguração, tornava possível escoar a produção agro-pecuária por uma vasta região. Segundo Pezutti: *"... o rápido surto de Uberabinha se acha intimamente ligado a um acontecimento de vital importância qual foi a feitura da magnifica ponte 'Afonso Pena', (...) a qual pôs em estreito contato de comércio todo o sudoeste de Goiás com esta parte do Triângulo Mineiro*".[249]

No romance *Lágrima Comprida*, a autora comenta esse mesmo feito com a particularidade de que a cidade de Uberlândia aparece com o pseudônimo de Capoeirinha. Uma das personagens do livro, ao divagar sobre a história local, tece o seguinte comentário: *"E sobre*

248

COMÉRCIO NA REGIÃO DO TRIÂNGULO MINEIRO (1904-05)

Municípios	Nº. de Estabelecimentos	Vendas Anuais
Araguari	23	1.260:000$000
Araxá	50	500:000$000
Monte Alegre	28	326:500$000
Monte Carmelo	36	443:000$000
Patrocínio	63	389:000$000
Sacramento	87	1.304:000$000
Uberaba	88	5.198:000$000
Uberabinha	11	672:000$000

FONTE: GUIMARÃES, Eduardo N. A transformação econômica do Sertão da Farinha Podre: O Triângulo Mineiro na divisão inter-regional do trabalho. *História & Perspectivas*, Uberlândia,. n. 4, p. 21, jan./jun. 1991.

249 PEZUTTI, Pedro. *Município de Uberabinha*. História, administração, finanças, economia. Uberabinha: Livraria Kosmos, 1922.

o rio Paranaíba foi construída a ponte Afonso Pena, canalizando para Capoeirinha todo o comércio do sudoeste goiano".[250]

A inauguração da ponte foi, de fato, um elemento imprescindível para o crescimento econômico de Uberlândia, mas inexistindo estradas de rodagem ligando a cidade à ponte, as mercadorias destinadas à exportação tinham, necessariamente, de ser conduzidas, até o ano de 1913, pelos primitivos e lentos carros-de-boi, através dos caminhos indefinidos e cheios de percalços. Em 1908, o jornal *O Progresso* aproveitou o ensejo da proximidade da data em que seria inaugurada a ponte para denunciar a precariedade dessas estradas e reivindicar para elas um amplo serviço de reforma.[251]

Em suma, para acelerar as atividades comerciais de Uberlândia, faltavam estradas minimamente pavimentadas que facilitassem o escoamento da produção até o rio Paranaíba. No entanto, esse problema foi rapidamente solucionado, pois, em 1913, a Cia. Mineira de Auto-Viação Intermunicipal inaugurou a primeira estrada de rodagem ligando a pequena cidade à ponte Afonso Pena. De acordo com Arantes, essa estrada *"... foi a 'porta larga do Brasil Central', que (...) conduziu toda a produção agro-pecuária para o mercado de Uberlândia"*.[252] Concretizou-se, com isso, a tríade que possibilitou à cidade elevar-se alguns anos mais tarde à condição de pólo econômico do Triângulo Mineiro. Segundo Guimarães:

> *...a dominação de Uberabinha sobre a região, ocorreu a partir de 1913 com a construção, pela Companhia Mineira de Auto-Viação Intermunicipal, de uma ligação por estrada de rodagem, desta cidade à referida ponte, colocando a mercê todo o sudoeste goiano e norte triangulino. Só assim se despontaria a cidade de Uberabinha, consolidando-se como entreposto comercial, sob a conjunção do tripé: ferrovia-rodovia-ponte Afonso Pena.* [253]

Nessas circunstâncias, a hegemonia de Uberlândia sobre as demais cidades do Triângulo Mineiro começou a emergir em meados da segunda década do século XX; para tanto,

---

[250] CARNEIRO, Ceres de Alvim. *Lágrima comprida*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1960, p. 60.
[251] De acordo com esse periódico: "Para que a ponte nos proporcione os melhoramentos que dela esperamos, é preciso que as estradas convergentes, ofereçam também o necessário trânsito, sem o empecilho de qualquer espécie, razão pela qual entendemos que conjuntamente com a construção da ponte, se faça a reforma de estrada, a fim de que, quando constar nos lugares mais afastados do sul de Goiás que a ponte está concluída, se saiba igualmente que as estradas são de fácil acesso, oferecendo as necessárias comodidades". (DESENVOLVIMENTO comercial. *O Progresso*, Uberlândia, p. 1, 28 jun. 1908. APU. CPJA).
[252] ARANTES, J. *Cidade dos sonhos meus*. 2. ed. Uberlândia, 1981b, p. 101. (Datilografado). Acervo Delvar Arantes.
[253] GUIMARÃES, op. cit., p. 27.

concorreram a implantação da Cia. de Estradas de Ferro Mogiana, a construção da ponte Afonso Pena e a construção de estradas de rodagem pela Cia. Mineira de Auto-Viação Intermunicipal. Deve-se, contudo, balizar os dados relativos a esse crescimento, ressalvando que, a despeito da implementação e sofisticação nos meios de transporte, Uberlândia, nos primórdios dos anos de 1920, conforme discutimos no primeiro item deste capítulo, ainda se caracterizava por ser um centro pequeno, com grande parte da população espalhada pela zona rural. Foi somente a partir da década de 1940 que os índices verificados no crescimento urbano sofreram uma alteração considerável. Segundo Rodrigues, de 1940 a 1960, a população rural teve uma redução de 21,07%, ao passo que, no mesmo período, a população urbana apresentou um crescimento de 224,17%.[254]

Mesmo assim, com a elevação no volume das transações comerciais, teve início, em âmbito local, a partir da segunda metade dos anos de 1910, um processo de transformação social – ainda que lento –, caracterizado pelo surgimento de postos de trabalho relacionados ao comércio e às atividades dele derivadas ou por ele fomentadas. Esse processo trouxe em seu bojo a reivindicação, por parte de um segmento da população local, de um grau mínimo de escolarização, capaz de suprir a necessidade de uma mão-de-obra portadora de conhecimentos que não mais se restringiam ao domínio das habilidades requeridas para o exercício do trabalho agrícola.[255] Estavam sendo postas, naquele momento, as concepções que associavam educação e crescimento econômico, traduzidas em um artigo publicado no jornal *A Tribuna*, do qual transcrevemos um trecho a seguir.

> *O principal objetivo da instrução ou melhor da educação, é, como não poderia deixar de ser, aparelhar o homem com os recursos necessários a tornar-se um elemento útil a si próprio e portanto ao organismo social. (...) as nossas escolas primárias despejam anualmente, no terreno da vida prática, legiões de jovens alfabetizados, mas desprovidos totalmente, de conhecimentos técnicos e profissionais, (...). O ensino*

[254] RODRIGUES, Jane de F. S. *Trabalho, ordem e progresso*: uma discussão sobre a trajetória da classe trabalhadora uberlandense. O setor de serviços. 1924-1964. 1989. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 1989, p. 36.

[255] Há quem defenda, inclusive, que um impulso industrializador teria sido verificado em Uberlândia já no início do século XX. De acordo com Rodrigues, "Significativo foi o crescimento da economia do município em torno da atividade principal, o comércio, que conseguiu imprimir um caráter eminentemente citadino no seu núcleo urbano. Ao lado do comércio e da agropecuária, crescia a indústria, mesmo que incipiente. (...) Ao lado do crescimento econômico do município com base nas transações comerciais, o tema da industrialização começou a se impor, a partir da primeira década deste século". (RODRIGUES, J., op. cit., p. 31; 69).

> *primário deve ser nacionalista, mas não pode esquecer o seu objetivo econômico: – o de formar homens produtivos, úteis, a si e à sociedade*.[256]

É compreensível que, nesse contexto, a escola tenha começado a adquirir um *status* privilegiado, passando a gozar de prestígio dentre a camada da população com um grau de instrução mais elevado e tornando-se, por outro lado, objeto de desejo daqueles que permaneciam à margem da sociedade, pois *"A escola é um valor social compreensível por toda a população, que reconhece facilmente a sua importância e necessidade"*.[257] Foi em meio a essa positivação da educação e, por conseguinte, da escola como instituição privilegiada para reformar o homem e, portanto, modificar a sociedade, que se inscreveu o início da atuação de Arantes na esfera educacional de Uberlândia.

Desde as primeiras atividades desenvolvidas pelo professor Arantes em sua escola, pudemos apreender uma preocupação em aliar ao ensino formal, composto pelo elenco de disciplinas obrigatórias estabelecidas pelo programa oficial para o curso primário, atividades que pudessem favorecer o aprimoramento dos alunos no que concerne a outras esferas do saber não escolar, tais como: encenação de peças teatrais, excursões com finalidades educativas e organização de um museu.

Conforme discutimos anteriormente, essas atividades podem ser relacionadas, de uma forma geral, às transformações que se operavam no âmbito dos processos educativos. A superação de uma concepção tradicional de escola já estava sendo discutida e já se registravam experiências inovadoras antes mesmo do advento dos pressupostos da Escola Nova. Dessa forma, podemos inferir que a tentativa realizada por Arantes, de fazer com que o ensino extrapolasse a sala de aula, inseria-se na perspectiva inovadora de educação que já estava circulando pelo país desde a primeira década do século XX, em particular, pelo estado de Minas Gerais com a incorporação do método intuitivo pela legislação educacional e pela sua aplicação em sala de aula.

Na imprensa de Uberlândia, no início dos anos de 1930, já se falava, inclusive, nas transformações advindas com a implantação dos pressupostos da Escola Nova. No ano de 1933,

---

[256] SILVEIRA, Luiz C. da. A função econômica do ensino. *A Tribuna*, Uberlândia, não paginado, 24 abr. 1939. APU. CPJA.
[257] GONÇALVES NETO, op. cit., p. 224.

por exemplo, o jornal *A Tribuna* publicou um artigo no qual se celebravam aspectos dessa "pedagogia nova", em particular, defendia-se a necessidade de restringir a autoridade dos mestres em favor da espontaneidade da criança no ato de aprender:

> *É preciso uma grande reserva de simpatia, de compreensão e de imaginação, para criar e educar as crianças – disse Rabindranath Tagore –. Necessitam elas alcançar inteira plenitude de sua vida, para que possam contribuir depois no sentido de obter a humanidade de toda a sua plenitude. Ora, isto somente poderá conseguir mediante o exercício de liberdade na inteligência, no sentimento e na vontade. Nunca se poderia lograr essa plenitude tão procurada na vida do menino pela imposição exterior, pelas restrições da autoridade ou por limitações da faculdade criadora.*[258]

Ainda que não tenha sido um entusiasmado divulgador das mudanças em curso na educação escolar, a partir da inserção dos pressupostos da Escola Nova, Arantes apresentava algumas afinidades com as idéias renovadoras então em fase de debate e de tentativas de implantação. A importância em proporcionar aos alunos atividades de experimentação por meio das quais eles pudessem adquirir os conhecimentos ministrados pelo professor e as aulas de ginástica constituem-se em alguns exemplos que podem ser acrescidos a esses outros publicados em um jornal da cidade de Itumbiara:

> *Devemos salientar, com justiça, os esforços do professor particular, Jerônimo Arantes, moço idealista que mantinha o seu modesto estabelecimento de ensino, pelos anos de 1917, procurando imprimir-lhe um estilo mais avançado, uniformizando os seus alunos, dando-lhes instrução de Ginástica, desfilando pelas poucas ruas da Vila, a fim de implantar neles o gosto e o amor a instrução. Jerônimo Arantes foi o pioneiro da instrução moderna em Itumbiara... .*[259]

Todavia, acreditamos que a renovação com a qual Arantes dialogava de forma mais próxima ancorava-se antes nas transformações propostas pelo método intuitivo do que propriamente nas mudanças gestadas pelo escolanovismo.

Além disso, a docência lhe interessava na mesma medida em que nutria um interesse pela pesquisa histórica: colecionava documentos, dentre eles, destacavam-se os jornais e as revistas; registrava depoimentos acerca da história da cidade em seus mais diversos aspectos: econômico, político, cultural; fotografava os seus depoentes, as ruas e jardins públicos, as instituições de ensino escolar – primeiramente, o seu colégio, depois as escolas rurais que inspecionava – e os

---

[258] PELA instrução. *A Tribuna*, Uberlândia, não paginado, 15 jan. 1933. APU. CPJA.
[259] ALMEIDA, Sidney. Notas históricas de Itumbiara. Apud ARANTES, J. 1977, op. cit., não paginado.

demais aspectos da paisagem urbana que lhe pudessem ser úteis na construção da história da cidade; e, por fim, organizava os dados coletados, escrevendo e publicando textos e livros acerca dos resultados das pesquisas realizadas.

Arantes aliou ao ensino a atividade de pesquisa, buscou conhecimentos que ultrapassavam o saber escolar e também demonstrou interesse pela inclusão de atividades culturais no currículo de seu colégio. Ao organizar o colégio *Amor às Letras,* buscando a fundamentação para o seu projeto de ensino no sopro renovador que atingia a pedagogia, ele se fez notar. Desta forma, compreendemos que o ensino, para ele, não se desvinculava da pesquisa e da produção de um saber que pudesse instrumentalizá-lo em sala de aula e, principalmente, que contribuísse para a construção de uma dada imagem da cidade de Uberlândia.

Também pela análise da sua literatura escolar, compreendemos que as suas preocupações com o ensino extrapolavam o âmbito da escola, pois, mais do que servir como instrumento pedagógico para o professor, o conteúdo abordado em seus livros revela uma preocupação em contribuir para um projeto de urbanização que cristalizasse o ideal de uma cidade ordeira, dinâmica e próspera. Ele destinou parte de seus livros escolares para discussão dos aspectos relativos à vida no campo, e não poderia ter sido diferente, posto que lidava, no serviço público, diretamente com o ensino rural. No entanto, mesmo que parte do conteúdo se restringisse ao modo de vida camponês, os valores que subjazem aos seus textos são correspondentes àqueles presentes no discurso disciplinarizador e dizem respeito às condutas de ordem mais gerais, podendo, por isso, servir como paradigma também para as representações de um modo de viver caraterístico daqueles que habitavam a cidade.

Arantes não exerceu nenhum mandato político e, conseqüentemente, não pôde se valer da tribuna para defender ou divulgar concepções ufanistas acerca do desenvolvimento da cidade, nem pode criar projetos ou propor legislação no mesmo sentido. Não obstante ter sido proprietário de uma escola primária, Arantes também não pode ser considerado um empresário no sentido lato da palavra, dado que aquele estabelecimento de ensino não poderia ter sido tomado como um empreendimento empresarial, conforme aludimos nas páginas precedentes. Em suma, ele não desfrutava de uma posição privilegiada nas esferas do poder político-econômico instalado no município. Portanto, por essas vias — representação política e atividade empresarial

— não lhe teria sido possível projetar-se na sociedade local e tampouco elaborar e divulgar as representações do dinamismo da cidade.

No entanto, ele driblou o que parecia ser uma limitação e utilizou os elementos de que então dispunha a seu favor, tais como o envolvimento com a educação e a literatura escolar, para se destacar nos domínios da elite local, contribuindo para a edificação de uma dada memória concernente à história da cidade, ao mesmo tempo em que alinhava os fios da trama que comporiam as representações acerca da memória que parece ter desejado edificar de si mesmo. Nesse sentido, ao propor os elementos que fariam parte de uma dada história do desenvolvimento da cidade, Arantes também trabalhava para construir e perpetuar a sua própria memória. Por meio desse feito, realizava uma operação através da qual fundia as suas representações no quadro das representações da história da cidade, nos seus mais diversos aspectos: político, econômico e cultural.

Dessa forma, tanto as atividades realizadas em seu Colégio quanto a literatura escolar que escreveu favoreceram também para compor a sua memória. Como escritor, ao abordar questões relativas à escola, ele prestava a sua contribuição, para que, de forma paulatina, fossem sendo difundidas concepções de ordem, de positivação do trabalho, de disciplina aliada à prosperidade, que serviram para engendrar o discurso oficial referente às características que se acreditavam próprias da cidade. Os conceitos subjacentes aos seus livros eram os mesmos que perpassavam as representações que a elite local construía sobre a cidade. Os discursos proferidos por essa elite eram sempre pautados nos lemas de ordem e progresso e visavam, sobretudo, justificar as ações político-empresariais empreendidas em favor do crescimento da cidade.[260]

Detectamos, tanto na prática docente quanto na literatura escolar produzida por Arantes, uma cumplicidade com esse discurso e daí pudemos inferir o seu envolvimento com a política local, pois, mesmo antes de ter ocupado cargos de confiança na administração pública municipal, sua fala já se alinhavava com uma dada representação do real que era produzida pelo poder político instalado em Uberlândia.

[260] MACHADO, Maria Clara T. Muito aquém do paraíso: ordem, progresso e disciplina em Uberlândia. *História & Perspectivas,* Uberlândia, n. 4, p. 45, jan./jun., 1991.

Todavia, não queremos com isso afirmar que, nos projetos defendidos por Arantes, predominava um viés pragmático que orientaria a organização de sua escola, assim como conduziria a temática abordada em seus escritos escolares em função de uma possível aquisição de benefícios pessoais ou profissionais. Ao fazer uma leitura aproximando a atuação de Arantes do cenário político local, buscamos mostrar que o exercício da política foi incorporado por ele, sem, no entanto, ter se envolvido diretamente com a ocupação de mandatos políticos. A sua prática política não estava circunscrita ao âmbito de ações deliberadamente selecionadas com fins pragmáticos, mas, por outro lado, não era descolada de ações alheias ao contexto em que estavam inscritas.

Em um período alimentado pela crença de que a escola constituía-se na panacéia para solucionar problemas seculares — porém agravados com o advento do regime republicano —, a atuação de Arantes no âmbito educacional significou a completa sintonia com os valores que se depositavam no saber escolar.[261] O seu envolvimento com o curso primário, fosse como provedor dessa modalidade de ensino, na condição de proprietário de um colégio, fosse como docente, serviu-lhe para projetar-se no meio cultural de Uberlândia e, no ano de 1962, ainda era saudado por ex-alunos:

> *Caro mestre,*
>
> *Pode fazer desta modesta propaganda o uso que lhe convier. José Luciano foi seu aluno, freqüentando apenas o 2º ano primário, no sempre lembrado COLÉGIO 'AMOR ÀS LETRAS', que o senhor dirigiu, como bom professor, muitos anos, no tempo de Uberabinha, aí no Largo do Rosário. Quantos pais e mães de famílias que hoje são, estudaram naquele bom colégio, do qual tenho profunda saudade.*[262]

O reconhecimento da sociedade local – expresso por um de seus contemporâneos nas seguintes palavras: *"O Jerominho se sobressaía sobre todos nós. Porque ele era um educador. (...) Foi um professor exemplar"*.[263] – e, particularmente, dos políticos, fica claro no fato de que lhe foi confiada a responsabilidade pela fiscalização, organização e desenvolvimento do ensino

[261] A relevância da educação no período pode ser atestada, dentre outros fatores, pelos resultados obtidos em uma investigação realizada em São Paulo, ao final dos anos de 1950, com o objetivo de classificar 30 profissões existentes no país. Os moradores daquela cidade, ouvidos na pesquisa, classificaram a profissão de professor primário em 9º. Lugar, acima do pequeno empresário. (MELLO; NOVAIS, op. cit., p. 587-88).
[262] LUCI- [ilegível], José. *[carta]*. S.l., set. 1962. Carta de um ex-aluno ao professor Jerônimo Arantes a fim de apoiar-lhe a candidatura a Juiz de Paz da Comarca de Uberlândia. APU. CPJA. PT.
[263] DINIZ, Cícero, op. cit.

mantido pela prefeitura. Primeiro foi nomeado como inspetor de ensino e, posteriormente, assumiu a chefia do Serviço de Educação e Saúde do Município, iniciando, assim, a sua longa carreira no serviço público municipal.[264]

As portas do serviço público foram-lhe abertas a partir de sua atuação no *Colégio Amor às Letras,* na condição de educador, pois, nesta escola, teria prestado *"... os mais relevantes serviços ao progresso moral e intelectual de seus numerosos discípulos, cujo número aumenta dia a dia graças à capacidade de trabalho prático e eficiente adotado por seu diretor"*.[265] Mas foi no decorrer do período em que atuou na fiscalização das escolas municipais que Arantes produziu parte dos requisitos que tornou possível construir as suas representações acerca da história local, assim como reuniu as condições necessárias para que se produzissem as representações acerca de si próprio.

[264] O caminho percorrido por Arantes remete aquele seguido por muitos intelectuais nas primeiras décadas do século XIX. Gontijo salienta que: "Esta trajetória, que vai da ocupação de cargos públicos ao trabalho de escrever livros educativos, pode ser vista como estando de acordo com a perspectiva de uma missão a ser cumprida pelos intelectuais em sua época, qual seja: lutar pelo projeto da 'educação como redenção nacional, supondo que sua implementação seria capaz de garantir uma progressiva transformação da sociedade brasileira, contribuindo para a definição de algumas precondições indispensáveis para se pensar no Brasil como nação". (GONTIJO, op. cit., p. 135).

[265] PROFESSOR Jeronymo Arantes. *A Tribuna*, Uberlândia, não paginado, 02 ago. 1925. APU. CPJA.

CAPÍTULO II

SERVIÇO PÚBLICO

2.1. Escolas Rurais

A partir de 1933, a atuação de Arantes no âmbito educacional sofreu algumas transformações, pois de proprietário de uma pequena escola e também regente de suas salas de aula ele passou a inspetor de ensino e, posteriormente, assumiu a chefia do Serviço de Educação e Saúde no Município, mantendo sob sua responsabilidade a fiscalização do trabalho executado por diretores e professores dos diversos estabelecimentos de ensino da rede municipal instalados em Uberlândia.

Mesmo antes de ingressar no serviço público, a experiência acumulada por Arantes na educação escolar extrapolava os domínios do ensino de caráter privado, uma vez que, na sua escola, havia uma cadeira noturna mantida pela Câmara Municipal de Uberlândia, da qual, como já discutido, ele tornou-se regente no ano de 1925. Assim, ele transitou tanto na esfera privada de educação quanto na pública, e a sua nomeação para o cargo de inspetor municipal de ensino parece ter decorrido do fato de ter sido um homem cuja atuação na educação escolar no nível primário projetou-o no meio político local, pois, segundo constava na reforma educacional realizada no Estado durante o governo de Júlio Bueno Brandão, os inspetores municipais deveriam ser "agentes da confiança do governo", nomeados pelo Presidente do Estado, tais como promotores de justiça ou professores de "mérito excepcional".[266]

Embora não tenha ficado explícito, pode-se depreender do texto dessa Reforma que as nomeações dependiam mais da relação pessoal do governante com a pessoa nomeada do que propriamente da competência desta para o exercício das habilidades requeridas pelo cargo ocupado. Situação muito característica da constituição do Estado brasileiro e, por conseguinte, da história do serviço público no Brasil. Segundo Sérgio Buarque de Holanda, o Estado burocrático em que predominam a especialização de funções e o ordenamento impessoal não floresceu no

[266] MOURÃO, op. cit., 184.

país, pois, entre nós, ao contrário, *"A escolha dos homens que irão exercer funções públicas faz-se de acordo com a confiança pessoal que mereçam os candidatos, e muito menos de acordo com as suas capacidades próprias"*.[267]

O caso específico do cargo de inspetor de ensino, no mesmo período em que Arantes o assumiu em Uberlândia, parece corroborar esta análise, visto que ao pesquisar a correspondência pessoal de Gustavo Capanema, recebida e expedida durante o Estado Novo, Gomes constatou que o tema predominante nas cartas enviadas ao então ministro da Educação e Saúde eram referentes a pedidos *de "Nomeações para cargos nas áreas de educação e saúde, que então se expandiam por todo o país. Destes cargos alguns são campeões entre os pedidos, como é o caso dos inspetores de ensino"*.[268] Dentre todos os temas tratados, esses perfaziam um total de 47%.[269]

A legislação educacional aprovada em Minas Gerais no ano de 1911, depois de instituir o cargo de inspetor municipal de ensino (ao lado do de inspetor regional), descreveu detalhadamente as atribuições destes profissionais. Segundo Mourão, a partir dessa reforma educacional, os inspetores municipais deveriam desempenhar as seguintes funções:

> *... apresentar ao governo, no fim de cada ano letivo, um relatório do desenvolvimento do ensino nas escolas do município, com sugestões de melhoria das suas condições e ainda informações sobre a capacidade dos professores. Deveriam visitar as escolas do seu município, pelo menos duas vezes por ano. Os seus adjuntos ou auxiliares deveriam fazer novas visitas às escolas, quando estas se tornassem necessárias e os inspetores não pudessem renovar as já feitas. (...) representar o governo sobre as necessidades materiais das escolas. (...) informar os requerimentos dos professores relativos a licenças e remoções; (...) conceder licença aos professores (...); promover festas escolares nas grandes datas nacionais e no fim do ano*.[270]

---

[267] HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991, p. 106.
[268] GOMES, Ângela de C. O ministro e sua correspondência: projeto político e sociabilidade intelectual. In: GOMES, A. de C. (org.). *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro: FGV; Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2000, p. 32.
[269] No livro *Trabalhadores do Brasil*, o autor emprega como fonte a correspondência enviada ao Presidente Getúlio Vargas, por intermédio da Secretária da Presidência da República, para investigar aspectos relacionados à cultura política dos trabalhadores e os liames desta com a burocracia estatal, durante o início da década de 1930. Em seu estudo — principalmente nos três primeiros capítulos, respectivamente: *A cultura política dos trabalhadores no primeiro governo Vargas*, *José e os Sírios*: *opressão social e cultura política camponesa* e, finalmente, *Getúlio Vargas, o povo e a Secretaria da Presidência* —, Jorge Ferreira também conclui que, a despeito de se tratarem de textos produzidos individualmente, predominavam nas cartas os pedidos. Os missivistas pediam ao presidente emprego, promoção no trabalho, aumento salarial, reparação de uma injustiça sofrida e outras solicitações. (FERREIRA, Jorge. *Trabalhadores do Brasil*: o imaginário popular. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997, p. 24).
[270] MOURÃO, op. cit., p. 185.

Alguns anos após a aprovação dessa legislação, em 1921, a revista *A Escola* dedicou um artigo à relevância do trabalho de inspeção do ensino, e nele são apresentadas algumas das atividades do inspetor escolar, dentre estas, destacam-se: criação de escolas, seleção dos prédios onde estas seriam instaladas, montagem do material didático, fundação das caixas escolares e outras.[271]

O ingresso de Arantes no serviço público, na área educacional, efetivou-se alguns anos após essa regulamentação e ocorreu no momento em que o ensino primário tinha sido alvo de um amplo projeto de reforma no Estado de Minas Gerais, elaborado e implementado por Francisco Campos. No âmbito desse projeto, o Decreto nº. 7970-A, de 15 de outubro de 1927, estabeleceu os critérios para a seleção dos inspetores municipais e distritais. Estes deveriam ser agentes da confiança do governo e nomeados pelo Presidente do Estado. O referido decreto estipulou também que, nas comarcas, o cargo seria ocupado automaticamente pelo promotor de Justiça.[272] Em Uberlândia, antes da referida Reforma, encontramos, no ano de 1923, um artigo publicado no jornal *A Tribuna* comentando um projeto de reforma no ensino público primário que havia sido aprovado pela Câmara Municipal, que, dentre outras regulamentações, criava o cargo de inspetor municipal escolar.[273]

No que concerne às atividades desempenhadas no cumprimento das funções exigidas por seu cargo como inspetor municipal de ensino, Arantes não fugia às atribuições anteriormente definidas, pois inspecionava o funcionamento das escolas avaliando o trabalho dos professores e acompanhando o aproveitamento dos alunos, fiscalizava a realização das provas de exames finais, dava posse aos novos professores e concedia licença àqueles que necessitassem.[274]

---

[271] PRADO, Cândido. A Inspeção do ensino. *A Escola*, Belo Horizonte, v. 9, n. 8-9, p. 7, abr./maio 1921.

[272] FORTES, Maria de F. A. Escola rural mineira: observações produzidas a partir de depoimentos de antigas professoras. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 18, n. 19, p. 86, dez. 1993/ jun. 1994.

[273] INSTRUÇÃO primária. *A Tribuna***,** Uberlândia, não paginado, 11 mar. 1923. APU. CPJA.

[274] No período que compreende as décadas de 1940 e 1950, durante o qual Arantes chefiou o Serviço de Educação e Saúde do Município, as atribuições dos governos dos municípios no tocante à educação eram bastante limitadas, pois: "... a administração federal se ocupava do controle, regulamentação, inspeção, reconhecimento e cassação de escolas e de professores. Às administrações estaduais restava o remanejamento e reorganização de suas respectivas redes de escolas, o aparelhamento de seus órgãos centrais, admissão e remoção de professores. Pouco sobrava para os municípios, que cuidavam de sua própria rede de ensino sem recursos e sem autonomia: estabelecer vencimentos, criação de cargos e atribuição de doações a entidades públicas, como bibliotecas, ou a associações de caráter privado, além de desapropriação de terrenos para a construção de prédios escolares". (GANDINI, op. cit., p. 29).

Embora a inspeção municipal cobrisse apenas os aspectos administrativos, o leque de funções que Arantes realizava no cumprimento de cargo compreendia tanto o aspecto técnico quanto o administrativo, claramente definidos pela Reforma Francisco Campos no que dizia respeito às competências dos inspetores de ensino. Essas atribuições foram assim definidas:

> *Os inspetores municipais e distritais ficavam incumbidos de executar rotinas administrativas nas escolas tais como: dar posse a professores, nomear professores substitutos por até 30 dias e inventariar os equipamentos existentes nas escolas. Os assistentes técnicos eram responsáveis pelos aspectos pedagógicos das escolas, estando incluídas entre as suas funções: dar instruções aos professores para o melhor desenvolvimento dos programas, inspecionar as classes e em seguida proceder à crítica da aula assistida, sugerindo modificações nos métodos, processos e orientação do ensino e, por meio de aulas-modelo, demonstrar os métodos e processos aconselháveis na execução dos programas*.[275]

Além de cumprir a maior parte dessas atividades, Arantes organizou os dados relativos ao ensino público municipal em Uberlândia, desenhando mapas de localização dos estabelecimentos escolares, criando um jornal voltado para a divulgação das atividades realizadas no interior das escolas mantidas pela Prefeitura Municipal de Uberlândia, confeccionando um álbum de fotografias de professores e alunos das escolas dos municípios, arquivando alguns documentos escolares e também elaborando estatísticas.[276] Embora longa, a citação a seguir fornece-nos detalhes acerca desse trabalho realizado por ele na inspetoria de ensino municipal.

> *Esteve ligeiramente em nossa redação, dando-nos o prazer de amável palestra, o sr. Jerônimo Arantes, inspetor escolar municipal, a quem tivemos a oportunidade de perguntar alguma cousa sobre a instrução municipal. (...) Desdobrando a papelada exibiu, aos nossos olhos curiosos, muita cousa interessante: Álbum fotográfico organizado em 1934, onde vemos o grupo de professores e o avultado número de alunos devidamente uniformizados, comprovando o zelo que lhes é dispensado. Depois os croquis do município. Aí encontramos as localizações dos estabelecimentos em número de 25, inclusive duas escolas urbanas noturnas. Em diversos estabelecimentos funcionam dois professores. Deparamos em seguida com os boletins mensais onde são controlados todos os trabalhos do professorado. Nele pudemos observar a freqüência que atinge a considerável soma, de 873, sendo que a matrícula é de 1.217 alunos. Mostrou-nos também o 'Escola Rural', bem feito jornal que publica produções literárias e de interesse do ensino, bem como o movimento escolar do município. Essa folha tem como diretor o professor Jerônimo Arantes e como redatores, os professores e alunos das escolas*.[277]

---

[275] FORTES, op. cit., p. 84.

[276] A preocupação de Arantes com a estatística educacional inscreve-se em uma perspectiva histórica de positivação do conhecimento racional da realidade por meio dos números, engendrada na transição do século XIX para o XX e amplamente empregada durante o governo de Getúlio Vargas, sobretudo no Estado Novo, após a criação do IBGE. Voltaremos a essa questão ao final desse capítulo.

[277] INSTITUIÇÕES municipais de ensino. *O Estado de Goyaz*, Uberlândia, p. 3, 11 ago. 1935. APU. CPJA.

As atividades desempenhadas por Arantes, no âmbito do funcionamento das escolas sob a sua inspeção, parecem ter extrapolado, logo no início de seu ingresso no serviço público, a produção, seleção e divulgação de dados estatísticos, bem como a organização dos documentos escolares, incidindo, também, sobre as questões relativas à formação e qualificação dos professores, visto que, ao assumir a inspetoria de ensino municipal no início da década de 1930, ele organizou uma semana pedagógica, *"com o feito de facilitar o intercâmbio entre os professores rurais, e seus colegas estaduais, que tão benéficos resultados produziu na última quinzena de outubro de 1933 ..."*.[278] Não encontramos registros que nos informassem acerca da continuidade desse trabalho em semestres posteriores. Como se tratava de um evento de relevo nos domínios educacionais acreditamos que a sua realização em outras ocasiões teria sido objeto de divulgação pela imprensa local e como isso não ocorreu podemos inferir que a referida semana pedagógica não foi implementada de forma continuada.

No período em que Arantes atuou como inspetor de ensino, a maior parte das escolas municipais estava localizada na zona rural e, por conseguinte, o seu trabalho era quase totalmente voltado para a fiscalização daqueles estabelecimentos. Segundo uma estatística publicada no periódico *A Escola Rural,* no ano de 1933, a prefeitura manteve seis escolas rurais para quatro urbanas, sendo que, dentre essas últimas, havia duas funcionando apenas no período noturno, uma para o sexo feminino e outra para o masculino, para as quais não havia sequer denominação no referido jornal. De acordo com o artigo, as escolas mantidas pela prefeitura municipal eram as seguintes:

- Rurais: Cruzeiro, Paraíso, Quilombo, Tenda, Macacos e Machados.
- Urbanas: Noturna Masculina, Noturna Feminina, São Vicente e Escola Normal.[279]

Transcorridos sete anos da publicação dessa estatística, a revista *Uberlândia Ilustrada* divulgou novos dados referentes às escolas mantidas pela Prefeitura Municipal — e, portanto, sob a fiscalização do inspetor de ensino, Arantes —, por meio dos quais é possível constatar que se manteve a superioridade do número de escolas localizadas na zona rural em detrimento das

[278] ROMEIRO, Orávia. O professor rural. *A Escola Rural*, Uberlândia, não paginado, 15 jul. 1934. APU. CPJA.
[279] RELAÇÃO das escolas urbanas e rurais... . *A Escola Rural*, Uberlândia, não paginado, 15 fev. 1934. APU. CPJA.

urbanas. Enquanto as primeiras já somavam vinte e quatro, as outras haviam sido reduzidas para apenas três.[280]

Durante o período que compreende os anos de 1934 a 1941, verificou-se a maior expansão no ensino rural em Uberlândia com a abertura de 17 novas escolas. A partir de então, o total de estabelecimentos rurais elevou-se de seis, existentes até 1933, para 24 no ano de 1941. Seis anos após a coleta destes dados, em 1947, nova estatística revelou que a zona rural do município de Uberlândia já contava com 30 escolas em funcionamento, onde se matricularam 1.181 alunos.[281]

Como forma de conter um pouco a aceleração do êxodo rural em curso no final do século XIX e princípios do XX, procurando fixar o trabalhador no campo, durante o período que vai de 1910 a 1930, ampliou-se o sistema escolar rural por meio do investimento em abertura de mais escolas rurais e de uma adequação destas às particularidades regionais, processo conhecido como "ruralismo pedagógico".[282] Por meio da apologia da vida no campo e, por conseguinte, da defesa da necessidade de proporcionar aos camponeses acesso ao conhecimento mínimo que lhes retirasse a "escuridão" da ignorância buscava-se arrefecer o êxodo rural. De acordo com Leite, essa idealização da vida campesina tinha como objetivo escamotear uma das principais preocupações dos latifundiários e também de parcela dos capitalistas urbanos ligados aos interesses daqueles, a saber, "O esvaziamento populacional das áreas rurais, enfraquecimento social e político do patriarcalismo e forte oposição ao movimento progressista urbano, isso principalmente por parte dos agro-exportadores".[283]

---

[280] Segundo os dados apresentados pela revista, as escolas urbanas mantidas pela prefeitura municipal em Uberlândia no ano de 1941 eram apenas três: Noturna, fundada em 02.05.1933; São Vicente, fundada em 02.02.1938 e Grupo Noturno, fundado em 05.05.1938. As escolas localizadas na zona rural eram as seguintes, com as respectivas datas de fundação: Cruzeiro, 09.06.1930; Quilombo, 05.02.1930; Machados, 01.02.1930; Tenda, 01.04.1931; Paraíso, 02.05.1933; Pontal, 12.08.1933; Caetanos, 02.02.1934; Burity, 14.05.1934; Rocinha, 03.10.1934; Mateiro, 19.07.1934; Marimbondo, 05.08.1934; Rio das Pedras; 12.04.1936; Sobradinho, 07.09.1936; Moreno, 13.05.1937; Xapetuba, 16.08.1937; Salina, 05.07.1938; Terra Branca, Cobaços, Paranan, Divisa, Samambaia e Santa Maria, 13.05.1939; Pombo, 13.05.1940; Santa Tereza, 19.04.1941. (RELAÇÃO dos Estabelecimentos de Ensino que Funcionam na Cidade de Uberlândia. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 10, p. 31, jul. 1941. APU. CPJA).

[281] O ENSINO rural: resultado do ano letivo. *O Repórter*, Uberlândia, não paginado, 17 nov. 1947. APU.

[282] LEITE, Sérgio Celani. *Escola rural*: urbanização e políticas educacionais. São Paulo: Cortez, 1999.

[283] "Ao mesmo tempo, ideologicamente, o ruralismo esteve vinculado a outras fontes sócio-políticas e culturais da época (o movimento nacionalista e o movimento católico do início do século), ocasionando, de certa forma, a valorização da visão fisiocrata, na qual a riqueza tem origem na produção agrícola e, também, a tendência de colocar o Brasil em um destino econômico agro-pecuário". (LEITE, op. cit., p. 28-29).

Os ecos desse ruralismo incidiram sobre o trabalho de Arantes, quando, na década de 1930, conforme observado nas páginas precedentes, idealizou uma literatura escolar em parte voltada para a realidade dos estudantes das escolas rurais. O ruralismo atingiu da mesma forma a imprensa existente na cidade de Uberlândia, pois em seus jornais encontravam-se artigos defendendo a reforma do ensino rural a fim de que ele satisfizesse às reais necessidades do camponês. Como exemplo, temos um artigo publicado no periódico *A Escola Rural,* no qual se encontram definidos de forma clara os pressupostos desse ruralismo pedagógico, cuja principal característica, além da proposta de adequar o ensino rural ao meio no qual ele estava inserido, consistia na idealização tanto do ensino quanto da vida no campo. Segundo o autor:

> *A escola rural deve contribuir para que a população da faixa a que serve adote novos processos de trabalho agrário, dedique-se à cultura dos vegetais próprios da zona, estabeleça sistemas de cooperativismo, ponha diuturnos os conselhos da higiene elementar, para que a saúde do trabalhador rural não corra os perigos que o álcool, as endemias e verminoses representam permanentemente. (...) Assim, pois, a escola rural deve encaminhar suas atividades de modo a despertar na criança o sentimento da nobreza do trabalho agrário, com o que estará contribuindo para fixá-la ao meio rural que vai se despovoando assustadoramente.* [284]

Nessa perspectiva, o ruralismo desencadeou um processo de investimento no ensino rural brasileiro, mas que, no entanto, teve duração efêmera e nem chegou a processar-se em algumas regiões; pois, ao final dos anos de 1930, encontramos no jornal da cidade uma denúncia da falta de adequação da escola rural às necessidades do meio, conforme apregoava o ruralismo pedagógico:

> *Desde logo, convém assinalar que a escola rural é simples luxo de expressão com que, entre nós, se batizou a escola isolada, que funciona nas fazendas. Ela só é rural porque funciona no campo, e defronta a miséria do campo. Mas é urbana, pela mentalidade de seu titular, pelo seu horário, pelo seu programa, pelas suas finalidades. Eles não percebem que cada escola é um organismo típico, que deve atuar em função das necessidades mesológicas.* [285]

---

[284] FLEURY, Renato Séneca. A escola rural. *A Escola Rural*, Uberlândia, não paginado, 16 dez. 1936. APU. CPJA. Um outro artigo, publicado em 1926, complementa as propostas do ruralismo para a organização dos trabalhos escolares dentro das escolas rurais: "Por que não havemos de proporcionar à petisada do campo um ensino apropriado a seu meio, à sua profissão, à sua vida? Seria de alto alcance para o desenvolvimento da nossa capacidade econômica, a ruralização do ensino primário na roça. Ao lado da alfabetização, a camara [sic] incrustaria noções de agricultura, onde o aluno iria encontrar ensinamentos de grandes utilidade para o desempenho de sua vida futura". (GEREMIAS. Notas agrícolas: escolas rurais. *Triângulo Mineiro*, Uberabinha, não paginado, 27 jun. 1926. APU. CPJA).

[285] FAGUNDES, Abel. A biblioteca e a imprensa na escola rural. *Diário de Uberlândia*, Uberlândia, não paginado, 26 maio 1936. APU. CPJA.

Mas, a inadequação da escola rural aos princípios do ruralismo não foi um fenômeno restrito à Uberlândia. Ao analisar a educação escolar brasileira durante a primeira República, Nagle comenta que a penetração da ideologia do ruralismo ocorreu apenas no âmbito do pensamento educacional, sem produzir resultados que se consubstanciassem na modificação da natureza escolar no final do período em questão.[286]

A partir da década de 1930, portanto, o ruralismo foi perdendo espaço no Brasil, sem, contudo, como se sabe, ter atingido seus propósitos, e as vantagens de uma escola urbana ligada aos interesses da indústria nascente e *"ao desenvolvimento de uma política educacional voltada para o ensino vocacional urbano, destinando especialmente às classes populares"*,[287] foram se impondo em detrimento de uma educação rural, destinada ao aperfeiçoamento do homem do campo.

Entretanto, é preciso assinalar que, no interior do país e, notadamente, em Uberlândia, os interesses ligados à produção agrícola ainda se mantiveram relevantes até, aproximadamente, o final da primeira metade do século XX, quando, segundo Rodrigues, o número de pessoas vivendo no campo no aludido município começou a apresentar uma redução.[288] Essa particularidade explica, em parte, o fato de a escola rural ter se expandido por aqui no momento em que se encontrava estacionada nos centros ligados ao desenvolvimento industrial.

Mas a política de expansão do ensino rural, processada no período que compreende os anos de 1934 a 1942, durante a gestão do prefeito Vasco Giffoni, que permaneceu no poder por oito anos, explica-se, sobremaneira, em virtude do alinhamento verificado entre a política educacional do município e o quadro regional da educação escolar – delineado no estado de Minas Gerais a partir de meados da década de 1930 –, caracterizado pela expansão do ensino.

De acordo com Lopes, passado o período de ampliação da rede escolar pública no Estado, cujo ápice ocorreu no final da década de 1920, o início dos anos de 1930 ficou marcado não só por uma redução nos investimentos em educação, que impediu a abertura de novas salas, como também por uma contenção geral de gastos para a área, o que determinou o fechamento de muitas

[286] NAGLE, op. cit., p. 304.
[287] LEITE, op. cit, p. 30.
[288] RODRIGUES, J., op. cit., p. 36.

escolas consideradas ineficientes, infreqüentadas e sem prédios próprios que garantissem o seu funcionamento.

Todavia, Lopes afirma que esses argumentos apresentados para justificar o fechamento das escolas não encontravam correspondência na realidade, pois os resultados de pesquisas realizadas com diversos prefeitos do estado de Minas Gerais, durante o período de novembro de 1931 e julho de 1932, publicadas no jornal *Estado de Minas***,** demonstram uma situação escolar diversa, pois expõem uma demanda da população em torno da escolarização. Portanto, a realidade educacional no período não correspondia àquele quadro pintado pelo governo e empregado como causa para a extinção de escolas e/ou contração de suas unidades educativas.[289]

Em meados dos anos de 1930, mesmo sem que as finanças tivessem sofrido alterações que indicassem uma elevação na soma de tributos arrecadados – havendo, inclusive, um aumento na dívida pública –, verificou-se nova expansão da escolarização no estado e, conseqüentemente, nos seus municípios. Segundo Lopes, a explicação para essa aparente contradição, ou seja, extinção de escolas em função de carência de verbas e, ao mesmo tempo, expansão da escolarização sem que as finanças tivessem sido corrigidas, incide sobre os interesses políticos orientando a ação do governo no que se referia à distensão do sistema escolar.

> *Com a reabertura ocorrida após a Revolução Constitucionalista de 1932, tem início o processo de reorganização partidária, desencadeado pelo próprio Vargas, tendo como objetivo imediato a eleição para a Assembléia Nacional Constituinte. (...) No final de 1932, o Decreto 10.641 conferiu ao Secretário da Educação o poder de restaurar escolas. (...) Quanto a 1934, apesar das estatísticas indicarem um grande crescimento das escolas administradas pelos municípios, de janeiro a abril, nenhuma escola foi criada ou restaurada: a expansão do ensino ocorreu exatamente de maio a outubro, no momento da eleição dos constituintes mineiros que, por sua vez, iriam escolher o novo governador (a eleição ocorreu no dia 14 daquele mês). Pesquisas nos documentos da época indicaram um acréscimo de 683 escolas rurais. Isto é, nas regiões que poderiam trazer maior rendimento eleitoral.*[290]

[289] "... quase todos os prefeitos referem-se às escolas que haviam sido cortadas no início de 1931, indicando o número existente anteriormente, e alegando que a freqüência às mesmas atendia às exigências legais, muitas vezes ultrapassando o mínimo exigido de 30 a 35 alunos para as escolas rurais e 35 a 40 para as escolas distritais, determinadas por lei (art. 260 e 261 do Decreto 7.970-A de 15.10.1927)". (LOPES, Ana Amélia B. de M. A expansão/contenção do ensino em Minas Gerais (1931-1934): um jogo político. In: LOPES, Ana A. B. de M. e outros (Orgs.). *História da Educação em Minas Gerais*. Belo Horizonte: FCH/FUMEC, 2002, p. 599-600).
[290] LOPES, op. cit., p. 602.

Em 1951, ao fazer um balanço da educação municipal em Uberlândia, o jornal *Correio de Uberlândia* analisou a expansão da escola na cidade. No entanto, o referido periódico conduziu a sua análise, destacando os investimentos que o prefeito Vasco Gifoni havia destinado à educação escolar nas décadas precedentes como se resultassem de uma atitude isolada, sem referências ao contexto regional da época. "Parece-nos que a atenção a esse problema data do período administrativo do sr. Vasco Giffoni, quando foram criadas muitas escolas rurais e praticada com eficiência a fiscalização".[291]

O aumento do número de escolas rurais continuou a processar-se nos anos subseqüentes, pois consta que, em 1952, o seu total atingiu 44 estabelecimentos, com uma matrícula de 1.549 alunos, sendo que, em 1954, esses números elevaram-se para 51 escolas e 1.877 alunos matriculados.[292]

Durante esse período, Arantes esteve encarregado de fiscalizar a educação pública municipal, que compreendia o ensino primário na cidade, zona rural e distritos, e se mostrou otimista com os números crescentes verificados na abertura de escolas. No mês de maio de 1939, por exemplo, quando foram inaugurados nove estabelecimentos de ensino na zona rural, ele não disfarçou o seu júbilo:

> *Para uma assistência numerosa falou o representante [Arantes] de S. Excia. O Prefeito Municipal (...) enaltecendo o valor da instrução e a maneira que vem procedendo o operoso Prefeito Municipal de Uberlândia fazendo brilhante administração, se destacando na parte referente à cultura intelectual de seus municípios. Congratulou com a Cruzada Nacional de Educação pelo seu patriotismo, lançando as bases para a educação dos brasileiros...*[293]

A mesma exaltação tomou conta dos jornais *O Repórter* e *Correio de Uberlândia*, grandes "entusiastas" da administração do prefeito Vasco Gifoni, que sempre reservavam espaços em suas páginas para anunciar os resultados do investimento que aquele administrador vinha realizando no âmbito da educação. Em 1938, por exemplo, foi divulgado nas páginas de *O*

---

[291] INSTRUÇÃO municipal. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, p. 2, 15 dez. 1951. APU.
[292] ESTATÍSTICA escolar. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 15, p. 12, jan. 1952. APU. CPJA.
INSTRUÇÃO municipal. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, não paginado, 25 abr. 1955. APU.
[293] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata de Instalação da Escola Pública realizada no dia 13 maio 1939.* Uberlândia, 1939. Livro 96, p. 37-38. APU. ARE.
Na mesma data outras escolas foram inauguradas e o tom do discurso de Arantes permanecia o mesmo, conforme se depreende das seguintes atas redigidas durante as cerimônias:
UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata de Instalação da Escola Pública realizada no dia 13 maio 1939.* Uberlândia, 1939. Livro 96, p. 35-36; 47; 49-50. / Livro 99, p. 02./ Livro 100, p. 02. APU. ARE.

Repórter um artigo contendo elogios ao desempenho do referido prefeito no que concerne aos recursos que estava destinando ao desenvolvimento da educação pública em Uberlândia.

> *É conhecido de todos os munícipes o interesse que o sr. Prefeito Municipal volta a questão do ensino em nosso município. De ano para ano, novas escolas vão sendo instaladas na zona rural, diminuindo assim a assustadora porcentagem de analfabetos com que o Brasil conta. Cumprindo o seu propósito, qual seja o de alfabetizar o maior número de brasileiros, consigna nos orçamentos municipais considerável importância a ser despendida com a instrução primária e secundária*.[294]

No ano seguinte, foi a vez do jornal *Correio de Uberlândia* publicar o saldo positivo dos investimentos que o prefeito local vinha consagrando à alfabetização da população de Uberlândia. Segundo esse periódico:

> *Depois de haver remodelado e melhorado as condições do ensino público municipal, no ano findo, dando-lhe professores capazes, e prédios em boas condições de conforto e amplitude, o governo municipal, para festejar a passagem do aniversário da lei Áurea, instalou a 13 de maio, mais nove escolas, num total de 468 alunos, de maneira a atingir a cifra de 5.648 crianças que recebem alfabetização por intermédio do ensino municipal, fiscalizado com carinho pelo inspetor Jerônimo Arantes. Poucos dias após era instalada mais a escola de Sucupira, também criada pelo governo municipal*.[295]

Não se deve, contudo, confundir os números dessa expansão com um progressivo investimento na qualidade do ensino ministrado nessas escolas, fosse em relação à qualificação dos professores, fosse no que dizia respeito ao aprimoramento da infra-estrutura escolar. Com relação ao primeiro aspecto, sabemos que, por quase todo o território brasileiro, sobretudo, nas regiões interioranas, até recentemente, era elevado o número de professores leigos regendo salas de aula no cumprimento da tarefa de alfabetizar grande quantidade de crianças.[296]

---

[294] INSTRUÇÃO. *O Repórter*, Uberlândia, não paginado, 25 dez. 1938. APU.

[295] UBERLÂNDIA, 1939: mais dez escolas. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, p. 18, 14 jul. 1939. APU.

[296] Em uma pesquisa realizada na década de 1990 no estado de Mato Grosso, por exemplo, Januário denuncia a presença de professores leigos no ensino ministrado nas escolas rurais. Conforme o autor, os critérios adotados para a seleção e contratação daqueles profissionais eram bastante simplificados: "Na escolha do professor leigo é levada em consideração aquela pessoa que apresenta desenvoltura na escrita e na leitura, interesse pela atividade e, principalmente, que tenha um bom relacionamento com a comunidade". (JANUÁRIO, Elias R. da S. O ensino escolar na zona rural do município de Cuiabá, Mato Grosso. *Cadernos de Educação*, Cuiabá, v. 2, n. 1, p. 120, 1998).

Em outro estudo realizado no estado do Ceará, por exemplo, constatou-se a existência, no ano de 1985, de um número alarmante de professores leigos ministrando aulas no ensino urbano e rural. Naquele ano, o referido Estado contava com "... 48.534 professores no 1º. grau, dos quais 23.706 (48,8%) eram leigos. Em relação à zona rural, essa proporção era bem maior: de um total de 20.369 professores, 18.084 (88,8%) eram leigos. Com essa dimensão, as professoras 'leigas' representam uma categoria profissional comparável à [sic] dos bancários ou à [sic] dos metalúrgicos, professores de 2º. grau, têxteis, petroleiros, e muitas outras existentes no estado". (ALENCAR, José F. de. A professora 'leiga': um rosto de várias faces. In: THERRIEN, Jacques; DAMASCENO, Maria N. *Educação e escola no campo*. Campinas: Papirus, 1993, p. 177).

No tocante ao segundo aspecto, ou seja, o que diz respeito à situação do espaço físico das instituições de ensino escolar existentes em Uberlândia, constatamos que a situação da escola rural, tanto com relação à sua infra-estrutura quanto no que concerne às condições mínimas necessárias ao seu funcionamento, era extremamente deficiente. Faltavam, por exemplo, móveis escolares suficientes para acomodar os alunos e os professores, tais como carteiras, mesas, armários, livros, um quadro negro em bom estado de conservação, cadernos e, às vezes, registrava-se, inclusive, a ausência do filtro de água.

Há que se acrescentar que a escola primária urbana mantida pelo governo estadual não apresentava condições de funcionamento muito melhores do que as localizadas na zona rural e inspecionadas pelo município. No ano de 1952, um jornal criticou a atuação do governo do estado no tocante à manutenção de suas escolas. Naquele ano, a imprensa local divulgou uma série de denúncias acerca do descaso do governo estadual para com os problemas existentes no Grupo Escolar Coronel Carneiro, dentre essas, destaca-se a seguinte:

> *O governo não dá verba suficiente para construção, reconstrução ou reparos dos grupos escolares. (...) no Grupo Escolar Cel. Carneiro, onde a freqüência é grande, existe falha gravíssima de higiene. Não há privadas! O mau cheiro nas salas de aula, enfeitadas com modernos vitraux [sic], sem ventilação suficiente é terrível! E as pobres professoras se cotizam — tirando de seus parcos vencimentos — o dinheiro suficiente para pagar empregado, limpeza no prédio, limpeza nos pátios e salas de aula. E quando não podem arcar sozinhas com as despesas excessivas e contínuas, recorrem aos donativos do povo uberlandense — para que elas e este cumpram os deveres assumidos pelo Estado e pelo Município*.[297]

Em meio à polêmica envolvendo as denúncias de degradação na estrutura do referido grupo escolar, no ano de 1956, um artigo publicado no jornal *Correio de Uberlândia* acrescentou outros dados, a fim de demonstrar o descaso com o qual o governo de Minas tratava a escola primária na cidade. De acordo com o referido texto, o secretário de educação do Estado de Minas Gerais teria enviado um ofício ao chefe do Serviço de Educação e Saúde do Município de Uberlândia, professor Arantes, solicitando-lhe informações a respeito do estado de conservação do Grupo Escolar Bom Jesus. Ao tomar conhecimento do ofício, o autor da matéria ter-se-ia

[297] Segundo o mesmo artigo, no ano anterior, tinham sido verificados problemas em outra escola estadual: "Em 7 de julho do ano passado, analisamos a mesma situação no Grupo Escolar Bueno Brandão, que está caindo aos pedaços porque o Estado não faz reparos no prédio". (MARIA TERESA. Gravíssimas falhas em matéria de educação dentro da cidade. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, não paginado, 11 mar. 1952. APU).

indignado, pois a fragmentação das classes daquela escola não denotava ser aquele estabelecimento um "verdadeiro" grupo escolar, conforme se constata pelo trecho a seguir:

> *Um grupo escolar que nunca existiu em cidade-jardim [designação ufanista com a qual a imprensa referia-se à cidade de Uberlândia], embora tenha esse título aqui: Grupo Bom Jesus, tal "estabelecimento de ensino" funciona com classes distantes umas das outras cerca de dois quilômetros, mesmo assim, por favor dos abnegados do ensino, em cidade-jardim. (...) O sr. secretário da educação, pessoa que devia estar inteiramente a par do que se passa no nosso panorama educacional, ignora completamente tudo que lhe diz respeito, perguntando "como funciona o Grupo Bom Jesus", uma escola que não existe em nossa cidade... .*[298]

Passavam-se os anos e a situação dos grupos escolares permanecia deplorável, pois, segundo algumas matérias publicadas na imprensa local, o Grupo Escolar Coronel Carneiro teria sido fechado no início de 1958 sob o risco de desabar sobre os estudantes, professores e demais funcionários. Posteriormente, como não havia sido solucionado o problema por parte das autoridades competentes, algumas pessoas se teriam reunido para angariar fundos visando reformar o prédio, que se encontrava em completo abandono, ainda correndo risco de iminente desabamento.[299]

Pela leitura dos jornais da época, formamos um panorama das dificuldades pelas quais passava o ensino primário no município de Uberlândia, tanto aquele mantido pelo estado quanto aquele sob a responsabilidade da prefeitura, e, ao acrescentar a esses documentos uma análise das atas das reuniões escolares, depositadas no APU, obtivemos um quadro rico de informações acerca do ensino rural e, em especial, das representações construídas a seu respeito por Arantes.

2.2. Arantes e as Escolas Municipais

Nas atas produzidas durante o tempo em que Arantes esteve à frente da educação em Uberlândia, fosse como inspetor de ensino fosse como chefe do Serviço de Educação e Saúde do Município, ficaram registradas algumas das atividades desenvolvidas tanto pela inspetoria de

---

[298] SECRETÁRIO de Educação desconhece o ensino em Uberlândia. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, não paginado, 30 dez. 1956. APU.

[299] 900 CRIANÇAS uberlandenses estão sem seu grupo escolar. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, não paginado, 25 fev. 1958. APU.

PAES, Lycídio. Os problemas dos grupos escolares de Uberlândia. *Correio de Uberlândia,* Uberlândia, não paginado, 27 maio 1958. APU.

ensino quanto pelo Serviço de Educação e Saúde. Dentre essas atividades, conforme discutimos, encontramos a realização de visitas técnicas do inspetor de ensino às escolas, fiscalização dos exames aplicados aos alunos nos finais de semestre, instalação de escolas, inauguração de novos prédios escolares, assim como nomeação e exoneração de professores.

Desses documentos é possível extrair diversos dados estatísticos e burocráticos relativos às escolas mantidas pela prefeitura de Uberlândia, como, por exemplo: total de escolas existentes, quantidade de professores, número de matrículas, freqüência de alunos, notas obtidas em exames finais, situação do livro de registros, dentre outros. Pelas atas, também tomamos contato com o universo das escolas rurais, conhecendo um pouco a realidade de seu ensino, a situação de suas salas de aula, bem como as dificuldades enfrentadas por professores e alunos para levarem adiante o trabalho e o estudo.

Para além desses dados, a leitura dessas atas descortina o conjunto de representações tecido por Arantes por meio do qual apreendemos: a forma como ele se relacionava com os docentes e também com os alunos; a análise que elaborava acerca do funcionamento – em grande parte deficiente – dessas escolas e, sobretudo, dos problemas que perpassavam o ensino primário sob a responsabilidade da Prefeitura Municipal, tanto o rural quanto o urbano; enfim, esses documentos nos põem em contato com o significado atribuído por Arantes à escola primária, notadamente, a rural, em que mais atuou.

No que diz respeito ao convívio de Arantes com os professores e alunos, um primeiro aspecto que destacamos incide sobre o tom amistoso com que parece ter conduzido os seus relacionamentos. Não encontramos nos documentos pesquisados nenhuma passagem na qual ficasse registrado qualquer tom áspero e/ou crítica mais severa ao trabalho desenvolvido pelos professores e tampouco ao comportamento dos alunos. Em todas as visitas que realizava às escolas municipais, ressaltava o compromisso dos primeiros com a educação e a seriedade dedicada ao ofício, como também a disciplina e o interesse dos segundos em assimilar os conteúdos que lhes eram transmitidos.

Em uma das visitas realizadas à Escola Noturna Feminina e outra feita ao Colégio Bueno Brandão (ambas urbanas), por exemplo, Arantes, na qualidade de inspetor municipal de ensino,

não poupou elogios às alunas, bem como ao trabalho desenvolvido pelas professoras e diretora. Segundo ele:

> *Estão bem feitos todos os exercícios nos cadernos de provas mensais e nota-se bom aproveitamento nos estudos pelo que assistimos nas diferentes aulas. Nada tendo a observar sobre a disciplina da escola, que é ótima e bem assim a execução do programa que vem sendo aplicado fielmente.*[300]

> *Assisti as professoras desenvolverem alguns pontos das matérias constantes do programa e notei que os alunos estão recebendo ensinamentos com resultados eficientes acrescido mais o ponto da observação com o que vimos nos exercícios constantes dos cadernos de provas mensais. Reina lesa disciplina em todas as classes e as professoras orientadas pela zelosa diretora designada estão bem integradas nas funções do cargo que ocupam.*[301]

O mesmo tom amistoso era dirigido aos professores que trabalhavam nas escolas localizadas na zona rural. Arantes sempre deixava registrado o empenho daqueles em ensinar aos alunos os conteúdos propostos; a dedicação em manter a sala de aula organizada, na qual deveria reinar a disciplina; e, por fim, nunca se esquecia de ressaltar a responsabilidade com que os professores mantinham em ordem a documentação escolar. Ao visitar a Escola Pública Municipal de Paraíso, ainda que não mencione, em particular, o trabalho desenvolvido pela professora, ele registrou a seguinte observação: *"Revendo os livros de escrita, encontrei tudo em perfeita organização tendo conhecimento da boa ordem que reina nesta escola e aproveitamento nos trabalhos"*.[302]

Ao documentar os exames realizados em outros dois estabelecimentos de ensino rural, Escola Pública Municipal de Samambaia e Escola Pública Municipal de Dourados, Arantes foi ainda mais enfático nos elogios, denotando grande entusiasmo em relação ao trabalho das professoras:

> *No recinto do salão figuram trabalhos dos escolares, lindos desenhos e mapas, demonstrando o esforço da dedicada professora da cadeira e capricho dos alunos. A escola está com uniforme oficial e notando-se ótima disciplina e correção nos trabalhos escolares. A banca examinadora opinou que consignasse em ata um voto de louvor à professora pelos resultados dos trabalhos examinados.*[303]

---

[300] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata do termo de visita realizada no dia 13 maio 1939*. Uberlândia, 1939. Livro 96, p. 35-38; 47; 49-50. APU. ARE.
UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata do termo de visita realizada no dia 26 jul. 1933*. Uberlândia, 1933. Livro 95, p. 3. APU. ARE.

[301] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal, *26 jul. 1933,* op. cit.

[302] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata do termo de visita realizada no dia 26 fev. 1938*. Uberlândia, 1938. Livro 97, p. 5. APU. ARE.

[303] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata de exames realizados no dia 16 nov. 1942*. Uberlândia, 1942. Livro 101, p. 5. APU. ARE.

> *Findo os trabalhos, a banca opinou que consignasse em ata um voto de louvor ao professor que tanto se esforçou produzindo ótimo resultado o serviço sob sua direção, lecionando a um grande número de alunos, prestando o seu trabalho uma soma de benefícios incalculáveis à população escolar desse bairro rico e populoso do Município.*[304]

Algumas das professoras que trabalharam com Arantes nas décadas de 1940 e 1950, ao serem questionadas sobre o tratamento que ele lhes reservava no período em que atuou como inspetor de ensino e chefe do Serviço de Educação e Saúde do Município, salientaram a inexistência de problemas, pois afirmaram que, além de ele ser um homem muito educado, era também uma pessoa alegre, descontraída e sempre pronta para um elogio.[305] Há no depoimento de uma delas uma referência interessante a esse respeito. Segundo essa professora, ao chegar em visita de inspeção à escola rural onde ela trabalhava, Arantes teria comentado as dificuldades encontradas no percurso e, por conseguinte, o cansaço sentido com a longa viagem, mas, em seguida, teria afirmado que todos os transtornos teriam valido a pena, pois *"a professora era muito bonita".*[306]

Outra professora que trabalhou com Arantes nas escolas urbanas durante a década de 1940, ao falar sobre a mesma questão, também recordou a cordialidade com a qual ele tratava todas as pessoas e, como decorrência disso, o bom relacionamento que mantinham com ele. Segundo ela: *"O sr. Jerônimo foi um entusiasta da educação. Ele era muito dado. Visitava os pais, a família dos alunos, visitava todo mundo. Soltava pipa junto com os meninos (...). Comigo ele sempre foi muito bom, muito companheiro mesmo".*[307]

Em uma carta recebida por Arantes no ano de 1972, proveniente de uma professora que havia trabalhado com ele em décadas anteriores, também ficou registrado esse traço amistoso de seu comportamento:

---

[304] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata de exames realizados no dia 03 dez. 1946*. Uberlândia, 1946. Livro 101, p. 24. APU. ARE.

[305] CARVALHO, Edith de S.: depoimento. [jul. 2002]. Entrevistador: Sandra Cristina Fagundes de Lima. Uberlândia, 2002. 1 fita cassete (30 min), estéreo.
SANTOS, Alice G. de C.: depoimento [julho 2002]. Entrevistador: Sandra Cristina F. de Lima. Uberlândia, 2002. 1 fita cassete (30 min), estéreo.

[306] SANTOS, A., op. cit.

[307] ARANTES, Marites: depoimento [set. 2001]. Entrevistador: Sandra Cristina F. de Lima. Uberlândia, 2001. 2 fitas cassete (120 min), estéreo.

> *Desde o tempo de criança nas escolas rurais, na minha mocidade de estudante e professora, sempre os meus problemas de trabalho escolar e nas difíceis nomeações, eu chegava de fino e sem gracinha pedindo assim, senhor Jerônimo resolva este problema para mim, e o senhor muito atencioso e educado e sorridente, sempre com as piadinhas, e fazia tudo por mim. Não sei como agradecer a vossa bondade e gentileza, muito obrigado mesmo*.[308]

No ano de 1970, Arantes foi homenageado pela Câmara Municipal, e o vereador autor da homenagem também se referiu ao bom relacionamento que ele mantinha com os profissionais ligados à educação escolar no período em que chefiou o ensino municipal:

> *Não sabemos, entretanto, se o chefe do poder Executivo encontrará facilmente um substituto com as mesmas qualidades de dedicação, de esforço, de paciência e sobretudo de confiança e amizade com o pessoal incumbido da tarefa de educação primária no Município*.[309]

Conforme se depreende desses fragmentos e dos demais documentos pesquisados, ao longo dos anos em que permaneceu na administração pública, fiscalizando o ensino primário mantido pela Prefeitura Municipal, Arantes conservou esse mesmo entusiasmo pelo trabalho desenvolvido pelas professoras, tanto aquelas atuando no perímetro urbano quanto aquelas em exercício na zona rural.

Nas poucas ocasiões em que Arantes fez alguma observação sobre o trabalho docente, não deixou transparecer no texto nenhum tom severo na sua crítica; na maior parte das vezes, solicitou da professora apenas mais empenho para aumentar o número de alunos freqüentes. Em visita à Escola Pública Municipal de Cabaças, por exemplo, ele anotou a seguinte observação: *"A escola está com número de freqüentes baixo, devendo a professora se esforçar para aumentar mais o número para que a escola continue funcionando para o ano vindouro"*.[310] Em outra escola, limitou-se a sugerir a adoção de um método de ensino mais adequado ao conteúdo.[311]

Da mesma forma, o tratamento que dispensava aos alunos caracterizava-se pela cortesia. Em geral, elogiava a disciplina e o bom aproveitamento das aulas, reflexo das boas notas obtidas

---

[308] ARANTES, Noeme Fonseca. *[carta]*. São Paulo, 29 set. 1972. Carta recebida por Arantes de uma ex-professora e colega de trabalho, acusando e agradecendo o recebimento da revista *Como Fizeram Uberlândia,* que ele havia lhe enviado. APU. CPJA. PT.
[309] PAVAN, Angelino. *Saudação oficial*. Uberlândia: [s.n.], não paginado, 18 abr. 1970. Acervo Delvar Arantes.
[310] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata de exames realizados no dia 13 nov. 1942*. Uberlândia, 1942. Livro 99, p. 5. APU. ARE.
[311] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal, 22 mar. 1938, op. cit.

nos exames finais; ressaltava, também como ponto positivo, o fato de aqueles estarem devidamente uniformizados. Ao redigir a ata de exames aplicados aos alunos da Escola Pública Municipal da Fazenda Paraíso, anotou a seguinte observação:

> *Sendo todos examinados e promovidos, constando os exames de prova oral e escrita, revelando os examinandos perfeito conhecimento de todas as matérias constantes do curso, dando belíssima aparência a turma uniformizada de grená-branco e Cáqui; estando em perfeita ordem todos os trabalhos escolares.*[312]

Segundo depoimento de um de seus filhos, a imagem de cordialidade não impedia que ele fosse severo quando a ocasião assim o exigia. Representava um perfil de professor que conquistava a confiança e também o respeito dos alunos por meio do diálogo e nunca pelo emprego de castigos, que não eram aplicados em seu Colégio:

> *O pai na escola era bravo. Não era violento, era severo – naquele tempo usava –. Mas não era mau. Ele era muito enérgico na fala. Nas outras escolas se falava em ajoelhar em cima de vidro e receber castigos de palmatória, no Colégio dele isso não acontecia. O forte dele era conversar, tinha uma argumentação muito objetiva.*[313]

As críticas aos alunos, quando havia, incidiam, algumas vezes, sobre a infreqüência e quase sempre sobre alguma questão relacionada à falta de disciplina; problema que se verificava fora da sala de aula. A indisciplina ocorria no pátio da escola e, outras vezes, fora de seus muros, pois, conforme registrou em ata: *"Quanto à disciplina interna é a melhor que se pode exigir, não continuando a mesma fora das salas, onde os estudantes juntam-se fazendo uma algazarra digna*

---

[312] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata de exames realizados no dia 22 out. 1952*. Uberlândia, 1952. Livro 97, p. 19. APU. ARE.

[313] ARANTES, D., 2000, op. cit.

Ademais, os castigos físicos, ainda que se constituíssem em uma prática adotada em alguns estabelecimentos escolares, já haviam sido suprimidos das escolas mineiras pela legislação que regulamentava a instrução pública (e, por conseguinte, a particular) no Estado desde 1893. O Decreto nº. 655, de 17 de outubro de 1893, estabelecia, no artigo 129, a proibição de se aplicar castigos físicos e ou penas degradantes aos alunos, mesmo que tivessem sido autorizados por seus responsáveis. Segundo Mourão, "No tempo do Império havia até tabuletas com dizeres deprimentes a serem afixadas no peito dos alunos que fossem julgados merecedores desses epítetos desmoralizadores (...)". (MOURÃO, op. cit., p. 38).

Em anos posteriores, ficaram estabelecidas as penalidades a que estavam sujeitos os alunos das escolas primárias do Estado (tanto aqueles matriculados em Grupos Escolares, quanto os demais, estudando em escolas isoladas), caso infringissem o regulamento. Observa-se, contudo, que, não obstante a suspensão da aplicação de castigos físicos, as punições ainda eram severas, pois eram permitidas as seguintes penalidades: advertência, repreensão particular, repreensão perante a classe; privação de recreio; reclusão na escola por meia hora no máximo; suspensão de freqüência até 15 dias e cancelamento da matrícula. (MOURÃO, op. cit., p. 158; 346).

de censura não somente dentro do pátio, como ao saírem do portão".[314] Deve-se, no entanto, ressaltar que esse aspecto era levantado nas visitas realizadas à escola noturna que funcionava no Grupo Escolar Bueno Brandão, pois essa observação não foi encontrada em nenhuma ata relativa a visitas às escolas rurais. Nestas, a crítica relacionada aos alunos era proveniente apenas da falta de assiduidade, problema também verificado nas escolas urbanas.[315]

Em suma, Arantes apresentava um entusiasmo exacerbado quando o assunto referia-se à educação escolar: elogiava o trabalho dos professores, destacava o desempenho dos alunos, fotografava as escolas, escrevia a sua história, organizava a sua documentação e, principalmente, apoiava as ações do poder público local no que dizia respeito às políticas implementadas para a educação no município.

Acreditamos que, subjacente a essas representações acerca do comportamento de Arantes na inspetoria de ensino e, posteriormente, na chefia do Serviço de Educação e Saúde do Município, encontram-se alguns traços do perfil traçado por Sérgio Buarque para definir aspectos da identidade do brasileiro. De acordo com esse autor, uma das peculiaridades daquela identidade consistiria na sua propensão à intimidade e no seu conseqüente "horror às distâncias". Diferentemente de outros povos para quem os rituais seriam elementos inseparáveis do cotidiano, no Brasil, buscaríamos revestir de familiaridade todas as relações, mesmo aquelas consideradas mais impessoais. Desta feita: *"A manifestação normal do respeito em outros povos tem aqui sua réplica, em regra geral, no desejo de estabelecer intimidade*".[316]

Portanto, ao soltar pipa na praça com as crianças e manter com os professores um relacionamento informal, pensamos que Arantes colocava em segundo plano a hierarquia existente entre ele e seus subordinados. Essa atitude indicaria menos uma bondade intrínseca ao seu caráter do que uma afinidade com o perfil do "homem cordial", avesso aos ritualismos, à impessoalidade e ávido por cobrir com ares de familiaridade o seu cotidiano.

---

[314] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata do termo de visita realizada no dia 14 set. 1936*. Uberlândia, 1936. Livro 95, p. 22. APU. ARE.

[315] As oscilações verificadas com relação à freqüência nas escolas rurais podem ser atribuídas, em grande parte, ao fato de o calendário destas escolas obedecer aos ditames da educação urbana e não se adequar às reais necessidades impostas pela vida no campo, tais como os ciclos de trabalho na lavoura, conforme ressaltaram Schütz e Chesterfield em seus estudos acerca da pesquisa educacional para o meio rural. (SCHÜTZ, Paulo; CHESTERFIELD, Ray. Pesquisa educacional para o meio rural. *Educação e Realidade,* Porto Alegre, v. 3, p. 36, Jan. 1978).

[316] HOLANDA, op. cit., p. 108.

Outro aspecto depreendido da leitura dos documentos, em particular, das atas, incide sobre as condições de funcionamento das escolas rurais. Pela leitura das atas redigidas por Arantes e também pela análise de alguns periódicos, constatamos a existência de diversos problemas relacionados à educação escolar municipal. Sendo que um dos mais criticados era aquele relativo à falta de infra-estrutura das escolas onde atuavam os professores do município. Os investimentos públicos, muitas vezes, não eram suficientes para construir edifícios específicos onde pudessem ser ministradas as aulas. Em função disso, improvisavam-se salas de aula nos lugares mais inadequados, como desabafa um professor rural em artigo publicado no jornal *O Repórter* em 1935:

> *Eu conheço quase todas as escolas e, somente a que se acha instalada no "Cruzeiro dos Peixotos", distrito desta cidade, tem prédio próprio. A escola que se acha instalada nos "Machados" funciona num prédio muito velho, já em verdadeiras ruínas, mesmo assim é de propriedade particular. O professor em "Rocinha" reside em uma casinha (cafua) de sapé e está sem lecionar há muito tempo, por não haver ali um prédio para o funcionamento de sua escola. Em "Buriti", não tem casa de residência e, desde o princípio do ano, que vem lecionando os seus alunos numa tapera sem nenhuma luz, sem ar e sem higiene*.[317]

Não era apenas em prédios velhos que se encontravam instaladas algumas escolas, mas denominavam escolas rurais aquelas salas de aula funcionado nos locais mais impróprios existentes nas fazendas, conforme se depreende do relatório produzido por um inspetor técnico de ensino:

> *O primeiro elemento negativo da escola rural é o edifício onde se instala. Ora é o rancho de capim, abrigo precário para as épocas de estiagem, desabrigo absoluto na estação chuvosa; ora a cabana de pau a pique, ensombrada, estreita, com uma porta e uma janela interior, onde é proibida a entrada do sol e onde o ar penetra por excesso de boa vontade; ora o antigo paiol ou depósito da fazenda, refugio de parasitas, (...). Paredes sujas, raramente pintadas a tabatinga, chão duro, de terra semi-solta, úmido de chuva*.[318]

Esse problema não foi ignorado por Arantes, pois, em 1947, já na qualidade de chefe do Serviço de Educação e Saúde do Município, registrou na ata de exames realizados na Escola Municipal do Bairro Samambaia (rural) a precariedade das instalações onde eram ministradas as aulas da referida escola e ressaltou a necessidade de a administração pública providenciar solução para o problema. Deduz-se das suas observações que o estado de abandono ao qual se

[317] AS ESCOLAS rurais. *Jornal de Uberlândia*, Uberlândia, não paginado, 11 ago. 1935. APU. CPJA.
[318] FAGUNDES, A., op. cit.

encontravam relegados alguns estabelecimentos de ensino não se referiam apenas às localidades nas quais as escolas eram mais recentes e/ou pouco freqüentadas, ao contrário, o problema parecia atingir mesmo as escolas que contavam com um número elevado de alunos:

> *A escola está instalada em casa imprópria, piso de terra comprimida, coberta de palha, não oferecendo conforto algum aos alunos. Compete a administração municipal tomar conhecimento e mandar construir o prédio próprio para funcionar a cadeira desta antiga localidade, bastante populosa, já tendo a escola daqui funcionando á mais de 7 ano'; com uma freqüência anual na média de 37 alunos.*[319]

Além das instalações apresentarem um péssimo estado de conservação, havia também mais dois tipos de problemas, a saber, o primeiro, de acordo com relatório elaborado por Arantes, consistia no fato de ser algumas escolas instaladas no mesmo edifício onde residiam famílias, resultando na mais completa ausência de privacidade, fosse para os alunos e professores, fosse para os habitantes da *casa de escola*.[320]

> *Quanto à parte da casa alugada a outro inquilino, opino que se faça uma parede separando a parte da sala das dependências ocupada pela família formando-se um corredor onde ficam as duas portas internas vedando desse modo o contato dos alunos com o interior da casa.*[321]

No entanto, como se pode presumir, estas instalações improvisadas das escolas rurais não eram exclusividade do município de Uberlândia. De acordo com Fortes, ao pesquisar a atuação de professoras que trabalharam nesse ramo de ensino, no período que compreendeu os anos de 1918 a 1933, tal opção teria acompanhado a existência dos estabelecimentos rurais de ensino implantados por todo o estado e era ainda no de 1982 apontada pelos técnicos regionais como solução para o problema da carência de edifícios escolares no meio rural em Minas Gerais.[322]

O segundo problema – que, às vezes, se confundia com o anterior – decorria das instalações deterioradas de alguns prédios e do seu conseqüente abandono, favorecendo a invasão

---

[319] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata de exames realizados no dia 25 out. 1947*. Uberlândia, 1947. Livro 100, p. 11. APU. ARE.

[320] Segundo Brandão, a expressão *casa de escola* é empregada na região amazônica por professores leigos e populações ribeirinhas para designar as instalações provisórias de algumas salas de aula, que tanto podem ser um rancho de palha, uma casa abandonada e/ou um canto de salão comunitário. "Não há placas nem sinais exteriores que digam ao passante que ali é 'a escola'. Apenas por dentro os sinais do ofício: carteiras, quadro negro, quadros e cartazes". (BRANDÃO, Carlos R. *Casa de escola*. Campinas: Pirineus, 1983, p. 142).

[321] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata do termo de visita realizada no dia 14 maio 1951*. Uberlândia, 1951. Livro 109, p. 5. APU. ARE.

[322] FORTES, op. cit., p. 84.

dos animais no pátio e no interior das escolas, conforme atestou Arantes em relatório referente a visitas realizadas no ano de 1939:

> *Devido ao mau estado em que se encontra o prédio da escola, a Inspetoria levará ao conhecimento do sr. Prefeito Municipal a devida informação para que providencie com urgência a sua reforma geral e também o tapume do terreno onde está a casa para evitar que os animais a estraguem depois de reformada.*[323]

Transcorridos oito anos da elaboração desse relatório, ainda eram deficientes as instalações das escolas rurais no município, pois, *"Em 1947 houve cadeiras funcionando em casas cobertas de palmas de coqueiro, com toda deficiência material"*.[324] A situação de miséria existente no ensino que se ofertava aos habitantes do campo devia ser mesmo excessiva, visto que o relato acima partiu de um artigo que fazia apologia ao investimento do município nas escolas rurais.

Passavam-se os anos e as privações persistiam, porquanto, em 1955, constatamos que, na falta de espaço próprio, até mesmo a residência das professoras servia como instalação escolar, sem oferecer conforto e tampouco apresentar as condições adequadas ao ensino, conforme anotou Arantes, quando chefiava o Serviço de Educação e Saúde do Município. Segundo registrou na ata de exame da Escola Pública Municipal da Fazenda do Salto, *"A escola funciona na sala da residência da professora não havendo espaço para caber o material, motivo esse que obriga a professora a dividir as classes em 2 turnos para melhor função das aulas"*.[325]

Quando a localidade contava com salas de aula, mesmo que instaladas em prédios impróprios como aqueles descritos acima, não havia recursos sequer para dotá-las com os móveis e utensílios necessários para o funcionamento adequado ao ensino. Móveis que também faltavam nas escolas urbanas, conforme a visita realizada por Arantes no Grupo Escolar Bueno Brandão:

> *Encontramos tudo em boa ordem, notando a falta de uma estante para o arquivo dos objetos escolares que ali não podem ficar por motivo de serem as salas ocupadas durante o dia pelos alunos do Grupo. Ordenei a Diretora requisitar uma estante pequena para as professoras guardarem os objetos de uso nas classes.*[326]

---

[323] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata do termo de visita realizada no dia 03 mar. 1939*. Uberlândia, 1939. Livro 94, p. 24. APU. ARE.
[324] ENSINO municipal: louvável esforço das autoridades. *O Repórter*, Uberlândia, p. 1-4, 18 nov. 1947. APU.
[325] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata de exames realizados no dia 22 out. 1955*. Uberlândia, 1955. Livro 100, p. 17. APU. ARE.
[326] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata do termo de visita realizada no dia 11 jun. 1937*. Uberlândia, 1937. Livro 95, p. 26. APU. ARE.

Havia carência também de sanitários, livros, filtros de água, iluminação – esta, quando existia, era quase sempre precária – e demais condições mínimas necessárias para que o professor pudesse desempenhar suas funções de forma a assegurar um ensino de qualidade. Havia escassez, inclusive, de carteiras. Na Escola Pública Municipal Conceição de Cima, por exemplo, os alunos não compareciam às aulas, ano de 1956, em virtude da falta desse móvel, conforme o registro em ata: *"Mais três carteiras duplas completarão o número para os alunos restantes que não freqüentam a escola por falta de lugar nas carteiras*".[327] Em outras escolas do município, cujos nomes não foram divulgados pelo jornal, no ano de 1959, as carteiras também se constituíam artigo de luxo. O texto denunciando o estado de miséria que assolava alguns dos estabelecimentos de ensino mantidos pelo município evidencia a carência desse mobiliário escolar:

> *Outra escola que tem 40 alunos dispõe de 10 carteiras. Cada aluno se defende como pode, como em circo de cavalinho super lotado em dia de espetáculo. Podia-se sugerir à professora um sistema escolar de rodízio de assentos. Escolas existem onde os alunos escrevem no chão, assentam-se no chão. E felizes se dão quando encontram caixotes de querosene para bancos escolares.* [328]

As escolas urbanas também eram carentes de recursos, sendo a iluminação, quase sempre, insuficiente, conforme relatou Arantes em uma das visitas que realizou no Grupo Escolar Noturno da cidade Uberlândia:

> *Necessita mais iluminação no pátio, pois a escuridão [ilegível] as vistas no local da entrada pela escada fora do alpendre. Uma lâmpada colocada no alto de um poste em frente à parte interna do prédio onde fica a escada utilizada para a entrada dos alunos resolveria o problema da iluminação ali, indispensável providência que urge por-se em prática.*[329]

Até mesmo o quadro negro, instrumento essencial quando não se têm livros em número suficiente para atender às necessidades dos alunos, era sempre desgastado e/ou inexistente. Arantes anotou em ata esta observação em uma das escolas visitadas: "A escola está bem instalada, faltando um quadro negro e uma talha que virão no mês seguinte".[330] Em suma, tão precária quanto às instalações, era o interior dessas "escolas", pois:

---

[327] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata do termo de visita realizada no dia 25 maio 1956*. Uberlândia, 1956. Livro 95, p. 5. APU. ARE.
[328] ASSIS, Ruth de. Muito problema difícil. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, p. 4, 12 maio 1959. APU.
[329] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata do termo de visita realizada no dia 30 jul. 1937*. Uberlândia, 1937. Livro 95, p. 27. APU. ARE.
[330] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata do termo de visita realizada no dia 27 mar. 1941*. Uberlândia, 1941. Livro 97, p. 09. APU. ARE.

> *Dentro, bancos rústicos ou carteiras desconjuntadas, rangendo, jogando peças ao chão ao menor movimento. O quadro negro evolui. De raça inferior, que ao princípio era, promoveu-se a cafuzo e mais tarde a branco, equiparando-se ao giz, o qual, em sinal de protesto, resolveu desaparecer da escola. Livros de escrituração, raramente os há. E, si existem, são sujos, rasgados, porque a escola não tem um móvel onde eles se alberguem fugindo ao pó e a voracidade dos ratos e das baratas.*[331]

Fosse em virtude da falta de recursos, fosse em função da debilidade de interesse demonstrada por parte do poder público em investir na educação escolar do homem do campo, as escolas rurais do município de Uberlândia permaneceram, durante o tempo que cobre esta pesquisa, mergulhadas em toda sorte de problemas, conforme discutido nas páginas precedentes.[332] Essa extrema fragilidade existente no seu funcionamento foi definida de forma muito contundente na expressão empregada pelo jornalista Lycidio Paes. Segundo ele, os revezes pelos quais passava o ensino eram tão exorbitantes que tornavam a escola rural um *"verdadeiro simulacro"*.[333]

Simulacro que começava na omissão dos governos em aprovar políticas públicas de investimento e incentivo à criação de novos estabelecimentos de ensino, assim como de manutenção daqueles já existentes. Preteridas pelo poder político, essas escolas contavam para seu funcionamento com a iniciativa dos fazendeiros que, muitas vezes, assumiam as despesas com a construção dos prédios e/ou liberação de espaço físico nas edificações já instaladas em sua propriedade; responsabilizavam-se, também, pela oferta de alojamento para os professores e demais recursos necessários não assumidos pelo governo do município. Segundo Fortes, a contribuição dos fazendeiros para a manutenção de algumas escolas rurais no estado de Minas – suprindo a omissão do poder público – ia desde o fornecimento de merenda escolar, até a compra de lápis e cadernos para os alunos.[334]

---

[331] FAGUNDES, A., op. cit.
[332] A ausência de recursos era o argumento mais empregado para justificar a falta de investimentos nas escolas: "Não há verba. Apenas cr$ 100.000,00 para atender a todas as escolas municipais na zona rural e urbana. Durante um ano. Uberlândia é, alem disso, o município que maior número possui de escolas. Mas, custeia ensino na cidade, que não é da competência econômica do município, e sim do Estado". (ASSUNTOS do município: em verdadeiro abandono se encontrava o ensino rural. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, não paginado, 19 mar. 1955. APU).
[333] PAES, L. Em torno de um libelo. *Diário de Uberlândia*, Uberlândia, não paginado, 29 maio 1936. APU. CPJA.
[334] FORTES, op. cit., p. 82.

Em muitas ocasiões, constatamos que os fazendeiros mais abastados e preocupados com a precariedade das instalações da escola existente em sua propriedade construíam os edifícios escolares com seus próprios recursos, conforme atesta o fragmento a seguir.

> *O sr. José Gonçalves, porém, tomando em consideração o estado verdadeiramente lamentável da escola de sua fazenda, tomou a incumbência de construir um prédio e oferecê-lo à Prefeitura para nele funcionar a escola. Tal prédio que está sendo edificado com todos os requisitos de uma boa higiene e conforto deverá estar concluído dentro de poucos dias e, imediatamente, será entregue à Prefeitura.*[335]

Em outros municípios do estado, verificava-se a mesma omissão nas ações governamentais no sentido de manter e expandir a escola pública rural e, por conseguinte, assistia-se à mesma atuação da comunidade rural tomando a iniciativa de criar e manter o funcionamento de escolas para a população infantil. De acordo com Fortes, na região de Minas Gerais, *"A instalação e o início de funcionamento das escolas rurais nem sempre dependia da ação de Estado ou do município. Das escolas rurais analisadas, duas foram instaladas por fazendeiros (...), para garantir os estudos de seus filhos em idade escolar"*. [336]

Essas iniciativas dos fazendeiros, tendo em vista garantir aos seus camponeses acesso à educação escolar, eram, inclusive, reivindicadas pela imprensa como forma de auxiliar os "esforços" que as autoridades locais vinham empreendendo em favor do ensino rural. O editorial de *O Repórter,* no ano de 1947, depois de demonstrar os percalços da escola rural no município, sem, contudo, deixar de elogiar o desempenho do prefeito, sugere a necessidade de a população residente no campo assumir responsabilidades no tocante à manutenção das escolas instaladas em suas propriedades.

> *Os interessados que são os fazendeiros e todos os habitantes dos bairros servidos por esses institutos, devem, entretanto, desenvolver sua solicitude para melhorar essa situação, dando às professoras e aos estudantes um pouco de conforto e as condições higiênicas necessárias à sua saúde*.[337]

Pesquisando o período que compreende as décadas de 1930 a 1950, encontramos referências a essas iniciativas nos periódicos, nas atas das reuniões escolares e demais documentos consultados. Em 1933, por exemplo, os habitantes da zona rural conhecida como

---

[335] AS ESCOLAS rurais, 11 ago. 1935, op. cit.
[336] FORTES, op. cit., p. 83.
[337] ENSINO municipal: louvável ... , 18 nov. 1947, op. cit,. APU.

Patrimônio da Rocinha fizeram uma coleta de dinheiro com a finalidade de auxiliar nas despesas necessárias à construção do prédio onde deveria funcionar a escola que a prefeitura havia se proposto a construir.[338] No ano seguinte, foi instalada a escola rural no Córrego dos Caetanos, sendo que o prédio onde esta funcionava havia sido *"construído pelo povo do bairro"*.[339]

Arantes, ainda que de forma descontínua, também reforçava o coro daqueles que depositavam na iniciativa privada, em particular, na figura dos fazendeiros, parte da responsabilidade sobre a edificação dos prédios e manutenção das escolas rurais. No ano de 1941, por exemplo, ao visitar a Escola Municipal de Machados, ele deixou registrado em ata o seguinte elogio: *"Aqui deixo consignado o meu agradecimento a todos que atenderam o apelo da Inspetoria Escolar para que se fizesse a casa própria. Mais uma vez, o povo unido e progressista de Machados deu prova de amor a instrução"*.[340] No ano seguinte, ao inspecionar os exames realizados na Escola Municipal de Dourados, Arantes voltou a tocar na mesma questão:

> *Este prédio foi construído às expensas dos homens de representação das zonas interessadas pela educação das famílias passando este valioso patrimônio para o município, como testemunho da operosidade de um punhado de lares brasileiros que deseja zelar pela cultura intelectual daqueles que vão dirigir os destinos da pátria no futuro*.[341]

Em 1951, ao discursar na cerimônia de inauguração do novo prédio que abrigaria a Escola Municipal da Fazenda do Salto, ele abordou o mesmo tema ao fazer a seguinte observação: *"Ao encerrar o seu importante discurso baseado em fundamentos históricos, [Arantes] apelou para que a escola fosse sempre amparada pelas famílias que ali educariam seus filhos"*.[342]

Pelos diversos registros, portanto, concluímos que essas escolas funcionavam em grande parte em virtude do interesse e também devido aos esforços da comunidade rural em prol da escolarização de suas crianças. Situação que não permaneceu circunscrita ao município de Uberlândia, mas que também pode ser verificada em outras regiões do estado de Minas Gerais, conforme analisou Fortes em seu trabalho sobre a escola rural mineira.[343]

---

[338] PELA instrução. *A Tribuna*, Uberlândia, não paginado, 18 jan. 1933. APU. CPJA.
[339] NOTAS. *A Escola Rural*, Uberlândia, não paginado, 15 fev. 1934. APU. CPJA.
[340] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata do termo de visita realizada no dia 29 jul. 1941*. Uberlândia, 1941. Livro 94, p. 31. APU. ARE.
[341] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata de exames realizados no dia 14 nov. 1942*. Uberlândia, 1942. Livro 101, p. 06. APU. ARE.
[342] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata de inauguração do novo prédio da Escola Municipal da Fazenda do Salto realizada no dia 31 set. 1951*. Uberlândia, 1951. Livro 100, p. 14. APU. ARE.
[343] FORTES, op. cit., p. 83.

Tão grave quanto os aspectos relacionados à escassez de investimentos direcionados para a manutenção das escolas rurais, eram os problemas referentes aos professores e à sua falta de instrução. Até a primeira metade do século, era alarmante a situação das escolas funcionado com o trabalho de professores semi-alfabetizados, sobretudo no que dizia respeito ao ensino rural, em que era grande a dificuldade em selecionar, em seu meio, profissionais formados, em razão da baixa qualificação dos seus habitantes e aos obstáculos existentes ao acesso às fazendas onde se localizavam as escolas — tais como: precariedade nos meios de transporte e insalubridade das residências nas proximidades das escolas rurais. Tudo isto servindo como empecilho à contratação de professores oriundos dos centros urbanos, onde não havia também profissionais qualificados em número suficiente para atender nem à demanda da cidade —, contribuiu para que permanecessem os denominados professores leigos. O relato de uma professora rural ilustra de forma precisa alguns desses problemas:

> *Quem vem da cidade, aonde encontra todo o conforto que oferece a civilização moderna, não pode ter boas impressões, sobre a escola rural, o ambiente que a cerca, e o pobre proletário que a dirige. Já antes de chegar, as estradas cheias de acidentes de toda natureza, arrasadas pelas chuvas, mal feitas ou mal conservadas, requerem de quem as percorre, um tanto de espirito heróico e aventureiro. Aqui uma tronqueira de pau, mais adiante uma cerca de arame. Além barrancos que se debruçam sobre abismos. Obstáculos sobre obstáculos.* [344]

Tal situação também foi denunciada de forma contundente por um inspetor técnico do ensino, que, a propósito de discutir a necessidade de implantação de biblioteca e da imprensa nas escolas rurais do município de Uberlândia, revelou a situação de completo abandono em que estavam mergulhadas tais escolas, visível na falta de material didático, precariedade de suas instalações e, particularmente, no despreparo de seus professores. Os problemas destes são pintados com cores fortes, mas, nem por isso, distantes da realidade a que estavam relacionados:

> *A regra é prover-se a escola com a moçoila semi-analfabeta da própria localidade, única capaz de tolerar tal situação sem reclamações e de aceitar os misérrimos vencimentos do cargo. Inculta, bisonha, sem saber ao que vem e quais seriam os objetivos reais norteadores de seu trabalho ela sucumbe diante das dificuldades. Seu trabalho tem o mesmo colorido, o mesmo desinteresse, no princípio e no último dia letivo. (...) Uma ou outra vez, vamos encontrar na escola da roça a normalista da cidade, não se pense que, então, a situação melhore. A normalista aceita a escola rural como passagem para a escola da cidade. (...) O meio rural é para ela o desconhecido e um importuno desconhecido, que não lhe dá o conforto da cidade, (...),*

[344] ROMEIRO, op. cit.

> *onde ela será uma desambientada, hostil e hostilizada, fugindo para o seu lar urbano aos sábados e nos feriados, licenciando-se com freqüência, esforçando-se desde o início para se remover para a cidade.*[345]

Somava-se a todo esse despreparo, a ausência de condições mínimas que pudessem facilitar-lhes a execução das tarefas — conforme discutido anteriormente —, assim como o descaso com que eram tratados esses professores pelo poder público: baixos salários, alojamentos insalubres e instabilidade no emprego. Após denunciar os salários irrisórios pagos aos professores primários, em um artigo publicado em 1936, o jornalista Lycidio Paes ressaltou a precariedade existente nas relações de trabalho dos professores:

> *Pior do que isso [baixos salários] ainda é a dependência moral a chefes políticos, nem sempre orientados pelos princípios de justiça e de eqüidade. O governo nomeia e demite ao sabor das conveniências partidárias dos seus amigos, sem a menor consideração pela competência, pelo esforço, pela capacidade profissional do candidato.* [346]

Outro problema que perpassava o trabalho dos professores, comprometendo a qualidade do ensino que ministravam, residia na existência de classes multisseriadas. Também conhecidas como classes unidocente e/ou multigraduadas, essa fusão de alunos de séries diferentes em uma única sala de aula foi uma característica marcante no ensino rural em Minas Gerais. Fortes constatou o funcionamento dessas salas na região, sendo que, em algumas escolas, os alunos somavam um total que variava de 35 a 60.[347] Analisando as escolas rurais existentes no interior do mesmo estado, Azevedo e Gomes também ressaltaram a existência das salas multisseriadas e, por conseguinte, as dificuldades que estas impunham ao cotidiano dos professores.[348]

Em Uberlândia, também foi constatada a existência dessa modalidade de ensino, e um desses casos foi registrado pela imprensa local na década de 1950. Conforme o artigo do jornal: *"Os professores, infelizmente, apesar de, na maioria das vezes, esforçados e mesmo dispostos ao*

---

[345] FAGUNDES, A., op. cit.
[346] PAES, L., 29 maio 1936, op. cit.
[347] FORTES, op. cit., p. 81.
[348] Segundo as autoras, nas escolas pesquisadas: "Não há estrutura hierárquica interna: estão entregues a professoras que, além das atividades docentes, desempenham múltiplas funções (preparo de merenda, limpeza da escola, tarefas administrativas: controle de matrícula, registro de evasão, repetência, promoção, etc.) e que transmitem, na prática, o pouco que aprenderam, fazendo uma seleção que consideram necessário e compreensível do discurso escolar. Neste tipo de escola, predominam as classes multisseriadas, onde uma única professora leciona ao mesmo tempo para duas e até três séries diferentes, o que compromete ainda mais a qualidade do ensino". (AZEVEDO, Ederlinda Pimenta de; GOMES, Nilcéa Moraleida. A instituição escolar na área rural em Minas Gerais: elementos para se pensar uma proposta de escola. *Cadernos Cedes*, São Paulo, n.11, p. 32, 1984).

sacrifício, não têm na sua totalidade a competência necessária, visto que são obrigados a lecionarem simultaneamente conhecimentos referentes aos 4 anos do curso primário".[349]

Em outra ocasião, Arantes também comentou a existência desse ensino multisseriado na Escola Pública Municipal do Bairro Divisa, situada na zona rural: "... sendo a freqüência dos três anos reunidos, trazendo irregularidades ao trabalho do professor, ensinando os 3 anos em conjunto...". [350] Além desse aspecto, conforme denunciado por um colunista em um dos jornais da cidade, eram inúmeros os reveses enfrentados por esses profissionais, pois:

> *Saem eles das suas casas, vão para o campo em casas particulares, sem acomodações, alimentando-se miseravelmente, sem material escolar, quasi sem esperanças de verem realizados seus esforços, tamanhas são as dificuldades que tem de enfrentar. Adoecem do corpo e do espírito, recebendo em troca, ordenado escasso. (...) Lutam contra a ignorância, contra a falta de higiene, e no fim dessa luta, estão mais sem recursos do que no início dela, pois além de tudo, deixam em casa do roceiro a sua saúde.*[351]

Não obstante a gravidade da situação, Arantes deixou registros pouco contundentes a respeito desses problemas enfrentados pelos professores, especialmente daqueles vivenciados pelos docentes em exercício na zona rural. A sua exaltação ao comentar as iniciativas do poder público municipal em prol da educação escolar e também uma amenidade na crítica que fazia, fosse em relação aos alunos, fosse principalmente no que dizia respeito ao professor, faz com que a leitura apressada dos documentos que produziu demonstre, à primeira vista, que ignorava os problemas relativos ao ensino primário em Uberlândia. No entanto, e apesar da afabilidade inerente a suas críticas, ele não hesitou em denunciar alguns dos revezes que perpassavam o ensino público municipal na cidade.

Arantes não desconhecia a situação de penúria da maior parte dos trabalhadores em educação atuando nas escolas rurais, no entanto preferiu não enfatizar os pontos frágeis que permeavam o sistema educacional mantido pelo município. Ressaltava, em seus relatórios, notadamente, os aspectos positivos do funcionamento das escolas, e, por isso, prevalecia o tom da conciliação, por meio do qual propalava a grandiosidade do trabalho desempenhado pelos

---

[349] FREITAS, Renato de. O ensino rural. *Correio de Uberlândia***,** Uberlândia, não paginado, 3 jul. 1955. APU.
[350] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata do termo de visita realizada no dia 28 jul. 1939*. Uberlândia, 1939. Livro 98, p. 5. APU. ARE.
[351] SILVA, A. Escolas e professores rurais. *O Estado de Goiás*, Uberlândia, p. 1, 31 maio 1942. APU. ARE.

professores, assim como o auxílio que eles prestavam ao poder público municipal no sentido de contribuir para a manutenção da escola primária.

2.3. Produzindo Representações

O olhar dirigido por Arantes ao ensino do município era benevolente e, por conseguinte, matizado pela complacência. Desta forma, reconhecia que eram parcos os recursos, mas, por outro lado, acreditava que o poder público municipal empenhava-se, dentro das suas limitações, para garantir à população um ensino primário de acordo com os padrões do que deveria ser uma boa escola – professores preparados, infra-estrutura adequada e prédios higienizados – e, por isso, não aceitava passivamente as críticas publicadas em um ou outro jornal. Ao contrário, sempre que a ocasião permitia, tornava público o seu reconhecimento pelo trabalho que os prefeitos vinham desempenhando em benefício da escolarização dos habitantes da cidade e da zona rural. Ao proferir um discurso, durante a cerimônia de inauguração da Escola Pública Municipal do Bairro Divisa, ele enfatizou a atuação positiva da prefeitura local em prol da educação escolar:

> *Disse bem do interesse do governo municipal para instruir a mocidade rural outrora desprotegida dos governos que não cuidaram da instrução dos habitantes do município, agora carinhosamente cuidada como se pode atestar com o grande número de escolas que funcionam em diversos pontos do município ... .*[352]

A abertura de escolas, por exemplo, era sempre motivo para cobrir de elogios o chefe do executivo, conforme registrado nas atas redigidas em maio de 1939, quando nove escolas rurais foram inauguradas. Em uma delas, encontramos a seguinte descrição:

> *Às 8 horas, reunidos no salão da escola, 50 alunos matriculados e grande número de pessoas da localidade, o senhor Inspetor da Instrução Pública Municipal de Uberlândia abriu a sessão proferindo um caloroso discurso sobre o gesto do ilustre Governador de Uberlândia criando 9 escolas rurais nesta data em que a Cruzada Nacional de Educação pede a cada prefeito municipal instalar uma escola primária dando combate ao analfabetismo que tanto depõe sobre o nome do nosso grande e rico Brasil.*[353]

---

[352] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata de instalação da Escola Pública Municipal do Bairro Divisa realizada no dia 13 maio 1938.* Uberlândia, 1938. Livro 98, p. 3. APU. ARE.

[353] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata de instalação da Escola Pública Municipal do Bairro Cabaças realizada no dia 13 maio 1939*. Uberlândia, 1939. Livro 99, p. 2. APU. ARE.

Em várias passagens das atas que redigiu, fosse quando visitava as escolas em inspeção, fosse quando acompanhava o trabalho das bancas examinadoras dos alunos, Arantes deixou registrados os aspectos positivos da atuação dos prefeitos em benefício do desenvolvimento do ensino escolar em Uberlândia. Reconhecia a existência de vários problemas, mas, sobretudo, ressaltava as iniciativas do chefe do Executivo em solucioná-los. Em um discurso que proferiu durante a primeira reunião dos professores primários municipais, ao encerrar as aulas no primeiro semestre de 1933, ele referiu-se ao empenho do prefeito com as seguintes palavras:

> *[Arantes] Discorreu em termos elevados e repassador da mais fervorosa gratidão sobre o alcance da patriótica medida do governo municipal mantendo o ensino nas escolas instaladas, quando o município atravessava uma situação anormal, e, além disso, criando novas escolas nas zonas de condensada população infantil, enquanto dotava a população urbana de Uberlândia com duas escolas noturnas destinadas aos adultos analfabetos e aos jovens operários pobres cujas lides diuturnas em busca do pão cotidiano, não lhes permitem freqüentar as aulas das escolas estaduais e particulares que funcionam diariamente. Terminando, declarou que em vista disso, e por todo esse acervo de trabalhos prestados por sua Exª. à causa da instrução entre nós, agradecia-lhe em nome do corpo docente das cadeiras rurais e noturnas ali presentes e do povo de Uberlândia.*[354]

Em outra ocasião, ao visitar as salas noturnas que funcionavam na escola Bueno Brandão sob a responsabilidade do município, ele enfatizou a reivindicação do prefeito em favor da instalação de um grupo escolar noturno, que deveria ser mantido pelo governo do estado, e acrescentou os seguintes elogios ao chefe do executivo de Uberlândia: *"zeloso para tudo que constitui progresso para a sua terra natal"*.[355]

Arantes colocava-se de prontidão para defender os investimentos municipais em benefício do desenvolvimento da educação primária e não media esforços para desfazer "injustiças" divulgadas na imprensa local. Ilustra esse fato uma polêmica que circulou pelas páginas de um periódico da cidade em agosto de 1935, quando um professor publicou no *Jornal de Uberlândia* um artigo contendo severas críticas ao estado de abandono no qual se encontravam mergulhadas as escolas da zona rural e, conseqüentemente, denunciou a situação de penúria dos seus

---

[354] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata da primeira reunião dos professores primários municipais em comemoração ao encerramento das aulas realizada no dia 03 jul. 1933.* Uberlândia, 1933. Livro 96, p. 4. APU. ARE.

[355] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata do termo de visita realizada no dia 02 maio 1935*. Uberlândia, 1935. Livro 95, p. 13. APU. ARE.

professores.[356] Tal artigo saiu no jornal do dia 11 de agosto, e uma semana após, no próximo número – nessa época, a periodicidade desse jornal era semanal –, no dia 18, publicou-se a réplica do inspetor de ensino, que, segundo o redator, teria ido à sua casa para esclarecer os fatos e, portanto, contradizer as críticas do professor "rebelde". Na ocasião, Arantes teria levado consigo fotografias das escolas rurais na tentativa de assegurar a veracidade de suas informações.

> *... trouxe-nos em nossa casa o sr. Jerônimo Arantes, inspetor das escolas rurais que veio "não protestar contra as palavras" mas "prestar alguns informes." Disse o mesmo não ter razão o "tal professor" em se queixar do pouco que percebe, porquanto o mesmo vem ganhando, mais ou menos tanto quanto um seu colega do Ginásio. (...) "Também não cabe razão, ao professor informante, no que toca aos prédios. É verdade que não são palacetes, porém estão eles de acordo com a verba — é verdade que bastante exígua — da prefeitura e com a boa vontade manifestada pelos fazendeiros onde são localizadas as escolas". (...) Mostrou-nos, então, o sr. Jerônimo Arantes, várias fotografias, ilustrando assim seus informes*.[357]

Na continuidade do artigo, Arantes enumera algumas das vantagens que o professor da zona rural teria: "O dinheiro que o mesmo deveria gastar em roupa si morasse na cidade seria por demais superior ao seu ganho, porém na roça ele pode viver com uma ninharia, porquanto não tem as obrigações de apresentar como acontece com os professores que vivem na cidade".[358] Na seqüência, ele informou ao redator do Jornal que a prefeitura inauguraria, ainda no corrente mês, mais três escolas nas fazendas Buriti, Marimbondo e Rocinha. De acordo com suas palavras, esses estabelecimentos seriam *"...um modelo de escolas rurais em se pensando nos prédios escolares rurais de outros municípios"*.[359]

É também nesse sentido que procurava com freqüência valorizar os empreendimentos que a comunidade rural realizava tanto na construção de escolas, quanto na doação de edifícios para que estas funcionassem e/ou no financiamento das reformas de antigos prédios, dando a entender que as iniciativas particulares eram uma conseqüência natural do civismo do homem do campo e da consciência de seu dever para com a instrução de crianças e que, por isso, não poderiam ser interpretadas como significado da omissão dos governos municipais diante da sua obrigação em

[356] AS ESCOLAS rurais, 11 ago. 1935, op. cit.
[357] AS ESCOLAS rurais. *Jornal de Uberlândia*, Uberlândia, não paginado, 18 ago. 1935.APU. CPJA.
[358] AS ESCOLAS rurais, 18 ago. 1935, op. cit.
[359] AS ESCOLAS rurais, 18 ago. 1935, op. cit.

assegurar a educação pública primária a todos aqueles que dela necessitassem. Em várias atas encontramos de forma explícita essa sua posição, sendo que a seguinte sintetiza as demais:

> *Os habitantes da localidade construíram a casa própria para a escola em lugar arejado merecendo um voto de louvor por esse gesto de verdadeiros chefes de família que almejam a felicidade dos filhos pela educação recebida nos bancos da escola. Oxalá que fosse esse ato exemplo para outros habitantes do município onde a falta de escola vem causando a propagação do analfabetismo que tanto infelicita o nosso grande Brasil.*[360]

Era ciente também da situação de debilidade das instalações onde funcionavam algumas escolas, mas fazia o possível para mitigar o estado de penúria de muitas delas, como, por exemplo, na descrição otimista que fornece da instalação precária e imprópria da Escola Pública Municipal do Bairro Estivinha: "A escola funciona num rancho de palha oferecendo boa acomodação aos escolares, comportando folgadamente os móveis de uso".[361]

Arantes não desconhecia igualmente as deficiências presentes na formação de alguns professores, sobretudo daqueles que prestavam serviços nas escolas rurais, mas, por outro lado, não os criticava de forma contundente, no máximo, registrava amenas notas de reprovações, como esta: "É de se lastimar a pequena porcentagem de aproveitamento verificada tendo as aulas funcionado normalmente durante o ano letivo. Esta observação servirá de incentivo para que seja o trabalho do professor ministrado com mais eficiência no próximo ano vindouro".[362]

No entanto, o teor do fragmento acima se constitui em uma exceção, pois, sempre que possível Arantes procurava ressaltar as qualidades, muita vezes ignoradas, segundo ele, dos mestres que atuavam no ensino primário municipal, conforme homenagens prestadas a Carlos Fonseca na revista *Uberlândia Ilustrada* e a Virgílio S. Soares na ata de exames:

> *Os homens humildes não são reconhecidos. A glória é privilégio daqueles que conquistam posições na vida, sem se preocuparem com maneiras decentes de seus atos. Durante 36 anos perambulou Carlos Fonseca pelas roças, como um farol, enchendo de luz do saber, os cérebros daqueles, que sem o seu auxílio*

[360] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata de exames realizados no dia 16 out. 1952* . Uberlândia, 1952. Livro 104, p. 8. APU. ARE.
[361] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata de exames realizados no dia 25 out. 1949*. Uberlândia, 1949. Livro 2, p. 2. APU. ARE.
[362] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata de exames realizados no dia 15 nov. 1941*. Uberlândia, 1941. Livro 98, p. 11. APU. ARE.

> *nunca sairiam das trevas da ignorância. À sua memória estas singelas palavras como expressão de reconhecimento e saudade.*[363]
>
> *...o Inspetor Escolar, Jerônimo Arantes, em reconhecimento ao grande acervo de trabalho prestado à infância deste local durante esse tempo opina que a sala da casa onde funciona esta escola receba o seu nome [Virgílio Flávio Soares]. Pálida homenagem em reconhecimento aos méritos como dedicado professor que sempre foi.*[364]

Da mesma forma, de acordo com o que se depreende dos seus registros oficiais, sabia como era difícil a vida no campo e não exigia muito dos alunos, a não ser assiduidade, um bom desempenho nas provas dos exames finais e um comportamento e aparência adequados à disciplina necessária ao pleno desenvolvimento das atividades escolares, conforme registrou em uma das atas de exames: *"... revelando os alunos bom aproveitamento nos estudos, estando em boa ordem todos os trabalhos escolares, estando a escola uniformizada de cáqui com belíssima aparência"*.[365]

Não ignoramos, todavia, que essa positividade com a qual Arantes tecia as suas considerações acerca do ensino público no município – e que, conforme analisamos, perpassava também muitas crônicas, artigos, editoriais e demais textos publicados na imprensa local – fazia parte de um conjunto de representações pacientemente elaborado, cuja finalidade era valorizar a educação pública municipal e, por conseguinte, majorar a sua própria atuação na condição de educador e, depois, funcionário público a serviço da educação mantida pela prefeitura local.

Os traços dessa visão otimista ficaram impressos não só nos artigos que ele publicou na imprensa local, tanto aqueles veiculados pelos jornais quanto os que apareceram nas páginas da revista *Uberlândia Ilustrada*, mas podem ser encontrados também: nos registros das atividades escolares constantes nas atas das reuniões escolares, discutidos nas páginas precedentes; no seu interesse pela elaboração e divulgação de dados estatísticos referentes ao ensino público em funcionamento na cidade e, principalmente, nas várias fotografias das escolas rurais com que ele colaborou para que fossem produzidas e que depois manteve em seu arquivo.

Sobre o interesse que Arantes parecia nutrir pela estatística, podemos supor que estivesse relacionado ao reconhecimento que esse método de investigação passou a desfrutar nas primeiras

---

[363] PROFESSOR Carlos Fonseca. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 10, p. 32, jul. 1941. APU. CPJA.
[364] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata de exames realizados no dia 18 out. 1955*. Uberlândia, 1955. Livro 101, p. 31. APU. ARE.
[365] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata de exames realizados no dia 18 out. 1956*. Uberlândia, 1956. Livro 114, p. 04. APU. ARE.

décadas do século XX. Dentre as representações que emergiram a partir de então, destaca-se a valorização das estatísticas como um dos instrumentos eficazes para se obter a plena racionalidade do conhecimento acerca dos fatos que compõem o real. Engendrou-se a crença de que a elaboração de dados estatísticos, assim como o seu emprego, garantiria aos estados a prerrogativa de intervir no real de forma racionalizada, posto que fundamentados em dados extraídos da realidade. Nesse sentido, o conhecimento dos números poderia significar o salto em direção ao tão propalado mundo civilizado.[366]

Transposta para a questão educacional, essa positivação da estatística, tornou-se ao final do século XIX e nas primeiras décadas do XX, um instrumento fundamental para que o estado divulgasse os seus investimentos e, por outro lado, para que interviesse no campo da educação escolar. De fato, esse instrumento assegurava aos governos a possibilidade de tornar visíveis os investimentos que realizavam na área educacional. Por outro lado, a estatística também poderia revelar uma faceta mais sombria do problema, qual seja, aquela concernente às mazelas que perpassavam as escolas no país. Porém a propagação dos dados reveladores desse aspecto era sempre evitada.

Tendo, pois, como preocupação esse emprego racionalizado dos números e, por conseguinte, a possibilidade que eles engendravam de servir como propaganda política, a estatística educacional foi amplamente empregada no estado de Minas Gerais, assim como nos demais estados da federação, a partir do final do século XIX.[367] Essa apologia em torno dos

---

[366] "O século XIX viu florescer numerosas pesquisas estatísticas cobrindo domínios tão variados quanto a prostituição, as condições de vida dos operários, os traços antropométricos de conscritos ou de criminosos, os sistemas industrial e agrícola. Esses registros estatísticos tinham uma finalidade precisa: melhor delimitar o fenômeno para melhor controlá-lo o nele intervir. Mas, progressivamente, esta finalidade 'social e política' se desdobrou numa finalidade científica: melhorar o conhecimento de certos fenômenos sociais ou humanos. A crença na idéia de que um conhecimento quantificado dos fatos da sociedade permite melhor conhecê-los e eventualmente modificá-los era muito promissora, tanto para os administradores do Estado quanto para os cientistas. A estatística estava 'quase por toda parte', era largamente difundida". (MARTIN, Olivier. Da estatística política à sociologia estatística. Desenvolvimento e transformações da análise estatística da sociedade (séculos XVII-XIX). *Revista Brasileira de História*, São Paulo: ANPUH/Humanitas, n. 41, p. 14, 2001).

[367] Faria Filho e Bicas ressaltam que as primeiras estatísticas educacionais elaboradas no estado de Minas (assim como em outros estados do país) caracterizavam-se pela imprecisão e pela manipulação grosseira dos dados: "Em Minas Gerais, por exemplo, nas primeiras décadas deste século, muitos Secretários do Interior e, mesmo, Presidentes de Estado, reclamavam da ausência de bases estatísticas confiáveis sobre os quais eles pudessem desenvolver diagnósticos, definir prioridades e traçar metas de ação. É evidente que boa parte desses sujeitos acabaram, eles também, por mistificar a importância da estatística. No entanto, não parece restar dúvida que eles lidavam com uma dificuldade concreta e, até hoje, desafiadora para o melhor conhecimento da realidade educacional". (FARIA FILHO, Luciano M. de; BICCAS, Maurilane de S. Educação e modernidade: a estatística como estratégia de conformação do campo pedagógico brasileiro (1850-1930). *Educação e Filosofia*, Uberlândia, n. 27/ 28, p. 185, jan./jun./jul./dez 2000).

dados numéricos também contagiou Uberlândia e, como Arantes, além de inspetor de ensino era membro do IBGE, ele investiu na organização dos números relativos à educação no município e, sobretudo, na sua divulgação nos veículos impressos existentes no período, tais como os jornais que circulavam em Uberlândia e a revista de sua propriedade.[368]

Arantes apresentava dados comparativos por meio dos quais era possível acompanhar a trajetória ascendente dos investimentos municipais aplicados na educação escolar, e como os dados divulgados circunscreviam-se aos aspectos positivos da questão, em detrimento da divulgação dos problemas existentes, os seus efeitos revestiam-se sempre de uma conotação positiva.[369]

Nesse sentido, as estatísticas elaboradas por Arantes, referentes ao número de alunos escolarizados pelo município, detinham-se, principalmente, na divulgação do total de alunos matriculados sem tocar na questão da carência de vagas existentes nas escolas públicas municipais. Ainda que ele apresentasse os números relativos à freqüência, evitava comentá-los, uma vez que os resultados eram quase sempre problemáticos; pois, conforme discutimos nas páginas precedentes, era muito alto o número relativo à evasão escolar. Explicitando uma análise da relação entre a matrícula e a freqüência, poder-se-ia revelar a dimensão do problema e, com isso, comprometer a imagem de representantes políticos que utilizavam os "investimentos" na educação escolar como mote para as propagandas eleitorais veiculadas durante as campanhas. Por outro lado, esquivando-se de tocar no problema da baixa freqüência, Arantes contribuía para que fosse edificada uma representação otimista do período em que esteve à frente dos negócios educacionais no município e, conseqüentemente, produzia elementos para a construção da sua própria memória em termos positivos.

---

[368] Algumas das estatísticas publicadas na década de 1950 podem ser encontradas nos seguintes jornais:
MELLO, João Edson de. A instrução primária em Uberlândia. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, não paginado, 14 dez. 1950. APU.
INSTRUÇÃO municipal, 15 dez. 1951, op. cit.
EDUCAÇÃO pública municipal. Estatística escolar. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, p. 03, 31 dez. 1952. APU.
PREFEITURA Municipal de Uberlândia. *Suplemento Comercial Ilustrado*, Araguari, p. 06, 1952. APU. CPJA.
INSTRUÇÃO municipal, 25 abr. 1955, op. cit.

[369] Além da falta de critérios na elaboração das estatísticas educacionais e da imprecisão dos dados, presentes, sobretudo, nos trabalhos elaborados no século XIX, a manipulação dos seus resultados era outro obstáculo que impedia — e ainda hoje impede — o emprego sem questionamento dos seus dados. Em 1882, ao apresentar ao Parlamento Brasileiro os seus Pareceres sobre a Reforma do Ensino Primário e Várias Instituições complementares da Instrução Pública, Rui Barbosa já alertava sobre esse problema. (FARIA FILHO; BICCAS, op. cit.).

Arantes, portanto, objetivava com a utilização desse instrumento, por um lado, tornar visível as ações municipais — das quais era co-responsável — em prol da escola pública no meio urbano e rural; por outro, evidenciar a si próprio, fosse como agente municipal de ensino fosse enquanto pesquisador e ordenador de dados. Nesse sentido, a eficácia da sua estratégia seria tanto mais profícua quanto mais se difundisse a legitimidade dos números apresentados, e esta legitimidade estaria garantida, uma vez que os dados partiam de uma autoridade do ensino municipal e também de um homem cujo trabalho com a pesquisa era do conhecimento público.[370]

Além das estatísticas educacionais, as fotografias foram outro instrumento largamente empregado por Arantes, cuja utilização lhe serviu para construir uma dada representação de si próprio e da escola pública municipal em Uberlândia. Se contássemos apenas com as imagens fotográficas como registros das atividades escolares existentes no meio rural em Uberlândia, no período em que ele foi inspetor de ensino e depois chefe do Serviço de Educação e Saúde do Município, ficaríamos com a impressão de que a escola rural ignorava a escassez de verbas, seus professores eram bem remunerados e abundavam recursos nas famílias dos alunos nela matriculados. No entanto não era essa a realidade que emergia dos documentos à medida que nos aprofundávamos na pesquisa; ou, pelo menos, não era essa a realidade da maioria das escolas rurais aqui existentes.

As fotografias foram tiradas a partir de uma seleção cuidadosamente elaborada por Arantes, tendo como critério de escolha documentar apenas os estabelecimentos instalados nas regiões mais prósperas – habitadas por alguns camponeses portadores de maiores recursos – e que, notadamente, recebiam verbas e maiores investimentos públicos, denotando a "sucessão de escolhas" pela qual passa o assunto na imagem fotografada.[371]

---

[370] "Os usuários das estatísticas se apoiam nelas para definirem construções mais amplas, tanto para gerirem o mundo social, tomarem decisões, repartirem os recursos e ajustá-los aos fins, como para argumentarem no quadro de um debate. Em todos estes casos, a estatística é uma referência supostamente segura, e é esta legitimidade que lhe dá força". (DESROSIÈRE, Alain. Entre a ciência e o universal e as tradições nacionais. In: BESSON, Jean-Louis (Org.). *A ilusão das estatísticas.* São Paulo: UNESP, 1997, p. 182).

[371] Para Kossoy: "O assunto, tal como se acha representado na imagem fotográfica, resulta de uma sucessão de escolhas; é fruto de um somatório de seleções de diferentes naturezas (...) seleções essas que ocorrem mais ou menos concomitantemente e que interagem entre si, determinando o caráter da representação". (KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica.* Cotia: Ateliê Editorial, 2002, p. 27).

É comum defrontar nessas fotografias um cenário e uma situação recorrentes, a saber, quase todas retratam os prédios das escolas pelo lado externo e o conjunto de seus alunos e corpo docente em poses nada espontâneas; em várias delas o professor Arantes deixou-se fotografar entre os escolares. A ocasião fotografada parecia sempre caracterizada por um momento solene e festivo, pois os alunos eram flagrados usando uniformes cuidadosamente preparados, que incluíam sapatos e meias para as meninas e chapéu para os meninos. Além do traje, a solenidade da foto podia ser verificada também pela falta de espontaneidade com a qual era retratada a comunidade escolar. Na maior parte das imagens registradas, os alunos encontravam-se sempre enfileirados, às vezes, alguns permaneciam sentados, obedecendo a uma ordem de tamanho e uma divisão por sexo, as meninas de um lado e os garotos de outro; em outras fotos ou eles estão de mãos dadas ou apresentam os braços rigidamente estendidos ao longo do tronco. Separando as fileiras, encontravam-se o professor e demais autoridades que, sempre bem vestidas, conservavam um ar de aprovação (Figura 4).

Em seu depoimento, Delvar Arantes comentou que, durante as visitas realizadas por seu pai às escolas rurais, a fim de inspecionar as provas dos exames finais dos alunos, fazia parte da comitiva, além dos professores e administradores escolares que compunham a banca examinadora, um fotógrafo chamado Marinho Lozzi.[372] De fato, os documentos pesquisados freqüentemente apresentam comentários acerca da recepção oferecida pela comunidade escolar das fazendas visitadas às autoridades do meio educacional do município que iam inspecionar as provas dos exames finais dos alunos e, por meio deles, comprovamos também a realização de sessão fotográfica. Tal sessão parecia ser muito valorizada por Arantes, pois, além de ficar registrada em ata, no ano de 1946, ao documentar os exames realizados na Escola Pública Municipal de Dourados, ele assim mencionou: *"Pelo fotógrafo da banca foi retratado o aspecto festivo onde compareceu grande número de pessoas residentes no meio, dando brilho às solenidades do encerramento das aulas nesta importante escola rural"*.[373]

[372] Segundo Delvar, a presença desse fotógrafo era imprescindível nessas ocasiões, pois, além de documentar com as suas imagens o trabalho realizado nas escolas, ele também fotografava os depoentes que, porventura, o professor Jerônimo Arantes encontrasse nas localidades visitadas. Dessas pessoas, o professor Jerônimo buscava dados relativos à história de Uberlândia e região para subsidiar a pesquisa com a qual pretendia escrever o livro contando a história da cidade. (ARANTES, D., 2000, op. cit.).

[373] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. , 03 dez. 1946, op. cit., p. 25.

Além de esses exames significarem uma cerimônia oficial, para cuja realização concorriam todos os esforços dos alunos e dos professores das escolas rurais, revestiam-se de uma outra conotação que se caracterizava pelo aspecto inusitado da ocasião, alterando a rotina dos trabalhos, fossem aqueles realizados no interior da escola, fossem aqueles executados na lavoura e nas residências dos agricultores. Naqueles momentos as escolas preparavam-se para receber autoridades que comumente não as freqüentavam, tais como diretores de escolas, professores e inspetores de ensino provenientes da cidade. Nessas ocasiões, os professores procuravam acrescentar à exposição dos resultados dos trabalhos desenvolvidos ao longo do ano, as atividades escolares realizadas pelos alunos, e esses, por sua vez, contribuíam mantendo a disciplina e apresentando-se uniformizados. No ano de 1942, consta em uma das atas a seguinte informação: "No recinto do salão figuram trabalhos dos escolares, lindos desenhos e mapas, demonstrando o esforço da dedicada professora da cadeira e capricho dos alunos. A escola está com o uniforme oficial e notando-se ótima disciplina e correção nos trabalhos escolares".[374]

Figura 4. Alunos e professores da Escola Municipal Jerônimo Arantes.
Sem data. CPJA, APU

[374] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal, 16 nov. 1942, op. cit.

Figura 5. Alunos e Professores da Escola Municipal Rural Marimbondo.
Sem data. CPJA, APU

Até mesmo a rotina doméstica modificava-se nessas ocasiões, uma vez que sempre era oferecido aos visitantes um festivo almoço ou, dependendo da hora, um farto jantar. Em 1933, o jornal *A Tribuna* publicou um artigo comentando a realização de um desses exames ao qual estivera presente Arantes na qualidade de inspetor municipal de ensino, e, assim, tornou-se possível compreender algumas das atividades desenvolvidas naquelas ocasiões:

> *Levaram-se a efeito, no dia 30 de novembro p. findo, os exames da Escola Municipal Rural de Paraíso, na fazenda das Sementes, deste município. (...) Depois de um lauto almoço oferecido à comitiva na casa de residência da professora da Escola, senhorita Carmem Pimentel, cuja família foi de uma gentileza inexcedível, iniciaram os trabalhos de exames entre sessenta e dois alunos, sendo quarenta e sete do primeiro e quinze do segundo. Terminando esse serviço com todos os requisitos regulamentares, no salão de aulas em um prédio da Fazenda, os visitantes e mais pessoas da localidade, fizeram um lindo passeio até as cascatas do Itahé, ali mesmo, distante trezentos metros, onde mais uma vez as cousas da natureza encantam e empolgam os espíritos mais indiferentes. De regresso dai, foi servida uma xícara de café na propriedade agrícola do sr. Antônio Mendonça em cujo convívio se passou uma hora agradável. Servido o jantar ainda em casa da família Pimentel, os visitantes e*

> *examinadores às vinte horas deixaram esse admirável núcleo populoso muito precisamente denominado Paraíso.* [375]

Comemorava-se, pois, o encerramento de mais um ano de trabalhos escolares e, principalmente, a visita de pessoas ilustres a um meio em que a simplicidade dos habitantes, aliada à rotina de suas tarefas, tornava aquelas ocasiões momentos inigualáveis.[376] Há, por exemplo, em um dos jornais da cidade, a seguinte informação sobre a programação festiva executada durante a realização de um dos exames:

> *A prefeitura, por seu digno inspetor escolar, prof. Jerônimo Arantes, está procedendo aos exames nas inúmeras escolas rurais, distribuídas por todos os recantos do município. No dia 4, esse complexo serviço teve início na escola instalada na fazenda Paranan regida pela professora Graciema Rios. Depois de terminados os exames, o representante do sr. prefeito, professor Arantes, pronunciou um vibrante discurso, análogo ao ato (...). Foi servido um rico lanche aos alunos e convidados. Tiraram-se diversas fotografias, tendo o sr. Tiquino oferecido, na sede da fazenda um lauto almoço...*[377]

Em uma das atas de exames realizados na Escola Pública Municipal de Machados, Arantes também registrou o aspecto da escola durante o evento, informando mais detalhes sobre a solenidade representada pela ocasião e, por conseguinte, da falta de espontaneidade do momento registrado pela fotografia:

> *O grupo da escola rigorosamente uniformizado estava de pé no salão entoando o Hino Nacional no momento que penetrava no salão o Inspetor Escolar acompanhado pela banca examinadora, estando presente grande assistência composta das principais famílias do bairro dando assim um aspecto festivo à solenidade. O fotógrafo da comitiva bateu duas chapas colhendo uma pose do grupo da escola e da assistência ao lado do edifício da escola*.[378]

As fotografias eram, portanto, tiradas em um momento muito especial, pois esses exames

---

[375] INSTRUÇÃO Municipal. *A Tribuna*, Uberlândia, não paginado, 03 dez. 1933. APU. CPJA.

[376] Algumas professoras que trabalharam nas escolas rurais no estado de Minas Gerais formularam representações acerca dos anos em atuaram no magistério e, dentre essas representações, Fortes destacou a impressão deixada pelas visitas dos inspetores de ensino: "Localizadas em pequenos núcleos povoados e fazendas geralmente distantes das cidades, essas escolas rurais, entregues aos cuidados de uma única professora, recebiam, de vez em quando, uma visita importante: o inspetor, elo entre a escola e o poder central estadual ou municipal. Apesar de serem esparsas as visitas de inspeção, quebrava-se a rotina da escola rural com a chegada do inspetor. A professora se via, de repente, às voltas com um visitante que, mesmo não participando do dia-a-dia da escola e das dificuldades que surgiam, tinha poder de interferir e fiscalizar o trabalho ali realizado". (FORTES, op. cit., p. 85).

[377] INSTRUÇÃO rural em Uberlândia. *O Estado de Goyaz*, Uberlândia, p. 1;4 , 07 nov. 1940. APU. CPJA.

[378] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata de exames realizados no dia 10 nov. 1941.* Uberlândia, 1941. Livro 94, p. 32. APU. ARE.

representavam para a comunidade escolar uma cerimônia revestida de respeito, na qual todos os participantes tinham a preocupação de apresentar-se da melhor forma possível, e, ao fotografar as escolas apenas nesses instantes extraordinários, Arantes legou uma imagem da educação rural mantida pelo município que não correspondia ao cotidiano mais rotineiro daquelas escolas. As imagens constituíam-se antes em instantâneos de uma situação inabitual, obtidos por meio de uma encenação cujo cenário e figurinos eram muito bem dirigidos. Conforme ressaltou Kossoy, as fotografias *"... nos mostram um fragmento selecionado da aparência das coisas, das pessoas, dos fatos, tal como foram (estética/ideologicamente) congelados num dado momento de sua existência/ocorrência"*.[379]

Era, então, a imagem congelada das escolas rurais em dias festivos, em momentos excepcionais, que parece ter sido eleita por Arantes para retratar a situação do ensino municipal em Uberlândia na época em que ele foi uma de suas principais autoridades. Ao tentar cristalizar, por meio do registro fotográfico, a representação das escolas municipais como *locus* da disciplina, da abastança e da harmonia, ele, ao mesmo tempo, produziu a representação de seu trabalho como fonte do sucesso dessas instituições de ensino.

Devemos, contudo, ressaltar que, para tornar eficaz essa sua imagem, era necessário também elevar o padrão do ensino municipal, fosse reivindicando a ampliação do número de estabelecimentos de ensino e tentando melhorar o estado de conservação daqueles já existentes, fosse acompanhando o trabalho dos professores, elogiando os seus esforços e estimulando-os a melhor desempenhar as suas funções no magistério, conforme já destacamos. No de 1951, o jornal *Correio de Uberlândia* prestou uma homenagem a Arantes na qual frisou a sua luta em benefício do aperfeiçoamento da escola pública na cidade, sobretudo, do aprimoramento do ensino primário, por meio do qual se reforçava essa representação:

> *Inicia-se uma administração — e tantas tem sido elas! — e ei-lo a aconselhar ao prefeito as medidas tendentes ao progresso do ensino, a solicitar melhoria dos prédios escolares, fornecimento de material didático, vantagens para as professoras geralmente mal pagas. Alguns chefes do executivo o atendem prestimosamente e as escolas prosperam outros ligam pouca importância às suas sugestões, mas as escolas, mesmo com mais dificuldades, prosperam ainda graças à sua dedicação e à coragem contagiante que ele transmite às preceptoras e aos alunos*.[380]

[379] KOSSOY, op. cit., p. 21.
[380] INSTRUÇÃO municipal, 15 dez. 1951, op. cit.

De fato, o esforço que envidou no sentido de construir uma memória edificante para a educação municipal e, por conseguinte, de tentar associá-la a si próprio não parece ter sido em vão, pois, sempre que se discutia a educação escolar em Uberlândia, Arantes era citado como sinônimo de trabalhador devotado às grandes causas do ensino primário no município, particularmente, ao ensino ministrado na zona rural. Em 1942, depois de elogiar a administração do prefeito Vasco Giffoni, o jornal *A Tribuna* louvou a atitude do prefeito em ter nomeado, na década anterior, Arantes como inspetor municipal de ensino:

> *Além de subvencionar a quase totalidade dos estabelecimentos, para onde encaminha alunos pobres, entregou a direção do ensino primário municipal ao seu dedicado e diligente auxiliar, professor Jerônimo Arantes, numa ampla visão de reconhecimento, em honra ao mérito*.[381]

Esse reconhecimento pelo trabalho desempenhado por Arantes na educação o acompanhou do início ao fim da carreira no serviço público, pois, ao aposentar-se no ano de 1959, ele redigiu um texto intitulado *Minha aposentadoria* e, ao comentá-lo, a revista *Elite Magazine* prestou-lhe a seguinte homenagem:

> *O trabalho deste educador é um exemplo vivo de patriotismo e dedicação ao ensino — ao qual ofertou uma existência toda. Seu nome será muito pequeno, se computarmos os haveres materiais que conseguiu em tantos e tantos anos de trabalho. Mas se agiganta o valor de sua pessoa, se analisada pelo prisma do verdadeiro, do legítimo valor moral. Para nós, todo mestre é um grande, um herói de grandes batalhas. Assim consideramos o professor Jerônimo Arantes*. [382]

Na solenidade de entrega da comenda de *Cidadão Uberlandense*, com a qual Arantes foi homenageado pela Câmara Municipal na década de 1970, o orador, em um longo discurso do qual extraímos apenas um fragmento, destacou a relevância de seu trabalho no âmbito do ensino rural: *"... cada escola rural do município de Uberlândia, seja a Tenda, Marimbondo, Cruz Branca, Monjolinho, (...) tem um forte elo com esse dedicado mestre que deu o melhor do seu trabalho ao desenvolvimento do ensino na zona rural"*.[383]

---

[381] UM progresso soberbo fixa uma ótima administração. *A Tribuna*, Uberlândia, não paginado, 05 jul. 1942. APU. CPJA.
[382] 'MINHA aposentadoria'. *Elite Magazine*, Uberlândia, n. 16, p. 8, maio 1959. APU. CPJA.
[383] PAVAN, Angelino. Jerônimo Arantes: cidadão uberlandense. *O Triângulo*, Uberlândia, não paginado, 02 maio 1970. APU. CPJA.

Mesmo naqueles artigos nos quais os autores ensaiavam uma tímida crítica aos parcos investimentos públicos direcionados à educação, Arantes era lembrado por ter desempenhado as suas funções com responsabilidade, não descuidando da tarefa de proporcionar à população estudantil acesso às escolas. Em outros poucos artigos, cujas críticas ao ensino mantido pelo município e, também, ao desinteresse dos prefeitos em implementá-lo eram contundentes, o seu nome era poupado. Se, ao contrário dos casos precedentes, não elogiavam a atuação do inspetor de ensino e depois chefe do Serviço de Educação e Saúde, também não o mencionavam como co-responsável pelos problemas que perpassavam a sua Secretaria.

No ano de 1952, foi publicado um artigo no jornal *Correio de Uberlândia* cujo autor, após visitar a Escola Municipal Padre Anchieta, um dos estabelecimentos de ensino mantidos pela prefeitura, denunciou alguns problemas que obstavam o seu funcionamento — assim como o das demais escolas públicas municipais —, principalmente aqueles decorrentes do número insuficiente de professores e, embora tenha criticado a falta de iniciativa do prefeito, não atribuiu nenhuma parcela de responsabilidade ao chefe do Serviço de Educação e Saúde do Município. Conforme se lê no aludido texto:

> *É de se lamentar que o sr. prefeito municipal que tanto zelo tem pelas cousas publicas entregue ao esquecimento de qualquer providência as escolas do município. Elas caminham por si graças aos esforços das professoras abnegadas, com verbas insuficientes, com turmas de diferentes graus de adiantamento estudando na mesma sala e no mesmo horário ou com professoras de um curso lecionando em outros dentro do mesmo horário escolar.*[384]

A única exceção encontrada a esse respeito pode ser verificada em um artigo publicado no jornal *Correio de Uberlândia* no ano de 1952, no qual a autora, depois de enumerar os problemas existentes no Grupo Escolar Augusto César (tais como excesso de alunos para pouco espaço e professoras sobrecarregadas pelo trabalho em classes multisseriadas), refere-se criticamente à atitude defensiva assumida por Arantes em favor das escolas municipais:

> *O nosso artigo não mereceu compreensão construtiva do sr. Jerônimo Arantes, chefe do Serviço de Educação da prefeitura Municipal. Em vez de providenciar junto aos poderes municipais competentes para sanar as falas apontadas, veio com uma "carta aberta" pelo jornal local 'O Repórter' em que usava a falta de fatos para contestar verdades de fatos, adjetivos mais enfileirados sobre a nossa pessoa — tentando fazer crer que nós éramos mentirosos. E procurando dar a entender ao povo que as ESCOLAS municipais primam pela*

[384] CARLOS, Ozilio. Sem professoras a Escola Municipal "Padre Anchieta". *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, p. 5, 10 ago. 1952. APU.

> *boa instalação dos prédios e das salas — de modo que as professoras que ganham ordenados enormes podem realizar prodígios na educação.* [385]

Pela reação de Arantes, deduzimos quão importante era para ele salvaguardar a educação pública municipal de quaisquer críticas que pudessem macular as escolas, bem como tomamos conhecimento das suas tentativas de defender as iniciativas do prefeito e, sobretudo, de ressaltar o seu próprio trabalho.

Em suma, Arantes construiu sua auto-representação como funcionário público exemplar que, a despeito das dificuldades — principalmente aquelas de ordem material — e do descaso de alguns prefeitos, não deixara de trabalhar para o desenvolvimento da educação escolar do município. Nos primeiros anos de seu ingresso no serviço público, já era ressaltada a eficiência que demonstrava no cumprimento de suas funções atinentes à fiscalização do ensino e, por conseguinte, a lealdade devotada ao prefeito, segundo divulgou o jornal *O Repórter* em 1937: *"Sobre a nossa mesa de trabalhos temos o 'Relatório Escolar' apresentado ao sr. prefeito pelo sr. Jerônimo Arantes, Inspetor Escolar Municipal. (...) em apresentando o seu relatório, [Arantes] demonstra ser um funcionário zeloso cumpridor de seus deveres"*.[386]

Ao discutir os aspectos positivos da educação pública municipal, o mesmo jornal, no ano de 1941, novamente pôs em relevo esse aspecto da imagem de Arantes relacionada ao governo do município de Uberlândia e, dez anos após, em 1951, outro jornal retomou esse mesmo assunto, destacando, mais uma vez, o compromisso daquele professor com o serviço público, conforme as transcrições que se seguem:

> *Ao acentuarmos o carinho patriótico com que o prefeito Vasco Giffoni atende à parte administrativa que se refere ao ensino, é de justiça que não se esqueça da abnegação profícua com que é auxiliado pelo professor Jerônimo Arantes, inspetor escolar municipal, cuja incansável operosidade já se tornou um patrimônio moral da prefeitura. A ele que tem uma paciência beneditina no seu espinhoso mister e uma confiança absoluta na ação do governo a que serve, deve-se na obra de civismo que é a alfabetização de nossa infância um contingente de subido valor.*[387]

> *O esforço patriótico do professor Jerônimo Arantes, já nessa época inspetor escolar, foi produzindo os resultados que haviam de operar o desenvolvimento que se observa hoje. Nunca será demais repetir o registro do devotamento desse pioneiro da causa*

[385] MARIA TERESA, op. cit.
[386] 'RELATÓRIO escolar'. *O Repórter*, Uberlândia, não paginado, 12 dez. 1937. APU.
[387] INSTRUÇÃO pública municipal. *O Repórter,* Uberlândia, p. 2, 29 nov. 1941. APU.

> *atuante e sagrada. O professor Arantes, que há alguns lustros ingressou no funcionalismo municipal, lotado no setor de instrução, nunca foi senão um educador. (...) Fechando o seu externato e aceitando um cargo público, o mestre de vocação não pensou em tranqüilidade de burocracia: investiu por novo caminho para se aparelhar melhor na luta que vinha traçando. Desse modo, jamais descansou nos seus desígnios.*[388]

Toda essa representação não se deu de forma natural, ao contrário, contou com a diligência de Arantes que, para construí-la, recorreu às estatísticas e aos relatórios, revelando a expansão do número de escolas e, portanto, de crianças alfabetizadas pelo município; utilizou-se da imprensa como veículo propagador de seu trabalho, pois publicava nos jornais os resultados dos levantamentos estatísticos, escrevia artigos combatendo as críticas que porventura eram dirigidas à educação municipal; por fim, deixou diversas fotografias retratando o ambiente escolar da zona rural em momentos extraordinários.

2.4. Educação e Política

Em um período que valorizava a escola como fator de crescimento da nação e de civilização de seu povo, o trabalho desenvolvido por Arantes, ainda que lhe tenha servido para construir uma dada memória acerca de si próprio, foi também ao encontro do interesse do poder público municipal de fortalecer-se politicamente por meio do investimento na educação escolar. Nesse sentido, ao longo das décadas pesquisadas, observamos diversas estratégias empregadas pelos prefeitos com a finalidade de estabelecer vínculos políticos com a população beneficiada pela abertura de estabelecimentos educacionais e/ou melhoria e ampliação daqueles já existentes.

Dentre essas estratégias, destacamos, em primeiro lugar, as visitas realizadas pelos prefeitos, seus representantes e candidatos às escolas fosse para participar das suas festas e inaugurar novos prédios fosse para realizar comícios. Em segundo lugar, apreendemos que tais visitas, incluindo aquelas de rotina realizadas pelo inspetor escolar, tinham um caráter marcadamente político, posto que eram inspecionados prioritariamente os estabelecimentos de ensino cuja localização poderia resultar em mais votos para os candidatos ao poder político no município de Uberlândia.

---

[388] INSTRUÇÃO municipal, 15 dez. 1951, op. cit.

No que tange ao primeiro aspecto, concluímos que as festas realizadas nas escolas representavam para a pequena cidade de Uberlândia, notadamente até a década de 1950, uma ocasião muito especial. E essa relevância não se circunscrevia apenas àquela cidade, pois de uma forma geral esses momentos festivos eram muito valorizados no país durante o período em questão. Além da importância de que gozavam junto à população local, as festas escolares eram amplamente defendidas por alguns teóricos da educação, sobretudo por aqueles ligados à Associação Brasileira de Educação (ABE) — fundada no Rio de Janeiro em 1924 —, por se constituírem em possibilidade de disciplinamento do cotidiano intra e extra escolar. Segundo Carvalho:

> *A eficiência pedagógica das comemorações festivas escolares era, no círculo educacional, a razão de existência de tais práticas (...). Educando 'pela representação ou evocação de fatos dignos de ser imitados', as festas forneciam às crianças 'oportunidade para gravar, indelevelmente, muitas lições proveitosas'. (...) Quando isto não ocorresse, as festas teriam pelo menos influência indireta sobre eles, 'elevando a escola e o papel do professor'.*[389]

Essas festividades eram realizadas pelos mais diversos motivos, tais como inauguração de escolas, formaturas, comemoração de datas cívicas — nestas, incluíam-se, além daquelas já consagradas (como descobrimento e independência do Brasil, proclamação da República e libertação dos escravos), o dia da árvore e do professor — e provas de exames finais. Entre os convidados, ao lado dos diretores, professores, alunos e familiares, era freqüente a presença das autoridades mais respeitadas do município, tais como o prefeito e seus secretários, juiz de paz, promotor de justiça, inspetores de ensino, proprietários de jornais e outros.

As festas constituíam, para a comunidade escolar, principalmente para os alunos, em momentos de descontração, nos quais se declamavam poemas, apresentavam-se números musicais, executavam-se bailados, exibiam-se trabalhos escolares e encenavam-se peças teatrais. O programa desenvolvido durante uma festa realizada no Grupo Escolar Bueno Brandão, no ano de 1933, serve como exemplo das atrações apresentadas nas demais festas ocorridas em todas as escolas da cidade naquela década e também em anos posteriores. Segundo o jornal *A Tribuna,* teria ocorrido na aludida escola uma "festividade educativa", contando com a seguinte programação: em uma primeira parte, depois do discurso de abertura proferido por uma das

[389] CARVALHO, M. , 1989, op. cit., p. 76-77.

alunas, teria sido realizada uma cerimônia religiosa, com a entoação de hinos e dramatização de textos cristãos. O jornal prosseguia descrevendo o evento:

> *A Segunda parte do programa, que teve magnífico desempenho obedeceu à seguinte ordem: 1) 'Descobrimento do Brasil', dramatização por um grupo de alunos; 2) 'Galo danado', canto por Luzia; 3) 'As cartolinhas, bailado por um grupo de alunos; 4) 'Meu benzinho', canto por Armando Lavato; 5) 'Minha sina', canto por Ginete Grama; 6) 'Bailado das rosas', por um grupo de alunos...* [390]

Esses momentos também serviam para que os políticos, em particular os prefeitos, se apresentassem como co-autores daquela alegria, uma vez que, com uma parte do orçamento público destinado à educação, mantinham as escolas municipais e, com outra, subsidiavam os estabelecimentos particulares. Então, fosse na rede pública fosse na rede privada, eles sempre marcavam presença, demonstrando a sua "cooperação" e, como de praxe, não dispensando o discurso. Quando não era possível a presença dessas autoridades, elas enviavam seus representantes, que sempre se colocavam de prontidão para exaltar os feitos político-administrativos. Durante o período em que trabalhou no serviço público municipal, Arantes participou de muitas dessas festividades como representante do prefeito e, sempre que a ocasião propiciava, proferia um discurso no qual enfatizava as realizações daquele:

> *Teve lugar na noite de ontem a festa de entrega de diplomas do curso primário aos alunos da Escola Luiz Pasteur desta cidade. (...) Após o programa, que constou de números de canto, declamação, bailado e entregas de prêmios aos alunos que mais se destacaram no curso, usou da palavra o Professor Jerônimo Arantes, representante do prefeito municipal, pronunciando mais um de seus belos discursos, ressaltando o interesse do poder municipal em torno da instrução.*[391]

As festas escolares eram de fato muito valorizadas no período, especialmente, aquelas relativas à inauguração de novos grupos e colégios. Representavam uma ocasião dotada de simbologia, pois, em se tratando de um período no qual a educação escolar constituía-se na possibilidade de romper com os problemas advindos da instalação da República, a abertura de estabelecimentos escolares consubstanciava-se em um ritual concorrido, para o qual era necessário dar visibilidade, ressaltando-se, assim, a importância do gesto criador/fundador das autoridades políticas bem como a participação de todos aqueles envolvidos com o ensino, tais como: diretores, professores, inspetores e, certamente, alunos. Ao discutir a situação escolar no

[390] GRUPO 'Bueno Brandão'. *A Tribuna*, Uberlândia, não paginado, 20 set. 1933. APU. CPJA.
[391] ENTREGA de diplomas na Escola Luiz Pasteur. *O Repórter*, Uberlândia, não paginado, 03 dez. 1954. APU.

estado de São Paulo durante a primeira República, Carvalho ressalta o papel que essas ocasiões desempenhavam na relação estabelecida entre a escola, o poder político e a comunidade:

> *Como signo da instauração da nova ordem, a escola devia fazer ver. Daí a importância das cerimônias inaugurais dos edifícios escolares. O rito inaugural repunha o gesto instaurador. (...) Para fazer ver, a escola devia se dar a ver. Daí os edifícios necessariamente majestosos, amplos e iluminados, em que tudo se dispunha em exposição permanente. Mobiliário, material didático, trabalhos executados, atividades discentes e docentes — tudo devia ser dado a ver de modo que a conformação da escola aos preceitos da pedagogia moderna evidenciasse o Progresso que a República instaurava.*[392]

Da mesma forma, as cerimônias de formatura, durante as quais se entregavam os diplomas referentes à conclusão de curso, eram também empregadas pelo poder público municipal como propaganda política e, como tal, deviam gozar da mais eficiente divulgação. Prova disso é que, na década de 1950, no momento em que o rádio penetrava no cotidiano da cidade como o principal veículo de comunicação, a festa de conclusão do curso primário pelos alunos das escolas públicas municipais realizou-se no auditório da Rádio Educadora, tendo sido presidida pelo prefeito municipal e secretariada por Arantes.[393]

Nas escolas localizadas na zona rural, ainda que não contassem com a presença maciça de todas as autoridades locais, as festas escolares também serviam ao poder público municipal como fonte de propaganda política. Sendo a escola primária rural o *locus* principal de atuação do município no âmbito da educação, era para as fazendas que os políticos direcionavam a divulgação dos investimentos em educação e era para lá também que eles se dirigiam em busca de seus eleitores na época da inauguração dos prédios escolares.

> *Cerca das 15,30 horas do dia 6 deste, o prefeito municipal Tubal Vilela da Silva, em companhia de sua ilustre comitiva, composta de dos senhores vereador (...), prof. Jerônimo Arantes, chefe do Serviço de Educação e Saúde do Município (...), inaugurou no distrito de Cruzeiro dos Peixotos mais um grupo escolar. (...) Várias homenagens foram prestadas à comitiva municipal.*[394]

Por um lado, portanto, os liames existentes entre a política e a educação instituíam-se por meio da freqüentação, pois os políticos e/ou seus representantes, incluindo-se Arantes,

---

[392] CARVALHO, M., 1989, op. cit., p. 23; 25.
[393] GRUPOS escolares municipais. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, p. 2, 01 dez. 1953. APU.
[394] INAUGURADO em Cruzeiro dos Peixotos o grupo escolar Odilon Beberens. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, p. 3, 10 jan. 1953. APU.

compareciam amiúde às festividades e demais eventos realizados em alguns dos estabelecimentos escolares existentes no município. Contudo, entendemos que essas mesmas relações (política/educação) ancoravam-se em um jogo que não se definia apenas pela presença, mas que, ao contrário, prescrevia suas regras em procedimentos caracterizados pela ausência. É dessa forma que atribuímos a exclusão de muitas escolas do roteiro de visita das autoridades educacionais do município como tendo sido outra estratégia empregada para estabelecer as balizas no que dizia respeito aos laços existentes entre a educação escolar e o poder político local.

Pelas atas das reuniões escolares, concluímos que apenas sete escolas foram visitadas com mais freqüência durante toda a década de 1930. Nessa época, há registro de visitas aos seguintes locais: Escolas Municipais Machado, Alagoas, Paraíso, Divisa, Escola Cabaçais, Olhos D'água e Samambaia.[395] No entanto, nesse período, mais precisamente no ano de 1938, o total de escolas existentes na zona rural perfazia um número de 27.[396] No início da década de 1950, o total de escolas instaladas na zona rural era de 41 estabelecimentos.[397] Em 1954, mais dez escolas tinham sido inauguradas.[398] Entretanto, durante todo os anos que compreendem as décadas de 1940 e 1950, apenas 13 estabelecimentos, relacionados a seguir, tiveram o registro de visitas da inspeção municipal: Paraíso, Divisa, Cabaçais, Olhos D'água, Samambaia, Dourados, Governador Valadares, Gordura, Água Limpa, Sobradinho, Felipe dos Santos, Boa Vista e Cruz Branca.[399]

Antônio P. da Silva, ao assumir a Secretaria de Ação Social do município de Uberlândia, no início da década de 1960, constatou haver, naquele período, escolas na zona rural que nunca tinham recebido a visita de uma autoridade educacional, fosse o inspetor escolar municipal, fosse o chefe do Serviço de Educação e Saúde do Município. O agravante da situação consistia no fato de algumas dessas escolas serem muito antigas, contando com aproximadamente 20 anos de instalação. (Informação verbal).[400]

---

[395] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. APU. ARE.
[396] INSTRUÇÃO. *Correio D'oeste*, [S.l.], p. 2, 09 jan. 1938. APU. CPJA.
[397] EDUCAÇÃO Municipal. *O Repórter*, Uberlândia, não paginado, 25 dez. 1950. APU.
[398] INSTRUÇÃO Municipal, 25 abr. 1955, op. cit.
[399] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. APU. ARE.
[400] Palestra de Antônio Pereira da Silva sobre a história da educação escolar em Uberlândia, apresentada no I Ciclo de Palestras em História da Educação, promovido pelo programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, 09 ago. 2002.

O que explicaria a ausência de inspeção presencial nessas escolas? Segundo Silva, o fator principal desse descaso residiria na seguinte questão: a comunidade rural que habitava a região onde estavam instalados tais estabelecimentos escolares não representava peso político. Normalmente, eram localidades para as quais os fazendeiros não destinavam muitos recursos e que, por conseguinte, não poderiam contribuir com o financiamento das campanhas políticas. Além disso, por não serem grandes proprietários de terra, não exercendo, portanto, o poder oriundo da riqueza, era quase inexistente sua capacidade de influência sobre seus agregados e/ou demais habitantes da região. Nesse sentido, seus votos não se consubstanciavam na garantia do voto dos seus funcionários, vizinhos e/ou familiares, e, provavelmente por isso, as escolas existentes em suas terras permaneciam relegadas ao abandono.

Situação que não se restringia à cidade Uberlândia e região mais próxima, uma vez que essas relações de interesse que se estabeleciam entre o poder político e a educação também foram verificadas por Fortes nas escolas rurais mineiras, localizadas no município de Belo Horizonte, onde*: "... o ensino primário rural (...) sofreu forte influência dos políticos locais, que viam na escola um instrumento de barganha. Essa influência se fez sentir na instalação de escolas e na indicação de professoras".*[401]

Ao consultar a documentação pesquisada, constatamos que, de fato, a relação entre os interesses políticos e a situação econômica dos fazendeiros onde estavam instaladas as escolas rurais traçava o perfil dos investimentos que se faziam nos estabelecimentos de ensino e, principalmente, ditava a freqüência com que eram visitados. Em 1936, por exemplo, vários membros do Partido Popular Progressista (PPP) organizaram uma caravana para percorrer algumas fazendas da região, e, em pelo menos uma delas, o destino da comitiva era a escola municipal ali instalada.[402]

> *Anteontem, cerca de 8 horas, rumou com destino à próspera localidade de Rocinha uma grande caravana. (...) A viagem durou cerca de duas horas (...) e estavam os caravaneiros recebendo do povo bom e altivo de Rocinha, o sincero abraço de boas vindas. De todos os lados surgiam vivas ao governador e ao Partido Popular Progressista. O entusiasmo daquela gente era manifesto. Após pequeno descanso, os visitantes se encaminharam para o prédio da 'Escola Vasco Giffoni', onde grande*

[401] FORTES, op. cit., p. 92.
[402] O Partido Popular Progressista foi fundado em Uberlândia no ano de 1936, com a extinção do Partido Republicano Mineiro (PRM), saindo vitorioso nas eleições realizadas em 7 de julho daquele mesmo ano. (ARANTES, J.. Dr. Vasco Giffoni. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 09, p. 19, abr. 1941. APU. CPJA).

> *manifestação estava preparada para o ilustre governador e sua comitiva. À porta do edifício, várias pessoas se colocaram paralelamente formando duas alas, dando acesso à entrada. (...) No momento em que a comitiva, acompanhada dos chefes locais e grande número de pessoas gradas, penetrava no salão, os alunos, obedecendo a um sinal das professoras, entoaram o hino nacional. A seguir, um viva à Pátria, Minas e Uberlândia.*[403]

Assim, além das escolas localizadas nas fazendas mais abastadas serem freqüentemente inspecionadas, os candidatos aos cargos políticos no município tinham na figura dos fazendeiros ali residentes os seus mais fortes aliados e, igualmente, os mais eficientes cabos eleitorais. Deve-se, contudo, ressaltar que, no estado Minas Gerais, essa forma de clientelismo não incidia apenas sobre as escolas rurais, pois até meados do século XX, os núcleos urbanos padeciam de problemas semelhantes. Ao analisar as transformações verificadas na organização da educação no referido Estado, Leroy concluiu que o sopro de modernização que atingiu Minas Gerais com a ascensão de Antônio Carlos ao governo em 1926 e a conseqüente transformação operada no sistema educacional, especialmente no que concerniu à centralização estadual da responsabilidade pela educação, não foi suficiente para extirpar o uso pessoal que alguns políticos locais faziam da escola. De acordo com a autora:

> *A gerência dos negócios da Educação pelo Estado não reduziu, porém, a manipulação desta pelos chefes políticos, que passaram a ter no Sistema Estadual de Educação um instrumento de prestígio e projeção política, à medida que a localização de escolas e a escolha de professores eram decididas de acordo com seus interesses.*[404]

O clientelismo existente no âmbito do ensino, em particular, daquele verificado nas escolas rurais, foi também acentuado por Lopes, ao analisar a educação durante a década de 1930. Segundo essa autora, o processo de expansão do ensino verificado no estado de Minas Gerais, no ano de 1934, pode ser creditado ao fato de ter ocorrido, naquele ano, a eleição para os constituintes mineiros que iriam escolher o governo do estado. Dessa forma, como estratégia de atrair mais votos: *"... inúmeras escolas são criadas ou restauradas, especialmente na zona rural. Isto é, naquelas regiões que poderiam trazer maior rendimento eleitoral, transformando a interferência do Estado na educação em jogo político"*.[405]

---

[403] VISITANDO o interior do município. *Diário de Uberlândia*, Uberlândia, não paginado, 05 maio 1936. APU. CPJA.
[404] LEROY, op. cit., p. 38.
[405] LOPES, op. cit., p. 603.

Tal situação já fazia parte, inclusive, do anedotário acerca dos laços entre política e escola rural, conforme divulgado no *Correio de Uberlândia* em 1959. Segundo a matéria publicada, a professora rural não poderia ser responsabilizada pela precariedade da escola onde atuava, mesmo que fosse leiga, pois o problema da maioria das escolas rurais partia dos jogos de interesses existentes entre os políticos e alguns fazendeiros. Para reforçar a sua tese, o autor transcreveu a seguinte anedota a respeito do tema:

> *O inspetor chegou sem aviso prévio, entrou na sala de aula e começou a interrogar a meninada (...). — Você aí nesse canto... Sim, você mesmo. Me diga quem foi que incendiou Roma. (...). — Não fui eu, não senhor. Juro que não fui! Ai interveio a mestra, com pena do menino, que já estava soluçando. — O senhor pode acreditar no Pedrinho. É menino muito direito, muito bem comportado. Se está falando que não foi ele, é porque não foi mesmo não. O inspetor voltou para o arraial próximo e procurou o chefe político, dizendo-lhe que era preciso demitir logo a professora, mais do que muito ignorante. — O que?! Você está é doido. Ela é filha do Zeca Lopes, que sempre foi o meu melhor cabo eleitoral. Se for demitida, perco duzentos votos na certa.*[406]

Embora o texto tenha uma conotação irônica, ele é ilustrativo dos fortes laços que uniam os políticos aos fazendeiros abastados — pautados pelo jogo de interesses — e dos reflexos desta situação para a escola rural. Reflexos que não resultavam em proveitos para toda a comunidade escolar, visto que retirava desta quaisquer possibilidades de decidir e também de organizar os trabalhos escolares em suas localidades de forma autônoma. Nesse sentido, o clientelismo político *"... exercido sobre o sistema escolar, como conseqüência, subtrai a escola à própria comunidade, nomeando/demitindo seus agentes e controlando a indicação de elementos do sistema educacional para os cargos de maior poder*".[407] Por isso, o saldo dessa relação era sempre negativo para a maioria dos envolvidos no processo educacional, sendo que seus benefícios só atingiam uma diminuta parcela daqueles envolvidos com a educação no meio rural — e também com a urbana, onde os mesmos nexos se faziam presentes.

No ano de 1954, ao comentar um comício realizado na Tenda (denominação da fazenda onde Felisberto Alves Carrejo teria instalado a primeira escola de Uberlândia), um jornal publicou uma nota que também demonstra os vínculos assentados nesse clientelismo: *"Compareceu enorme quantidade de pessoas (...). O sr. Aristides Fernandes conseguiu reunir em*

[406] ALENCAR, Gilberto de. A professora rural. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, p. 7, 2 abr. 1959. APU.
[407] AZEVEDO; GOMES, op. cit., p. 34.

torno de si todos os elementos de prestígio daquela região, não só os seus parentes como também os seus amigos..." [408]

A esse comício, como em muitos outros ocorridos nas fazendas que abrigavam escolas, não faltou Arantes que, embora se dizendo apartidário, teria proferido um longo discurso em prol do candidato em campanha. Como estudioso e pesquisador que era, empregou na sua fala os conhecimentos acerca da história local para ilustrar a seriedade do Partido Social Democrático (PSD)[409], bem como a importância que seus representantes devotavam à instrução escolar no município:

> *Falou por último, fechando com chave de ouro, agradecendo em nome do sr. Aristides Fernandes, o prof. Jerônimo Arantes, inspetor escolar municipal, que fez um minucioso histórico da vida de Uberlândia que nasceu justamente ali, na Tenda (...). Fez uma análise da política para melhor positivar o trabalho do partido que ora realizava aquele comício, lembrando o interesse tomado no sentido de se semear a instrução no município, e abrir estradas por onde são canalizadas as riquezas das lavouras.*[410]

Desde o seu ingresso no serviço público, Arantes acompanhava o prefeito Vasco Giffoni em suas campanhas. Em 1936, por exemplo, ele integrou a comitiva do Partido Popular Progressista, que visitou várias localidades situadas na zona rural. No mês de abril, alguns membros desse partido político estiveram em Santa Maria, distrito do município de Uberlândia, e, embora o jornal não tenha fornecido o seu itinerário, não sendo possível, portanto, saber se eles se reuniram na escola local, a relação dessa visita, de cunho marcadamente político, com a educação é clara, pois Arantes estava presente.[411]

Em entrevista com professoras que atuaram no ensino rural em Minas Gerais, no período compreendido entre 1918 a 1939, Fortes ressaltou o prestígio que o cargo de inspetor conferia aos seus postulantes.[412] Em âmbito local, também localizamos vestígios dessa representação conspícua acerca da figura do inspetor de ensino. Na revista *A Escola,* publicada em 1921, por

---

[408] MAIS um grandioso comício do PSD realizado ontem na Tenda. *O Repórter*, Uberlândia, não paginado, 26 set. 1954. APU.
[409] Partido fundado em Uberlândia no ano de 1945. (ARANTES, J. Política, políticos e partidos. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 20, não paginado, dez. 1955. APU. CPJA).
[410] MAIS um grandioso comício ..., op. cit.
[411] PRIMANDO pelo entusiasmo em torno do Partido Popular. *Diário de Uberlândia*, Uberlândia, não paginado, 27 abr. 1936. APU. CPJA.
[412] FORTES, op. cit., p. 86.

exemplo, há um artigo dedicado à inspeção do ensino, cujo conteúdo revela, em tons excessivamente apologéticos, a distinção que o cargo conferia ao seu postulante:

> *O servidor do Estado, que a exerce [a inspeção do ensino], representa uma não pequena parcela do poder público: é a sentinela que assegura a execução da Lei do ensino, e com tal é a sua vista, a sua audição, a sua voz autorizada. (...) Colocado pelo Estado num fastígio, representante nato da direção geral da instrução dos filhos do povo, é o verdadeiro apóstolo do serviço não somente da Lei, como de um ideal que deve encarar, sob todos os aspectos e em todas as manifestações A sua missão é essencialmente nobre, e na vida contemporânea não há missão mais dignificante e verdadeiramente augusta.*[413]

Levando-se em consideração, portanto, que, naquele período, o inspetor de ensino gozava de prestígio junto à comunidade na qual trabalhava, a presença de Arantes na comitiva política poderia resultar em um bom saldo eleitoral para o candidato em questão. Associados ao prestígio, encontravam-se as relações estreitas que o referido cargo mantinha com o poder político, pois tanto a sua obtenção quanto, depois, a garantia de permanência do inspetor dependiam da proximidade com os representantes do poder local.[414]

Verificamos, uma grande proximidade entre Arantes e o político Vasco Gifoni e, para nós, essa aproximação explica-se muito mais em função das características personalistas representadas pela política em todo o Brasil do que em decorrência de alguma fidelidade partidária. Ao investigarem o comportamento dos partidos políticos em Minas Gerais, Bastos e Walker corroboram a nossa análise, pois assinalaram a fragilidade que caracterizaria aquelas agremiações e, conseqüentemente, a personalização da trama política, que fazia com que figuras individualizadas sobressaíssem aos partidos organizados. Segundo os autores:

> *...o que tem existido em Minas e no Brasil são políticos e administradores individuais, antes que partidos reais (...). Se considerarmos a natureza tradicionalista da sociedade mineira, a estabilidade da filiação partidária torna-se explicável em termos de lealdade pessoal ou familiar para com o grupo político. Em certo sentido, trata-se de lealdade paroquial antes do que ideológica.*[415]

---

[413] PRADO, C., op. cit.

[414] Uma das depoentes de Fortes assim se refere às questões políticas subjacentes à inspetoria de ensino: "Depois chegou a cunhada do prefeito de Raul Soares, com curso e quis a inspetoria... perdi o lugar e fui para Inhapim. Eram cargos muito visados. Achavam que a inspetora tinha autoridade, consideravam a inspetora com um nível social alto". (DIVA, Apud FORTES, op. cit., p. 86).

[415] BASTOS, Tocary A.; WALKER, Thomas W. Partidos e forças políticas em Minas Gerais. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, Belo Horizonte, Faculdade de Direito da UFMG, n. 31, p. 126; 137; 140, 1971.

No período em que esteve no serviço público, exercendo cargos de confiança, os registros encontrados que denotam um maior envolvimento de Arantes com a política referem-se às campanhas do prefeito Vasco Gifoni. Contudo, não conseguimos localizar fontes que explicitassem mais claramente os laços diretos entre Arantes e aquele prefeito e nem entre ele e outros representantes do executivo local. Também não encontramos, na documentação pesquisada, vestígios de uma filiação partidária e tampouco discursos ideológicos relacionados a um ou outro partido.

Uma outra conclusão a que chegamos a respeito do envolvimento de Arantes com a política revela que ele procurou conduzir seu trabalho de forma a atender, além dos interesses pessoais, aos projetos políticos formulados no período em questão. Diante disso, não podemos concordar com o testemunho de seus familiares ao afirmarem que havia completa autonomia da política no exercício técnico do cargo ocupado por Arantes. De acordo com Leroy:

> *... o técnico e o político partem de uma totalidade de relações que se estabelecem no interior de uma organização administrativa, que, por sua vez, deriva das próprias relações sociais onde se dá essa administração. A presença técnica configura a contradição já existente no interior das organizações administrativas. A sua posição é política, o lugar que ela ocupa é politicamente definido, e não tecnicamente.*[416]

Por outro lado, também não afirmamos que houvesse uma mera subserviência de Arantes em relação ao poder político em exercício. Ao contrário, avaliamos que a sua longa permanência no serviço público ancorou-se, primeiramente, na confluência das aspirações nutridas por ele em favor da escola com os projetos políticos implementados no momento.

Conforme assinalamos, o período analisado caracterizou-se por um discurso positivo em torno dos investimentos em educação, amplamente divulgado pela imprensa escrita local. Nos jornais e nas revistas, abundavam matérias conclamando as autoridades políticas a assumir um compromisso com a expansão da escola, e, mesmo que aquelas não atendessem de pronto a essas reivindicações, convinham-lhes endossar o discurso, mantendo na chefia dos serviços educacionais prestados pelo município um professor entusiasta da escola como possibilidade de progresso.

---

[416] LEROY., op. cit., p. 16.

Nesse sentido, nossa análise convergiu para compreender que os nexos estabelecidos entre o poder político e Arantes não se definiram apenas nos estreitos limites de uma cooptação desse por aquele. Ao contrário, a trama de interesses e também de necessidades, que configura o espaço ocupado pelos políticos e o outro preenchido por Arantes, apontou para uma interação, que tanto pode se estabelecer com base nos interesses de Arantes em ocupar e manter-se em um cargo público, quanto das necessidades dos próprios políticos em tê-lo ao seu lado.

Ao analisar a relação entre os intelectuais e Gustavo Capanema, Gomes concluiu que, da mesma forma que os intelectuais necessitavam de seus favores e de sua influência, o ministro também carecia do trabalho de algumas pessoas e delas se aproximava buscando "colaboração" quando a necessidade assim o exigia, perfazendo o que a autora denominou de "redes de sociabilidade".[417] Sintomático dessa questão, segundo Gomes, era a coexistência de cartas endereçadas ao Ministro solicitando-lhe favores diversos e de outras expedidas por ele nas quais fazia pedidos. De acordo com a autora: "Capanema também tem o que pedir aos intelectuais que constituem seu círculo mais próximo".[418]

Portanto, não pensamos que a mera cooptação sirva para explicar a longa permanência de Arantes no serviço público – durante vinte e seis anos exerceu cargos de confiança do(s) prefeito(s). Ainda que ele tenha trabalhado para atender às expectativas dos representantes políticos, não pensamos que Arantes tenha se subordinado incondicionalmente ao poder. Pois este também necessitava de sua contribuição para atender parte dos anseios da população fosse no tocante à questão educacional fosse no que se referia à história que se desejava construir para a cidade. Por isso, acreditamos que as relações que se estabeleceram entre ele e o poder político se conformam mais no âmbito de uma confluência de interesses que a partir de um caminho unívoco.

---

[417] Segundo Gomes, a análise dos intelectuais a partir dessa perspectiva rompe com algumas premissas teóricas muito utilizadas em estudos da mesma natureza, quais sejam: "... a idéia de 'manipulação' dos intelectuais pelo ministro e de 'alienação e traição' por parte dos intelectuais, em função de suas ligações com as políticas ministeriais". Por isso, ao abordar a correspondência privada de Capanema a partir da perspectiva de entendê-la como um 'lugar de sociabilidade' para os intelectuais brasileiros no período de 1930 a 1940, a autora tem como objetivo: "... realizar uma análise das relações tecidas entre ministro e intelectuais, desvendando um processo de construção identitária que abarque a figura do próprio Capanema, o papel de um ministério 'revolucionário' e o lugar da comunidade intelectual diante de ambos". (GOMES, 2000, op. cit., p. 15).

[418] GOMES, 2000, op. cit., p. 34.

Mas, além dessa "rede de sociabilidade", a estabilidade gozada por Arantes no serviço público assentava-se também nas próprias características do jogo político local em torno do poder existente no período, que não se definia por antagonismos ideológicos claramente delineados. Haja vista que, conforme ressaltou Rodrigues, tão freqüentes quanto as dissidências internas eram as coligações partidárias.[419]

Após 1945, a política partidária praticada em Uberlândia, tal qual aquela existente em todo o estado de Minas Gerais, dividia-se entre representantes do PSD e da União Democrática Nacional (UDN), apoiados, sobretudo, pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).[420] Conforme analisou Leroy, o revezamento daqueles dois partidos no poder não implicava mudanças substanciais na organização social, pois *"Os partidos (PSD-UDN) sempre constituíram formas de representação das diferentes frações da mesma classe. Portanto, a alternância de um ou outro desses partidos à frente do governo não significou mudança de poder..."*.[421]

Dessa forma, a troca de prefeitos não implicava alterações na política educacional delineada para o município e, como decorrência disso, não havia substituição no cargo ocupado por Arantes, e este permaneceu à frente dos serviços educacionais prestados pelo município durante um longo período, que compreendeu os anos de 1933 a 1959, quando, então, se aposentou. Em âmbito regional, verificou-se fato análogo, pois, durante o Estado Novo, a Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais também não registrou alteração alguma, pois o cargo de secretário foi ocupado pela mesma pessoa, Cristiano Monteiro Machado, no período ditatorial que se estendeu dos anos de 1936 a l945.[422]

Pensamos que o temperamento aparentemente fácil e cordato de Arantes, conforme consta nas fontes levantadas, pode também ter sido um dos fatores que contribuíram para a sua longa permanência nos cargos de confiança ocupados na Prefeitura de Uberlândia. Desempenhando as

---

[419] RODRIGUES, J., op. cit., p. 135.
[420] Os três partidos políticos foram sucintamente definidos por Bastos e Walker ao estudar a organização partidária em Minas Gerais: "A UDN articulava as tendências anti-getulistas da sociedade brasileira. O PSD atraía os grupos políticos que tinham colaborado com a administração Vargas e gozado de grandes oportunidades para o avanço político durante o Estado Novo. E, finalmente, o PTB, liderado pela burocracia sindical trabalhista criada durante o período Vargas, procurava atrair a classe operária e alguns setores da classe média baixa urbana". (BASTOS e WALKER, op. cit., p. 129).
[421] LEROY, op. cit., p. 46.
[422] WIRTH, John D. *O fiel da balança*: Minas Gerais na federação brasileira 1889-1937. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1982, p. 336.

suas funções sem se envolver em querelas político-partidárias, sem se indispor com professores, diretores, inspetores estaduais e outras pessoas envolvidas diretamente com a educação municipal, Arantes pode, ao longo dos anos, solidificar sua carreira no serviço público e adquirir a confiança dos prefeitos até a data de sua aposentadoria.

Em suma, análise demonstrou quão imbricados estavam os laços entre a educação e a política e, principalmente, possibilitou compreender que, além de ter contribuído para a propaganda política de alguns representantes do poder municipal, o trabalho realizado por Arantes durante o período em que foi funcionário público, serviu-lhe para conferir credibilidade e legitimidade à versão que elaborou acerca da história da cidade. Não é sem motivo que uma das representações tecidas a seu respeito incidiu sobre a sua conduta exemplar no tempo em que esteve no serviço público, pois *"... sua atuação como servidor do município sempre foi pautada pela eficiência, lisura e honestidade de propósitos"*.[423] Ademais, parte dos documentos produzidos durante o período em que esteve à frente da educação pública municipal compuseram seu *Arquivo Histórico* e constituíram-se em uma das principais fontes para que ele produzisse a sua *Uberlândia Ilustrada,* seus livros e textos acerca da história do município de Uberlândia.

[423] CIDADE perde mestre, poeta e historiador. *A Notícia*, Uberlândia, p. 02, 21 maio 1983. APU.

CAPÍTULO III

ARQUIVO HISTÓRICO E "UBERLÂNDIA ILUSTRADA"

3.1. Arquivo Histórico: Trajetória

Concomitantemente ao trabalho desenvolvido na educação escolar, os fatos relacionados ao passado de Uberlândia constituíram-se o centro de interesse de Arantes, desde o início de sua instalação na cidade, e o acompanharam durante toda a sua vida. Mesmo depois de aposentar-se, ele continuou pesquisando a história local, trabalhando para a edição de seu livro, divulgando a sua pesquisa na imprensa (em particular, na revista *Uberlândia Ilustrada*), bem como a relatando oralmente, pois sempre que proferia discurso em algum evento comemorativo, o tema de sua fala circunscrevia-se ao âmbito da história daquela cidade nos seus mais diversos aspectos, conforme consta em uma das atas consultadas.[424]

Segundo Delvar Arantes, o interesse que seu pai nutria pela história de Uberlândia era imenso, pois, em todos os locais por onde andava, buscava idosos que lhe pudessem relatar acontecimentos relativos ao passado da cidade e região. De acordo com o depoente, quando Arantes dirigia-se para as escolas rurais, a fim de inspecionar a banca que avaliava os exames realizados pelos alunos, ele abordava as pessoas mais velhas que por ali compareciam em busca de dados para a sua pesquisa histórica. Caso encontrasse alguém disposto a relatar-lhe fatos do passado, colhia o depoimento e, quando era possível, tirava fotos do depoente.[425] O trabalho realizado por ele no âmbito da produção de uma memória acerca da cidade de Uberlândia foi, posteriormente, registrado por Gonçalves no prefácio que escreveu para o livro de Teixeira:

> *Em Uberlândia, salvo raras tentativas de busca e pesquisa de nosso passado, (entre as quais se inclui o esforço desenvolvido pelo professor Jerônimo Arantes) pouca coisa*

[424] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata do encerramento do ano letivo realizada no dia 07 dez. 1963*. Uberlândia, 1963. Livro 117, p. 18. APU. ARE./ UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata de comemoração do aniversário da cidade realizada no dia 30 ago. 1963*. Uberlândia, 1963. Livro 117, p. 11. APU. ARE. / AS semanaes do Rotary Club. Homenagens ao 8º. centenário do Reino Português e Batalha do Riachuelo. *O Estado de Goyaz,* Uberlândia, p. 1, 16 jun. 1940. APU. CPJA.

[425] ARANTES, D., 2000, op. cit.

> *temos conseguido que possa figurar como documentário válido dos fatos que tornaram uma capela e uma escola um dos centros mais evoluídos do país.* [426]

A *Elite Magazine*, revista que circulou na cidade de Uberlândia durante a década de 1950, também ressaltou o trabalho que Arantes desenvolvia em torno da produção de uma história local e, sobretudo, o interesse que denotava sobre o tema em questão:

> *O seu esforço para recompor a história de Uberlândia é digno de admiração, pois perde horas rebuscando velhos e poeirentos livros em arquivos, naquela paciência beneditina indispensável a esse gênero de trabalho. De seu esforço, surge a história de Uberlândia, que ele tem narrado em sucessivos números de 'Uberlândia Ilustrada', a sua revista tão querida.*[427]

Os amigos residentes em outras localidades também mencionavam o seu envolvimento com a história de Uberlândia e o procuravam quando necessitavam obter informações ou consultar a sua documentação. No ano de 1950, por exemplo, Arantes recebeu correspondência de um médico residente na cidade do Prata – município situado no Triângulo Mineiro –, em que ficou registrado o reconhecimento pela sua dedicação à pesquisa sobre a história da região: *"Portanto, o amigo vai desculpar os 'ossos' que de quando em vez lhe envio, pois em Uberlândia não é fácil encontrar-se pessoa que além de prestimosa e se interessar pela História Mineira e seus ramos, tenha 'bossa' de pesquisador*".[428]

A atuação de Arantes na condição de memorialista extrapolou a tentativa de escrever uma história da cidade de Uberlândia, uma vez que se empenhou também em colecionar e arquivar diversos documentos que, posteriormente, o subsidiariam na pesquisa histórica. Esse acervo, que compreende uma diversidade de documentos iconográficos e escritos, foi denominado por seu proprietário de *Arquivo Histórico* e, desde meados do século passado, já se constituía em referência como "centro" de pesquisa, pois, conforme salientou um jornal da época: *"Historiador dos mais dedicados e caprichosos, o prof. Jerônimo é, com diz o povo, 'o homem que tem guardada em casa a história de Uberlândia'".*[429]

---

[426] GONÇALVES. In: TEIXEIRA, Tito, *Bandeirantes e pioneiros do Brasil Central:* história da criação do município de Uberlândia. Uberlândia: Uberlândia Gráfica, v. 1, 1970, prefácio.
[427] JERÔNIMO Arantes. *Elite Magazine*. Uberlândia, n. 6, maio 1958, p. 48. APU. CPJA.
[428] TEIXEIRA, Edelweiss. [*carta*]. Prata, 15 jan. 1950. Carta a Jerônimo Arantes comunicando-lhe o estágio em que se encontravam os estudos que vinha realizando acerca da genealogia de sua família e solicitando-lhe cópia de duas certidões de óbitos, para dar continuidade ao referido trabalho. APU. CPJA. PT.
[429] ANIVERSÁRIOS. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, p. 2, 22 jul. 1956. APU.

Posteriormente à sua morte, essa documentação foi adquirida pela Prefeitura Municipal e, atualmente, compõe a *Coleção Professor Jerônimo Arantes* do Arquivo Público de Uberlândia, inaugurado em 1988. Dentre os documentos iconográficos, encontram-se: clichês, fotografias, quadros pintados à óleo, plantas e mapas. Dos documentos escritos, destacam-se: jornais locais e jornais avulsos de outras localidades; revistas locais, revistas de outras regiões e uma estrangeira; folhetos e livros de autoria de Arantes; livros de história, atlas geográfico, estatutos do Grêmio Literário; correspondência recebida e expedida por Arantes e recortes de jornais e revistas.[430]

A análise desse acervo é importante para perscrutar a produção de Arantes, buscando as pistas para compreender a sua relação com a memória e o seu envolvimento com o passado de Uberlândia, tanto em sua dimensão factual quanto no aspecto que concerne à fundamentação teórica, orientadora de sua produção. A investigação desses documentos possibilita-nos, igualmente, apreender as representações que seu autor ajudou a produzir sobre a história da cidade e, também, aquelas que foram construídas a respeito de si próprio; bem como auxilia-nos a discernir as escolhas que ele efetuou em meio às diversas possibilidades de caminhos existentes para se pensar e escrever sobre o passado, pois o que sobrevive não é o passado em sua plenitude, mas, sim, *"... uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores"*.[431]

Em uma homenagem póstuma, o jornal *Primeira Hora* registrou em suas páginas que o acervo de Arantes seria doado, conforme era seu desejo, à escola Bueno Brandão — primeiro grupo escolar fundado na cidade.[432] No entanto, não obtivemos confirmação desse dado, uma vez que seus familiares entrevistados afirmaram desconhecer tal intento.

De acordo com depoimento de sua neta, Vera Arantes, as primeiras tentativas de passar para o domínio público o *Arquivo Histórico* formado por Arantes ocorreram no período quando ele ainda vivia. Segundo ela, professores da Universidade Federal de Uberlândia teriam procurado seu avô no início da década de 1980, a fim de lhe propor a doação de seus documentos para o acervo de um centro de pesquisa que estava sendo organizado pelo curso de História.

[430] Anexo I. Inventário da Coleção Professor Jerônimo Arantes. Arquivo Público.
[431] LE GOFF, 1996, op. cit., p. 535.
[432] MORRE Jerônimo Arantes, o historiador de Uberlândia. *Primeira Hora*, Uberlândia, p. 4, 20 maio 1983. APU.

Porém, de acordo com a depoente, Arantes não teria se interessado pela proposta, menos por se tratar de uma doação e não de uma compra, mas, principalmente, pelo fato de o proponente ser a Universidade, instituição que não gozava, para ele, do mesmo prestígio que a Prefeitura local — esta última teria tido uma grande significação na vida de Arantes, pois, mesmo depois de ter se aposentado ali, ele não deixava de visitar aquela instituição todos os dias. (Informação verbal).[433]

De qualquer modo, fosse doando para a Escola Estadual Bueno Brandão, para a Universidade ou para a Prefeitura, não parece improvável que seu titular pretendesse tornar público o seu *Arquivo Histórico*, pois "O ato deliberado de construir um arquivo pessoal implica, no mais das vezes o desejo de torná-lo público um dia".[434] No caso de Arantes, isso começou a ser realizado logo após sua morte.

No ano de 1983, assumiu a Prefeitura de Uberlândia um prefeito filiado PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro) e o seu plano de governo incluía a criação de uma Secretaria de Cultura, até então inexistente no executivo local, o que ocorreu em 1984. Antes dessa criação, a proposta de governo do então candidato já trazia alguns pontos referentes ao âmbito de atuação dessa futura Secretaria, bem como se encontravam traçadas algumas diretrizes de sua política cultural. Segundo o referido documento, seria competência daquele órgão, dentre outros aspectos: *"... desenvolver trabalhos de pesquisa que conduzam ao conhecimento e à preservação da realidade histórico-cultural do município; (...) localizar, manter sob sua guarda e preservar o acervo histórico-cultural do município..."*.[435]

A partir de 1984, a Secretaria de Cultura, já instalada e em cumprimento ao seu plano de atuação, assumiu o compromisso de abrigar, conservar e dispor para o público interessado, documentos relativos à história e à memória da cidade e região. A Secretária de Cultura, juntamente com seus assessores, começou a avaliar a possibilidade de ser adquiridos dois acervos de relevância para a história local: um deles, pertencente a Argemiro Costa, era composto de objetos tridimensionais de uso cotidiano e deveria dar início ao *Museu de Ofícios* (atualmente, *Museu Municipal*). O outro, constituído por documentos impressos e pertencente à família de

[433] ARANTES, V., op. cit.
[434] FRAIZ, Priscila. Arquivos pessoais e projetos autobriográficos: o arquivo de Gustavo Capanema. In: GOMES, Ângela de Castro, (Org.). *Capanema:* o ministro e seu ministério. Rio de Janeiro: FGV; Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2000, p. 98.
[435] REZENDE, Zaire. *Proposta para a ação do governo municipal*. Uberlândia, 1982, p. 4. APU.

Arantes, comporia o *Arquivo Público Municipal*, hoje denominado *Arquivo Público de Uberlândia*.[436]

Em ofício enviado à Câmara de Vereadores, a Secretária de Cultura do município justificou a necessidade de aquisição dessas duas coleções, ressaltando a relevância social que os documentos representavam para o projeto de preservação da memória de Uberlândia. Dessa forma, ressaltou a questão de a comunidade local reivindicar do governo do município uma "política cultural mais agressiva e definida com relação à memória histórica de nossa cidade" e que as coleções de Argemiro Costa e Jerônimo Arantes tinham sido avaliadas por especialistas que deram parecer favorável à sua aquisição. Um outro aspecto empregado como justificativa para comprar aqueles acervos e torná-los públicos incidiu sobre a importância de prestar homenagem póstuma aos seus proprietários que, de acordo com o documento, muito haviam realizado pela história de Uberlândia.[437]

O primeiro aspecto ressaltado na justificativa da Secretária de Cultura parece ter se consubstanciado no fato que mais impulsionou essa aquisição, pois uma das funcionárias da Prefeitura que avaliou a coleção de Arantes frisou, em seu depoimento, que havia na época uma reiterada reivindicação da comunidade acadêmica, representada, sobretudo, pelo curso de História da Universidade Federal de Uberlândia, em torno da preservação da memória e da formação de centros de pesquisa que abrigassem documentos relativos à história da cidade e do município.[438] Talvez tenha sido em virtude dessa demanda – e também dos compromissos assumidos pela Administração Municipal [439] – que, transcorridos apenas 10 dias do envio do Ofício 124 ao Legislativo, o prefeito municipal sancionou a Lei n. 4070, autorizando a aquisição

---

[436] MASSARO, Mirian Colluci.: depoimento [mar. 2003]. Entrevistador: Sandra Cristina Fagundes de Lima. Uberlândia, 2003. 1 fita cassete (60 min), estéreo.

[437] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *[Ofício 124]*. Uberlândia, 06 de julho de 1984. Ofício de Yolanda de Lima Freitas, Secretária Municipal de Cultura, aos vereadores da Câmara Municipal de Uberlândia enviando projeto de aquisição de dois acervos de material histórico e apresentando justificativa acerca da relevância que ambos representavam para a memória da cidade. APU. CPJA.

[438] MASSARO, op. cit.

[439] Segundo Alvarenga: "Os titulares da Administração Municipal formavam um grupo novo na estrutura de poder político local que lutava para sedimentar as bases do espaço que ia sendo aberto no bojo do processo de redemocratização que vivia o país. (...) Foi uma Administração que teve as linhas mestras de seu programa assentadas na participação popular e no atendimento das necessidades mais urgentes das classes populares. O cumprimento, ainda que parcial, deste programa era condição indispensável para consolidar e garantir o apoio popular nas eleições vindouras". (ALVARENGA, Nízia Maria. Movimento popular, democracia participativa e poder político local: Uberlândia 1983/88. *História & Perspectivas*, Uberlândia, n. 4, p. 103-29, jan./jun., 1991).

dos dois acervos em questão, pelo valor total de trinta milhões de cruzeiros.[440] Embora no referido documento não conste o valor pago a cada uma das coleções separadamente, podemos supor que deve ter girado em torno de quinze milhões de cruzeiros, uma vez que o valor estipulado pela família de Arantes para a venda de seu acervo era da ordem de dezesseis milhões de cruzeiros.[441]

Uma vez efetuada a compra da coleção, teve início o trabalho de limpeza, restauro e organização; tarefa de execução difícil e morosa, visto que grande parte dos documentos carecia de cuidados especiais. Como se tratava de um acervo particular, armazenado na própria residência de seu proprietário e também muito antigo (por exemplo: jornais publicados desde o final do século XIX), seu estado de conservação encontrava-se comprometido. Segundo um relatório técnico elaborado em 1987, a situação dos documentos caracterizava-se por:

> *...deteriorações variáveis, decorrentes de causas extrínsecas, ocorridas pela guarda e manuseio inadequados tais como: ataque de microorganismos, insetos, uso de fita adesiva, manchas d'água, sujeira, ferrugem, rasgos, cortes, dobras, perda de suporte, cola e oxidação de tinta. Os jornais e clichês são os que apresentam maiores danos físicos, visto que o suporte de impressão dos jornais não é de boa qualidade, levando-os a um processo de acidez muito rápido.*[442]

Além dos fatores aludidos, a situação precária de muitos desses documentos, quando adquiridos pela prefeitura, deve ser atribuída ao fato de terem ficado guardados durante aproximadamente doze meses, intervalo que vai da morte de Arantes, em 1983, à compra do acervo no ano seguinte. Nesse período, os papéis não foram manuseados e, assim, não receberam nenhum tipo de tratamento visando a sua conservação. Ademais, quando foi elaborado o referido relatório, os documentos já estavam há três anos em poder da Prefeitura e ainda não tinham sido completamente recuperados e/ou conservados. Exceção feita apenas aos clichês, que já estavam sendo limpos e revelados, e os jornais, submetidos a um processo inicial de restauro e

---

[440] UBERLÂNDIA. Lei n. 4070, de 16 de julho de 1984. Autoriza o município a adquirir os acervos históricos de Jerônimo Arantes e Argemiro Costa e dá outras providências. APU. CPJA.
Atualizado para o dia 15 de junho de 2004, e tendo como data de referência 16 de julho de 1984, o valor total corresponde a vinte e um mil, quatrocentos e cinqüenta e seis reais. (Cálculo efetuado por Valentina Tavares Pezzini, técnica da Contadoria da Justiça Federal, Subseção de Uberlândia - MG).

[441] ARANTES, D. *Relação dos documentos históricos existentes no "Arquivo Histórico do prof. Jerônimo Arantes"*. Uberlândia, 20 mar. 1984. APU. CPJA.

[442] BARROS, Marluce de; MASSARO, Mirian C. *Relatório Técnico*. Uberlândia, 22 set. 1987. APU. CPJA.

conservação. Até 1987, os documentos ficaram encaixotados e só eram manuseados por curiosidade de alguns funcionários do Arquivo.[443]

Outro problema verificado, quando da aquisição do acervo de Jerônimo Arantes, incidiu sobre a ausência de registro de um princípio que possibilitasse compreender qual era a lógica que presidia a ordenação dos documentos na origem. Esta compreensão é fundamental, pois: *"A ordem na qual os documentos foram organizados pode trazer alguma luz sobre a natureza do arquivo e de seu criador..."*.[444]

Ao serem avaliados pelos técnicos da Secretaria Municipal de Cultura, alguns documentos encontravam-se arquivados em pastas, o restante estava armazenado em caixas, [445] não permitindo a compreensão da forma como o seu titular o organizou e inviabilizando a tentativa de apreender mais dados acerca de sua elaboração e de outros aspectos relacionados aos interesses de seu criador.

Porém, a despeito da ausência de referências ao princípio de organização do acervo na sua origem – característica extensiva igualmente a outros arquivos, pois *"Na grande maioria dos casos, os acervos pessoais chegam de forma desordenada à instituição de memória que os recolhe ...."*[446] – e também do comprometimento no estado geral da documentação deixada por Arantes, esta foi trabalhada pelos técnicos da Prefeitura – que, para tanto, receberam orientações de profissionais especializados em conservação e restauro de acervos pertencentes ao patrimônio histórico – e, em 1988, quando se inaugurou o Arquivo Público de Uberlândia, a coleção foi posta à disposição, juntamente com documentos do executivo, aos pesquisadores interessados.[447]

Entretanto, antes mesmo de ter sido comprado pela Prefeitura Municipal de Uberlândia, este *Arquivo Histórico* já era bem conhecido pelo público, posto que Arantes abrigava a sua documentação em um pequeno escritório construído no interior de sua residência e a deixava à

---

[443] BARROS, Marluce: depoimento [fev. 2003]. Entrevistador: Sandra Cristina Fagundes de Lima. Uberlândia, 2003. 1 fita cassete (20 min), estéreo.
[444] FRAIZ, op. cit., p. 77-78.
[445] MASSARO, mar. 2003, op. cit.
[446] Fraiz, op. cit., p. 78.
[447] Segundo depoimentos de Barros e Massaro, especialistas oriundos da Casa Rui Barbosa e do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro avaliaram a documentação e sugeriram que a prefeitura enviasse os seus funcionários para serem treinados no Rio, para depois eles próprios realizarem o trabalho de restauração e conservação nos documentos. (BARROS, M., 2003, op. cit. / MASSARO, 2003, op. cit.)

disposição para todos os que necessitassem de informações contidas nos jornais, revistas, fotografias, livros e outros documentos ali depositados. Alunos das escolas secundárias, professores e memorialistas procuravam o referido arquivo em busca de dados para a escrita da história local, ou, simplesmente, para conhecimento de dados relativos ao passado.

Em um texto escrito em homenagem ao pai, Delvar Arantes comentou que, muitos anos após ter se aposentado Arantes continuou atendendo em seu escritório professores, estudantes e todos aqueles que pesquisavam a história local, *"recebendo por parte dele preciosas informações"*.[448] De fato, em seu depoimento, Silva, um dos memorialistas ainda em atividade em Uberlândia, relatou ter procurado Arantes na década de 1960 para obter informações a respeito de aspectos relacionados à história do transporte rodoviário no município:

> *Eu conheci o professor Jerônimo Arantes lá pelo começo da década de 1960, quando eu cheguei em Uberlândia. Trabalhava com asfaltamento de estradas e fui convidado para fazer uma palestra sobre o futuro rodoviário do município. Então eu fui atrás dele, para ele me contar quais eram as estradas que passavam por aqui no começo. (...) Ele era uma pessoa muito afável, muito gentil. As coisas dele eram para a gente ver, não escondia nada. Porque tem gente que faz pesquisa e não mostra os documentos, não empresta, não deixa tirar cópia, não é? (...) Ele era mais aberto, ajudava. Quando a gente tinha alguma dúvida, ele esclarecia. (...) Fui até a casa dele e ele me mostrou as pastas, a papelada toda. Eu não pus a mão em nada. Mas eu cheguei a ver. Era tudo colocado em pastas simples.*[449]

Em artigo homenageando Arantes, a revista *Elite Magazine* também ressaltou a disposição de Arantes em prestar informações, esclarecer dúvidas e abrir o seu arquivo para todos aqueles interessados em conhecer a história de Uberlândia:

> *Desde que surgiu 'Elite Magazine' temos recebido constantes provas de simpatia E coleguismo de Jerônimo Arantes que, inclusive, nos tem oferecido os seus préstimos facultando-nos todas as facilidades em seus arquivos para pesquisarmos documentação, informações, etc. sobre o que desejamos sobre a história da cidade que ele conhece a fundo.*[450]

O *Arquivo Histórico* constituía-se em motivo de orgulho para Arantes e, de fato, parece que ele fazia questão de torná-lo acessível aos amigos e demais pessoas interessadas pela história.

---

[448] ARANTES, D. , s.d., p. 4.
[449] SILVA, Antônio P. da: depoimento [nov. 2001]. Entrevistador: Sandra Cristina Fagundes de Lima. Uberlândia, 2001. 1 fita cassete (30 min), estéreo.
[450] JERÔNIMO Arantes, maio 1958, op. cit., p. 34.

Ao prestar-lhe uma homenagem póstuma, Pinheiro, funcionário público municipal aposentado e memorialista, assim se referiu ao interesse de Arantes em mostrar sua documentação:

> *Muitas vezes estive em sua casa, na praça Rui Barbosa. (...) Ele abria seus guardados e mostrava coisa por coisa, página por página do crescimento desta cidade. São poesias, crônicas, documentos muito bem acondicionados. Era muito caprichoso e zeloso das coisas. Tive até o privilégio de manusear todo o volume de Memórias históricas de Uberlândia.*[451]

Em Arantes, portanto, confluíam o trabalho de memorialista e a prática do arquivista. Papéis que se confundem quando se trata de lidar com o tempo, os seus protagonistas, os conflitos que engendram o que denominamos processo histórico e, sobretudo, os vestígios do passado que se encontram representados pelos documentos. De acordo com Gomes:

> *Historiadores e arquivista têm muito em comum. Eles obviamente reconhecem isso e entendem, no que estão corretos, que sua proximidade reside na centralidade que suas respectivas profissões atribuem aos documentos como elemento fundamental de trabalho, já que sem eles não há métier. Justamente por isso, igualmente se angustiam com a necessidade de conservação e guarda desses documentos, quer para fins de prova, essencial à garantia da cidadania, quer para fins históricos, ou seja, instrumentalizando o processo de construção da memória coletiva de grupos sociais.*[452]

Com efeito, a opção de Arantes pela formação de um arquivo parece ter se consubstanciado nesses dois aspectos ressaltados por Gomes, quais sejam, a questão das provas documentais e a construção da memória. A manutenção e preservação, igualmente, não deve ter sido uma tarefa simples, pois não havia um local em sua residência próprio para acondicionar todo o volume da documentação. Mas, não obstante a escassez de espaço, a carência de mobiliário, assim como a falta de condições gerais de infra-estrutura (controle da umidade, principalmente), Arantes conseguiu preservar seus documentos e, hoje, eles constituem-se em uma imprescindível fonte de pesquisa para a história local.

No interior do APU, onde está armazenada, essa coleção representa o maior índice de procura pelo público pesquisador. Os jornais, os números da revista *Uberlândia Ilustrada* e *Elite Magazine*, assim como as diversas fotografias que a compõem servem de fontes de pesquisa para

---

[451] PINHEIRO, José L. José Lucindo escreve sobre Jerônimo Arantes. *Primeira Hora*, Uberlândia, p. 4, 20 maio 1983. APU.
[452] GOMES, op. cit., 2000, p. 18.

profissionais oriundos das mais diferentes áreas do conhecimento – História, Ciências Sociais, Publicidade, Jornalismo e Geografia são algumas delas.[453] Essa mesma documentação também é consultada por pesquisadores não acadêmicos, interessados, na maioria das vezes, em genealogia. Há também aqueles que buscam documentos comprobatórios de vínculos empregatícios a fim de requer aposentadorias.[454] Com efeito, a *Coleção Professor Jerônimo de Arantes* destaca-se em meio à documentação depositada no Arquivo Público, tanto que um jornal da cidade registrou a seguinte observação a seu respeito: *"O acervo impressiona pela riqueza. São livros, folhetos e revistas da virada do século 20. (...) As correções feitas à mão pelo autor, juntamente com as colagens, dão um tom especial à obra".*[455]

Em virtude da diversidade de sua documentação, a referida coleção tem possibilitado a realização de diferentes trabalhos que, mesmo empregando fontes idênticas, têm resultado em uma multiplicidade de análises e temas. Pensamos que aí reside a maior riqueza desse acervo formado pelo professor Jerônimo Arantes, pois *"... não há trabalho que não tenha que utilizar de outra maneira os recursos conhecidos e, por exemplo, mudar o funcionamento de arquivos definidos, até agora, por um uso religioso ou 'familiar'* ".[456]

3.2. Arquivo Histórico: Documentos

Como Arantes conseguiu reunir tantos papéis, de onde estes vieram e como chegaram até ele? Infelizmente não conseguimos informações precisas sobre a forma como ele obteve a maior parte dos documentos que compunham o seu *Arquivo Histórico,* mas alguns indícios demonstram que a doação foi uma das formas – talvez a mais usual – pela qual seu titular pode colecionar grande parte de sua documentação.

---

[453] MASSARO, 2003, op. cit.
Muitos desses trabalhos são realizados em programas de pós-graduação ligados a universidades localizadas fora de Uberlândia e, nem sempre, seus autores remetem cópias das dissertações e das teses para o APU, o que torna difícil elaborar uma relação completa e/ou um inventário atualizado. Contudo, apresentamos no Apêndice II uma lista contendo a referência bibliográfica de algumas pesquisas que utilizaram a CPJA.
[454] UBERLÂNDIA. Arquivo Público. Livro de presença de pesquisadores do Arquivo Público de Uberlândia. 2001/2002.
[455] A HISTÓRIA quer ser lida: obra com dados históricos sobre Uberlândia espera publicação. *Correio,* Uberlândia, 30 ago. 2002, Revista, D-6. APU.
[456] CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p. 82.

A doação ficou registrada, primeiramente, nos poucos livros e revistas de sua biblioteca, pois nestes materiais foram anotadas dedicatórias por meio das quais atestamos que algumas obras lhe foram presenteadas, como, por exemplo, na revista *Acaica*, onde se lê: *"Ao amigo Jerônimo Arantes companheiro nas lutas pela história de nossa terra e de nossa gente. Com abraço do Tito Teixeira"*.[457] Em outro livro, foi escrito: *"Ao amigo Jerônimo Arantes. José Camim"*.[458] Em uma terceira obra, encontramos: *"Ao distinto colega e ilustre professor Jerônimo Arantes"*.[459]

Algumas fotografias também foram resultado de doação, pois, pela análise da correspondência, constatamos que determinados retratos e clichês foram doados para Arantes com a finalidade de ilustrar sua revista.[460] Pelo depoimento de Delvar Arantes, certificamo-nos de que as fotos das escolas rurais resultaram da iniciativa de seu pai; este transportava junto com a comitiva do Serviço de Educação do Município o fotógrafo da prefeitura, Marinho Lozzi, que depois doava parte de seu trabalho para Arantes.

Conforme se lê em uma das cartas recebidas, eram lhe enviadas doações também de outros documentos: *"Tenho também colecionado um grande número de coisas úteis para a sua maravilhosa biblioteca, as quais estou guardando para levar na minha próxima viagem"*.[461] Por meio de uma outra carta, recebida de um amigo e educador que residiu em Uberlândia até o final

---

[457] TEIXEIRA, Tito. In: *Acaiaca*, Ituiutaba. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1953. APU. CPJA.

[458] CAMIM, José. *As águas do Rio das Velhas*: aproveitadas como força motora. Uberlândia: Pavan, 1943. APU. CPJA.

[459] PESSOA FILHO, Salazar. *Uberabinha versus Uberlândia*: (duas histórias ainda não contadas aos meus benévolos leitores). Uberlândia: Manhãs, 1968. APU. CPJA.

[460] GUIMARÃES, Honório. *[carta]*. Belo Horizonte, 12 set. 1941. Carta a Jerônimo Arantes agradecendo-lhe a homenagem recebida na *Uberlândia Ilustrada* de n˚. 10, informando-lhe sobre os projetos que estava desenvolvendo na capital mineira e comunicando-lhe que enviaria alguns clichês, assim que encontrasse "portador seguro". APU. CPJA. PT./ GUIMARÃES, Nenem. *[carta]*. Araguari, 11 dez. 1942. Carta a Jerônimo Arantes comentando o esclarecimento de um mal entendido que havia ocorrido entre ambos e comunicando-lhe que em breve enviaria, conforme solicitado, uma fotografia sua a fim de ilustrar a próxima edição da *Uberlândia Ilustrada*. APU. CPJA. PT./ PAES LEME, Fernando Monteiro. *[carta]*. [S.l.] [195-]. Carta a Jerônimo Arantes fornecendo-lhe dados sobre a história do atletismo em Uberlândia e enviando-lhe fotografias do primeiro campeonato de atletismo realizado na cidade e também cópia da ata de instalação da Sociedade Esparta-Brasileira. APU. CPJA. PT./ SILVEIRA, Gladys. *[carta]*. Araguari, 9 jun. 1958. Carta a Jerônimo Arantes enviando-lhe, conforme solicitado, fotografia a fim de ilustrar a homenagem programada para a próxima edição da *Uberlândia Ilustrada*. APU. CPJA. PT.

[461] SILVA, Argemiro L. da. *[carta]*. Rio de Janeiro, 14 out. 1941. Carta a Jerônimo Arantes comunicando-lhe publicação no *Diário Oficial* do registro no Departamento de Imprensa e Propaganda — DIP — da revista *Uberlândia Ilustrada*. O autor informa-lhe também que estava de posse de "coisas úteis" para compor a biblioteca de Arantes e que as entregaria quando visitasse Uberlândia. APU. CPJA. PT.

de década de 1930, tomamos conhecimento de que a coleção do jornal *Paranahyba* resultou também de doação:

> *Ótima a tua iniciativa de historiar a nossa Uberabinha e a querida Uberlândia. Vou mandar-te uma colaboração que reputarás de certo excelente: mandar-te-ei para arquivo a coleção do Paranahyba que a tenho creio completa. (...) Se no escritório eu encontrar algum Brasil te mandarei também; esta, terei números esparsos.*[462]

Nesse sentido, acreditamos que a origem dos jornais, de algumas fotografias, assim como de outros documentos antigos pode ter sido a mesma, ou seja, objeto de doação. No entanto, se essa última correspondência ajuda a esclarecer um pouco sobre a forma como Arantes obteve uma parcela dos documentos que compõem a sua coleção, por outro lado, lança sementes de dúvidas sobre o destino dessa documentação, pois, ao que se deduz da sua leitura, o interesse de Arantes era constituir um arquivo na própria Prefeitura e não formar um acervo particular. Vejamos como a questão emerge na referida carta: *"Estou [sabendo] que organizará um arquivo aí na própria Prefeitura. Arranjarias e catalogarias tudo, de modo a ficar perpétuo. Vasco [Giffoni] colaboraria nessa tua obra de mérito incomparável*".[463]

Não sabemos se a documentação chegou a ser incluída no acervo da Prefeitura, temos conhecimento apenas de que aquela instituição possuía um arquivo onde estavam abrigados documentos de interesse para os memorialistas que pesquisaram e escreveram sobre a história local e regional. Além desse aspecto, constatamos também que, no período em que Arantes atuou no serviço público, tal documentação ficava sob a sua responsabilidade, conforme alude Tito Teixeira ao fazer-lhe uma dedicatória nas primeiras páginas do livro que escreveu sobre a história de Uberlândia: *"O autor agradece a preciosa colaboração do professor Jerônimo Arantes, colocando à disposição do autor o arquivo municipal da Prefeitura, como também fornecendo informações e documentos, muitos deles aqui transcritos*".[464]

Um outro fator que contribuiu ainda mais para obscurecer a trajetória desse acervo incide sobre a existência de documentos pertencentes ao Serviço de Educação e Saúde em meio aos recortes de jornais e revistas, assim como entre os vários papéis avulsos pertencentes a Arantes.

---

[462] GUIMARÃES, Honório. *[carta].* Belo Horizonte, 14 out. 1941. Carta a Jerônimo Arantes louvando a sua iniciativa de "historiar" a cidade; informando-lhe também acerca da doação de jornais e incentivando-o na criação de um arquivo histórico na Prefeitura. APU. CPJA. PT.
[463] GUIMARÃES, H., 14 out. 1941, op. cit.
[464] TEIXEIRA, T., op., cit., v. 1, não paginado.

Dentre esses documentos, encontram-se originais de memorandos expedidos e recebidos, correspondências e ofícios produzidos na época em que ele chefiou aquele Serviço. Além dessa documentação, em sua biblioteca, encontramos um livro dedicado pelo autor, José Camim, à Prefeitura Municipal.[465]

Será que por ser funcionário público, exercendo cargo de confiança do prefeito, Arantes achou-se no direito de guardar com ele documentos oficiais, não separando o domínio público do privado? Não possuímos pistas suficientes para responder com certeza a essa questão; no entanto, se, de fato, a indeterminação entre o público e o privado foi um dos fatores que o levou a se apropriar da documentação pública, isso não seria uma característica apenas sua, pois a imprecisão das fronteiras entre o público e a esfera privada é do domínio comum, tendo sido apontada por Sérgio Buarque de Holanda como sendo um dos traços definidores de alguns homens que ocuparam funções públicas no Brasil. Influenciados pela cultura patriarcal, aqueles teriam se deparado com muitas dificuldades para estabelecer os limites entre um e outro domínio.[466]

De fato, por meio da análise da documentação consultada, inferimos que, como não se tratava de assuntos polêmicos, que talvez interessasse manter em sigilo, Arantes os teria guardado para documentar suas próprias pesquisas acerca da história local. O interesse particular, nesse caso, teria sobrepujado os fins objetivos e definido a conduta do funcionário público, em uma atitude que, de fato, não seria exclusiva de Arantes, pois:

> *No Brasil, pode dizer-se que só excepcionalmente tivemos um sistema administrativo e um corpo de funcionários puramente dedicados a interesses objetivos e fundados nesses interesses. Ao contrário, é possível acompanhar, ao longo de nossa história, o predomínio constante das vontades particulares que encontram seu ambiente próprio em círculos fechados e pouco acessíveis a uma ordenação impessoal.* [467]

Doação, compra e apropriação privada de documentos públicos foram, portanto, alguns dos meios empregados por Arantes para formar a sua coleção. Como se trata de um volume muito

---

[465] CAMIM, José. *Dois dedos de prosa com meus colegas cafeicultores*; sobre a regeneração dos cafezais eshauridos. Uberlândia: [s.e.], 1944. APU. CPJA.

[466] Segundo o autor, entre nós, o puro burocrata, aquele que agiria segundo os preceitos da racionalidade, teria sido suplantado pelo funcionário "patrimonial", para quem: "... a própria gestão política apresenta-se como assunto de seu interesse particular; as funções, os empregos e os benefícios que deles aufere, relacionam-se a direitos pessoais do funcionário e não a interesses objetivos... ". (HOLANDA, op. cit., p. 105-06).

[467] HOLANDA, op. cit., p. 106.

grande de documentos e uma vez que a observação individual dos recortes, livros, mapas, revistas, jornais e fotografias constitui-se em uma tarefa de proporções elevadas, que não caberia no contexto de nossa pesquisa, optamos por reunir essa documentação em três grupos, a fim de produzirmos uma análise que contemplasse parte de seu conjunto, a saber, as fotografias; a biblioteca, composta por livros, jornais e revistas; por fim, as pastas temáticas contendo documentos avulsos e correspondência.[468]

No que diz respeito às fotografias colecionadas por Arantes, concluímos que parte delas, como já dito, resulta do período em que esteve à frente da administração do serviço educacional no município, pois muitas imagens têm como tema situações escolares. De um total de 1269 fotos existentes na coleção, 577 referem-se a prédios escolares, alunos, professores e desfile escolar. Há também muitos retratos, somando, nesta temática, um total 460 fotografias. As demais se referem a casas comerciais, cinemas e clubes recreativos, comunicação, esportes, eventos, fazendas e chácaras, hospitais, hotéis, igrejas, indústrias e fábricas, instituições bancárias, instituições sociais, monumentos, outras localidades, paisagens, política e políticos, pontes, estradas e rodovias, postos de gasolina, praças, recreação, residências, ruas e avenidas, serviços públicos, trabalhadores rurais, transportes e vista parcial da cidade.[469]

As fotografias foram utilizadas, tal como a documentação avulsa, para compor a revista produzida por Arantes, servindo de ilustração para as suas páginas cobertas de imagens, pois, quando ia editar algum número da *Uberlândia Ilustrada*, separava os originais e os enviava para São Paulo a fim de que fossem produzidos clichês para serem revelados e impressos em seu periódico. Na sua correspondência, encontramos diversas cartas recebidas tratando da confecção desses clichês, contendo especificações para a sua elaboração, quantidades e valores pagos.[470]

Além de empregá-las na revista, as fotografias eram valorizadas por Arantes como ilustração de seus livros; pois, em todos eles, os temas tratados eram acompanhados de imagens. Mesmo aqueles não publicados, que são maioria, estavam repletos de fotos. Quando estas não se

[468] Não pretendemos neste item esgotar a análise da documentação pertencente ao arquivo de Arantes, pois no capítulo subseqüente, abordaremos a questão das fontes de pesquisa utilizadas por Arantes e ali voltaremos ao tema ao tratarmos da iconografia fotográfica e da cartografia. Para uma visualização mais abrangente do seu acervo apresentamos o Anexo I. Inventário da Coleção Professor Jerônimo Arantes. Arquivo Público.
[469] Essa classificação foi elaborada pelos funcionários do APU, quando organizaram a Coleção Professor Jerônimo Arantes. (BARROS, 2003, op. cit.).
[470] APU. CPJA. PT.

encontravam presentes, ele reservava um espaço na página para fixá-las, no qual expunha uma legenda informando quais fotos empregaria.

O segundo grupo dessa documentação constitui-se na biblioteca formada por Arantes, composta de jornais, revistas e livros. A parte deste acervo que chegou ao Arquivo Público compõe-se, além dos jornais, de um total de 135 títulos, entre livros, revistas e publicações de poucas páginas, tais como petições, relatórios do executivo e outros. Embora pequena, a biblioteca possuía grande valor para os interessados na história local, conforme se depreende dos agradecimentos que um amigo de Arantes publicou em um jornal da cidade: *"Aqui acaba a história, cujos dados preciosos fomos buscar na pequena mas inestimável biblioteca do consumado historiador da cidade professor Jerônimo Arantes"*.[471]

Essa biblioteca reflete, de um lado, as preocupações do seu proprietário com a pesquisa e a escrita da história de Uberlândia e, de outro, demonstra a sua necessidade de manter-se atualizado, como era o caso dos jornais. Além disso, igualmente como verificamos com o restante da documentação, esta serve como pista para compormos mais detalhes acerca das representações que Arantes construiu sobre o passado da cidade e também de si próprio.

Os jornais são, na maioria, procedentes de Uberlândia e, se guardam descontinuidade na publicação e apresentam interrupções em seus números, estas referem-se muito mais à natureza transitória dos próprios periódicos. Alguns iniciavam o seu primeiro número com projetos ambiciosos e promessa de vida longa; no entanto, não tardavam a desaparecer das bancas, pois muitos deles tiveram vida efêmera, como era o caso, principalmente, dos jornais produzidos por alunos e/ou grêmios estudantis (*AESU*, *A Escola Normal*, *O Ginasiano*, *O Escolar* etc.) e entidades religiosas (*A Esperança*, *O Evangelista*, *Luz e Caridade*, *Boa Vontade* e outros).[472]

Dentre aqueles publicados com mais freqüência, encontram-se depositados no acervo de Arantes os exemplares de *A Tribuna* (1919-25), *O Progresso* (1907-16) e *O Estado de Goyaz* (1934 a 1943, 1945). Inicialmente, estes jornais tinham uma periodicidade semanal, posteriormente, passaram a ser distribuídos a cada três dias e, depois, tornaram-se diários

[471] COSTA, Guiomar de F. Guiomar de Freitas Costa homenageado na Santa Casa. *Correio de Uberlândia,* Uberlândia, p. 4, 10 abr. 1962. APU.
[472] Anexo I. Inventário da Coleção Professor Jerônimo Arantes. Arquivo Público.

(excetuando-se os domingos). Nas páginas desses periódicos, encontravam-se notícias referentes à política local, nacional e internacional e notas relativas à cidade (doenças, crimes e eventos cívicos e sociais, principalmente). Alguns textos eram produzidos pelos redatores locais, colaboradores da cidade e outros eram reproduzidos de jornais de outras cidades e regiões.

Esses jornais não se caracterizavam pelo tom oposicionista, haja vista que se encontram ausentes de suas páginas notas e discussões acerca dos conflitos existentes na sociedade local. Sob uma postura pseudo-apartidária, tais periódicos veiculavam, em seus editoriais, concepções genéricas (e ideológicas) sobre alguns dos interesses locais e nacionais. O jornal *O Progresso*, por exemplo, afirmava que seu objetivo consistia em divulgar a riqueza da cidade e contribuir para seu pleno desenvolvimento e, para tanto, não se imiscuía em política partidária, mas colocava-se ao lado do povo, zelando pelos seus interesses. *"Dizia ainda prosseguir assumindo as mesmas posturas de imparcialidade, independência e moderação sem envolvimento com a politicagem apaixonada"*.[473]

As revistas são, em sua maioria, de origem local e regional. Com relação às primeiras, além de alguns números avulsos de publicações descontínuas acerca de assuntos educacionais, econômicos e turísticos (como, por exemplo: *Praia Clube*, *A Camponesa*, *Escola Normal*, *Nossa Terra*, *Uberlândia Rotária*, *Uberlândia 96 anos* e outras), foram arquivados os exemplares de todos os números publicados da *Uberlândia Ilustrada* — tema do próximo item deste capítulo — e quase todos os números da *Elite Magazine*, revista mensal publicada em Uberlândia no período que compreende o final dos anos de 1957 a 1959. Essa revista possuía algumas características semelhantes à *Uberlândia Ilustrada*, tais como variedade de temas abordados, ilustração das matérias e cobertura das atividades comerciais, industriais, políticas e sociais desenvolvidas na cidade.

Em âmbito regional, destaca-se na biblioteca de Arantes a coleção de alguns exemplares da *Revista do Arquivo Público Mineiro.* Possuía em seu arquivo números deste periódico que iam do final do século XIX até princípio do século XX. Pensamos que essa coleção servia como subsídio para coletar os dados necessários às suas pesquisas sobre a história da cidade e da região.

---

[473] LIMA, Soene Ozana de. *O poder da imprensa na construção do imaginário social*: Uberlândia 1907-1916. 1999. Monografia (Graduação) — Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 1999, p. 15.

Entre as revistas arquivadas acham-se, também, aquelas publicadas em outros estados. Em meio a elas, existem algumas que abordam a história do Brasil, tais como cinco fascículos de História do Brasil, publicados pela editora Bloch, que cobrem os períodos do descobrimento até a catequese. Encontramos, ainda, outras publicações não especializadas em assuntos relacionados à história, tais como exemplares de revistas que tratam de assuntos variados e de teor informativo. Fazem parte desse grupo, em maior número, as revistas *Manchete*, *O Cruzeiro* e *Em Guarda*.

Junto aos livros, foram arquivadas publicações locais e regionais, concernentes às decisões tomadas pelo executivo e um conjunto de legislação mineira referente ao final do século XIX. Fazem parte desses documentos: recursos impetrados pela prefeitura local, regulamentos de esgotos sanitários e para o serviço de trânsito de veículos, orçamento municipal, relatório do executivo e coleção de leis e decretos da Assembléia Legislativa de Minas Gerais.

Acreditamos que o conjunto dessas revistas reflete o interesse de Arantes pela história, seja aquela da cidade, seja aquela do Brasil, bem como demonstra a sua necessidade de manter-se informado sobre os assuntos de ordem sócio-político-econômica do país. Pensamos, também, que aqueles periódicos de caráter informativo e conteúdo genérico, tais como *Manchete e O Cruzeiro,* podem ter lhe servido como inspiração para elaborar a sua própria revista, fornecendo-lhe sugestões de assuntos, modelo de diagramação e acabamento, conforme se lê nas anotações deixadas por ele em meio à sua documentação.[474]

No que concerne aos livros, deparamo-nos com uma realidade similar àquela discutida com relação às revistas, pois se dividem em temas locais, regionais e nacionais, sendo a maioria deles referentes à história local e regional. Não encontramos, dentre essas obras, títulos que abordassem temas relativos à teoria da História e nem a outra área do conhecimento, assim como não registramos a presença de nenhum livro de teoria ou de metodologia. Versando sobre assuntos econômicos e políticos, alguns são de sua autoria, outros escritos por memorialistas da cidade e região.

Ao consultar os livros e as revistas, constatamos que os conteúdos mais lidos por Arantes diziam respeito aos temas relacionados à história de Uberlândia e da região do Triângulo Mineiro; foi somente nesses assuntos que ele deixou impressas marcas de suas leituras. Nos

[474] APU. CPJA. PT.

capítulos ou nos itens em que as obras abordavam aspectos da história da referida cidade e da região onde esta se localiza, Arantes imprimia sinais na lateral da página, sendo que o símbolo mais utilizado para tanto era um "x" feito com caneta de tinta vermelha (salvo raras exceções, quando esta caneta foi substituída por lápis). Uma outra característica da leitura de Arantes consistia na elaboração de resumos dos textos lidos, escritos ora a mão, ora datilografados e, na maioria das vezes, colados na contra-capa das obras às quais diziam respeito. Não anotava muitas coisas, apenas alguns fatos, suas respectivas datas, nomes de pessoas e o número das páginas onde essas informações estavam localizadas.

Em um livro sobre o município do Prata, por exemplo, nas partes em que o autor tratava da história do Sertão da Farinha Podre, antiga denominação da região do Triângulo Mineiro, Arantes anotou nas margens algumas datas, fez contas também referentes à datação, fixou na contra-capa uma folha contendo anotações próprias referentes a quatro datas e seus respectivos acontecimentos e intitulou-as*: "História do Triângulo, apontamentos"*.[475] Em outro livro sobre uma missão católica no município de Campina Verde, situado no Triângulo Mineiro, Arantes assinalou um dos documentos reproduzidos pelo autor, tratava-se da *"Carta do padre Leandro ao Dr. José Teixeira de Vasconcelos e narração descritiva do Sertão da Farinha Podre"*.[476] Nesse documento, o autor narrava a chegada da missão à região onde se localiza o referido município, descrevia aspectos do relevo, comentava o encontro com os indígenas habitantes do local e abordava outros aspectos. Em outra obra sobre o município de Paracatu, Arantes anotou na contra-capa o resumo de duas páginas do livro nas quais o autor tratou da origem do nome daquele município.[477] No extenso livro sobre a história de Uberaba, contendo 570 páginas, Arantes deixou, ainda, algumas breves anotações coladas na contra-capa. Estas se referem a indicações sobre o curso de três rios que banham a região, a saber, rio das Velhas, ribeirão Bom Jardim e rio Uberabinha. Na página de número 55 da referida obra, Arantes assinalou o parágrafo em que o autor descreveu os limites da cidade de Desemboque, próxima à Uberaba.[478]

---

[475] TEIXEIRA, E. *Prata de ontem*. [S.l.]: [s.n.], 1967. APU. CPJA.
[476] MACEDO, Nicodemus. *Campina Verde e a Congregação da Missão de São Vicente de Paulo*. Uberaba: Jardim & Comp., 1941. APU. CPJA.
[477] GONZAGA, Olympio. *Memória histórica de Paracatu*. Uberaba: Jardim & Comp., 1910. APU. CPJA.
[478] PONTES, Hildebrando. *História de Uberaba* e a civilização no Brasil Central. [S.l.]: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1970. APU. CPJA.

Exemplos como esses se multiplicam em meio aos livros depositados na biblioteca de Arantes e servem como indícios para buscar as leituras que contribuíram para a sua formação, bem como aquelas que lhe serviram como fontes de pesquisa e como inspiração para produzir sua própria obra. A despeito de algumas particularidades, os livros, em geral, dizem respeito à história de cidades, municípios e região do Triângulo Mineiro. Uma outra caraterística que os aproxima incide sobre a formação de seus autores, quase todos eram professores sem nenhuma habilitação específica em História, falavam do local ocupado pelos memorialistas e, por isso, não observamos nas suas produções indícios de preocupações com crítica às fontes e/ou com quaisquer outros pressupostos metodológicos.

Esses autores eram, tal qual Arantes, interessados pelos fatos relativos às cidades onde nasceram e/ou viveram e movidos pela curiosidade partiam em direção às fontes que lhes permitiriam elaborar as suas narrativas. Os seus trabalhos são, por conseguinte, análogos e apresentam as seguintes características: abordam a história das cidades desde a sua fundação até o momento em que começaram a escrever suas obras; privilegiam os aspectos político-institucionais, enfocando personalidades, fatos e, sobretudo, datas; as narrativas são estruturadas de forma linear, começando sempre com a chegada dos bandeirantes à região, passando pelos primeiros habitantes e culminando na elevação dos povoados à categoria de vilas, depois distritos e, finalmente, municípios. Em um desses livros, muito semelhante aos demais, o autor trata da história de Paracatu e divide a primeira parte de sua narrativa nos seguintes capítulos: Preliminares (a Descoberta, o arraial de Sant'Anna), Bandeirantes, Povoamento (primeiros arraiais, riquezas e genealogias), Alguns fatos e Elevação do arraial à vila.[479]

Muitas dessas obras assemelham-se às corografias, pois se demoram na descrição de aspectos geográficos (clima, relevo, localização e densidade demográfica) das cidades e/ou regiões estudadas. Em suas narrativas, avulta o tom apologético, e o ufanismo se faz presente em cada página. Os fragmentos reproduzidos a seguir servem como exemplos dessa abordagem. No primeiro, ao localizar geograficamente o município do Prata, o autor faz a seguinte descrição:

[479] GONZAGA, op. cit.

"...a Mesopotamia entre os dois rios – Paranaíba e Rio Grande..."[480]. O outro livro, não menos enfático que o anterior, exaltou a cidade de Uberaba, como sendo uma portadora dos seguintes atributos: *"... esmeralda preciosa, cravada na forte e pitoresca bacia formada pelas seis amenas colinas, que quase em círculo a circundam (...). De um clima salubérrimo (...), é o maior conjunto humano não só do Triângulo Mineiro, como também de todo o Brasil Central..."*[481]

Esse apelo ao tom apologético também se estendia às pessoas consideradas "notáveis", pois, quando essas personalidades eram descritas em muitos dos livros que compunham a biblioteca de Arantes, avultavam-se as qualidades positivas de seu caráter, inteligência e altruísmo. A descrição do perfil de um médico residente na cidade de Paracatu constitui-se em exemplo dessa exaltação:

> *Mas quantos conheceram de perto o distinto mineiro [Dr. Manoel de Melo Franco] são acordes em reconhecer e louvar não só a grande capacidade médica que nele se encarnava, senão igualmente a sinceridade dos seus sentimentos patrióticos, a lealdade e honradez de seu caráter e seu gênio cavalheiresco e filantrópico, que o levou, no exercício da clínica, à prática de numerosos atos de verdadeira caridade, que lhe ilustram o nome, impondo estima e respeito à sua memória.*[482]

Ao lado dos livros referentes à história do Triângulo Mineiro, na biblioteca de Arantes, também se encontram poucos títulos literários. Pela freqüência com a qual o autor publicava versos em sua *Uberlândia Ilustrada*, assim como pelo fato de ter escrito dois livros de poesias que permaneceram inéditos, é possível inferir que ele demonstrava entusiasmo por esse gênero literário.[483] O mesmo se passava em relação ao teatro, conforme analisamos no primeiro capítulo, pois, além de incentivar os alunos a dedicarem-se à arte cênica, escrevia peças para que esses as representassem. No entanto, à exceção de o *Teatro flutuante,* de alguns romances (*Sonhos d'ouro*, *Os fidalgos da casa mourisca* e *Emma Lyonna*) e de um livro de poesias, *Como é o amor em Goiás*, não constam de sua biblioteca outros títulos dessa mesma natureza.[484]

---

[480] TEIXEIRA, E., 1967, op. cit., p. 4.
[481] TOTI, Gabriel. *Álbum de Uberaba*. Uberaba: Santos, s.d., não paginado. APU. CPJA.
[482] GONZAGA, op. cit., p. 40.
[483] ARANTES, J. *Colibri*. Literatura infantil. Uberlândia, 1976. (Datilografado). Acervo Delvar Arantes./ ARANTES, J. *Cromos*. Musa vadia de Dalbas Júnior. Uberlândia: [s.n.], 1981a. APU. CPJA.
[484] ALENCAR, José de. *Sonhos D'ouro*. São Paulo: Saraiva, 1959. APU. CPJA./ COSTA, Cruz. *Como é o amor em Goiás*. [S.l.]: Alvina, 1930. APU. CPJA./ DINIZ, Júlio. *Os fidalgos da casa mourisca*. São Paulo: Saraiva, 1963. APU. CPJA./ DUMAS, Alexandre, *Emma Lyonna*. São Paulo: Saraiva, 1969. APU. CPJA.

Ademais, apenas em dois desses livros encontramos sinais de leitura, são eles: *Os fidalgos da casa mourisca* e *Como é o amor em Goiás.* No primeiro, um romance de ambientação campesina, Arantes grifou a seguinte informação referente à biografia do autor: *"vítima de tuberculose, mal hereditário do século"*. No entanto, essa marca, por si só, não pode servir como comprovação da leitura de toda a obra, pois, além de a referida frase encontrar-se na capa e não no interior do livro, não há nada que confirme que o grifo tenha sido feito por Arantes, a não ser o emprego da caneta de tinta vermelha que, como já analisamos, era muito utilizada por ele. Ao contrário desse livro, o poema de Cruz Costa, retratando uma história de amor ambientada no estado de Goiás, está todo grifado e com páginas faltosas; no lugar destas Arantes anotou duas observações, a saber, *"suprimidas em plagas goianas"* e *"retirado para o livro Cidade dos sonhos meus"*.[485] No entanto, não encontramos em *Uberlândia: Cidade dos sonhos meus* informação alguma que remetesse a tal poema. Esse livro, escrito por Arantes, narra em versos aspectos da cidade de Uberlândia e não faz nenhuma referência a Cruz Costa, seja como autor de alguns dos poemas, seja como fonte inspiradora.

Além dessas duas obras, nos demais livros, sejam romances, sejam poesias, não há anotações, marcas e quaisquer outros sinais de leitura; o que nos leva concluir que Arantes não era estudioso desses gêneros literários, praticava-os mais por prazer pessoal, com o auxílio da intuição, do que como meios de estudos especializados que o instrumentalizassem para abordá-los em profundidade.

O segundo grupo dos documentos que compõem o seu acervo referem-se às pastas temáticas. Em meio aos clichês e às fotografias, bem como aos exemplares completos de jornais, revistas e alguns livros, Arantes arquivou uma infinidade de recortes de jornais e revistas, que tinham como finalidade oferecer-lhe subsídios para produzir seus artigos, escrever seus livros e elaborar os 28 números de sua revista *Uberlândia Ilustrada*. Junto a esses papéis, encontra-se também a sua correspondência pessoal, sobretudo as cartas recebidas. O volume dessa documentação era tal que, ao ser organizada a *Coleção Professor Jerônimo Arantes* pelo *Arquivo Público de Uberlândia,* deu origem a 52 pastas, denominadas de *Pastas Temáticas.*

[485] ARANTES, J. In: COSTA, Cruz, op. cit.

O conteúdo dos papéis, recortes, anotações, documentos escolares, procurações e correspondência é muito diversificado, assim como a data de sua produção. Os temas vão desde biografias, passando por notícias de eventos comemorativos do aniversário da cidade, até recortes de jornais contendo informações sobre a Segunda Guerra Mundial, religião, moda feminina e turismo. Não obstante essa diversificação predominam, no conjunto dos documentos, os assuntos de âmbito local, que retratam aspectos da história da cidade e região mais próxima.

Concluímos que esses recortes serviam, primeiramente, além de outros propósitos – como, por exemplo, a consulta aos dados referentes à história local –, para a pesquisa dos temas abordados na *Uberlândia Ilustrada,* pois constatamos uma grande concordância entre os conteúdos de muitos deles e os temas explorados no referido periódico. Documentos relativos a vários aspectos tratados na revista podem ser encontrados nas referidas pastas, tais como, a história do esporte, da comunidade negra, biografias de personalidades do meio político e empresarial, dentre outros.

As pastas de número 0001, 0002 e 00003, por exemplo, contêm o material que deve ter sido consultado para a elaboração dos números 6 e 9 da sua revista, que tratam respectivamente da origem do município de Uberlândia e das comemorações do cinqüentenário de sua autonomia político-administrativa. As pastas 00014, 00015, 00016 guardam informações sobre a organização da educação escolar no município, tema da revista número 10, totalmente dedicada à história da instrução municipal. A pasta número 00018 abriga dados sobre o esporte na cidade e região, o mesmo assunto desenvolvido no número 19 da *Uberlândia Ilustrada*. Exemplos como estes aparecem como freqüência ao se cotejar o conjunto dessas pastas com os 28 números publicados da referida revista.

Nossa hipótese justifica-se também pelo fato de existirem anotações em alguns recortes, feitas por Arantes, remetendo à revista. Há, por exemplo, em um dos recortes arquivados na pasta de número 00045, uma inscrição feita sobre uma gravura em que se lê que a capa de um dos números da *Uberlândia Ilustrada* deveria seguir aquela mesma diagramação.

Além dos recortes, as pastas temáticas contêm a correspondência pessoal de Arantes, por meio da qual foi possível deduzir alguns aspectos referentes às representações que foram

construídas a seu respeito em momentos diversos de sua vida.[486] No entanto, essa análise poderia ter sido ampliada, caso o seu acervo se compusesse de um número mais significativo de sua correspondência pessoal, especialmente daquela expedida, denominada "ativa". As cartas preservadas somam um total de 135 missivas,[487] que se referem, na sua maioria, àquelas recebidas (chamada "passiva"), perfazendo um total de 114 (84,44% do total), para apenas 21 cartas expedidas (15,56%).

Essa preeminência da correspondência "passiva" sobre o total da "ativa" e, portanto, a descontinuidade da documentação, restringe a análise referente à troca de cartas, pois, como não encontramos as cópias correspondentes, ficamos impossibilitados de ter acesso a uma seqüência que permitiria estabelecer o diálogo entre os missivistas, por meio do qual poderíamos extrair elementos para a compreensão das formas de aproximação e de afastamento existentes entre os autores das cartas, enfim, da rede de sociabilidade da qual fizeram parte.[488] A despeito dessa limitação, as missivas arquivadas possibilitariam compreender dois aspectos de relevo no âmbito da atuação de Arantes: o primeiro deles, aludido anteriormente, refere-se à centralidade que a *Uberlândia Ilustrada* ocupou no rol das atividades desempenhadas por ele, e o segundo diz respeito às representações que ele ajudou a construir acerca de si próprio e que teve a intenção de divulgar.

A importância conferida por Arantes à publicação de sua revista pode ser atestada pelo conteúdo de muitas missivas, uma vez que, de um total de 114 cartas recebidas, 101, ou seja, 88,59%, dizem respeito a assuntos concernentes à sua *Uberlândia Ilustrada*. Os temas tratados cingem-se à produção de clichês, versando sobre critérios para a sua confecção (acordo sobre

---

[486] O estudo de correspondências como objeto de investigação, ainda que não muito praticado pelos historiadores brasileiros, constitui-se em uma fonte valiosa para a historiografia contemporânea. De acordo com Gomes, algumas das razões que explicam a novidade no estudo de correspondências e, igualmente, que justificam a sua prática ainda incipiente, decorrem dos seguintes fatores: "Se por um lado ele [estudo de correspondências] remete ao uso de uma fonte tradicional e bastante valorizada pela historiografia, por outro, ao defini-la como seu próprio objeto de investigação, o pesquisador acaba por distanciar-se do que é ainda freqüentemente realizado nos estudos históricos. A essa 'novidade' soma-se ainda a dificuldade de lidar com documentos que podem ser numerosos, heterogêneos e, em certos casos, dispersos, o que desafia o pesquisador quantitativa e qualitativamente". (GOMES, 2000, op. cit., p. 20).

[487] APU. CPJA. PT.

[488] Ao justificar o emprego dessa fonte, Gomes ressalta que: "Um dos objetivos do estudo de correspondências pessoais é permitir que o pesquisador se aproxime de aspectos subjetivos, integrantes e mesmo definidores de redes de sociabilidade, mas de difícil acesso quando se utiliza outro tipo de fonte. Entre tais aspectos está toda uma dimensão expressiva, um clima intensamente emocional que se pode detectar da troca de cartas. Ele envolve aproximações e afastamentos entre os missivistas, momentos mais estratégicos na construção dos relacionamentos e também diversas espécies de integrantes da rede, conforme os graus de afetividade nela explicitados". (GOMES, 2000, op. cit., p. 41).

preços e justificativas sobre alguns atrasos na remessa); aos agradecimentos dirigidos a Arantes pela envio da revista e saudações pelo seu empreendimento, bem como às respostas aos pedidos de patrocínio feitos por ele.

O segundo aspecto observado na análise da correspondência "passiva" de Arantes girou em torno das representações que ele contribuiu para que fossem construídas e que parece ter tido a intenção de legar para as futuras gerações. Para tanto, observamos as formas de tratamento que eram dirigidas a ele; buscávamos, nesse caso, enriquecer as pistas, já verificadas pela sua atuação no serviço público, referentes às representações que foram construídas a seu respeito.[489] A despeito do "código epistolar" com o qual se iniciam muitas cartas, a correspondência endereçada a Arantes denota particularidades que não se resumem à observação de preceitos de formalidades previamente estabelecidos entre missivistas. Em função disso, essa fonte foi importante – guardadas as limitações a que nos referimos anteriormente – para ampliarmos a análise dos tratamentos dirigidos a Arantes pelos remetentes de suas cartas.

Para a realização dessa análise, distribuímos os tratamentos em duas categorias, a saber, pessoal e formal.[490] Na primeira categoria, incluímos todas as formas que expressam maior intimidade com o destinatário, assim como outras que denotam sentimentos de afetividade, tais como: amigo, bom amigo Jerônimo Arantes, caríssimo amigo, caro colega e amigo, Jerominho amigo, ilustre amigo, meu prezado e velho amigo, prezado amigo e brilhante intelectual sr. Jerônimo Arantes, prezado amigo Jerominho, prezado confrade e outras similares. Consideramos como fazendo parte da outra categoria, intitulada formal, as expressões de cunho mais impessoal, expressando polidez e um certo distanciamento entre os interlocutores. Nesse sentido, foram contemplados, nesse segundo grupo, os tratamentos de ilustríssimo senhor, excelentíssimo

[489] De acordo com Gomes, a análise desta parte com a qual se iniciam as cartas é fundamental para a compreensão da "imagem" construída acerca do titular das missivas, pois: "O tratamento — isto é, as primeiras palavras com que se cumprimenta o destinatário — é uma parte expressiva do documento, indicando tanto o teor das relações entre os missivistas quanto a natureza do tema a ser tratado naquele documento. Nele se pode sentir de imediato a existência de hierarquias e relações muito pessoais, embora seja evidente todo um código epistolar que prescreve as formas a serem seguidas por quem escreve cartas". (GOMES, 2000, op. cit., p. 41).

[490] Tomamos de empréstimo a Gomes essas duas categorias, dentro das quais inserimos as formas de tratamento encontradas em nossa fonte. Acreditamos que elas iam ao encontro das especificidades de nosso objeto e, guardadas as particularidades, ao fazê-lo, incorporamos também muitos aspectos da definição que a referida autora faz de cada uma delas: "... o tratamento 'pessoal', aquele mais efetivo e expresso por fórmulas como: meu caro, meu querido, meu amigo, meu velho amigo etc. (...) O tratamento 'formal', expresso por fórmulas polidas como: ilustríssimo senhor, doutor, excelentíssimo, eminente, prezado ministro da Educação e Saúde etc". (GOMES, 2000, op. cit., p. 41-42).

senhor, diretor da Revista, ilustríssimo senhor diretor gerente da revista *Uberlândia Ilustrada*, Professor Jerônimo Arantes, Senhor Gerente, Senhor Jerônimo Arantes e mais os que se seguem.

TRATAMENTOS DIRIGIDOS A ARANTES EM SUAS CARTAS RECEBIDAS

Amigo Arantes	Ilmo. Sr.	Prezado amigo Jerônimo
Amigo e senhor	Ilmo. sr. Dir. Ger. Rev. Uberlân. Ilustr.	Prezado amigo Jerominho
Amigo Jerônimo Arantes	Ilmo. sr. Jerônimo Arantes	Prezado amigo Jerônimo Arantes
Amigo prof. Jerônimo Arantes	Ilmo. sr. prof. Jerônimo .Arantes	Prezado amigo prof. Jerônimo Arantes
Amigo sr. Jerônimo Arantes	Ilmo sr. redator de Uberlândia Ilustrada	Prezado amigo sr. Jerônimo Arantes
Bom amigo Jerônimo Arantes	Ilustre amigo Jerônimo Arantes	Prezado amigo sr. prof. Jerônimo Ara.
Caríssimo amigo Jerônimo Arantes	Ilustre intelectual	Prezado colega
Caríssimo Jerônimo	Ilustre prof. sr. Jerônimo Arantes	Prezado confrade
Caríssimo Jerominho Arantes	Jerominho amigo	Prezado professor Arantes
Caro amigo Jerônimo Arantes	Meu caro Jerônimo	Prezado senhor
Caro colega e amigo Jerônimo Arantes	Meu prezado e velho amigo	Professor Jerônimo Arantes
Caro Jerominho	Prezado amigo	Redação do Triângulo de Minas
Compade Dalbas Júnior	Prezado amigo e brilhante intelectual: sr. Jerônimo Arantes	Senhor Dalbas
Diretor Revista	Prezado amigo e colega Jerominho	Senhor Diretor
Exmos. Srs.	Prezado amigo e senhor	Senhor Diretor de Uberlândia Ilustrada
Exmo. Sr. Diretor	Prezado e distinto amigo	Senhor Gerente Senhor Jerônimo
Exmo. Sr. Jerônimo Arantes		Senhor Jerônimo Arantes
Ilmo. sr. Dalbas Júnior		

Fonte: APU. CPJA.PT.

A partir dessa categorização, chegamos ao seguinte resultado: 35 cartas (ou seja, 34,65% do total) empregavam o tratamento pessoal para se dirigirem a Arantes, enquanto 66 (65,35%) o tratavam formalmente.[491] Dentre as primeiras, encontramos cartas de ex-alunos, professores que trabalharam com Arantes e amigos. No segundo grupo, localizamos cartas provenientes de prefeituras, órgãos de imprensa, empresas de publicidade, institutos culturais (Instituto de Cultura Hispanica e Associação de Intercâmbio Cultural do estado de Mato Grosso), sociedades de classe, instituições filantrópicas (Rotary Club de Uberlândia), órgãos governamentais (Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP –, Secretaria de Educação e Cultura – não consta o Estado –, Secretaria de Educação e Saúde Pública de Minas Gerais), Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB –, Serviço Radiotelegráfico de Minas Gerais, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE –, Consulado dos Estados Unidos, colaboradores e outros.

[491] O total empregado para o cálculo da porcentagem foi o de 101 cartas, e não o de 114, que é a soma correspondência recebida, uma vez que em 13 não constava forma alguma de tratamento.

Os dados obtidos, nos quais se verifica a predominância do tratamento formal em detrimento da forma pessoal, corroboram as nossas análises que apontam, de um lado, para a centralidade ocupada pela revista *Uberlândia Ilustrada* no rol das atividades intelectuais desenvolvidas por Arantes e, de outro, para o seu empenho em produzir uma memória positiva acerca de si próprio. Esse número elevado de cartas com tratamento impessoal resulta do tema enfocado circunscrever-se aos aspectos relacionados à publicação de seu periódico, e há, em todas essas cartas, excetuando-se apenas aquelas referentes aos pedidos de confecção de clichês, felicitações a Arantes pela iniciativa de publicar seu periódico, assim como pelos aspectos positivos inerentes à revista.

Acreditamos que os elogios contidos nessas cartas revestiam-se de maior autoridade pelo fato de não partirem de correspondência remetida por amigos, mas, sim, por instituições e pessoas fora do seu círculo de intimidade, que, justamente por serem formais, não teriam motivos para gabos duvidosos provenientes apenas de questões de ordem afetiva ou sentimental. Preservar essa correspondência, portanto, poderia assegurar maior notoriedade ao trabalho realizado por Arantes e garantir os elementos necessários para a construção de uma memória prodigiosa acerca de sua atuação e, é claro, de si próprio.

Uma outra conclusão a que chegamos com base no resultado obtido com a análise dos tratamentos impressos na correspondência de Arantes — conclusão aprofundada pela leitura do conteúdo das cartas — refere-se à quase inexistência de registros concernentes à sua vida privada. Mesmo as cartas nas quais encontramos o tratamento pessoal, portanto aquelas escritas por pessoas mais próximas, nas quais poderíamos esperar referências mais consistentes à sua família, esse fato não se verificou: os familiares de Arantes, quando citados, o são de forma genérica, sem alusões a nomes próprios e/ou menção de lembranças de fatos ocorridos nos quais eles estivessem presentes. A única exceção foi encontrada em uma carta proveniente de Campinas/SP; nesta, após agradecer a Arantes pela revista enviada e comentar fatos corriqueiros, o autor despede-se e faz menção a uma das filhas de Arantes: “Minhas recomendações a todos os seus e

especialmente à inteligente e boa amiguinha Delícia".[492] Porém, esse fato não se repetiu nas outras cartas, prevalecendo o distanciamento e a referência polida.

Duas dessas cartas, por exemplo, foram-lhe enviadas no ano de 1941 pela mesma pessoa, Honório Guimarães, amigo e ex-colega de profissão. Em uma delas, o autor inicia saudando Arantes e seus familiares da seguinte forma: "Jeromynho, meu velho amigo e companheiro vitorioso das grandes e nobres labutas, amplexo fortíssimo, com a minha saudação e as de Margarida e nossos filhos a tua exma. esposa e dignos filhos".[493] Na segunda missiva, o autor menciona as mesmas pessoas e estende as felicitações natalinas dirigidas a Arantes à sua esposa e filhos.[494] Em uma outra carta, proveniente do Rio de Janeiro, o autor inicia com o afetivo e íntimo tratamento de "Caríssimo amigo Jerônimo Arantes", e refere-se formalmente à família do destinatário, com a seguinte despedida: "Sem mais abraços a todos da família e uma saudosa recordação do velho amigo".[495]

Assim, na correspondência, o registro de familiares guarda mais relação com o que prescreve as normas de polidez do que, efetivamente, com possíveis laços de afetividade e também de intimidade. Há, por exemplo, uma carta que lhe foi enviada por uma correspondente pertencente à família Bandeira, da qual era membro José Félix Bandeira –, *"amado mestre e leal amigo"* de Arantes[496]–, que, embora iniciada pelo tratamento de "Amigo Jerônimo Arantes", não faz referências aos familiares do destinatário.[497] Em outra carta, a qual denota muita intimidade com o destinatário, posto que, além de denominá-lo *"velho amigo",* o trata pelo primeiro nome e carinhosamente no diminutivo: *"prezado amigo Jerominho"*. O autor, apesar de ressaltar a antiga

---

[492] CARLINHOS. *[carta]*. Campinas, 13 maio 1941. Carta a Jerônimo Arantes de agradecimento pelo exemplar recebido da revista *Uberlândia Ilustrada*, contendo muitos elogios ao seu trabalho. O autor menciona também a entrega de um exemplar da referida revista a um amigo em comum, residente como ele em Campinas e encerra com a justificativa de não se estender mais em função de estar convalescendo de uma forte gripe. APU. CPJA. PT.

[493] GUIMARÃES, H., 12 set. 1941, op. cit.

[494] GUIMARÃES, Honório. *[carta]*. Belo Horizonte, 22 dez. 1941. Carta a Jerônimo Arantes felicitando-o, assim como à sua família e à redação da *Uberlândia Ilustrada*, pelas festas de final de ano e desejando-lhes felicidades ano que se aproximava. APU. CPJA. PT.

[495] SILVA, A., 14 out. 1941, op. cit.

[496] ARANTES, J. Professor José Felix Bandeira. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 10, jul. 1941, p. 11. APU. CPJA.

[497] BANDEIRA, [Chiquinha] de Mesquita. *[carta]*. Frutal, 24 out. 1941. Carta a Jerônimo Arantes de agradecimento, emocionado, pela homenagem que aquele teria prestado a Bandeira [José Felix Bandeira, antigo professor de Arantes e proprietário do Colégio Bandeira, estabelecimento de ensino onde Arantes teria iniciado a sua atividade como professor] na Uberlândia Ilustrada, n. 10, op. cit. APU. CPJA. PT.

amizade existente entre ambos, não menciona a família de Arantes: *"Acuso o recebimento da revista Uberlândia Ilustrada de sua remessa, que é motivo de muito agradecer pela sua delicadeza de amigo velho e de velho amigo".*[498]

Sem citar os laços de aproximação com a esfera privada, os temas tratados nas cartas, incluindo aquelas inseridas na categoria Pessoal, circunscreviam-se aos domínios da atividade profissional do destinatário, tais como: envio de fotografias para publicação na revista, agradecimento por exemplares recebidos, congratulações pelo trabalho realizado na *Uberlândia Ilustrada* e outros. Para nós, esse distanciamento da família, presente mesmo nas cartas recebidas de pessoas pertencentes ao seu círculo de amizade, reforça a hipótese anterior de que o núcleo da correspondência recebida por Arantes dizia respeito à produção da *Uberlândia Ilustrada* – sem, contudo, apresentar relação com aspectos mais privados de sua vida – e, a partir daí, deveria servir como elemento para a construção da memória que pretendia ver relacionada ao seu trabalho.

Em síntese, podemos concluir que o acervo formado por Arantes constitui-se em uma fonte de pesquisa por meio da qual é possível dialogar com uma dada forma de se escrever sobre o passado, qual seja, aquela concernente à produção da história local segundo a ótica dos memorialistas que se debruçaram sobre a escrita da história sem serem, no entanto, historiadores profissionais. Encontramos ali as fontes, anotações e seleção de documentos reveladores de como esses memorialistas desenvolviam os seus trabalhos, de onde partiam para as suas elaborações e como tornavam possíveis algumas conclusões a que chegavam. Para nós, essa documentação encerra ainda a possibilidade de compreensão do universo de seu autor, assim como permite generalizações desse universo para contextos mais amplos. Concordamos, pois, com Schwartzman, que, ao analisar o acervo deixado por Gustavo Capanema, chegou à seguinte conclusão: "O que este tipo de material [acervos particulares] permite é adquirir uma visão muito mais rica e complexa dos fenômenos históricos, a partir das motivações e visões de seus protagonistas".[499]

---

[498] BERNARDES, Honorato. *[carta]*. Monte Alegre, 29 set. 1959. Carta a Jerônimo Arantes de agradecimento pelo número recebido da *Uberlândia Ilustrada*. APU. CPJA. PT.

[499] SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra, Fundação Getúlio Vargas, 2000.

Embora o conjunto da documentação seja de natureza descritiva e pouco crítica, não dizendo respeito a problemas de ordem teórica e nem se referindo a questões metodológicas, contendo apenas informações que serviram de subsídios para as pesquisas realizadas por Arantes, o contato que tivemos com a coleção possibilitou-nos formular a seguinte hipótese: o acervo tinha outra função além de servir como fonte de pesquisa, qual seja, guardar a memória que Arantes buscava preservar a respeito de si próprio.

Não é sem razão que encontramos, em meio a esses documentos, vários recortes de jornais em que foram registrados comentários da imprensa local sobre a *Uberlândia Ilustrada*, sempre laudatórios, é claro. Os fragmentos a seguir fornecem alguns dos exemplos do teor dos recortes arquivados. *"Está circulando o n˚. 10 desta excelente revista ilustrada, sob a direção inteligente do professor Jerônimo Arantes." "Circulou ontem mais uma edição da primorosa revista 'Uberlândia Ilustrada'..."* Em outro recorte está escrito: "*Uberlândia Ilustrada*: — *A magnífica revista do nosso confrade Jerônimo Arantes, nos visitou mais uma vez..."* Um quarto recorte menciona: *"Temos sobre nossa mesa de trabalho, a belíssima revista 'Uberlândia Ilustrada'..."* [500]

Localizamos ainda, no interior das pastas temáticas, recortes de vários artigos escritos e publicados por Arantes em jornais da cidade, diversas correspondências recebidas e cópias de algumas cartas expedidas, quase sempre, tratando de questões relativas à referida revista, cujo tema incidia sobre os aspectos positivos que caracterizariam o trabalho desenvolvido por Arantes.

Nesse sentido, se esse acervo constitui-se como pista útil para adentrarmos nos projetos reservados por Arantes à escrita e pesquisa acerca dos fatos relacionados ao passado da cidade de Uberlândia, ao mesmo tempo, a referida coleção consubstancia-se em uma fonte por meio da qual apreendemos os indícios das representações construídas por ele a respeito das fontes de pesquisa e dos aspectos da memória que ele pretendia legar. Pois, de acordo com as análises de Le Goff: *"A intervenção do historiador que escolhe o documento, extraindo-o do conjunto dos dados do passado, preferindo-o a outros, atribuindo-lhe um valor de testemunho (...) insere-se numa situação inicial que é ainda menos 'neutra' do que a sua intervenção*".[501] Dessa forma, acreditamos que os documentos não foram acumulados aleatoriamente por Arantes, mas, ao

[500] APU. CPJA. PT.
[501] LE GOFF, 1996, op. cit., p. 547.

contrário, por trás de cada recorte arquivado, de cada carta, de cada fotografia, assim como de cada jornal, livro e revista havia um critério de seleção presidindo a sua escolha, bem como a sua conservação e manutenção no interior do *Arquivo Histórico*.

O que orientava essas escolhas? A forma como deveria ser lida a vida de Arantes, segundo ele mesmo. Pois, por meio da análise dos documentos acumulados e preservados seria possível não apenas adentrar nos projetos de seu titular para a produção de seus estudos sobre a história da cidade, mas, fundamentalmente, penetrar na intricada trama de representações que ele ajudou a tecer acerca de si próprio, compondo parte do que poderia denominar-se de um projeto autobiográfico, *"... em que a presença do eu é simultaneamente testemunhal e autoral. (...) porquanto, construindo seu arquivo, ele constrói sua expressão individual, sua imagem, seu eu, efetuando o pacto com o leitor (no caso, o usuário do arquivo)"*.[502]

O estudo de seu acervo demonstrou, em suma, que a fatia da memória que Arantes parecia ter a intenção de legar foi alvo de uma cuidadosa seleção realizada por seu titular, cujo objetivo parece ter sido o de registrar a importância de seu empreendimento jornalístico – relativo à elaboração e publicação de sua revista –, bem como ressaltar a relevância de seu trabalho com a pesquisa e produção de uma das versões sobre a história de Uberlândia, conforme analisaremos no item subseqüente, relativo à *Uberlândia Ilustrada.*

Grande parte da documentação de tal acervo foi produzida, coletada e depois empregada para a composição de seus livros e, principalmente, da sua revista *Uberlândia Ilustrada.* Com a publicação desse periódico, Arantes deu vida à documentação – dado que a utilizava para produzir seus textos – e, por conseguinte, engendrou as condições necessárias para que seu trabalho desenvolvido no âmbito da história da cidade atingisse um maior número possível de leitores. Nesse sentido, a revista representou o instrumento por meio do qual Arantes construiu uma das versões da história local, divulgou-a para o seu público leitor e produziu as suas representações.

[502] FRAIZ, op. cit., p. 92.

3.3. "Uberlândia Ilustrada": Trajetória e Patrocinadores

Arantes, conforme já examinamos, valeu-se de seu trabalho à frente do Colégio *Amor às Letras*, bem como de sua posição no serviço público, do prestígio que o cargo ocupado lhe conferia e de sua literatura escolar para produzir as representações sobre a educação municipal, dos entrelaçamentos entre esta e a política e, concomitantemente, construir a sua própria imagem. Da mesma forma, de seu envolvimento com o arquivo de documentos e a edição de sua Uberlândia Ilustrada resultaram representações da política, da cidade e, notadamente, de si próprio.

Pensamos que foi por intermédio da literatura específica sobre a história da cidade e principalmente por meio de sua revista, a *Uberlândia Ilustrada*, que tais representações foram produzidas e divulgadas. Um memorialista residente em Uberlândia, ao ser questionado sobre o significado para a sociedade local do periódico editado por Arantes, fez a seguinte análise:

> *O interesse [pela revista] talvez fosse o do prazer de ver citado o nome de familiares. (...) Na época da revista, a cidade era formada por famílias que já vinham desde o século passado residindo aqui, raras eram as pessoas que chegavam de fora, então eu acho que o interesse que a revista despertava era exatamente porque estava falando de antepassados das pessoas que liam.*[503]

Com efeito, falar do passado enaltecendo a figura de políticos, empresários, e ressaltando a importância de suas realizações, contava muito em uma época na qual Uberlândia ainda era habitada, em grande parte, por pessoas que haviam nascido ali e que, por isso, cultuavam seus fundadores e orgulhavam-se de seu desenvolvimento econômico e de sua expansão demográfica. Arantes colocou-se, então, em posição privilegiada para produzir as representações referentes ao passado da cidade que muito satisfaziam aos seus cidadãos, assim como encontrou meios para expressar o "orgulho" dos uberlandenses em relação à sua história, uma vez que editou durante 26 anos a revista *Uberlândia Ilustrada,* em cujas páginas estampavam-se essas representações.

Inferimos, pois, que, da associação entre o seu trabalho na educação – primeiramente em sua própria escola e depois no serviço público – e a edição desse periódico, engendrou-se uma dada representação para a história local, para a política, para a cidade e, é claro, para si próprio, que continha muitos elementos em comum. Dentre esses pontos de confluência, destacamos: a

[503] SILVA, A., nov. 2001, op. cit.

imagem idealizada das riquezas naturais do município ("Das imensas riquezas naturais que possui o município de Uberlândia, é inquestionavelmente o rio Uberabinha a sua jóia mais preciosa".); o discurso apologético das ações implementadas pelos dirigentes políticos ("Como vereador da primeira Câmara Municipal e reeleito em períodos sucessivos, [Cel. Arlindo Teixeira] defendeu sempre projetos de leis visando o progresso da cidade ...".); o exagero nas proporções do desenvolvimento econômico e crescimento de Uberlândia ("Instalam-se por todos os recantos fábricas de vários gêneros, em franca produção".) e, por fim, a valorização de seu próprio trabalho como arauto de tantas glórias: "Reaparece agora a preciosa revista 'Uberlândia Ilustrada' divulgadora das riquezas de nossa gleba e magazine a que o professor Jerônimo Arantes vem emprestando todo o vigor de sua inteligência".[504]

Antes, porém, dessa "epopéia" jornalística, Arantes produziu dois jornais avulsos de duração efêmera. Do primeiro deles, denominado *A Escola rural*, foram publicados apenas três números nos meses de fevereiro, março e julho de 1934. O outro, *Jornal dos professores municipais*, teve vida ainda mais breve, extinguindo-se após a publicação de apenas um número, em fevereiro de 1950.[505]

O objetivo desses jornais, segundo consta no editorial de um deles, era servir de "... bússola que norteará o destino dessa parcela pequenina, do número vultoso desses humildes obreiros do progresso da humanidade, que são os esquecidos professores primários".[506] Nesses pequenos periódicos dirigidos por Arantes, publicavam-se poemas de alunos e de professores; artigos sobre eventos escolares, especialmente aqueles relacionados às comemorações das datas cívicas; panegíricos de professores ilustres; notícias sobre a realização de eventos escolares, assim como os relatórios produzidos pelo Serviço de Educação e Saúde do Município, repletos de dados estatísticos sobre o número de escolas e de alunos matriculados. Dessa forma, cobria os eventos relacionados à educação pública primária, sobretudo a educação rural, local onde Arantes mais atuou, porquanto as escolas rurais ficavam sob a responsabilidade do poder público

---

[504] RIO Uberabinha. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 4, p. 6, jun. 1939. APU. CPJA./ ARANTES, J. Política, políticos e partidos, dez. 1955, op. cit./ ARANTES, J. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 21, jun. 1956, não paginado, jun. 1956. APU. CPJA./ O LÁBARO. Noticiário da imprensa. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 13, p. 7, dez. 1946. APU. CPJA.

[505] A ESCOLA Rural, Uberlândia, n. 1, 15 fev. 1934; n. 2, 15 mar. 1934; n. 1 [numeração incorreta], 15 jul. 1934. APU. CPJA./ JORNAL dos Professores Municipais, Uberlândia, n. 1, fev. 1950. APU. CPJA.

[506] ESTE Jornal. *Jornal dos Professores Municipais*, Uberlândia, n. 1, p. 1, fev. 1950. APU. CPJA.

municipal, e, tendo sido ele inspetor de ensino e, posteriormente, chefe do Serviço de Educação e Saúde também do município, conviveu de perto com o cotidiano dessas escolas e tentou ressaltar o esforço dos professores, o desempenho dos alunos, bem como divulgar o seu trabalho, dando visibilidade à sua própria atuação.

Ao cotejar os conteúdos desses jornais dirigidos por Arantes com aqueles analisados por Cruz nos periódicos paulistas, de natureza escolar, publicados nas primeiras décadas do século, encontramos algumas semelhanças. Segundo a autora, esses jornais produzidos pelas escolas adquiriam quase sempre: *"...uma feição literária tradicional, publicando poemas, pequenos artigos ufanistas sobre as datas pátrias e princípios de moral e civismo, crônicas de autoria dos alunos e professores e poesia e prosa de expoentes das letras paulistana e nacional"*.[507]

Periódicos escolares como aqueles editados por Arantes passaram a ser produzidos em algumas capitais (São Paulo, por exemplo) a partir do final do século XIX, no momento em que começava a se difundir a instrução privada e pública. Tidos como leituras domingueiras, por saírem aos domingos e/ou porque se destinavam à leitura de domingo, inicialmente, circunscreviam-se ao âmbito das escolas privadas, freqüentadas pela elite, pois eram produzidos quase exclusivamente no interior dos cursos preparatórios para a Faculdade de Direito. Todavia, com a expansão da escola pública e das classes noturnas, esse tipo de jornal expandiu-se para domínios mais populares e começou a ser produzido pelos grupos escolares e pelas demais escolas primárias.

Essa forma de jornal também se popularizou no interior, haja vista que, além daqueles dois títulos publicados por Arantes, no Arquivo Público de Uberlândia encontram-se depositados outros periódicos com as mesmas caraterísticas. São eles: *A Escola*, *AESU* – Jornal (Jornal da Associação dos Estudantes Secundaristas de Uberlândia), *Escola Normal*, *Maria* (editado pelo Colégio Nossa Senhora das Lágrimas), *Brasil Central* (publicado pelo Colégio com o mesmo nome), *O Ginasiano*, *O Escolar*, *Vida Escolar*, *O Secundarista*, *Tribuna Acadêmica* e *A Escolar*.[508] No entanto, todos esses periódicos, assim como as duas folhas escolares editadas por Arantes, tiveram existência efêmera.

---

[507] CRUZ, Heloísa de Faria. *São Paulo em papel e tinta*: periodismo e vida urbana, 1890-1915. São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial SP, 2000, p. 99.
[508] APU. CPJA.

Embora tenha se dedicado ao jornalismo por aproximadamente 40 anos e conquanto o interesse que parecia possuir pela imprensa periódica, Arantes não colaborou de forma regular com nenhum jornal da cidade.[509] Algumas vezes, escrevia textos relativos à história de Uberlândia, outras polemizava com memorialistas; esporadicamente, enviava algum artigo sobre temas relacionados à história local; publicava informações sobre dados estatísticos da cidade e região, fruto de seu trabalho no IBGE e também relatórios do funcionamento das escolas municipais, enfocando número de escolas, matrículas, eventos escolares etc.

No entanto, sua atuação mais duradoura nesse ramo não ocorreu no âmbito dos jornais, mas sim na concepção e edição da *Uberlândia Ilustrada*, revista de vida longa, pois, no período que compreende os anos de 1935 a 1961, foram publicados vinte e oito números, nos quais Arantes figurou como redator e editor, idealizando e produzindo a maioria dos textos.[510] A longevidade desse periódico contrariou os prognósticos pessimistas de "um colega" que duvidara da possibilidade de êxito daquele empreendimento jornalístico, vaticinando: "Qual. Você não 'fura'. Uma revista aqui em Uberlândia com esse programa? Pode ser. Eu duvido que você continue. Aqui muito em segredo: santo de casa não faz milagre".[511]

Não obstante o matiz desestimulador, a análise do amigo encontrava fundamentação em fatos da realidade, pois, até os anos de 1920, a extinção de pequenos jornais, assim como a de revistas, não se constituía um fato raro, ao contrário, até as primeiras décadas do século XX, era comum deparar-se com periódicos que encerravam a sua publicação no tímido número 1, e isto em cidades de grande porte (São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador, por exemplo), cuja população era superior à de Uberlândia e, conseqüentemente, era também maior o número verificado entre o público leitor: *"... parte significativa dessas pequenas folhas e revistas, (...), vindo a público com toda pompa, com artigos de fundo que delineavam extensos programas, não conseguem passar dos primeiros números"*. [512]

---

[509] Em 1925, ao homenageá-lo a propósito de seu aniversário, *A Tribuna* ressaltou o fato de ele ser correspondente de *O Jornal*, um periódico do Rio de Janeiro. Contudo, não encontramos nenhuma outra informação a esse respeito e tampouco exemplares desse jornal em meio à sua documentação. (PROFESSOR Jeronymo Arantes, 02 ago. 1925, op. cit.).

[510] Anexo I. Inventário da Coleção Professor Jerônimo Arantes. Arquivo Público.

[511] UM COLEGA: Fragmentos. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 3, não paginado, maio 1939. APU. CPJA.

[512] CRUZ, op. cit., p. 146.
Sodré também apresenta em sua obra um quadro extenso da proliferação e da rápida extinção de muitos jornais e revistas publicadas por todo o país no período que se inicia logo nas primeiras décadas do século XX, indo até aproximadamente o final dos anos de 1940. (SODRÉ, Nelson W. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. 275-389).

Contudo, a revista de Arantes sobreviveu à rápida extinção, mostrando ao amigo pessimista que ele se enganara e que, contrariando suas predições negativas, possivelmente fundamentadas naquela tendência de fugacidade da pequena imprensa no país, o santo de casa daquela vez conseguiu um milagre. Milagre que, segundo as palavras do próprio Arantes, serviu para embranquecer-lhe os cabelos.[513]

De fato, parecia não ser nada fácil produzir e manter por longas décadas, em uma cidade interiorana como era Uberlândia e com poucos recursos gráficos, uma revista como aquela concebida por Arantes.[514] Distante das capitais, onde abundavam instrumentos materiais e mão-de-obra minimamente especializada e também onde se encontravam as editoras e gráficas aparelhadas para produzir periódicos daquela natureza, o proprietário da *Uberlândia Ilustrada* teve que ir superando os obstáculos e vencendo as dificuldades que surgiam pelo caminho. Nos anos de 1940, um articulista ao resenhar a revista de n°. 10 reconheceu os esforços de Arantes e denominou a *Uberlândia Ilustrada* de "vitoriosa".[515] Na década seguinte, o jornal *Correio de Uberlândia* tocou na mesma questão:

> *... a revista utilíssima que o prof. Jerônimo Arantes vem mantendo nesta cidade com o devotamento de um crente dos nossos destinos e com as dificuldades que são conhecidas de todos que se abalançam a empreendimentos dessa natureza, principalmente no interior, onde a incompreensão é maior do que nos grandes centros.*[516]

A revista *Elite Magazine*, ao homenagear Arantes em um de seus números, também ressaltou as dificuldades e a persistência de Arantes em prosseguir com seu projeto jornalístico: "Ao que sabemos, é a revista mais antiga da cidade e que, lutando com as limitações do meio, pois é muito difícil fazer revistas no interior, tem sabido vencer galhardamente os empecilhos e manter-se firme no seu programa".[517]

---

[513] ARANTES, J. *[carta]*. Uberlândia, 27 set. 1940. Carta ao diretor do jornal *Lavoura e Comércio*, da cidade de Uberaba, com a finalidade de solicitar-lhe esclarecimentos acerca de problemas com assinaturas do referido periódico, envolvendo o seu nome. APU. CPJA. PT.

[514] Não obstante as dificuldades havia aqueles entusiastas, prontos para exaltarem as qualidades de Uberlândia e, a partir daí, fazerem prognósticos otimistas acerca do sucesso da revista de Arantes: "Em Uberlândia têm-se elementos para manter uma boa revista. Cidade rica, culta e bela. A meu ver, o meu nobre amigo será bem sucedido". (BARROSO, Luciano. Fragmentos. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 3, não paginado, maio 1939. APU. CPJA).

[515] UBERLÂNDIA Ilustrada. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, [194-]. APU. CPJA. PT.

[516] REGISTRO. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n, 16, p. 30, jun. 1953. APU. CPJA.

[517] JERÔNIMO Arantes, op. cit., p. 34.

O trabalho que Arantes parece ter mobilizado para elaborar os próprios textos, organizar todas as matérias produzidas pelos colaboradores e para publicar a revista, deve ter de fato lhe rendido mesmo alguns fios brancos na cabeça, ainda mais que, de acordo com uma de suas netas, as atividades jornalísticas executadas por ele eram altamente centralizadas: além de idealizar e administrar a produção e circulação da *Uberlândia Ilustrada*, ele executava grande parte das etapas implicadas na publicação, uma vez que datilografava os manuscritos, realizava pesquisas, redigia alguns artigos, selecionava as fotos ilustrativas de algumas matérias e concebia as capas das revistas. [518]

Mesmo sendo um trabalho centralizado, Arantes buscava inspiração em outros periódicos de publicação nacional para a elaboração de sua *Uberlândia Ilustrada*, como demonstram as anotações contidas em um recorte da capa de uma revista arquivada em suas pastas temáticas. No referido recorte, ele grifou a foto de um retrato feminino e ressaltou que deveria utilizar aquela mesma diagramação no número que estava elaborando de sua própria revista. Embora no recorte não conste o título do periódico, pensamos que se tratava de *Manchete*, pois o formato aproxima-se muito dessa revista carioca, e Arantes parecia conhecê-la bem, pois possuía em sua biblioteca os 16 primeiros números publicados no ano de 1952.[519]

Ao fazer o prognóstico negativo acerca da sobrevivência da revista, aquele amigo talvez estivesse levando em conta, além do suposto desinteresse da população pela leitura e o histórico de fugacidade registrado na imprensa brasileira, a ambição do projeto jornalístico de Arantes. De fato este era deveras ambicioso, pois o periódico caracterizava-se pelo ecletismo dos temas abordados, anunciado no cabeçalho das suas primeiras páginas, do qual constavam as suas áreas de abrangência, que compreendiam respectivamente: literatura, história, comércio, indústria, agricultura, pecuária, estatística, viação, instrução e genealogia.

---

[518] ARANTES, Vera R. C., op. cit.
Esse trabalho centralizado, desempenhado por Arantes na produção de sua revista, pode ser relacionado ao processo de inserção das elites intelectuais e letradas no ramo jornalístico, verificado em São Paulo nas primeiras décadas do século XX. Segundo Cruz, a partir desse período homens ligados às letras e também ao próprio jornalismo assumiram o papel de editores independentes e passaram a dedicar-se à produção de "revistas domingueiras". Em meio a esses empreendedores, era comum encontrar pessoas que combinavam as suas atividades profissionais, exercidas, sobretudo, no magistério e na "burocracia governamental", com o trabalho jornalístico. (CRUZ, op. cit., p. 102-03).

[519] Anexo I. Inventário da Coleção Professor Jerônimo Arantes. Arquivo Público.

Todavia, essa diversidade não era um atributo exclusivo da *Uberlândia Ilustrada*. Outras revistas publicadas na cidade, no mesmo período, também possuíam característica semelhante, como, por exemplo, a *Elite Magazine*, que, em todos os números publicados, apresentava igual multiplicidade de temas, que iam desde poesia, esporte, música, passando por notícias políticas, artigos técnicos, estatísticas, economia, anúncios e reportagens diversas.[520] No editorial do primeiro número publicado da *Elite Magazine,* consta a sua pretensão de se firmar como uma revista de temas muito diversificados, da mesma forma que o periódico editado por Arantes: *"Nossa revista está programada para ser o espelho da vida artística, econômica, social e intelectual de nossa terra. (...) aparecerão trabalhos de nossos intelectuais, de nossos artistas, onde se refletirá a pujança econômica de Uberlândia*".[521]

Essa propensão ao geral perpassava jornais e revistas produzidos por todo o país nas primeiras décadas do século XX. Estes, na tentativa de diferenciar-se da imprensa diária, "mais rápida e dinâmica", pareciam pretender abarcar *"... 'tudo que interesse a todos'"*. [522] No caso de Arantes, em particular, pensamos que a generalidade presente nos temas tratados pela *Uberlândia Ilustrada*, ainda que estivesse em sintonia com as caraterísticas das revistas produzidas no mesmo período, relacionava-se muito mais com o seu projeto de construção da história local, conforme discutiremos adiante.

O conteúdo da *Uberlândia Ilustrada* ia desde os anúncios de casas comerciais, pequenas indústrias, escritórios de advocacia, consultórios médicos e odontológicos; publicação de dados estatísticos das escolas; passando pela apologia dos feitos das "promissoras" famílias de Uberlândia, no resgate da história da cidade e região – cujo trabalho de pesquisa e redação era executado pelo próprio Arantes – e culminando na publicação de roteiros de peças teatrais e poesias, muitos de sua autoria.

Havia sempre poemas na *Página Feminina,* muitos, inclusive, assim como na *Página Infantil* (denominada também *Galeria Infantil*); nas demais seções, também eram publicados versos, porém sem a mesma freqüência verificada nas duas anteriores. Às vezes, Arantes

[520] Anexo I. Inventário da Coleção Professor Jerônimo Arantes. Arquivo Público.
[521] A REVISTA da Elite. *Elite Magazine,* Uberlândia, n. 1, out./ nov. 1957, p. 1. APU. CPJA.
No entanto a revista não conseguiu se solidificar, extinguiu-se no segundo ano de publicação.
[522] CRUZ, op. cit., p. 106.

dedicava o espaço de duas páginas inteiras à poesia, independentemente de inseri-las em seções específicas, como foi o caso do último número publicado da *Uberlândia Ilustrada*.[523]

Esse emprego, amiudamente repetido, da publicação de poemas, sonetos e versos caracterizava uma estratégia de promoção muito difundida na imprensa nas primeiras décadas do século XX. De acordo com Cruz, as revistas de variedades empregavam freqüentemente a literatura, assim como a linguagem poética de uma forma geral, com o objetivo de amenizar o conteúdo de muitos artigos e também de tornar atraentes determinadas seções, a fim de conquistar a fatia do público leitor refratária a temas de teor mais reflexivo. Desta forma, algumas das estratégias empregadas por diversas revistas, inclusive por aquela produzida por Arantes, consistiam em "Colocar um soneto ao lado de um artigo de fundo, usar versos como epígrafes, quadrinhas populares, fazer reclames em poesias, inserir sonetos entre seções mais pesadas".[524]

Afora esse aspecto estratégico, acreditamos também que a presença da linguagem literária nas revistas de variedades guarda relação com um contexto histórico muito específico, qual seja a conformação dos jornais nos moldes da imprensa de cunho mais objetivo e de caráter informativo e a conseqüente redução do espaço destinado às colaborações literárias, inicialmente, transferidas para o rodapé e, posteriormente, separadas do corpo do jornal, dando origem aos suplementos literários. O resultado desse processo foi o gradativo expurgo dos textos literários das páginas dos jornais, bem como o afastamento de muitos colaboradores literatos do interior das redações.[525] Perdendo espaço nas páginas desses jornais, muitos intelectuais voltaram-se para a produção ou colaboração em revistas ilustradas, nas quais encontravam solo fértil para publicar seus textos.[526]

---

[523] UBERLÂNDIA Ilustrada, Uberlândia, n. 27, não paginado, abr. 1961. APU. CPJA.
[524] CRUZ, op. cit., p. 109.
[525] No entanto, esta oposição entre literatura e jornalismo de informação deve ser relativizada. Wirth faz a seguinte reflexão ao tratar da imprensa no estado de Minas Gerais,: "Não deve ser negligenciada a pátina cultural que freqüentemente enfeitava suas páginas. Poesia, observações sobre livros e comentários literários aumentavam seu prestígio diante daqueles que valorizavam a civilização". (WIRTH, op. cit., p. 131).
Ao analisar a dinâmica da imprensa em Uberlândia, elegendo como fonte as crônicas do jornalista Lycídio Paes, Santos também avalia que não houve uma separação drástica entre literatura e jornalismo de informação, uma vez que: "... o jornal sempre popularizou os literatos, divulgou suas primeiras produções, sempre incentivou as vocações artísticas em qualquer lugar do território nacional". (SANTOS, Regma M. dos. *Plumitivo claudicante:* impressões cotidianas, memória e história nas crônicas de Lycidio Paes. 2000. Tese (Doutorado) — PUC, São Paulo, 2000, p. 94).
[526] "É um pouco dessa transformação que decorre a proliferação das revistas ilustradas que ocorre a partir daí. Nelas é que irão se refugiar os homens de letras, acentuando a tendência do jornal para caracterizar-se definitivamente como imprensa; as revistas passarão, pelo menos nessa fase, por um período em que são principalmente literárias, embora também um pouco mundanas e, algumas, críticas". (SODRÉ, op. cit., 297).

Ao lado da literatura, a análise do conteúdo da *Uberlândia Ilustrada,* ao longo dos anos em que foi publicada, demonstra a preocupação do seu autor em transformar o seu periódico em uma referência para os interessados em conhecer fatos atinentes ao passado da cidade – todos os números contavam com uma seção tratando de aspectos relacionados à história de Uberlândia e região –, ainda que mesclado de um forte apelo comercial, evidenciado no espaço destinado aos anunciantes. Em todos os números publicados, excetuando-se o 13°, encontravam-se presentes artigos, crônicas, reportagens, fragmentos de entrevistas e fotografias, cujo objetivo era discutir o passado.[527] *Vultos da nossa história*, A*través do Triângulo*, *Álbum de Uberabinha*, *Percorrendo o município* e *Revivendo o passado* foram títulos de algumas das seções que tinham como tema divulgar dados acerca da história de Uberlândia e região.[528] Não era, sobretudo, uma revista mundana, mesmo que circunscrita aos domínios da generalidade.

Embora no primeiro número não constassem, em editorial, os seus objetivos, a publicação de número três, ao justificar a sua mudança de nome, mencionou, ainda que genericamente, alguns dos propósitos da *Uberlândia Ilustrada*, a saber:

> *A troca de nome da revista não altera o seu plano, trazendo ela o nome da cidade onde nasceu. Continuará o seu programa, que é o da aliança entre os municípios componentes do Brasil Central, tudo fazendo no plano da boa imprensa, que trabalha em pról do engrandecimento dessa região prodigiosa do 'hinterland' brasileiro, obedecendo sempre os sentimentos de são patriotismo.* [529]

De fato, a revista tentava esta "aliança", estampando, em todos os números, uma matéria sobre a história de algumas cidades próximas a Uberlândia. A publicação de algumas cartas recebidas dos prefeitos das cidades de Tupaciguara e Monte Alegre, municípios vizinhos,

---

[527] À revista *Cultura Política* (revista mensal de estudos brasileiros, publicada durante o período de 1941 a 1945 pelo Departamento de Imprensa e Propaganda do governo ditatorial de Getúlio Vargas) também integrava uma seção voltada para a história, denominada *Textos e documentos históricos*, cujo objetivo era "resgatar momentos fundamentais de nosso passado". (GOMES, 1996, op. cit., p. 129).

[528] Apêndice III - *Uberlândia Ilustrada*.

[529] Nos dois primeiros números, a revista surge com o título de *Triângulo de Minas*, a partir do terceiro, o seu nome passa a ser *Uberlândia Ilustrada*. Segundo justificativa publicada pela revista, essa alteração decorreu de algumas confusões entre o seu título, *Triângulo de Minas*, e o nome de um jornal da cidade de Araguari, *Jornal Triângulo*. Por guardarem certa semelhança, estaria havendo transtornos no envio de correspondências e muitas cartas estariam chegando trocadas. (NOVO Título. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 3, não paginado, maio 1939. APU. CPJA).

também corrobora o interesse de Arantes em estabelecer, por meio de sua revista, um diálogo com as cidades adjacentes.[530]

No período em que Arantes começou a publicar seu periódico, Uberlândia tornava-se, gradativamente, um dos principais pólos de comércio do Triângulo Mineiro, e as páginas de a *Uberlândia Ilustrada* estampavam essa nova configuração:[531] *"Uberlândia, Minas, é um centro de convergência e de irradiação de importantíssima zona, atingindo, pela sua posição geográfica quatro Estados: Minas, São Paulo, Mato Grosso e Goiás"*.[532] Nesse sentido, pensamos que subjacente a essa aproximação com as demais cidades da região residia o interesse em solidificar a preeminência que Uberlândia estava conquistando, dissipando quaisquer rivalidades e, sobretudo, revestindo de consenso a supremacia comercial e política da cidade sobre os demais municípios.

Este "pacto consensual", estabelecido entre as elites em torno de um mesmo projeto, não era uma novidade engendrada no Triângulo Mineiro. Wirth, em seus estudos sobre Minas Gerais, destacou que uma das particularidades de toda a região consistia justamente no fato de, mesmo se encontrando mergulhada em um processo de desaceleração econômica e sendo dividida internamente em micro-regiões com características muito singulares — processo denominado pelo autor de *mosaico mineiro* —, as suas elites conseguirem mitigar as querelas internas e preservar a influência política em termos de Brasil, pois:

> *... o principal recurso do estado não era seu poder econômico, os recursos fiscais ou a força militar, mas a unidade política. Unido, Minas ocupava uma posição privilegiada para pedir favores econômicos ao governo federal em troca de apoio político. (...) Essa força eleitoral, acompanhada de uma bancada grande e disciplinada – apelidada de 'rebanho de ovelhas' – era o instrumento do poder mineiro.*[533]

Todavia, acreditamos que, além desse caráter político, no aspecto mais particular, a tentativa de aproximação verificada entre a revista *Uberlândia Ilustrada* e os municípios vizinhos teve outros significados no âmbito do projeto jornalístico empreendido por Arantes, tais como a

---

[530] BERNARDES, Paulo. *[carta].* Monte Alegre, 14 jun. 1963. Carta a Jerônimo Arantes informando-lhe dados solicitados para o número da revista em que seria publicada a resenha histórica do município de Monte Alegre. APU. CPJA./ PONTES, Manoel Ferreira. Fragmentos. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 3, não paginado, maio 1939. APU. CPJA.

[531] Abordaremos este aspecto no último item deste capítulo.

[532] DEL PICCHIA, Menotti. Uberlândia. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n.5, p. 5, jun. 1940. APU. CPJA.

[533] WIRTH, op. cit., p. 231-32; 236.

ampliação do público leitor e a obtenção de patrocinadores para o referido periódico (aspectos que discutiremos nas páginas subseqüentes).

Como o título já indicava, às reportagens e entrevistas seguiam-se fotografias em abundância. Era, com efeito, uma Uberlândia ilustrada que preenchia as suas folhas. Essa riqueza iconográfica parece ter sido um dos aspectos da revista que, inicialmente, mais chamou a atenção de seus leitores, sobretudo daqueles que enviaram ao seu proprietário cartas cumprimentando-o pela referida publicação.[534] Em todas essas missivas, estava destacado, além da importância do trabalho jornalístico desempenhado por Arantes, o forte impacto que as fotografias provocavam nos leitores:

> *Circulou esta semana nesta cidade a bem feita revista 'Triângulo de Minas', já de há muito esperada, sob a direção do professor Jerônimo Arantes, entusiasta da imprensa e acatado inspetor escolar municipal de Uberlândia. 'Triângulo de Minas' se apresenta com regular matéria de colaboração e um interessante editorial humorístico, de fina inspiração e muitas ilustrações que muita elegância e espírito emprestam à novel revista, que se publicando mensalmente enormes benefícios poderá trazer à zona do Triângulo, não só como veículo de propaganda, também como alevantamento cultural ... .* [535]

O emprego freqüente da fotografia na revista produzida por Arantes parece guardar relação com o entusiasmo que o uso dessa técnica desencadeou no meio jornalístico brasileiro nas primeiras décadas do século. Süssekind fala, inclusive, em um propalado "deslumbramento visual com a fotografia", que tomou conta dos meios editoriais do país: *"Assistiu-se, pois, na virada do século, a uma verdadeira corrida por parte dos jornais, das revistas ilustradas e da nascente 'indústria publicitária' em direção à imagem técnica, no Brasil*".[536]

Com efeito, o uso da ilustração e, posteriormente, o da fotografia generalizou-se nas revistas de variedades, como a *Uberlândia Ilustrada*, a partir da segunda década do século XX.[537]

---

[534] O ESTADO de Goiaz de Uberlândia. Como a imprensa amiga se manifestou referindo o aparecimento de 'Uberlândia Ilustrada'. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 4, p. 2, jun. 1939. APU. CPJA./ LAVOURA e Comercio de Uberaba. Como a imprensa amiga se manifestou referindo o aparecimento de 'Uberlândia Ilustrada'. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 4, p. 1, jun. 1939. APU. CPJA.

[535] REGISTRO: a voz da imprensa amiga anunciando o aparecimento desta revista. *Triângulo de Minas,* Uberlândia, n. 2, não paginado, jun. 1935. APU. CPJA.

[536] SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo das letras*: Literatura, técnica e modernização no Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 1987, p. 36.

[537] O uso da fotografia pela imprensa escrita não se generalizou apenas no âmbito das revistas de variedades, mas, como ressaltou Gomes, tal uso foi amplamente explorado pela imprensa diária. Ao analisar o suplemento *Autores e Livros* do jornal *A Manhã* (publicação do governo ditatorial de Vargas que circulou no período de 1941 a 1945) a autora ressalta a "... utilização de uma farta ilustração para os padrões da época". (GOMES, 1996, op. cit., p. 33).

Além das modificações plásticas, a publicação de imagens nos periódicos trouxe consigo a possibilidade de ampliação do número de leitores, pois as páginas ricamente ilustradas poderiam, a partir de então, ir além de sua destinação, circunscrita apenas ao público alfabetizado, e abrir-se também para as pessoas analfabetas, *"extrapolando as barreiras impostas pela norma escrita"*.[538]

Além dessa possibilidade de ampliar o seu alcance em relação aos leitores, a ilustração engendrou uma fonte de financiamento para estas revistas, uma vez que a publicação de retratos das elites constituiu-se em uma atraente "estratégia de sobrevivência" para esses periódicos. Ao analisar as revistas ilustradas, existentes no Brasil nas primeiras décadas do século XX, Sodré teceu o seguinte comentário acerca do papel desempenhado pela publicação de fotografias das elites no âmbito de revistas, como aquela editada por Arantes: *"Entre 1900 e 1931, circulou A Rua do Ouvidor, de Serpa Júnior, mundana e literária, sempre com um figurão na capa, figurão que garantia a continuação da revista pelo menos por uma semana mais*".[539]

Não obstante a abundância de fotografias de "figurões" e o entusiasmo inicial estampado nas páginas da revista de Arantes, a periodicidade que, inicialmente, deveria ter sido mensal tornou-se, ao longo dos anos, irregular, às vezes, mensal, outras semestral e bienal, e, no momento de maior crise, qüinqüenal. De acordo com depoimentos de Delvar Arantes, essa inconstância relacionava-se com a falta de recursos financeiros para a publicação da revista, pois os custos da gráfica bem como de toda a produção eram cobertos, quase na íntegra, com recursos do próprio professor Arantes, que, sendo assalariado, não dispunha de dinheiro suficiente para manter a publicação mensal.[540] Segundo o mesmo depoente, Arantes não possuía interesse em tratar de negócios financeiros, havendo da parte dele inclusive uma certa inaptidão para lidar com questões relacionadas a dinheiro. Prova disso estaria no fato de não ter conseguido sobreviver apenas dos recursos oriundos de suas atividades como jornalista e não ter priorizado a comercialização da revista, pois, às vezes, doava aos amigos o resultado de seu trabalho jornalístico.

---

[538] CRUZ, op. cit., p. 112.
[539] SODRÉ, op. cit., p. 298.
[540] ARANTES, D., 2000, op. cit.

Parece-nos, com efeito, que o envolvimento de Arantes com a produção de sua revista não se ancorava em um conjunto de interesses utilitaristas que encontraria no lucro e no enriquecimento financeiro os seus mais prementes objetivos. Ao contrário, idealizar, produzir e publicar a *Uberlândia Ilustrada* teria muito mais relação com aspectos relacionados à valorização dos atributos da inteligência em detrimento do trabalho utilitário, denotando, com isso, a permanência de traços da herança católica, presente entre os ibéricos, de recalcitrância ao culto protestante em torno da atividade utilitarista. Segundo Sérgio Buarque de Holanda, um dos traços constantes de nossa vida social consistiria na: *"... posição suprema que nela detém, de ordinário, certas qualidades de imaginação e 'inteligência', em prejuízo das manifestações do espírito prático ou positivo"*.[541]

Talvez tenha sido em decorrência desses fatores que Arantes não obteve muitos patrocinadores fixos para *Uberlândia Ilustrada*, ainda que, em todos os números, estivesse presente a propaganda que, a partir da segunda década do século XX, teria encontrado nas revistas de variedades o seu mais eficaz veículo de promoção.[542] De fato, em todos os números da revista de Arantes, encontravam-se estampados anúncios de empresas, comércios e profissões variadas. Nesse sentido, circulava pela revista o *Indicador Profissional*, composto pelos anúncios de profissionais liberais oferecendo serviços de advogados, médicos e dentistas. Em maior número, encontrava-se a publicidade de lojas de tecidos e confecções, sapatarias, joalherias e relojoarias, óticas, armazéns de secos e molhados, máquinas de beneficiar arroz, tipografias, livrarias, sorveterias, alfaiatarias cerâmicas, laticínios, padarias, hotéis, bares, agências de revistas e jornais, casa de móveis, farmácias, floricultura, imobiliárias, concessionárias de automóveis, postos de gasolina, hospitais e escolas.

O espaço reservado aos anunciantes, desde o primeiro número publicado da revista, distribuía-se da seguinte forma: havia anúncios na primeira página, geralmente, um mesmo anunciante ocupava todo o espaço, outros eram distribuídos ao longo do periódico, entremeados com os conteúdos, por fim, as duas últimas páginas também eram reservadas para tal

[541] HOLANDA, op. cit., p. 50.
[542] CRUZ, op. cit., 157.

finalidade.[543] Em geral, os anúncios eram acompanhados de gravuras e fotografias. As primeiras ora remetiam ao produto oferecido ora eram compostas dos logotipos das empresas anunciantes. Já as segundas eram sempre fotografias das fachadas dos estabelecimentos, ressaltando a placa indicativa do nome do comércio e/ou da empresa e, assim, revelando aspectos da rua e calçada onde se encontravam instalados.

No depoimento de uma das netas de Arantes, há uma passagem interessante a esse respeito. Segundo a depoente, as fotos de muitos estabelecimentos eram publicadas na *Uberlândia Ilustrada* sem o conhecimento e, por conseguinte, sem o consentimento de seus respectivos proprietários. Depois de concluída a revista, o seu avô separava um exemplar para cada casa comercial, escritório, consultório e/ou indústria destacada e o enviava ao comerciante, empresário e/ou profissional liberal interessado, juntamente com um pedido de contribuição para o referido periódico. Mas, como não se sentia à vontade para fazer o "*marketing*" do seu produto, empregava como mensageiro um de seus filhos, Delvar Arantes. Era este quem se dirigia aos contemplados com a publicidade tácita feita por seu pai, entregando-lhes exemplares da revista e pedindo-lhes contribuições para a edição dos próximos números.[544]

A correspondência de Arantes, contudo, demonstra que a despeito dessa sua "inaptidão" para o marketing, relatada por seus familiares, ele tentou obter patrocinadores para a revista escrevendo para municípios da região do Triângulo Mineiro, a fim de divulgar o seu empreendimento e solicitar patrocinadores. Há, por exemplo, uma carta respondida pelo prefeito de Tupaciguara, na qual este justifica a impossibilidade de, naquele momento, atender ao pedido de Arantes de investir na revista.[545] Outra correspondência também evidencia a tarefa empreendida por seu proprietário, a fim de conseguir recursos para financiar a publicação da *Uberlândia Ilustrada*:

> *Tenho o grato prazer de acusar o recebimento de vosso atencioso cartão data de 1. do corrente, em que me comunicais haver reservado espaço em vossa novel revista, para uma*

[543] Estes anúncios começaram a decrescer nos três últimos números publicados da *Uberlândia Ilustrada,* respectivamente o 26, 27 e 28. Os dois últimos não publicaram os grandes anúncios de primeira página e o primeiro não apresentou publicidade na última página. (UBERLÂNDIA Ilustrada, Uberlândia. APU. CPJA).
[544] ARANTES, V., op. cit.
[545] PONTES, Manoel F. *[carta]*. Tupaciguara, 24 out. 1936. Carta a Jerônimo Arantes respondendo a sua solicitação de verbas para publicar um dos números de sua revista *Uberlândia Ilustrada*. APU. CPJA. PT.

> *reportagem sobre o município de Nova Ponte. (...) Todavia, município novo, (...) não é possível ao seu governo empregar soma elevada com o serviço de publicidade...* [546]

Além disso, em algumas das edições, a partir da década de 1950, há referências explícitas a alguns patrocinadores, como, por exemplo, a Sociedade Médica Uberlandense, Associação dos Cirurgiões Dentistas do Brasil, Colônia Portuguesa de Uberlândia, Diretórios Políticos Municipais, Sociedade da Gente de Cor de Uberlândia, Sociedade Cultural Recreativa Ítalo-Brasileira de Uberlândia e Sociedade Farmacêutica do Triângulo Mineiro, sediada em Uberlândia. A carta de um médico, cujo fragmento foi publicado pela *Uberlândia Ilustrada,* corrobora o patrocínio. Depois de cumprimentar Arantes pelo número dedicado à classe médica, o autor da missiva deixou a seguinte observação: *"Mande cobrar a importância do nosso anúncio"*.[547] Em todas essas edições, além de constar da capa a denominação do patrocinador, em cada revista, havia uma longa reportagem sobre a instituição ou "grupo" homenageado, ressaltando a sua história, seus mais ilustres expoentes e perspectivas para o futuro.[548]

Em outros números, que figuraram como edições especiais, embora não haja a menção explícita ao patrocinador, é possível inferir que os homenageados, e/ou seus representantes, contribuíram para a sua publicação, como foi o caso dos números dedicados respectivamente ao cinqüentenário da autonomia administrativa de Uberlândia, cinqüentenário da imprensa de Uberlândia 1897-1947, entidades esportivas e culturais de Uberlândia, cinqüentenário da fundação da Livraria e Tipografia Kosmos e ao centenário de nascimento de João Pinheiro.[549]

---

[546] VEIGA, Octávio. *[carta]*. Nova Ponte, 5 maio 1939. Carta a Jerônimo Arantes comunicando-lhe o fato de aceitar a publicação de uma matéria sobre o município de Nova Ponte e informando-lhe que a contribuição para a revista teria que ser inicialmente pequena, pois o referido município era novo e não contava com recursos suficientes para investir em publicidade. APU. CPJA. PT.

[547] FREITAS, Fausto. Registro. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 17, p. 29, out. 1953. APU. CPJA.

[548] ESTA edição especial circula sob o patrocínio da 'Sociedade Médica de Uberlândia.' *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 16, capa, jun. 1953. APU. CPJA. / PATROCINA esta edição especial a Associação dos Cirurgiões Dentistas do Brasil Central. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 17, capa, out. 1953. APU. CPJA. / PATROCINA esta edição Colônia Portuguesa de Uberlândia. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 18, capa, fev./ out. 1954. APU. CPJA. / EDIÇÃO patrocinada pelos Diretórios Políticos Municipais. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 20, capa, dez. 1955. APU. CPJA./ EDIÇÃO patrocinada pela Sociedade da Gente de Cor de Uberlândia. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 21, capa, jun. 1956. APU. CPJA. / PATROCINA esta edição especial a Associação dos Cirurgiões Dentistas do Brasil Central. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 22, capa, set. 1957. APU. CPJA. / PATROCINA esta edição especial a Sociedade Farmacêutica do Triângulo Mineiro sediada em Uberlândia. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 24, capa, jun. 1958. APU. CPJA.

[549] NO cinqüentenário comemorativo da autonomia administrativa do município de Uberlândia. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 9, capa, abr. 1941. APU. CPJA. / EDIÇÃO especial em comemoração ao cinqüentenário da imprensa de Uberlândia, 1897-1947. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 14, capa, dez. 1947. APU. CPJA./ EDIÇÃO especial dedicada às entidades esportivas e culturais de Uberlândia, com o Concurso da Rainha do Esporte. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 19, capa, mar. 1955. APU. CPJA. / EDIÇÃO especial, comemorativa ao cinqüentenário da fundação da Livraria e Tipografia Kosmos. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 25, capa, set. 1959. APU. CPJA. / EDIÇÃO especial, dedicada ao centenário de nascimento de João Pinheiro, 1860-1960. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 26, capa, dez. 1960. APU. CPJA.

A contribuição financeira recebida dessas figuras laureadas torna-se perceptível, além da referência feita pela própria revista, na regularidade com que passou a ser publicada a partir de 1952. Desde então, até 1961, em todos os anos circulou pelo menos um número. Além disso, no período que vai de 1952 a 1961, por contar com um montante de verba maior, a *Uberlândia Ilustrada* chegou ao público ostentado um acabamento mais apurado em sua impressão gráfica; houve aumento no número de páginas e as capas tornaram-se mais sofisticadas, conforme se pode verificar pelas figuras reproduzidas abaixo. [550]

Figura 6. Revista "simples"
Uberlândia Ilustrada, n.3, maio 1939.
APU, CPJA.

Figura 7. Revista com edição especial.
Uberlândia Ilustrada, n. 9, abr 1941.
APU, CPJA.

[550] O período no qual Arantes contou com um montante maior de verba para aprimorar a sua *Uberlândia Ilustrada* coincide com a fase de desenvolvimentismo do país, tão bem caraterizada por Mello e Novais. De acordo com os autores: "Os mais velhos lembram-se muito bem, mas os mais moços podem acreditar: entre 1950 e 1979, a sensação dos brasileiros, ou de grande parte dos brasileiros, era a de que faltava dar uns poucos passos para finalmente nos tornarmos uma nação moderna. (...) Entre 1945 e 1964, vivemos os momentos decisivos do processo de industrialização, com a instalação de setores tecnologicamente mais avançados, que exigiam investimentos de grande porte; as migrações internas e a urbanização ganham um ritmo acelerado". (MELLO; NOVAIS, op. cit., p. 560).

O cuidado apresentado no acabamento é perceptível, ao se observar, na revista de nº 9 (Figura 7), o emprego de uma maior variedade de cores na impressão, assim como a impressão da foto em posição inclinada. Além disso, o papel utilizado apresenta qualidade superior aquele usado na revista nº 3. Desta forma, ao contrário do relato de alguns depoentes, a propalada inaptidão para o marketing não parece ter sido uma característica definidora de Arantes, pois, além de ter idealizado, e, posteriormente, produzido essa revista, ele foi um incansável divulgador de seu trabalho.

Produzir e divulgar a própria publicação, tal qual o fez Arantes, foi uma das características dos grupos que se dedicaram à produção de jornais e revistas de periodicidade semanal (alguns se tornaram, posteriormente, 56 quinzenais, mensais e semestrais) no início do século: "Revelando desde o início preocupações com a montagem de organizações editoriais independentes da imprensa diária, tais grupos buscam estabelecer estruturas editoriais mais profissionalizadas, que dessem conta da produção e divulgação de suas publicações".[551]

Mesmo que não tenha montado uma verdadeira estrutura editorial (prevalecendo características domésticas em sua atividade jornalística), a correspondência recebida e depositada junto com seu acervo no *Arquivo Público de Uberlândia*, cujos trechos foram publicados em alguns números do seu periódico, revela que Arantes não media esforços para levar o seu trabalho aos mais distantes cantos do país e também do exterior. A revista de número 21, por exemplo, registrou cartas de agradecimentos por exemplares recebidos da Biblioteca Pública da Bahia, Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, *Jornal do Caeté* no Pará, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do Instituto de Cultura Hispânica.[552] Sem contar as muitas cartas recebidas de amigos residentes em outras cidades agradecendo-lhe exemplares que lhes foram enviados pelo correio.

3.4. "Uberlândia Ilustrada": Seções e Público Leitor

Além do aspecto relacionado à generalidade dos temas, a ambição do projeto jornalístico de Arantes refletia-se também no variado público leitor ao qual ele destinava a *Uberlândia*

[551] CRUZ, op. cit., p. 103.
[552] REGISTRO. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 21, não paginado, jun. 1956. APU. CPJA.

Ilustrada. Pelos temas abordados, é possível inferir que a revista dirigia-se a todos os membros da "família uberlandense" e das demais famílias do Triângulo Mineiro, perfazendo, portanto, um amplo espaço de inserção social.

Aos pais, às mães e aos filhos, a revista reservava sua *Página* (*ou Galeria*) *Infantil.* Esta seção era composta de fotografias de crianças – em geral, filhos provenientes das famílias de poder aquisitivo maior (incluindo os próprios netos de Arantes) –, poemas e versos com temáticas infantis. Nos retratos, as crianças, algumas vezes, eram flagradas sozinhas, em outras ocasiões apareciam acompanhadas de irmãos e de seus pais. As fotos eram seguidas de legendas indicando o nome do homenageado, o de seus progenitores e a cidade onde residiam. Nas legendas, elogiava-se também a beleza e enaltecia-se o desenvolvimento físico-intelectual da criança em evidência. O exemplo citado a seguir repete-se em quase todos os números da revista, mudando-se apenas o homenageado: "*Elizabeth Lannes Bernardes. Mimosa e inteligente filha do casal prof. Euler Lanes Bernardes e sra. Edma da S. Lannes*".[553] Em alguns números da revista, na *Página Infantil*, acrescentavam-se às fotos, bem como às suas enaltecedoras legendas, poesias infantis dedicadas a alguma criança em particular: *"Ao Arnaldinho, mimoso pimpolho que encanta o lar feliz dos seus ilustres pais Arnaldo e Kriemilda*".[554] Em seguida, publicava-se a poesia em questão.

Como deleite para as mulheres, o periódico apresentava a sua *Página Feminina.* Nesta seção, eram publicadas poesias de autoria de Arantes, assim como de autores conhecidos em nível nacional (Humberto de Campos, por exemplo) e de poetas residentes na cidade e região (Clóvis Cesar, Felizardo Fontoura, Deusdete Moreira, Zulma Bessa, Honório Guimarães e outros); aforismos acerca do "papel" da mulher e da mãe na sociedade e outros acerca do amor, como este de autoria do dramaturgo Procópio Ferreira: *"Sem a doçura do amor, todas as alegrias da vida são amargas e sem expressão. A vida só vale pelo amor*".[555]

Na *Página Feminina,* encontravam-se também informações sobre concursos de beleza realizados sob patrocínio de clubes e entidades diversas e dicas de beleza, tais como receitas para

[553] PÁGINA Infantil. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 25, não paginado, set. 1959. APU. CPJA.
[554] PÁGINA Infantil. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 27, não paginado, maio. 1961. APU. CPJA.
[555] FERREIRA Procópio. In: Fragmentos. Páginas Femininas. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 24, p. 26, jun. 1958. APU. CPJA.

aumentar o brilho e outras para evitar a queda de cabelos. A publicação de fotografia das rainhas da beleza, *miss* Uberlândia e *miss* Brasil eram freqüentes neste caso. A seção apresentava também muitas fotografias de jovens da cidade e região, sempre acompanhadas de legendas elogiosas, como esta que se segue: *"Para o encanto de nossas amáveis leitoras organizamos nesta seção a 'página da beleza'. Figuram hoje nesta galeria de graça e encantamento, as lindas senhoritas de nossa escol social*".[556]

Em alguns números, a revista homenageava, na *Página Feminina,* mulheres que se destacavam em alguma atividade de cunho assistencialista, cultural e político, publicava, então, fotografias de professoras, mulheres de políticos, poetisas, voluntárias de organizações assistenciais e rendia-lhes entusiasmados elogios, tais como:

> *Página Feminina está hoje engalanada, estampando a figura da insigne brasileira D. Eunice Weaver, a quem temos a honra de render o nosso preito de homenagem, expressando a nossa admiração à sua distinta pessoa. Na orientação dos destinos da humanitária Associação Brasileira de Ajuda ao Menor (ABAM), o seu conceituado nome se destaca por todos os recantos do nosso Brasil imenso, onde brilha a estrela benfazeja dessa divina instituição de beneficência.*[557]

Aos políticos, investidores, comerciantes e industriais, o periódico não reservava apenas uma seção específica, mas, além do espaço publicitário, ao longo de toda a *Uberlândia Ilustrada*, estavam publicadas reportagens sobre as qualidades promissoras do município, no que dizia respeito à sua privilegiada localização geográfica, fertilidade de seu solo e potencial de crescimento. Artigos como o seguinte eram divulgados com freqüência no periódico de Arantes:

> *Uberlândia (...) De perfeita topografia, possuindo monumentais minérios de pedras e argila, nos arredores da cidade, que lhe dão facilmente o material para a sua construção, já maior das cidades mineiras nas zonas do Triângulo. O seu meio cultural, esportivo, social e industrial acha-se firmado em base segura para se desenvolver, ao par de sua intensa atividade comercial.*[558]

Outros temas que poderiam interessar àquele público giravam em torno das realizações de alguns prefeitos e breves notas sobre a política local. Sem contar os números especiais destinados a evidenciar determinadas entidades e associações de profissionais liberais, conforme

---

[556] PÁGINA de Beleza. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 23, p. 12, jan. 1958. APU. CPJA.
[557] PÁGINAS Femininas. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 23, p. 11, jan. 1958. APU. CPJA.
[558] ANDRADE, Alcebíades de. Fatores econômicos de Uberlândia. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 4, p. 29, jun. 1939. APU. CPJA

mencionado anteriormente. Associado a esses fatores ressaltava-se também a "educação" dos trabalhadores e os índices do desenvolvimento comercial e industrial da cidade, pois: *"Através das páginas da revista Uberlândia Ilustrada, dirigida pela operosidade de Jerônimo Arantes, pode-se constatar a riqueza cada vez maior desse município".*[559]

Embora algumas seções fossem claramente orientadas para atender às expectativas de uma fatia específica do público leitor, outras eram menos direcionadas e, por isso, poderiam interessar a um número maior de pessoas. Os artigos referentes à história do município, por exemplo, ao mencionarem dados relativos aos "pioneiros" e aos empreendedores do progresso local, poderiam constituir-se em atração para uma grande fatia do público leitor, pois, nessas matérias, cujos textos eram acompanhados de mapas e muitas fotografias de lugares e pessoas retratadas, a revista construía uma dada representação grandiloqüente do passado na qual deixava impressa a memória de homens e famílias cuja história, perpassada por glórias e sucessos, deveria interessar aos seus descendentes. Na *Uberlândia Ilustrada* de n.º 5, por exemplo, ao abordar a iminente criação de um distrito no povoado, até então, denominado Rocinha, Arantes acrescentou a seguinte legenda ao lado da foto do capitão Antonio Evaristo A. dos Santos: *"Fazendeiro e antigo morador na fazenda do Poção. Um dos maiores benfeitores do progresso de Rocinha: a estrada de automóveis, o cemitério do arraial e a capela do Patrimônio, são trabalhos que o cap. (...) empenhou grande esforço para sua realização".*[560]

Além das características de cada seção, bem como de seus conteúdos, um outro aspecto da revista que possibilita inferir acerca de sua pretensão em abranger um vasto universo de leitores, incide sobre a análise dos temas explorados nas capas de todos os números publicados da *Uberlândia Ilustrada*. As capas das revistas, como ressaltaram Andrade e Cardoso, constituíam-se em uma importante estratégia para atrair os leitores, por isso, eram cuidadosamente trabalhadas tanto pelos autores quanto pelas editoras. Ao analisar a revista *Manchete* essas autoras concluíram que, em meados da década de 1950, a referida revista:

> *... aprimorou a qualidade gráfica para ficar cada vez mais colorida, atraente e fácil de ler. Eram as condições exigidas para manter e conquistar mais leitores. Dado que o público leitor só podia ser definido experimentalmente, os editores levavam em*

[559] BRAGA, Antônio. Florão de Glórias. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 20, não paginado, dez. 1955. APU. CPJA.
[560] ARANTES, Jerônimo. Percorrendo o município: Rocinha. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 5, p. 29, jun. 1940. APU. CPJA.

> *consideração o fascínio que o assunto da capa da revista exercia sobre os leitores ou a aptidão dos leitores para receber as informações divulgadas pela revista. Ajustava-se a revista ao interesse e à capacidade de percepção do receptor da informação.*[561]

A *Uberlândia Ilustrada* não era exceção, sobretudo porque, conforme já discutimos, Arantes tinha na *Manchete* um modelo para elaborar seu próprio periódico. A análise das capas demonstrou que a revista de Arantes dirigia-se, por meio das imagens impressas em suas capas, prioritariamente, ao público adulto, composto por jovens, mulheres e homens das mais diversas ocupações profissionais. As imagens publicadas iam desde as praças e aspectos relacionados aos recursos naturais existentes no município (cachoeiras, por exemplo), até a fotografia de mulheres portadoras de grande beleza (misses, "princesas" e "rainhas"), passando pela fachada de edifícios considerados ícones do progresso local, tais como cinemas, igrejas, aeroporto, clubes de lazer, mercado municipal, fórum e outros. O quadro reproduzido a seguir apresenta uma relação das imagens empregadas por Arantes na composição das capas de todos os números publicados de sua revista.

"Uberlândia Ilustrada": Temas explorados em todas as capas

n *	Tema da Capa	n º	Tema da Capa	n º	Tema da Capa
1	Praça da República	11	Fachada: Cine Teatro de Udi.	20	Retrato Feminino
2	Retrato Feminino	12	Cachoeira do Mateiro	21	Retrato Feminino
3	Retrato Feminino	13	Ponte Afonso Pena	22	Aeroporto de Uberlândia
4	Cachoeira do Mateiro	14	Praça Tubal Vilela	23	Fachada do Cine Uberlândia
5	Retratos femininos	15	Fachada do Ed. do Fórum	24	Retrato feminino
6	Retrato feminino	16	Vista área da cidade, destaque Praça Tubal Vilela	25	Praia Clube, destaque retrato feminino
7/8	Fachada do Edifício de Exposição de Uberlândia	17	Fachadas: Grande Hotel, Merc. Mun., Matriz de Santa Terezinha	26	Retrato feminino
9	Fachada da Prefeitura de Udi.	18	Retrato Feminino	27	Desenho de três automóveis
10	Getúlio Vargas e formandos da Academia de Comércio de Udi.	19	Retrato Feminino	28	Retrato feminino

Fonte*: Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia. APU. CPJA.
* Esta coluna indica o número da revista.

[561] ANDRADE, Ana Maria Ribeiro de; CARDOSO, José Leandro Rocha. Aconteceu, virou manchete. *Revista Brasileira de História,* São Paulo, n. 41, p. 247, 2001.

A seleção das fotos impressas nas capas parece ter obedecido a um critério cuidadosamente observado, qual seja: evidenciar as imagens que melhor representassem o ideário progressista tão caro às elites locais. Desta forma, Arantes tentou contemplar vários aspectos passíveis de monumentalizar a cidade e, por conseguinte, a sua própria revista. Nesse sentido, a praça destacada era sempre a Tubal Vilela, *"...um verdadeiro primor de arte e beleza"*.[562] Foi inclusive a fotografia deste jardim que abriu o primeiro número da revista, quando ainda se denominava *Triângulo de Minas* e aquele era conhecido como Praça da República. Décadas depois, a Tubal Vilela voltou a figurar nos números 14 e 16 do mesmo periódico. As duas fotografias destas últimas capas realçavam a praça e seu entorno localizado à rua Duque de Caxias, com destaque para o edifício do Fórum e a matriz de Santa Terezinha. Na revista de nº. 16, a fotografia aérea focalizou, em primeiro plano, a praça, em seguida, a rua Duque de Caxias, onde estavam instalados os dois edifícios mencionados anteriormente; ao fundo, aparecia o prolongamento da cidade ultrapassando a estação da Cia. Mogiana de Estradas de Ferro.

Localizada à época no centro comercial e financeiro de Uberlândia, no entorno da praça Tubal Vilela e nas suas imediações, erguiam-se as principais lojas de comércio, as agências bancárias, o primeiro grupo escolar instalado na cidade, o edifício do Fórum, cinemas e a moderna catedral de Santa Terezinha. Era também para lá que os jovens se dirigiam nos finais de semana para passear e iniciar seus namoros.[563]

Em decorrência dessa centralidade, aquele espaço público figurou, durante muitos anos, como a imagem preferida para ilustrar cartões postais da cidade. O uso feito por Arantes da

---

[562] ARANTES, J. *Memória histórica de Uberlândia*: Organização e administração do município de Uberlândia. Uberlândia, 1962, não paginado, v. 2, p 104. (Datilografado). Acervo Delvar Arantes.

[563] A centralidade gozada pelas praças no cotidiano de Uberlândia, em particular, pela Tubal Vilela, foi abordada por Oliveira em sua pesquisa sobre as experiências boêmias em Uberlândia na década de 1940. Segundo o autor: "Visíveis do alto e também usufruídas intensamente pela população na sua cotidianidade eram as praças, que, desde o crepúsculo da década de 40, eram tratadas com zelo e acuidade, constituindo-se em motivo de regozijo e orgulho para toda a sociedade e também para a imprensa local. (...) Das diversas praças existentes em Uberlândia destacavam-se, em particular, a Antônio Carlos (hoje, Clarimundo Carneiro) e a República (hoje, Tubal Vilela), uma vez que nas suas proximidades estavam localizados diversos estabelecimentos comerciais, tais como: bancos, cafés, lojas de tecidos e cinemas. Nos seus interiores, eram realizados, além das comemorações públicas, festas populares e religiosas, encontros cotidianos em que desenvolvia uma sociabilidade doce e perene caracterizada pelo namorar, passear e conversar". (OLIVEIRA, Júlio C. de. Ontem, ao luar.... experiências boêmias em Uberlândia na década de 40. *História & Perspectivas*. Uberlândia, n. 23, p. 189-90, jul./dez. 2000). Além do referido estudo, a praça Tubal Vilela, em particular, tem sido objeto de algumas dissertações de mestrado, dentre estas destacamos: ALVES, Josefa Aparecida. *Sociabilidades urbanas*: o olhar, a voz e a memória da praça Tubal Vilela (1930-1962). 2004. Dissertação (Mestrado) - Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2004. / REDUCINO, Marileusa de Oliveira. *Uma praça e seu entorno*: plasticidades efêmeras do urbano. Uberlândia - século XX. 2003. Dissertação (Mestrado) - Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

imagem retratando a Tubal Vilela foi similar àquele presente nos referidos cartões, uma vez que os três números nos quais aquela praça surgiu estampada nas capas não trouxeram nenhum conteúdo a respeito deste e/ou de outro jardim público, em particular. Dessa forma, a sua função parece não ter sido outra se não aquela de ilustrar e chamar a atenção do leitor para o referido periódico, por intermédio da apresentação de um local que se constituía em referência para todos os habitantes de Uberlândia, fossem esses jovens e/ou adultos de ambos os sexos. Ao destacar essa praça em sua revista, publicando a sua imagem na capa de três números editados, Arantes buscava, portanto, identificação com o leitor por meio de uma triangulação composta pela praça, a cidade e sua revista.

A *Uberlândia Ilustrada* também destacou em suas capas a fachada de alguns edifícios transformados em símbolos da cidade, fosse pela monumentalidade de suas características arquitetônicas associadas às representações do poder que aqueles prédios abrigavam — figuram neste grupo: o edifício do fórum, da prefeitura e a igreja matriz de Santa Terezinha.—, fosse por se constituírem em ícones do progresso anunciado pelas páginas do periódico. Dentre os últimos, a revista contemplou o prédio da Exposição, o Mercado Municipal, o Cine Uberlândia, *"O maior e mais luxuoso cinema do Estado",* e o aeroporto.[564] A respeito deste último publicou-se na *Uberlândia Ilustrada,* o seguinte comentário:

> *VITÓRIA: A entrega da pista ao aeroporto de Uberlândia ao tráfego aéreo, é — por sem dúvida — uma autêntica vitória, eis que, nossa cidade ficará em perfeitas condições de ombrear-se com as grandes metrópoles brasileiras, já que seu campo de pouso permitirá toda a classe de aterrissagens.*[565]

Além dessas imagens, dos 27 exemplares publicados (os números 7 e 8 saíram em uma mesma edição), os retratos femininos estiveram presentes em 12 revistas, ou seja, este tema ocupou 44% do total de capas da *Uberlândia Ilustrada.* E quem eram as mulheres homenageadas? Jovens provenientes da elite local que obtiveram premiação em concursos de beleza, elegeram-se como rainha dos esportes, do comércio, princesa de clubes de lazer, misse negra etc.

---

[564] NOSSA capa. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 25, p. 1, jan. 1958. APU. CPJA.
[565] ENTROU em funcionamento a pista asfaltada do aeroporto internacional de Uberlândia. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 25, não paginado, set. 1959. APU. CPJA.

Em geral, essas fotos não remetiam a nenhuma reportagem e/ou artigo que compunha o conteúdo tratado na revista; excetuando-se os números 19 e 21, respectivamente, uma edição especial dedicada às entidades desportivas e outra patrocinada pela Sociedade da Gente de Cor de Uberlândia, cujas fotografias publicadas eram, na primeira, a de uma das candidatas ao concurso para eleger a rainha dos esportes e, na segunda, a misse negra, eleita em um concurso patrocinado pela revista. Além destas, a *Uberlândia Ilustrada* de nº. 18, ao abordar em seu interior o tema da capa, uma fotografia de Omeida Aparecida Monteiro, eleita rainha do comércio, fê-lo somente a título de informação, dedicando apenas uma página para cobertura do concurso que a elegera. Os dados a seguir possibilitam visualizar a ausência de correlação entre a imagem feminina reproduzida na capa e o tema ao qual a revista destinou um maior espaço.

"Uberlândia Ilustrada": Correlação entre imagem estampada na capa e temas abordados

N º	Data	Imagem da capa	Temas* (Artigo e/ou matéria de destaque na revista)
02	Jun. 1935	Retrato Feminino	Peça teatral de autoria de Arantes.
03	Maio 1939	Retrato Feminino	Álbum de Uberabinha e Através do Triângulo (história)
05	Jun. 1940	Retratos Femininos	Percorrendo o município (Rocinha).
06	Jul. 1940	Retrato Feminino	História da Fundação de Uberlândia.
18	Fev. 1954	Retrato Feminino	História da colônia portuguesa de Uberlândia
19	Mar. 1955	Retrato Feminino	História das entidades esportivas e culturais de Udi.
20	Dez. 1955	Retrato Feminino	Histórico Político de Uberlândia
21	Jun. 1956	Retrato Feminino	O negro em Uberlândia
24	Jun. 1958	Retrato Feminino	História das farmácias e farmacêuticos de Uberlândia
26	Dez. 1960	Retrato Feminino	Centenário de João Pinheiro e origens de Uberlândia
28	Ago. 1961	Retrato Feminino	História do bairro Martins em Uberlândia

Fonte: *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia. APU. CPJA.
*Aquele que ocupa um maior número de páginas

Conforme se depreende do quadro anterior, as outras 9 revistas restantes, cujas capas foram ilustradas com retratos femininos, não apresentavam nenhuma correlação entre os conteúdos tratados e as imagens reproduzidas em suas capas. A *Uberlândia Ilustrada* nº 3 trouxe como matéria central um texto dedicado a Joaquim Marques Póvoa, comerciante local, e estampou na capa a fotografia de Cilene de Freitas, como homenagem póstuma.[566] A revista de nº

[566] Em um pequeno texto, consta a seguinte justificativa para tal homenagem: "A efígie de Cilene Freitas, estampada na primeira página, aparece ali como reflexo do nosso sentimento e a expressão da homenagem que rendemos à sua memória, lamentando o seu desaparecimento, tão cedo, do meio da mocidade uberlandense, de onde era ela figura de realce, oriunda de uma das mais distintas famílias da nossa *escol* social". (NOSSA Capa. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 3, não paginado, maio 1939. APU. CPJA).

6, por exemplo, informou em sua capa que, naquela edição, se publicava "a história da fundação de Uberlândia", todavia ilustrou-a com foto de Ruth de Freitas, apresentando a seguinte justificativa, em nada reveladora da matéria publicada na capa como manchete:

> *A efígie de Ruth de Freitas figura na primeira página, como a homenagem destacada que a nossa revista lhe deseja tributar. Aluna do Colégio Sion da Capital Federal, se transferiu para o modelar Colégio Senhora das Lágrimas, desta cidade, onde cursa o 3.º ano normal. Os seus encantos têm como complementos ricos predicados morais e brilhante inteligência. É pupila do casal (...), da nossa escol social.*[567]

A revista de nº 20 informou igualmente em sua capa que aquela edição fora patrocinada pelos Diretórios Políticos Municipais e que publicava um "histórico político de Uberlândia", no entanto ilustrou-a com a fotografia de Valquíria de Souza, senhorita "da nossa elite social, eleita rainha do Praia Clube em 1955." Imagem completamente alheia ao tema ao qual a revista destinara mais da metade de suas páginas, ou seja, 18 das 34 existentes (53% do total).

Acreditamos que, ao estampar essas fotografias nas capas de sua revista Arantes estivesse tendo em vista torná-la atraente para um maior número possível de seus leitores, não restringindo o seu alcance apenas àquela fatia interessada no assunto em foco no interior do periódico. Dessa forma, em uma época na qual os concursos de beleza mobilizavam a população e que, por conseguinte, as suas mais eminentes representantes, tais como as misses e as "rainhas" de toda natureza, constituíam-se em objeto de desejo para uns, em fator de admiração e fonte inspiradora como padrão de moda e *glamour* para outros, trazer essas beldades na capa das revistas poderia constituir-se em uma eficaz estratégia de marketing, por meio da qual seria possível amenizar a densidade de alguns temas, convidar o leitor a folhear a revista e despertá-lo para a leitura de outros assuntos discutidos naqueles números e, quem sabe, capturá-lo para conhecer os próximos.[568]

---

[567] NOSSA capa. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 6, p. 23, jul. 1940. APU. CPJA.

[568] Ao tratar a forma como as revistas brasileiras, por meio de seus anúncios publicitários, contos e conselhos, construíam as representações do glamour e do *sex-appeal* no período que compreende os anos de 1940 a 1960, Sant'Anna tece os seguintes comentários: "A 'batalha pela beleza' conquistava bairros populares, se fazia presente nos programas de rádio e televisão, ganhava atenção de psicólogos e outros profissionais das ciências humanas. As misses e as atrizes de sucesso começavam a funcionar como garotas-propaganda". (SANT'ANNA. Denise B. de. Do glamour ao 'sex-appeal': notas sobre a história do embelezamento feminino entre 1940 e 1960. *História & Perspectivas,* Uberlândia, n. 23, p. 125-26, jul./dez., 2000).

Ainda que diversificando a temática, a análise de todas essas capas possibilita apreender um traço de unidade entre elas, qual seja, aquele que incide sobre as representações de progresso, beleza e também sobre a conseqüente omissão acerca dos problemas existentes na cidade, registrados em atas do Legislativo e também divulgados em alguns jornais. A beleza feminina, a monumentalidade dos edifícios e o ufanismo foram características das imagens ressaltadas nas capas da *Uberlândia Ilustrada,* que*,* presentes igualmente em seus textos, contribuíram, de um lado, para reforçar as representações positivas acerca da cidade e, portanto, para que o periódico fosse associado às imagens grandiosas que divulgava; de outro lado, essa estratégia poderia viabilizar a inserção da revista em meio a um público bastante diversificado.

Era, pois, ambicioso o projeto jornalístico idealizado e implementado por Arantes na cidade de Uberlândia a partir da década de 1930. Essa ambição materializava-se não apenas na diversidade dos temas tratados e, conseqüentemente, no vasto público ao qual a revista se dirigia, mas encontrava-se subjacente também nos altos números de sua tiragem. Os números publicados entre os anos de 1946 a 1952, respectivamente 12, 13, 14 e 15, tiveram uma tiragem de 3.000 exemplares cada um. Os outros números (16 a 18, 20 e 21), editados ao longo da década de 1950, quase dobraram a tiragem, pois inclui um total de 5.000 exemplares para cada um. Os demais números da revista não informaram a tiragem, mas pode-se inferir que não houve alteração além do acréscimo de 2.000 exemplares a partir do número 16.[569]

Ainda que não tenhamos dados que nos permitam cotejar os números apresentados pela *Uberlândia Ilustrada* com o de outras revistas editadas em Uberlândia, a comparação entre aquela e a população local já demonstra um pouco da sua pretensão.[570] Até o final da década de 1950, a população da cidade não ultrapassava o total de 85.000 habitantes, assim, levando-se em conta que era grande o número de analfabetos, o total de exemplares publicados por Arantes em cada um dos números da sua revista era considerável.[571]

---

[569] Deve-se, contudo, incorporar essas informações acerca da tiragem com um pouco de precaução, sobretudo aquelas que apresentam totais elevados, pois, conforme salienta Cruz, o número informado pode servir apenas para atrair anunciantes, ampliando, assim, a fonte de financiamento para a consecução do projeto. Nesse caso, a apresentação do número da tiragem funcionaria muito mais como uma estratégia de marketing do que como um dado seguro para caracterizar alguns periódicos. (CRUZ, op. cit., p. 139).

[570] Uma das revistas que mais se aproxima desta produzida por Arantes, tanto em abrangência temática, quanto em diagramação e total de páginas é a *Elite Magazine*. No entanto, em nenhum de seus números constam informações acerca de sua tiragem.

[571] UBERLÂNDIA. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 25, não paginado, set. 1959. APU. CPJA.

Tanto esforço para a consecução desse periódico não parece ter sido em vão, assim como não passou despercebido pelos leitores da revista o trabalho jornalístico de Arantes. Vários números da *Uberlândia Ilustrada* trazem trechos de algumas cartas recebidas, principalmente, daquelas enviadas por órgãos de imprensa da cidade e região, por meio dos quais tomamos conhecimento das representações que foram tecidas em torno dessa revista.

> *O número de Junho da revista Uberlândia Ilustrada, que se publica na cidade mineira de Uberlândia, sob a direção do jornalista Jerônimo Arantes, é uma prova do brilho social e da cultura do seu povo, do adiantamento [sic] da própria zona do Triângulo Mineiro. Sua impressão é clara, e nítida é a clicherie. Traz páginas literárias, vida social, deixando-nos bem ao par da vida social e econômica tanto do município e da cidade de Uberlândia, do Triângulo Mineiro e Goiás. 'Uberlândia Ilustrada' é uma publicação das melhores que se publicam em Minas Gerais.*[572]

Ao lado dessas características, algumas cartas publicadas na *Uberlândia Ilustrada* também expõem outras representações que foram construídas a respeito de Jerônimo Arantes, dado que ressaltam a importância do trabalho jornalístico desempenhado por ele, o seu espírito cívico em benefício da divulgação das riquezas do Triângulo Mineiro, bem como a sua elevada capacidade intelectual e os seus méritos na docência.

> *... Revista caprichosamente impressa, com excelente colaboração e variado noticiário. O professor Jerônimo Arantes, seu festejado diretor, com mais essa brilhante publicação, revela a sua vasta capacidade intelectual, dinamismo moral e esclarecido civismo em prol da grandiosa riqueza do Triângulo Mineiro. O esforço do homem superior para elevar-se ao lado da pátria vitoriosa é o que se nos apresenta 'Uberlândia Ilustrada', através do fecundo trabalho de Jerônimo Arantes. Parabéns a Uberlândia, que possui, ao lado da prodigiosa riqueza natural, espíritos privilegiados como o do professor Jerônimo Arantes.* [573]
>
> *Uberlândia Ilustrada: Em seu formato atraente e seu conteúdo magnífico, dentro dos assuntos históricos, políticos e literários, acabamos de receber o número 20 de 'UBERLÂNDIA ILUSTRADA', inteligentemente dirigida pelo intelectual Jerônimo Arantes, o conhecido Dalbas Júnior. A direção da brilhante 'Revista Magazine', que presta trabalho de relevo às letras uberlandenses, os nossos cordiais cumprimentos.*[574]
>
> *Por nímia gentileza do seu inteligente diretor, o professor Jerônimo Arantes temos, em nossa mesa de trabalho o número 23, de 'Uberlândia Ilustrada', grande revista editada nessa cidade, graças aos esforços e à boa vontade de um velho batalhador da imprensa indígena, além de competente professor.*[575]

---

[572] NAÇÃO Brasileira do Rio de Janeiro. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 7 e 8, p. 32, ago. set. 1940. APU. CPJA.
[573] MINAS Jornal de Conselheiro Lafaiéte. Como a imprensa amiga se manifestou referindo o aparecimento de 'Uberlândia Ilustrada'. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 4, p. 1, jun. 1939. APU. CPJA.
[574] O REPÓRTER. Registro. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 21, não paginado, jun. 1956. APU. CPJA.
[575] O REPÓRTER. Publicações. *Uberlândia Ilustrada***,** Uberlândia, n. 24, p. 28, jun. 1958. APU. CPJA.

As cartas destacam, ainda, as representações que pareciam ser mais caras a Arantes, quais sejam, aquelas que diziam respeito ao seu envolvimento com a história ou com o seu trabalho de memorialista. Em uma delas, o tom apologético confere ao seu trabalho conotações santificadas, uma vez que o compara às inscrições sagradas.

> *... Muita gente que lê a revista de Jerônimo Arantes talvez ignore o que esse modesto trabalho tem de grande e de louvável. Esse homem anda faiscando aqui e ali, pobre e crente como um meia-praça dos garimpos, à cata alegre dos 'chibius' fugidios. Remexe aluviões, remove grupiaras, rebusca sem cansaço, as misteriosas chaminés genealógicas de toda gente do Novo Sul para recompor, nas carcassas de Farinha-Podre, as fisionomias legitimas dos patriarcas da história confusa dos sertões triangulinos. Está esculpindo num granito sagrado como o do Sinai, as primeiras lições de heroísmo e de bondade que a coragem dos bandeirantes gritou nas selvagens plagas de Goiás.*[576]

Em carta escrita por um funcionário da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, Arantes é enaltecido como portando as características que o tornavam um "historiador completo", tais como: "memória exuberante, linguagem empolgante e riqueza de detalhes".[577] Em uma publicação do jornal *Correio de Uberlândia,* ele é reconhecido também pela sua perseverança na pesquisa histórica:

> *O diretor da utilíssima publicação uberlandense é um perseverante e paciente pesquisador do nosso passado em todos os seus variados aspectos e às vezes nos surpreende com dados desconhecidos ou inteiramente olvidados sobre a história municipal, mas que, despertados do esquecimento, oferecem sabor para todos os paladares.*[578]

As cartas constituíram-se em uma importante fonte para apreendermos como esta revista foi recebida por alguns de seus leitores e quais impressões lhes causou. Além disso, possibilitaram-nos compreender que a revista, além de ter sido o instrumento por meio do qual Arantes construiu e divulgou as suas representações acerca da cidade, da sua história e do seu

---

[576] DUTRA, Aimoré. Um rasgador de diplomas. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 11, p. 20, dez. 1941. APU. CPJA.
[577] PIRES, Álvaro. *[carta]*. Uberlândia, 10 fev. 1961. Carta a Jerônimo Arantes agradecendo-lhe exemplar recebido da *Uberlândia Ilustrada* e elogiando o seu trabalho como historiador, manifesto nas páginas do referido periódico. APU. CPJA. PT.
[578] 'UBERLÂNDIA Ilustrada'. *Correio de Uberlândia,* Uberlândia, não paginado, 25 abr. 1955. APU.

povo, revelou-se também como a vitrine onde ele exibiu seus dotes jornalísticos, seu trabalho de memorialista e, por extensão, seu empenho em recuperar dados relativos ao passado da cidade.[579]

Seu envolvimento com a *Uberlândia Ilustrada* foi fundamental para produzir essas representações e, sobretudo, para promover a sua circulação, pois, conforme análise de Gomes, participar de jornais, assim como de núcleos menores (e mais seletos), como aquele composto pelas revistas, *"... era fundamental, não só por que fazia parte de qualquer estratégia de ascensão intelectual (o que não ocorria sem suportes político-sociais), mas também porque os periódicos eram a base da circulação de idéias da época".*[580]

Nesse sentido, com a publicação da *Uberlândia Ilustrada*, ao mesmo tempo em que Arantes edificava os pilares sobre os quais assentaria as representações em torno da história de Uberlândia – começando no século XIX com a fundação do povoado, do qual a cidade originou-se, indo até a década de 1960, quando editou o último número –, ia produzindo os elementos que, pouco a pouco, comporiam as representações em torno de si mesmo.

De acordo com análise efetuada nos capítulos anteriores, essas representações confundiam-se sob um mesmo pano de fundo, no caso do seu envolvimento com a educação, percebemos que, ao divulgar a escola pública municipal como modelo de organização e de bom funcionamento, Arantes projetou essas qualidades para si próprio, posto que ele era responsável pela administração e fiscalização daquele serviço. Daí apreendemos os caminhos pelos quais ele trilhou para se transformar em um funcionário público exemplar, gestor de um sistema educacional que em tudo deveria ser orgulho para a cidade, seus habitantes e administradores. Vimos, ainda, que dessa operação resultou a construção de uma memória edificante para a educação primária municipal, que está registrada nos livros de atas, nas fotografias, nos artigos de jornais e na bibliografia educacional que produziu e arquivou.

---

[579] Em todos as seções da *Uberlândia Ilustrada* listadas abaixo se encontram publicadas estas cartas: REGISTRO. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 2, não paginado, jun. 1935. APU. CPJA./ FRAGMENTOS. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 3, não paginado, maio 1939. APU. CPJA./ COMO a imprensa amiga se manifestou referindo o aparecimento de 'Uberlândia Ilustrada'. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 4, p. 1, jun. 1939. APU. CPJA./ SOBRE esta revista. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 7 - 8, p. 32, ago./ set. 1940. APU. CPJA./ DUTRA, op. cit./ UBERLÂNDIA Ilustrada: noticiário da imprensa. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 13, p. 7, dez. 1946. APU. CPJA./ REGISTRO. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 16, p. 29, jun. 1953. APU. CPJA./ REGISTRO. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 17, p. 29, out. 1953. APU. CPJA./ REGISTRO, jun. 1956, op. cit. / PUBLICAÇÕES. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 24, p. 28, jun. 1958. APU. CPJA.

[580] GOMES, 1996, op. cit., p. 46.

Podemos inferir que fato semelhante ocorreu no que tange ao seu *Arquivo Histórico* e à revista *Uberlândia Ilustrada*, porém aqui não se tratava apenas de eleger um aspecto da realidade (a educação, no caso anterior) para com ele produzir suas representações, mas, sim, de tomar o conjunto do real para produzir a história triunfante sobre o passado da cidade e de seus fundadores, propor interpretações confiantes para o futuro que servissem para dar continuidade à suposta exemplaridade do passado, bem como construir a imagem de historiador arguto que teria tido a capacidade de monumentalizar todas essas glórias, como previu um amigo: *"... tenho para mim que Jerônimo Arantes passará um dia para a história de Uberlândia como um dos principais forjadores da grandeza desta mesma terra"*.[581]

Ainda que o projeto desenvolvido na revista tenha sido muito ambicioso, pensamos que ele não teria produzido os resultados satisfatórios, se não tivesse contado com as imagens que Arantes produziu para si à frente do *Colégio Amor às Letras* e no serviço público, na época em que inspecionava as escolas municipais. Aquelas representações produzidas por um funcionário público "exemplar", trabalhando em benefício da população e esforçando-se para garantir a esta uma escola primária capaz de mitigar a vergonha da analfabetização, refletiram-se sobre o reconhecimento de suas incursões no campo jornalístico, assim como contribuíram para que o seu periódico fosse recebido de forma amistosa, conforme depreendemos de um artigo publicado na imprensa local:

> *Redigida pelo seu proprietário prof. Jerônimo Arantes, prosador e poeta de apreciável espírito rabelesiano, funcionário exemplar do operoso e estimado prefeito do município no complexo Departamento da Instrução, a Revista, que tem à frente um elemento assim, por certo triunfará, para glória de seu diretor e satisfação unânime do povo de Uberlândia.*[582]

Sua atuação na imprensa contribuiu para consolidar as representações positivas acerca de si próprio, pois se a escola auxiliaria a República livrar-se de seus obstáculos, oriundos em grande parte da ignorância do povo, a imprensa, além de assistir à escola na missão educadora, seria o instrumento por meio do qual o "povo ignorante seria controlado" e o "governo cego" seria guiado. Esse ideal iluminista que perpassava a imprensa justificava-se em função de esta ser *"...apresentada ao público leitor como expressão dos altos valores eternos e universais e*

[581] PIRES, op. cit. (Grifos do autor).
[582] RIOS, Joaquim. Uberlândia Ilustrada. *O Estado de Goyaz,* Uberlândia, p. 4, 13 mar. 1941. APU. CPJA.

consequentemente como impessoal, imparcial, apartidária, apolítica".[583] Nesse sentido ao se envolver com a produção de sua revista, Arantes colocava-se sob o manto protetor da imprensa e se beneficiava com a suposta imparcialidade e o propalado caráter benfeitor que assumia a atividade jornalística. A *Uberlândia Ilustrada*, então, se constituiu no instrumento adequado para Arantes elaborar e, sobretudo, divulgar as representações sobre ele próprio e sobre a cidade, tanto do seu passado quanto do seu presente.

Pensamos, no entanto, que a imagem positiva auferida com o trabalho na educação não foi o único fator responsável pela longevidade da *Uberlândia Ilustrada*, pois a esse acrescentaram-se elementos oriundos da própria revista – alguns já discutidos, como por exemplo as representações que produziu e divulgou acerca da cidade e a destinação a um público leitor diversificado —, que, uma vez somados, garantiram ao projeto jornalístico de Arantes uma fecundidade e durabilidade inigualáveis em outros periódicos fundados em Uberlândia no mesmo período. A abordagem com a qual apreendeu a história da cidade e o tratamento que conferiu aos empreendimentos da elite de Uberlândia, tanto a política quanto a empresarial, foram outros elementos aos quais tributamos o sucesso de sua revista.

[583] CAPELATO, Maria Helena. Imprensa, uma mercadoria política. *História & Perspectivas*, Uberlândia, n. 4, p. 133, jan. jun. 1991.

CAPÍTULO IV
O PROFESSOR QUE DEIXOU HISTÓRIA

4.1. Objeto, Temas e Fontes

Arantes nunca fez curso de História, não dava aulas dessa disciplina em nível ginasial e tampouco colegial (equivalentes ao final do ensino fundamental e a todo o ensino médio existente nos dias atuais). De acordo com a análise dos volumes depositados em sua biblioteca, ele também não fazia leituras acerca de teoria e metodologia da história. No entanto, a pesquisa e a produção de uma história da cidade constituía-se, para ele, na ocupação privilegiada para a qual destinava grande parte de seu tempo. Um perfil, portanto, muito semelhante ao de outros intelectuais brasileiros, seus contemporâneos, que se dedicaram à pesquisa e à produção de uma história do país sem ser, contudo, historiadores profissionais. Considerando que as distinções entre as disciplinas só começaram a se tornar mais nítidas a partir de 1930 – e, por conseguinte, a especialização em história só começou a se processar no mesmo período –, quando se instalaram no país as primeiras Faculdades de Filosofia, Ciência e Letras, os historiadores eram até então, no dizer de Gomes, "homens de letras", tais como: poetas, romancistas, juristas e, praticamente todos, jornalistas militantes.[584]

Arantes era, de fato, um "homem de letras", cujo envolvimento com os fatos relacionados ao passado de Uberlândia o teria colocado, segundo Dantas, entre os quatro principais (e primeiros) memorialistas que a cidade conheceu: Capri, Pezzuti e Teixeira.[585] Esse trabalho de pesquisa deve ter consumido muito do seu tempo — especialmente após ter-se aposentado no

[584] GOMES, 1996, op. cit., p. 38.

[585] DANTAS, Sandra M. *Veredas do progresso em tons altissonantes*: (Uberlândia, 1900-1950). 2001. Dissertação (Mestrado) - Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001, p. 73.
Cada um desses memorialistas produziu uma obra a respeito da cidade de Uberlândia. Capri publicou na segunda década do século XX um livro contendo 38 páginas nas quais deixou registrados aspectos da história da cidade de Uberlândia. (CAPRI, Roberto. *Município de Uberabinha*: physico, econômico, administrativo e suas riquezas naturaes e agrícola. São Paulo: Capri, Andrade & Cia., 1916, p. 43). Na década seguinte, Pezzuti, um cônego residente em Uberlândia, publicou a sua versão para os mesmos fatos em um livro de 86 páginas. (PEZUTTI, op. cit.). E, finalmente, aproximando-se das últimas décadas do mesmo século, Teixeira publicou seu livro sobre Uberlândia, contendo dois volumes. Sendo que um deles era destinado à publicação de panegíricos. (TEIXEIRA, Tito. *Bandeirantes e pioneiros do Brasil Central:* história da criação do município de Uberlândia. Uberlândia: Uberlândia Gráfica, 1970. 2 v.).

serviço público –, pois teria resultado, segundo o autor, de "fatigantes pesquisas".[586] Com efeito, *"Não se faz história sem esforço e investimentos pessoais"*,[587] e quando se trata de história local, as dificuldades não diminuem, pois esta é uma *"... história que não é fácil, que exige muito tempo, diligência, aplicação; a pesquisa é longa, às vezes decepcionante, os métodos são pouco seguros, os 'modelos' insuficientes ..."*[588]

Não obstante as dificuldades, Arantes persistiu em suas pesquisas e, em virtude de seguir os preceitos dos memorialistas, o trabalho que realizava com as fontes não pode ser incluído no rol de atividades de um historiador profissional,[589] pois, além de não haver de sua parte evidências de uma formulação de problemas acerca do objeto de pesquisa escolhido, também não parecia ser uma preocupação sua o questionamento da documentação selecionada. Esse procedimento de crítica não se incluía no âmbito das análises de Arantes, assim como não estava presente no trabalho de muitos outros memorialistas que se dedicaram à história local, constituindo-se mais em uma ocupação dos historiadores profissionais. Diversas obras acerca da história do Brasil produzidas até meados do século XX resultavam mais da pesquisa documental do que propriamente de um aprofundamento teórico-motodológico de análise dos dados.[590]

Uma outra característica que emerge da análise sobre os escritos de Arantes reside no caráter localizado da sua abordagem acerca da história. Ou seja, não transparecem em seus textos indícios da tentativa de desenvolver estudos comparativos por meio dos quais pudessem ser cotejadas as suas descobertas com a história de âmbito mais geral. Ao contrário, o estudo começa e encerra-se em torno dos fatos ocorridos em nível local, ou seja, Uberlândia. Dessa forma, o desbravamento, a formação do povoado, a instalação do município, a sua organização administrativa, a situação econômica, bem como os aspectos sociais que compunham o cenário

---

[586] ARANTES, J. *Cidade dos sonhos meus*. Uberlândia, 1975. (Datilografado). Acervo Delvar Arantes.
[587] GOMES, 1996, op. cit., p. 45.
[588] THUILLIER, Guy; TULARD, Jean. *Histoire locale et régionale*. Paris: Presses Universitaires de France, 1992, p. 20. (Tradução livre da autora).
No original: *"... une histoire qui n'est pas facile, qui exige beaucoup de temps, de zèle, d'application; l'enquête est longue, parfois décevante, les méthodes sont mal assurées, les 'modeles'insuffisants ..."*.
[589] Cientes da realidade à qual cincunscrevia o trabalho de Arantes, assim como o de outros memorialistas, não esperaremos encontrar naquele, posturas teórico-metodológicas estranhas ao seu universo. Por isso, os apontamentos acerca das características que perpassam sua obra não têm como objetivo cobrar aquilo que ele não propôs realizar, mas, sim, esclarecer o que deixou escrito.
[590] Rodrigues, ao tratar da obra de João Lúcio de Azevedo — historiador luso-brasileiro, cuja produção concentra-se no final do século XIX e início do XX—, comenta que, na sua produção, assim como na de muitos de seus contemporâneos, não havia indícios de apropriação dos debates teóricos em curso fim do século XIX. (RODRIGUES, A., op. cit., p. 47).

citadino são enfocados em uma perspectiva local, sem o estabelecimento de conexões com a situação que se desenrolava em outras partes do Brasil e do mundo no mesmo período. Tudo transcorre como se a história daquela cidade gravitasse em torno de sua própria órbita, sem a concorrência de fatos, situações, experiência e interesses que foram contemporâneos àquela e que, sobretudo, contribuíram para o seu transcurso.

Essa prevalência do particular destituído de relações com fatos gerais parece ser uma característica da maioria das obras deixadas pelos memorialistas que se dedicaram à pesquisa e produção da história local e regional. Um processo análogo caracterizou também a historiografia elaborada durante o período ditatorial do presidente Getúlio Vargas. Naquela época, os textos de história do Brasil veiculados pela revista *Cultura Política* careciam de correlação entre os fatos divulgados, tanto acerca do povo brasileiro quanto no que diz respeito à história de outros povos.[591]

Esse fato não se circunscreve apenas aos domínios da realidade brasileira, mas inscreve-se também em meio à produção francesa. Em seus estudos sobre a história local e regional produzidas na França, Guy Thuillier e Jean Tulard, ao abordar os princípios subjacentes a essa forma de se escrever a história, ressaltam algumas de suas características, e uma delas muito se aproxima dos trabalhos de Arantes. Segundo os autores, a história local é: *"... uma história setorial" e "o historiador local não costuma deduzir a história de quaisquer idéias gerais a priori ..."*.[592]

Mesmo não fazendo estudos comparativos, Arantes mantinha um forte vínculo com os fatos relativos ao passado de Uberlândia e parecia mesmo sentir-se o mais autorizado para discutir o assunto, afinal, possuía um acervo de proporções inigualáveis na cidade e passava todo o tempo disponível imerso em seus documentos, tentando desvendar fatos, personalidades, origens, genealogias e tudo o que dissesse respeito à história do município. Ele próprio não se incluía na categoria de memorialista, ao contrário, inseria-se no rol dos historiadores, sendo que,

---

[591] GOMES, 1996, op. cit., p. 159.
[592] THUILLIER; TULARD, op. cit., p. 22-23.
No original: *C'est une histoire sectorielle (...) l'historien local ne saurait déduire l'histoire de quelques idées générales a priori .... "*

em um dos números de sua revista, refere-se a si mesmo como o *"historiador calouro do município"*.[593]

No entanto, essa autodenominação de "historiador calouro" parece relacionar-se menos a uma modesta auto-imagem do que a um recurso de oratória por meio do qual Arantes tentava dissimular a sua vaidade. Algumas controvérsias em que se envolveu acerca de fatos relativos à história da cidade reforçam sua vanglória. Em uma delas, por exemplo, polemizou com um médico residente na cidade de Prata, município situado no Triângulo Mineiro. Aquele médico, a propósito das comemorações do centenário da criação do distrito de Uberlândia, teria publicado em um jornal desta cidade algumas notas referentes à história local, sendo contestado por Arantes que divulgou na imprensa escrita uma carta aberta, reprovando a iniciativa do amigo e, principalmente, depreciando o seu trabalho.

Na carta aberta, o tom da crítica empregada por Arantes afastava-se bastante da cortesia, da polidez e da camaradagem, que, conforme analisamos, lhe eram atribuídas pelos seus subordinados no Serviço de Educação e Saúde do Município. De fato, o sentido que perpassa o referido documento extrapola o da mera reprovação e resvala em uma descompostura ao seu autor, pois Arantes não hesitou em utilizar expressões vulgares, tais como "mancada", "amargar" e "balofa", assim como não conteve o cinismo, que transformou sua carta em um grito de guerra. Vejamos os argumentos que empregou para desqualificar o trabalho publicado pelo antigo colega:[594]

> *Li, com bastante carinho a sua carta endereçada ao Correio de Uberlândia. O seu assunto causou-me verdadeira surpresa. A sua audácia em dar conhecimento a todo o mundo de Uberlândia', do centenário da 'criação do Distrito de Uberabinha', que se ocorrerá em 1952, foi um verdadeiro disparate, que merece corrigenda, pelo*

[593] ARANTES, J. Uma página do passado. Resenha histórica da Comarca de Uberlândia, 1892–1952. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 15, p. 1, jan. 1952. APU. CPJA.

[594] Até o registro deste episódio, ao que indica a correspondência de Arantes, ambos eram amigos, pois Teixeira solicitava-lhe cópia de documentos arquivados em Uberlândia (na paróquia, no cartório e no próprio arquivo de Arantes) e, também, pedia-lhe orientações acerca das pesquisas que realizava na cidade do Prata, com o objetivo de elaborar a árvore genealógica de seu filho recém-nascido. Algumas correspondências trocadas entre ambos e listadas a seguir testemunham a amizade de outrora: TEIXEIRA, E. *[carta]*. Prata, 07 set. 1949. Carta a Jerônimo Arantes comunicando-lhe a elaboração da árvore genealógica do filho e solicitando-lhe informações sobre antepassados. APU. CPJA. PT. / ARANTES, J. *[carta]*. Uberlândia, 5 out. 1949. Carta a Edelweiss Teixeira, respondendo à sua correspondência anterior e cumprimentando-lhe pela chegada do primeiro filho. APU. CPJA. PT. / TEIXEIRA, E., 15 jan. 1950, op. cit. Carta a Jerônimo Arantes, contendo detalhes acerca do levantamento dos dados que estava fazendo com a finalidade de completar a sua pesquisa e solicitando-lhe documentos arquivados em Uberlândia. APU. CPJA. PT.

> *fundamento da sua significação na história de Uberlândia. Vejamos a 'primeira mancada'.*[595]

Arantes prosseguiu enumerando os dois erros que teria cometido Teixeira. O primeiro incidia sobre a imprecisão na data da criação do distrito e nos nomes de suas mais proeminentes autoridades; o segundo erro incorria também sobre datação, só que agora referente ao ano em que se teria iniciado a exploração das terras devolutas no antigo Sertão da Farinha Podre. Em seguida continuou a desferir golpes com sua língua afiada e passou a citar a bibliografia específica sobre a história da região, produzida por indefectíveis autoridades, que aquele deveria ter lido para não cometer os graves equívocos enumerados: *"Menino, escuta o meu conselho. Não se escreve sobre um assunto de tamanha responsabilidade, sem primeiramente consultar os mestres que nos legaram esse precioso patrimônio histórico da nossa região".*[596]

Depois de citar literalmente os estudos realizados por autores eruditos, por meio dos quais acreditava poder demonstrar ao seu interlocutor os sérios erros cometidos, Arantes concluiu a sua carta aberta ressaltando a grandiosidade do seu acervo e convidando Teixeira para visitá-lo – com a ressalva de que o convite fora feito em tom falsamente modesto:

> *Quando o jovem historiador desejar conhecer mais detalhadamente a história de Uberlândia, venha aqui com menos pressa, conhecer a documentação que a respeito temos arquivada e em parte já publicada, conhecendo o amigo apenas EFEMÉRIDES E LEIS MEMORÁVEIS DA HISTÓRIA DE UBERLÂNDIA, da nossa autoria. Venha nos dar o prazer da sua cativante palestra. Você é um pesquisador paciente e tenho certeza que a nossa história muito enriquecerá com a sua valiosa cooperação.* [597]

Sentindo-se ultrajado pelas críticas que lhe dirigiu Arantes, Teixeira não tardou muito para devolver-lhe a resposta e o acusou, então, de autoritário, insolente e "guardião feroz" da história local. Conforme se lê no fragmento a seguir, o teor empregado não foi nada favorável ao memorialista de Uberlândia. Depois de sugerir, em tons sarcásticos, que ele organizasse um "Curso Popular de História de Minas e de Uberlândia", que deveria ser ministrado por ele (Arantes) e por intelectuais da área de História, procedentes da cidade, de municípios adjacentes, da capital do estado de Minas Gerais e também de São Paulo, o médico prosseguiu nos insultos:

---

[595] ARANTES, J. A pedidos. Carta aberta ao Exmo. Sr. Dr. Edelweiss Teixeira. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, p. 1, 1 jun. 1950. APU.
[596] ARANTES, J. ,1 jun. 1950, op. cit., p. 1.
[597] ARANTES, J., 1 jun. 1950, op. cit., p. 4. (Grifos do autor).

> *Infelizmente, até o momento assim não pensou o prof. [Arantes]. Sofrendo ele do defeito crônico de tantos intelectuais brasileiros — o louco afã de destruir uns aos outros —, julgando-se "dono" da história de Uberlândia, sentiu-se melindrado por um outro ter entrado no assunto sem o seu prévio consentimento. Guardião feroz e um tanto sádico, está disposto a zelar diuturnamente pelo sono de sua bela Adormecida, que não deseja nunca acordada (...), não quer ouvir ressoar passos de profanos que ousem transpor os umbrais do Antanho e espanejar a caliça do tempo. (...) ao tomar conhecimento de minha carta, enfureceu-se (...).*[598]

A ira de Teixeira não era sem fundamento, afinal, ainda que não sendo especialista na história da cidade de Uberlândia, ele, como membro dos Institutos Históricos e Geográficos de Minas Gerais e São Paulo — segundo informou em um dos artigos que escreveu[599] —, sentia-se revestido de autoridade e competência suficientes para também tratar do assunto relacionado aos fatos do passado de Uberlândia e, portanto, as críticas que lhe endereçava Arantes seriam injustas.

Infelizmente, a polêmica não continuou nas páginas dos jornais e não tomamos conhecimento sobre o seu desfecho. Transcorridos apenas dois anos ele novamente envolveu-se em outra querela, só que desta vez a discussão referia-se à história do cinema em Uberlândia. Aceitava-se como dado inquestionável que o primeiro cinema instalado na aludida cidade teria sido o Cinema São Pedro, de propriedade de Custódio da Costa Pereira, inaugurado em 1909. Arantes publicou, assim, um artigo discutindo que este cinema tinha sido precedido por dois outros que funcionaram nos anos de 1908 e princípio de 1909.[600]

Após a publicação desse seu texto, Arantes recebeu uma carta na qual o autor, que assinou apenas com pseudônimo, contestou a tese defendida por ele. Arantes, não perdoando a insolência do interlocutor desconhecido, partiu rápida e veementemente em defesa própria. Editou, então, no mesmo jornal, outro artigo ratificando o seu ponto de vista, no qual deixou registrado o seu desprezo pelo correspondente quase anônimo:

> *Esse alguém, que se oculta sob o pseudônimo de "Pachola", nos escreveu de Uberaba, em sentido íntimo, se manifestando melindrado por termos dado à Empresa Luxemburgo, o primeiro lugar na ordem das casas de diversões cinematográficas de Uberlândia (...). O nosso amável missivista, pela sua minuciosa exposição (...)*

[598] TEIXEIRA, E.. Em torno da história de Uberlândia. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, p. 2, 27 jun. 1950. APU.
[599] TEIXEIRA, E. Evolução histórica de Ituiutaba. In: *Acaiaca*. Ituiutaba. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, p. 181, 1953. APU. CPJA.
[600] DALBAS JÚNIOR. Na poeira dos arquivos. O primeiro cinema de Uberlândia *O Repórter,* Uberlândia, p. 3, 17 set. 1952. APU.

> *condena a nossa afirmativa (...). Ficamos muitíssimo grato ao nosso prezado confrade, pela crítica elucidativa sobre o assunto, — feita em linguagem sadia, dentro das normas de bom vernáculo — demonstrando o seu elevado grau de cultura ao par de conhecimentos como nós outros da história desta traquina filhinha de Uberaba. Sentimos profundamente não receber a lição do mestre.* [601]

Mesmo após a morte de Custódio da Costa Pereira (09/10/1961), ele prosseguiu insistindo nos resultados de suas pesquisas. Naquela ocasião, circulou em um dos jornais da cidade a biografia daquele empresário e comerciante, em que, novamente, lhe era atribuído o pioneirismo na empresa cinematográfica local.[602] Ao tomar conhecimento do fato, Arantes publicou outro artigo e, com o intuito de apresentar pêsames à família de Pereira, aproveitou o ensejo para retomar o assunto referente ao cinema. Reafirmou, na oportunidade, o resultado de suas pesquisas e corrigiu o autor da biografia aludida, utilizando, para tanto, a autoridade assentada no fato de que os dados que apresentava eram (supostamente) do conhecimento do principal envolvido na polêmica, agora já falecido, o empresário Custódio Pereira:

> *Na referida notícia [referente ao falecimento do empresário] fazia-se menção ao antigo cinema São Pedro, tradicional casa de diversão que o Sr. Custódio Pereira manteve longos anos na velha Uberabinha, afirmando ser o São Pedro o 'primeiro cinema de Uberabinha.' Devo declarar ao autor daquela bem redigida nota biográfica que não foi o cinema São Pedro o primeiro que funcionou em Uberlândia, como se afirma na aludida notícia. (...) Posso afirmar que o Sr. Custódio Pereira tinha conhecimento do que se esclarece na presente exposição.*[603]

A controvérsia em torno do primeiro cinema continuou rendendo frutos. Em 1971, Arantes escreveu um livreto acerca da história de Uberlândia, no qual narrava em versos aspectos múltiplos desta cidade, dedicando cada poema a um fato ou a uma instituição local. Desta forma, homenageava grupos escolares, circos, imprensa, política, praças, bairros e outros. Em quase todos os poemas, acrescentava uma nota de rodapé contendo detalhes relativos à história do tema em questão. Nos versos e também na nota de rodapé da página dedicada ao cinema, ele novamente reiterou seu ponto de vista:

> *Urias da Cunha fundou*
> *O cinema da cidade*
> *'Alhambra' então se chamou*
> *Essa grande novidade*

---

[601] DALBAS JÚNIOR. Na poeira dos arquivos. Respondendo uma carta anônima, procedente de Uberaba. *O Repórter*, Uberlândia, p. 2, 11 out. 1952. APU.
[602] CUSTÓDIO da Costa Pereira. Uma vida, um exemplo. [*Recorte*], sem data. APU. CPJA. PT.
[603] DALBAS JÚNIOR. Ainda o cinema São Pedro. [*Recorte*], sem data. APU. CPJA. PT.

> *(...).*
>
> *(1) Histórico — Em 1908 o sr. Urias Rodrigues da Cunha foi o empresário do primeiro cinematógrafo da cidade. O cinema 'Alhambra' foi instalado num barracão na praça onde fica hoje o Colégio Estadual.* [604]

Arantes sustentava o argumento segundo o qual o cinema teria começado em Uberlândia antes de Custódio da Costa Pereira inaugurar a sua casa, pois, aquela cidade já havia exibido a "sétima arte" em uma época na qual ainda não existia um espaço destinado para tal fim. Segundo Luziano Macedo Pinto, o primeiro estabelecimento fundado na cidade com a finalidade de se constituir em cinema foi de fato o Cinema São Pedro. Porém, conforme insistia Arantes, antes da instalação deste, a população local já tinha tomado contato com o cinema por meio de espetáculos montados em circos, barracões e pátios de algumas residências, nos quais eram exibidos *"... vários filmes mudos e de curta duração — apenas alguns minutos —, proporcionando muito riso com suas cenas cômicas e divertidas, atraindo as pessoas por meio das suas imagens, muitas vezes, trêmulas, mas que o público adorava*".[605]

Outra altercação na qual se envolveu Arantes consistiu no fato de tentar corrigir a grafia e a pronúncia do sobrenome do suposto fundador de Uberlândia. Para tanto, dedicou parte de seu tempo tentando provar que a forma como vinham escrevendo e também pronunciando o sobrenome do distinto cidadão estava incorreta, pois o certo seria escrever o nome Carrejo empregando a letra "e" e não Carrijo com "i", como era usual, pois, segundo ele: "pronuncia-se *Carrejo* e não *Carrijo*". (Grifos do autor).[606] Pinheiro, funcionário da Câmara Municipal desde a década de 1970, ao redigir, a nosso pedido, um depoimento sobre Arantes, fez a seguinte observação acerca do fato:

> *[Jerônimo Arantes] Publicou muita coisa no jornal O Triângulo e também no antigo Correio de Uberlândia, hoje Correio, onde sustentou uma polêmica com o prof. Osvaldo Vieira, o prof. Vadico, sobre o nome Carrejo ou Carrijo do fundador da cidade, Felisberto Alves. Mostrava a certidão de óbito com o nome Carrejo, o recibo da compra do pasto da Santa e outros documentos. Nunca chegaram a um acordo.* [607]

---

[604] ARANTES, J. Cinema. In: ARANTES, J., 1971a, op. cit., p. 13.
[605] PINTO, Luziano Macedo. *Situações de cinema*: tramas e imagens de sociabilidade. Uberlândia 30 a 50. 2001. Dissertação (Mestrado) — Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001, p. 42.
[606] ARANTES, J. *Corografia ilustrada de município de Uberlândia*. Uberlândia, 1967b, p. 26. (Datilografado).
[607] PINHEIRO, José L. *Algumas notícias sobre o professor Jerônimo Arantes*. Uberlândia, 17 jun. 2002. (Digitado). Arquivo Sandra Cristina Fagundes de Lima.

De fato, na década de 1970 Osvaldo Vieira saiu em defesa de seu ponto de vista e publicou um longo artigo no jornal *Correio de Uberlândia,*em que, a propósito de provar que a grafia correta deveria ser Carrijo, recorreu a explicações de ordem histórica ("Tal família sempre se identificou como 'família Carrijo' e jamais como 'família Carrejo'".) e a outras fundamentadas em estudos etimológicos das línguas portuguesa e espanhola, concluindo que *"Os registros de antropônimos, tanto espanhóis quanto portugueses, não incluem as formas Carrijo ou Carrejo. (...) Carrijo possivelmente teria sido uma corruptela de 'Carrillo'"*.[608]

As divergências em torno da grafia daquele nome se estenderam igualmente para outro intelectual residente na cidade, Salazar Pessoa Filho, que publicou mais um longo artigo a fim de provar o seu ponto de vista, também contrário ao de Arantes, no qual apresentou algumas justificativas para a sua tese, tais como, a etimologia do substantivo Carrijo e documentos dos quais constava a escrita daquele nome.[609]

Ao polemizar com o memorialista residente na cidade do Prata, ao defender na imprensa uma versão contrária ao que usualmente era aceito sobre o pioneirismo na empresa cinematográfica instalada em Uberlândia e ao pretender corrigir a grafia do nome de Carrejo — impondo seu ponto de vista —, Arantes procurava ostentar a competência de inquestionável pesquisador dos fatos relacionados à cidade e sobretudo de quem conhecia documentos depositados em arquivos da cidade e região. Ademais, freqüentar arquivos a fim de coletar dados para pesquisas significava muito em uma época na qual se buscava a cientificidade para o conhecimento histórico no Brasil.[610] Por isso, refutava as opiniões contrárias com a autoridade daquele que possuía e conhecia a documentação comprobatória do que alegava; autoridade, enfim, de quem, nas palavras de um desafeto, sentia-se o *"dono da história de Uberlândia"*.[611]

Parece mesmo que Edelweiss Teixeira não havia exagerado ao acusar Arantes de pretender ser único a pesquisar e produzir a história local, pois, embora se autodenominando

[608] GONÇALVES, Oswaldo Vieira. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, [recorte], [197-]. APU. CPJA. PT.
[609] PESSOA FILHO, Salazar. Fundação da cidade. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, [recorte]. APU. CPJA. PT.
[610] De acordo com Gontijo, esta teria sido, inclusive, uma das formas utilizadas por Manoel Bonfim para assegurar a sua identidade como historiador nas três primeiras décadas do século XIX. (GONTIJO, op. cit., p. 134).
[611] TEIXEIRA, E., 1950, op. cit.

calouro, ele, ao contrário, parecia muito seguro do que escrevia, não aprovava integralmente as iniciativas de colegas que se aventuravam em pesquisas acerca do tema que havia elegido para dedicar-se e insistia em afirmar e confirmar as hipóteses que levantava.

Às vezes, polemizando e, na maioria, simplesmente publicando as suas "descobertas", Arantes, gradativamente, foi esculpindo uma das narrativas que se tem da história da cidade produzida pela ótica do memorialismo, empregando, para tanto, as ferramentas de que então dispunha: os documentos, a curiosidade e a intuição. Onde faltava o primeiro, acrescentava o segundo e terceiro elementos e, assim, passo a passo, foi perguntando, anotando, lendo e produzindo a sua versão sobre o passado de Uberlândia.

O seu objeto de investigação consistia na história local. Pesquisava documentos, organizava-os e depois redigia textos sobre os aspectos político, econômico e social de Uberlândia. Dessa forma, produziu uma bibliografia (incluindo livros não publicados) que pretendia dar conta de toda a trajetória que percorreu aquela cidade desde os primórdios do povoamento da região em princípios do século XIX, até o final da década de 1970.

Não obstante a ambição de Arantes, o seu empenho e a conclusão da pesquisa, o livro com o qual sonhou durante toda a vida e para o qual dedicou anos de coleta de documentos não chegou a ser editado enquanto vivia.[612] Este manuscrito sobre a história de Uberlândia não foi vendido junto com os demais documentos do seu acervo para a Prefeitura Municipal, ficando em poder de uma de suas netas, Vera Regina Carrara Arantes, que o julgava inacabado. A partir do final de 2002, Vera Arantes, juntamente com o APU, iniciou uma campanha na imprensa tendo em vista divulgar a existência da referida obra e obter patrocinadores para a sua publicação. A campanha foi bem sucedida, pois no início do ano de 2003 a Universidade Federal de Uberlândia encampou o projeto e resolveu editar o livro de Arantes.[613]

Como resultado parcial de suas investigações, além dos artigos publicados na revista *Uberlândia Ilustrada*, foram editados alguns folhetos e quatro livros, de poucas páginas, nos quais ficaram registradas as facetas da sua concepção da história da cidade em seus mais diversos

[612] ARANTES, J. *Cidade dos sonhos meus*: memória histórica de Uberlândia. 2 ed. revista, ampliada e ricamente ilustrada, Uberlândia, 1981c. (Datilografado). Acervo Delvar Arantes.
[613] ARANTES, J. *Cidade dos sonhos meus*. Memória histórica de Uberlândia. Ed. Ampl. E ricamente ilust. Uberlândia: EDUFU, 2003.

aspectos. Os demais escritos permaneceram datilografados, aguardando uma edição que não ocorreu.[614]

Os temas de pesquisa que elegeu para trabalhar circunscreviam-se, primeiramente, ao domínio da história política referente ao povoamento da região onde foi instalada a cidade de Uberlândia. Nesse sentido, pesquisou a formação do arraial que depois veio a originar o município; a instalação da primeira Câmara Municipal; a trajetória dos políticos, assim como a de seus partidos. Além desses temas, realizou pesquisas sobre o primitivo abastecimento de água do povoado; a instalação dos trilhos de ferro pela Cia. Mogiana de Estradas de Ferro, no final do século XIX; e a história das instituições de ensino instaladas no município.

O recorte temporal adotado por Arantes recaía sempre sobre os fatos localizados no passado da história do município. Assim, tanto esta opção cronológica quanto a prevalência dos temas políticos em seus estudos guardam semelhanças com os trabalhos oriundos do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB –, realizados por historiadores brasileiros. Segundo Callari, a análise das conferências proferidas por membros daquele Instituto, assim como do conteúdo da revista que publicavam, demonstra a predominância dos "grandes temas políticos", tais como: o Descobrimento *"...momento que assinala a integração do Brasil ao time das nações*

---

[614] ARANTES, J. *Corografia ilustrada de município de Uberlândia*. Uberlândia, 1967b. (Datilografado). APU. CPJA.
_____. *Cromos*. Musa vadia de Dalbas Júnior. Uberlândia: [s.n.], 1981a. APU. CPJA.
_____. *Cartilha brasileira*. Uberlândia: Livraria Kosmos, 1938b. Acervo Delvar Arantes.
_____. *Cidade dos sonhos meus*. Uberlândia, 1975. (Datilografado). Acervo Delvar Arantes.
_____. *Cidade dos sonhos meus*. 2. ed. Uberlândia, 1981b. (Datilografado). Acervo Delvar Arantes.
_____. *Cidade dos sonhos meus*: memória histórica de Uberlândia. 2 ed. revista, ampliada e ricamente ilustrada, Uberlândia, 1981c. (Datilografado). Acervo Delvar Arantes.
_____. *A cidade*: Uberlândia dos primeiros tempos. Uberlândia, 1971a. (Datilografado). Acervo Delvar Arantes.
_____. *Colibri*. Literatura Infantil. Uberlândia, 1976. (Datilografado). Acervo Delvar Arantes.
_____. *Corografia do município de Uberlândia*. Uberlândia, Pavan, 1938c. Acervo Delvar Arantes.
_____. *Crônicas sociais*. Uberlândia, 1977. (Datilografado). Acervo Delvar Arantes.
_____. *Memória histórica de Uberlândia*: Fundação da cidade. Uberlândia: Livraria Kosmos, 1969. Acervo Delvar Arantes.
_____. *Memória histórica de Uberlândia*: Organização e administração do município de Uberlândia. Uberlândia, 1962, não paginado. V. 2. (Datilografado). Acervo Delvar Arantes.
_____. *Memória histórica de Uberlândia*: Setor ferroviário. Alta Mogiana. Uberlândia: [s.n.], [1970]. Acervo Delvar Arantes.
_____. *Meu Aprendizado agrícola*. Uberlândia, s.d.. (Datilografado). Acervo Delvar Arantes.
_____. *Minha escola modelo*. Uberlândia: Livraria Kosmos, 1938d. Acervo Delvar Arantes.
_____. *Uberlândia,* cidade dos sonhos meus. Uberlândia: [s.n.], 1967c. APU. CPJA.

conhecidas e civilizadas — e a Independência, que marca o nascimento do Brasil como nação autônoma".[615] Posteriormente, a esses temas foi acrescida a questão da República.

Ao conteúdo dos temas abordados nos textos escritos por Arantes, subjaz uma representação que tem como objetivos, primeiro, buscar a origem do município na figura de "pais" fundadores; segundo, depois de cumprida esta tarefa, legitimar a ação destes por meio da afirmação da lisura de seu caráter, dos seus propósitos messiânicos e desinteressados e, particularmente, da legalidade de suas posses; em terceiro lugar, demonstrar que essas qualidades foram herdadas por sucessores, que, imbuídos do espírito de progresso, legado de seus ancestrais, deram continuidade à sua obra grandiosa.

A obsessão pela origem de Uberlândia e também pela instituição de pais fundadores para a referida cidade ocupou um papel central no âmbito da produção de Arantes. A insistência na figura de Felisberto Carrejo como tendo sido o fundador da cidade consistiu em uma de suas principais fontes de preocupação, conforme ressaltou um jornalista da cidade:

> *Aprecio e louvo o seu beneditino esforço em pesquisar todos os acontecimentos que se relacionam com a história de nossa cidade. Esse esforço tem servido para esclarecer muitos fatos que não eram suficientemente conhecidos, sobretudo a restauração biográfica de Felisberto Carrêjo (ou Carrijo?). Os descendentes do fundador de Uberlândia devem a você o trabalho de dar essa veneranda figura o lugar de destaque que lhe cabe entre todos os antepassados.*[616]

Com efeito, Arantes envidou muito esforço a fim de instituir oficialmente Carrejo como o fundador de Uberlândia, nesse sentido, transcreveu documentos atestando a chegada daquela família à região do Triângulo; em todos os seus livros e artigos, ressaltava o pioneirismo de Felisberto Carrejo na formação do núcleo urbano e fundação do povoado que futuramente daria origem a Uberlândia; realizou pesquisas a fim de reunir dados para que fosse pintado um retrato (falado) do suposto "pioneiro",[617] e, como se não bastasse, lutou para se implantar em uma das

---

[615] CALLARI, Cláudia R. Os institutos históricos: do patronato de D. Pedro II à construção do Tiradentes. *Revista Brasileira de História,* São Paulo, n. 40, v. 1, 2001, p. 73.

[616] PAES, Lycidio. *[carta]*. Uberlândia, 10 maio 1969. Carta a Jerônimo Arantes de agradecimento pelo exemplar recebido do livro de sua autoria "Memória histórica de Uberlândia". APU. CPJA. PT.

[617] No livro de Tito Teixeira, há uma reprodução dessa imagem contendo a seguinte legenda: "Arranjo fotográfico inspirado por Jerônimo Arantes e conseguido das informações fornecidas de velhos alunos do professor Felisberto A. Carrejo, um dos fundadores da cidade". (TEIXEIRA, T., 1970, v. 1, op. cit., não paginado).
O referido quadro encontra-se no APU.

praças da cidade um busto em sua homenagem.[618] Finalmente, no ano de 1969, na qualidade de secretário e suplente do presidente do Diretório Municipal de Geografia, enviou um ofício ao Presidente da Câmara Municipal de Uberlândia, solicitando o reconhecimento daquele como fundador do povoado que deu origem à futura cidade:

> *A Secretaria do Diretório do Conselho Nacional de Geografia, deste Município, por deliberação do mesmo Diretório, vem respeitosamente requerer a este egrégio Legislativo o reconhecimento de Felisberto Alves Carrejo como fundador da povoação que originou Uberlândia. Para conhecimento dessa nobre edilidade junto os documentos que elucidam o motivo do pedido em apreço.*[619]

Após tentar conferir a Carrejo a primazia na fundação[620] do povoado que, anos depois, daria origem ao município de Uberlândia, o passo seguinte consistiu em ressaltar as suas qualidades que, de acordo com o que se depreende da leitura dos textos produzidos por Arantes, não eram poucas: honestidade, laboriosidade, religiosidade e instrução eram alguns dos atributos conferidos ao pioneiro.

Como conseqüência dessa operação apologética montada em torno da figura de Carrejo, Arantes buscou elementos que assegurassem a legalidade da ocupação das terras pertencentes aquele fundador, bem como daquelas das quais seus familiares eram proprietários. Com isso, procurava demonstrar que não se tratava de um aventureiro qualquer, tampouco de um posseiro fora da lei, mas, sim, de alguém sobre cuja idoneidade não poderia pairar quaisquer lampejos de dúvidas, uma vez que os documentos atestariam a legitimidade de suas posses.

---

[618] ARANTES, J. Enaltecendo o nosso patrimônio histórico. *Correio de Uberlândia,* Uberlândia, p. 5, 17 jul. 1943. APU.

[619] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. Diretório Municipal de Geografia e Estatística, 11 set. 1969, op. cit.

[620] Usamos o conceito de fundação, remetendo–o àquele empregado por Chauí em seu estudo sobre as representações construídas acerca do Brasil e dos brasileiros, no qual a autora pontua as diferenças existentes entre o conceito de fundação e o de formação. Este estaria relacionado à história e a todas as suas representações, "... sejam aquelas que conhecem o processo histórico, sejam as que o ocultam (isto é, as ideologias)". A fundação, ao contrário, implicaria a supressão do processo histórico, inerente à formação, e na conseqüente incorporação do a-temporal. A fundação "... refere-se a um momento passado imaginário, tido como instante originário que se mantém vivo e presente no curso do tempo, isto é, a fundação visa a algo tido como perene (quase eterno) que traveja e sustenta o curso temporal e lhe dá sentido. A fundação pretende situar-se além do tempo, fora da história, num presente que não cessa nunca sob a multiplicidade de formas ou aspectos que pode tomar. Não só isso. A marca peculiar da fundação é a maneira como ela põe a transcendência e a imanência do momento fundador: a fundação aparece como emanando da sociedade (em nosso caso, da nação) e, simultaneamente, como engendrando essa própria sociedade (ou a nação) da qual ela emana". (CHAUÍ, Marilena. *Brasil*: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001, p. 9-10).

Talvez tenha sido em virtude dessa tentativa de transformar a fundação de Uberlândia em um evento pacífico e ordeiro, que nos escritos de Arantes não tenha havido espaço para a história dos habitantes que, primeiramente, ocuparam a região, os índios e os negros, por exemplo. Comentava, em seus textos, a passagem dos bandeirantes, a chegada dos primeiros povoadores e o início do núcleo populacional, mas sem abordar os prováveis conflitos entre o próprio grupo de "desbravadores", bem como entre estes e a população indígena e negra habitante do local. Essa omissão não pode ser atribuída a uma suposta ignorância de Arantes a respeito do tema, pois Diogo de Vasconcelos, um dos autores lidos por ele e cuja obra encontra-se em sua biblioteca, abordou a questão ao tratar da história antiga de Minas Gerais: "Por muito superior que fosse o uso das armas de fogo, exerceram-se mais pelo terror, que causaram aos índios, que pela força direta e decisiva dos combates".[621]

Em suas histórias sobre Uberlândia, Silva também mencionou estes conflitos, com a particularidade de os localizar no município de Uberlândia, mais próximos ao universo retratado por Arantes em seus estudos:

> *Ninguém quer tirar a glória do pioneiro geralista João Pereira da Rocha. Simplesmente não se pode esquecer que antes dele, outras pessoas habitaram as terras que formariam o Município de Uberlândia. Primeiro os caiapós, escorraçados por Antônio Pires de Campos e, depois, os quilombolas, destruídos por Bartolomeu Bueno do Prado. Depois destes elementos indesejados pelos exploradores das minas de Goiás, porque atacavam comitivas, formaram-se aldeias com bororós domesticados e alguns negros, escravos ou libertos, que se mestiçaram com os índios e formaram os primeiros núcleos às margens do caminho.*[622]

Arantes não mencionou também a existência de conflitos políticos acerca da instalação do Município, já no final do século XIX, e, contudo, estes existiram. Conforme ressaltou Bosi: "... é o próprio Pezzuti quem nos permite conhecer algumas divergências quanto aos destinos políticos de Uberabinha".[623] Segundo o autor, existiam três projetos com caraterísticas próprias: dois defendiam a permanência da Vila: sendo que um deles era liderado por migrantes e o outro pelos dissidentes. O terceiro projeto, vitorioso, foi liderado por Augusto César Ferreira e Souza e defendia a elevação da Vila à categoria de Município.

---

[621] VASCONCELLOS, Diogo de. *História antiga das Minas Gerais*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1904, p. 80-81. APU. CPJA.
[622] SILVA, A., 2002, op. cit., p. 57.
[623] BOSI, Antônio de P. Conflitos sociais na constituição do espaço urbano: São Pedro de Uberabinha na década de 1890. *História & Perspectivas,* Uberlândia, n. 18/19, jan./dez. 1998, p. 57.

No entanto, mesmo conhecendo a obra de Pezzuti e citando-a em seus livros, Arantes não mencionou os embates políticos existentes no final do século XIX. Esta estratégia de silêncio— denominada por Marc Ferro de "*silêncios da história oficial*"[624] — também foi adotada pela historiografia brasileira ao reportar a períodos variados de nossa história, um exemplo pode ser buscado no tratamento conferido à instauração da República no país. Não obstante os testemunhos em contrário, na tentativa de mitigar conflitos nas primeiras décadas de instauração do novo regime e também de amenizar exasperadas contestações que ameaçavam eclodir em momentos posteriores, quando se acirravam as disputas pelo poder, prevaleceu, na memória sobre o período, uma versão, também acolhida e incorporada por muitos historiadores, de que entre nós a República teria sido instaurada de forma natural, pacífica, alheia a conflitos e vozes discordantes. Como resultado dessa operação, muitos trabalhos historiográficos produziram uma forma narrativa *"... lógica e contínua na qual os testemunhos contestadores cederam lugar às nuanças dos triunfadores e os acontecimentos se ajustaram em encadeamentos que não possuíam, adquirindo inatacável coerência".*[625]

A obra construída por Arantes obteve esse mesmo resultado, consubstanciando-se na tentativa de fazer com que a história do município de Uberlândia adquirisse uma coerência tal que, desde os primórdios da ocupação de suas terras no século XIX até o final da década de 1970, não haveria muito espaço para acontecimentos fortuitos. A história aparece como tendo sido o resultado da ação de homens de caráter irrepreensível, que planejaram os seus atos de forma harmoniosa e não como simples fruto do acaso ou da obra de aventureiros e inconseqüentes.

A insistência na figura de Felisberto Carrejo como tendo sido "O fundador" relacionava-se ainda com uma dada representação que se pretendia construir para o município ao longo de seu meio século de emancipação. Carrejo é apresentado como um homem que, além de ser trabalhador e honesto, possuiria indubitáveis qualidades intelectuais, religiosas e empreendedoras.

---

[624] Segundo o autor: "Ligados ora às exigências da razão do Estado, de sua legitimidade, ora à identidade de uma sociedade e à imagem que ela quer dar de si mesma, esses silêncios jogam um véu pudico sobre alguns segredos de família — cada instituição, cada etnia, cada nação tem os seus". (FERRO, Marc. *A história vigiada*. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 34).

[625] JANOTTI, Maria de L. M. O diálogo convergente: políticos e historiadores no início da República. In: FREITAS, Marcos C. *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998, p. 143.

> ... Felisberto Alves Carrejo, o mais instruído dos irmãos. Era homem culto e religioso. Não se preocupava com as riquezas materiais. Compreendendo que já era tempo de se cuidar da cultura espiritual daquele povo laborioso, que aspirava somente o engrandecimento material de seu meio, resolveu abrir uma escola primária no seu bairro. Nesse templo de luz iria se instruir a primeira geração daquela gente inculta.[626]

Carrejo não só teria tido competência para gerir a sua propriedade rural, como também sabia ler, escrever e, sobretudo, tinha interesse em socializar esses conhecimentos. Como era alfabetizado, tomou a iniciativa de abrir em sua propriedade, na fazenda da Tenda, a primeira escola da região, levando um pouco de luz à população "inculta" e desprovida de conhecimentos escolares, que vivia sob os seus domínios.

A importância dessa sua iniciativa encontraria respaldo também em outra de suas qualidades, a saber, os seus atributos religiosos. Nesse aspecto, da mesma forma que nos demais, Carrejo seria um exemplo a ser seguido por seus sucessores.[627] Segundo Arantes, teria sido em virtude de sua devoção que contribuiu para o levantamento de recursos para a construção da primeira capela e que se esforçou para consagrar padre o seu filho primogênito. Tendo sido este o primeiro a celebrar missa na capela construída no povoado.[628]

A figura do fundador não estaria completa se não fosse acrescida a essas duas qualidades uma outra que se somava às anteriores, a saber, o seu potencial empreendedor. Como traço da capacidade empreendedora de Carrejo, Arantes cita a grandiosidade da tarefa executada por aquele ao ter deixado a sua propriedade e ter tomado a iniciativa de fundar um povoado e, depois, organizá-lo administrativamente, dotando-o das condições necessárias para que, décadas mais tarde, pudesse se constituir em município.

> *Muitos anos o mestre Carrejo viveu na 'Tenda', dirigindo a sua escola, cercado de amigos que muito o consideravam. Outros ideais forçavam agora a sua retirada daquele ambiente que ele tanto estimava. (...) Era chegado também o tempo de se congregar o povo destas zonas, para a formação de um povoado, que seria a base de uma cidade. Era essa preocupação que atormentava agora o espírito creador de*

---

[626] ARANTES, J. De onde Uberlândia veio. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 6, p. 7, jul. 1940. APU. CPJA.

[627] Esta representação de Felisberto Carrejo construída por Arantes aproxima-se de uma das mitificações de Tiradentes, elaborada e difundida pelo Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais — IHGMG. Segundo Callari, o primeiro grande estudo revisionista acerca da Inconfidência Mineira, elaborado em 1927, por um dos membros do referido instituto (professor Aurélio Pires), ao tratar o tema, evocou a figura de Tiradentes empregando atributos religiosos para caracterizá-lo, por meio do quais rendia-lhe um verdadeiro culto, apresentando-o como "exemplo pedagógico e cívico". (CALLARI, op. cit., p. 80-81).

[628] ARANTES, J., 1981b, op. cit., p. 30.

> *Felisberto Alves Carrejo. Para abrigar o grande número de pessoas, que por certo o acompanharia, adquiriu Felisberto Alves Carrejo uma área de terra, de campos e cultura (...). Aí se fundou a primitiva povoação. (...) Ele foi sempre o pioneiro de tudo que se fez para o desenvolvimento da povoação.* [629]

Nesse sentido, teria sido sobre o tripé capacidade administrativa, domínio do saber escolar e cristianismo, que se teria assentado a origem do município de Uberlândia, pois eram essas as qualidades apresentadas como sendo inerentes ao seu "pai fundador" e que iriam compor o "mito das origens" subjacente às interpretações elaboradas por Arantes. Pensamos que a questão desse mito pode ser relacionada ao que Rodriguez denominou provincianismo e mentalidade provinciana.[630] O autor remete essas categorias à apropriação do espaço geográfico e à configuração do território, e discute como, desse liame, institui-se o mito de origem. De acordo com as considerações de Rodriguez, para a mentalidade provinciana tanto a história como a geografia permanecem atadas à "obra individual de certos personagens, cujo esforço tenaz e civilizador dá origem à comunidade".[631]

Neste caso, a insistência de Arantes em instituir a figura do fundador para Uberlândia pode estar relacionada aos traços de uma dada mentalidade provinciana que, sem excluir o conteúdo político da análise, busca fundir biografia e história do pioneiro ao mais profundo elo com a província. A conformação do pioneiro em herói processar-se-ia, nesse caso, segundo os preceitos de um forte provincianismo, pois: "Os pioneiros são os heróis das terras difíceis e das comarcas distantes. O mito dos pioneiros forma parte indissolúvel da mentalidade provinciana e está na base de instituição das identidades locais e regionais".[632]

Deve-se observar que as representações que buscam o mito de origem não podem ser explicadas apenas pela influência do provincianismo e/ou da mentalidade provinciana e nem são

---

[629] ARANTES, J., jul. 1940, op. cit., p 8-9.

[630] Segundo sugere Manuel Rodriguez, o provincianismo deve ser tomado como uma cultura e uma maneira de ser, um estilo de comportamento que tanto pode ser individual como social, e a mentalidade provinciana como uma categoria mental e espacial que se apresenta como uma maneira de pensar, um conjunto de hábitos, costumes e tradições próprio daqueles que permanecem fortemente atados a um lugar de origem. (RODRIGUEZ, Manuel. *"Microcosmos"*, Introducción para un estudio de la mentalidad provinciana. Disponível em: <http://surdelsurpatagonia.com/lafrontera/microcosmos.htm>. Acesso em 07 maio 2004).

[631] RODRIGUEZ, op. cit., p. 5.
No original: "... obra individual de ciertos personajes, cuyo esfuerzo tesonero y civilizador da orígen a la comunidad".

[632] RODRIGUEZ, op. cit., p. 5.
No original: "Los pioneros son los héroes de las tierras difíciles y las comarcas lejanas. El mito de los pioneros forma parte indisoluble de la mentalidad provinciana y está en la base fundacional de las identidades locales y regionales".

exclusividade da história que Arantes lutou para engendrar, pois algo muito semelhante teria ocorrido no âmbito da historiografia produzida em outro continente, conforme ressaltou Marc Bloch.[633]

O mesmo procedimento também teria sido adotado para explicar a fundação de muitas cidades brasileiras. Pesavento, por exemplo, também toca nessa questão, ao tratar dos discursos que tiveram como objetivo analisar as origens da cidade de Porto Alegre no Rio Grande do Sul. Segundo a autora, atravessa esses discursos a tentativa de reconstruir a gênese da cidade a partir da mitificação das origens. Nesse caso, o mito fundador teria por função promover o sentido da pertença e, com ele, garantir a unidade da população em torno de projetos políticos, por exemplo.[634]

O retorno às origens também caracterizaria, no dizer de Bresciani, os trabalhos desenvolvidos pelos intelectuais que se debruçaram sobre os estudos acerca das colônias européias instaladas no continente americano: "Todas as elaborações intelectuais sobre o que veio a ser cada uma das antigas colônias européias nas Américas sentem-se irresistivelmente atraídas para uma origem, um começo, para os tempos da colonização".[635]

Por extensão, essa mesma estratégia inscreve-se no âmbito das explicações construídas pelos "intérpretes do Brasil" no que diz respeito às tentativas de construção de uma identidade nacional. Seria possível localizar alguns "lugares comuns" nesses estudos sendo que um deles residiria justamente no retorno mitológico às origens, porquanto, conforme análise de Bresciani: *"... recorre-se com insistência a mitos ou lendas de origem, nas quais as características físicas*

---

[633] Segundo o historiador francês, a explicação histórica, assentada na categoria das origens, era uma opção arriscada, uma vez que por origem tanto poderíamos pretender definir um começo, quanto estabelecer causas. E, nesse caso, a busca das origens constituiria, ela mesma, na tentativa de explicação histórica: "Para o vocabulário corrente, as origens são um começo que explica. Pior ainda: que basta para explicar. Aí mora ambigüidade; aí mora o perigo". (BLOCH. Marc. *Apologia da história*: ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 56-57).

[634] Ao tratar da obra de Augusto Porto Alegre, a autora tece o seguinte comentário: "Sua obra histórica tem uma 'posição' literária, e seu discurso sobre o passado compõe uma coerência de sentido mítica. O horizonte de temporalidade desse mito é o passado, e a sua narrativa busca reconstituir a sociedade antiga com vistas a consolidar um sentimento identitário. O mito fundador, como se sabe, é fundamental para a representação de um pertencimento, que construirá uma comunidade simbólica de sentido". (PESAVENTO, Sandra J. *O imaginário da cidade*. Porto Alegre: UFRGS, 2002, p. 246).

[635] BRESCIANI, Maria Stella M. *O charme da ciência e a sedução da objetividade*: Oliveira Vianna interpreta o Brasil. 2003. Tese (Titular) – Departamento de História, UNICAMP, Campinas, 2003, p. 69.

do território tanto quanto os traços genealógicos e o quadro cultural constituem itens importantes na formação das características da população...". [636]

Ao discutir os impasses engendrados pelas tentativas de produzir uma versão oficial para a proclamação da república brasileira, Carvalho ressaltou a luta que se travava nos bastidores em torno da disputa pelo título de mito/fundador do 15 de novembro. Digladiavam-se os defensores do Marechal Deodoro, os partidários de Quintino Bocaiúva, os discípulos de Floriano Peixoto e os signatários do nome de Benjamin Constant. As qualidades deste último, ressaltadas pelos seus prosélitos como justificativa para sua escolha, são muito semelhantes àquelas elaboradas por Arantes em torno dos supostos atributos de Carrejo:

> *[Benjamin Constant] Era o catequista, o apóstolo, o evangelizador, o doutrinador, a cabeça pensante, o preceptor, o mestre, o ídolo da juventude militar. Benjamin não aparece em primeiro lugar como representante da classe militar, como vingador e salvador do Exército. Aparece como o professor, o teórico, o portador de uma visão da história, de um projeto de Brasil.*[637]

Tal qual Bejamin, Carrejo não deveria ser reconhecido pelo uso da força, mas tão somente pelos seus valores religiosos e seus dotes intelectuais. Na ausência da discussão sobre possíveis conflitos que teriam perpassado o processo de povoamento instituído e liderado por Carrejo, somos levados a concluir que a população sucessora da família desse pioneiro seria herdeira das mesmas virtudes que lhe foram atribuídas. Aí reside, para nós, o terceiro objetivo que perpassa o trabalho de Arantes, qual seja, perpetuar nos sucessores daquele fundador as suas supostas virtudes.

Entendemos que o recurso empregado para tal representação foi a produção de pequenas biografias, mais apropriadamente, seria denominar esses escritos de panegíricos, pois eram textos apologéticos nos quais se evidenciavam as virtudes de caráter e enalteciam-se os feitos dos primeiros desbravadores do Sertão da Farinha Podre, bem como de personalidades políticas, intelectuais, empresários e profissionais liberais que nasceram em Uberlândia ou ali vieram fixar

---

[636] BRESCIANI, op. cit., p. 23.
Marilena Chauí também abordou a construção mítica elaborada desde o século XVI para explicar as origens do Brasil. (CHAUÍ, 2001, op. cit., 57-87).

[637] CARVALHO, José M. de. *A formação das almas*: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 1990, p. 40.

residência.[638] Em geral, as personalidades selecionadas por Arantes para figurarem nos "vultos da nossa história" – título de uma das seções de sua revista – eram do sexo masculino. Homens laboriosos, persistentes e altruístas, cuja trajetória de vida remontaria a uma origem modesta e culminaria no progresso material, obtido a custa do próprio trabalho. As citações abaixo são paradigmáticas dessa abordagem:

> *Em setembro de 1893, pisava as terras brasileiras um moço português, cheio de vida e de esperanças [Joaquim Marques Póvoa]. Tinha somente saúde e vontade de trabalhar. Procuraria, a custa da força do seu braço possante, o trabalho que lhe traria recursos no futuro (...). Com a visão clara de moço inteligente, vaticinou a seu futuro promissor no comércio da Praça. Estabeleceu-se modestamente.(...) Na política militou com lealdade e independência, como baluarte da sua facção. Foi sempre um lutador incansável. Vive para o trabalho.*[639]
>
> *Como ativo comerciante, político de elevado conceito e ardoroso propugnador do progresso da sua terra, foi o Col. José Teófilo Carneiro um exemplo. A estrada de ferro Mogiana (...); a construção da ponte metálica 'Afonso Pena', em 1909, 'que abriu no Paranaíba a porta de Minas para Goiás entrar' e a organização da nossa primeira companhia de Luz e Força, deve-se sobretudo aos seus esforços.*[640]
>
> *[Capitão Sebastião Ribeiro dos Santos] Homem afeito ao trabalho, foi industrial, proprietário de uma grande cervejaria, estabelecendo-se depois no comércio com confeitaria, hotel e armazém (casa Aurora). Exerceu diversos cargos públicos, sendo agente do Correio em 1910, delegado de polícia e Juiz de Paz durante 20 anos, sempre reeleito pelo seu prestígio pessoal, se conduzindo sempre como autoridade impoluta e político de destaque no partido.*[641]

---

[638] A produção de biografias foi largamente estimulada no Brasil a partir da década de 1930. Segundo Gomes, esse fator explica-se em função da reorganização dos conteúdos de História Geral e do Brasil implementada com as reformas realizadas no ensino, em 1931, por Francisco Campos e em 1942, por Gustavo Capanema. A primeira reforma organizou o ensino em círculos concêntricos, por meio dos quais a matéria ensinada no curso fundamental seria aprofundada no curso complementar. Dessa forma, na primeira série os alunos eram iniciados no estudo da "história biográfica e episódica" entrando em contato com a "... narrativa da vida de grandes nomes ligados à história do Brasil e da América". A reforma instituída por Capanema reforça essas orientações, pois postulava que a formação da consciência dos alunos do curso secundário deveria ser buscada por meio dos acontecimentos e da vida de personalidades principais do passado. Dessa forma: "A admiração pela personalidade humana e por seus grandes feitos estava na base da compreensão do sentido de nossa história e da construção das noções de dignidade e responsabilidade cívicas. (...) Com a função de motivar e de iniciar os alunos do curso secundário nos estudos históricos, as biografias — sobretudo a dos vultos nacionais — desempenhavam um papel-chave no sistema educacional, além de, por tradição, constituírem um gênero acessível e agradável ao grande público". (GOMES, 1996, op. cit., p. 153-54).

[639] ALBUM de Uberabinha. Vultos da nossa história. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 3, não paginado, maio 1939. APU. CPJA.

[640] POLÍTICA, políticos e partidos. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 20, não paginado, dez. 1955. APU. CPJA.

[641] ALBUM de Uberabinha. Capitão Sebastião Ribeiro dos Santos. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 21, não paginado, junho 1956. APU. CPJA.

Os traços da apologia conferida a Carrejo e, por extensão, aos seus sucessores, não foram produzidos exclusivamente por Arantes. Uma análise sobre as suas fontes bibliográficas revela que já se encontravam presentes em autores por ele consultados aspectos dessa mesma representação. A história do município de Uberlândia, escrita no princípio do século XX, por um memorialista do estado de Goiás, citada em um dos livros de Arantes, constitui um exemplo do esforço de mitificar as origens, fossem estas da cidade, fossem dos seus primeiros habitantes, atribuindo-lhes conotações messiânicas:

> *Foi debaixo desses princípios [cristãos] que Felisberto Carrejo iniciou os seus trabalhos, sempre com a fé criteriosa de que o braço Divino o amparava naquele desideratum para todos, e de fato conseguiu ver coroado de feliz êxito os seus acrisolados esforços. (...) Nesse rancho de Felisberto Carrejo, reinava a paz, a união, o sossego, tranqüilidade e alegria. Ali rezavam o terço todas as noites, antes de se acomodarem e diversas orações da Aurora Matutina, antes de começarem os trabalhos.*[642]

A idealização do caráter da população local, igualmente, já fazia parte da obra de alguns autores consultados por Arantes. O historiador goiano, citado anteriormente, traçou um perfil laudatório dos primeiros habitantes da futura cidade de Uberlândia que, embora se aproximasse daquele posteriormente registrado por Arantes, ultrapassou qualquer tentativa de análise mais objetiva da realidade:

> *Os Uberabinhenses eram honestos, probos, hospitaleiros, ativos, laboriosos, exemplares chefes de família, cumpridores de seus deveres particulares, sociais e comerciais; desconheciam e odiavam a mentira, primando sempre pela verdade e cumprimento da palavra; cujos elementos concorreram diretamente para a fundação e progresso de Uberabinha.*[643]

Capri, outro memorialista que produziu um livro sobre o município e que antecedeu a Arantes, também enfatizou esse aspecto como sendo caraterística da "índole do povo" de Uberlândia. Segundo o autor, a população local era: *"...hospitaleira, franca e ativa, concorrendo tudo isso para o seu engrandecimento. O povo é laborioso e inteligente"*.[644] Depois dele, Pezzuti também abordou o assunto e ressaltou os mesmos atributos: *"População em geral pobre, mas muito laboriosa e ambiciosa de melhorar ..."*.[645]

---

[642] SANTANA, J. T. de. Apud ARANTES, J., 1967b, op. cit., p. 25.
[643] SANTANA, J. T. de. Apud ARANTES, J., 1967b, op. cit., p. 26.
[644] CAPRI, op. cit., p. 43.
[645] PEZZUTI, op. cit., p. 12.

Assim como Arantes não inventou tais representações, ele também não as esgotou, pois encontramos na obra de memorialistas que o sucederam uma descrição de Carrejo, que, em tudo, se assemelha à idealização anteriormente comentada. Ao falar sobre aquele eleito por Arantes como tendo sido o "fundador da cidade", Tito Teixeira apresenta-o com a mesma versão trabalhada por Arantes:

> *Felisberto Alves Carrejo era professor, dotado de perfeita formação moral e religiosa, adquirida de ancestrais e consolidada na fonte espiritual do colégio dos missionários catequistas da confraria de São Bento do Tamanduá (...). Fixando sua residência na fazenda da Tenda, criou para aquele local um ponto de convergência de todas as atenções das regiões ocupadas, onde seus posseantes iam buscar conselhos e orientação para a solução de questiúnculas comerciais, sociais ou familiares. Felisberto Carrejo criou em torno de sua figura patriarcal um culto de admiração e respeito de tal envergadura, que o transformou em apóstolo da família.* [646]

Mesmo que tenha incorporado algumas representações produzidas por intelectuais que o antecederam, a contribuição prestada por Arantes, no âmbito da construção de uma memória grandiloqüente para a cidade, não encontrou paralelo nos temas trabalhados por outros memorialistas que escreveram sobre o mesmo assunto. Acreditamos que a originalidade de seu trabalho consistiu, primeiramente, no fato de ter produzido uma "paternidade" para Uberlândia — embora seus precursores citassem Carrejo, não o apresentavam como "o fundador". Afinal, parecia pouco conhecer o passado, era, pois, necessário torná-lo grandioso, amalgamando-o à figura de um homem, meticulosamente edificado como "herói". O segundo aspecto que tornou sua interpretação singular incidiu no fato de ter produzido uma memória para a cidade segundo a qual as virtudes que seriam inerentes ao caráter de Carrejo estenderam-se aos companheiros que o ajudaram na construção do povoado; aos seus sucessores, políticos que se encarregaram da administração municipal; e também ao próprio Arantes.

Concomitantemente a esses temas, muito característicos dos conteúdos de uma vertente da história que pode ser vista como oficial – *"... com personagens, datas, acontecimentos ..."*.[647]–, Arantes dedicou parte de seu tempo à pesquisa acerca de temas mais relacionados ao que hoje denominaríamos de uma história do cotidiano, cujos resultados obtidos foram publicados na forma de artigos em alguns números da *Uberlândia Ilustrada* e em jornais da cidade.

[646] TEIXEIRA, T., 1970, v. 1, op. cit., p. 21.
[647] FERRO, op. cit., p. 19.

Posteriormente, ele selecionou algumas crônicas e organizou-as em um livro inédito de sua autoria, denominado *Crônicas Sociais*.[648] Segundo ele, esse livro era resultado da tentativa de trilhar pelo *"mundo das letras"* e retratava a fase inicial de sua produção*: "... aquela fase de nossa ardorosa juventude, quando dávamos os primeiros passos na caminhada incerta, sonhando alcançar no mundo das letras a trilha do jornalismo"*.[649]

Em algumas crônicas, Arantes extrapolava o estatuto da produção histórica e se permitia a incursão de teor bastante literário, como, por exemplo, em uma delas em que registrou a história do primeiro jardim público criado em Uberlândia. Nessa crônica, ele recuperou a história da praça da Independência no ato de sua inauguração em 15 de agosto de 1907 e recriou o ambiente festivo que teria marcado a ocasião, para tanto, simulou diálogos virtuais, possivelmente, travados entre as pessoas imaginadas por ele como se estivessem presentes naquela data.[650]

Outras crônicas afastam-se consideravelmente da história – sem, no entanto, renunciar a ela – e aproximam-se muito mais de textos literários: são poemas dedicados à imprensa, às mães, a árvores lendárias e a uma criança carente; há também duas fábulas, cujas personagens centrais são um cachorro e uma antiga residência. Nesta última, a temática incide sobre a história, uma vez que, a propósito de narrar os lamentos de uma casa velha e abandonada, o autor recupera a história de alguns casarões erguidos na cidade no século XIX.

Mesmo que todas essas crônicas retratassem aspectos históricos da cidade, tais como biografias de algumas personalidades políticas, relatos de acontecimentos pitorescos, datas significativas para a história da cidade, o autor parecia não incluí-las no rol de seus trabalhos acerca da história local. Nas crônicas, sobressai o emprego de dados oriundos mais da memória social, e, em função disso, aquelas se diferenciam de suas outras obras, nas quais se propõe a investigar o passado de Uberlândia mediante a fundamentação de suas conclusões em uma base documental mais objetiva.

Pensamos que essa relutância de Arantes em classificar as crônicas como pertencendo ao conjunto de sua obra relativa à história da cidade pode ser relacionada às particularidades existentes na própria historiografia brasileira produzida por alguns membros do IHGB, nas

[648] ARANTES, J., 1977, op. cit., não paginado.
[649] ARANTES, J., 1977, op. cit., não paginado.
[650] ARANTES, J., 1977, op. cit., p. 60-62.

primeiras décadas do século XX, cujas características foram definidas por Callari nos seguintes termos*: "a transição de um período em que a tradição e a memória coletiva confundem-se com a história – a chamada concepção clássica – para o período da concepção moderna, alicerçada na cientificidade e na base documental"*.[651]

Dessa forma, prevalecia em Arantes a compreensão segundo a qual à história pertenceria apenas o domínio do relato despojado de subjetividade, ancorado em fatos dos quais se pudesse se extrair uma "essência". Como várias crônicas apresentavam descrições apaixonadas de aspectos relacionados ao passado de Uberlândia, bem como eram perpassadas por um estilo que sobrepunha realidade e ficção, não eram incluídas na lista de seus trabalhos sobre a história da cidade, caracterizados por ele como sendo resultado de criteriosa e laboriosa pesquisa documental realizada em arquivos, pois*: "Vencendo obstáculos de avantajada proporção, tudo fizemos à luz dos documentos históricos, esquecidos na poeira dos arquivos da papelada secular, no afã de extrair dali a pura essência dos fatos históricos..."*.[652]

Não é sem motivo, portanto, que, no prefácio das *Crônicas sociais,* o autor tenha ressaltado que se tratavam de "textos de juventude", nada que revelasse o amadurecimento do memorialista que, anos após, se orgulharia de ser um dos maiores conhecedores dos fatos relacionados ao passado de Uberlândia, conforme depreendemos das polêmicas nas quais se envolveu.

No que diz respeito às fontes de pesquisa, Arantes empregava aquelas mais variadas possíveis, tais como documentos impressos, depoimentos orais e iconografia. Dentre os primeiros, encontramos citados em seus textos: documentos paroquiais, tais como livro de registro de óbitos, anuário eclesiástico da Diocese de Uberaba e livro de apontamentos da receita e despesas da Capela de Nossa Senhora do Carmo. Recorreu, também, aos documentos cartoriais, visto que pesquisou livros de escrituração do município. Além disso, buscava dados nos arquivos por onde passava, dentre estes, visitou o Arquivo da Subdelegacia de Polícia e Arquivo Público Mineiro —neste local, teria pesquisado as cartas de sesmarias referentes à região onde se instalou o município de Uberlândia.

---

[651] CALLARI, op. cit., p. 74.
[652] ARANTES, J., 1962, op. cit., p. 6.

Como complemento dessas fontes, utilizava e citava em seus textos os artigos publicados em jornais, assim como a pesquisa realizada por memorialistas da região. Nesse sentido, referiu-se aos livros de história local, escritos por missionários sertanistas residentes na região de Desemboque; aos trabalhos de pesquisa de autores dos municípios de Uberaba, Cataguazes e Campina Verde; além do livro deixado por um memorialista residente em Uberlândia.[653]

Os documentos escritos e citados em seus textos revelam que, embora Arantes os buscasse nas origens mais diversas, ficavam circunscritos ao âmbito local. O arquivo paroquial consultado pertencia à Igreja Matriz de Uberlândia, da mesma forma que eram locais os cartórios onde pesquisou os livros de escrituras. Exceção feita aos documentos pesquisados no Arquivo Público Mineiro, sediado em Belo Horizonte e no arquivo da diocese de Uberaba. Até mesmo a bibliografia citada era constituída por livros oriundos da cidade e da região mais próxima: Uberaba, Campina Verde, Desemboque e um de origem mais remota, posto que proveniente de Cataguazes, Zona da Mata.

Arantes realizava suas pesquisas concomitantemente ao exercício de seu cargo no serviço público. Nesse sentido, não dispunha de tempo e nem de recursos financeiros suficientes para realizar longas viagens, tendo em vista pesquisar dados sobre a história local. Acreditamos que esta foi uma das limitações que o impossibilitaram de buscar documentos sediados em arquivos mais afastados.

Ao contrário da amplitude observada na seleção dos depoentes, a escolha dos textos escritos – freqüentemente empregados em seus estudos – circunscrevia-se ao âmbito daqueles de ordem oficial, que se encontravam arquivados em paróquias, cartórios e arquivos públicos, e de outros extraídos de jornais. Não encontramos, em nenhum dos textos analisados, alusões ao uso de cartas pessoais e bilhetes como fontes de pesquisa. No entanto, embora mais difundida no Brasil a partir da segunda metade do século XX, a diversificação no emprego de fontes de pesquisa já caracterizava, no final do século XIX, no dizer de Gomes, a obra de alguns "historiadores" – dentre eles, Joaquim Nabuco. Este teria recorrido inclusive à documentação não oficial, tais como: correspondência e papéis íntimos. – e teria sido muito valorizada durante o

[653] Anexo I. Inventário da Coleção Professor Jerônimo Arantes. Arquivo Público.

Estado Novo, conforme se depreende dos comentários existentes no suplemento *Autores e Livros* que compunha o jornal *A Manhã*. [654]

Com relação às fontes orais, verificamos que Arantes buscou dados para as suas pesquisas entre as pessoas mais idosas que encontrou, que tanto poderiam ter origem abastada quanto não possuírem quase nenhuma renda. Buscava depoentes onde quer que encontrasse pessoas dispostas a compartilhar com ele aspectos relativos ao passado da cidade de Uberlândia. No afã de conhecer a história local, não valorizava somente dados oriundos de uma memória meramente elitista. Ao contrário, seus entrevistados tanto poderiam ser membros da elite quanto poderiam ser encontrados entre a camada popular excluída de qualquer notoriedade, fosse esta de ordem política, econômica ou social. Entrevistava antigos políticos, empresários, comerciantes, professores, camponeses, auxiliares de boiadeiros, filhos de escravos, enfim, todos aqueles que julgasse relevantes para os seus propósitos de pesquisa. Em uma dessas entrevistas, ele deixou registrada a seguinte consideração a respeito dessa fonte de pesquisa:

> *Preferimos sempre — e com muito proveito — fazer o nosso passeio domingueiro, pelos subúrbios, onde descansamos da luta constante em nossa mesa de trabalho, no afã de 'amassar o pão com a ponta da caneta' na expressão feliz do imortal Humberto de Campos. No convívio com a gente simples e feliz desse meio, temos colhido um valiosíssimo [sic] material que empregamos no rabisco da nossa história, ao par de outros dados que buscamos na papelada esquecida pelas estantes abandonadas.*[655]

O critério utilizado para a escolha do depoente parecia repousar simplesmente sobre três aspectos, a saber: a idade, que sempre deveria ser avançada; a integridade da memória, pois era preciso que essas pessoas conservassem ainda viva a capacidade de lembrar; e, finalmente, a disposição em conversar, em narrar fatos passados na cidade e adjacências. Buscava as memórias desses depoentes para compor a história que tecia em torno da cidade, valendo-se, para tal, de um procedimento assaz antigo, próximo àquele empregado por Heródoto, que, ao tratar da memória,

---

[654] Destacava-se nesta publicação: "... a presença e a valorização, nas obras mais elogiadas, do uso não só de uma grande variedade de documentos escritos oficiais, como de documentos 'pessoais', não-oficiais, e também de documentos visuais. Os elogios feitos às obras de Nabuco, Oliveira Lima e Alcântara Machado ressaltam fortemente esse trabalho com fontes, que permitiria ao escritor compor uma narrativa 'colorida' e 'vívida' de sentimentos e aspectos da vida cotidiana". (GOMES, 1996, op. cit., p. 123).

[655] DALBAS JUNIOR. Visão do passado. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 9, p. 16, abr. 1941. APU. CPJA.

parecia querer *"... salvar o memorável, resgatar o passado do esquecimento, buscando nas palavras das testemunhas a lembrança das obras humanas"*.[656]

Arantes tentava salvar o passado do esquecimento e buscava junto a essas pessoas recordações acerca da história da cidade, notadamente, no que se referia à constituição da política, desenvolvimento comercial e transformações urbanas. Para atingir seus propósitos, não se furtava em transcrever partes dos depoimentos em que a "gente simples" discorria sobre seu cotidiano. Ainda que buscasse por intermédio desses depoentes dados relativos aos feitos dos homens que, supostamente fizeram a história do município, parecia interessar-lhe o conhecimento acerca da origem dessas pessoas, pois demonstrava curiosidade sobre a forma como viviam e o que faziam.[657] O extrato da fala de um de seus depoentes, reproduzido a seguir, fornece um exemplo desse aspecto:

> *Eu sou natural de Fortaleza, capital do Ceará. Vim para a corte do Rio de Janeiro em 1864, com 25 anos mais ou menos. E, fugindo do recrutamento para a Guerra do Paraguay, ou a Guerra do Lopes, dei com os costados aqui, em 1865. Isto aqui era um sertão à toa. Tinha algumas casas melhores um pouquinho, ali perto da igreja, que era igreja e cemitério ao mesmo tempo. As gentes mais de importância eram sepultadas debaixo do soalho da sacristia. Os pobres eram enterrados sem caixão, embrulhado num pano preto, em redor da igrejinha. Eu era camarada de boiadeiro (...).*[658]

Freqüentemente, era Arantes quem realizava as próprias entrevistas, pois, em várias passagens dos seus textos, ele mencionou o momento do encontro com o depoente. Há, inclusive, alguns textos na *Uberlândia Ilustrada* nos quais parecem ter sido publicadas na "íntegra" as entrevistas realizadas por ele. A impressão que se tem é a de que foram reproduzidos os diálogos conforme ocorreram durante a coleta dos depoimentos:

> *—Boa tarde.*
> *—Boa tarde. (estamos na residência do sr. Vitor Cotta Pacheco.)*
> *—Que calor hein!!*
> *—É verdade. O amigo por aqui...*
> *—Perfeitamente. A minha presença se justifica pela seguinte finalidade: nesta edição da nossa revista 'Uberlândia Ilustrada'.... .* [659]

---

[656] GAGNEBIN, Jeanne M. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 26.
[657] Gomes ressalta que a valorização do cotidiano do homem comum, além dos feitos daqueles considerados grandes homens, já se fazia presente na historiografia brasileira do final do século XIX, em particular, nos textos do historiador maranhense João Francisco Lisboa. (GOMES, 1996, op. cit., p. 87, 104)
[658] REVIVENDO o passado na voz da gente antiga. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 4, p. 30, jun. 1939. APU. CPJA.
[659] DENTISTAS, dentes e dentaduras: Ouvindo um dentista antigo (...). *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 17, p. 1, out. 1953. APU. CPJA.

> *Estamos na rua 13 de Maio. Batemos palmas à porta de uma casinha humilde. Uma moreninha alegre e robusta vem nos atender e volta.*
> *— Vovô tem um moço de óculos chamando o senhor.*
> *— Eu? Quem será meu Jesus da Lapa! (...).*[660]

No entanto, como não havia registro mecânico, é de se supor que lhe escapassem muitos aspectos nas anotações realizadas no decorrer das entrevistas. Podemos inferir que alguns dados fossem alterados em função da dificuldade que consiste em ouvir, prestar atenção e, ao mesmo tempo, escrever, e Arantes fazia questão de anotar tudo.

Ao utilizar as falas dos depoentes não se limitava apenas a reproduzir o que as pessoas haviam lhe relatado, mas acrescentava detalhes acerca das subjetividades observadas no ato da entrevista. Por exemplo, encontramos, em seus textos, referências ao fato de o entrevistado elevar ou abaixar a voz quando discutia um assunto determinado; há também menção de expressões faciais de agrado e desagrado, sorrisos, lágrimas, suspiros e demais gestos empregados pelos entrevistados para expressar seus sentimentos. Ao escrever sobre o cinqüentenário da criação do município de Uberlândia, Arantes transcreveu o depoimento que obteve de *Mãe-Preta*, uma negra filha de escravos, acerca do passado da cidade, e acrescentou ao texto os seguintes detalhes das expressões manifestas pela depoente:

> *Quando lhe fizemos a primeira pergunta, ela levou a mão magra à testa enrugada, como se quisesse arrancar daquele repositório um punhado de lembranças e idéias adormecidas (...). [Depois] Enxuga com a manga da camisa uma gôta de lágrima, prestes a desprender-se do ôlho neblinado; engole a saliva, movendo-se com queixo (...). Ela medita alguns instantes, dando asas ao pensamento e continua, revivendo o seu passado distante (...).* [661]

Os exemplos como esse não se constituem exceção, mas, ao contrário, multiplicam-se nos textos deixados por Arantes. Pensamos que a abundância de informações contidas em suas transcrições seja decorrente de uma estratégia empregada por ele, a fim de dissipar quaisquer suspeitas que pudessem pairar acerca da integridade dos dados reproduzidos. Uma vez que não estava diante de fontes consideradas "objetivas", como o documento escrito, por exemplo, fazia-se necessário conferir credibilidade aos depoimentos, e uma das formas encontrada para tal parece ter sido mostrar-se o mais literal possível no emprego dos dados obtidos pelas entrevistas.

---

[660] REVIVENDO, jun. 1939, op. cit.
[661] DALBAS JÚNIOR, abr. 1941, op. cit., p. 16.

Como forma de registro dos depoimentos, Arantes empregava apenas a anotação de próprio punho, conforme adiantamos anteriormente. Não encontramos menção alguma ao uso de gravador; ao contrário, ele sempre se refere ao fato de estar escrevendo o que o entrevistado lhe relatava. De um de seus textos, consta a seguinte fala do depoente: "Eu vou falando tudo que me lembrar, o senhor pode ir tomando nota do que lhe for mais interessante".[662]

Em muitas ocasiões, ao registro manual das entrevistas, Arantes acrescentava um documento iconográfico, pois fotografava os depoentes e o cenário do tema pesquisado, fosse este composto de paisagens rurais e patrimônio arquitetônico (rural e urbano), fosse de logradouros. Essas fotografias foram empregadas, na sua maior parte, nos textos históricos publicados em sua revista *Uberlândia Ilustrada*, conforme mencionamos. Havia fotos cedidas pelas famílias retratadas em suas pesquisas e outras tiradas a pedido de Arantes por fotógrafos de sua confiança.[663] Em 1938, ele entrevistou Francisco Pereira dos Santos, neto de um dos pioneiros a se instalar nas terras que originaram o município de Uberlândia, e não se esqueceu de fotografá-lo.[664] Em 1939, conversou com João José de Souza e, novamente, registrou em foto a imagem do seu depoente, publicada em sua revista juntamente com a transcrição do comportamento do entrevistado ao ser fotografado:

> *Pousou contente para a nossa objetiva, ao pé do tronco da árvore frondosa que ensombra a sua vivenda pitoresca. Quando nos despedimos ele nos disse: — Muito agradecido pelo prazer da sua visita que muito me agradou. Mande um retrato para mim, que eu quero ver se ficou bonita a cara do velho.*[665]

Alguns anos depois, em 1941, ao realizar pesquisas nas primeiras fazendas instaladas no atual município de Uberlândia, ele registrou em fotos vários aspectos das localidades rurais visitadas.[666] Nesse mesmo ano, fotografou Mãe-Preta, outra depoente citada nas páginas precedentes.

As fotografias eram empregadas por Arantes sem que houvesse trabalho de crítica, da mesma forma que os demais documentos. Sua função, no âmbito da pesquisa, parecia ser a de ilustrar os temas tratados, denotando muito mais aquele entusiasmo dirigido ao uso das imagens

---

[662] REVIVENDO, jun. 1939, op. cit., p. 30.
[663] Reportamos a esse aspecto no capítulo três.
[664] ARANTES, J. Os Pereiras Rezendes. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 11, p. 1, dez. 1941. APU. CPJA.
[665] REVIVENDO, jun.1939, op. cit., p. 31.
[666] ARANTES, J., dez. 1941, op. cit., p. 4.

fotográficas, já comentado, do que propriamente o interesse de engendrar questionamentos e reflexões. Como ocorria com o restante das fontes consultadas, o emprego dessas imagens não se fazia acompanhar de uma discussão que as problematizasse.

Contudo, pensamos que o fato de Arantes ter empregado essa fonte apenas como ilustração não invalida o seu caráter de documento, pois, ao analisar a sua produção, constatamos que as fotografias desempenharam um papel fundamental em seus textos (fossem aqueles publicados em revistas e jornais fossem outros que compunham seus livros, impressos ou não).[667] Se, por um lado, o seu uso parecia ter como objetivo apenas ilustrar os temas abordados, tornando o texto atraente e agradável, por outro lado, as imagens pareciam ter como função comprovar a veracidade das informações impressas, pois não se podia por em questão o que a imagem revelava. Conforme comentou Kossoy: "Graças a sua natureza fisicoquímica – e hoje eletrônica – de registrar aspectos (selecionados) do real, tal como estes de fato se parecem, a fotografia ganhou elevado *status* de credibilidade".[668]

Nesse sentido, as imagens tinham como função produzir elas mesmas uma verdade, como foi o caso das fotografias retratando as escolas rurais (já comentadas no capítulo III); pois, a realidade que revelavam parecia não ter existência concreta fora do alcance da objetiva do fotógrafo que acompanhava Arantes. Como ressaltou Chauí, fizemos da *"...verdade o equivalente da visão perfeita. (...) cremos que as coisas e os outros existem porque os vemos e que os vemos porque existem"*.[669] Desta forma, bastaria olhar as fotografias das escolas rurais para certificar-se do pleno funcionamento do universo que elas pretendiam revelar.

Arantes transformava a iconografia fotográfica em monumento, harmonizando-se primeiro com todos aqueles, herdeiros da tradição aristótelica, que depositavam no olhar a capacidade de apreender o conhecimento da verdade. Pois a impressão que se tem ao analisar essa centralidade ocupada pelas imagens fotográficas em suas produções é que, para ele, assim

---

[667] Conforme ressaltou Kossoy: "As imagens fotográficas, entretanto, não se esgotam em si mesmas, pelo contrário, elas são apenas o ponto de partida, a pista para tentarmos desvendar o passado". (KOSSOY, op. cit., p. 21).

[668] KOSSOY, op. cit., p. 19.
Também segundo Flusser: "No curso da História, os textos explicavam as imagens, *desmitizavam-nas.* Doravante, as imagens ilustram os textos, *remitizando-os*". (FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa-preta*. São Paulo: Hucitec, 1985, p. 62).

[669] CHAUÍ, Marilena. Janela da alma, espelho do mundo. In: NOVAES, Adauto (Org.). *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 31.

como para uma certa vertente do pensamento ocidental que encontrou em Aristóteles um de seus teóricos, o olhar se sobrepõe aos outros quatro sentidos por ser o olho o instrumento mais capaz de discernir e, por isso, o mais apto para aproximar o homem do conhecimento.[670]

Por outro lado, a insistência de Arantes em empregar as fotografias como fonte guarda relação com aqueles que mitificaram a imagem mecânica nas primeiras décadas do século XX, pois, nesse período*, "... a aparência de 'evidência' que adquiria qualquer cena fotografada, foi a regra"*.[671] Remete-nos, igualmente, aos profissionais contemporâneos, pois, mesmo entre alguns historiadores da atualidade, o emprego da fotografia, assim como de outras fontes iconográficas, ainda resvala em um caráter eminentemente ilustrativo. Ao problematizar a questão das fontes visuais e propor um tratamento mais ampliado por meio do qual tais fontes cedam espaço para o estudo da visualidade como uma dimensão que perpassa tanto a vida social quanto os processos sociais, Meneses ressalta o emprego, ainda hoje, ilustrativo das imagens no âmbito de trabalhos historiográficos.[672] Nesse sentido, entendemos que o uso ilustrativo que Arantes fazia das fotografias não estava em dissonância com o seu meio intelectual, e a sua contribuição residiu no fato de ter produzido um acervo iconográfico para as futuras pesquisas acerca da história local.

No seu acervo, encontram-se ainda mapas da cidade, da região e também plantas residenciais e comerciais.[673] Pelo traço pouco preciso do desenho, bem como pela ausência de escalas e legendas, enfim, pela total carência de um acabamento especializado, concluímos que alguns dos mapas utilizados foram elaborados por amadores em cartografia, com pouco ou

---

[670] De acordo com Chauí, esta supremacia da visão é uma das heranças do pensamento aristotélico, pois, para o filósofo grego: "... a vista é o instrumento mais apto para a investigação e por isso é o sentido que maior prazer nos causa, pois, por natureza, desejamos conhecer. A aptidão da vista para o discernimento — é o que nos faz descobrir mais diferenças — a coloca como primeiro sentido de que nos valemos para o conhecimento e como o mais poderoso porque alcança as coisas celestes e terrestres, distingue movimentos, ações e figuras das coisas, e o faz com maior rapidez do que qualquer dos outros sentidos. É ela que imprime mais fortemente na imaginação e na memória as coisas percebidas, permitindo evocá-las com maior fidelidade e facilidade". (CHAUÍ, 2000, op. cit., p. 32, 38).

[671] SÜSSEKIND, op. cit., p. 35-36.

[672] Segundo o autor: "Com efeito, a História continua a privilegiar ainda hoje, a despeito da ocorrência de casos em contrário, a função da imagem com a qual ela penetrou suas fronteiras no final do século atrasado. É o uso como ilustração. Certamente, de início, a ilustração agia como direção fortemente ideológica, mas não é menos considerável seu peso negativo, quando o papel que ela desempenha é o de mera confirmação muda de conhecimento produzido a partir de outras fontes ou, o que é pior, de simples indução estética em reforço ao texto, ambientando efetivamente aquilo que de fato contraria". (MENESES, Ulpiano T. B. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*. O ofício do historiador, São Paulo, n. 45, v. 23, p. 20-21, jul. 2003).

[673] Anexo I. Inventário da Coleção Professor Jerônimo Arantes. Arquivo Público.

nenhum conhecimento da especificidade dessa ciência. A maior parte, no entanto, provinha de fontes mais especializadas, tais como cartógrafos e engenheiros.

Os mapas ilustravam vários de seus textos históricos publicados na *Uberlândia Ilustrada* e também os livros e livretos, constituindo-se em uma fonte útil para que ele pudesse precisar e, sobretudo, para que pudesse situar o leitor na localização da área ocupada pelas antigas sesmarias, primeiras fazendas do município, e no traçado das primeiras ruas que deram origem à cidade de Uberlândia. Um de seus filhos comentou o interesse de Arantes pelos mapas e informou que uma de suas frustrações teria consistido no fato de não ter conseguido, apesar dos esforços envidados, traçar a trajetória do rego d'água que abastecia a cidade nos seus primórdios. A confecção desse mapa parece ter sido uma de suas preocupações, no entanto não obteve êxito no intento.[674]

Concluímos que Arantes valorizava muito o emprego dessa fonte, pois, além dos mapas regionais e locais existentes em seu acervo, encontramos em sua biblioteca um Atlas histórico, contendo mapas do Brasil, compreendendo os séculos XVI ao XX; da organização dos estados e repúblicas americanos (tanto do norte quanto do sul do continente); guerras de religião; mundo antigo e outros aspectos.[675] Em todo esse Atlas, encontramos vestígios de leitura – tais como anotações e grifos e outros sinais mais destrutivos, como, por exemplo, os recortes de figuras e, às vezes, de páginas inteiras –, o que nos levou a concluir que os mapas eram uma fonte muito consultada por Arantes.

Pelos mapas que Arantes possuía, concluímos que, primeiramente, o seu interesse pela cartografia relacionava-se tanto com sua atividade docente quanto com suas pesquisas sobre a história de Uberlândia. Nesse sentido, pensamos que o Atlas depositado em sua biblioteca, por exemplo, deveria ser útil em suas atividades destinadas aos alunos, pois abordava aspectos relativos à história geral, e estes não se incluíam no rol de suas pesquisas sobre a cidade. Já os mapas avulsos, por tratarem da cidade e região, eram empregados em seus escritos sobre a história local. Em segundo lugar, podemos concluir que, em Arantes, o apelo a essa fonte encontra correspondência na produção de corografias, muito em voga entre os memorialistas nas

[674] ARANTES, D., 2000, op. cit.
[675] PEQUENO Atlas histórico. Guia dos 4º. e 5ª. anistas no estado da História Universal. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991. (APU. CPJA).

primeiras décadas do século, visto que ele mesmo chegou a publicar um estudo desta natureza na década de 1930.[676]

Em geral, utilizava tanto a sua documentação escrita quanto a iconográfica com o propósito de conferir credibilidade aos seus argumentos. Talvez tenha sido em decorrência desse fato que não tenhamos encontrado fotografias e nem citações de fontes escritas com as quais ele polemizasse. As cartas de sesmarias, os livros de escrituração do município, o livro de apontamento da receita e despesas da Capela de Nossa Senhora do Carmo, os livros de registro de óbitos e outros eram empregados sempre de forma consensual e serviam para ratificar as suas afirmações. Com tal propósito, eram citados em larga escala, havendo, em alguns artigos publicados na *Uberlândia Ilustrada,* reprodução de trechos inteiros de muitos desses documentos.[677] Ao resenhar um dos números desta revista, um leitor destacou esta particularidade:

> *Recebemos o ultimo número da popular revista editada pelo jornalista conterrâneo Jerônimo Arantes, o qual nada poupou para nos brindar com um excelente trabalho, como sempre o faz. (...) E tudo documentado, como se o desejo fosse fazer provas de assunto sobre o qual ainda pairasse alguma dúvida. Fotografias de velhos amigos que já partiram. Lembretes de algumas casas que somente os antigos poderiam reconhecer. Alguns nomes que o tempo ia fazendo esquecer.* [678]

Deve-se considerar que essa forma de apropriação das fontes não era atributo apenas de Arantes, mas circulava em meio aqueles que se embrenhavam pelo trabalho com a história sem serem historiadores formados pela academia, fosse em Uberlândia, fosse em outras regiões. Nesse sentido, o emprego que Arantes fazia da documentação como forma de atestar uma possível "verdade histórica", foi compartilhado com muitos memorialistas. Rodrigues, por exemplo, ao analisar a obra do memorialista luso-brasileiro, João Lúcio de Azevedo, toca nessa questão. Segundo o autor, depreende-se da obra de Azevedo que: *"O ideal do historiador é*

---

[676] ARANTES, J., 1967b, op. cit.

[677] ARANTES, J., jul. 1940, op. cit., p. 3-13. / ARANTES, J. O histórico do município de Uberlândia e o cinqüentenário de sua organização administrativa. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 9, p. 3-15, abr. 1941. APU. CPJA. / ARANTES, J., dez. 1941, op. cit., p. 1-11. / ARANTES, J., jan. 1952, op. cit. p. 1-10. / ARANTES, J. O negro de Uberlândia: 1818-1956. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 21, não paginado, jun. 1956. APU. CPJA.

[678] UBERLÂNDIA Ilustrada: mais um número da popular revista está a venda. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, não paginado, 04 mar. 1948. APU.

colocar em evidência o maior número possível de documentos que indiquem a possibilidade da verdade histórica. Os documentos fazem o papel de reveladores das interpretações ...".[679]

Com o emprego dessas fontes, Arantes foi tecendo a trama que consistiu no levantamento, formação do acervo, organização dos dados e, posteriormente, na escrita de livros contendo aspectos da história da cidade. Embora tratando de questões locais, a pretensão de Arantes parece ter sido a de escrever a "história definitiva", aquela que deveria encerrar todos os fatos da trajetória de Uberlândia, iniciando com o seu povoamento e encerrando na década de 1970, quando concluiu o seu livro. Pretensão que não se circunscrevia apenas ao âmbito do seu projeto de escrita, mas que se encontra presente igualmente no trabalho de outros intelectuais, refletindo as ambigüidades das obras dedicadas ao estudo dos temas locais, seja no Brasil, seja na Europa. Jacquart, ao refletir sobre a produção dos memorialistas franceses, chegou à seguinte conclusão: *"Toda história local é micro-história (...) Mas, ao mesmo tempo, toda história local é história total. A ambição de uma monografia freqüentemente é recuperar a evolução de um território e de um grupo humano, das origens aos nossos dias".*[680]

4.2. História e Produção da Memória

Com o emprego dessas fontes, Arantes produziu uma dada representação da história, que se cingiu à memória da cidade e, que, até os dias atuais, fora do meio acadêmico, é tomada como umas das versões oficiais do passado político, econômico e social de Uberlândia.[681] Em seus artigos, livros e demais escritos construiu um conjunto de representações que parece ter tido muita aceitação pela quase totalidade do poder local, tanto entre os políticos quanto entre a classe constituída por empresários, comerciantes e intelectuais. Comentários como o que se segue,

---

[679] RODRIGUES, A., op. cit., p. 49-50.

[680] JACQUART, Jean. Histoire générale, histoire locale. In: CROIX, d'Alain; GUYVARC'H, Didier. *Guide de l'histoire locale*. Paris: Seuil, 1990, p. 27.
No Original: *" Toute histoire locale est micro-histoire attachée aux petits faits, à l'événement minime. Mais en même temps, toute histoire locale est histoire totale. L'ambition d'une monographie communale est de retracer l'évolution d'un terroir et d'un groupe humain, des origines à nos jours".*

[681] As obras dos memorialistas, de uma forma geral, por serem por muito tempo as únicas que se debruçam sobre a história das cidades, acabam se tornando a principal de fonte de pesquisa para trabalhos realizados por alunos do ensino fundamental e médio. Ao discutir o livro escrito por Tito Texeira, Freitas chega a esta mesma conclusão. (FREITAS, Eliane M. de. *Memórias de uma "odisséia"*: Tito Lívio (Teixeira) e a construção da memória histórica sobre a "Revolução de Trinta" em Uberlândia/MG. 1999. Dissertação (Mestrado) — Instituto de Filosofia Ciência e Letras, UNICAMP, Campinas, 1999, p. 24).

louvando o trabalho de Arantes, eram freqüentes tanto na imprensa quanto nos vários documentos consultados nas décadas selecionadas para a esta pesquisa:

> *O colega e professor Jerônimo Arantes, o homem que vive vasculhando os baús da velha Uberabinha e vem, a golpes de talento e tenacidade escrevendo a nossa história e enriquecendo-a sempre com novos informes e novos documentos, entrou-nos ontem alegre pela redação à dentro com um velho jornalzinho às mãos dizendo-nos: 'A imprensa de Uberlândia, está hoje de parabéns, completa hoje o seu qüinquagésimo aniversário (...)'. Foi assim inesperada e condignamente comemorado o cinqüentenário da imprensa de Uberlândia, cujo acontecimento só hoje dele se veio saber, graças ao infatigável e estudioso colega prof. Jerônimo Arantes, que recebeu muitos cumprimentos por mais essa descoberta hoje registrada na história de nossa cidade.*[682]

> *Para benefício nosso, existe aqui Jerônimo Arantes. A vocação de historiador suplantou nele os arroubos do mestre-escola. Sua paciência tem escarafunchado documentos, descobrindo aqui e acolá, o que foi Uberlândia do passado e no brunimento indispensável, tem aos poucos, composto a história da cidade.*[683]

Em uma época caracterizada pela ausência de instituições de ensino superior na cidade, era compreensível que a história local fosse sendo elaborada fora dos cânones científicos e alheia aos preceitos de cunho teórico-metodológicos já formulados e empregados no Brasil por historiadores e demais profissionais oriundos das academias. Arantes assumiu, então, o papel de levantar os dados e escrever sobre o passado de Uberlândia, antecipando parte do trabalho dos historiadores que, mais tarde, iriam graduar-se na universidade local.

Embora ocupando um cargo de confiança na prefeitura de Uberlândia, não acreditamos que a filiação a uma "história oficial", conforme aquela praticada pelos historiadores contratados pela casa real portuguesa para escreverem a história das terras recém conquistadas, caracterize plenamente a concepção de Arantes.[684] Ainda que praticando a narração, detendo-se no registro dos fatos e, algumas vezes, fazendo apologia ao desempenho das autoridades político-administrativas, Arantes não tinha um contrato com o poder político local que o impelisse a escrever a história da cidade, tal qual ocorria com aqueles profissionais contratados pelo rei

---

[682] CINQÜENTENÁRIO da imprensa em Uberlândia. *Correio de Uberlândia,* Uberlândia, não paginado, 18 jan. 1947. APU.

[683] GARCIA, Durval Gomes. Prefácio. In: ARANTES, J. , 1962, op. cit., p. 8.

[684] Em seu estudo sobre a história, Borges caracteriza as tendências historiográficas que vigoraram em diversos períodos da história do Brasil e cita esta "história oficial" como tendo sido uma das modalidades, ao lado da história não-oficial produzida pelos viajantes estrangeiros, daquela historiografia praticada no início da colonização. (BORGES, Vavy Pacheco. *O que é história*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 68-69).

durante a colonização. No entanto, a sua abordagem da história da cidade ia ao encontro daquela historiografia produzida no âmbito dos meios oficiais e que tinha como uma de suas características ressaltar fatos do passado e, com eles, enfatizar a atuação de personagens que justificassem uma dada situação presente.[685]

Dessa forma, Arantes era adepto de um culto aos antepassados muito em voga entre os praticantes de uma história institucional, qual seja, a construção de monumentos em praças públicas com a finalidade de render homenagens aos supostos heróis locais. Na década de 1940, por exemplo, sugeriu ao poder público municipal a edificação de um obelisco em homenagem àquele que considerava o fundador da cidade e a um de seus mais "diletos" habitantes, respectivamente, Felisberto Alves Carrejo e Cel. José Teófilo Carneiro. Publicou, nessa época, um artigo elogiando a iniciativa do prefeito que acedia ao seu pedido, contendo a seguinte explicação:

> *Todos nós que labutamos nesta sagrada terra que nos legou como tesouro precioso aqueles que já estão ocultos na penumbra do passado, sabemos o quanto de importante significa essa obra histórica, que refletirá, eternamente, o culto de gratidão à memória de quem não devemos nunca esquecer.*[686]

A elaboração de letras para hinos era outra prática cultivada por Arantes, próxima de uma história oficial. Com os hinos rendia homenagens à cidade de Uberlândia, à sua bandeira, ao seu parque industrial e a alguns municípios adjacentes, como sua terra natal, Monte Alegre. As letras de todos os hinos que compôs denotavam uma visão apologética do homenageado e o apresentavam sempre em uma perspectiva linear e progressista. Ressaltando aspectos relacionados à origem, seus conteúdos eram repletos de faustos exemplos e de trajetórias triunfantes. A letra que compôs para o hino de Uberlândia, na data em que seria comemorado o aniversário de sua "emancipação política", [687] contém todos esses aspectos e, por isso, serve de paradigma para os outros que elaborou:

---

[685] De acordo com as análises de Marc Ferro: "Através dos tempos e das culturas, domina o foco da *história institucional*, porque esta encarna e legitima um regime pela história que esse foco produz. (...) a história institucional é também a transcrição de uma necessidade, de certa forma instintiva, de cada grupo social, de cada instituição, que assim justifica e legitima sua existência, seus comportamentos, quer se trate da Igreja, do Estado, do Islão ou do Partido". (FERRO, op. cit., p. 11).

[686] ARANTES, J., 17 jul. 1943, op. cit.

[687] Expressão empregada por Arantes no prefácio que redigiu em 1967 para a 2. ed. da *Corografia ilustrada do município de Uberlândia*, que no entanto não chegou a ser editada. (ARANTES, J. 1967b, op. cit.).

I - Salve brava gente pioneira
Bandeirantes, audazes caminheiros;
Nesta zona de Minas altaneira
Vieram esses heróis brasileiros.
II - Viram rios de águas correntias,
Cachoeiras despenhando fragorosas,
Borboletas nas praias alvadias
Em bando voando pressurosas. (...)
VI - Desse mundo de riquezas aposseou
Aquela gente heróica e varonil,
Onde a nossa cidade se formou
Neste recanto sagrado do Brasil.
VII - Hoje, nossa gente forte e unida
Caminha para glórias conquistar,
Empenhando na luta a própria vida
Para o nome de Uberlândia elevar. [688]

Além dos hinos e dos demais aspectos ressaltados, uma outra particularidade que permite aproximar a história de Arantes de uma vertente oficial reside no interesse demonstrado em valorizar as datas.[689] Mantinha-se atento sobre as datas que considerava relevantes para a história local e, como forma de não deixar que fossem esquecidas, divulgava o "aniversário" da formação do povoado, da elevação deste em distrito e, posteriormente, o da fundação do município. Além dessas, anunciava o aniversário da imprensa, da formação da comarca e de todos os fatos que julgasse de interesse para a história que tinha em mente produzir.[690]

A data que mais parecia atraí-lo era aquela referente ao aniversário da autonomia político-administrativa da cidade. No ano de 1938, quando se comemorou o primeiro cinqüentenário da fundação do município, ele participou ativamente dos preparativos para a grande festa: foi membro da comissão organizadora do evento, compôs o *Hino à Independência de Uberlândia*,

[688] ARANTES, J. *Hino de Uberlândia.* APU. CPJA. PT.
[689] Para além da aproximação com alguns dos pressupostos da historiografia oficial, o interesse de Arantes pelas celebrações das grandes datas parece fazer parte de uma prática disseminada pelo ocidente que, no dizer de Silva, se inscreve em uma "política abusiva das comemorações". Segundo a autora: "As utilizações sociais da memória são visíveis nesse fenômeno das comemorações que, em todas as partes do mundo, vêm se impondo como um ritual nacional. Consagrando o universalismo dos valores de uma comunidade, as comemorações buscam, nessa 'rememoração' de acontecimentos passados, significações diversas para uso do presente. Comemorar significa, então, reviver de forma coletiva a memória de um acontecimento considerado como ato fundador, a sacralização dos grandes valores e ideais de uma comunidade constituindo-se no objetivo principal". (SILVA, Helenice Rodrigues da "Rememoração"/comemoração: as utilizações sociais da memória. *Revista Brasileira de História,* São Paulo, v. 22, n. 44, p. 432, 2002).
[690] O papel ocupado pelas datas cívicas e pelas comemorações no âmbito da produção de uma história oficial e também do ensino da história, em moldes tradicionais, foi discutido por: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. "As tradições nacionais" e o ritual das festas cívicas. In: PINSKY, Jaime (Org.). *O ensino de História e a criação do fato*. São Paulo: Contexto, 2001, p. 43-72.

dedicou um número de sua revista especialmente para tratar do assunto e participou das solenidades que ocorreram na ocasião (realizaram-se, naquela data, exposições de trabalhos escolares e de produtos da indústria local, missa campal, inauguração da sede própria da Associação Comercial e posse da sua diretoria, visitas a estabelecimentos de ensino e baile de gala).[691] Na ocasião, atendendo a pedidos da editora Pavan, publicou a *Corografia do Município de Uberlândia*. Neste livro, como indica o título, tratou dos aspectos geográficos do município e, principalmente, dos fatos relativos à história de sua fundação.[692]

Muitos anos após essa comemoração, na década de 1960, quando já estava aposentado, Arantes continuou participando dos eventos comemorativos do aniversário da cidade. Nas atas das reuniões escolares, ficou registrada a sua participação nas festividades promovidas pelo Grupo Felisberto Carrejo a propósito das comemorações do 75°. aniversário da autonomia política de Uberlândia. Após a abertura da sessão, na qual se cantou o hino *Canção de Uberabinha*, "... falou o inspetor aposentado Jerônimo Arantes, que em belas palavras nos fez voltar ao passado, contando resumidamente a história desta linda e exuberante cidade".[693]

Mesmo orientando-se por uma concepção linear da história, distante do trabalho de crítica do diálogo com as fontes empregadas, não pensamos igualmente que a teoria positivista seja, sozinha, a melhor classificação para o seu trabalho. Com efeito, ao analisar seus textos, descobrimos que havia muitas semelhanças entre a sua abordagem da história de Uberlândia e aquela formulada acerca da história do Brasil por historiadores de tradição positivista. Alguns pressupostos que ele compartilhava com essa historiografia podem ser sintetizados nos seguintes pontos: a valorização e o emprego de fontes de pesquisa oficiais, a abordagem linear e progressista dos fatos[694], bem como a crença em uma verdade histórica, que seria inerente aos documentos, conforme anunciou na apresentação de um de seus livros que permaneceu inédito: "... transladamos para estas páginas, sem deturpar a verdade, tudo que de positivo encontramos

[691] COMMEMORAÇÕES do cinqüentenário. *O Estado de Goyaz,* Uberlândia, [Recorte]. APU. CPJA. PT.
[692] ARANTES, J., 1938c., op. cit.
[693] UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. 30 ago. 1963, op. cit.
[694] Segundo Falcon, o positivismo em sentido ampliado, ou seja, não circunscrito apenas ao sentido comteano, aparece como: "Herdeiro do pensamento iluminista, sobretudo em relação aos seus princípios racionalistas e universalizantes, bem como pela confiança inabalável na ideologia do Progresso ... ". (FALCON, Francisco. *História cultural*: uma nova visão sobre a sociedade e a cultura. Rio de Janeiro: Campus, 2002, p. 67).

digno de fé, para enriquecer com esse precioso cabedal o patrimônio histórico do rico município de Uberlândia".[695]

Ao empregar os pressupostos do positivismo, Arantes estava em sintonia com uma dada história que se praticava durante o regime ditatorial do presidente Getúlio Vargas, fortemente influenciada pelo positivismo. Segundo Velloso, a azáfama de rechaçar as influências do liberalismo marcou, durante o Estado Novo, a defesa e a prática de uma concepção de história tributária do positivismo, de caráter eminentemente conservador, cuja tônica incidia sobre a existência de "leis históricas" alheias à vontade e à ação humanas a conduzir e determinar o processo social.[696] Essa tentativa de naturalizar o processo histórico também estava presente em muitos textos elaborados por Arantes, principalmente naqueles publicados em sua revista, na seção destinada à história do município. Em um deles, por exemplo, registrou a seguinte observação: "O movimento trabalhista [leia-se: desenvolvimento comercial e industrial] de Uberlândia vem crescendo dia-a-dia acompanhando a marcha do progresso da cidade em todas as diretrizes".[697]

Contudo, a despeito desses pontos em comum com a história oficial e com o positivismo, pensamos que estas podem não ser as únicas balizas utilizadas para se compreender a fundamentação teórica empregada por Arantes. Insistir em enquadrar o seu trabalho apenas no rígido esquema oficial/positivista constitui-se em uma banalização da análise e uma simplificação do conjunto da obra deixada por esse memorialista, bem como daquela produzida por outros, como ressaltou Rodrigues a propósito de algumas das críticas reducionistas feitas acerca da produção do memorialista luso-brasileiro João Lúcio de Azevedo e, por extensão, aos trabalhos realizados pelos demais memorialistas:

> *Assim, devido à pouca vontade de reavaliar a sua obra, o historiador ou os historiadores são todos colocados no mesmo saco, sobretudo aqueles que produziram entre o final do século XIX e o início do XX, pois neles sempre há algo de romântico, de positivista, de evolucionista e de historicista.*[698]

---

[695] ARANTES, J., 1962, op. cit., p. 6.
[696] VELLOSO, op. cit., p. 84-85.
[697] CENTRO Industrial de Uberlândia. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 3, não paginado, maio 1939. APU. CPJA.
[698] RODRIGUES, A., op. cit., p. 39.

No caso específico de Arantes, lá estavam os heróis, os hinos, as datas marcantes, freqüentemente alardeadas, havia, também, as grandes personalidades a povoar a história de Uberlândia que ele ajudou a compor. Havia, igualmente, uma insistência na história política, transformada em apologia aos políticos; uma submissão às fontes consultadas; o predomínio dos fatos; o relato não problematizador; uma concepção temporal assentada na linearidade e uma renitente perspectiva progressista. Pontos muito próximos a algumas características dos trabalhos executados pelos historiadores positivistas que, de acordo com Dumoulin, podem ser sintetizadas nos seguintes termos:

> *... o primado do fato singular cria o culto do fatual e da ordem dos fatos que a isso melhor se presta, a política. Por fim, essa história se organizou logicamente sob a forma do relato, seqüência de fatos cuidadosamente ponderados e que se encadeavam uns com os outros.* [699]

Entretanto, por outro lado, existia o emprego de fontes nada convencionais entre os positivistas e os adeptos de uma historiografia oficial, como, por exemplo, as fotografias e os depoimentos orais colhidos por meio das pessoas "anônimas", que não participavam diretamente da vida política do município e nem se destacavam pelo progresso material. Eram ex-escravos, auxiliares de boiadeiros, camponeses empobrecidos, que, não obstante a vida modesta que levavam, tinham algo a dizer para a história que Arantes pretendia produzir. Opção estranha aos procedimentos próprios da historiografia positivista que consistia em: *"... privilegiar excessivamente os documentos escritos que, só eles, se prestam perfeitamente a suas técnicas"*.[700]

Ao lado da história política, existia também a valorização do que ele denominou de história social, tema de seu livro inédito, intitulado *Crônicas Sociais;* de um livreto, também inédito, *A cidade*: *Uberlândia dos primeiros tempos*; e de outro publicado em 1967, *Uberlândia, cidade dos sonhos meus*.[701]

Nesse sentido, encerrar a abordagem historiográfica encetada por Arantes em uma concepção positivista ou em uma vertente oficial, além de consistir em simplificação do seu

---

[699] DUMOULIN, O. Positivismo. In: In: BURGUIÈRE, op. cit., p. 614.
[700] DUMOULIN, op. cit., p. 614.
[701] ARANTES, J., 1977, op. cit. / ARANTES, J., 1971a, op. cit. / ARANTES, J. *Uberlândia,* cidade dos sonhos meus. Uberlândia: [s.n.], 1967c.

trabalho, não nos permite, por outro lado, atentar para aspectos que conferem à sua produção uma singularidade no âmbito das análises realizadas por outros memorialistas da cidade, que abordaram tema semelhante. Não desconhecemos, no entanto, que havia muitas características comuns a essas obras. Dantas, inclusive, cita algumas delas em seu estudo sobre o discurso que teve como objetivo associar à cidade de Uberlândia imagens de progresso, ordem, civilidade e modernidade. De acordo com a autora:

> *...Exaltam acontecimentos sociais, políticos e econômicos que marcaram o desenvolvimento da cidade desde seus primórdios; glorificam os 'personagens ilustres' que são os representantes da classe dominante; enfatizam o espírito progressista da população local, considerada ordeira e laboriosa; descrevem os aspectos geográficos da cidade que facilitaram ou dificultaram a ocupação do território (as chamadas corografias) e os melhoramentos disponíveis até o momento da escrita; por fim, utilizam-se de fotografias de personagens políticos e de alguns logradouros.*[702]

Com efeito, identificamos no trabalho de Arantes todos esses aspectos, no entanto não acreditamos que apenas esses sirvam como parâmetros para classificar a sua produção. *Crônicas Sociais*, por exemplo, compõe-se de fatos do cotidiano, todos eles escritos em forma de crônicas publicadas em jornais da cidade e, posteriormente, organizadas pelo autor em um livro, cuja edição deveria ser ilustrada com diversas fotografias, retratando o assunto abordado. Outras obras, intituladas *A cidade*: *Uberlândia dos primeiros tempos* e *Uberlândia, cidade dos sonhos meus,* são compostas de poemas retratando aspectos da história local e destinavam-se ao público estudantil, uma vez que foram organizadas tendo em vista servirem como programa para as festividades escolares que, segundo o autor, estavam cada vez mais vazias de conteúdo, *"sem motivação que se pudesse apreciar"*.[703]

Nas *Crônicas Sociais,* Arantes deixava um pouco de lado a história das origens de Uberlândia, repleta de citações e de transcrições de documentos, para ocupar-se com aspectos do cotidiano da cidade. Embora não tratasse, na referida obra, de analisar exclusivamente os dados relativos à história política e econômica de Uberlândia, o passado desta cidade continuava a ser o seu tema predileto. Entretanto, os fatos agora eram apreendidos por meio da valorização de temas isolados, sem o rigor da linearidade, que caracterizou os outros estudos da história local, e também sem a prevalência daqueles temas. Privilegiava a história de antigas ruas, da companhia

[702] DANTAS, op. cit., p. 73.
[703] ARANTES, J., 1967c, op. cit., não paginado.

de estrada de ferro, dos cinemas, de acontecimentos isolados, envolvendo personagens do mundo político e fatos pitorescos, como árvores lendárias, concurso de beleza e fiscal de cachorros.

Da mesma forma que modificou a temática nessas obras, Arantes alterou também a opção pela seleção das fontes e pelo seu emprego. Tratava-se, agora, de minimizar o uso de fontes oficiais e de documentação comprobatória (dentre estas, as diversas citações de cartas de doação de sesmarias, escrituras de bens imóveis, certidões de óbitos e demais documentos) e recorrer a outras fontes de ordem mais subjetiva, tais como fatos oriundos da memória, tanto aquela do autor quanto a outra que provinha de antigos depoentes. Em função disso, alterou também o estilo narrativo; pois deixou de lado o tom formal para resvalar em uma linguagem literária. No caso dos dois últimos livros, *A cidade: Uberlândia dos primeiros tempos* e *Uberlândia, cidade dos sonhos meus*, abandonou a prosa para abordar aspectos da história local em forma de poemas.

Todos os temas que compõem esses três livros foram desenvolvidos obedecendo a um estilo de narrativa com forte apelo literário. Arantes apreciava a poesia, tendo chegado mesmo a escrever e publicar seus poemas, e os traços dessa sua valorização da literatura ficaram impressos em seus textos de história. Ao citar as entrevistas que realizava, conforme já discutimos, anotava as expressões, os gestos e as impressões emanadas de seus depoentes e a esses trechos acrescentava comentários de teor nitidamente literários. Ao conversar com um antigo dentista da cidade, Vitor Cotta Pacheco, buscando subsídios para o número que a *Uberlândia Ilustrada* iria dedicar à *Associação dos Cirurgiões Dentistas do Brasil-Central*, Arantes mencionou detalhes do comportamento do depoente, obedecendo ao estilo por nós aludido:

> *Colocou um cigarro na extremidade da sua elegante piteira, passou a mão pela testa, como se quisesse dali arrancar um punhado de reminiscências adormecidas (...); olhou vagamente o teto do alpendre espaçoso; sorveu uma fumaçada gostosa pelo orifício da piteira; piscou ativamente as pálpebras pestanudas, sobre seus grandes olhos, e disse ... .*[704]

Pensamos que o estilo literário da produção historiográfica de Arantes reside também no fato de ter produzido uma bibliografia acerca da história do passado da cidade, que extrapolava a narrativa em prosa, visto que escreveu os dois livretos citados anteriormente (*Uberlândia, cidade dos sonhos meus* e *A cidade*: *Uberlândia dos primeiros tempos*) em que esse mesmo tema foi abordado em forma de poesias. Para tanto, redigiu versos para fatos, personalidades políticas e

[704] DENTISTAS, dentes e dentaduras ..., out. 1953, op. cit.

"tipos populares", relevo, instituições escolares, religiosas, desportivas e políticas e para muitos outros aspectos concernentes às suas pesquisas sobre a história local.

Essa linguagem literária, preservada por Arantes, em alguns de seus textos referentes à história, parece constituir-se em herança de suas atividades desenvolvidas no jornalismo. Mesmo escrevendo em um período no qual, nos grandes centros, os literatos estavam sendo gradativamente alijados da imprensa diária, Arantes permaneceu fiel àquele estilo e o manteve nos textos que publicou na revista *Uberlândia Ilustrada*, nos jornais diários e nos livros que escreveu.

Ao lado dessa herança, a linguagem literária presente nos textos de Arantes guarda relação com características oriundas da própria historiografia, que, no século XIX, primeiramente, foi classificada como gênero literário, para só depois adquirir o estatuto de conhecimento científico, [705] sendo que: *"Até hoje essas duas posturas estão presentes no discurso historiográfico, apesar de revestirem-se de novas roupagens, concebidas nas oficinas da crítica ao cientificismo da escola Metódica e ao marxismo estruturalista*".[706]

Uma outra questão que emerge, ao analisarmos a obra produzida por Arantes, incide sobre o fato de que a sua abordagem do passado, assim como os prognósticos que, por vezes, anunciava, parece refletir e, em alguns aspectos, também constituir uma dada representação que subjaz aos interesses de grupos hegemônicos que ocuparam posições estratégicas tanto nos domínios da política quanto no aspecto sócio-econômico. A sua narrativa sobre a companhia de telefones instalada na cidade fornece um exemplo dessas representações:

> *Em 1932, Tito Teixeira adquiriu a parte de seu irmão. Batalhador incansável, nunca se esmoreceu na luta empreendida no afã de dotar a cidade de um perfeito serviço telefônico. Em marcha, galgando posição, a 30 de setembro de 1941, sua companhia inaugurava a instalação de telefones automáticos na cidade, cabendo a Uberlândia os primeiros telefones automáticos instalados em todo Brasil Central.*[707]

Essa visão triunfalista das ações de alguns homens perpassa a maioria dos textos deixados por Arantes, tendo-lhe rendido até elogios no prefácio de um de seus livros inéditos: "Com seu

---

[705] Como história e literatura não estavam completamente separadas, os historiadores, naquele período, deveriam preocupar-se com a estética de "escrever bem". (LE GOFF, Jacques. *Reflexões sobre a História*. Entrevista de Francesco Maiello. Lisboa: Edições 70, 1982, p. 13).
[706] JANOTTI, op. cit., p. 119.
[707] ARANTES, J., 1981b, op. cit., p. 93-94.

trabalho o prof. Jerônimo Arantes está prestando um grande serviço à cidade, pois lhe coloca nas mãos todo um repositório dos feitos dos nossos maiores".[708] Parece mesmo que, no caso dos memorialistas a abordagem dos "feitos dos maiores", se constituía a regra, havendo poucas alternativas para suplantar a imbricação existente entre suas obras e uma dada representação do real construída por intermédio de grupos detentores do poder político e econômico, pois os memorialistas colocam-se ao lado daquele grupo que representa o poder, "seja como integrante dele ou ocupante de cargo público, como a demonstrar sua capacidade intelectual ou mesmo realizador e testemunha das diversas práticas que foram constituindo a cidade".[709]

Todavia, o emprego do passado como forma de justificar ações políticas implementadas no presente não se revela como uma particularidade inerente apenas às obras compostas pelos memorialistas locais. Pois, ao analisar a produção de alguns historiadores que elaboraram suas obras no final do século XIX e princípio do XX, Gomes também ressaltou essa particularidade: *"...eles [os historiadores] também estão longe de uma conduta desinteressada e descomprometida com os rumos de nosso desenvolvimento. Fazer história do Brasil nunca deixou de ser uma forma de projetar suas possibilidades ..."*[710] Callari tratou dessa questão ao cotejar a obra dos historiadores ligados ao IHGMG com aquela oriunda do IHGB, pois o instituto mineiro, no dizer da autora, tentou justificar interesses de ordem política e econômica da região *"... através do passado – ocupando aí papel central o estudo da Inconfidência Mineira –, que asseguraria o local de destaque ocupado por Minas Gerais dentro da Federação"*.[711]

Com efeito, tais liames existiram e, para que possam ser desvelados, devem ser perscrutadas as relações entre concepções de história e determinados projetos sociais engendrados pela elite, pois, segundo aquilatou Fontana: *"... história, 'economia política' e projeto social – encontram-se indissoluvelmente unidas: (...) nenhuma é plenamente compreensível separada da outra".*[712]

Desta forma, o olhar dirigido aos fatos, as interpretações do passado, a seleção das fontes consultadas e as análises oriundas das pesquisas podem ser apreendidas tendo em vista

[708] GARCIA, op. cit., p. 9.
[709] DANTAS, op. cit., p. 73.
[710] GOMES, 1996, op. cit., p. 52.
[711] CALLARI, op. cit., p. 61.
[712] FONTANA, Josep. *História*: análise do passado e projeto social. Bauru: EDUSC, 1998, p. 10.

compreender quais os encaminhamentos que se pretende dar às questões político-sociais emergentes nas sociedades em que são elaborados os trabalhos históricos, pois esses ligam-se menos aos interesses dos indivíduos — no caso, os historiadores que os produzem — do que às configurações de seu tempo e lugar. Bloch, em sua *Apologia à História,* chamou a atenção para esse aspecto: "Em suma, nunca se explica plenamente um fenômeno histórico fora do estudo de seu momento. (...) O provérbio árabe disse antes de nós: 'Os homens se parecem mais com sua época do que com seus pais'".[713]

Ao lado destes, Certeau também destacou a íntima relação existente entre a escrita da história e o momento no qual ela foi produzida, desmistificando a pretensa autonomia do indivíduo: "Como o veículo saído de uma fábrica, o estudo histórico está muito mais ligado ao complexo de uma fabricação específica e coletiva do que ao estatuto de efeito de uma filosofia pessoal ou à ressurgência de uma realidade passada. É o produto de um lugar". [714]

4.3. Do Presente ao Passado

Por que falar de passado, buscar origens e associá-las a figuras heróicas? Por que escrever panegíricos, divulgar a história em jornais, revistas e demais veículos de comunicação disponíveis? Por que penetrar em velhos arquivos e mergulhar em papéis poeirentos, cobertos de ácaros e toda sorte fungos? Por que também ocupar o pouco espaço disponível no lar com a guarda de documentos variados, tais como jornais, revistas, folhetos, recortes, mapas, fotografias e clichês como fez Arantes? São questões que intrigam e incomodam, especialmente, porque aquele que melhor poderia respondê-las já não pode fazê-lo. De qualquer forma, é aí que reside o nosso trabalho, ou seja, propor questões ao passado e tentar encontrar as suas soluções, ainda que estas pareçam distantes e de difícil esclarecimento.

As motivações de ordem psicológica, mesmo que muito instigantes e, por vezes, elucidativas, extrapolam os propósitos de nosso trabalho e, por isso, não enveredaremos pela sua seara; trilharemos, pois, no âmbito das pistas deixadas por Arantes e das hipóteses que formulamos com base em sua análise. Assim, ao assumir essa postura, tivemos que substituir os

[713] BLOCH, 2001, op. cit., p. 60.
[714] CERTEAU, op. cit., p. 73.

porquês das perguntas pelo *como*. Ou seja, passamos a interrogar as fontes, buscando explicações para compreender como Arantes abordou a história local, como trabalhou com a documentação que tinha disponível e qual a relação que se pode estabelecer entre a sua produção e a sociedade na qual viveu. Discutir a topografia na qual se inscrevem as produções referentes à história propicia-nos apreender os não-ditos, aquelas parcelas do real que compõem, estruturam e limitam o discurso historiográfico e que, no entanto, permanecem veladas sob o manto da pseudo-objetividade. Não é sem motivo que Certeau frisa a relevância de buscar o "lugar social" do qual emergem os trabalhos de história.[715]

Dessa forma, entendemos que o trabalho desenvolvido por Arantes, no tocante à produção da história local – incluindo tanto a formação do seu arquivo e a produção de sua revista quanto a elaboração dos textos e livros –, deve ser apreendido sem perder de vista a relação vivida com o presente. Pois relacionar o seu envolvimento com a história apenas a um interesse em conhecer o passado consiste em uma avaliação ingênua, que atribui ao conjunto de sua produção somente uma função cognitiva, que se resumiria em buscar o passado tão somente para conhecê-lo. De fato, fazia parte das preocupações de Arantes, conforme ele mesmo salientou em uma de suas obras, pesquisar o passado, tendo em vista resolver problemas advindos do aspecto meramente cognitivo:

> *Sempre recebemos pedidos de pessoas interessadas em conhecer o histórico do Município, e na maioria das vezes dados sobre a fundação da Cidade. (...) E, pelo motivo exposto, sem vaidade de sua autoria, fizemos esta modesta publicação, dedicada aqueles que estudam com carinho a história bonita de nossa cidade bonita ... .*[716]

Entretanto, pensamos que esse aspecto não pode ser apreendido como sintetizando o objetivo que permeia o conjunto da obra produzida por Arantes, pois, além dessa face ligada à cognição, ou seja, à vontade de conhecer e desvendar o passado, o trabalho de pesquisa desenvolvido por Arantes encerra também uma dimensão política. Por isso, os aspectos relacionados ao presente no qual viveu o autor explicam, em grande parte, a sua produção, assim como possibilitam inferir sobre algumas das motivações que o impulsionaram a colecionar

---

[715] Segundo o autor: "Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração que [é] circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados, etc. Ela está, pois, submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas se organizam". (CERTEAU, op. cit., p. 66-67).

[716] ARANTES, J. *Memória histórica de Uberlândia*: Fundação da cidade. Uberlândia: Livraria Kosmos, 1969, p. 1.

documentos, produzir fontes, pesquisar a história local e publicar os resultados de suas investigações. Afinal, como afirmou Certeau: "Da reunião dos documentos à redação do livro, a prática histórica é inteiramente relativa à estrutura da sociedade".[717]

Nesse sentido, acreditamos que a produção de Arantes não estava circunscrita apenas ao seu interesse pelo passado como um conhecimento que se encerrava ali, mas, ao contrário, pensamos que, subjacente à sua pesquisa e à produção de seus escritos, havia indícios de uma pretensão de intervir no real, de tornar-se protagonista de questões que perpassavam a cidade de Uberlândia no presente em que ele colecionou documentos e produziu seus textos, artigos e livros sobre a história local, pois conforme ressaltou Gagnebin: *"A rememoração também significa uma atenção precisa ao presente, (...), pois não se trata somente de não se esquecer do passado, mas também de agir sobre o presente"*.[718]

No período em que Arantes iniciou a publicação de sua revista e nos anos subseqüentes, durante os quais ele a editou, Uberlândia, gradativamente, começava a ser palco de um momento caracterizado pela prosperidade do comércio, crescimento urbano, ampliação na sua malha rodoviária, expansão e modernização do fornecimento de energia elétrica, concretização de projetos que visavam ao desenvolvimento de um "espírito" intelectual – percebido, sobretudo, no movimento em favor da instalação da Faculdade de Engenharia – e movimentação em torno da edificação de uma cidade industrial.[719]

Embora já em curso desde a primeira década do século XX, as transformações econômicas que, gradativamente, começaram a mudar a face da cidade tiveram um maior impulso a partir dos anos de 1940, quando Getúlio Vargas deu início por meio da Fundação Brasil Central ao processo de interiorização do país. O referido projeto proporcionou a abertura de um grande número de estradas, que passaram a interligar toda a região do Triângulo Mineiro aos estados de Goiás e Mato Grosso, e contribuiu para consolidar a posição de Uberlândia como importante pólo comercial situado no interior da região sudeste.[720]

---

[717] CERTEAU, op. cit., p. 74.
[718] GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, história, testemunho. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. *Memória e (res) sentimento*: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Unicamp, 2001, p. 91.
[719] MACHADO, jan./jun., 1991, op. cit., p. 37-77. / CARVALHO, Rosana A. de; ALVES FILHO, Elói. O papel da Associação Comercial, Industrial e Agropecuária na industrialização de Uberlândia: 1950-1970. *História & Perspectiva*, Uberlândia, n. 22, p. 115-142, jan./jun. 2000.
[720] MACHADO, Maria Clara T. *A disciplinarização da pobreza no espaço urbano burguês*; assistência social institucionalizada, Uberlândia 1965-1980. 1990. Dissertação (Mestrado) - Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

Uma nova fase de crescimento econômico da cidade começou a processar-se a partir dos anos de 1950 em decorrência da construção de Brasília e dos reflexos da política desenvolvimentista de Juscelino Kubsticheck, que trouxeram vultosos investimentos federais para Uberlândia e região, transformando a cidade em uma referência para o cruzamento de estradas ligando sul, norte, nordeste com o centro-oeste do país. Sintonizado com essas perspectivas de desenvolvimento para a cidade, oriundas da construção da nova capital federal, Arantes dedicou uma página de sua revista para fazer prognósticos confiantes:

> *De fato, Uberlândia, pelo seu progresso, pelo seu dinamismo, pela sua limpeza e, principalmente, pela sua posição geofísica e geo-econômica, irá experimentar um grande surto de constante desenvolvimento nestes próximos dez anos, dado a sua condição de cidade-chave na rota de Brasília.*[721]

Com efeito, a década de 1950 assinalou um período de considerável prosperidade econômica para os grupos hegemônicos (representados pelo comércio, indústria de bens de consumo, mercado imobiliário e agro-indústria, por exemplo) instalados em Uberlândia e que, depois, teria continuidade ao longo dos anos de 1960, com a implantação da política de ocupação dos cerrados, empreendida pelo Estado. De acordo com Soares, essa política de ocupação denominada Pólocentro, *"... propiciou o desenvolvimento das culturas de grãos (soja, milho, café) em terras da região, acarretando para Uberlândia o armazenamento, a distribuição e a exportação desta parte da safra agrícola nacional".*[722]

Ao lado desses projetos que impulsionaram o desenvolvimento econômico da cidade, desde o final dos anos de 1940, as elites locais vinham promovendo diversas medidas, tendo em vista ordenar o espaço urbano, disciplinar e normatizar a sociedade. Dentre estas medidas, destacavam-se: a elaboração do *Código de Posturas* de 1950 e o planejamento urbano de autoria do engenheiro Otávio Roscoe.[723] Como meta dessa reforma, a higienização do centro da cidade era uma das medidas de maior urgência. Com esta remodelação, o poder local pretendia, além de retirar das ruas os mendicantes e confiná-los em instituições sociais de cunho assistencialista, transferir a zona boêmia — localizada, até então, no centro — para um bairro afastado e menos

---

[721] EM CONSTRUÇÃO o primeiro quartel de Brasília. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 24, p. 20, jun. 1958. APU. CPJA.
[722] SOARES, Beatriz R. Uberlândia: da boca do sertão à cidade jardim. *Sociedade & Natureza,* Uberlândia, n. 18, p. 95-123, jul./dez.97.
[723] MACHADO, 1990, op. cit. / SOARES, Beatriz R. Uberlândia: anotações sobre o seu crescimento urbano. *Cadernos de História* - Especial, Uberlândia, v. 4, n. 4, jan. 93, p. 49-62.

"nobre".[724] Verificava-se, assim, a gestação de uma urbe cuja imagem deveria ser a plena tradução da ordem, limpeza e da modernidade, expressas em um espaço pretensamente asséptico e homogêneo.[725]

Perpassando esse amplo projeto de dinamização econômica e de reforma sócio-urbana, encontravam-se discursos pautados nos conceitos de ordem e progresso, que visavam, sobretudo, justificar as ações político-empresariais empreendidas em favor do crescimento da cidade.[726] Por meio desses discursos, ressaltavam-se as iniciativas que iam desde a modernização e ampliação do serviço de energia elétrica, a expansão e reforma de estradas, até a tentativa de segregação dos pobres e mendigos e de seu agrupamento em instituições de assistência social específicas. Esses discursos eram elaborados tanto pelos políticos como também pelos segmentos da sociedade que tinham acesso à imprensa, visto que os cronistas não se cansavam de enumerar o salto quantitativo que a cidade estava dando na década de 1950 em direção ao crescimento, empregando, para tanto, a apologia à "modernidade", por meio da qual se pretendia construir a representação de um desenvolvimento sempre harmonioso e isento de conflitos. Entusiasta desse processo de transformação urbana, Arantes também elaborava esses discursos e utilizava a *Uberlândia Ilustrada* para divulgá-los:

> *Quem hoje percorrer os subúrbios da cidade, onde em menos de um decênio vicejava o herval nativo dos prados, se surpreenderá ao contemplar a beleza dos novos bairros que florescem nessas zonas, na vanguarda da cidade evoluída, que cresce vertiginosamente. (...) Instalam-se por todos os recantos fábricas de vários gêneros, em franca produção. Abrem-se no comércio casas atacadistas, drogarias, laboratórios, grandes armazéns, riquíssimas lojas de artigos finos, predominando esmerado gosto artístico na ornamentação das casas especializadas.*[727]

Como resultado dessas transformações, nas décadas de 1950 e 1960, Uberlândia já se

---

[724] OLIVEIRA, J., op. cit., p. 185-216.

[725] Segundo Soares, o projeto urbanístico elaborado para Uberlândia entre 1907 e 1908, pelo engenheiro Mellor Ferreira Amado, objetivava transferir o centro comercial, até então localizado no Fundinho (espaço urbano onde se deu o povoamento inicial da cidade, cujo traçado das ruas era irregular e os terrenos ligeiramente acidentados), para uma região plana, que favorecesse a expansão da cidade e, por conseguinte, das relações capitalistas. (SOARES, B., jul./dez.97, op. cit.).

[726] "De uma forma geral, esses discursos creditam ao trabalho e à racionalidade a base e o sustentáculo de todo o progresso econômico, e à ordem, entendida como a convivência harmoniosa entre o capital e o trabalho, o caminho para a modernidade e a resolução de todos os problemas sociais. 'Ordem e progresso', uma empreitada positivista, que requer projetos políticos que pressuponham o desenvolvimento econômico, alinhavado a um espaço urbano disciplinarizado". (MACHADO, M., jan./jun., 1991, op. cit., p. 45).

[727] UBERLÂNDIA, cidade que cresce e progride. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 21, não paginado, jun. 1956. APU. CPJA.

assemelhava, como tantas outras cidades do Brasil e do mundo – influenciadas pelo pensamento positivista –, a um tabuleiro de xadrez constituído por uma área central e um conjunto de largas e extensas avenidas arborizadas e ruas transversais.[728] Com efeito, no traçado de Uberlândia predominava a linha reta, e esta retilinidade conferia ao desenho da cidade um aspecto muito semelhante ao tabuleiro de xadrez, pois, cortando o perímetro urbano, existiam três avenidas longas e paralelas – João Pinheiro, Floriano Peixoto e Afonso Pena –, que seguiam na mesma direção, estendendo-se para fora do perímetro urbano.[729]

Mediante, então, o trinômio ordem, beleza e higienização, as elites de Uberlândia e a imprensa local conclamavam e, concomitantemente, impunham à sociedade em geral, por meio do poder público, medidas saneadoras, tais como: a obrigatoriedade de que as fachadas dos prédios privados fossem anualmente pintadas; a proibição de jogar lixo nas ruas; e a determinação de que os edifícios considerados velhos e mal conservados fossem demolidos. Cabia ao poder público, dentre outras atribuições, manter em bom estado de conservação passeios e praças públicas e elaborar uma cartilha contendo normas para a conservação e manutenção da limpeza urbana.[730]

Em síntese, em meados do século XX, a cidade já havia crescido tanto do ponto de vista geográfico quanto comercial e foram realizadas modificações por meio das quais novos atores entraram na cena política, ofuscando o brilho que outrora incidia, quase que exclusivamente, sobre os feitos de coronéis e de sua prole. Mais do que ameaçar a perpetuação da memória desses coronéis, a entrada no cenário de grupos até então excluídos da vida sócio-política da cidade, particularmente daquela representada pelos discursos oficiais – tanto aqueles produzidos pelos

[728] Segundo essa concepção reordenadora do espaço urbano, efetuada sob o olhar positivo da técnica e da ciência, o desenho físico e simbólico da cidade seria elaborado obedecendo a quatro princípios básicos e imprescindíveis: retilinidade, uniformidade, proporcionalidade e visibilidade; sendo que o princípio da visibilidade agrega os demais. Pois, a partir dele, "... prescreve-se que o traçado das ruas, a localização das praças, as fachadas das edificações devessem ser estabelecidas de modo a garantir o máximo possível de acesso à iluminação solar. Por outro lado, o princípio faz-se igualmente recorrente como expressão da vontade de um projeto da cidade reformada fosse, em si mesmo, visto e contemplado por toda a população como espetáculo simbolizador de uma nova sociedade em edificação". (KROPF, Simone P. Os construtores da cidade: o discurso dos engenheiros sobre o Rio de Janeiro no final do século XIX e início do século XX. *Projeto História*: cultura e cidade, São Paulo: PUC, n. 13, p. 184-5, jun. 1996)

[729] CARRIJO, Gilson G. *Fotografia e a invenção do espaço urbano*: considerações sobre a relação entre estética e política. 2002. Dissertação (Mestrado) - Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002, p. 38.

[730] MACHADO, 1990, op. cit.

políticos quanto os que proferiam os meios de comunicação e a historiografia local –, debilitava toda uma prática política assentada no poder pessoal dos representantes políticos.[731]

É, então, nesse contexto, que se localiza a tentativa de Arantes de intervir no presente por meio de sua produção referente à escrita da história da cidade, pois, se as condições necessárias para as mudanças já haviam sido plantadas, se a cidade crescia e modificava-se em relação aos diversos aspectos e se todas essas mudanças eram irreversíveis, restava ao memorialista atar esse presente ao passado que lhe dera origem, demonstrando que o quadro atual não resultava de ruptura, mas, ao contrário, assentava-se na mais perfeita continuidade e que, por conseguinte, o futuro seria promissor.

Os primeiros passos haviam sido dados por Arantes ao insistir na afirmação e instituição de um fundador para Uberlândia e em construir, para esse fundador, representações edificantes, tanto no que dizia respeito às supostas qualidades de seu caráter, quanto no tocante aos resultados de seus empreendimentos. Assim, essa persistência de Arantes em ressaltar a figura de Felisberto Carrejo como fundador não encontra paralelo na obra deixada por outros memorialistas locais. Capri, por exemplo, não abordou tal questão, pois, quando citou Carrejo em seu livro, não lhe atribuiu papel algum de relevo na fundação de Uberlândia. Ao contrário, mencionou aquele nome ao lado de Francisco Alves Pereira, para informar que ambos tinham sido procuradores nomeados pela população para tratar dos assuntos de interesse da criação da Paróquia.[732] Pezzuti, por sua vez, demorou-se na descrição das qualidades inerentes ao caráter do primeiro entrante, João Pereira da Rocha. Destacou, depois, a família de José Alves de Rezende e a família Cabral, que teriam, ambas, se instalado na região poucos anos após os Pereira da Rocha. Finalmente, citou os nomes daqueles que chegaram depois desses três grupos e mencionou, em meio a eles, o nome de Felisberto Carrejo, que teria sido, ao lado de Francisco Pereira da Rocha, um dos procuradores

[731] Conforme ressaltou Além: "A expansão da cidade torna o universo político e cultural tão diverso quanto o são as forças produtivas locais. (...). As relações impessoais na vida cotidiana, a distância dos políticos e dos governantes, a frieza da burocracia nas instituições públicas forçam um redirecionamento das ações políticas anteriores da classe dominante. (...) Quando essa tendência predomina, a sociedade política já está transformada, porque a expansão urbana é reflexo explícito da sociedade de classes consolidada, que tende a não comportar, gradativamente, práticas e discursos políticos fundados nas relações pessoais e, portanto, os recursos ideológicos e culturais terão que ser reelaborados com base em outros elementos". (ALEM, João Marcos. Representações coletivas e história política em Uberlândia. *História & Perspectivas*, Uberlândia, n. 4, jan./jun.1991, p. 100).
[732] CAPRI, op. cit., p. 10.

dos habitantes do local. [733] Pezzuti e Capri atribuem a Carrejo apenas a função de "procurador", sem, contudo, destacar o seu papel de "fundador da cidade".

Portanto, uma vez que não encontramos no trabalho dos memorialistas que antecederam Arantes a idealização de Carrejo como sendo "o fundador", deve ser atribuído aquele o feito de produzir para a cidade uma paternidade e de tentar construir, a partir daí, um conjunto de representações que a ligasse às origens do município. Nesse sentido, podemos conferir a Arantes a tentativa de explicar a história a partir do ídolo das origens.[734]

Subjacente ao "mito de origem", encontrava-se imbricado ao papel que Arantes reservou para Carrejo na fundação da cidade a tentativa de produzir uma figura heróica. Para os propósitos do memorialista, não era suficiente apenas encontrar as origens e cingi-la à figura de um só homem, faltava, principalmente, ligá-la a um herói. Desta forma, as bases do povoamento e da construção da futura cidade seriam inexoráveis, pois os gestos heróicos são pretensamente altruístas, benevolentes e, o que é mais relevante, fortes, e, contra eles, pode-se até lutar, mas dificilmente obter vitórias.

Ao analisar a simbologia que perpassou a proclamação da República no Brasil e as tentativas de consolidar o novo regime também no plano do imaginário, Carvalho discutiu os embates que se travaram em torno da escolha do hino e da bandeira, bem como analisou as características dos diversos monumentos erguidos e a necessidade de produzir um herói que representasse "um rosto para a República". Este último aspecto seria imprescindível, pois: *"Heróis são símbolos poderosos, encarnações de idéias e aspirações, pontos de referência, fulcros de identificação coletiva. São, por isso, instrumentos eficazes para atingir a cabeça e o coração dos cidadãos a serviço da legitimação de regimes políticos"*.[735]

---

[733] PEZZUTI, op. cit., p. 7-13.

[734] Segundo Burke, a ênfase excessiva conferida aos estudos sobre as origens seria um dos três "ídolos da tribo dos historiadores" que o economista francês François Simiand já havia rechaçado no início do século XX. Esse sobre o qual recai a explicação de Arantes seria o "ídolo cronológico", caracterizado pela recorrência em se buscar, nos estudos históricos, as origens. Ao lado deste, o economista francês criticava o uso de mais dois "ídolos", a saber, o "ídolo político", advindo do culto à história política e aos fatos políticos e o "ídolo individual", engendrado pela insistência nos feitos de alguns supostos grandes homens. (BURKE, Peter. *A Revolução Francesa da Historiografia*: a Escola dos Annales, 1929-1989. São Paulo: UNESP, 1991, p. 21).

[735] CARVALHO, J., op. cit., p. 55.

Acreditamos que o recorrente retorno à construção da figura heróica e seu conseqüente vínculo com a questão das origens guardam intima relação com determinados projetos políticos em vias de implementação. Em Uberlândia, não estava em questão a instituição de nenhum novo regime político, mas verificavam-se ali indícios de uma nova composição político-econômico-social e, nesse sentido, a tentativa empreendida por Arantes, a fim de produzir um herói tornou-se um elemento importante na legitimação da história da cidade que, aos poucos, se tornava o pólo comercial de maior expressividade na região do Triângulo Mineiro. Desse modo, conforme Bresciani, as reiteradas incursões intelectuais aos mitos das origens resultam de vinculações a "... projetos políticos, ou seja, sempre lançados para o futuro, tal como se fossem todos ao encontro da impossibilidade de realizar-se".[736]

A história dessa "urbe acelerada" deveria ser escrita levando-se em conta um passado do qual a população pudesse se orgulhar, e mais, um passado que cobrisse de glória o presente, legitimando as instituições políticas, tornando autênticas as iniciativas dos grupos sociais, bem como louvando a economia e as ações dos homens de negócios.[737] Por trás de tudo isto, Arantes imprimia a figura de seu herói. Era como se Carrejo fosse a fonte de inspiração para a dinâmica da cidade e que dessa não se descolasse, tornando-se um verdadeiro paradigma para todos aqueles que o sucederam.[738] Com efeito, a insistência em pesquisar as origens fez com que a obra de Arantes explicasse a trajetória percorrida por Uberlândia a partir da herança deixada por seu herói/fundador e estender as supostas virtudes daquele aos seus sucessores, representados, primeiramente, na figura de líderes políticos, conforme se lê no fragmento a seguir:

> *O monumental trabalho de Felisberto Alves Carrejo — sonhador de uma cidade futura – lançando a pedra fundamental da formação do arraial de nossa origem nas paragens de um sertão inculto, foi o primeiro passo da caminhada seguida pelo seu predestinado sucessor, na pessoa do nobre Deputado Augusto César Ferreira e Souza ... .*[739]

---

[736] BRESCIANI, op. cit., p. 106.

[737] Esta tentativa de justificar o presente por meio do emprego de exemplos do passado foi, no dizer de Callari, dominante também no IHGB, que tentou "... estabelecer os limites do Estado Nacional, buscando exemplos no passado que legitimasse o presente e formassem os herdeiros desse Estado". (CALLARI, op. cit., p. 74).

[738] Conforme analisou Carvalho: "Herói que se preze tem de ter, de algum modo, a cara da nação. Tem de responder a alguma necessidade ou aspiração coletiva, refletir algum tipo de personalidade ou de comportamento que corresponda a um modelo coletivamente valorizado. Na ausência de tal sintonia, o esforço de mitificação de figuras políticas resultará vão. Os pretendidos heróis serão, na maioria das hipóteses, ignorados pela maioria e, na pior, ridicularizados". (CARVALHO, J., op. cit., p. 55-56).

[739] ARANTES, J. *Cidade dos sonhos meus*, 1981, op. cit., p. 45. Acervo Delvar Arantes.

O caminho ressaltado era o da continuidade e o do consenso, sem considerar as inúmeras variáveis que perpassaram o processo histórico, suas contradições e, principalmente, sem discutir que a história é resultado também da ação coletiva e cotidiana. Tudo se passava como se conflitos não tivessem existido, como se as lutas em torno de interesses divergentes não fossem uma realidade. Montava-se uma narrativa cujo principal objetivo seria mitificar o passado e, por conseguinte, fazer apologia ao futuro, contribuindo para um esvaziamento do presente por meio do qual se esperava sufocar as vozes divergentes que fossem de encontro aos projetos e aos interesses dos grupos dominantes.[740] Arantes teria produzido, assim, nas palavras de um amigo, o *"... repositório de saudades de uma época que se tornou argamassa vigorosa da metrópole de hoje".*[741]

Toda essa tentativa empreendida por Arantes, com o propósito de heroificar Carrejo, encontra muita semelhança no mesmo processo empregado para eleger para a república brasileira a figura de Tiradentes como símbolo do consenso. Segundo Carvalho, ao escolher o alferes mineiro como a figura heróica da República brasileira, esperava-se revestir de coesão o novo regime, dotando-o de uma unanimidade insuspeita. Além de Tiradentes, em meio àqueles que lutaram pela queda da monarquia, não havia ninguém que pudesse expressar de forma tão convincente o consenso e que pudesse promover junto à população o efeito de identificação em torno dos mesmos ideais.[742] Papel análogo teria sido reservado por Arantes a Carrejo na formação do povoado e, depois, na consolidação de sua organização político-administrativa. Em meio aos que habitavam primitivamente a região, somente a figura daquele pioneiro poderia ser recuperada e metamorfoseada, para representar a unidade de objetivos e de projetos políticos.

Uma vez que as transformações em curso na cidade eram irreversíveis, restava, pois, voltar-se para o passado, buscando lá os germes das mudanças no presente, resgatando a figura do herói fundador, valorizando seus feitos e estendeu as suas supostas virtudes aos sucessores. Se não havia como negar o presente, fazia-se necessário, por outro lado, ancorá-lo no passado,

---

[740] Esta mesma representação foi localizada, por Bosi, no discurso que Pezzuti construiu acerca dos primeiros políticos da cidade. (BOSI, op. cit., p. 58-59).
[741] GARCIA, op. cit., p. 9.
[742] Somente "... ele operava a unidade mística dos cidadãos, o sentimento de participação, de união em torno de um ideal, fosse ele a liberdade, a independência ou a república. Era o totem cívico. Não antagonizava ninguém, não dividia as pessoas e as classes sociais, não dividia o país, não separava o presente do passado nem do futuro". (CARVALHO, J., op. cit., p. 68).

apresentando as transformações como continuidade, como resultado do desenvolvimento natural de uma ordem pré-estabelecida.

Nesse sentido, acreditamos que tanto o objeto quanto os temas tratados por Arantes em seus estudos sobre a história local tiveram uma dupla função, que, embora possam parecer à primeira vista excludentes, desempenharam papéis complementares. De um lado, as suas abordagens consistiram na tentativa de reabilitar o passado, esvaziando o presente de quaisquer possibilidades de ruptura. Pensamos que alguns dos indícios desse apego ao passado residiriam, além da insistência de Arantes em tratar do "mito das origens", no fato de ressaltar o modo de vida do homem simples e preservar, em seus textos, romances e poesias, o vocabulário sertanejo.[743]

De outro lado, podemos ler a obra elaborada por Arantes perscrutando seus intentos de legitimação para o presente, visíveis na tentativa de avalizar as mudanças em curso por meio da ênfase conferida à semelhança existente entre a autenticidade das iniciativas políticas e econômicas dos seus contemporâneos e os empreendimentos, igualmente legais, realizados pelos desbravadores.

Essa característica, que perpassa os textos, artigos e livros elaborados por Arantes, não pode ser cindida de sua trajetória profissional e intelectual, pois ele também, como "escritor-funcionário",[744] transitava entre essas temporalidades e mantinha com elas compromissos seriamente cumpridos. Ao passado, reservava uma parcela de seu tempo para pesquisar, coletar documentos, formar seu arquivo, tentar produzir explicações históricas e construir os alicerces de uma representação grandiloqüente para a história da cidade. Ao futuro, destinava parte de seu trabalho em prol da alfabetização das crianças, jovens e adultos de Uberlândia, contribuindo, com isso, para o desenvolvimento intelectual de sua população; dedicava, também, uma fatia de sua produção para elaborar representações ufanistas sobre a cidade, seu crescimento e suas perspectivas promissoras. Para tanto, valeu-se das páginas de sua revista, nas quais encontramos

[743] Em seu depoimento, Silva ressaltou essa particularidade do trabalho de Arantes, dizendo achar interessante o fato de ele preservar em seus escritos o vocabulário das pessoas simples, habitantes ou oriundas do meio rural. (SILVA, A., 2001, op. cit.).

[744] Expressão empregada por Carlos Drummond para classificar a atuação dos intelectuais, incluindo ele próprio, que participaram do ministério de Gustavo Capanema (1934-1945). (BOMENY, Helena. Infidelidades eletivas: intelectuais e política. In: BOMENY, H. (Org.). *Constelação Capanema*: intelectuais e política. Rio de Janeiro: FGV, 2001, p. 30).

estampadas as representações otimistas das administrações públicas, bem como o patriotismo dos empresários, comerciantes e de todos os profissionais liberais. A descrição do comerciante Antônio Calábria sintetiza suas abordagens a respeito do tema:

> *Na formação da cidade nova, teve Calábria ação edificante, como construtor habilíssimo que era. Organizou ele uma empresa intitulada Lar Uberabinhense, (...) fazendo essa firma importantes construções, se destacando a Igreja do Rosário hoje existente. Foi ele o fundador da primeira indústria de ladrilhos e ornatos de cimento, em 19l8. Foi também comerciante (...). A conceituada indústria que se intitula Marmoraria Goiás, funciona sob a direção de seus filhos, que herdaram os predicados do pai, criados na escola do trabalho.*[745]

Inferimos, pois, que, subjacente às características que emanam dos textos de Arantes e também de seu trabalho, se encontram as duas fundamentações teóricas que acreditamos caracterizar a sua produção: positivismo e romantismo, e ambas se assentariam sobre a temporalidade tripartite: passado, presente e futuro. O positivismo estaria representado na suposta indefectibilidade do presente e na crença depositada no desenvolvimento linear em direção a um fim determinado localizado no futuro, que se faria por meio da superação de etapas sucessivas.[746] Nesse caso, pensamos que a influência do positivismo sobre as análises efetuadas por Arantes decorre das formulações de Augusto Comte e, não, especificamente, das sucessivas elaborações que essa doutrina recebeu na historiografia.[747]

---

[745] DOMINGOS Antônio Calábria. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 22, não paginado, set. 1957. APU. CPJA.

[746] A Europa, na primeira metade do século XIX, estava mergulhada em conflitos de natureza diversa. A França, em particular, ainda buscava soluções para as crises social, institucional e econômica gestada no bojo da Revolução Francesa. O teórico francês Augusto Comte viveu esse período efervescente da história européia e não tardou a elaborar uma explicação "científica" sobre o problema francês e, pretensiosamente, o problema da humanidade em geral. Elaborou, então, uma filosofia da história, também denominada de "Lei dos três Estados", que se caracterizou, sobretudo, pela unidade. Partia do pressuposto de que toda a história da humanidade necessariamente deveria passar por três etapas sucessivas de organização do pensamento: a forma de pensar "teológica", a "metafísica" e a "positiva". As duas primeiras etapas foram concebidas como momentos provisórios e preparatórios ao advento da "última" e "verdadeira" forma de pensar: o estado positivo. Nessa última fase os homens substituíram a busca das causas absolutas e a sua conseqüente atribuição a seres sobrenaturais e forças abstratas pela descoberta das leis imutáveis que regem todos os fenômenos. (COMTE, op. cit., p. 12-13).

[747] "A história positivista praticamente não se alimenta das relações com a doutrina de Augusto Comte, embora sua denominação reflita a importância que seus defensores conferiam ao termo ciência positiva. Pois a ambição científica é o primeiro traço distintivo de uma escola histórica que reina sobre as primeiras gerações de historiadores de ofício no fim do século XIX e no início do século XX". (DUMOULIN, op, cit., p. 614).

Já, para nós, os traços definidores do romantismo nos escritos de Arantes guardam menos relação com os pressupostos da corrente historiográfica, designada pelo mesmo nome,[748] que, propriamente, com as características do movimento romântico inspirador de um dos períodos da literatura brasileira. Conquanto múltiplo e fluído, alguns dos traços definidores da literatura romântica européia encontram-se na fuga do presente, na valorização do tempo e do espaço distantes e na conseqüente idealização do passado e na ambientação dos enredos na remota Idade Média. Guardadas as devidas particularidades, alguns aspectos dessa caracterização presidiram a literatura produzida pela primeira geração do romantismo no Brasil. Seus autores buscaram recuperar o passado de forma otimista e, para tanto, situaram as narrativas em épocas distantes, marcadas por feitos gloriosos e gestos heróicos. Um dos expoentes dessa fase do romantismo foi José de Alencar [749] — autor que não era ignorado por Arantes, uma vez que, em sua biblioteca, se encontrava uma de suas obras, *Sonhos D'ouro*.

Em Arantes, podem ser apreendidos indícios do romantismo por meio da insistência em criar enredos para suas peças teatrais compostos de personagens de origem do meio rural, ao valorizar seu modo de vida e manter o seu modo sertanejo de falar (aspectos salientados no capítulo III). Daí depreendemos que, ao ressaltar o homem simples e empregar, em suas

---

[748] Na primeira metade do século XIX, o romantismo ganha espaço na historiografia e promove a reabilitação dos estudos acerca da Idade Média. As razões da ascensão do romantismo, sobretudo em meio aos historiadores franceses, segundo as análises de Glénisson, podem ser sintetizadas nos seguintes aspectos: "... reação cristã contra a 'filosofia', gosto pelo exotismo no tempo e no espaço, novos pontos de vista relativos à arte (principia a admiração pelas catedrais góticas), influências germânicas (na França, Madame de Stael, conhecedora e admiradora da Alemanha, contribuirá também para reabilitar a Idade Média)..., tudo se conjugando para levar ao êxito universal o que, pouco tempo antes, fora tido como a idade das trevas e do barbarismo gótico". (GLÉNISSON, Jean. *Iniciação aos estudos históricos*. Rio de Janeiro, São Paulo: Difel, 1977, p. 49).
Para Josep Fontana, o romantismo consubstancia-se, em meio à historiografia francesa, na tentativa de ruptura com o passado ilustrado e revolucionário que vigorou no século XVIII. Essa corrente historiográfica, tal qual o positivismo, teria emergido como reação ao ideário crítico de décadas precedentes. Segundo o historiador catalão: "Na história, seu grande representante foi Jules Michelet (1798-1874), que soube reunir a vontade de ruptura com o pensamento ilustrado a algumas propostas políticas de um certo populismo progressista, que haviam de ajudar a conduzir as forças sociais mobilizadas pela revolução pelo caminho de um nacionalismo burguês". (FONTANA, op. cit., p. 123).
Falcon amplia as análises sobre o romantismo ao enfocar a história cultural tentando compreender o sentido de sociedade e cultura. Para o autor: "Ao fazer a crítica do racionalismo universalista e naturalista do pensamento iluminista, o romantismo sublinhou não propriamente uma espécie de 'sentido histórico' genérico, como proclamaram seus representantes, mas uma certa idéia de cultura. Nos dois casos, o particular, o específico, o único primam sobre o universal e genérico. Cultura e história, entrelaçadas, originam especificidades, permanências irredutíveis a leis, impossíveis de serem apreendidas por uma razão lógico-matemática que se limita a aplicar ao mundo dos homens, histórico por definição, os princípios e métodos de uma ciência da natureza — o paradigma da Física newtoniana". (FALCON, op. cit., p. 69).
[749] CITELLI, Adilson. *Romantismo*. São Paulo: Ática, 1993, p. 76-77.

pesquisas sobre a história local, aspectos extraídos das lembranças de depoentes oriundos de uma classe social menos abastada e presa às origens rurais, Arantes ancorava-se na tradição, porquanto o seu compromisso parecia ter sido firmado com o interesse em apresentar o passado como projetado no futuro.

Dessa forma, pensamos que a relação estabelecida por Arantes com os seus entrevistados é perpassada por um certo matiz daquela mentalidade provinciana, a que nos referimos anteriormente, posto que, segundo a ótica do provincianismo existiria uma forte vinculação com o passado e com tudo o que dissesse respeito a esta temporalidade enquanto tradição e experiência. Desta forma, para Rodriguez, a valorização da tradição e do próprio passado estaria vinculada à suposta sabedoria que emanaria daí: *"... o provincianismo é um olhar voltado permanentemente para o passado; é o passado que fala ao presente. (...) a tradição é o conteúdo essencial da sabedoria"*.[750]

Analisando por este prisma, a relação que Arantes estabelecia com seus depoentes contém traços desta mentalidade provinciana que buscaria no passado a sabedoria. Pois, com as informações obtidas junto a estes depoentes, Arantes buscava acrescentar mais elementos aos documentos escritos, que lhe possibilitassem ampliar os dados relativos ao passado de Uberlândia, ou, como ele preferia explicar, dessa forma ia "revivendo o passado na voz da gente antiga". Esse era, inclusive, o título de uma das seções de sua revista na qual reproduziu parte destas entrevistas.

No entanto, embora buscasse trabalhar essas temporalidades mediante uma postura conciliatória, às vezes, Arantes perdia-se em ambivalências. Em um dos textos impressos em suas *Crônicas Sociais,* a ambigüidade torna-se evidente, pois, ao fazer referência à visita do presidente do Estado de Minas, que a cidade recebera no ano de 1927, e imaginar seu retorno alguns anos após, Arantes traçou um paralelo entre a realidade conhecida por aquela autoridade e as transformações que se sucederam após a sua passagem por Uberlândia, denotando, concomitantemente, depreciar e louvar o progresso, responsável pelas transformações das ruas, das casas e do ritmo de vida:

---

[750] RODRIGUEZ, op. cit., p. 8.
No original: "... el provincianismo es una mirada volcada permanentemente hacia el pasado; es el pasado que habla en el presente. (...) la tradición es el contenido esencial de la sabiduría".

> *Hoje tudo acabado, por ordem do nosso Progresso — com P maiúsculo — o modernismo domina em todos os quadrantes da 'mais bela cidade do Triângulo', que tanto encantou o grande Presidente Mineiro, e que para ela tanto contribuiu na sua fecunda administração. As antigas ruas da cidade velha, na sua perene tranqüilidade, onde o arvoredo dava sombra de suave frescor, são iluminadas agora pela luz branca das luminárias a vapor de mercúrio, vias de intenso trânsito de veículos e pedestres, no labor cotidiano da cidade trepidante. Na zona urbana erguem monumentais edifícios de impecável arquitetura ...*[751]

Em outra crônica, que compõe o mesmo livro, Arantes mudou o enfoque, parecendo colocar-se inteiramente em defesa do futuro, representado na ótica do progresso, em detrimento do passado, caracterizado pelas edificações antigas e em estado de decomposição, que "insistiam" em permanecer de pé, "manchando" a paisagem urbana composta de modernos edifícios. Eis algumas passagens do *Lamento da casa velha,* que denotam a visão progressista de Arantes, pouco afeita à preservação do patrimônio histórico arquitetônico:

> *Eu fiquei!!! Fiquei para sofrer o castigo que o destino me reservou. Agora nada mais que uma tapera de horrível aparência!!! Um monstro em forma de casa!! Uma tapera que ocupa o lugar onde já deveria estar uma dessas belíssimas construções que tanto engrandecem o nome de nossa linda cidade (...). Como eu sofro, sabendo que a cidade que eu vi nascer e progredir tanto, e por minha causa tem essa nódoa a manchar seu nome de cidade moderna, (...). Eu devo desaparecer!! É chegado o momento. O povo progressista desta cidade primor espera ansiosamente que isso aconteça.*[752]

Esta oscilação entre a nostalgia do passado e a crítica aos seus vestígios – particularmente aqueles de natureza arquitetônica –, bem como a apologia ao progresso, presente em algumas análises de Arantes, não pode ser atribuída apenas a uma fragilidade teórica do memorialista, que, carente de um instrumental metodológico, assim como dos conceitos e categorias analíticas inerentes ao ofício do historiador, incorreria em equívocos ao trabalhar com as temporalidades. A complexidade subjacente ao universo temporal é oriunda em parte do caráter cambiante do próprio procedimento historiográfico que, para Certeau, faz com que, de um lado, a história historicize o atual e, de outro, represente o passado como significando um dado incompleto: "... o lugar que ela destina ao passado é igualmente um modo de *dar lugar a um futuro*. Da mesma maneira que vacila entre o exotismo e a crítica, a título de uma encenação do outro, oscila entre o conservadorismo e o utopismo, por sua função de significar uma falta".[753]

---

[751] ARANTES, J., 1977, op. cit., p. 35.
[752] ARANTES, J., 1977, op. cit., p. 2.
[753] CERTEAU, op. cit., p. 93.

Entendemos, pois, que a ambigüidade de Arantes, ao tratar da relação entre passado e presente, possa ter sido engendrada em parte por essa fluidez conceitual em torno do passado. Mas, por outro lado, pensamos que sua postura estivesse relacionada com o seu envolvimento com o poder local, posto que, como funcionário público, exercendo cargo de confiança, ele não ia de encontro ao presente e, tampouco, ao futuro, representado pelo discurso do progresso e pelas ações dos comerciantes, empresários e políticos. Presumimos que acreditasse ser o crescimento da cidade obra do trabalho de homens abnegados e dotados de vasta capacidade empreendedora, como, também, resultado de administrações políticas eficientes e devotadas para as causas de interesse da população — o passado, nesse caso, implicaria a idéia de futuro de que nos fala Certeau. Este último aspecto constitui o cerne dos textos que elaborou para compor o número 9 de sua revista, inteiramente dedicada ao cinqüentenário da autonomia administrativa do município de Uberlândia. O fragmento abaixo é paradgmático dessa abordagem:

> *Nas linhas que abaixo se lê, procuramos dar uma síntese do que tem sido o governo moço e patriota do prefeito Vasco Giffoni, à frente dos negócios públicos de sua terra, que também o é nossa, uns por direito de nascença, outros porque a ela se radicaram, trabalhando pelo seu engrandecimento, comungando os seus interesses, vivendo as suas horas amargas, partilhando dos seus instantes de glória, mas todos visando um só fim: – a grandeza da terra que é seu berço, ou que de braços abertos o acolhera.*[754]

Por outro lado, como colecionador de documentos e memorialista, Arantes tinha no passado a sua matéria-prima, a fonte para construir seu discurso, as suas representações em torno da cidade e também acerca de si próprio. Nesse sentido, não podia, sob pena de se ver impossibilitado de executar seus projetos de memorialista, simplesmente descartar o passado. Além disso, importava-lhe frisar o consenso cujo pressuposto encontrava-se assentado na continuidade e não na ruptura.

Enquanto abordava essas temporalidades separadamente, ou seja, nos momentos em que mergulhava no passado, e, nos outros, em que escrevia sobre acontecimentos relacionados ao presente, Arantes conseguia manter o tom conciliatório. Porém a complicação despontava quando se via diante da permanência concreta — como era o caso das antigas construções ainda existentes na cidade — do passado na contemporaneidade. Nessas ocasiões, parecia-lhe difícil

[754] SETE anos de governo. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 9, p. 23, abril 1941. APU. CPJA.

encontrar argumentos conciliatórios, e o resultado era incerto, conforme se depreende do exemplo citado das crônicas denominadas *Política da velha guarda* e *Lamentos da casa velha.*

Não obstante essa ambigüidade, o conjunto das representações que Arantes elaborou em torno do passado, presente e futuro ficou registrado na memória de todos aqueles que lhe foram contemporâneos. Assim, acreditamos que a melhor tradução dessa representação incidiu sobre a sua múltipla atuação no cenário intelectual da cidade: o educador, que foi também memorialista, produziu uma história e a divulgou nos meios de comunicação então disponíveis. Por isso, quando se fala em Jerônimo Arantes, *"... não sabe a que dar preferência: se à excelência do historiador, se à maviosidade do poeta, se à distinção do pedagogo. Uma vez que tudo são favetas de uma mesma personalidade, admira-se a esta e ter-se-á admirado a todos".*[755]

Em síntese, o círculo composto por Arantes, a educação, a imprensa, a política e a história da cidade não se define a partir da postura do reformador e ou de um questionador, fosse das instituições educacionais fosse da história, mas, sim, a partir da ótica de um funcionário público "eficiente" que zelava pelas instituições educacionais sob a sua responsabilidade e de um persistente pesquisador que, no afã de escrever a história de Uberlândia, transformou-se aos olhos de seus contemporâneos na autoridade sobre o assunto. Arantes personificava então os ideais de magnanimidade e devoção incondicional a historia da cidade, ressaltados em uma das cartas que recebeu:

> *Meu caro Dalbas Junior, graças a sua tenacidade de historiador apaixonado de cousas nossas, é que temos vultos a fatos de Uberlândia de ontem e de hoje, o que vem enriquecendo o patrimônio histórico desta região. Receba, pois, os meus parabéns por tão grandes trabalhos elucidativos da nossa história, onde amanhã, os vindouros encontrarão uma fonte de conhecimentos ... .*[756]

Com o seu trabalho no *Colégio Amor às Letras*, posteriormente com a sua atuação no serviço público, bem como com a publicação de sua revista, livros e artigos, Arantes foi, pouco a pouco, produzindo a memória de si e, concomitante, construindo e escrevendo a história dos outros.

---

[755] VIDA social. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, não paginado, 24 jul. 1943. APU.
[756] PAES LEME, op. cit.

4.4. Entre Memória e Esquecimento

Como complemento da tentativa de idealizar a fundação da cidade dotando os pioneiros e seus sucessores de atributos edificantes, Arantes produziu uma versão para o passado e, igualmente, construiu representações para o presente que poderiam resultar para si próprio na perpetuação de sua imagem como sendo muito semelhante àquela elaborada para Carrejo. Afinal, da mesma forma que esse Arantes também devotava parte de seu tempo para a cidade, não se cansava de produzir versos, poemas, hinos e textos homenageando-a; regozijava-se em demonstrar que era um cidadão "fiel" à terra que o acolhera, dera-lhe família, trabalho e reconhecimento e, para tanto, valia-se de suas incursões pelo campo da pesquisa acerca dos fatos relativos ao passado local.[757] No ano de 1969, a Lei que lhe concedeu o título de Cidadão Uberlandense, em seu Art. 1°., expressa bem este aspecto, apresentando-o como *"...professor, jornalista, poeta, historiador (...). Trabalhador incansável em prol dos interesses e do progresso desta cidade e região"*.[758]

Diante dessa trajetória intelectual percorrida por Arantes, fica no ar a pergunta de Fernando Pessoa: *Valeu a pena?* Se levarmos em conta o reconhecimento do trabalho de Arantes e a perpetuação de sua memória, conforme inferimos que era sua intenção, a resposta ao poeta não será muito afirmativa. Pois a sua memória resistiu apenas no âmbito daqueles que lhe foram mais próximos, em particular, daqueles que conviveram com ele no serviço público; para os demais, restou o esquecimento.

Primeiro foi esquecido pela imprensa, pelos seus "colegas", como se referia aos jornalistas. Durante o período que remonta aos anos de 1943 a 1957, os jornais *Correio de Uberlândia* e *O Repórter* dedicaram-lhe, anualmente, uma nota de felicitações natalícias.[759] No

---

[757] Em um de seus livros Arantes narrou a história da cidade em forma de versos, tais como:
"Cidade de Uberlândia,
escrínio dourado,
onde tudo que é belo está nele guardado ...". (ARANTES, J., 1971a, p. 36).

[758] UBERLÂNDIA. Lei n. 1760, de 7 de novembro de 1969: Concede o título de Cidadão Uberlandense a pessoa que menciona. Uberlândia, 07 nov. 1969. APU. CPJA. PT.

[759] VIDA social, 24 jul. 1943, op. cit. / VIDA social. *Correio de Uberlândia,* Uberlândia, não paginado, 23 jul. 1944; 22 jul. 1945. APU. / SOCIAIS. *Correio de Uberlândia,* Uberlândia, não paginado, 23 jul. 1946; 23 jul. 1947; 24 jul. 1948; 23 jul. 1949; 23 jul. 1950; 23 jul. 1952; 23 jul. 1953; 24 jul. 1955; 22 jul. 1956. APU. / SOCIAIS. *Correio de Uberlândia,* Uberlândia, p. 2, 23 jul. 1951. APU. / SOCIAIS. O *Repórter,* Uberlândia, não paginado, 23 jul. 195223 jul. 1953; 23 jul. 1954. APU./ ANIVERSÁRIOS. *Correio de Uberlândia,* Uberlândia, não paginado, 23 jul. 1957. APU.

decorrer daqueles quinze anos, no dia 23 de julho ou um dia antes e/ou depois, foram publicados cumprimentos ao professor Arantes, demonstrando que o seu aniversário era lembrado e registrado pela imprensa, às vezes, apenas com uma frase, outras, na forma de um texto no qual transbordavam adjetivos laudatórios, tais como: *"antigo e laborioso ornamento do magistério de Uberlândia .."*. Arantes era lembrando também como sendo um: *"...ilustre jornalista e historiador uberlandense, poeta de rara inspiração..."*. Em outro ano, foi apresentado como: *"...culto e inteligente inspetor escolar neste município, jornalista brilhante de pena ágil (...), historiador dos mais meticulosos, profundo conhecedor do passado dessa região"*.[760]

Assim, ano a ano, em todos os aniversários, Arantes foi lembrado de forma laudatória e cumprimentado com entusiasmo. Contudo, a despeito de tantos elogios, nos anos posteriores, até 1961 quando encerramos a pesquisa, o nome de Arantes desapareceu das páginas dos jornais na data de seu aniversário; não se encontrava nos periódicos nem mais um texto, nem mais uma nota... A imprensa o havia esquecido, ainda que ele continuasse a "cumprir anos".

Daí, para que a população também o esquecesse, não foi muito difícil, pois, mesmo que o prefeito tenha cumprido à risca o cerimonial fúnebre, decretando luto oficial por três dias e hasteando em todas as repartições públicas a bandeira a meio mastro, nos dias em que seu corpo foi velado no plenário da Câmara Municipal de Uberlândia, poucas pessoas compareceram para lhe prestar as últimas homenagens e dar-lhe adeus.

Ao comentar esse fato, um funcionário da Câmara e amigo de Arantes forneceu as chaves para compreendermos alguns dos fatores que influenciaram no esquecimento e, conseqüentemente, na falta de reconhecimento àquele que tanto trabalho realizou pela cidade que adotou como sua: "... talvez porque fosse professor, historiador, remanescente de um tipo de funcionalismo que não existe mais. Mas se as paredes das escolas urbanas e rurais falassem, teriam muito que contar do antigo mestre".[761]

De fato, a despeito das iniciativas de Arantes em produzir uma versão gloriosa para o passado da cidade; auxiliar na construção de suas bases de civilidade, assentadas na educação escolar; assim como propagar o desenvolvimento de Uberlândia nas páginas de sua revista, a sua

[760] SOCIAIS, 23 jul. 1952, op. cit. / ANIVERSÁRIOS, 23 jul. 1957, op. cit. / SOCIAIS, 24 jul. 1955, op. cit.
[761] PINHEIRO, 1983, op. cit.

memória não resistiu ao fim de suas atividades, e por quê? Talvez porque, como ressaltou Seixas, haja uma gestão "racional e afetiva" tanto da memória quanto do esquecimento — perpassada por "... manipulações e políticas, interesses e recalques, querer (ou dever) lembrar e querer (ou dever) esquecer...". — configurando as imagens que devem subsistir e aquelas que se esvairão.[762]

Dessa forma, como disse o cronista, Arantes foi professor e, embora não tenha completado o raciocínio, podemos inferir o que desejava manifestar ao lembrar a profissão como uma das possíveis causas do esquecimento do memorialista. Sabemos que enquanto atuava no serviço público, Arantes gozou do prestígio que a escola conferia aos seus professores e dirigentes, pois, conforme analisamos, vivia-se então o auge do "entusiasmo" pela educação. Nesse contexto, a escola despontava como panacéia para sanar diversos problemas, que iam desde a marginalidade na qual se encontrava mergulhada a população analfabeta, autora de condutas repreensíveis, até os percalços do débil desenvolvimento econômico do país, fruto também da carência de escolarização dos trabalhadores despreparados. No entanto, o que passou a representar esta escola em meio à decadência da educação escolar pública, desencadeada a partir do final da década de 1970 e 1980, se não desprestígio, desqualificação e obsolescência? Em meio à desintegração daquele modelo de escola dissipava-se a memória daqueles que a construíram e/ou a representaram.

Além disso, Arantes foi memorialista e, como tal, também não obteve a garantia da perpetuação de sua memória por meio de seu trabalho, pois ser memorialista encerra uma dupla interdição que, para nós, contribuiu para seu esquecimento, a saber, as características inerentes ao seu trabalho e a matéria-prima que o engendrou. No que diz respeito ao primeiro aspecto, Arantes abordava o passado segundo o prisma dos memorialistas e, como tal, os procedimentos empregados em suas pesquisas eram decorrentes do cânone de uma história denominada, grosso modo, positivista. Era uma história na qual predominava o relato dos acontecimentos que teriam ocorrido, segundo Rancière, "... a sujeitos geralmente designados por nomes próprios".[763] Mas, enquanto Arantes esteve em atividade, especialmente, até meados da década de 1970, essa característica de seu trabalho não obnubilou sua imagem, pois aquela era a história possível e aceita no meio ao qual ele pertencia. Contudo, com a efervescência do debate acerca da crítica à

[762] SEIXAS, Jacy Alves de. *Tênues fronteiras de memórias e esquecimentos*: a imagem do brasileiro jecamacunaímico. 2003, p. 129. (Digitado).
[763] RANCIÈRE, Jacques. *Os nomes da história*: um ensaio de poética do saber. São Paulo: EDUC; Pontes, 1994, p. 9.

historiografia de cunho narrativo e excessivamente linear, iniciado na cidade após a fundação do curso de História (Estudos Sociais, licenciatura curta, e História, plena) pela Universidade local, o trabalho de Arantes foi, paulatinamente, arrastado para a margem do que seria instituído como forma de abordar o passado.

Desta feita, enquanto a pesquisa e, portanto, a escrita da história era realizada prioritariamente fora dos muros da academia, Arantes gozou do prestígio inerente ao trabalho executado pelos memorialistas. Estes eram guardiões dos documentos e os maiores (se não os únicos) detentores do conhecimento relativo ao passado das cidades, da verdade que acreditavam ser intrínseca a este e também dos fatos relacionados à vida dos habitantes designados por seus "nomes próprios". Porém, à medida que estes últimos foram perdendo território para os anônimos e a centralidade ocupada tanto pela verdade dos documentos quanto dos acontecimentos que se extraíam destes foi sendo desnaturalizada e solapada pela noção de processo, os representantes da atividade memorialística foram, gradativamente, sendo privados da aura de respeito que outrora os acompanhou, e o seu trabalho deixou de ser referência para uma parte da comunidade na qual eles atuavam. Daí para o esquecimento de Arantes não foi preciso percorrer um caminho longo.

Mas o seu esquecimento também foi engendrado em função do que denominamos ser a natureza da matéria-prima com a qual ele produzia o seu trabalho, qual seja, o passado. Afinal, qual é o prestígio daquele que lida com a história, ou daquele que se ocupa do passado, em uma sociedade que parece ter os olhos voltados apenas para o futuro? "Assim, pode ter sido pelo que [ele] não esqueceu é que [ele] foi esquecido".[764] Ao lidar com os fatos passados, Arantes pode ter agenciado o seu próprio esquecimento, uma vez que, ao situar as suas preocupações naquela época a ser esquecida, tornou-se apenas um emblema daquele tempo que passou.[765] Não é, pois, estranho o fato de não ter obtido verbas da prefeitura para a edição do livro sobre a história local, conforme lembrou um jornalista ao prestar-lhe homenagem póstuma:

> *A cidade ficou em falta com ele. Os poderes não lhe ofereceram condições de editar um livro que teria grande valor histórico, e, que, certamente, serviria como arquivo seguro à memória municipal. Já aos noventa anos, vi, diversas vezes, o professor Jerônimo Arantes subir as escadas da Prefeitura. E ouvi a secretária dizer que o prefeito não poderia atender'. (...). Já que não pode cuidar da educação, que a*

[764] KOFES, op. cit., p. 185.
[765] KOFES, op. cit., p. 186.

> *secretaria cuide da cultura e gaste uma verba bem aplicada: mande imprimir o livro, como a homenagem póstuma a Jerônimo Arantes.* [766]

Afinal, se o presente parecia promissor, apenas o futuro deveria ser a meta e, nesse sentido, por que se preocupar com o passado? Por que saber de fatos que pareciam já sepultados? É justamente sobre esse aspecto que aquele jornalista se ateve para cobrar do poder público a edição do livro que Arantes escrevera e que estava à espera de um editor. Esse gesto seria uma última homenagem que a cidade lhe deveria prestar: "Editar o livro do professor Jerônimo Arantes. E, na primeira página, à guisa de prefácio, apenas uma frase: Adeus, professor Jerônimo".[767] Esta cobrança fora feita em tom irônico, permeada pela crítica à negligência e ao desinteresse do poder público em relação ao trabalho daqueles que lidam com a história:

> *... Para a promoção de uma administração tem verba sobrando.*
> *Mas editar o livro do velho professor, com noventa anos, andando com o corpo empinado, originais debaixo do braço? No momento não temos verbas. (...)*
> *Mas... o livro sobre a história de Uberlândia?*
> *Que história? Nós somos a história.*
> *O presente é que vale. Para que recordar o passado?*
> *Quem quer saber se Farinha podre existia? E, depois, com perdão da palavra, 'Farinha Podre' depõe contra nossa comunidade.(...)*
> *Livro sobre Uberlândia?*
> *O que vai contar esse livro? O trabalho que estamos realizando à frente da Administração Municipal? (...)*
> *Não se pode negar o valor desta pesquisa do professor. Afinal, uma vida inteira de trabalho. Mas... As verbas! Sabe quanto custou a visita do governador? Arrisca um palpite? (...).*[768]

O fragmento da referida crônica é longo, mas, não obstante, é esclarecedor do que representou Arantes e do pouco que significa o memorialista e, por conseguinte, o resultado de seu trabalho diante do poder público quando o presente parece próspero e os interesses convergem, então, para o futuro. Se for uma verdade que o conhecimento do passado pode fornecer os instrumentos com os quais se torna possível compreender o presente, é igualmente certo que partimos deste, das preocupações que ele engendra para a nossa viagem em direção àquele. Desta forma, o presente parecia apresentar-se aos olhos da elite local como carente de problemas e o conhecimento do passado, nesse caso, não era objeto de interesse. "Em resumo, o historiador permaneceu um profissional confinado ao passado numa altura em que o passado não

[766] LUIZ Fernando, op. cit.
[767] LUIZ Fernando, op. cit.
[768] LUIZ Fernando, op. cit.

é uma idéia importante...".[769] Por que, então, ocupar-se da história? Dar ouvido aos memorialistas? E, principalmente, por que destinar verbas para a edição de um livro de história, uma vez que esta se identificava, na ótica do poder público, apenas com o relato de fatos acontecidos? Talvez seja porque:

> *A destruição do passado — ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas — é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo ...* [770]

Além do mais, por que atender ao pedido de um velho? Sim, embora não quisesse admitir, Arantes já estava velho, pois morreu aos 90 anos. E o que podem oferecer os velhos ao "futuro promissor"? O que eles têm a dizer aos ouvidos apressados dos homens que se ocupam com o poder político sempre com os olhos voltados para o amanhã? E Arantes parecia ser sensível a essa discriminação, tanto é que buscava a juventude a qualquer custo, fosse tentando disfarçar a calvície, fosse ensinando os netos a chamarem-no de paizinho e não de avô, conforme já relatamos. Mas, quando já não era mais possível esconder as marcas impressas pelo passar dos anos, ele começou a lançar mão de um recurso por meio do qual parecia pretender registrar apenas a sua juventude, pois tanto os seus artigos publicados na imprensa quanto os livros que escreveu eram sempre ilustrados com uma mesma foto, com a particularidade de que esta datava da época em que contava com, aproximadamente, 25 anos.[771]

Talvez ele já pressentisse o destino dos velhos em uma sociedade de "presente contínuo", que não valoriza o trabalho daqueles que lidam com os fatos no tempo e, igualmente, não perdoa àqueles que insistem em permanecer no tempo, como a desejar prolongar o passado. Daí, a marginalização dos velhos e, conseqüentemente, a depreciação de seu saber; como escreveu Chauí: *"... a sociedade capitalista impede a lembrança, usa o braço servil do velho e recusa seus conselhos".*[772] Nessa sociedade o velho já não tem mais espaço, pois nela, conforme assinalou Benjamin, *"As ações da experiência estão em baixa. (...) Ficamos pobres. Abandonamos uma depois da outra todas as peças do patrimônio humano, tivemos que empenhá-las muitas vezes a*

---

[769] LE GOFF, 1982, op. cit., p. 13.
[770] HOBSBAWM, op. cit., p. 13.
[771] Figura 1, cap. I.
[772] CHAUÍ, 1994, op. cit., p. 18.

um centésimo de seu valor para recebermos em troca a moeda miúda do 'atual'".[773] Por isso, não precisamos — ou não queremos —, mais dos ensinamentos dos velhos.

Contudo, concluímos que não se tratava de um esquecimento definitivo, mas antes de um "esquecimento reversível", porquanto ficaram vestígios do passado que nos reportam a Arantes.[774] Conforme discutimos, a diversidade do seu acervo, sobretudo a coleção de jornais e de fotografias, assim como a longevidade da publicação da revista *Uberlândia Ilustrada,* constituem um manancial fecundo de fontes para pesquisas com temáticas diversas.

Portanto, como entre memória e esquecimento não há dicotomia, mas um pressupõe o outro, "formam um par", é possível apreender aspectos da memória de Arantes através da análise de seu acervo. [775] Além disso, a memória também se volta para o futuro, desempenhando funções projetiva e utópica por meio das quais se pode deparar com o significado da obra de Arantes para a pesquisa e escrita da história local elaboradas atualmente.[776] A história da cidade produzida pelos cursos de graduação da Universidade Federal e das Faculdades e Institutos de Ensino Superior da iniciativa privada emprega a sua documentação como fonte para pesquisas, o que muito têm contribuído para a compreensão das tramas sociais, políticas e culturais que configuram o universo citadino. Nesse sentido, como analisou Certeau:

---

[773] BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: *Magia e técnica, arte e política.* Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1986, v. 1, p. 114,119.

[774] Segundo Seixas, o esquecimento, tal qual a memória, não se processa em bloco, sendo, antes, intermitente, desigual e, por isso, pode-se falar em muitas formas de esquecimento, "... ou melhor, de vários graus de profundidade no esquecimento (assim como os há na memória) (...) é precisamente esta distinção que abre a possibilidade de sua apreensão do ponto de vista histórico, ou melhor, da investigação histórica". (SEIXAS, 2003, op. cit., p. 133).

[775] Seixas, reportando-se a Proust e Nietzsche, salienta a indissociabilidade existente entre memória e esquecimento. Ainda que do ponto de vista historiográfico este apareça como a negação da memória, como uma de suas limitações, de suas falhas, "O esquecimento, no entanto, forma par com a memória, isto desde os antigos gregos, apesar de que uma história da memória certamente pontuaria vários momentos de conflito e, mesmo, de divórcio entre eles; mas a indissociabilidade conceitual permanece". (SEIXAS, Jacy A. Comemorar entre memória e esquecimento: reflexões sobre a memória histórica. In: *História*: Questões e Debates, Curitiba: UFPR, n. 32, p. 78, jan./jun. 2000).
Todorov também ressalta o caráter inseparável que perpassa a relação existente entre memória e esquecimento. Para o autor: "A memória é forçosamente uma seleção: certos detalhes do acontecimento serão conservados, outros, afastados, logo de início ou aos poucos, e portanto esquecidos. Por isso é tão equivocado chamarem de 'memória' a capacidade que têm os computadores de conservar a informação: falta a esta última operação um traço constitutivo da memória, a saber, o esquecimento". (TODOROV, Tzvetan. *Memória do mal, tentação do bem*: indagações sobre o século XX. São Paulo: ARX, 2002, p. 149).

[776] "É preciso reconhecer, portanto, na memória e no esquecimento, uma linguagem, uma narrativa feita fundamentalmente de imagens, carregadas de afetos positivos ou negativos que enquadram (à sua maneira) a possibilidade de reconhecimento e reconstrução (melhor seria dizer, atualização) do passado e, também, de projeção em direção a um tempo futuro". (SEIXAS, 2003, op. cit., p. 129).

> *Colecionar durante muito tempo é fabricar objetos: copiar ou imprimir, reunir, classificar... E com os produtos que multiplica, o colecionador se torna um ator na cadeia de uma história por fazer (ou por refazer), de acordo com novas pertinências intelectuais e sociais. Desta maneira, a coleção, produzindo uma transformação dos instrumentos de trabalho, redistribui as coisas, redefine unidades de saber, instaura um lugar de recomeço, construindo uma 'máquina gigantesca' a qual tornará possível uma outra história.*[777]

Nesse sentido, temos que dizer ao poeta que sim, valeu a pena. Pois uma das contribuições de Arantes para a produção da história consubstancia-se justamente no fato de ter deixado uma "máquina gigantesca" a partir da qual outras histórias têm sido elaboradas além daquela que ele mesmo idealizou. Dessa forma, pensamos que uma fatia da memória de Arantes ainda permanece muito viva e, para entrar em contato com ela, basta-nos iniciar um "trabalho de memória" por meio do qual podemos realizar interpretações para acontecimentos passados relacionados à sua trajetória.

Contudo, não pretendemos reiterar a necessidade de um "dever de memória", cuja função seria reabilitar determinados fatos, a fim de garantir aos seus protagonistas assento no panteão de glórias. As armadilhas de tal procedimento já foram evidenciadas por Todorov e não pretendemos nos atirar no abismo.[778] *"Certamente, aqui, o problema não é de ordem moral, não se trata de uma defesa da necessidade da lembrança; nem é de ordem política, de que é preciso não esquecer.... É de ordem compreensiva".*[779]

Ao perscrutar o seu acervo descobriremos lá a sua presença, pois, conforme salientou Kofes: *"... aquilo ou aqueles tornados ausentes pelas interpretações incessantemente tecidas sobre o passado e presente, uma vez guardados, arriscam-se se tornarem presença".*[780] Ao remexer os jornais de Arantes; folhear suas revistas; analisar as fotografias; abrir suas diversas pastas; ler as atas escolares, sua correspondência e seus artigos publicados em jornais,

---

[777] CERTEAU, op. cit., p. 82.
[778] "Hoje em dia, dizem-nos com freqüência que a memória tem direitos imprescindíveis e que devemos constituir-nos em militantes da memória. Mas convém dar-se conta de que, quando se ouvem esses apelos contra o esquecimento ou a favor do dever de memória, na maioria das vezes não é para um trabalho de resgate da memória, de estabelecimento e de interpretação dos fatos do passado que estamos sendo convidados (nada nem ninguém, em países democráticos como os Estados do Oeste Europeu, impede qualquer um de realizar esse trabalho), mas antes para a defesa de uma seleção de fatos dentre outros, aquela que garanta aos seus protagonistas a manterem-se no papel de herói, de vítima ou de moralizador, por oposição a qualquer outra seleção que ameace atribuir-lhes outros papéis menos gratificantes". (TODOROV, op. cit., p. 206).
[779] KOFES, op. cit., p. 181.
[780] KOFES, op. cit., p. 188.

encontraremos as pistas que podem nos conduzir tanto aos bastidores de seu próprio trabalho quanto nos sinalizar para caminhos novos por meio dos quais se torna possível ampliar o diálogo com o passado e, assim, produzir uma outra história e, quem sabe, engendrar outras memórias.

BIBLIOGRAFIA

ALEM, João Marcos. Representações coletivas e história política em Uberlândia. *História & Perspectivas*, Uberlândia, n. 4, p. 79-102, jan./jun.1991.

ALENCAR, José F. de. A professora 'leiga': um rosto de várias faces. In: THERRIEN, Jacques; DAMASCENO, Maria Nobre. *Educação e escola no campo*. Campinas: Papirus, 1993, p. 177-90.

ALVARENGA, Nízia Maria. Movimento popular, democracia participativa e poder político local: Uberlândia 1983/88. *História & Perspectivas*, Uberlândia, n. 4, p. 103-29, jan./jun., 1991.

ALVES, Josefa Aparecida. *Sociabilidades urbanas*: o olhar, a voz e a memória da praça Tubal Vilela (1930-1962). 2004. Dissertação (Mestrado) — Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2004.

ANDRADE, Ana Maria Ribeiro de; CARDOSO, José Leandro Rocha. Aconteceu, virou manchete. *Revista Brasileira de História,* São Paulo, n. 21, p. 243-64, 2001.

ANDRADE, Mário de. *Modinhas imperiais*. São Paulo: Casa Chiarato, 1930.

APPLE, Michel W. *Educação e poder*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ARAÚJO, José Carlos Souza. Um capítulo da veiculação da discussão educacional na imprensa do Triângulo Mineiro: a revista A Escola (1920 — 1921). In: ARAÚJO, José Carlos S.; GATTI JÚNIOR, Décio (Orgs.). *Novos temas em História da Educação Brasileira*. Campinas: Autores Associados, Uberlândia: EDUFU, 2002, p. 91-132.

AZEVEDO, Ederlinda Pimenta de; GOMES, Nilcéia Moraleida. A instituição escolar na área rural em Minas Gerais: elementos para se pensar uma proposta de escola. *Cadernos CEDES,* São Paulo: Cortez, n. 11, p. 31-41, 1984.

BASTOS, Elide R.; RÊGO, Walquíria D.L. (Orgs.). *Intelectuais e política*: a moralidade do compromisso. São Paulo: Olho D'água, 1999.

BASTOS, Maria Helena Camara. A educação do caráter nacional: leituras de formação. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 12, n. 33, p. 31-50, jan./jun. 1998.

BASTOS, Tocary A.; WALKER, Thomas W. Partidos e forças políticas em Minas Gerais. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*. Belo Horizonte, Faculdade de Direito da UFMG, n. 31, p. 117-57, 1971.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: Benjamin, W. *Magia e técnica, arte e política.* Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1986, v. 1, p. 114-19.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. "As tradições nacionais" e o ritual das festas cívicas. In: PINSKY, Jaime (Org.). *O ensino de História e a criação do fato*. São Paulo: Contexto, 2001, p. 43-72.

BLOCH. Marc. *Apologia da história*: ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. *Uma introdução a história*. Lisboa: Edições 70, s.d.

BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. São Paulo: UNESP, 1997.

BOMENY, Helena. Infidelidades eletivas: intelectuais e política. In: BOMENY, H. (Org.). *Constelação Capanema*: intelectuais e política. Rio de Janeiro: FGV, 2001, p. 11-35.

BORGES, Vavy Pacheco. Desafios da memória e da biografia: Gabrielle Brune-Sieler, uma vida (1874-1940). In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). *Memória e (res)sentimento*. Campinas: UNICAMP, 2001, p. 287-312.

_____. O historiador e seu personagem: algumas reflexões em torno da biografia. *Horizontes*. Dossiê: Temas da história cultural. Bragança Paulista, v. 19, p. 1-10, 19 jan./ dez.2001.

_____. *O que é história*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BOSI, Antônio de Pádua. Conflitos sociais na constituição do espaço urbano: São Pedro de Uberabinha na década de 1890. *História & Perspectivas,* Uberlândia, n. 18/19, p. 53-72, jan./dez. 1998.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 183-91.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Casa de escola*: cultura camponesa e educação rural. Campinas: Pirineus, 1983.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. *O charme da ciência e a sedução da objetividade*: Oliveira Vianna interpreta o Brasil. 2003. Tese (Titular) — Departamento de História, UNICAMP, Campinas, 2003.

BURKE, Peter. *A Revolução Francesa da Historiografia*: a Escola dos Annales, 1929-1989. São Paulo: UNESP, 1991.

CALLARI, Cláudia Regina. Os institutos históricos: do patronato de D. Pedro II à construção do Tiradentes. *Revista Brasileira de História,* São Paulo, v. 1, n. 40, p. 59-83, 2001.

CAMBI, Franco. *História da pedagogia*. São Paulo: UNESP, 1999.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. Estado Novo: novas histórias. In: FREITAS, Marcos Cezar de. (Org.) *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 1998, p. 183-213.

_____. Imprensa, uma mercadoria política. *História & Perspectivas*, Uberlândia, n. 4, p. 131-39, jan./ jun. 1991.

CARNEIRO, Ceres de Alvim. *Lágrima comprida*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1960.

CARRIJO, Gilson Goulart. *Fotografia e a invenção do espaço urbano*: considerações sobre a relação entre estética e política. 2002. Dissertação (Mestrado) — Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.

CARVALHO, Carlos Henrique de. e outros. Reflexões em torno da expansão escolar no Triângulo Mineiro. In: *Boletim CDHIS,* Uberlândia, n. 22, ano 11, p. 5-7, 1º. semestre 1998.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas*: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

CARVALHO, Luciana B. de O. Bar. *A configuração do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão no contexto republicano* (Uberabinha-MG, 1911-1929). 2002. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Educação e política nos anos 20: a desilusão com a República e o entusiasmo pela educação. In: LORENZO, Helena Carvalho de; COSTA, Wilma Peres da (Orgs.). *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: UNESP, 1997, p. 115-32.

_____. *A escola e a república*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CARVALHO, Rosana A. de; ALVES FILHO, Elói. O papel da Associação Comercial, Industrial e Agropecuária na industrialização de Uberlândia: 1950-1970. *História & Perspectivas*, Uberlândia, n. 22, p. 115-42, jan./jun. 2000.

CATANI, Denice Bárbara. Metáforas da iluminação: observações acerca do estudo da história da educação republicana. In: SOUSA, Cynthia Pereira de. *História da educação*: processos, práticas e saberes. São Paulo: Escritura, 1998, p. 43-52.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CHARTIER, Roger. *A história cultural*: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1988.

_____. O mundo como representação. *Estudos Avançados*. São Paulo: USP, v. 5, n. 11, p. 173-91, jan./ abr. 1991.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil*: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

_____. Janela da alma, espelho do mundo. In: NOVAES, Adauto (Org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 31-63.

_____. Os trabalhos da memória. In: BOSI, Ecléia. *Memória e sociedade*: Lembranças de velhos. São Paulo: Cia das Letras, 1994, p. 17-33.

CHAUSSINAND-NOGARET, Guy. Biográfica (História). In: BURGUIÈRE, André. *Dicionário das ciências históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993, p. 95-97.

CITELLI, Adilson. *Romantismo*. São Paulo: Ática, 1993.

COMTE, A. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta*: periodismo e vida urbana, 1890 — 1915. São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial SP, 2000.

CUNHA, Marcus Vinicius da. *A educação dos educadores*. Da Escola Nova à escola de hoje. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

DANTAS, Sandra Mara. *Veredas do progresso em tons altissonantes*: (Uberlândia, 1900-1950). 2001. Dissertação (Mestrado) — Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001.

DESROSIÈRE, Alain. Entre a ciência e o universal e as tradições nacionais. In: BESSON, Jean-Louis (Org.). *A ilusão das estatísticas*. São Paulo: UNESP, 1995, 167-83.

DIETZSCH, Mary Júlia. Cartilhas: um mundo de personagens sem texto e sem história. *Cadernos de Pesquisa,* São Paulo, n. 75, p. 35-44, nov. 1990.

DULCI, Otávio Soares. *Política e recuperação econômica em Minas Gerais*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

DUMOULIN, O. Positivismo. In: BURGUIÈRE, André. *Dicionário das ciências históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993, p. 614-15.

FALCON, Francisco. *História cultural*: uma nova visão sobre a sociedade e a cultura. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

FARIA FILHO, Luciano M. Instrução elementar no século XIX. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 133-50.

FARIA FILHO, Luciano M. de; BICCAS, Maurilane de S. Educação e modernidade: a estatística como estratégia de conformação do campo pedagógico brasileiro (1850-1930). *Educação e Filosofia*, Uberlândia, n. 27/28, p. 175-201, jan./jun./jul./dez 2000.

FARIA FILHO, Luciano M. de; VAGO, Tarcísio Mauro. Entre relógios e tradições: elementos para uma história do processo de escolarização em Minas Gerais. In: VIDAL, Diana G.; HILSDORF, Maria Lúcia S. *Brasil 500 anos*: Tópicas em História da Educação. São Paulo: EDUSP, 2001, p. 117-36.

FARIA FILHO, Luciano M. de; VIDAL, Diana G. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 14, p. 19-34, maio/jun./jul./ago. 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Jorge. *Trabalhadores do Brasil*: o imaginário popular. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

FERRO, Marc. *A história vigiada*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa-preta*. São Paulo: Hucitec, 1985.

FONTANA, Josep. *História*: análise do passado e projeto social. Bauru: EDUSC, 1998.

FORTES, Maria de Fátima A. Escola rural mineira: observações produzidas a partir de depoimentos de antigas professoras. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 18, n. 19, p. 80-92, dez. 1993/ jun. 1994.

FRAIZ, Priscila. Arquivos pessoais e projetos autobriográficos: o arquivo de Gustavo Capanema. In: GOMES, Ângela de Castro, (Org.). *Capanema:* o ministro e seu ministério. Rio de Janeiro: FGV; Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2000, p. 73-102.

FREITAS, Eliane Martins de. *Memórias de uma "odisséia"*: Tito Lívio (Teixeira) e a construção da memória histórica sobre a "Revolução de Trinta" em Uberlândia/MG. 1999. Dissertação (Mestrado) — Instituto de Filosofia Ciência e Letras, UNICAMP, Campinas, 1999.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, história, testemunho. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. *Memória e (res) sentimento*: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Unicamp, 2001, p. 85-93.

_____. Sete aulas sobre linguagem, memória e história. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GANDINI, Raquel. *Intelectuais, estado e educação:* Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos 1944-1952. Campinas: UNICAMP, 1995.

GIROUX, Henry; SIMON, Roger. Cultura popular e pedagogia crítica: a vida cotidiana como base para o conhecimento. In: MOREIRA, Antônio Flávio B.; SILVA Tomaz Tadeu da (Orgs.). *Currículo, cultura e sociedade*. São Paulo: Cortez, 2002, p. 93-124.

GLÉNISSON, Jean. *Iniciação aos estudos históricos*. Rio de Janeiro, São Paulo: Difel, 1977.

GOMES, Ângela de Castro. *História e historiadores*: a política cultural do Estado Novo. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

_____. O ministro e sua correspondência: projeto político e sociabilidade intelectual. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). Capanema e seu ministério. Rio de Janeiro: FGV; Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2000, p. 13-47.

GONÇALVES NETO, Wenceslau. Imprensa, civilização e educação: Uberabinha (MG) no início do século XX. In: ARAÚJO, José Carlos S.; GATTI JÚNIOR, Décio (Orgs.). *Novos temas em História da Educação Brasileira*. Campinas: Autores Associados, Uberlândia: EDUFU, 2002, p. 197-225.

GONTIJO, Rebeca. Manoel Bonfim, "pensador da História" na Primeira República. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH; Humanitas, n. 45, p. 129-54, julho 2003.

GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

GUIMARÃES, Eduardo Nunes. A transformação econômica do Sertão da Farinha Podre: O Triângulo Mineiro na divisão inter-regional do trabalho. *História & Perspectivas*, Uberlândia, n.4, p. 7-35, jan./jun. 1991.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos*. O breve século XX, 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

HORTA, José Silvério Baia. A I Conferência Nacional de Educação ou de como monologar sobre educação na presença de educadores. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Capanema*: o ministro e seu ministério. Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 143-72.

INÁCIO FILHO, Geraldo. Escolas para mulheres no Triângulo Mineiro (1880-1960). In: ARAÚJO, José Carlos S.; GATTI JÚNIOR, Décio (Orgs.). *Novos temas em História da Educação Brasileira*. Campinas: Autores Associados, Uberlândia: EDUFU, 2002, p. 39-64.

JACQUART, Jean. Histoire générale, histoire locale. In: CROIX, d'Alain; GUYVARC'H, Didier. *Guide de l'histoire locale*. Paris: Seuil, 1990, p. 25-32.

JANOTTI, Maria de Lourdes M. O diálogo convergente: políticos e historiadores no início da República. In: FREITAS, Marcos Cezar (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998, p.119-43

JANUÁRIO, Elias Renato da Silva. O ensino escolar na zona rural do município de Cuiabá, Mato Grosso. *Cadernos de Educação*, Cuiabá, v. 2, n. 1, p. 109-30, 1998.

KANT, E. *À paz perpétua*. Porto Alegre: LP&M, 1989.

KOFES, Suely. *Uma trajetória, em narrativas*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

KROPF, Simone Petraglia. Os construtores da cidade: o discurso dos engenheiros sobre o Rio de Janeiro no final do século XIX e início do século XX. *Projeto História*: cultura e cidade, São Paulo: PUC, n. 13, p. 184-85, jun. 1996.

LAHUERTA, Milton. Os intelectuais e anos 20: moderno, modernista, modernização. In: LORENZO, Helena C. de; COSTA, Wilma P. da (Orgs.). *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: UNESP, 1997, p. 94-114.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira*: história & histórias. São Paulo: Ática, 1984.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1996.

_____. *Reflexões sobre a História*. Entrevista de Francesco Maiello. Lisboa: Edições 70, 1982.

_____. *Uma vida para a história*: conversações com Marc Heurgon. São Paulo: UNESP, 1998.

LEITE, Sérgio Celani. *Escola rural: urbanização e políticas educacionais*. São Paulo: Cortez, 1999.

LEROY, Noêmia M.I. Pereira. *O gatopardismo na educação* - reformar para não mudar: "o caso de Minas Gerais". Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1987.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 167-82.

LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: URFJ, 1996, p. 141-84.

LIMA, Soene Ozana de. *O poder da imprensa na construção do imaginário social*: Uberlândia 1907-1916. 1999. Monografia (Graduação) — Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 1999.

LOPES, Ana Amélia Borges de Magalhães. A expansão/contenção do ensino em Minas Gerais (1931-1934): um jogo político. In: LOPES, A. A. B. de M. e outros (Orgs.). *História da Educação em Minas Gerais*. Belo Horizonte: FCH/FUMEC, 2002, p. 595-604.

LÖWY, Michel. *Ideologias e ciência social*: elementos para uma análise marxista. 9 ed. São Paulo: Cortez, 1993.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. *A disciplinarização da pobreza no espaço urbano burguês; assistência social institucionalizada, Uberlândia. 1990.* Dissertação (Mestrado) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

_____. Muito aquém do paraíso: ordem, progresso e disciplina em Uberlândia. *História & Perspectivas*. Uberlândia, n. 4, p. 37-77, jan./jun., 1991.

MARTIN, Olivier. Da estatística política à sociologia estatística. Desenvolvimento e transformações da análise estatística da sociedade (séculos XVII-XIX). *Revista Brasileira de História,* São Paulo: ANPUH/Humanitas, v. 21, n. 41, p. 13-34, 2001.

MARX & ENGELS, F. *A ideologia alemã.* Lisboa: Editorial Presença, s.d.

MELLO, João Manuel Cardoso de; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, v. 4, p. 559-658.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*. O ofício do historiador. São Paulo, v. 23, n. 45, p. 11-36, jul. 2003.

MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MORAES, José Geraldo V. *Metrópole em sinfonia*: história e música popular em São Paulo dos anos 30. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

MOREIRA, Antônio Flávio B.; SILVA Tomaz Tadeu da. Sociologia e teoria crítica do currículo: uma introdução. In: MOREIRA, Antônio Flávio B.; SILVA Tomaz Tadeu da (Orgs.). *Currículo, cultura e sociedade*. São Paulo: Cortez, 2002, p. 7-37.

MORTATTI, Maria do Rosário L. Cartilha de alfabetização e cultura escolar: um pacto secular. *Cadernos Cedes*, São Paulo, n. 52, p. 41-54, nov. 2000.

MOURÃO, Paulo Krüger C. *O ensino em Minas Gerais no tempo da República*. Belo Horizonte: Centro Regional de Pesquisas Educacionais de Minas Gerais, 1962.

NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade*: na primeira República. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NORA, Pierre. Entre memória e história - a problemática dos lugares. *Projeto História.* São Paulo, n.10, p. 7-28, 1993.

NUNES, Clarice. As políticas públicas de educação de Gustavo Capanema. In: BOMENY, Helena (Org.). *Constelação Capanema*: intelectuais e políticas. Rio de Janeiro: FGV, 2001, p. 103-25.

OLIVEIRA, Júlio César de. Ontem, ao luar: experiências boêmias em Uberlândia na década de 40. *História & Perspectivas*, Uberlândia, n. 23, p. 185-216, jul./dez.2000.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. Educação das massas: uma "sombra" no século das luzes. In: VIDAL, Diana Gonçalves; HILSDORF, Maria Lúcia Spedo (Orgs.). *Brasil 500 anos*: Tópicas em História da Educação. São Paulo: EDUSP, 2001, p. 54-66.

PEIXOTO, Anamaria Casassanta. *Educação no Brasil anos vinte*. São Paulo: Loyola, 1983.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

PINTO, Luziano Macedo. *Situações de cinema*: tramas e imagens de sociabilidade. Uberlândia 30 a 50. 2001. Dissertação (Mestrado) — Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001.

PLATÃO. *A república*. São Paulo: Hemus, 1970.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho — Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. Recompondo a memória. *Projeto História* — Ética e História oral. São Paulo, n. 15, p. 13-49, abr. 1997.

RANCIÈRE, Jacques. *Os nomes da história*: um ensaio de poética do saber. São Paulo: EDUC; Pontes, 1994.

REDUCINO, Marileusa de Oliveira. *Uma praça e seu entorno*: plasticidades efêmeras do urbano. Uberlândia - século XX. 2003. Dissertação (Mestrado) — Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

RESENDE, Fernanda Mendes. O método intuitivo em Minas Gerais na primeira república. In: LOPES, Ana A. B. de M. e outros (Orgs.). *História da Educação em Minas Gerais*. Belo Horizonte: FCH/FUMEC, 2002, p. 440 - 49.

RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. Mulheres educadas na Colônia. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 78-94.

RODRIGUES, Antônio Edmilson M. O achamento do Brasil e de Portugal: perfil intelectual do historiador luso-brasileiro João Lúcio de Azevedo. *Acervo*: Escritas do Brasil. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, n. 1-2, p. 37-66, jan./dez. 1999, 2000.

RODRIGUES, Jane de F. S. *Trabalho, ordem e progresso*: uma discussão sobre a trajetória da classe trabalhadora uberlandense. O setor de serviços. 1924-1964. 1989. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 1989.

RODRIGUEZ, Manuel. *"Microcosmos"*, Introducción para un estudio de la mentalidad provinciana. Disponível em: <http://surdelsurpatagonia.com/lafrontera/microcosmos.htm>. Acesso em 07 maio 2004.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da educação no Brasil*: (1930/1973). Petrópolis: Vozes, 1998.

ROSA, Guimarães. *Grande sertão*: veredas. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1980.

SANT'ANNA. Denise B. de. Do glamour ao 'sex-appeal': notas sobre a história do embelezamento feminino entre 1940 e 1960. *História & Perspectivas,* Uberlândia, n. 23, p.115-28, jul./dez., 2000.

SAMUEL, Raphael. História local e história oral. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 9, n. 19, p. 219-43, set. 89/ fev. 90.

SANTOS, Regma Maria dos. *Plumitivo claudicante*: impressões cotidianas, memória e história nas crônicas de Lycidio Paes. 2000. Tese (Doutorado) — PUC, São Paulo, 2000.

SCHAFER, R.M. *A afinação do mundo*. São Paulo: UNESP, 2001.

SCHÜTZ, Paulo; CHESTERFIELD, Ray. Pesquisa educacional para o meio rural. In: *Educação e Realidade,* Porto Alegre, v. 3, p. 35-40, jan. 1978.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra, Fundação Getúlio Vargas, 2000.

SEIXAS, Jacy A. Comemorar entre memória e esquecimento: reflexões sobre a memória histórica. In: *História*: Questões e Debates, Curitiba: UFPR, n. 32, p. 75-95, jan./jun. 2000.

_____. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. *Memória e (res) sentimento*: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Unicamp, 2001, p. 37-58.

_____. *Tênues fronteiras de memórias e esquecimentos*: a imagem do brasileiro jecamacunaímico. 2003. (Datilografado).

SILVA, Ângela Maria; PINHEIRO, Maria Salete de Freitas; FREITAS, Nara Eugênia. *Guia para normalização de trabalhos técnico-científicos*: projetos de pesquisa, monografias, dissertações, teses. 2 ed. Revisada. Uberlândia: EDUFU, 2002.

SILVA, Antônio P. da. *As histórias de Uberlândia*. Uberlândia: Paulo Antônio, v. 1, [200-].

SILVA, Antônio P. da. *As histórias de Uberlândia*. Uberlândia: Paulo Antônio, v. 2, 2002.

SILVA, Helenice Rodrigues da. "Rememoração"/comemoração: as utilizações sociais da memória. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 425-38, 2002.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: URFJ, 1996, p. 231-69.

SOARES, Beatriz R. Uberlândia: anotações sobre o seu crescimento urbano. *Cadernos de História* - Especial, Uberlândia, v. 4, n. 4, , p. 49-62, jan. 93.

_____. Uberlândia: da boca do sertão à cidade jardim. *Sociedade & Natureza,* Uberlândia, n. 18, p. 95-123, jul./dez.97.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Mauad, 1999.

SOUZA, Rosa Fátima de. Inovação educacional no século XIX: A construção do currículo da escola primária no Brasil. *Cadernos Cedes*, São Paulo, n. 51, p. 9-28, nov. 2000.

SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo das letras*: Literatura, técnica e modernização no Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 1987. 170 p.

THUILLIER, Guy; TULARD, Jean. *Histoire locale et régionale*. Paris: Presses Universitaires de France, 1992.

TODOROV, Tzvetan. *Memória do mal, tentação do bem*: indagações sobre o século XX. São Paulo: ARX, 2002.

VELLOSO, Mônica Pimenta. Cultura e poder político: uma configuração do campo intelectual. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela Maria Castro (Orgs.). *Estado Novo*: ideologia e poder. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, p. 71-108.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Brasília: Universidade de Brasília, 1982.

VIDAL, Diana Gonçalves. Escola Nova e processo educativo: In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 497-517.

WEBER, Max. *Ciência e política*: duas vocações. São Paulo: Cultrix, 1993.

WIRTH, John D. *O fiel da balança*: Minas Gerais na federação brasileira 1889-1937. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1982.

FONTES

1. ARQUIVO PÚBLICO

1.1. Acervo Geral

Jornais

ALENCAR, Gilberto de. A professora rural. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, p. 7, 2 abr. 1959.

ANIVERSÁRIOS. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, p. 2, 22 jul. 1956.

ANIVERSÁRIOS. *Correio de Uberlândia,* Uberlândia, não paginado, 23 jul. 1957.

ARANTES, J. Enaltecendo o nosso patrimônio histórico. *Correio de Uberlândia,* Uberlândia, p. 5, 17 jul. 1943.

_____. A pedidos. Carta aberta ao Exmo. Sr. Dr. Edelweiss Teixeira. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, p. 1, 1 jun. 1950.

ASSIS, Ruth de. Muito problema difícil. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, p. 4, 12 maio 1959.

ASSUNTOS do município: em verdadeiro abandono se encontrava o ensino rural. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, não paginado, 19 mar. 1955.

CARLOS, Ozilio. Sem professoras a Escola Municipal "Padre Anchieta". *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, p. 5, 10 ago. 1952.

CIDADE perde mestre, poeta e historiador. *A Notícia*, Uberlândia, p. 02, 21 maio 1983.

CINQÜENTENÁRIO da imprensa em Uberlândia. *Correio de Uberlândia,* Uberlândia, não paginado, 18 jan. 1947.

COSTA, Guiomar de F. Guiomar de Freitas Costa homenageado na Santa Casa. *Correio de Uberlândia,* Uberlândia, p. 4, 10 abr. 1962.

CRIADO o Diretório Municipal de Geografia. *O Repórter*, Uberlândia, não paginado, 10 jul. 1938.

DALBAS JÚNIOR. Na poeira dos arquivos. O primeiro cinema de Uberlândia *O Repórter,* Uberlândia, p. 3, 17 set. 1952.

DALBAS JÚNIOR. Na poeira dos arquivos. Respondendo uma carta anônima, procedente de Uberaba. *O Repórter*, Uberlândia, p. 2, 11 out. 1952.

EDUCAÇÃO Municipal. *O Repórter*, Uberlândia, não paginado, 25 dez. 1950.

EDUCAÇÃO pública municipal. Estatística escolar. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, p. 03, 31 dez. 1952.

ENSINO municipal: louvável esforço das autoridades. *O Repórter*, Uberlândia, p. 1-4, 18 nov. 1947.

O ENSINO rural: resultado do ano letivo. *O Repórter*, Uberlândia, não paginado, 17 nov. 1947.

ENTREGA de diplomas na Escola Luiz Pasteur. *O Repórter*, Uberlândia, não paginado, 03 dez. 1954.

FREITAS, Renato de. O ensino rural. *Correio de Uberlândia***,** Uberlândia, não paginado, 3 jul. 1955.

GRUPOS escolares municipais. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, p. 2, 01 dez. 1953.

A HISTÓRIA quer ser lida: obra com dados históricos sobre Uberlândia espera publicação. *Correio,* Uberlândia, 30 ago. 2002, Revista, D-6.

INAUGURADO em Cruzeiro dos Peixotos o grupo escolar Odilon Beberens. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, p. 3, 10 jan. 1953.

INSTRUÇÃO. *O Repórter*, Uberlândia, não paginado, 25 dez. 1938.

INSTRUÇÃO municipal. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, p. 2, 15 dez. 1951.

INSTRUÇÃO municipal. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, não paginado, 25 abr. 1955.

INSTRUÇÃO pública municipal. *O Repórter,* Uberlândia, p. 2, 29 nov. 1941.

LUIZ Fernando. Adeus, professor Jerônimo. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, 21 maio 1983. 2° Caderno, p. 12.

MAGNÍFICA iniciativa. *O Repórter*, Uberlândia, não paginado, 3 abr. 1938.

MAIS um grandioso comício do PSD realizado ontem na Tenda. *O Repórter*, Uberlândia, não paginado, 26 set. 1954.

MARIA TERESA. Gravíssimas falhas em matéria de educação dentro da cidade. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, não paginado, 11 mar. 1952.

MELLO, João Edson de. A instrução primária em Uberlândia. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, não paginado, 14 dez. 1950.

MORRE Jerônimo Arantes, o historiador de Uberlândia. *Primeira Hora*, Uberlândia, p. 4, 20 maio 1983.

900 CRIANÇAS uberlandenses estão sem seu grupo escolar. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, não paginado, 25 fev. 1958.

PAES, Lycídio. Os problemas dos grupos escolares de Uberlândia. *Correio de Uberlândia,* Uberlândia, não paginado, 27 maio 1958.

PINHEIRO, José L. José Lucindo escreve sobre Jerônimo Arantes. *Primeira Hora*, Uberlândia, p. 4, 20 maio 1983.

PROFESSOR Jerônimo Arantes. *O Repórter,* Uberlândia, p. 5, 22 jul. 1942.

RECENSAMENTO de Uberlândia. *O Repórter*, Uberlândia, não paginado, 22 maio 1938.

'RELATÓRIO escolar'. *O Repórter*, Uberlândia, não paginado, 12 dez. 1937.

SECRETÁRIO de educação desconhece o ensino em Uberlândia. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, não paginado, 30 dez. 1956.

SOCIAIS. *Correio de Uberlândia,* Uberlândia, não paginado, 23 jul. 1946.

SOCIAIS. *Correio de Uberlândia,* Uberlândia, não paginado, 23 jul. 1947.

SOCIAIS. *Correio de Uberlândia,* Uberlândia, não paginado, 24 jul. 1948.

SOCIAIS. *Correio de Uberlândia,* Uberlândia, não paginado, 23 jul. 1949.

SOCIAIS. *Correio de Uberlândia,* Uberlândia, não paginado, 23 jul. 1950.

SOCIAIS. *Correio de Uberlândia,* Uberlândia, p. 2, 23 jul. 1951.

SOCIAIS. *Correio de Uberlândia,* Uberlândia, não paginado, 23 jul. 1952.

SOCIAIS. *Correio de Uberlândia,* Uberlândia, não paginado, 23 jul. 1953.

SOCIAIS. *Correio de Uberlândia,* Uberlândia, não paginado, 24 jul. 1955.

SOCIAIS. *Correio de Uberlândia,* Uberlândia, não paginado, 22 jul. 1956.

SOCIAIS. O *Repórter,* Uberlândia, não paginado, 23 jul. 1952.

SOCIAIS. *O Repórter,* Uberlândia, não paginado, 23 jul. 1953.

SOCIAIS. *O Repórter,* Uberlândia, não paginado, 23 jul. 1954.

TEIXEIRA, Edelweiss. Em torno da história de Uberlândia. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, p. 2, 27 jun. 1950.

‘UBERLÂNDIA Ilustrada’. *Correio de Uberlândia,* Uberlândia, não paginado, 25 abr. 1955.

UBERLÂNDIA Ilustrada: mais um número da popular revista está a venda. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, não paginado, 04 mar. 1948.

UBERLÂNDIA, 1939: mais dez escolas. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, p. 18, 14 jul. 1939.

VIDA social. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, não paginado, 24 jul. 1943.

VIDA social. *Correio de Uberlândia,* Uberlândia, não paginado, 23 jul. 1944.

VIDA social. *Correio de Uberlândia,* Uberlândia, não paginado, 22 jul. 1945.

VISITANDO o interior do município. *Diário de Uberlândia*, Uberlândia, não paginado, 05 maio 1936.

Atas das Reuniões Escolares e demais Documentos

REZENDE, Zaire. *Proposta para a ação do governo municipal*. Uberlândia, 1982, p. 4.

UBERLÂNDIA. Arquivo Público. Livro de presença de pesquisadores do Arquivo Público de Uberlândia. 2001/2002.

UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata da primeira reunião dos professores primários municipais em comemoração ao encerramento das aulas realizada no dia 03 jul. 1933.* Uberlândia, 1933. Livro 96, p. 4.

UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata de comemoração do aniversário da cidade realizada no dia 30 ago. 1963*. Uberlândia, 1963. Livro 117, p. 11.

UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata de exames realizados nos dias 10 nov. 1941.* Uberlândia, 1941. Livro 94, p. 32/ *15 nov. 1941*. Livro 98, p. 11/ *13 nov. 1942*. Livro 99, p. 5/

14 nov. 1942. Livro 101, p. 06/ *16 nov. 1942*. Livro 100, p. 5/ *03 dez. 1946*. Livro 101, p. 24-25/ *25 out. 1947*. Livro 100, p. 11/ *19 out. 1949*. Livro 101, p. 27/ *25 out. 1949*. Livro 2, p. 2/ *16 out. 1952*. Livro 104, p. 8/ *22 out. 1952*. Livro 97, p. 19/ *18 out. 1955*. Livro 101, p. 31/ *22 out. 1955*. Livro 100, p. 17/ *18 out. 1956*. Livro 114, p. 04.

UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata de inauguração do novo prédio da Escola Municipal da Fazenda do Salto realizada no dia 31 set. 1951*. Uberlândia, 1951. Livro 100, p. 14.

UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata de instalação da escola pública municipal de Boa Vista realizada no dia 13 maio 1939*. Uberlândia, 1939. Livro 96, p. 49.

UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata de instalação da Escola Pública Municipal do Bairro Cabaças realizada no dia 13 maio 1939*. Uberlândia, 1939. Livro 99, p. 2.

UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata de instalação da Escola Pública Municipal do Bairro Divisa realizada no dia 13 maio 1938.* Uberlândia, 1938. Livro 98, p. 3.

UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata de Instalação da Escola Pública realizada no dia 13 maio 1939*. Uberlândia, 1939. Livro 96, p. 35-38; 47; 49-50.

UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata de Instalação da Escola Pública realizada no dia 13 maio 1939*. Uberlândia, 1939. Livro 99, p. 02.

UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata de Instalação da Escola Pública realizada no dia 13 maio 1939*. Uberlândia, 1939. Livro 100, p. 02.

UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata do encerramento do ano letivo realizada no dia 07 dez. 1963*. Uberlândia, 1963. Livro 117, p. 18.

UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata dos termos de visitas realizadas nos dias* 26 jul. 1933. Livro 95, p. 3/ 02 maio 1935. Livro 95, p. 13/ 14 set. 1936. Livro 95, p. 22/ 11 jun. 1937. Livro 95, p. 26/ 30 jul. 1937. Livro 95, p. 27/ 26 fev. 1938. Livro 97, p. 5/ 22 mar. 1938. Livro 95, p. 32/ 03 mar. 1939. Livro 94, p. 24/ 13 maio 1939. Livro 96, p. 35-38; 47; 49-50/ 28 jul. 1939. Livro 98, p. 5/ 27 mar. 1941. Livro 97, p. 09/ 29 jul. 1941. Livro 94, p. 31/ 14 maio 1951. Livro 109, p. 5/ 25 maio 1956. Livro 95, p. 5.

UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Planejamento. *BDI: Banco de Dados Integrados*. Uberlândia, 1996, v. 1, p. 35. [Digitado].

1.2. Coleção Professor Jerônimo Arantes

Correspondência Expedida

ARANTES, J. *[carta].* Uberlândia, 27 set. 1940.

_____. *[carta]*. Uberlândia, 5 out. 1949.

Correspondência Recebida

ARANTES, Eugênio Pimentel. *[carta]*. Uberlândia, 15.06.1940.

ARANTES, Noeme Fonseca. *[carta]*. São Paulo, 29 set. 1972.

ARAÚJO, Aristides P. de. *[carta]*. Monte Alegre, 16.07.1929.

BANDEIRA, [Chiquinha] de Mesquita. *[carta]*. Frutal, 24 out. 1941.

BERNARDES, Honorato. *[carta]*. Monte Alegre, 29 set. 1959.

BERNARDES, Paulo. *[carta]*. Monte Alegre, 14 jun. 1963.

CARLINHOS. *[carta]*. Campinas, 13 maio 1941.

GUIMARÃES, Honório. *[carta]*. Belo Horizonte, 12 set. 1941.

GUIMARÃES, Honório. *[carta]*. Belo Horizonte, 14 out. 1941.

GUIMARÃES, Honório. *[carta]*. Belo Horizonte, 22 dez. 1941.

GUIMARÃES, Nenem. *[carta]*. Araguari, 11 dez. 1942.

LUCI- [ilegível], José. *[carta]*. S.l., set. 1962.

MARQUEZ, Eduardo. *[carta]*. Uberabinha, 15 jan. 1923.

PAES LEME, Fernando Monteiro. *[carta]*. [S.l.] [195-].

PAES, Lycidio. *[carta]*. Uberlândia, 10 maio 1969.

PIRES, Álvaro. *[carta]*. Uberlândia, 10 fev. 1961.

PONTES, Manoel F. *[carta]*. Tupaciguara, 24 out. 1936.

SILVA, Argemiro L. da. *[carta]*. Rio de Janeiro, 14 out. 1941.

SILVEIRA, Gladys. *[carta]*. Araguari, 9 jun. 1958.

VEIGA, Octávio. *[carta]*. Nova Ponte, 5 maio 1939.

TEIXEIRA, Edelweiss. *[carta]*. Prata, 07 set. 1949.

TEIXEIRA, Edelweiss. *[carta]*. Prata, 15 jan. 1950.

Documentos Diversos

ARANTES, D. *Relação dos documentos históricos existentes no "Arquivo Histórico do prof. Jerônimo Arantes"*. Uberlândia, 20 mar. 1984.

BARROS, Marluce de; MASSARO, Mirian C. *Relatório Técnico*. Uberlândia, 22 set. 1987.

COLLEGIO 'Amor às Letras'. *[Folder]*. Uberabinha, s.d. Arquivo Público de Uberlândia.

CONCEIÇÃO, Miguela Abadia da. *[Requerimento]*. Uberabinha, 10 fev. 1927.

UBERABINHA. Prefeitura Municipal. Escola Municipal de Uberabinha (noturna). *Provas de exame do aluno - 2º. Ano*. Uberabinha, dez. 1925.

UBERABINHA. Prefeitura Municipal. Escola Municipal de Uberabinha (noturna). *Provas de exame do aluno - 3º. Ano*. Uberabinha, dez. 1925.

UBERLÂNDIA. Lei n. 1760, de 7 de novembro de 1969.

UBERLÂNDIA. Lei n. 4070, de 16 de julho de 1984.

UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata de exame realizado no dia 19 nov. 1926*. Uberabinha, 1926. [Livro não identificado], p. 30.

UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Atas dos termos de visitas realizadas nos dias:*10 [ilegível] 1919/ 29 jan.; 18 fev.; 25 mar.; 02 maio; 16 jun.; 12 ago.; 26 ago.; 17 set.; 27 set.; 15 out.; 27 set.; 15 out.; 31 out.1924/ 10 fev.; 24 mar.; 27 abr.; 22 maio; 27 jun.; 23 jul.; 27 jul.; 28 ago.; 29 set.; 29 out.; 30 nov. 1925/ 23 fev.; 25 mar.; 27 mar.; 28 maio; 19 jun.; 28 jul.; 12 ago.; 23 set.; 25 set.; 25 out.; 28 out. 1926; 25 fev.; 31 mar. 1927/ 30 abr.; 25 set., 30 out. 1928; 30 abr. 1929. Uberlândia. [Livros e páginas não identificados].

UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. Diretório Municipal de Geografia e Estatística. *[Ofício]*. Uberlândia, 22 nov. 1947.

UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. Diretório Municipal de Geografia e Estatística. *[Ofício]*. Uberlândia, 06 jun. 1955.

UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. Diretório Municipal de Geografia e Estatística. *[Ofício]*. Uberlândia, 09 ago. 1956.

UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. Diretório Municipal de Geografia e Estatística. *[Ofício]*. Uberlândia, 11 set. 1969.

UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *[Ofício 124].* Uberlândia, 06 de julho de 1984.

Jornais, Revistas, Textos e Recortes.

ALBUM de Uberabinha. Capitão Sebastião Ribeiro dos Santos. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 21, não paginado, junho 1956.

ALBUM de Uberabinha. Vultos da nossa história. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 3, não paginado, maio 1939.

ANDRADE, Alcebíades de. Fatores econômicos de Uberlândia. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 4, p. 29, jun. 1939.

ARANTES, Jerônimo. O casamento caipira. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, p. 29-32, dez. 1946.

ARANTES, Jerônimo. *Centenário da criação do Distrito de Paz de São Pedro de Uberabinha* (1852-1952). Texto da palestra proferida pelo autor na Rádio Difusora Brasileira de Uberlândia, PRC6. Uberlândia, 21 maio 1952.

_____. Comédia em um ato. *Triângulo de Minas*, Uberlândia, n. 2, não paginado, jun. 1935.

_____. De onde Uberlândia veio. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 6, p. 3-13, jul. 1940.

_____. Dr. Vasco Giffoni. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 09, p. 19, abr. 1941.

_____. *Hino de Uberlândia*. Arquivo Público de Uberlândia. Coleção Professor Jerônimo Arantes. Pastas Temáticas.

_____. O histórico do município de Uberlândia e o cinqüentenário de sua organização administrativa. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 9, p. 3-15, abr. 1941.

_____. A luz das letras: 1935— 1940. *Uberlândia Ilustrada***,** Uberlândia, n. 10, p. 7-8, jul. 1941.

_____. O negro de Uberlândia: 1818-1956. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 21, não paginado, jun. 1956.

_____. Uma página do passado. Resenha histórica da Comarca de Uberlândia, 1892–1952. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 15, p. 1-10, jan. 1952.

_____. Percorrendo o município: Rocinha. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 5, p. 29, jun. 1940.

_____. Os Pereiras Rezendes. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 11, p. 1-11, dez. 1941.

_____. Política, políticos e partidos. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 20, não paginado, dez. 1955.

_____. Professor José Felix Bandeira. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 10, jul. 1941, p. 11.

_____. Santa Rita que vi. Itumbiara que vejo. *O Triângulo*, Uberlândia, não paginado, 21 out. 1972.

_____. Sem título. *Triângulo de Minas*, Uberlândia, não paginado, 01 mar. 1935.

_____. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 10, p. 11, jul. 1941.

_____. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 21, jun. 1956, não paginado, jun. 1956.

BARROSO, Luciano. Fragmentos. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 3, não paginado, maio 1939.

BRAGA, Antônio. Florão de Glórias. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 20, não paginado, dez. 1955.

CÂMARA FILHO. Uma escola pelo amor de Deus. *Jornal de Uberlândia*, Uberlândia, não paginado, 18 abr. 1937.

CENTRO Industrial de Uberlândia. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 3, não paginado, maio 1939.

UM COLEGA: Fragmentos. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 3, não paginado, maio 1939.

COMMEMORAÇÕES do cinqüentenário. *O Estado de Goyaz,* Uberlândia, [Recorte].

COMO a imprensa amiga se manifestou referindo o aparecimento de 'Uberlândia Ilustrada'. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 4, p. 1, jun. 1939.

CUSTÓDIO da Costa Pereira. Uma vida, um exemplo. [*Recorte*], sem data.

DALBAS JÚNIOR. Ainda o cinema São Pedro. [*Recorte*], sem data.

_____. Dias distantes: aquela inesquecível serenata. [Jornal não identificado]. 23 nov. 1974.

_____. A festa no povoado. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 3, não paginado, maio 1939.

_____. O Pimenta. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 6, p. 31, jul. 1940.

_____. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 21, não paginado, jun. 1956.

_____. Visão do passado. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 9, p. 16, abr. 1941.

DEL PICCHIA, Menotti. Uberlândia. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 5, p. 5, jun. 1940.

DENTISTAS, dentes e dentaduras: Ouvindo um dentista antigo (...). *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 17, p. 1, out. 1953.

DESENVOLVIMENTO comercial. *O Progresso*, Uberlândia, p. 1, 28 jun. 1908.

DOMINGOS Antônio Calábria. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 22, não paginado, set. 1957.

DUTRA, Aimoré. Um rasgador de diplomas. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 11, p. 20, dez. 1941.

EDIÇÃO especial, comemorativa ao cinqüentenário da fundação da Livraria e Tipografia Kosmos. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 25, capa, set. 1959.

EDIÇÃO especial, dedicada ao centenário de nascimento de João Pinheiro, 1860-1960. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 26, capa, dez. 1960.

EDIÇÃO especial dedicada às entidades esportivas e culturais de Uberlândia, com o Concurso da Rainha do Esporte. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 19, capa, mar. 1955.

EDIÇÃO especial em comemoração ao cinqüentenário da imprensa de Uberlândia, 1897-1947. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 14, capa, dez. 1947.

EDIÇÃO patrocinada pela Sociedade da Gente de Cor de Uberlândia. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 21, capa, jun. 1956.

EDIÇÃO patrocinada pelos Diretórios Políticos Municipais. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 20, capa, dez. 1955.

EM CONSTRUÇÃO o primeiro quartel de Brasília. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 24, p. 20, jun. 1958.

ENTROU em funcionamento a pista asfaltada do aeroporto internacional de Uberlândia. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 25, não paginado, set. 1959.

A ESCOLA municipal. *A Tribuna*, Uberabinha, não paginado, 29 jul. 1923.

A ESCOLA Rural, Uberlândia, n. 1, 15 fev. 1934; n. 2, 15 mar. 1934; n. 1 [numeração incorreta], 15 jul. 1934.

ESCOLAS noturnas. *A Tribuna*, Uberlândia, não paginado, 12 ago. 1934.

AS ESCOLAS rurais. *Jornal de Uberlândia*, Uberlândia, não paginado, 11 ago. 1935.

AS ESCOLAS rurais. *Jornal de Uberlândia*, Uberlândia, não paginado, 18 ago. 1935.

ESTA edição especial circula sob o patrocínio da 'Sociedade Médica de Uberlândia.' *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 16, capa, jun. 1953.

O ESTADO de Goiaz de Uberlândia. Como a imprensa amiga se manifestou referindo o aparecimento de 'Uberlândia Ilustrada'. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 4, p. 2, jun. 1939.

ESTATÍSTICA escolar. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 15, p. 12, jan. 1952.

ESTE Jornal. *Jornal dos Professores Municipais*, Uberlândia, n. 1, p. 1, fev. 1950.

FAGUNDES, Abel. A biblioteca e a imprensa na escola rural. *Diário de Uberlândia***,** Uberlândia, não paginado, 26 maio 1936.

FERREIRA Procópio. In: Fragmentos. Páginas Femininas. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 24, p. 26, jun. 1958.

FLEURY, Othon. Efetivo predial e população da cidade de Uberlândia. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 4, p. 27, jul. 1939.

FLEURY, Renato Séneca. A escola rural. *A Escola Rural*, Uberlândia, não paginado, 16 dez. 1936.

FRAGMENTOS. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 3, não paginado, maio 1939.

FREITAS, Fausto. Registro. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 17, p. 29, out. 1953.

GEREMIAS. Notas agrícolas: escolas rurais. *Triângulo Mineiro*, Uberabinha, não paginado, 27 jun. 1926.

GIFFONI, Vasco. Prefeitura Municipal de Uberlândia: Decreto n .º 21. *A Tribuna*, Uberlândia, p. 02, 09 jun. 1937.

GONÇALVES, Osvaldo Vieira. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, [recorte], [197-].

GRUPO 'Bueno Brandão'. *A Tribuna*, Uberlândia, não paginado, 20 set. 1933.

INSTITUIÇÕES municipais de ensino. *O Estado de Goyaz*, Uberlândia, p. 3, 11 ago. 1935.

INSTRUÇÃO. *Correio D'oeste*, [S.l.], p. 2, 09 jan. 1938.

INSTRUÇÃO municipal. *A Tribuna*, Uberlândia, não paginado, 03 dez. 1933.

INSTRUÇÃO primária. *A Tribuna***,** Uberlândia, não paginado, 11 mar. 1923.

INSTRUÇÃO primária. *A Tribuna*, Uberlândia, não paginado, 29 jul. 1923.

INSTRUÇÃO rural em Uberlândia. *O Estado de Goyaz*, Uberlândia, p. 1;4 , 07 nov. 1940.

JERÔNIMO Arantes. *Elite Magazine*. Uberlândia, n. 6, maio 1958, p. 34; 48.

JORNAL dos Professores Municipais, Uberlândia, n. 1, fev. 1950.

O LÁBARO. Noticiário da imprensa. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 13, p. 7, dez. 1946.

LAVOURA e Comercio de Uberaba. Como a imprensa amiga se manifestou referindo o aparecimento de 'Uberlândia Ilustrada'. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 4, p. 1, jun. 1939.

MINAS Jornal de Conselheiro Lafaiéte. Como a imprensa amiga se manifestou referindo o aparecimento de 'Uberlândia Ilustrada'. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 4, p. 1, jun. 1939.

'MINHA aposentadoria'. *Elite Magazine*, Uberlândia, n. 16, p. 8, maio 1959.

NAÇÃO Brasileira do Rio de Janeiro. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 7 e 8, p. 32, ago. set. 1940.

NO cinqüentenário comemorativo da autonomia administrativa do município de Uberlândia. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 9, capa, abr. 1941.

NOSSA capa. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 3, não paginado, maio 1939.

NOSSA capa. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 6, p. 23, jul. 1940.

NOSSA capa. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 25, p. 1, jan. 1958.

NOTAS. *A Escola Rural*, Uberlândia, não paginado, 15 fev. 1934.

NOVO Título. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 3, não paginado, maio 1939.

PAES, L. Em torno de um libelo. *Diário de Uberlândia*, Uberlândia, não paginado, 29 maio 1936.

PÁGINA de Beleza. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 23, p. 12, jan. 1958.

PÁGINA Infantil. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 25, não paginado, set. 1959.

PÁGINA Infantil. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 27, não paginado, maio. 1961.

PÁGINAS Femininas. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 23, p. 11, jan. 1958.

PATROCINA esta edição Colônia Portuguesa de Uberlândia. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 18, capa, fev. /out. 1954.

PATROCINA esta edição especial a Associação dos Cirurgiões Dentistas do Brasil Central. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 17, capa, out. 1953.

PATROCINA esta edição especial a Associação dos Cirurgiões Dentistas do Brasil Central**.** *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 22, capa, set. 1957.

PATROCINA esta edição especial a Sociedade Farmacêutica do Triângulo Mineiro sediada em Uberlândia. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 24, capa, jun. 1958.

PAVAN, Angelino. Jerônimo Arantes: cidadão uberlandense. *O Triângulo*, Uberlândia, não paginado, 02 maio 1970.

PELA instrução. *A Tribuna*, Uberlândia, não paginado, 15 jan. 1933.

PELA instrução. *A Tribuna*, Uberlândia, não paginado, 18 jan. 1933.

PESSOA FILHO, Salazar. Fundação da cidade. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, [recorte].

POLÍTICA, políticos e partidos. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 20, não paginado, dez. 1955.

PONTES, Manoel Ferreira. Fragmentos. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 3, não paginado, maio 1939.

PRADO, Cândido. A Inspeção do ensino. *A Escola*, Belo Horizonte, v. 9, n. 8-9, p. 7, abr./maio 1921.

PREFEITURA Municipal de Uberlândia. *Suplemento Comercial Ilustrado*, Araguari, p. 06, 1952.

PRIMANDO pelo entusiasmo em torno do Partido Popular. *Diário de Uberlândia*, Uberlândia, não paginado, 27 abr. 1936.

PROFESSOR Carlos Fonseca. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 10, p. 32, jul. 1941.

PROFESSOR Jeronymo Arantes. *A Tribuna*, Uberlândia, não paginado, 02 ago. 1925.

UM PROGRESSO soberbo, fixa uma ótima administração. *A Tribuna*, Uberlândia, não paginado, 05 jul. 1942.

PUBLICAÇÕES. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 24, p. 28, jun. 1958.

REGISTRO: a voz da imprensa amiga anunciando o aparecimento desta revista. *Triângulo de Minas*, Uberlândia, n. 2, não paginado, jun. 1935.

REGISTRO. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 2, não paginado, jun. 1935.

REGISTRO. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 16, p. 29, jun. 1953.

REGISTRO. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n, 16, p. 30, jun. 1953.

REGISTRO. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 17, p. 29, out. 1953.

REGISTRO. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 21, não paginado, jun. 1956.

RELAÇÃO das escolas urbanas e rurais ... . *A Escola Rural*, Uberlândia, não paginado, 15 fev. 1934.

RELAÇÃO dos Estabelecimentos de Ensino que funcionam na cidade de Uberlândia. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 10, p. 31, jul. 1941.

O REPÓRTER. Publicações. *Uberlândia Ilustrada***,** Uberlândia, n. 24, p. 28, jun. 1958.

O REPÓRTER. Registro. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 21, não paginado, jun. 1956.

A REVISTA da Elite. *Elite Magazine*, Uberlândia, n. 1, out./ nov. 1957, p. 1.

REVIVENDO o passado na voz da gente antiga. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 4, p. 30, jun. 1939.

RIO Uberabinha. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 4, p. 6, jun. 1939.

RIOS, Joaquim. Uberlândia Ilustrada. *O Estado de Goyaz,* Uberlândia, p. 4, 13 mar. 1941.

ROMEIRO, Orávia. O professor rural. *A Escola Rural*, Uberlândia, não paginado, 15 jul. 1934.

AS SEMANAES do Rotary Club. Homenagens ao 8º. centenário do Reino Português e Batalha do Riachuelo. *O Estado de Goyaz,* Uberlândia, p. 1, 16 jun. 1940.

SETE anos de governo. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 9, p. 23, abril 1941.

SILVA, A. Escolas e professores rurais. *O Estado de Goiás*, Uberlândia, p. 1, 31 maio 1942.

SILVEIRA, Luiz C. da. A função econômica do ensino. *A Tribuna*, Uberlândia, não paginado, 24 abr. 1939.

SOBRE esta revista. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 7 - 8, p. 32, ago./ set. 1940.

A TRIBUNA falada. *A Tribuna*, Uberlândia, não paginado, 18 jun.1926.

UBERLÂNDIA, cidade que cresce e progride. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 21, não paginado, jun. 1956.

UBERLÂNDIA e seu crescimento demográfico. *A Tribuna*, Uberlândia, não paginado, 23 jul. 1939.

UBERLÂNDIA Ilustrada. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, [194-].

UBERLÂNDIA Ilustrada: noticiário da imprensa. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 13, p. 7, dez. 1946.

UBERLÂNDIA Ilustrada, Uberlândia, n. 27, não paginado, abr. 1961.

UBERLÂNDIA. *Uberlândia Ilustrada,* Uberlândia, n. 25, não paginado, set. 1959.

ULHOA, Domingos Pimentel de. Merecida homenagem do Rotary Clube de Uberlândia. *O Triângulo*, Uberlândia, [página não identificada], 10 jul. 1971.

A ÚLTIMA fase do censo local. *A Tribuna*, Uberlândia, não paginado, 08 mar. 1942.

A VIDA escolar em Uberlândia. *A Tribuna*, Uberlândia, não paginado, 11 maio 1930.

VISITANDO o interior do município. *Diário de Uberlândia*, Uberlândia, p. 1, 05 maio 1936.

Biblioteca

ALENCAR, José de. *Sonhos D'ouro*. São Paulo: Saraiva, 1959.

ARANTES, J. *Corografia ilustrada de município de Uberlândia*. Uberlândia, 1967b. (Datilografado).

_____. *Cromos*. Musa vadia de Dalbas Júnior. Uberlândia: [s.n.], 1981a.

_____. *Uberlândia,* cidade dos sonhos meus. Uberlândia: [s.n.], 1967c.

CAMIM, José. *As águas do Rio das Velhas*: aproveitadas como força motora. Uberlândia: Pavan, 1943.

_____. *Dois dedos de prosa com meus colegas cafeicultores*; sobre a regeneração dos cafezais eshauridos. Uberlândia: [s.e.], 1944.

CAPRI, Roberto. *Município de Uberabinha*: physico, econômico, administrativo e suas riquezas naturaes e agrícola. São Paulo: Capri, Andrade & Cia., 1916.

COSTA, Cruz. *Como é o amor em Goiás*. [S.l.]: Alvina, 1930.

DINIZ, Júlio. *Os fidalgos da casa mourisca*. São Paulo: Saraiva, 1963.

DUMAS, Alexandre, *Emma Lyonna*. São Paulo: Saraiva, 1969.

GONZAGA, Olympio. *Memória histórica de Paracatu*. Uberaba: Jardim & Comp., 1910.

MACEDO, Nicodemus. *Campina Verde e a Congregação da Missão de São Vicente de Paulo*. Uberaba: Jardim & Comp., 1941.

PEQUENO atlas histórico. Guia dos 4º. e 5ª. anistas no estado da História Universal. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

PESSOA FILHO, Salazar. *Uberabinha versus Uberlândia*; (duas histórias ainda não contadas aos meus benévolos leitores). Uberlândia: Manhãs, 1968.

PEZUTTI, Pedro. *Município de Uberabinha*: história, administração, finanças, economia. Uberabinha: Kosmos, 1922.

PONTES, Hildebrando. *História de Uberaba e a civilização no Brasil Central*. [S.l.]: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1970.

TEIXEIRA, Edelweiss. Evolução histórica de Ituiutaba. In: *Acaiaca*. Ituiutaba. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1953.

_____. *Prata de ontem*. [S.l.]: [s.n.], 1967.

TEIXEIRA, Tito. In: *Acaiaca*, Ituiutaba. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1953.

_____. *Bandeirantes e pioneiros do Brasil Central:* história da criação do município de Uberlândia. Uberlândia: Uberlândia Gráfica, 1970. 2 v.

TOTI, Gabriel. *Álbum de Uberaba*. Uberaba: Santos, s.d., não paginado.

VASCONCELLOS, Diogo de. *História antiga das Minas Gerais*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1904.

II. ACERVO DELVAR ARANTES

Livros

ARANTES, Jerônimo. *Cartilha brasileira*. Uberlândia: Livraria Kosmos, 1938b.

_____. *A cidade*: Uberlândia dos primeiros tempos. Uberlândia, 1971a. (Datilografado).

_____. *Cidade dos sonhos meus*. Uberlândia, 1975. (Datilografado).

_____. *Cidade dos sonhos meus*. 2. ed. Uberlândia, 1981b. (Datilografado).

_____. *Cidade dos sonhos meus*: memória histórica de Uberlândia. 2 ed. revista, ampliada e ricamente ilustrada, Uberlândia, 1981c. (Datilografado).

_____. *Colibri*. Literatura Infantil. Uberlândia, 1976. (Datilografado).

_____. *Corografia do município de Uberlândia*. Uberlândia, Pavan, 1938c.

_____. *Crônicas sociais*. Uberlândia, 1977. (Datilografado).

_____. *Memória histórica de Uberlândia*: Fundação da cidade. Uberlândia: Livraria Kosmos, 1969.

_____. *Memória histórica de Uberlândia*: Organização e administração do município de Uberlândia. Uberlândia, 1962, não paginado. v. 2. (Datilografado).

_____. *Memória histórica de Uberlândia*: Setor ferroviário. Alta Mogiana. Uberlândia: [s.n.], [1970].

_____. *Meu Aprendizado agrícola*. Uberlândia, s.d.. (Datilografado).

_____. *Minha escola modelo*. Uberlândia: Livraria Kosmos, 1938d.

_____. *Minha rica fazenda*. Uberlândia, 1939. (Datilografado).

Demais Documentos

ARANTES, Delvar. *Biografia*: Professor Jerônimo Arantes. Uberlândia, s.d. (Datilografado).

ARANTES, Jerônimo. *Minha aposentadoria*. Uberlândia: [s.n.], 1959[a].

ARANTES, Sebastiana. *Traços genealógicos da família Arantes.* Uberlândia, 18 abr. 1970. (Datilografado).

PAVAN, Angelino. *Saudação oficial*. Uberlândia: [s.n.], não paginado, 18 abr. 1970.

ULHÔA, Domingos P. [Discurso proferido à propósito da homenagem que o Rotary prestou a Arantes]. In: ROTARY Clube de Uberlândia. *Título honorífico*: Diploma. Uberlândia: [s.n.], jan. 1977.

III - ACERVO SANDRA CRISTINA FAGUNDES DE LIMA.

Depoimento

PINHEIRO, José L. *Algumas notícias sobre o professor Jerônimo Arantes*. Uberlândia, 17 jun. 2002. (Digitado).

Entrevistas

ARANTES, Delvar: depoimento [maio 2000]. Entrevistador: Sandra Cristina F. de Lima. Uberlândia, 2000. 2 fitas cassete (120 min), estéreo.

_____: depoimento [abr. 2001]. Entrevistador: Sandra Cristina F. de Lima. Uberlândia, 2001. 1 fita cassete (60 min), estéreo.

ARANTES, Marites: depoimento [set. 2001]. Entrevistador: Sandra Cristina F. de Lima. Uberlândia, 2001. 2 fitas cassete (120 min), estéreo.

BARROS, Marluce: depoimento [fev. 2003]. Entrevistador: Sandra Cristina Fagundes de Lima. Uberlândia, 2003. 1 fita cassete (20 min), estéreo.

CARVALHO, Edith de S.: depoimento. [jul. 2002]. Entrevistador: Sandra Cristina Fagundes de Lima. Uberlândia, 2002. 1 fita cassete (30 min), estéreo.

DINIZ, Cícero: depoimento [set. 2001]. Entrevistador: Sandra Cristina F. de Lima. Uberlândia, 2001. 1 fita cassete (20 min), estéreo.

MASSARO, Mirian Colluci: depoimento [mar. 2003]. Entrevistador: Sandra Cristina Fagundes de Lima. Uberlândia, 2003. 1 fita cassete (60 min), estéreo.

SANTOS, Alice G. de C.: depoimento [julho 2002]. Entrevistador: Sandra Cristina F. de Lima. Uberlândia, 2002. 1 fita cassete (30 min), estéreo.

SILVA, Antônio P. da: depoimento [nov. 2001]. Entrevistador: Sandra Cristina Fagundes de Lima. Uberlândia, 2001. 1 fita cassete (30 min), estéreo.

Informação verbal

Antônio Pereira da Silva, Uberlândia, 09 ago. 2002.

Enézio Rodrigues de Souza Filho, Uberlândia, 2003

Paula Arantes, Uberlândia, 2003

Vera Regina Carrara Arantes, Uberlândia, 2001.

Livro

ARANTES, J. *Cidade dos sonhos meus*. Memória histórica de Uberlândia. Ed. Ampl. E ricamente ilust. Uberlândia: EDUFU, 2003.

ANEXOS

ANEXO I

Inventário da Coleção Professor Jerônimo Arantes - Arquivo Público

Inventário da Coleção Professor Jerônimo Arantes
Arquivo Público

Prefeitura Uberlândia

Zaire Rezende

Secretária Municipal de Cultura
Lídia Maria Meirelles

Diretor da Divisão de Memória e Patrimônio Histórico
Fábio Leite

Arquivo Público Municipal
Valéria Maria Q. Cavalcante Lopes

Apresentação

Texto 1

A Coleção Jerônimo Arantes

Texto 2

Biografia

Texto 3

Índice

Apresentação – pg. 08

Biografia pg. 10

Biblioteca pg. 14

Iconografia. Clichês pg. 20

Fotografias pg. 31

Hemeroteca Jornais pg. 60

Revistas pg. 64

Mapoteca pg. 72

Pastas Temática pg. 74

Ex. Biblioteca

Coordenadores de organização do inventário
. Jane de Fátima Silva Rodrigues
. Zenaide Martins
. Zênite Martins

Revisão final
. Josefa Aparecida Alves
. Marluce de Barros
. Míriam Colucci Massaro

Digitadores Responsáveis
Carlos Henrique Máximo
Marcus Vinícius S. Fidelis

Apoio
Liliane Lima Maciel
Luiz Antônio Pereira de O. Júnior

Agradecimentos:
Delvar Arantes, Ciriam Gouveia, Fátima Maria Queiroz, estagiários da UFU, funcionários do Arpu e todos que contribuíram para esta publicação, PRODAUB.

APRESENTAÇÃO

A publicação deste inventário é resultado do esforço conjunto da Secretaria de Cultura, Arquivo Público, professores, pesquisadores e demais pessoas da comunidade interessadas na história da cidade como também na importância de preservação da memória e do patrimônio.

Através desse inventário, o Arquivo Público disponibiliza à comunidade pesquisadora um rico acervo constituído de fotografias, incluindo alguns negativos em vidro e clichês, mapas, plantas, jornais, revistas e publicações diversas que nos permitem lançar um olhar para o passado e compreender o presente desta cidade. As informações impressas em páginas antigas, quase sempre amareladas, dão testemunho de um tempo em que a cidade era geograficamente menor, com um cotidiano pontuado por desafios ligados à educação, ao ensino, à construção do espaço urbano e às políticas administrativas que viabilizaram a urdidura da história local.

Esta documentação, possibilita a reimpressão da história por outros viéses, pois, a todo instante o presente nos apresenta este desafio. É com orgulho que a Secretaria de Cultura, através do Arquivo Público de Uberlândia se torna guardiã e zeladora deste patrimônio e o disponibiliza à comunidade.

Lídia Maria Meireles
Secretaria Municipal de Cultura

A COLEÇÃO JERONIMO ARANTES

A aquisição do conjunto documental em l985, pertencente ao professor Jerônimo Arantes, se deu pôr iniciativa da então Secretária de Cultura, Profª. Iolanda de Lima Freitas.

Jerônimo Arantes, ao longo de sua vida de educador e historiador, colecionou um número considerável de documentos relacionados sobretudo a história da cidade de Uberlândia. Trata-se de uma coleção rica e variada constituída por jornais e revistas que circularam na cidade a partir das primeiras décadas do século XX, além de clichês, mapas, fotografias, obras literárias, dentre outros. Desde sua aquisição o Arquivo Público de Uberlândia vem realizando o trabalho de preservação da coleção e a sua organização de acordo com a tipologia dos documentos, sendo que, somente agora tornou-se possível a publicação do inventario.

A sua biblioteca é formada por 134 títulos e está organizada em ordem seqüencial numérica, e catalogadas de acordo com os temas relacionados a Uberlândia, Triângulo Mineiro, Minas Gerais e Brasil.

Na hemeroteca, as revistas foram ordenadas de acordo com o título obedecendo uma única ordem numérica, quanto aos jornais, respeitou-se a ordem cronológica. Com relação a serie iconográfica também estão em ordem seqüencial e acondicionados em envelopes apropriados, tendo em vista as normas de conservação e preservação, parte das fotografias encontram-se gravadas em clichês e impressas no papel couchê. Após as identificações que foram feitas através das revistas Uberlândia Ilustrada e pelo filho do historiador Sr. Delvar Arantes, elaborou-se um índice temático para viabilizar a pesquisa.

Além dos documentos citados faz parte da coleção alguns mapas da cidade, projetos de construção de residências populares, caixa d'água, Hotel Colombo e outros relacionados à administração municipal como "casa dos mortos", "quadra para anjinhos", "frente do cemitério", dentre outros, todos organizados em ordem cronológica.

O acervo conta ainda com pastas de assuntos variados que estão guardadas respeitando a organização do historiador, denominadas por ele de "Caderno sobre a História de Uberlândia". Toda documentação foi xerocada e posteriormente reorganizada em temas relacionados à historia e memória do município. Esses documentos inclusive públicos (originais e xerox), correspondências, recortes de jornais, revistas, convites e anotações do próprio punho, foram inventariados analiticamente.

A coleção Jerônimo Arantes encontra-se disponibilizada para a pesquisa, e a constante procura vem confirmar a riqueza e a importância desses registros.

Marluce de Barros
Valeria Maria Q. Cavalcanti Lopes

BIOGRAFIA
Professor Jerônimo Arantes

Quando o conheci, era ele já adulto – quase um quarentão – e eu ainda era um bebê, mas convivi bastante participando de múltiplas tarefas domésticas. Minha mãe contava que um enorme "antraz" surgiu em suas coristas e o Dr. Diógenes Magalhães teve de efetuar uma cirurgia para extirpá-lo e depois recomendou que se afastasse dos problemas. Aí, toda a família se mudou para Araguari, onde vivemos uma curta temporada (4 ou 5 meses), numa casa antiga com um vasto quintal cheio de mangueiras e outras árvores, numa rua bem próxima da estação da Estrada de Ferro Goiás.

De volta ao nosso "*Largo do Rosário*", tenho algumas curiosas lembranças: havia a igrejinha com o costado para a Av. Floriano Peixoto e a frente voltada para o Sertãozinho – denominação que era dada para o setor com acesso pelo corredor, atualmente rua Javari.

Criávamos galinhas da raça "*legorhn*" e quando as soltávamos a tarde, o bando alvejava tudo por ali, à procura de ramos e insetos. Era uma festa de cerca de 30 minutos até a operação "retorno" para o galinheiro.

Outro hábito dele que me chamava a atenção, era a dedicação que tinha com as mães preocupadas com seus filhinhos acometidos de bronquite, febres, tosses e outros "incômodos" as quais o procuravam, pois pacientemente eram preparadas "doses" com seus vidrinhos de homeopatia que ele encomendava pelo correio do laboratório Almeida Cardoso, do Rio de Janeiro, sendo o tratamento gratuito e acompanhado por várias semanas.

Era eu também o acompanhante quando ele partia em excursão pelos campos da Fazenda Campos Alegre, orientando grupos de alunos mais adiantados para recolherem folhas e insetos (borboletas, louva-a-deus, grilos e lagarto), para estudos de História Natural.

Nascido na cidade vizinha de Monte Alegre de Minas, em 23 de julho de 1892, sendo seus pais Antônio Cândido de Siqueira e Virgilina Martins Arantes.

Seus estudos fundamentais foram feitos lá mesmo, no colégio dirigido pelo Prof. José Felix Bandeira, tendo se tornado seu amigo e também conselheiro na difícil etapa de adolescência, tanto que no ano de 1907, o dito colégio transferiu-se para Uberabinha, antiga denominação de nossa cidade, e ele se manteve como professor adjunto.

Em seguida, ocupou com discernimento, o cargo de Promotor Público na recém criada Comarca de Santa Rita do Paranaíba, atualmente importante e estratégica cidade do sul do Estado de Goiás, hoje denominada Itumbiara, onde conheceu a futura esposa, D. Juvelina Ferreira, com quem contraiu núpcias, em 20 de agosto de 1918, cerimônia celebrada na Capela Santa Rita de Cássia de Uberaba.

No ano seguinte, mudou-se para Uberabinha novamente e, em parceria com o Prof. João Basílio de Carvalho, criou o Externato Carvalho na parte baixa da Rua Bernardo Guimarães, que teve curta duração. Imbuído do ideal de ensinar, decidiu fundar o Colégio Amor às Letras, que alcançou grande prestígio com turnos diurno e noturno, alfabetizando grande número de alunos, alguns deles tornando elementos de expressão na sociedade local, não raro atingiram graduação de nível superior ou vieram a ocupar posições de vanguarda no campo empresarial na cidade e região.

O sucesso obtido no seu conceituado colégio lhe valeu um honroso convite para abrir vagas no período noturno, de preferência para estudantes mais "maduros". Isto foi feito atendendo solicitação da Prefeitura, na gestão do Prefeito Eduardo Marquez, a partir do ano de 1925.

Posteriormente o seu conhecido estabelecimento de ensino foi arrendado à profª. Julieta Resende no início letivo de 1933, dando origem ao Externato N. Sr. Aparecida, o qual permaneceu no local onde também residia com sua família, à Praça Rui Barbosa, 136, com classes regidas pelas professoras Lourdes de Carvalho, Cornélia Avelino, Nísia Guerreiro, Antônia Vasconcelos, Cora Ferreira, em mão das quais centenas de alunos conseguiram diplomação no 1º grau, com possibilidade de seguirem em frente.

Nesta ocasião o prof. Jerônimo Arantes foi nomeado pelo Prefeito Lúcio Libânio para a Inspetoria do Ensino Municipal, depois transformada em Secretaria de Educação e Saúde, cargo que ocupou por lustros anos, servindo a nada menos que 15 prefeitos, entre "eleitos" e nomeados, tal a dedicação e o empenho desafiante com que ele encarou a complicada e espinhosa missão de proporcionar boas condições e oportunidades para os menos favorecidos. Nesta trajetória estóica ele, pôde contar com a colaboração de dedicados professores urbanos e nos distritos, em dezenas de escolas localizadas nos redutos mais populosos espalhados por toda a zona rural do Município.

Devido ao seu jeito muito especial de lidar com as poesias e superar problemas visando sempre obter o melhor no desempenho do seu ideal, usava de diplomacia e flexibilidade, por isso muitas figuras e entidades importantes jamais lhe negavam o apoio necessário.

Em 31 de agosto de 1938, quando a cidade se engalanou para as festividades comemorativas do cinqüentenário de fundação, o seu esforço foi titânico para conseguir trazer da roça a garotada uniformizada, para

desfilar em conjunto com os aluno locais, arrancando os aplausos e admiração dos populares aglomerados nas principais avenidas e praças, os quais ainda desconheciam a excelência do seu árduo trabalho em prol do ensino público.

Tal acontecimento serviu para alavancar o seu desejo de prosseguir nesta luminosa batalha para dar oportunidades para os talentos escondidos nos principais aglomerados humanos disseminados pelo interior do Município, abrindo as "chances" de sucesso para milhares de jovens ávidos de se elevarem na vida.

Ao final, após 40 anos de magistério, passou o bastão para seu particular amigo, Angelino Pavan, encorajando-o a enfrentar a espinhosa luta, quando o vereador Homero Santos liderou junto a seus pares na Câmara Municipal, uma moção de aplausos pela sua obra num ofício firmado pelo seu Presidente André Fonseca Ferreira, em 5 de março de 1959, comunicando sua aposentadoria. Embora não admitisse, já contava com quase 67 anos de idade.

Nesta oportunidade o dedicado educador divulgou os frutos do seu trabalho, mostrando em cifras o volume de alunos matriculados e em freqüência na cidade e na zona rural em mais de 60 escolas isoladas e em grupos. Mesmo depois de aposentado, continuou atendendo em seu gabinete particular, professores e estudantes que o entrevistavam à procura de subsídios e para pesquisar sobre assuntos pedagógicos, recebendo por parte dele preciosas informações.

HISTORIADOR

Reconhecido como grande historiador de Uberlândia, agindo e providenciando como membro do Diretório do Instituto Brasileiro de Geografia, cuidou de erigir um marco na fazenda São Francisco, na época pertencente à Vitalino Rezende do Carmo, marco este que homenageava estabelecimento, em 1821, da Sesmaria de João Pereira da Rocha, início do povoamento dos primórdios colonizadores da nossa região.

Foi o historiador Jerônimo Arantes e autor intelectual da construção de um "obelisco" erigido no setor central da Praça Cel. Carneiro, contendo o busto de Felisberto Alves Carrejo, o mestre-escola fundador do Arraial de Uberabinha.

Nos anos quarenta, durante o Estado Novo, ele foi designado para responder pela Agência Municipal de Estatística, se tornando membro do I.B.G.E., em razão disso, escreveu a monografia do Município, na qual foram divulgados índices e fatos importantes que expressaram com destaque o crescente progresso da comuna, contando com auxílio de Orlando Ferraciolli e Othon Gaudic Fleury.

Como jornalista, fundou e dirigiu com descortínio a Revista Triângulo de Minas, a qual, após o 2º número, passou à denominação de "Uberlândia Ilustrada", um repositório em capítulos da história completa de Uberlândia e sua gente, sendo que em cada edição se homenageava, uma determinada classe, ou uma colônia de imigrantes (italianos – ibéricos – sírio-libaneses – africanos), motoristas, médicos, educadores, e assim por diante.

A coleção completa dessa obra se encontra no arquivo da Secretaria Municipal de Cultura, aberta aos leitores interessados. Efemérides e Leis Memoráveis (1810/1942) foi outra publicação de sua autoria muito disputada pelos leitores em geral.

O escritor Jerônimo Arantes – usou durante sua vida, o pseudônimo de Dalbas Júnior, e publicou, livros e folhetos, destacando-se:✓ **O Livro da Delícia – Didático✓ Versos da Minha Gente – (Sertaneja)✓ Saudades do Sertão✓ Versos Bravios✓ Cenário Campesino, etc.**

Amigos, seus contemporâneos, que mais tarde foram também meus amigos, revelaram que o jovem Jerônimo Arantes era exímio violeiro. Cantava em contínuas serenatas, dançador de catiras e cateretês e chegou a reunir um grupo folclorista denominado – Grupo de Lenço Preto e quando a indústria da gravação iniciou atividades no Brasil, tal conjunto encarou uma arrojada viagem ao Rio de Janeiro – antiga capital federal, gravando um conjunto com vários selos o qual conseguiu muito sucesso com os recortados, modas de viola, desafios, etc., em "linguagem e música bem caipira"(1928), trajando vestimentas e acessórios à caráter.

O professor Jerônimo Arantes, foi pai de 5 filhos, a saber: **Delicia Arantes, Delcio Arantes, Delvar Arantes, Délvia Arantes e Délio Arantes**

Todos os seus descendentes nasceram na cidade cujos partos eram feitos em sua própria residência, como era de costume. Com seus cinco filhos foi criado por ele um seu enteado, Dimas Ferreira, sargento reformado do Exército Brasileiro, quando na ativa serviu no Rio de Janeiro e no Quartel do II Exército, em São Paulo, pai de dois filhos.

Nos últimos anos de sua atribulada e proveitosa vida, o prof. Jerônimo Arantes foi membro da Igreja Presbiteriana, freqüentando seus cultos com absoluta regularidade. Neste templo comemorou com a família reunida as bôdas de diamante, no ano de 1978.

Em maio de 1983, sofreu um mal súbito, foi internado na Mediclínica, onde foi atendido e ia reagindo bem, mas, repentinamente sofreu parada cardíaca fatal. Seu velório ocorreu no salão nobre do Palácio dos Leões, quando

recebeu as últimas homenagens dos ex-colegas, dos familiares, dos amigos e do povo em geral. Em 20/05/83, foi sepultado no jazigo da família, no Campo do Bom Pastor, numa cerimônia muito comovida.

Biblioteca – Uberlândia Jerônimo Arantes

N° de ordem	Referência Bibliográfica
001	Comarca de Uberlândia. Estado de Minas Gerais. Ação Declaratória; Autor: O Município de Uberlândia. Ré Cia. Força e Luz de Uberlândia; Contestação Opposta pela ré. São Paulo, EGRT, 1936 83 p.
002	Comarca de Uberlândia. Estado de Minas Gerais. Ação Declaratória; Autor: O Município de Uberlândia; Ré: Cia. Fora e Luz de Uberlândia, Razões finais da ré. São Paulo, EGRT, 1936 58 p.
003	Comarca de Uberlândia. Estado de Minas Gerais. Ação Declaratória; com rito ordinário; Autora: Prefeitura de Uberlândia, Ré: Cia. Força e Luz de Uberlândia. Belo Horizonte, Oliveira, Costa e Cia, 1936 32p.
004	Almanach de Uberabinha. Uberabinha, Kosmo, 1912, ano II, 184p. (2 exemplares)
005	Almanach Uberabinhense . Uberabinha, Kosmo, 1911, anno I, 231p. (2 exemplares)
006	Comarca de Uberlândia. Apelação: Apelante- Artilio Alcides Betto; apelada- A justiça. Alegações e razões. Uberlândia, Oeste, 1944 23p.
007	Arantes, Jerônimo. Álbum da Câmara municipal; O legislativo decreta a Instituição da Ordem Municipal do Mérito. s. n. t. 15 p, 1980 (dois exemplares)
008	_____. Anuário de Uberlândia. Indicações e Estatísticas. Uberlândia. Almeida. 1936. 91 p.
009	_____. Como fizeram Uberlândia. s. l. , s. e. , 1972, 20 p (três exemplares)
010	_____. Cromos. Musa vadia de dalbas júnior Uberlândia, s. e. , Dezembro/ 1981, 22 p.
011	_____. Efemérides e Leis Memoráveis da Historia de Uberlândia; Pavan, 1° edição, 1942, 18 p. (dois exemplares)
012	_____. Memórias Históricas de Uberlândia; 1° cap. ; Formação da cidade . Uberlândia, zardo, jul./ 82, 2° edição, 45 p (seis exemplares)
013	Arantes, Jerônimo. Memória Histórica de Uberlândia, Vila Martins; Sua história – Seu fundador. s. l. , s. e. , 1967, 17 p
014	_____. (org) Recenseamento da cidade de Uberlândia, s.l., s.e., 1938, 19 p.
015	_____. Uberlândia: cidade dos Sonhos Meus. s.l. ,s.e , 1967, 39 p. (cinco exemplares)
016	Barbosa, Orlando(org) Álbum do Triângulo Mineiro; 1940 – 1942; s.n.t. , 219 p.
017	Brasil Histórico n° 24. Uberlândia. Folder do Banco Safra S/A, s.n.t.
018	Camim, José. As Águas do Rio da Velhas: Aproveitadas como Força Motora. Uberlândia, Pavan, 1943, 12 p. (três exemplares)
019	_____. Dois Dedos de Prosa com meus colegas cafeicultores; Sobre a regeneração dos cafezais eshauridos. Uberlândia, s.e. , Out/1944, 32 p (dois exemplos.)
020	Capri, Roberto. O Município de Uberlândia; São Paulo Capri, Andrade e C. , 1916 , 38 p (original e xerox)
021	Isto é Uberlândia .Ind. Gráf. Brasil Central, s.d., 22 p.
022	Catálogo Official. Exposição – Feira do Brasil Central; Maio- junho/ 1936. Uberlândia, s.n.t. , 1936, 38 p
023	Uberlândia. Código Tributário do município, Lei n° 1052 de Agosto de 1963, s.n.t. , 98 p.
024	Uberlândia. Prefeitura Municipal. Coletânea da Legislação Tributária Municipal (1974) s.l., s.e., 1975 173 p
025	Costa, José Antônio de Vasconcelos. A Saudação de Uberlândia ao Governador Valadares. Divulgação do Correio de Uberlândia, Fev. 1944 , 8 p
026	Uberlândia. Sucupira. s.n.t. 14 p (quatro exemplares)
027	Cunha, J.S. Rodrigues da. Discurso pronunciado na Reunião do Rotary Club, s.l., s.e. , 1958, 14 p
028	Piscina Uberlândia. Disposição Estatuária relativas à Piscina. Uberlândia, Kosmos, 1935, 7 p

029	Entrega da Carta Constitutiva Lions Clube de Uberlândia "Felisberto Carrejo" s.l., s.e. , 1966, 10 p
030	Estatutos da Associação dos Chauffeurs Mechanicos e Classes Connexas de Uberlândia. Uberlândia, Pavan , 1938 , 34 p
031	Estatutos da Sociedade Humanitária. Uberlândia, Pavan s.d. , 6 p
032	São Pedro de Uberabinha. Câmara Municipal. Estatutos e Leis. Uberaba, Séc. XX, 1903, 137 p Uberabinha. Câmara Municipal . Leis de n° 32 a 220 – 1903 à 1919. Uberabinha, Typ. Popular, 12919, 203 p _____. Câmara Municipal. Leis de b° 221 a 267 1919 à 1922: Uberabinha, Kosmos, 1926 . 197 p
033	Estatutos do Grêmio Literário e Recreativo de Uberabinha. Uberabinha, Typ Popular, 1920 , 91 p
034	São Pedro do Uberabinha. Câmara. Estatutos e Leis da Câmara Municipal de S. Pedro de Uberabinha. Uberaba, Século XX, 1903, 135 p (original e xerox)
035	Exposição. Feira Industrial, Agro-Pecuária e Comercial; Regulamento das Secções: Industrial, agrícola e commercial; Abril/Maio – 1936, Uberlândia, Pavan, 1936, 8 p
036	Freitas, Domingos(org) Fábrica de Móveis Espirito Santo; A maior organização do Ramo no Triângulo Mineiro; Secagem natural de madeiras, Uberlândia, Pavan, s.d. , 16 p
037	Freitas, Domingos (Org) Móveis Freitas (Além de listas de preços contém estatísticas do município de Uberlândia, Uberaba e Araguary em 1936/38) s.n.t. , 33 p
038	Giffoni, Vasco. Uberlândia na palavra de seu Prefeito Municipal ; Uberlândia, Pavan, 1941, 19p
039	Indicador; de Uberlândia, Araguary, Uberaba, s.n.t. , 16 p
040	Indicador; Guia de Uberlândia:1941 – 1942. Uberlândia, Correio, s.d. ,66 p
041	Brasil Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Uberlândia MG. 51, 1910 n° 487 , 24 p (2 exemplares)
042	Júnior, Dalbas. Devaneios; Um livro que fala de amor (Datilografado), 1971,51
043	Lembrança do Carnaval de 1937. Uberlândia, "Estado de Goyas", 1937, 34 p
044	Empresa Telefônica "Teixerinha". Lista Provisória dos Assinantes de telefones automáticos da cidade Uberlândia. Uberlândia, Pavan, s.d. , 9p
045	Livro dos telefones automáticos de Uberlândia; Março/1942 , s.n.t. , 122 p
046	Uberlândia. Prefeitura municipal. Monografia de Uberlândia. Rio de Janeiro , Universal Publicidade, 1957, 54 p (dois exemplares)
047	Pezzutti, Pedro. Município de Uberabinha. Historia , Administração, Finanças, Economia. Uberabinha, Kosmos, 1922, 82 p (original e xerox)
048	Nascimento, Dorivaldo Alves. Uberlândia- hoje, s.n.t. 17 p
049	Uberlândia, no cincoentenário;1888 – 1938. Uberlândia, Pavan, dezembro/1938, 18p
050	Uberlândia. Prefeitura Municipal. Lei n° 428, Orça a receita e fixa a despesa para o exercício de 1954, s.l., manhãs, s.d., 24 p
051	Uberlândia. Prefeitura Municipal. Lei n°2478; Orçamento para 1976. Uberlândia, Ubergral, s.d. , 56 p
052	Paes, Agenor. Versos (Datilografado). S.d. , 13 p
053	Pessoa Filho, Salazar. Uberabinha versus Uberlândia; (duas histórias ainda não contadas aos meus benévolos leitores) . Uberlândia, Manhãs, setembro/1968 , 12 p
054	Uberlândia Clube. I Festival de Música Carnavalesca: 24 a 26 de janeiro/1972. Uberlândia, Zardo, 1972, 34 p.
055	Corte de Apelação de Minas Gerais. Apelação nº 9172 da Comarca de Uberlândia. Apelantes e apelados: Prefeitura Municipal de Uberlândia Cia Força e Luz de Uberlândia e Cia de Força e Luz de Uberlândia; Belo Horizonte, Oliveira Costa e Cia, 1937, 29 p.

056	SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. Estado de Minas Gerais. Recurso Extraordinário nº 3347. Recorrente: Prefeitura Municipal de Uberlândia: Recorrida Cia Força e Luz de Uberlândia. Razões da Prefeitura. Belo Horizonte. Oliveira, Costa & Cia, 1938, 13p.
057	UBERABINHA. Câmara Municipal. Regulamento de Esgotos Sanitários Lei nº 245; Uberabinha, Kosmos, s.d t. 11p.
058	Empresa de Armazéns Gerais do Triângulo Mineiro. Regulamento Interno e tarifas. S. 1., Continental, 1942, 26p.
059	Uberlândia. Prefeitura Municipal de. Regulamento para o serviço de vehículos e trânsito em geral no município de Uberlândia; Uberlândia. Pavan, 1937, 54p.
060	REIS, Osório. Bar da Mineira. Uberlândia, Kosmos, 1938, 44 p.
061	ULHOA, Duarte Pimentel de. Relatórios Apresentados à Diretoria de Irmandade de Misericórdia. Uberabinha. Progresso, 1916, 16. P.
062	UBERLANDIA. Prefeitura. Relatório; Exercícios de 1935 á 1937. Uberlândia, O Repórter, 1938, 71 p.
063	MELO, Zacharias Alves de(org.). Trovador Real Ou repositório de escolhidas Modinhas e Recitativos. 1º edição Uberabinha, kosmos, s.d., 153p.
064	COMARCA DE UBERLANDIA. Sentença: na causa proposta pela Prefeitura de Uberlândia contra a cia Força e Luz. Uberlândia. s.e., 1936, 27p.
065	UBERLÂNDIA. Assoc. Comer. E Ind. 50 anos de trabalho com amor. Uberlândia. Sabe, s.d. 111p.
066	UBERLÂNDIA. A cidade encantada do Brasil Central. Uberlândia, Pavan, s.d. (folder)
067	BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; Coleção Monografias Municipais. Uberlândia. S.1., CNE, 1955, 19p. (dois exemplares)
068	UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. Orçamento de 1975. 206p. (mimeografadas).
69	Costa, José Antonio de Vaconcelos. O Aproveitamento do potencial Hidraulico do Municipio de Uberlandia. Palestra lida pelo prefeito do ROTARY CLUBE DE UBERLANDIA em 15 de dezembro de 1944.
	TRIANGULO MINEIRO
070	CARTA ECONOMICA DO TRIANGULO MINEIRO, Extrato do Congresso Nacional do Comércio varejista, Uberlândia, A. G. Brasil Central, setembro, 1947 20 p.
71	MONTE ALEGRE DE MINAS. Prefeitura Municipal. Lei nº 561; Orça a receita e fixa a despesa para o exercício de 1965. Uberlândia, Brasil Central, s.d., 26 p.
072	Teixeira, Edelweiss. Prata de ontem. S.n.t., 1967, 30 p.
073	Toti, Gabriel, Álbum de Uberaba. Uberaba, Typ. Santos, s.d. 1934, 98 p.
074	JOÃO EVANGELISTA RODRIGUES CHAVES, No centenário do seu nascimento, s.n.t., 50 p.
075	TRIANGULO MINEIRO. Indicador Aero-rodo-ferroviário; urbanístico e econômico. Uberaba. Zebu, 1955, 150 p.
076	ACAIACA. Ituiutaba. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1953, 218p.
077	RELATÓRIO. Prefeitura de Monte Alegre. Exercício de 1951, Monte Alegre, São Francisco, 1952, 22 p.
078	Diocese de Uberaba. Anuário Eclesiástico. 1935, 1936 e 1937. Uberaba, São Domingos, 1937, 268p.
079	Teixeira, Tito. Carta Aberta. Aos Srs. Acionistas da Companhia de Telefones do Brasil Central e ao Público de Uberlândia-Canápolis-Centralina-Itumbiara e Buriti Alegre, Uberlândia, s.e., 1954, 10 p.
080	CRUZ, Manoel Martins da Costa. Minas da Decadência... Comarca das Maravilhas Forenses; Petição de Habeas Corpus. Araguary Aurora, s.d., 14 p.
081	_____. Comarca de Uberaba. Em Defesa de um Mineiro Ilustre. Uberabinha, Popular 1925, 13p.
082	PESSOA, Pedro Salazar Moscovo da Veiga. Comarca de Araguary. Direito Do Lar; Ação de reivindicação do Prédio; sentença. Uberabinha, Popular, s.d. 21 p.
083	GONZAGA, Olympio. Memória Histórica de Paracatu, Uberaba, jardim & Cia. 1910, 134.

084	LIVRO DOS TELEPHONES DO TRIANGULO; Empresa Telephonica Teixeirinha e Empresa Telephonica de Araguary, s.1., s.e., 1938., 93p .(Dois exemplares)
085	MACEDO, Nicodemus de. Campina Verde e a Congregação da Missão de são Vicente de Paulo, Uberaba, Jardim, 1941, 50p.
086	PONTES, Hidelbrando. História de Uberaba e Civilização no Brasil Central, Uberaba, Zebu, 1970, 570p.
	MINAS GERAIS
087	MINAS GERAES. Código do processo civil mineiro (Lei nº 830 de 07 de setembro de 1922) Araguary, Aurora, V.I . 1923, 13p.
088	MINAS GERAES. Assembléia Legislativa. Índice da Colleção de Leis; 1861. Ouro Preto, Provincial, 1860, 113p.
089	GUIMARAES, Honório. Outubro, antes e depois; contém depoimentos para a História da Revolução. Belo Horizonte, Papelaria e Tip. S. Leonardo, 1933, 119p.
090	MINAS GERAIS. Organização Municipal. Lei nº 6 de 8/10/1947 e nº 28 de 22/11/1947. Belo Horizonte, Gráfica Belo Horizonte Ltda, 1947, 43p.
091	VASCONCELOS, Diogo de. História Antiga das Minas Gerais. Bello Horizonte, Imprensa Official do Estado de Minas Gerais, 1904, 419p.
092	CAPRI, Roberto. O Brasil e seus Estados; Minas Gerais e seus municípios. São Paulo, Capri, Andrade e C., 1916, 18-566p.
093	MINAS GERAES. Sec. De Educação. Código de Ensino Primário. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1950, 114p.
094	MINAS GERAES. Assembléia Legislativa. Colleção de Leis de 1862. Ouro preto, Provincial de Minas, 1863, 116p. MINAS GERAES. Assembléia Legislativa. Colleção de Leis de 1863. Ouro Preto, Typ. De "Minas Gerais", 1864, 79p.
095	MINAS GERAES. Assembléia Legislativa. Colleção das Leis de 1864. Ouro Preto, Typ. De "Minas Gerais", 166p.
096	MINAS GERAES. Assembléia Legislativa. Colleção de Leis de 1866. Ouro Preto,J.F. de Paula Castro,, 1867, 440p.(263 +77)
097	MINAS GERAES. Assembléia Legislativa. Colleção de Leis de 1868. Ouro Preto, J.F. de Paula Castro,, 1869, 177p
098	MINAS GERAES. Assembléia Legislativa. Colleção de Leis de 1870. Ouro Preto,J.F. de Paula Castro, 1871, 294
099	MINAS GERAES.. Colleção de Leis e Decretos; 1894. Ouro Preto, Imprensa Official, 1895. 16p.
100	Minas Gerais, Constituição. Ouro Preto, Ordem, 1890, 32p.
	BRASIL
101	PEQUENO ATLAS HISTÓRICO; guia dos 4º 5º annistas no Estudo da História Universal. São Paulo, FTD, 1911, 42p.
102	BRASIL. IBGE. Quadro dos Municípios Brasileiros vigorante no cinqüentenário de 1 de janeiro de 1939 a 31 de dezembro de 1943; (&1º do art. 16 do decre. Lei nº 311 de 2 de março de 1938 combinado com o artigo único de dec. Lei nº 522 de junho do mesmo ano) Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1939, 22p.
103	ROCHA , Geraldo. Na Hora da Borrasca não se muda o Timoneiro! Rio de Janeiro, s.e. 1937, 88p.
104	BRASIL. Departamento Nac. de Propaganda. Trabalho e Produção. O Renascimento e a Prosperidade da Industria Açucareira como resultado eloqüente dos serviços prestados á lavoura pelo Governo Getúlio Vargas. Rio de janeiro, Imprensa Nacional, 1936, 41p.

105	VARELA, Alfredo. Revoluções Ciplastinas: A República Rio Grandense. Porto, de Lello e Irmão editores, vol. 1, 1915, 515p.
106	ALENCAR, José de. Sonhos d'ouro. Coleção Saraiva. São Paulo. Saraiva, 1960, 182p.
107	ALMANAQUE. Correio do Povo, 1970. Porto Alegre. Guaíba, 1970, 336p.
108	ALMANAQUE. Estado do Ceará; Estatístico, administrativo, mercantil, industrial e literário. Silveira Marinho, e Cia Fortaleza, 1938, 308p.
109	ANUÁRIO DOS DIÁRIOS ASSOCIADOS, Rio de Janeiro, o Cruzeiro, 1931, 340 p.
110	BRASIL, Dep. Nacional de Propaganda. A Nação (proclamação ao povo Brasileiro) Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 20 p.
111	Lima, A. G. Atlas Escolar-Brasil; Porto Alegre, Barcelos, Bertaso & Cia, 1932, 37 p.
112	AMARAL, Azevedo. Renovação Nacional. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1936, 77p.
113	BARBOSA, Orlando(org.). Álbum de Goyáz, São Paulo, Irmãos Vitale, s.d., 278 p.
114	FERREIRA, Barros, Meio Século de São Paulo. São Paulo. Ed. Melhoramentos, 1954, 96p.
115	BELLO, José Maria. A Questão Social e a Solução Brasileira. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1936, 49p.
116	CAMPOS, Francisco. O Espirito do Estado Novo; Interpretação da Constituição de 10 de novembro de 1937, Rio de Janeiro, Emp. Graphica Mandarino & Molinari Limitada, s.d. 32p.
117	CORREA, Francisco Alves. ICAB X ICAR; Em quais pontos doutrinários e por quais razões a Igreja Católica Apostólica Brasileira diverge da Igreja católica Romana. S.I., s.e., 1948, 64 p.
118	CRUZ, Costa. Como é o amor em Goyaz. S.I., Typ. Tribuna, 1930, 13p.
119	FERNANDES, Orvenor. Cultura do Trigo; No Triângulo Mineiro e sudoeste goiano. Uberlândia. Ind. Gráfica Brasil Central, 1959, 13p.
120	BRASIL, Departamento Nac. de Propaganda. Defendamos o Futuro. A participação de elementos estrangeiros no levante comunista de novembro de 1935. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1936, 17 p.
121	BRASIL, Departamento Nac. de Propaganda. Dever do Estado e Defesa do Regime (Conclusão da Mensagem Apresentada e Defesa do Regime; (conclusão da Mensagem Apresentada ao Congresso Nacional por S. Ex. o Sr. Dr. Getúlio Vargas, Presidente). Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1936, 42p.
122	DINIZ, Júlio. Os Fidalgos da Casa Mourisca; (Crônica da Aldeia). São Paulo, Saraiva, nº 183, 2º vol., Ago. 1963, 181p.
123	DUMAS, Alexandre, Emma Lyonna. São Paulo, Saraiva, nº 248, 5º vol. Janeiro, 1969, p-665-832.
124	FERBER, Edna. Teatro Flutante. São Paulo, Saraiva, nº 171, 2º vol., julho 1962, 171p.
125	FERREZ, Gilberto. A Praça 15 de novembro Antigo largo do Carmo. Rio de Janeiro. Gráf. Olímpica Editora Ltda., 1978, 68p.
126	FORNARI, Ernani. O que os brasileiros devem saber. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1936, 43p.
127	FREITAS, Osvaldo de. Do Direito à Renovação da Locação. S.1., s.e., 1960, 123p.
128	IHERING, Rodolfo Von. Atlas da Fauna do Brasil. São Paulo, Hartmann-Reichembach, 1971, 43p.
129	MEMORIAL, Juscelino Kubischek de Oliveira(recortes organizados pelo prof. Jerônimo Arantes)
130	MIRANDA, Sylvio Pellico de. Goiânia a cidade sonho, Homenagem à Pedro Ludovico, o criador da Goiânia; Uberlândia, Tip. Pavan, 1942, 9p.
131	BRASIL, Departamento Nac. de Propaganda. Missão de Jornalismo, Homenagem ao Exmo. Sr. Dr. Getúlio Vargas, presidente da República, na Asso. Brasileira de Imprensa. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1936, 33p.
132	OLIVEIRA, José Sabino de. O Rodoviarismo em Goiás; As Aventuras do Ford Bigode no cerrado. Goiânia, ed. Barão de Itararé, 1975, 132p.
133	BRASIL, Departamento Nac. de Propaganda. Palavras aos Brasileiros; (discurso pronunciado por sua exa. O Sr Dr. Getúlio Vargas em 1 de janeiro de 1936), Rio de Janeiro,

	Imprensa Nacional, 1936; 14p.
134	Vargas, Getúlio e CAPANEMA, Gustavo. Panorama da Educação Nacional. Nº 1, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e saúde, 1937, 47p.
135	BRASIL. Departamento Nac. de Propaganda Ordem e Democracia Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1936, 12p.

2- Iconografia

2.1. Clichês

N° de Ordem	Quantidade	N° de Cópias	Descrição
001	01	02	Velha Matriz- 1861 - 1953
002	02	-	Jerônimo Arantes
003	01	03	Antigos Funcionários do Fórum
004	01	-	Augusto César, 1° Pres. da Câmara Mun. de Uberabinha.
005	01	03	Fluminense Futebol Clube
006	01	06	Bairro Operário - Uberlândia
007	01	03	Jerônimo Arantes
008	01	03	Dona Lia
009	01	03	Augusto César
010	01	08	Rio Branco Futebol Clube - 1912
011	01	03	Colégio Bandeira
012	01	03	Prédio da Rádio Educadora
013	01	03	Maratona Esparta Brasileira
014	01	03	Sal Tropeiro Futebol Clube
015	01	33	Câmara Municipal
016	01	05	Modelos de carros Ford e Chevrolet
017	01	06	Felisberto Alves Carrejo
018	01	05	Jerônimo Arantes
019	01	07	Modelo de carro
020	01	05	Cine Teatro Uberlândia
021	01	06	Prédio Irmãos Garcia
022	01	06	Casa de Saúde Santa Terezinha
023	01	05	Prédio Móveis Salete
024	01	05	Alexandre Marquez
025	01	06	Uberlândia - Vista parcial
026	01	06	Uberlândia - Vista parcial
027	01	05	Prédio casa Osvaldo Oliveira
028	01	06	Uberlândia - Vista parcial
029	01	05	Prédio Auto Minas Goiás
030	01	06	Praça Tubal Vilela
031	01	05	Santa Casa de Misericórdia
032	01	06	Uberlândia Clube
033	01	07	Distribuidora Atlântica
034	01	04	Câmara Municipal
035	01	07	Igreja Santa Terezinha
036	01	02	Bairro Operário
037	01	-	Felizardo Fontoura
038	01	-	Carimbo de Boas Festa
039	01	-	Noden Pinto De.
040	01	-	Nome dos jornais: A Tribuna, O Repórter, etc.
041	01	06	Posto de gasolina da Shell
042	01	06	Residência do cel. Arlindo Teixeira - R. Barão de Camargos
043	01	05	Hotel da Estação - Praça Osvaldo Cruz
044	01	03	Cine Avenida
045	01	05	Escola Públ. Estadual de Indianópolis

046	01	06	Praça Tubal Vilela
047	01	03	Recanto da Praça Antônio Carlos
048	01	05	Prédio Drogasil
049	01	04	Fazenda Sr° Conceição, Casarão Centenário, sede Sesmaria de Luiz Alves Carrejo , Olhos D' Água (1° plano) e ruína dos currais abandonados (2° plano); 1835
050	01	09	Administradores municipais de Uberlândia – 1892 – 1941 Na Intendência, Antônio Alves dos Santos – 1891 , Augusto César F. e Souza - 1892 – 1894
051	01	06	Largo Tiradentes, depois Praça. Independência. Hoje, Praça Cel. Carneiro – 1908
052	01	10	Sessão Cívica realizada em 24/07/37, no salão nobre da Prefeitura Mun., discursando Dr. Vasco Giffoni
053	01	06	Felisberto Alves Carrejo
054	01	05	Cinema São Pedro, inaugurado em 28/11/1909 , Rua Felisberto Alves Carrejo
055	01	03	Palacete do Dr. Euclides Gonzaga de Freitas, Av. João Pinheiro 353, esq. c/ Olegário Maciel
056	01	12	Grupo Escolar Dr. Duarte
057	01	03	Residência do Dr. Veloso Vianna Av. Floriano Peixoto , 182
058	01	05	José Inácio de Souza , professor
059	01	06	A Princezinha Ind. e Com
060	01	04	Prédio Irmãos Garcia
061	01	06	Maternidade e Hospital Santa Catarina
062	01	03	Salvador Melazzo
063	01	05	Armazém Cruz de Malta
064	01	--	Ronan Mendonça. Partido Representação Popular
065	01	07	Idelfonso Dutra Alvim Dr.
066	01	06	Emereciano C. da Silva, Martinésia
067	01	--	Alberto L. de Souza
068	01	06	Ortízio Borges, Martinésia
069	01	05	Odorico A. de Faria, Martinésia
070	01	06	Drogaria Eleuza, Farmácia Normal Farmácia Vilela
071	01	06	Hospital Santa Catarina
072	01	05	Sanatório Espirita de Uberlândia
073	01	05	Residência Sr. José Naves de Avila, Av. João Pinheiro 220
074	01	05	Residência Sr. Nicomedes Alves dos Santos , Av. João Pinheiro 426
075	01	06	Sede da Cia. Mineira de Autoviação Municipal
076	01	05	Av. Afonso Pena 1907
077	01	05	Serralheria São Benedito, Comercial Triângulo Ltda.
078	01	05	Destilaria Fajardo, Marcenaria e Carpintaria Carvalho
079	01	-	Sala Jerônimo Arantes
080	01	-	Medeiros Cruz Dr.
081	01	-	Nicolau Soares
082	01	05	Praça Dr. Duarte
083	01	-	Zacarias Alves de Melo, fundador Livraria Dosmos.
084	01	-	Deusdete Moreira
085	01	03	Edifício da Agência Ford
086	01	06	Farmácia Para Todos , Av. Fernando Vilela 1314

087	01	03	Farmácia São José , Rua XV de Novembro 138
088	01	05	Farmácia St° Terezinha, Av. Floriano Peixoto 716
089	01	02	Farmácia do Américo, Av Floriano Peixoto 611
090	01	03	Farmácia Osvaldo Cruz, Praça Rui Barbosa
091	01	03	Farmácia St° Marta, Av. Vasconcelos Costa 1007
092	01	03	Adolfo Fonseca e Silva
093	01	03	Escrit. Jurídico Contábil, Rua Rodrigues da Cunha
094	01	-	Cândida Cristina
095	01	03	Marcos de Freitas Costa Cel.
096	01	03	Severiano Rodrigues da Cunha Cel. e Pedro Machado da Silveira
097	01	03	Virgílio Rodrigues da Cunha e José Teófilo Carneiro
098	01	03	Hospital Santo Agostinho
099	01	03	Nélida Vieira Monteiro, Márcia Macedo, Elizabeth Machado Brito
100	01	03	Walter Testa
101	01	03	Angelino Pavan
102	01	05	Sebastião Rangel
103	01	03	Escola Pública Municipal de Marimbondo
104	01	07	Joaquim Marques Póvoa
105			Ruth Goulart, Ana Alves, Ziza Ferreira, Virginia Nascimento, Elzira Alves, Alcidina de Almeida, Altamir Rangel, Amília Nascimento, Alcedina Alves da esq. p/ a direita.
106	01	06	Ângelo Naghettini
107	01	05	Jose Capparelli
108	01	06	Marinho Lozi e D° Alcina Pacheco Lozi
109	01	06	Francisco Sagullo e Familia
110	01	-	Francisco Bellorio
111	01	-	Dinorah Pacca
112	01	07	Trecho da Rua Tupinambá
113	01	07	João Luiz da Silva, Prof. , Jornalista, fund. Jornal " A Reforma"
114	01	-	Armando Santos (Samuel Crespo)
115	01	03	Prefeitura Mun. de Nova Ponte
116	01	-	Casas Comerciais da Rocinha
117	01	-	Elias Francisco do Nascimento
118	01	-	Praça Benedito Valadares
119	01	-	Ponte Cesário Alvim, Pau Furado
120	01	05	Policlinica Uberlândia, Casa da Cultura
121	01	03	Tubal Vilela da Silva
122	01	-	Edilamar Helena
123	01	-	Júlio César
124	01	-	Eva Reis
125	01	-	Hospital Santo Agostinho
126	01	-	Cília Santos "Miss Uberlândia 1960"
127	01	05	Praia Clube
128	01	-	Raimundo Martins de Almeida Cavalcanti
129	01	05	Uberlândia Esporte Clube, 1950
130	01	-	Nízia Chaves
131	01	-	Brenda Chaves
132	01	-	Cerca do Estádio Mun. de Uberlândia
133	01	05	Grupo de alunos das Escola Públicas Municipais Rurais

134	01	-	Industrias J.B. Duarte
135	01	-	Membros do conselho da Intendência: Antônio Alves dos Santos, José Alves do Amorim Brito, Arlindo Teixeira, Antônio Pacheco dos Santos
136	01	-	Padre Pio Dantas Barbosa, Pedro Machado Rodrigues da Silveira, Tobias Inácio de Souza
137	01	-	Chácara de Augusto César, Fundação Município de Uberabinha
138	01	-	João Moreira Ribeiro
139	01	-	Arlindo Teixeira Cel.
140	01	-	Cipriano D'el Favero
141	01	-	Farmácia Galeno
142	01	-	Farmácia São João
143	01	-	Soc. Farmacêutica do Triângulo Mineiro, Av. Cesário Alvim 2
144	01	03	Mercadinho do Maurício
145	01	03	Sapataria Brazilândia
146	01	03	Bar e Confeitaria Sombrinha, de Remi de Lima
147	01	-	Maquina de beneficiar arroz
148	01	-	Cilia Santos
149	01	-	Real Expresso
150	01	-	Casa Comercial
151	01	03	Consultório Dentário do Dr. Edson Vieira da Costa, Rua Santos Dumont 428
152	01	06	Residência do Sr. Jose Capparelli, Av. João Pinheiro 860
153	01	-	Rua 22, Ituiutaba
154	01	03	Oliveira e Schiavinato, Importadora e Exportadora
155	01	-	Rio Uberabinha
156	01	-	Ponte Metálica sobre o Rio Aragurari, Nova Ponte
157	01	03	Rádio Difusora Brasileira de Uberlândia
158	01	03	Edifício Avenida, Irmãos Garcia
159	01	-	Hospital Santo Agostinho
160	01	-	Edifício da Sociedade Medica de Uberlândia
161	01	-	Moveis Ipiranga, Finotti e Guarato e Cia. , Av. Afonso Pena.
162	01	06	Av. Floriano Peixoto, vista parcial
163	01		Conjunto Orquestral do Liceu de Uberlândia
164	01	03	Escola Publica Municipal de Uberabinha, Externato Carvalho de Brito, Colégio São José, Escola Normal de Uberlândia.
165	01	03	Rua 22, Ituiutaba.
166	01		Cerâmica Imperial e Olegário R. Marquez, o Proprietário.
167	01		7º Congresso Médico do Triângulo Mineiro em Uberlândia.
168	01		Cláudio de Abreu, jornalista januarense.
169	01		Tipografia kosmos, aspecto interno.
170	01	03	Praça da Independência.
171	01		Busto de Fesberto Alves Carrejo.
172	01		Fernando Vilela.
173	01		Estação provisória da Empresa Rodoviária do Mercado Municipal
174	01		Poesia, Ùltimo Beijo.

175	01		Matriz antiga de Uberabinha, hoje atual Biblioteca Pública Municipal
176	01		Chichico, Vila Martins.
177	01		Rodovia Uberlândia-Paranaiba, via Martinópolis.
178	01		Casa de Instrução, 1891 a 1912
179	01	03	Casarão centenário na fazenda N.Sr. Conceição, Olhos D'agua, de Felisberto Alves Carrejo.
180	01		Caravana á Poços de Caldas.
181	01	06	Colégio "Amor ás Letras".
182	01	03	Casa Comercial "Mira Montes"
183	01		Aguas de Paraiso, Fonte de águas Minerais
184	01		Leonel Finotti, Engenheiro Elétrico Técnico.
185	01		Antônio Fernandes de Oliveira
186	01	03	CTBC Edifício séde.
187	01	03	Casa de Saúde e Maternidade Santa Clara
188	01		Cícero Macedo de Oliveira, farmacêutico
189	01		Naia Mota Cardoso, Elisabeth Lannes Bernardes.
190	01		Regina Elena Pereira
191	01		Eliane Franco, Raquel Andrade e Ângela Maria
192	01		Olinda Maria Perfeito Soares
193	01		Neusa Ferreira Mendonça
194	01		Tereza Cristina de Sales Guimarães
195	01		Omeida Aparecida Monteiro, Rainha do Comércio e Indústria 1954.
196	01		Silvia Oliveira e Zilá Rezende
197	01		A e B - Maria Augusta e Maria Cristina Carvalho; C- Sandra Maria Arantes Côdo; D- Carlos Roberto Borges Silveira E- Luiz Humberto Mendonça Gonzaga F- Carlos Alberto Machado Frutuoso
198	01		Rolande Salvador, Miss Negra de Uberlândia de 1956
199	01		Maria Abadia, Primeira Princesa do Concurso " Miss Negra de Uberlândia" 1956.
200	01		Virgínia V. Magalhães
201	01		Atala de Oliveira e Mercedes Brasileiro Contursi, professoras
202	01		Vera Regina Arantes
203	01		Gilberto e José Francisco Apolinário
204	01		Francisco Pinto, irmão de " Grande Otelo"
205	01		Lutel Finotti, Contador.
206	01	06	Américo Antônio Zardo, Hotel Zardo
207	01		Maria Rosa Segatto
208	01		Maria Santos Finotti
209	01		Caetano Altafin e Sr. Aida Bernardes
210	01		José Rubens Guarato, Elizabete e Rita de Cássia Oliveira, José Eduardo e Regina Helena Felice, Silésia Arantes
211	01		Eleni, do livro de poesias infantis Colibri de Dalbas Júnior
212	01		Anísio Luiz Camilo, Compositor, presidente do Clube Recreativo José do Patrocínio, 1956.
213	01		Regina Mamede
214	01		Maria Stefan e Yolanda Paes, fundadoras e redatoras

			do jornal A Mariposa que circulou em Uberabinha em 1925
215	01		José Teixeira de Santana
216	01		José Zacharias Junqueira
217	01	05	Antônio Martins
218	01		Antônio Basílio
219	01		Aroldo Ferreira dos Santos
220	01		João Pinheiro
221	01		Luiz Ricardo Arnates Esteves
222	01		Reginaldo Merola Gomes
223	01		Jerônimo Plácido da Silva
224	01		Walquíria de Souza, rainha de 1955
225	01	03	Clínica Dr. Velloso, direção de Eduardo Veloso Vianna
226	01		Perciliana Maria de Lacerda e Oliveira
227	01		Escola Pública Distrital de Martinópolis
228	01		Grupo de alunos das Escolas Públicas Rurais do Município de Uberlândia
229	01		Erondina de Oliveira, professora Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão
230	01		Gabriel Santos, professor.
231	01		Aviões no Aeroporto. Vista interior do saguão do Aeroporto de Uberlândia
232	01		Pedro Salazar Moscoso da Veiga Pessoa Dr.
233	01		Terezinha de Oliveira
234	01		Prof. Judi Moreira, Lila Chagas e Otília Soares Freitas
235	01		Yone Mercedes Miranda Vieira
236	01		Animais pastando em praça pública de Uberlândia
237	01		Valderez Mamede
238	01		Isa Helou e seu filho Ricardo, Helou Doca, Alexandre Hebrique, Augusto César e Antônio José, filhos do sr. José Lozi e esposa, José Marinho, filho de Albertina Lozi, Fernando Helou Doca, filho de João Doca e Isa Helou Doca, Heloisa Helena Pacheco, filha de Sebastião Pacheco e Maria Favoretto Pacheco, Maria Elizabeth, filha de Osvaldo Cardoso Vidal e Nair Valim Cardoso Vidal.
239	01		Sebastião Rangel, farmacêutico
240	01		Dalva Nascimento, contadora
241	01		Fazenda Sol Levante de Francisco Alves Pereira, Distrito de Rocinha
242	01		Um trecho do antigo Rego D'agua do povoado de São Pedro, origem de Uberlândia
243	01		Levindo de Souza (PSP), vereador 1955
244	01		João Edson de Melo, vereador 1955
245	01		André Ferreira, vereador 1955
246	01		Neuza Carrejo, rainha do Uberlândia Esporte em 1955.
247	01		Homero Santos, vereador 1955.
248	01		Raul Pereira de Rezende, vereador 1955.
249	01		Nordeau Gonçalves, vereador Tapuirama 1955
250	01		Evaristo dos Santos, Juiz de Paz 1955
251	01	06	Residência do Sr. Nicomedes Alves dos Santos.
252	01		Ester de Abreu, cantora portuquesa e seus guitarristas

			em Uberlândia.
253	01	07	Manoel Rodrigues Serralha, Antônio Póvoa, Antônio Domingues.
254	01		João Alves Garcia, João Agostinho, Manoel de Oliveira
255	01		José Monteiro da Silva
256	01		Bernardo Cupertino
257	01		Orlanda Nascimento, princesa do concurso "Rainha do comércio e da indústria de l954
258	01		Carlos Vilela Marquez, presidente do Aero Clube de Uberlândia em l947
259	01		Nena Vasconcelos, poetisa montealegrense
260	01		Odilon Ferreira , professor, escritor, jornalista e fundador dos jornais Esperança e Triângulo Mineiro
261	01	03	Equipe de futebol C.A. Juventus de Uberlândia,l947
262	01		Paulo Henrique Carrara Arantes aos 09 anos
263	01		Eleuza Lozi,professora
264	01		José Quércia, mecânico
265	01		Residência do Sr.Vitório Siquierolli, chácara metálico Uberlândia
266	01		Ernesto Finotti
267	01		José Codô, diretor da seção Federal do Ministério da Agricultura
268	01	03	Italo Guaratto, esposa e os filhos Rubens e Odilon
269	01		Célia Ramos
270	01		Isa Helou (professora) e o filho Ricardo Helou Doca
271	01		Antônio Maximiano Ferreira Pinto, farmacêutico
272	01		Divina de Oliveira Borges, "Miss conservatório Musical de Uberlândia," l959
273	01		Lourdes Carvalho, diretora do Grupo escolar Bueno Brandão
274	01		Gelva Bernardes, filha de Ivo de Oliveira e Arleth Bernardes
275	01		Frigorífico Caiapó.l954
276	01		Oficina de Móveis Testa S/A
277	01		Joaquim Roberto, professor estadual de l892 a l895
278	01		José Felix Bandeira, professor
279	01		Alunas da Escola Estadual de professora Alvina e Souza
280	01		Maria Etelvina da Conceição Cardoso, professora
281	01		Judi Moreira Torres,diretora do Grupo escola Júlio Bueno Brandão
282	01	03	Corpo docente do grupo Escolar Júlio Bueno Brandão
283	01		Raquel Andrade Fonseca, filha de Geraldo Fonseca e Maria Andrade
284	01		Maria Cristina Cury,filha de Calil Abrão Cury e Izaura B.Abrão
285	01		Paço Municipal de Indianópolis Dina Domingues da contadoria, Agencia de Estatística e Augusto Reis, secretário-tesoureiro da Prefeitura.
286	01		Pintura retratando Felisberto Alves Carrejo, autor: Albertino Morais.
287	01		Margarida de Oliveira, professora, esposa do Professor Honorio Guimarães.

288			Helenita de Castro Oliveira, primeira diretora do Grupo Noturno Municipal, 1935 á 1940.
289	01		Carlos Fonseca, professor.
290	01		Judi Vasconcelos, professora.
291	01		Paineira na Estação da Mogiana
292	01		Grupo de Professoras de Uberlândia á passeio em Poços de Caldas.
293			José Rodrigues Peixoto do Nascimento e Manoel Gomes Martins ex-alunos de Felisberto A. Carrejo.
294	01		Maria Elisa Carrejo, professora. .
295	01		Antônio Tomaz Ferreira de Rezende, vice-prefeito de Uberlândia, 1955
296	01		Pio Pereira, político de Cruzeiro dos Peixotos.
297	01		Iliana Santos, filha de Ary santos; Carlos Alberto, filho de Pedro Arcanjo; Maria Luiza de Novais Melo, filha do Dr. João Edson de Melo. e Elisa de Novais Melo; Mário Terra Filho, filho do Dr. Mário Terra; Antônio José, filho de Clarimundo Campos; Marco Túlio, filho de Antônio Martins; Márcio Antônio R. Cunha, filho de Omar Rodrigues da Cunha.
298	01		Miracema e Miratan, filhos do dr. Manoel Tomaz Teixeira de Souza e Maria Conceição Barbosa.
299	01		Carlos Henrique Arantes Côdo, filho do Dr. José Côdo e Professora Délvia Arantes Côdo.
300	01		Augusto Segatto, a esposa Amélia e filhos.
301	01		Norma Rosa Vaz, capa da revista Uberlândia Ilustrada, agosto de 1961, nº28.
302	01		Alunos da Escola Tenda em exercício de ginástica sueca.
303	01	03	Farmácia Sta. Rita e Farmácia Minas Goyaz.
304	01	02	Farmácia São Judas e Farmácia São Luiz.
305	01		Escritório do Dr. Oliveira Martins.
306	01		Estrada de ferro cortando o centro da cidade, rua Buenos Aires, esbarrancando onde se projetou o pontilhão
307	01		Olímpia Espiridião, Augusto Teodoro de Melo.
308	01	03	Largo do Comércio, Praça Dr. Duarte, campo da Praça. da República, Praça Valadares; Av. Afonso Pena.
309	01		Aniceto Maqueroni Dr.
310	01		Sebastião Alves, Professor e guarda-livros da firma Andraus Gassani e Cia.
311	01		Padre Pio Dantas Barbosa, vigário da freguesia de Uberabinha, 1909.
312			Árvores no sertão onde os 1°s Carrejos entraram: Fazenda Marimbondo
313	01		Francisco de Melo
314	01	05	O Ginásio Mineiro de Uberlândia e seu diretor Profº Osvaldo Vieira Gonçalves. 1941.
315	01	03	Bar e Sorveteria Magalhães de Arnoldo Magalhães.
316	01	03	Mário, Osmar, Maria, José, Dário, Itália, Neurene e Sebastiana, de pé da esquerda para a direita. Elvira, D. Elvira Rósaria de Castro Pafume, Mariano Pafume e

			Marilene, sentados.
317	01	03	Ângelo Testa e Roncarette Testa.
318	01	03	Giácomo Segatto e Rosa Favoretto
319	01	06	Silvio Rugani e Margarida Mantovani e filhos, 1935.
320	01	03	Atílio Valentini; casal Valentini filhos, genros e netos em 1956.
321	01	03	Primo Crosara e Elvira Marega.
322	01	03	Clube Esparta Brasileira, competição de luta romana, 1923.
323	01	03	Uberlândia Esporte clube, 1923
324	01	03	Escola Distrital, 1890. R. Vigário Dantas, Colégio Mineiro, 1909, R. Guarani, Colégio São José. Av. Afonso Pena com Santos Dumont
325	01	03	Colégio Nossa Senhora, Praça Coronel Carneiro, 11.
326	01	03	Casa Póvoa -
327	01	03	João Severiano Rodrigues da Cunha. Presidente e Agente Executivo da Uberabinha, 1912 a 1922
328	01	03	José Camin
329	01	02	Antigo edifício da R. Vigário Dantas onde foram instalados a Intendência em 14 de Março de 1891, Comarca em 25 de Janeiro de 1892 e a Câmara municipal em 7 de Março de 1892
330	01	02	Praça da Independência, 1907, hoje Praça Cel. Carneiro, Uberlândia ilustrada nº 04
331	01	02	Frente do prédio onde funcionou a Livraria e Tipografia Kosmos. Rua Marechal Deodoro
332	01	03	Casa Comercial da Firma Teixeira Costa E Cia de Uberlândia. Fundada em 1884, Praça Dr. Duarte nº 07 à 21, Praça Antônio Carlos, 239
333			Escola Pública Estadual de Uberabinha, 1905
334	01	03	Nascimento e Souza
335	01	03	Gelva Bernardes, Regina Márcia, Maria Cristina, Luzia Crosara, Eliana, Véscia, Maria Regina, Irene, Ângela, Raquel, Levinda Naves da esquerda para a direita.
336	01	03	Ester de Abreu no coreto da Praça da República, 1954
337	01	03	Antônio Crescêncio de Mendonça
338	01		Antônio Bernardes da Costa, corretor de Empresa Imobiliária Tubal Vilela
339	01		Ester de Abreu, cantora portuguesa
340	01		Capela do Arraial de N. Sr. do Carmo, que originou Uberlândia
341	01		Casa onde se instalou a Tipografia da Gazeta de Uberabinha, em 1898; R. Barão de Camargos, esq. com Largo do Rosário.
342	01		Associação Comercial, Industrial e Agro-pecuária de Uberlândia
343	01		João Severiano Rodrigues da Cunha (Joanico)
344	01		Egídio Parisi, Pe. Dirigente da Congregação da Paróquia de Fátima de Uberlândia, 1957.
345	01		Praça da República-1912, 1ª exibição do time Rio Branco e o Operário de Araguari com resultado de 5 a 0; escritório do Dr. Duarte, Juiz de Direito da Comarca de Uberlândia (neste local foi construído o fórum); local onde se edificou a Igreja Matriz de Sta.

			Terezinha e onde foi construído o edifício Li Pereira.
346	01		Jerônimo Arantes, fundador do Colégio "Amor às Letras", 1918 à 1933
347	01		Vistas do centro de Uberlândia, 1953
348	01		Antônio Alves dos Santos, presidente do Conselho da Intendência Municipal de São Pedro de Uberabinha, 1891.
349	01		Av. Vasconcelos Costa, Parque de Exposições, 1958.
350	01		Reservatório de água em construção. Administração Tubal Vilela da Silva, 1953.
351	01	03	Prefeitura Municipal de Uberlândia, Palácio Branco.
352	01	03	Carpintaria Finotti; Destilaria Favardo; Marcenaria e Carpintaria Carvalho; Fábrica de portas Brasil
353	01		Busto de Felisberto Alves Carrejo
354	01		Residência do sr. José Silva Neto. Rua Barão de Camargos,435.
355	01		Norma Vaz, Olga Rugani e Abadia Carneiro no Praia Clube.

2.2. Fotografias

nº de ordem	data	Identificação
001		Vista parcial de Indianópolis
002		Comício do Partido Republicano na Praça da República (Hoje Tubal Vilela)
003		Trecho da Av. Vasconcelos Costa
004		Prédio da Tipografia e livraria Pavan
005		Construção do Reservatório de águas de Uberlândia
006		Vista Parcial do Bairro de Fátima
007		Fábrica de balas "A Princesinha" de Antônio Serralha e Filhos
008		Edifício Avenida-Firma Irmãos Garcia
009		Desfile do Tiro de Guerra em Uberlândia
010		Cine Teatro Uberlândia
011		Armazéns Rezende e Cia. Av. Afonso Pena
012		Prédio da antiga Câmara Municipal de Uberlândia
013		Vista Aérea do Praia Clube
014	1946	Vista Parcial da Cidade
015	1852	Trecho da Rua Tupinambás antiga Rua Sertãozinho
016		Praça Rui Barbosa
017		Vista Parcial da Cidade. Bairro operário
018		Trecho da Av. Afonso pena
019		`Praça da República, Hoje Tubal Vilela
020		Edifício Avenida. Firma Irmãos Garcia (em construção)
021		Móveis Ipiranga
022		Charqueada Triângulo de Uberlândia. (Curral de Espera)
023		Grupo de pessoas em frente ao estacionamento comercial e residência de Vigilato Bonifasto Medeiros. Rocinha.
024		Trecho da Av. Vasconcelos Costa
025		Posto das Indústrias Oliveira
026		Posto Brasil central de Margonari Lopes e Cia
027		Praça da República, Hoje Tubal Vilela
028		Ginásio Mineiro de Uberabinha. Atual Escola Estadual de 1º e 2º graus de Uberlândia

029		Praça da matriz, Hoje Cícero Macedo
030		Desfile do Tiro de guerra em Uberlândia
031		Praça da República, Hoje Tubal Vilela
032		Trecho da Av. Afonso Pena
033		Trecho da Av. Afonso Pena vendo-se a Praça Antônio Carlos. Hoje Clarimundo Carneiro
034		Partida de Futebol no Estádio Juca Ribeiro.
035		Posto Energina, de Margonari e Cia
036		Trecho da Av. Afonso Pena
037		Posto de serviço Garcia
038		Trecho da Av. Afonso Pena. vendo-se o estacionamento de automóveis na Praça Tubal Vilela
039	1946	Praça da República, Hoje Tubal Vilela
040		Caminhões em passeata promovida pela associação de veículos
041		Vista parcial da cidade onde se vê a Vila Martins
042		Praça da República . Hoje Tubal Vilela
043		Praça Coronel Carneiro.
044	1918	Carros de praça de Uberabinha. Primeiro posto de estacionamento.
045		Hotel Colombo
046		Armazém e máquina de beneficiar arroz da firma Afonso Savastano.
047		Catedral Santa Terezinha
048		Partida de futebol entre os times Rio Branco e Operário no local onde hoje á a Pça. Tubal Vilela
049		Casa Comercial e residência do Sr. Antônio Silvério da Silva. Rocinha
050		Veículo usado para carregamento de matéria prima da cerâmica Martinésia.
051	1941	Alunos e professores da Escola Municipal do Pombo
052		Alunos e professores da Escola Municipal Jerônimo Arantes.
053		Alunos da Escola Municipal de Alagoas Fazenda do Sr. Rivalino
054		Alunos e professores da Escola Municipal de Salina de Segismundo Pereira
055		Escola Municipal Rural de Marimbondo
056		Alunos e Professores da Escola Municipal Felisberto Carrijo
057		Alunos e professores da Escola Pública Estadual de Indianópolis
058		Alunos e professores da Escola Pública Estadual de Indianópolis
059		Escola Municipal Rural de Marimbondo
060		Armazéns da Firma Pesce e Savastano
061		Hospital e Maternidade Santa catarina
062		Perspectiva da fachada do Banco do Brasil à Rua Bernardo Guimarães
063		Largo do Comércio, Praça Dr. Duarte.
064		Praça Oswaldo Cruz
065	1953	Desfile Cívico . Dia da Independência
066		Farmácia e Residência do Farmacêutico Sr. Sebastião Rangel. Rocinha
067		Destilaria Atlântica, dos Irmãos Fernandes e Cia.
068		Marmoraria mineira de Rafael Anastácio
069		Trecho da Av. Afonso pena
070		Largo do Comércio. Praça Dr. Duarte.
071		Trecho da Av. Afonso pena
072		|Rádio Difusora- Prc 6.
073		Residência do Sr. Adelino Ferreira.
074		Trecho da Av. João Pinheiro
075		Trecho da Av. João Pinheiro
076		Trecho da Av. Afonso Pena
077	1939	Stand da Alfaiataria Finotti no recinto do pavilhão Goiaz da exposição feira Agro-Pecuária de Uberlândia
078		Marmoraria Uberlândia
079	1939	Edifício da Associação dos Chauffeurs, mecânicos e classes conexas de Uberlândia

080		Trecho da Av. Floriano Peixoto
081		Carros estacionados
082		Manoel Lacerda- Juiz substituto da Comarca de Uberlândia por 10 anos e promotor público por 6 anos
083		Francisco Emílio de Araújo- mais antigo tabelião de Uberlândia
084		Nelson Cupertino, diretor e professor
085		Alunos e professores da Escola do Distrito de Martinópolis
086		Rielli, Raul Torres, Serrinha e Valdo (esquerda para direita) Artistas do rádio quando estiveram na cidade a convite da emissora PRC 6
087		José Rosa - Speaker da PRC 6 da Rádio Difusora de Uberlândia
088	1940	Francisco Zumpano, operário do Departamento de Obras Públicas da Prefeitura Municipal de Uberlândia
089	1947-1950	Geraldo Ferreira de Oliveira- Juiz da Comarca de Uberlândia
090	1956	Maria Abadia. Princesa no concurso “Miss negra de Uberlândia”
091	1955	Walter Testa. Político de Uberlândia
092		Orlando Silva,”O Cantor das multidões” quando de sua vinda a Uberlândia
093		Milton Porto. Professor e Diretor da Academia do Comércio de Uberlândia
094		Mário porto, Fundador e Patrono da Academia do Comércio de Uberlândia
095		Sebastião Rangel. Farmacêutico da Rocinha
096		Jerônima Carvalho, Professora e Funcionária da Secretaria da Saúde Pública de Belo Horizonte
097		Cesário Crosara
098		Francisco Itagiba, jornalista, poeta e advogado. Fundou com Pedro de Carvalho o Jornal” A semana” em 1906
099	1953	Sal Tropeiro Futebol Clube no Estádio Nicolau Feres. Entrega de flâmula à equipe Infanto-juvenil
100		Leonel Finotti- Engenheiro eletro-técnico. Filho de Luiz Finotti
101		Job Ferreiro Pinto. Farmacêutico
102		Antônio Pacheco dos Santos, membro do Conselho de Intendência de Uberabinha
103		Pedro Machado Rodrigues da Silveira. Membro do conselho de Intendência de Uberabinha
104	1960	Cília Santos . Miss Uberlândia
105		João Gonzaga da Siqueira- Juiz Municipal da Comarca de Uberlândia
106	1956	Regina Mamede. Professora Municipal da escola Rural do Brejão
107		Time do Uberlândia Tênis Clube. Da esquerda para a direita Lourdes Eunice, Zuzu, Dalva, Norma e Alaine
108		Albertino Morais, escultor em Uberlândia
109		Ido Fonotti
110		Padre Pio Dantas. Membro do Conselho de Intendência de Uberabinha
111		Nelson porto, Professor da Academia do Comércio de Uberlândia.
112		Carlos Galhardo, astro da Rádio Nacional
113		José Inácio de Souza, Professor, fundador e diretor do Instituto Brasil Central.
114		João Romualdo de Oliveira. Cirurgião Dentista, eleito pela legenda da UDN. 1º Juiz de Paz de 1947 a 1951 e Inspetor Escolar Distrital de Tapuirama
115		José Rodrigues Justino. Cruzeiro dos Peixotos
116	1936	José Tomáz de Rezende. Chefe do Partido Progressista e Presidente da Câmara
117		Time de Futebol Juventos. De pé da esquerda para a direita - Procópio, Eurípedes, Olavo, Mirim, Pimbal e Baiano, Agachado, Vargas, Otocelonio, Orlando, Carim, Luiz Monteiro
118		Edifício da Sociedade Média de Uberlândia
119		Desfile das “Bonecas Vivas”. Cine Monte Alegre
120		Maria Rosa Segatto, filha de Augusto Segatto
121		Joaquim Roberto, professor público estadual
122		Geraldo Mota Batista. Prefeito Municipal de 1959 a 1962

123		Francisco Seágulo e família
124		Darcy Macedo Costa, filha de Ataliba Macedo
125	1942	Joaquim Carlos da Fonseca, diretor da cadeia Pública Municipal de Moreno
126		Vasco Gifone. Prefeito Municipal de 1934 a 1941
127		José Alves de Amorim Brito. 1º Juiz Municipal do Termo Juduciário instalado em 1891. Político do partido Conservador
128		Jerônimo |Martins de Oliveira França. 1º Promotor Público de Uberlândia
129		Oswaldo Naghettini, fotografo
130		Desfile escolar
131		Desfile escolar
132		Desfile escolar
133		Desfile escolar
134		Desfile escolar Dia da Independência
135	1909	Alunos e Professores da Escola Estadual, direção do Professor Honório Guimarães
136		Desfile Escolar. Dia da independência- Alunos do Externato Nossa Senhora Aparecida
137		Trecho da Av. Floriano Peixoto
138		Caixa D'água. Bairro Operário
139		Banco do Comércio e Indústria de Minas Gerais. Praça Antônio Carlos, hoje Praça Clarimundo Carneiro
140		Banco Francês e Italiano. Av. Afonso Pena nº 597
141		Uberlândia Hotel, em frente à Estação da Mogiana
142		Drogaria Central
143		Café Gatão de Alvim e Costa Ltda.
144	1923	Neca, aluno do Professor Jerônimo Arantes- Santa Rita
145	1889	Joaquim da Fonseca e Silva
146		Norma Bárbara de Oliveira, aluna do Grupo Escolar N. Sra do Carmo
147		Igreja de Monte Alegre
148		Abel Lara, poeta, autor de Alma Atormentada
149		Oneide Tacon, auxiliar do Departamento Fotográfico da Revista Uberlândia Ilustrada
150		Odorico Antônio de Faria. Fazendeiro e políptico de Martinésia
151	1955	André Ferreira. Vereador pela UDN
152		Professor José Felix Bandeira. Colégio Bandeirantes
153		Lamartine Moreira, Jornalista e fundador dos jornais "Cidade de Uberabinha" em 1900 e "Voz de Uberabinha" em 1912
154		José Caparelli, comerciante de Uberlândia
155		Arnaldo Orlando Teixeira de Moura, Juiz da Comarca de Uberlândia de 1928 a1939
156		Gaiolas destinadas ao depósito de aves no Mercado Municipal
157		Chácara onde residiu Augusto César
158		Pessoas trabalhando na abanadeira de arroz
159		Trabalhadores na Fazenda da Tenda
160		Grupo de pessoas em frente à Fazenda da Tenda em Moreno. Propriedade dp Sr. José Pereira Carrejo
161		Alunos do Instituto Brasil Central em visita à cidade de Araguari
162		Ponte sobre o Rio Uberabinha. Trânsito para o posto do Urú
163		Aração da Terra na Lavoura do Pontal
164		Auto ônibus que circulava entre Uberlândia e outras localidades
165		Fazenda de José Rodrigues Peixoto
166		Praia Clube
167		Fazenda Sol Levante, de Francisco Alves Pereira-Rocinha
168		Estabelecimento comercial de Moruta Abalém Rocinha
169		Fazenda do Pombo
170		Fazenda do Pombo

171		Fazenda de Antônio Carrejo
172		Ponte sobre o Rio Uberabinha
173		Fazenda de Abílio Peixoto Barbosa
174		Fazenda de Cândido Hilário Rodrigues
175		Fazenda de Olímpio Fernandes Rabelo
176		Fazenda Boa de Claudemiro Rocha
177		Fazenda Veadinho dos antigos Pereiras
178		Ruínas dos currais da Fazenda Sra da Conceição de Luiz Alves Carrejo
179		Descendentes de escravos de Felisberto Alves Carrejo trabalhando na tecelagem da Fazenda da Tenda
180		Pasto da Santa
181		Bovino da Fazenda de Nicomedes Alves dos Santos
182		Ponte sobre o Rio Panga .Distrito de Miraporanga
183		Fazenda de Levindo Pereira
184		Trecho rodovia Uberlândia- Paranaiba via Martinópolis (Martinésia)
185		Trecho rodovia Uberlândia-Paranaiba via Martinópolis (Martinésia)
186		Fazenda Sra da Conceição , Sede da Sesmaria de Luiz Alves Carrejo
187		Colheita de arroz . Zona agrícola da Mata dos Dias . Distrito de Martinópolis (Martinésia)
188	1939	Alunos e professores da Escola Municipal Rural Marimbondo
189		Ponte sobre Rio Tijuco ligando Uberlândia a Uberaba
190		Colheita de arroz
191		Alunos da Escola Cel. Antônio Alves .dirigida pelo professor Claudemiro Terra
192		Edgar Inácio de Souza, Representante do Distrito de Miraporanga
193		Ortizio Borges . Proprietário da Fazenda Rio das Pedras e chefe do Partido PSD do Distrito de Martinésia
194		Evaristo dos Santos, fazendeiro, político, Juiz de Paz de Tapuirama em 1954.
195		Alunos da Escola Municipal de Caetanos.
196		Manoel Gomes Martins. Ex aluno de Felisberto Alves Carrejo
197		Jerônimo Arantes, Laurita Pacheco, Delicia Arantes e Sebastiana Pafume - Banca examinadora oficial da Prefeitura.
198		Alunos da Escola de Burití- apresentação do Teatro Infantil" Cigarrinhas"
199	1942	Alunos e professores da Escola Municipal Rural Usina Ribeiro
200		Ronan Mendonça. Presidente do Partido de Representação Popular, vereador e industrial em Uberlândia
201		Alunos e professores da Escola Poçã
202		Exposição de trabalhos da Escola Municipal Rural de Paranan
203		José Naves, industrial, membro do Partido de Representação Popular
204		Raul Pereira de Rezende. Vereador em 1955 ex-prefeito de Uberlândia
205		Carlos Vilela Marquez. Presidente do Aeroclube de Uberlândia
206		Joaquim Roberto. Professor Público Estadual
207		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Conceição
208		Nordal Gonçalves, comerciante, político, eleito vereador em 1954 pela UDN
209		Agenor da Silveira Pereira, político do Partido Civilista depois PRN (Coió)
210		José Teófilo Carneiro, comerciante e político
211		Antônio Crescêncio de Mendonça, político, proprietário da Fazenda Sobradinho
212		Tobias Inácio de Souza, membro das Comissões do Conselho de Intendência de Uberabinha
213		José Ramos, pintor em Uberlândia
214		Sebastião Rangel, farmacêutico, vereador pelo Distrito de Tapuirama de 1947-1950
215		Cel. Claudeniro Borges de Rezende- Rocinha
216		Colombo Vilela dos Reis, construtor e proprietário do Hotel Colombo
217		José Félix Bandeira, fundador do Colégio Bandeira
218		José Luiz de Oliveira, Comerciante, agenciador e político. Membro do Partido Trabalhista Brasileiro

219		Alberto Inácio de Souza. Fazenda Água Limpa no Distrito de Miraporanga
220		Domingos Alvares, industrial e político proprietário da Fábrica Laticínio Floresta e das Indústrias Álvares em Cruzeiro dos Peixotos
221		Primeiro Ford Bigode a percorrer as ruas de Uberlândia
222		Otávio Veiga, prefeito de Nova Ponte
223		José Nordeau de Almeida Pinto. Promotor Público da Comarca e redator-chefe do Jornal Gazeta de Uberabinha
224		José Teixeira de Santana, farmacêutico
225		Francisco de melo, farmacêutico
226		Antônio Alves dos Santos, presidente do Conselho de Intendência de Uberabinha em 1891
227		Tomaz Ferreira de Rezende, Político do Partido Social Democrático
228		Cel Virgílio Rodrigues da Cunha, capitalista e político do Partido Republicano
229		José Batista Gomes, proprietário da fazenda Conceição em Martinésia
230		Aleides Borges, comerciante e político do Partido Social Democrático de Uberlândia
231		João de Souza, fazendeiro, industrial e político de cruzeiro dos Peixotos
232		Emerenciano C. da Silva "Capitãozinho", fazendeiro e político. Empenhou-se para a criação do Distrito de Martinésia.
233		Joaquim Pereira da Siqueira, fazendeiro e agricultor do Distrito de Cruzeiro dos Peixotos
234		Pio Pereira, fazendeiro político e presidente do sub-diretório do PSD em Cruzeiro dos Peixotos
235		Antônio Basílio Nunes, agricultor e chefe do diretório do Partido Social Democrático em Martinésia
236		Alunos do Instituto Brasil Central em visita à cidade de Araguari
237	1955	Adib Nahas, embaixador da República Libanesa no Brasil e Abrão Abalém, presidente do Clube Monte Líbano, no aeroporto de Uberlândia
238		Capela de N. Sra da Abadia no povoado de Rocinha
239		Aristides Fernandes de Nora. Comerciante e agricultor da fazenda Tenda
240		Igreja Santa Rita. Indianópolis
241		Igreja de Santana. Indianópolis
242	1955	Solenidade de abertura do 7º Congresso Médico do Triângulo Mineiro e Brasil Central em Uberlândia
243		Aparelho de Ultra-Som do Instituto de Radioterapia do Dr. Virgílio Mineiro e Dr. Moisés de Freitas
244		Luiz Finotti, proprietário da Alfaiataria Finotti
245		Cerâmica Martinésia, de Chaves e Marquez – Martinésia.
246		Trecho da Rua 22. Ituiutaba
247		Alunos, professora e o diretor Antônio Zeferino da Escola Caetanos
248		Alunos e Professores da Escola Municipal Rural Marimbondo
249		João Edison de Melo, Advogado, Literato e Político sendo vereador pelo PSP e presidente da Câmmara Municipal de Uberlândia
250		Alunos e professores da Escola Pública Municipal Dr. Vasco Gifone
251		Alunos da Escola Municipal Rural Pontal
252		Alunos e professores da Escola Municipal Rural Pontal- Colônia Pacaú
253		Professoras Olga Odette Silva e Helenita de Castro com alunos
254		Exposição de trabalhos dos alunos da Escola de Cruzeiro dos Peixotos
255		Alunos e o Diretor professor. José Lúcio da Cunha da Escola Pública Municipal de Lageado
256		Alunos da Escola do Rio das pedras
257		Alunos e professores da Escola Pública Municipal de Lageado-Rio das Pedras
258		Alunos e professores da Escola do Rio das pedras
259		Alunos e o professor Sebastião Branquinho de Andrade da Escola Municipal de Machados
260		Jaboticabal de Machados
261		Alunos e professores da Escola Rural de Água Limpa

262		Alunas da Escola José Gonçalves em Burity
263		Alunos e a Professora Carlota França da Escola Pública de Mateiro
264		Trem-de-ferro em frente a Escola Zézinho Santos na Fazenda Sobradinho
265		Alunos e professores da Escola Rural de Bebedouro
266		Alunos e a professora Diva de Paula da Escola de Caetanos
267		Alunos e professores da Escola Rural de Butiti
268		Alunos e professores da Escola Rural de Macumbé
269		Alunos e professores da Escola Municipal Rural Usiana Ribeiro
270		Alunos e professores da Escola Rural de Cruzeiro dos Peixotos
271		Alunos e professores da Escola Rural de Martinésia
272		Automóvel que percorreu a Zona da Mata
273		Alunos e Professores da Escola Rural Quilombo
274		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Moreno
275		Alunos e professores da Escola Municipal Rural Lagoa
276		Alunos e professora Emiliana da Pádua da Escola Pública Municipal do Bairro Palmitos (Fazenda Panta)
277		Asilo São Vicente de Paula
278		Lázaro Chaves- Secretário do Partido Trabalhista Brasileiro em Uberlândia
279		Augusto Teodoro de melo, pastor da Igreja Batista de Araguari e sua esposa Olímpia Esperidião
280		Maria Abadia, 1ª princesa do concurso Miss Negra de Uberlândia
281		Miticê Miasahi
282		Vera Lúcia Gomes – aluna do grupo escolar
283		Professora Maria Etelvina da Conceição Cardoso (D. Pitú)
284		Edison Andrade – aluno do grupo escolar
285	1941	Professora Mercedes Brasileiro Contursi do Grupo Escolar Bueno Brandão
286		Albertina da Silva, afilhada de professor Jerônimo Arantes
287		Oswaldo Vierira Gonçalves, diretor do Ginásio Mineiro de Uberabinha
288		Padre pio e José Lelis França (Zeca Major)
289	1941	Átala de Oliveira. Prfª do Grupo Escolar Bueno Brandão
290		Aniceto Macheroni
291		Da direita para a esquerda: João Basílio de Carvalho, professor fundador do jornal "Cidade de Uberabinha" em 1900. Licionou no Colégio mineiro e Externato Carvalho
292		Valdinez do Nascimento, aluno do grupo escolar
293		Antônio Ricardo Daniel filho de Jeová e Rute Guarato
294		Profª Almerinda Malta Camilo
295		Projeto do Monumento de Felisberto Alves Carrejo (fundador de Uberlândia)
296		Professor Jerônimo Arantes
297		João Lázaro Felix
298		Alunos da Escola Pública Municipal Cel. Antônio Alves
299	1942	Honório
300		Alunos e professores da Escola Rural de Sobradinho
301		Fazenda São Francisco. É a mais antiga do município sendo construída por João Pereira da Rocha
302		Alunos e professores da Escopla Pública Municipal Nestor Rezende. No primeiro plano Sr. Manoel Gomes ex-aluno do professor Felisberto Carrejo
303		Alunos e prof. Antônio Zizi Goulart da Escola Pública Municipal Dr. Vasco Gifone
304		Alunos da Escola municipal Rural José Gonçalves, dirigida pelo profº Antônio Martins e sua auxiliar Cândida Nascimento
305		Alunos e profª Florinda Vaz Vieira da Escola Municipal Levindo Santos. Sobradinho
306		Alunos e professores da Escola Pública Municipal Nestor Rezende.
307	1956	Alunos e Profª Irene Rastrela da Escola Municipal Rural de Divisa
308	1942	Alunos e professores da Escola Rural de Cruzeiro dos Peixotos

309	1953	Alunos e professores da Escola Municipal Rural Usina Ribeiro
310	1953	Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Paraíso
311	1953	Alunos e professores da Escola Rural de Poção
312	1953	Alunos e professores da Escola Municipal Rural Olhos D'Água
313	1953	Alunos e professores da Escola Municipal Rural Lagoa
314	1954	Alunos e professores a Escola Municipal Rural de Aprazível
315	1939	Alunos da Escola Municipal Rural de salinas
316	1953	Alunos e professores da Escola Municipal Rural da Tenda
317		Recepção ao Sr. Prefeito Municipal Dr. Vasco Gifone pelos alunos da Escola de Cruzeiro dos Peixotos
318	1954	Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Perdizes
319	1954	Alunos e professores da Escola Municipal Rurla de Marimbondo
320	1942	Alunos e professor da Escola Muncipal Rural de Moreno
321		Alunos da Escola Rural de Sobradinho
322	1941	Alunos da Escola Municipal Rural Paranan (Teatro Infantil)
323		Alunos e professores da Escola Municipal da Colônia de Pacaú (Distrito de Martinópolis Hoje Martinésia)
324	1953	Alunos e professores da Escola Municipal de Floresta (Toninho Rezende)
325	1953	Alunos e professores da Escola Municipal Rural Marimbondo
326	1953	Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Bebedouro
327	1953	Alunos e professores da Escola Municipal Rural Monjolinho
328	1953	Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Dourados
329	1953	Alunos e professores da Escola Municipal da Fazenda do Salto
330		José Garcia, Célida Silva e sua filha Josélia (professores da Escola Municipal de Terra Branca)
331		Frei Egidio Parisi (Paroquia de Fátima)
332		Frederico - "O pretinho da vila"
333	1953	Ester de Abreu e seu conjunto em apresentação a Uberlândia
334		Lutel Finotti (contador)
335		Augusto Segatto, Amália Rizza e filhos
336		Ester de Abreu em apresentação no coreto da Praça Antônio Carlos (hoje Clarimundo Carneiro)
337		Camilo Nader, presidente do Aero-Clube do Brasil presidindo a sessão solene de instalação do Congresso Regional de Aviação Civil
338		Antônio Tofani (Totó) jornaleiro
339		Ruínas da antiga Tenda
340	1955	Márcia Macedo, princesa do concurso "Rainha do Praia Clube"
341		Afrânio Rodrigues da Cunha - Prefeito Municipal de 1955 a 1959
342		Clarice de Almeida
343		Geraldo Arantes, poeta. Monte Alegre
344		Elizabeth Machado de Bento, princesa do concurso "Rainha do Praia Clube"
345		Vista parcial da cidade de Lambari
346		Maria Simam, professora
347		Prospecto para construção da estátua do fundador de Centralina Nicolau Antonio
348		Francisco Belório, serralheiro e mecânico
349		José Zacharias Junqueira, fazendeiro e pecuarista. Ex-presidente do Diretório da União Democrática Nacional
350		Ildefonso Dutra Alvim, advogado membro do Diretório Estadual do Partido Republicano
351		Maria Stefani, fundadora e redatora do Jornal "A Mariposa"
352		Paineira da Estação da Mogiana
353		Giácomo Segatto e Rosa Favoretto
354		Lavradores na capina

355		Alunos e professores da Escola Rural de Paca
356	1954	Alunos e professores da Escola Rural de Macaúba
357		Fazenda Sol Levante de Francisco Alves Pereira
358	1941	Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Salina
359		Alunos e professora da Escola Municipal Rural de Salina
360		Alunos e professores da Escola Municipal Rural do Pombo
361	1955	Alunos e professora da Escola Municipal Rural de Bons Olhos. Prof. Dionice Fernandes
362	1948	Alunos e professora da Escola Municipal Rural de Bons Olhos. Profª Dolores Santana
363		Alunos e professores do Externato Santa Luzia. Fundado em 04/01/32
364	1953	Alunos e professores da Fazenda dos Bambus
365		Alunos e professores da Escola do Buriti
366		Alunos e professores da Escola do Buriti
367		Alunos e professores da Escola do Buriti
368	1954	Alunos e professores da Escola Municipal Rural Lagoa
369		Alunos e professores da Escola Rural Cruz Branca
370		Alunos e professores da Escola Rural da Rocinha
371		Alunos e professores da Escola Municipal Floresta
372		Alunos e professores da Colonia José Camim
373	1954	Alunos e professores da Escola Municipal de Quilombo
374		Alunos e professores da Escola Municipal de Quilombo
375		Alunos e professores da Escola Municipal de Dourados
376		Alunos do Grupo Escolar Bueno Brandão, diplomados em 1935
377	1954	Alunos e professores da Escola Municipal de Galheiros
378	1949	Alunos e professores da Escola Rural de Pequi
379	1955	Alunos e profª Vitória Eugênia da Escola Prof. João Basílio
380	1954	Alunos da Escola Munciipal Rural de Capoeirinha
381		Alunos e professores da Escola Municipal Rural Moreno
382	1942	Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Aprazível
383	1953	Alunos e professores da Escola Municipal Rural dos Morenos
384	1953	Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Macaúba
385	1953	Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Macaúba
386		Alunos e professores da Escola Municipal de Xapetuba
387		Darcy Araújo, aluna do Grupo Escolar N. Sra. do Carmo
388		Ione Barúcha, aluna do Grupo Escolar N. Sra. do Carmo
389		Maria Terezinha de Jesus
390		Solon ribeiro, aluno do Grupo Escolar N. Sra. do Carmo
391		Luiz Antônio Rosa, aluno do Grupo Escolar N. Sra. do Carmo
392		Ismael Justino Mamede, aluno do Grupo Escolar N. Sra. do Carmo
393		Joaquim Marciano Simão, aluno do Grupo Escolar N. Sra. do Carmo
394		Milton Matirizi
395		João Lemes de Aquino,. aluno do Grupo Escolar N. Sra. do Carmo
396	1925	Yolanda Paes, fundadora e redatora do Jornal “A Mariposa”
397		Gleides Mendes, aluna do Grupo Escolar N. Sra. do Carmo
398		Elite Faustina da Silva, aluna do Grupo Escolar N. Sra. do Carmo
399		Paulo Evangelista de Oliveira Neto, aluno do Grupo Escola N. Sra. do Carmo
400		Walter Rodrigues Dias, aluno do Grupo Escolar N. Sra. do Carmo
401		Wilibaldo de Rezende Leocádio, aluno do Grupo Escolar N. Sra. do Carmo
402		Luís Carlos, aluno do Grupo Escolar N. Sra. do Carmo
403		Joana Alexandra de Paiva, aluna do Grupo Escolar N. Sra. do Carmo
404	1954	Alunos e professor da Escola Rural de Cachoeira
405		Alunos e professor da Escola Rural Fazenda Toninho Rezende
406		Alunos e professora da Escola Rural Fazenda Toninho Rezende
407		Alunos e professores da Escola Rural de Paraíso

408		Alunos e professores da Escola Rural de Paraíso
409		Alunos e professores da Escola Rural de Paraíso
410	1941	Alunos e professores da Escola Rural de Paraíso
411	1954	Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Paraíso
412	1941	Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Paraíso
413		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Paraíso
414	1942	Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Paraíso
415		Ponte sobre o Rio Tijuco ligando Uberlândia à Uberaba
416		Alunos da Escola Municipal de Buriti
417		Fazenda São José
418		Fazenda Rio das Pedras. Proprietário Elpisio de Paiva
419		Fazenda Veadinho. Proprietário João Rosa
420		Árvore secular na Fazenda Marimbondo
421		Cachoeira no Ribeirão da Rocinha. Fazenda Olímpio Fernandes
422		Automóvel V-8, 1922. Carro de Praça. Proprietário José Dias
423		Alunos e professor Anaximandro de Assis da Escola Pública Municipal de Boa Vista
424		Alunos e professores da Escola Municipal Fazenda Mateiro
425		Alunos e profª Adelina de Almeida da Escola Municipal. Nestor Rezende. Fazenda Marimbondo
426		Alunos e professores da Escola Pública Municipal Santa Tereza
427		Alunos e profª Adelina Pereira de Almeida da Escola Municipal Nestor Rezende. Fazenda Marimbondo
428		Alunos da Escola Municipal Rural de Paraíso - Prof. Claudemiro Terra
429		Alunos da Escola Municipal Rural de Paraíso
430		Alunos e professores da Escola Rural de Rocinha
431		Alunos e professores da Escola Rural de Rocinha
432		Alunos e professores da Escola Rural de Rocinha
433		Alunos e professores da Escola Rural de Rocinha
434		Alunos da Escola Rural de Rocinha
435		Alunos e professores da Escola Rural de Rocinha
436		Alunos e professores da Escola Rural de Rocinha
437		Alunos e professores da Escola Rural de Rocinha
438		Grupo Escola Dr. Duarte
439	1941	Cecy Cardoso. Diretora do Grupo Escola Dr. Duarte
440	1941	Professores do Grupo Escolar Dr. Duarte
441		Grupo Escolar Dr. Duarte. Biblioteca Infantil
442		Grupo Escolar Dr. Duarte. Horta da Escola
443		Alunos e professores da Escola Distrital de Martinópolis. Nas extremidades as professoras Iolanda Vieria Mota, Maria de Paula Martins e o Sr. Pio Pereira (Juiz de Paz e inspetor escolar do Distrito)
444		Desfile escolar
445		Alunos e prof. Antonio Zeferino de Paula e a auxiliar Ruth de Paula da Escola Municipal Rural de Caetanos
446		Badú, locutor da rádio PRC-6
447	1953	Sal tropeiro Futebol Clube no Estádio Nicolau Feres
448		Aspectos de uma das salas de cirurgias da Casa de Saúde São Luiz. Av. João Pinheiro nº 60
449		Prefeitura Municipal de Nova Ponte
450		Paço Municipal de Indianópolis
451		Alunos da Escola Pública Municipal de Cruzeiro dos Peixotos
452		Alunos da Escola Pública Municipal de Cruzeiro dos Peixotos
453		Cemitério de Indianópolis
454		Alunos e as professoras Auta de Oliveira e Cecília Teles da escola Municipal Rural Paraíso
455		Alunos e professoras Auta de Oliveira e Cecília Teles da Escola Municipal Rural Paraíso

456		Claudemira e Geraldo Alves Barbosa da Fazenda Moreno
457		Alunos da Escola Normal de Uberlândia fundada em 1924 por Antônio Luiz da Silveira
458		Alunos da Escola Pública Municipal José Gonçalves
459		Alunos da Escola Pública Municipal da Fazenda Pontal. Colônia Pacaú
460		Escola Normal de Uberlândia. Rua Barão de Camargos esq. com Praça Dr. Duarte
461		Escola Normal N. Sra. das Lágrimas
462	1894	Caldas, representante do Chefe de Polícia
463		Alunos da Escola Municipal Dr. Duarte
464	1912	Ribeirão de São Pedro, canal ligando à adutora
465	1912	Ribeirão de São Pedro, canal ligando a adutora
466		Alunos e professores do Externato São Vicente
467		Baile de Gala em homenagem ao Dr. Menotti Del Pichia no Uberlândia Clube
468		Banda Juvenil do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão
469		Edson e José Almeida
470		Alunos e professores da Escola Rural de Capim Branco
471		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Salinas
472		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Mata dos Dias
473		Alunos da Escola Municipal Rural Usina Ribeiro
474		Alunos e professores da Escola Municipal Rural Usina Ribeiro
475		Alunos e professores da Escola Municipal Rural Usina Ribeiro
476		Depósito de beneficiamento de arroz de Alexandrino Garcia
477	1959	Alunos e professores Escola Municipal de Boa Vista
478		Alunos e professores da Escola Municipal de Boa Vista
479		Alunos e professores da Escola Municipal de Boa Vista
480		Salvador Melazzo, construtor e benfeitor do bairro Operário
481		Edésio Lacerda
482		Cílano Abalém, comerciante e vereador pelo Distrito de Tapuirama
483		Sede da Cia Mineira de Auto-viação. Av. Floriano Peixoto
484		Sede da Cia Mineira de Auto-Viação. Av. Floriano Peixoto
485		Posto Rodoviário Mobiloi
486		Casa Comercial Vulcanização São Luís
487		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Água limpa
488		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Água Limpa
489		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Água Limpa
490	1953	Conjunto Orquestral do Colégio Liceu de Uberlândia nos estúdios da Rádio Nacional do Rio de Janeiro. No centro Jaime Nunes e ao lado o prof. e apresentador Renato Murce
491		Confeitaria na Hora
492		Casa Comercial “Ao Boticão do Triângulo”
493		Pedro Dionízio da Fazenda Sobradinho, Cruzeiro dos Peixotos
494		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Aprazível
495		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Aprazível
496		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Aprazível
497		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Aprazível
498		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Aprazível
499		Alunos e professores da Escola Municipal Rural Fazenda dos Bambús
500	1939	Alunos e professores da Escola Municipal de Congonhas
501		Alunos e professores da Escola Municipal Rural José Fonseca. Fazenda Velha
502		Alunos e professores da Escola Municipal Rural José Fonseca. Fazenda Velha
503		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Gordura
504		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Gordura
505		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Gordura
506		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Moreno
507		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Moreno

508		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Moreno
509		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Moreno
510		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Moreno
511		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Moreno
512		Alunos e professores da Escola Pública de Machados
513		Alunos da Escola Pública Municipal de Machados
514		Alunos da Escola Pública Municipal de Machados
515		Alunos e professores da Escola Pública Municipal de Machados
516		Alunos e professor da Escola Pública Municipal de Machados
517		Alunos e professor da Escola Pública Municipal de Machados
518		Alunos e professores da Escola Pública Municipal de Machados
519		Alunos e professores da Escola Municipal de Divisa
520		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Divisa
521		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Divisa
522		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Divisa
523		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Divisa
524		Alunos e professores da Escola Pública Municipal de Cruzeiro dos Peixotos
525		Alunos e professores da Escola Pública Municipal de Cruzeiro dos Peixotos
526		Alunos e professora da Escola Pública Municipal de Cruzeiro dos Peixotos
527		Alunos e professora da Escola Pública Municipal de Cruzeiro dos Peixotos
528		Alunos e professores da Escola Pública Municipal de Cruzeiro dos Peixotos
529	1941	Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Cabaças
530		Alunos e professores da Escola Munciipal Rural de Cabaças
531		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Cabaças
532		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Capoeirinha
533		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Capoeirinha
534		Alunos e professora da Escola Municipal Rural de Olhos D'água
535		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Olhos D'Água
536		Alunos da Escola Municipal Rural de Olhos D'Água
537	1954	Alunos e professores da Escola Pública Municipal de Bebedouro
538		Alunos e professores da Escola Pública Municipal de Bebedouro
539		Alunos e professora da Escola Pública Municipal de Bebedouro
540		Alunos e professor da Escola Pública Municipal de Caetanos
541		Alunos e professores da Escola Pública Municipal de Caetanos
542		Alunos e professores da Escola Pública Municipal de Caetanos
543		Alunos da Escola Pública Municipal de Caetanos
544		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Marimbondo
545		Alunos da Escola Municipal Rural de Marimbondo
546		Alunos da Escola Municipal Rural de Marimbondo
547		Alunos e professores da Escola Rural de Marimbondo
548		Alunos e professores da Escola Rural de Marimbondo
549		Alunos e professores da Escola Rural de Marimbondo
550		Alunos da Escola Municipal Rural de Marimbondo
551		Alunos e professoa da Escola Municipal Rural de Marimbondo
552		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Marimbondo
553		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Monjolinho.
554	1950	Banca Examinadora da Prefeitura. Professoras Sebastiana Pafume, Delícia Arantes, Laurita Pacheco e o Chefe do Serviço de Educação Prof. Jeronimo Arantes
555		Alunos e professores da Escola Pública Municipal de Martinésia
556		Alunos e professores da Escola Pública Municipal de Martinésia
557	1953	Alunos e professores da Escola Pública Municipal de Miraporanga
558	1953	Alunos e professores da Escola Pública Municipal de Miraporanga
559		Alunos e professores da Escola Municipal de Macumbé

560		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Macumbé
561		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Macumbé
562		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Mateiro
563		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Mateiro
564		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Mateiro
565		Alunos da Escola Municipal Rural da Tenda
566		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Tenda
567		Alunos e professores da Escola Municipal Rural da Tenda
568		Alunos e professores da Escola Municipal Rural da Tenda
569		Alunos e professores da Escola Municipal Rural da Tenda
570	1954	Alunos e professores da Escola Pública Municipal de Rio das Pedras
571	1941	Alunos e professores da Escola Pública Municipal de Rio das Pedras
572	1942	Alunos e professores da Escola Pública Municipal de Rio das Pedras
573		Alunos e professor da Escola Pública Municipal de Rio das Pedras
574		Alunos e professor da Escola Pública Municipal de Rio das Pedras
575		Alunos e professor da Escola Pública Municipal de Rio das Pedras
576	1941	Alunos e professores da Escola Pública Municipal de Sobradinho
577	1954	Alunos e professores da Escola Pública Municipal de Sobradinho
578		Alunos e professores da Escola Pública Municipal de Sobradinho
579	1954	Alunos e professores da Escola Pública Municipal de Sobradinho
580	1953	Alunos e professores da Escola Pública Municipal de Sobradinho
581		Alunos e professores da Escola Pública Municipal de Santa Maria
582		Alunos e professores da Escola Pública Municipal de Samambaia
583	1941	Alunos e professores da Escola Pública Municipal de Samambaia
584		Alunos e professores da Escola Pública Municipal de Samambaia
585		Alunos e professores da Escola Municipal Rural Fazenda do Salto
586		Alunos e professores da Escola Municipal Rural Fazenda do Salto
587	1941	Alunos e professores da Escola Pública Municipal de Xapetuba
588	1941	Alunos e professores da Escola Pública Municipal de Xapetuba
589		Alunos do Internato de Xapetuba
590		Alunos e professores da Escola Pública Municipal de Xapetuba
591		Alunos e professores da Escola Pública Municipal de Xapetuba
592		Alunos da Escola Municipal Rural Pontal
593		Alunos da Escola Municipal Rural de Pontal
594		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Pontal
595		Alunos da Escola Municipal rural de Pontal
596	1954	Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Paranan
597	1954	Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Paranan
598	1954	Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Paranan
599	1939	Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Paranan
600		Alunos e professores do Patronato de Menores
601	1953	Alunos e professores do Patronato de Menores
602	1950	Alunos e professores do Patronato de Menores
603		Alunos e professora Jovanisa Almeida da Escola Serraria
604		Alunos e professores da Escola Pública Municipal de Paraíso
605	1954	Alunos e professores da Escola Municipal Rural Conceição de Lima
606	1941	Alunos e professores da Escola Pública Municipal de Santa Maria
607		Alunos e professores da Escola Municipal Rural Conceição de Lima
608		Alunos e professores da Escola Municipal Rural Conceição de Lima
609	1943	Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Mata dos Dias. Prof. Anaximandro Borges de Assis
610		Alunos e professores da Escola Municipal Rural da Fazenda dos Dias
611	1953	Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Capim Branco

612		Alunos e professora da Escola Municipal Dr. Vasco Gifone
613	1940	Alunos e professores da Escola Paroquial Eduardo Carlos Pereira
614		Alunos e professores da Escola Municipal Rural Conceição de Lima
615		Alunos e professores da Escola Municipal Rural Conceição de Lima
616		Alunos e professores da Escola Municipal Rural Conceição de Lima
617		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Lagoa
618		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Lagoa
619		Alunos da Escola Rural Mata dos Dias
620	1935	Alunos e professor Odilon Moreira da Escola Rural Mata dos Dias
621		Roberto Rodrigues Teixeira, aluno do Grupo Escolar N. Sra. do Carmo
622		Lormina Soares, aluna do Grupo Escola N. Sra. do Carmo
623		Clarimundo Machado Moraes, aluno do Grupo Escola N. Sra. do Carmo
624		Luci Pereira da Silva, aluna do Grupo Escola N. Sra. do Carmo
625		José Fonseca, aluno do Grupo Escola N. Sra. do Carmo
626		João Wilson Caetano, aluno do Grupo Escolar N. Sra. do Carmo
627		Maria Eleusa de Jesus, aluna do Grupo Escolar N. Sra. do Carmo
628		Norma Martins, aluna do Grupo Escolar N. Sra. do Carmo
629		Aida Ciriani, aluna do Grupo Escolar N. Sra. do Carmo
630	1955	Desfile Escolar. Av. Afonso Pena
631		Alunas da Escola Municipal Rural de Marimbondo. Grupo infantil Cigarrinhas
632		Alunos e professores da Escola Pública Municipal de Cabaças
633		Alunos e professores da Escola Pública Municipal de Paranan
634		Alunos e professores da Escola Pública Municipal Rural Usina dos Martins
635		Alunos e professores da Escola Pública Municipal Rural de Moreno
636		Alunos e professores da Escola Samambaia. Escoteiros e Liga da Bondade
637		Alunos da Escola Municipal Rural de Pontal
638		Alunos da Escola Municipal Rural de Divisa
639		Alunos e professores da Escola Pública Municipal de Caetanos
640	1955	Levindo de Souza. Vereador pelo PSP
641		Desfile das escolas municipais
642		Alunos e professores do Colégio Liceu de Uberlândia
643	1909	Grupo de empregados do Comércio de Uberabinha
644		Caravana eleitoral na Fazenda da Saudade
645		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Marimbondo
646		Alunos e professores da Escola Pública Municipal de Rio das Pedras
647		Alunos e professores da Escola Pública Municipal de Boa Vista
648	1920	Grupo de pessoas junto ao time de futebol “O Comercial”
649	1920	Diretoria do time de futebol “O Comercial”
650	1940	Professores municipais
651	1937	Vasco Gifone, prefeito municipal, em palestra na Câmara Municipal. Sessão Cívica no dia 24/07/1937
652	1971	Geraldo Pereira da Silva recebendo o título de Cidadão Uberlandense do prefeito Virgílio Galassi
653	1957	Posse da 1ª Diretoria da Sociedade Médica de Uberlândia. Presidente Virgílio Mineiro
654	1940	Discurso do Prefeito Vasco Gifone na Câmara Municipal
655	1907	Políticos de São Pedro de Uberabinha: Pio Barbosa, Alexandre Marquez, Honório Marra e Bernardo Vieira. Sentados da direita para a esquerda: Francisco Grama, João Severiano Rodrigues da Cunha, Antonio Pacheco dos Santos e Sidney Machado da Silveira
656		Alunos e professores da Escola Municipal Rural da Tenda
657	1940	Evento onde discursa o Prof. Jerônimo Arantes
658	1936	Excurssão eleitoral do Dr. Vasco Gifone
659		Baile de primavera no Uberlândia Clube
660	1927	Minério de pedras diabase nos terrenos do Almoxarifado da Prefeitura Municipal

661		Alunos e professora da Escola Pública Municipal da Rocinha
662		Alunos e professora da Escola de Sobradinho
663		Alunos e professora da Escola Municipal Rural de Salina e Terra Branca
664	1956	Alunos e professores do Patronato de Menores
665	1922	Alunos e professores do Colégio N. Sra. da Conceição. Diretora Alice Paes
666	1930	Prédio da Radio Brunswick no Rio de Janeiro
667	1927	Mariquinha e Eugênio – Uberaba
668	1922	Custódio e Oscalina – Monte Alegre
669		Alunos e professores da Escola Rural da Fazenda dos Dias
670		Alunos e professores da Escola Rural da Colônia José Camim
671		Alunos e professor da Escola Pública Municipal de Machados
672	1930	Interior da Rádio Brunswick - Rio de Janeiro
673	1923	Participantes da Barraca Paulista
674		Adib Nahas recebendo homenagem no Clube Monte Líbano. Presentes: Afrânio Rodrigues da Cunha (Prefeito Municipal) Abracio Abalém (Presidente do Clube) e outros
675		Alunos e professora do Grupo Noturno Municipal
676		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Sobradinho
677		Prédio do Banco de Crédito Rural
678		Alunas da escola Estadual. No centro, a Profª Alvina de Souza
679		Alunas da Escola Estadual. No centro a Profª Alvina de Souza
680		Alunos e professores da Escola Pública Municipal de Cruzeiro
681		Alunos do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão na saída das aulas
682		Alunos e professores do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão
683		Alunos e professores do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão
684		Profª Deoclides Guimarães
685		Av. Afonso Pena. Obras de asfaltamento
686	1892	Augusto César Ferreira de Souza. 1º Presidente da Câmara Municipal de São Pedro de Uberabinha
687		Posto de estacionamento de carros da Praça da Liberdade, hoje Clarimundo Carneiro
688	1912	Rodovia Intermunicipal, Fernando Vilela de Andrade, Inácio Pinheiro Paes Leme, e sede da Cia Mineira de Auto-viação
689		Pessoas em frente a um prédio em Xapetuba. Rodovia Km 38
690		Caminhões partindo de Uberlândia pela rodovia de auto-viação
691		Serra do Brilhante. Km 64. Trecho da Rodovia Abadia do Bom Sucesso (Tupaciguara)
692		Carros de praçade Uberabinha
694		Desfile de caminhões cargueiros. Praça da Liberdade, hoje Clarimundo Carneiro
694	1918	1º automóvel que percorreu a estrada da Cia rodoviária Sul-Goiânia
695		Anibal Saglia. Construtor do Cine Teatro Uberlândia
696		Professor José Félix Bandeira
697		Antonio Maximiniano Ferreira Pinto. Político do Partido Conservador e fundador da 1ª Banda de Música, “Banda dos Pintos”
698		Padre Pio Dantas Barbosa
699		Glória Terra. Cantora de rádio
700		Cônego Pedro Pezzuti
701	1891	Antonio Alves dos Santos. Presidente do Conselho de Intendência Muncipal de São Pedro de Uberabinha
702		Augusto César Ferreira de Souza
703		Amando Santos, redator do jornal “A Reforma”
704	1923	Competição esportiva da Esparta Brasileira. Campeonato de luta romana entre os atletas Fernando Paes Lemes e Antonio Saraiva
705	1923	Competição esportiva da Esparta Brasileira. Maratona dos 3.500 mts na estrada do Vaú, hoje Av. Vasconcelos Costa
706	1923	Competição Esportiva da Esparta Brasileira

707	1923	Competição Esportiva da Eparta Brasileira. Levantamento de peso pelo espartano Araimitan Paes Leme
708	1923	Competição esportiva da Esparta Brasileira. Demonstração de Levantamento de peso pelo espartano Fernando Monteiro Paes Leme
709	1923	Competição esportiva da Esparta Brasileira
710		Competição esportiva da Esparta Brasileira
711	1891	Professores de Uberabinha
712		Chácara do S. José Cota Pacheco. Rua Caetés, hoje Dom Barreto
713		Primeira habitação do bairro Martins
714		Grande Hotel Central
715	1970	Alunos da Escola Normal de Uberlândia
716	1968	Cadeia Pública de Uberlândia. Rua Tiradentes
717		Chácara do padre João Dantas. Rua Silva Jardim esquina com 15 de Novembro
718	1925	Colégio São José. Rua Felisberto Alves Carrejo esquina com Rua Bernardo Giomarães
719		Hotel do Comércio, Rua Vigário Dantas
720	1932	Estacionamento de automóveis. Praça da República, hoje Tubal Vilela
721	1930	Praça da República, Hoje Tubal Vilela
722	1891	Escola Pública Municipal de Uberabinha
723		Residência de José Lelis França. Rua São Pedro
724		Grande Hotel Central. Praça Dom Pedro II, hoje Praça Adolfo Fonseca
725	1925	Acampamento Militar na Estação da Mogiana
726		Residência do Coronel Arlindo Teixeira. Praça Dr. Duarte
727		Estação da Mogiana
728		Desfile Escolar. Av. Afonso Pena
729		Desfile Escolar. Av. Afonso Pena
730		Missa Campal, Praça dos Bambús, hoje Tubal Vilela
731		Catedral de Santa Terezinha
732		Catedral de Santa Terezinha
733		Catedral de Santa Terezinha
734		Catedral de Santa Terezinha, em construção
735		Igreja da Matriz (1861-1943)
736		Capela primitiva (1846-1853)
737		Uberlândia Clube. R. Santos |Dumont
738		Alunos e professores da Escola Municipal Rural da Tenda
739		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Marimbondo
740		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Morenos e Pindaíbas
741		Residência de Felisberto Alves Carrejo (Escola Tenda)
742		José Rodrigues Peixoto do Nascimento, Ex-aluno de Felisberto Alves Carrejo
743		Manoel Gomes Martins, Ex-aluno de Felisberto Alves Carrijo
744		Noema Rosa Vaz
745	1955	Walkiria de Souza, rainha no concurso primavera em 1955
746		Walkiria de Souza
747	1954	Professora Walderez Mamede
748		Maria Cândida
749		Professora Eleuza Lozzi
750		Aparecida Álvares e Helena Álvares
751		Carlos Henrique, filho de Afonso Savastano e Maria de Lurdes O. Savastano
752		Maria Graciete, filha de Orozimbo Gomes e Otávia Artiaga
753		Luiz Antônio Rocha e Silva, filho de Luiz Rocha e Silva e Lygia Rezende e Rocha
754		Fábio Pereira de Andrade
755		Espetáculo Infantil pelas alunas do Externato Nossa Senhora Aparecida
756		Zulmira Batista Castro
757		Márcio, filho de José de Oliveira Pinto

758		Maria Helena Pepe, filha de José Pepe e Maria de Freitas Pepe
759		Carlos Alberto, filho de caio Frutuosos e Jalmira Machado Frutuoso
760		Ester de Abreu
761		Primo Crosara e senhora
762		Otília Soares de Freitas
763		Zélia de Oliveira
764		Sonia Mendonça
765		Nélida Vieira Monteiro
766		Hamilton Santos
767		Luzia Bueno
768		Newton Santos
769		Profª Erondina de Oliveira do Grupo Escolar Bueno Brandão
770		Profª Marlene Américo de Oliveira da Escola Normal de Uberlândia
771		Terezinha Carneiro Macedo
772		Maria Aparecida Altafim, filha de Caetano Altafim e Aída Bernardes Altafim
773		Mardem e Mauro Carneiro, filhos de João Pavan e Maria José Carneiro Pavan
774		Jarbas e Jairo Bernardes,filhos de Aristides Bernardes de Assis
775		Maria Lúcia Gouveia Porto, filha de Milton Porto e Maria Fausta Gouveia Porto
776		Angela Maria, filha de Ângelo Guizan e Aurila Valentim Guizan
777		Virginia Vidal
778		Vilda Aquino Cabral
779		Nísia Guerra. Diretora e proprietária do Externato N. Sra. Aparecida
780		Heloisa Helena Pacheco, filha de Sebastião Pacheco e Maria Favoreto Pacheco
781		Neusa Carrijo, rainha do Uberlândia Esporte Clube
782		Marcio Antonio Rodrigues da Cunha, filho de Omar Rodrigues da Cunha
784		Residencia de José Antônio de Medeiros, Cruz.
785		Professora e escritora Maria Aparecida Guimarães, de Araguari.
786		Bendito Nazário, chefe de Armazéns da Cia Mogiana.
787	1956	Professora Maria Belchiolina de Melo, da Escola Municipal Rural Boa Vista.
788	1956	Porfessora Aparecida Luiza de Jesus, da Escola Municipal Rural Conceição de Lima
789		Ruth de Freitas
790		Célia Ramos
791		Norma Macedo Costa
792	1956	Aroldo Ferreira dos Santos, contador e chefe dos escritórios da Organização Imobiliária Argemiro Vicente Lopes.
793		Anísio Luiz Camilo, funcionário público municipal e presidente do Clube Recreativo José do Patrocínio.
794		Dalva do Nascimento, contadora da Firma Crosara e Cia.
795		Cilene Freitas
796		Madame Elza (Modista)
797		Professor Gabriel Santos
798		Antonio Bernardes da Costa, corretor da Empresa Imobiliária Tubal Vilela .
799		Manoel Francisco do Nascimento. Fundador da irmandade Nossa Senhora do Rosário
800	1956	Elias Francisco do Nascimento. Presidente da irmandade de N. sra. Rosário.
801		Iris de Souza
802		Dorinha Fonseca
803	1954	Zilá Rezende. Princesa do Concurso “Rainha do Comércio e da Industria”.
804		Dinorá Pacca. Poetiza.
805		Cília Santos. Miss de Uberlândia
806		Eva Reis. Poetiza
807		Nair Augusta
808		Residência na rua do Sertãozinho
809		Projeto do busto de Felisberto Alves Carrejo

810		Construção do emissário de esgoto do Bairro Tabocas
811		Exposição de desenhos e pinturas em Escola Municipal, estando presente o prefeito Afrânio Rodrigues da Cunha
812		Exposição de desenhos e pinturas em Escola Municipal, estando presentes o prefeito Afrânio Rodrigues da Cunha
813		Aeroporto de Uberlândia
814		Inauguração do aeroporto de Uberlândia
815		Inauguração do Aeroporto de Uberlândia
816		Desfile militar . Av. Afonso Pena
817		Desfile militar . Av. Afonso Pena
818	1956	Av. Afonso Pena. Inicio das obras de asfaltamento
819	1956	Av. Afonso Pena. Inicio das obras de asfaltamento
820	1956	Av. Afonso Pena. Inicio das obras de asfaltamento
821	1956	Av. Afonso Pena. Inicio das obras de asfaltamento
822	1956	Av. Afonso Pena. Retirada do 1° Paralelepípedo pelo prefeito municipal Afrânio Rodrigues da Cunha
823		Pavimentação da estrada de acesso ao aeroporto de Uberlândia
824		Pavimentação da estrada de acesso ao aeroporto de Uberlândia
825		Pavimentação da estrada de acesso ao aeroporto de Uberlândia
826		Pavimentação da estrada de acesso ao aeroporto de Uberlândia
827		Trecho da Av. Getúlio Vargas
828		Trecho da rua Tte. Virmondes
829		Trecho da rua Duque de Caxias
830		Trecho da Rua Duque de Caxias, ponte sobre o Ribeirão São Pedro
831		Trecho da rua Duque de Caxias. Obras de calçamento
832		Estrada do aeroporto. Escoamento de águas
833		Construção da galeria pluvial na Av. Afonso Pena
834		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Capim Branco
835		Alunos e professores da Escola Municipal Rural Capim Branco
836		Alunos da Escola Municipal Rural de Rio das Pedras
837		Construção do emissário de esgoto no Bairro Tabocas- 1776m
838		Construção do emissário de esgoto no Bairro Tabocas- 1776m
839		Construção do emissário de esgoto no Bairro Tabocas- 1776m
840		Cora Pavan, filha de Angelino Pavan e Adélia Pavan
841		João César Rossi, filho de João Rossi e Iracema Junqueira
842		Ruth Goulart, Ana Alves, Liza Ferreira, Virginia Nascimento, Elzira Alves, Alcidina de Almeida, Altamir Rangel, Amélia Nascimento e Alcidina Alves
843		Família Pafume
844		Alda Bernardes
845		Família Esterino Finotti
846		Angelo Testa e Sra. Rosa Roscale Testa
847		Maria José, Maria Aparecida e Iolanda Póvoa, filhas de Antônio Póvoa e Lyria Saraiva
848		Ilda Rodrigues. Poetiza
849		Professora Nair Alves
850		Neusa Ferreira Mendonça, filha de João Ferreira e Maria Mendonça Gomes
851	1941	Alayde Braga, diretora do Externato Santa Maria
852		Alunos e professores do Grupo noturno Municipal
853		Professores do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão
854		Miratan, filho do Dr. Manoel Tomaz Teixeira de Souza e Professora Maria Conceição Barbosa de Souza
855		Miracema, filha do Dr. Manoel Tomaz Teixeira de Souza e Professora Maria Conceição Barbosa de Souza,
856		Yara Fonseca, filha do Professor Antônio Fonseca e Maria Macedo Fonseca
857		César Eduardo Assis Barroco

858	1959	Ilma Divina de Oliveira Borges. Miss Conservatório Musical de Uberlândia
859		Luiz Humberto, filho de Teofredo Gonzaga e Selva Mendonça Gonzaga
860		Maria Cristina, filha de Durval Carvalho e Maria Aparecida Carvalho
861		Mário Terra Filho, filho do dr. Mário Terra
862		Maria Augusta, filha de Durval e Maria Aparecida Carvalho
863		Antonio josé, Filho de Clarimundo Campos
864		Carmo Guimarães Gifone, filho de Dr. Vasco Gifone e Maria Aparecida Guimarães Gifoni
865		Marco Túlio, filho de Antonino Martins
866		Iliana Santos, filha de Ary Santos
867		Carlos Alberto, filho de Pedro Arcanjo
868		Maria Luiza de Novaes Melo, filha de João Edson de Melo e Elisa de Novaes Melo.
869		Marly Monteiro, filha de Benjamim Monteiro e Maria Silveira Monteiro
870		Foz do Ribeirão São Pedro. Rio Uberabinha
871		Marco de pedra do Patrimonio de N.S. do Carmo na nascente do corrégo Cajubá.
872		Maria Santos Finotti
873		Zuleika Oliveira Savastano, filha de Afonso Savastano e Maria de Lourdes Oliveira Savastano
874		Sergio, filho de Dimas Machado Ferreira e Aurora Santos.
875	1951	Dóris Macedo Alvim, Rainha da Primavera.
876		Lila Chagas, filha de Jerônimo Chagas
877		Judí Moreira
878		Luis Eugênio, filho de Jose Carlos Côdo e Delvia Arantes Côdo
879		Carmem Silvia e Beatriz S. Oliveira, filhas do Dr. Branly Macedo e Carmita Santos Macedo
880		Cândida Cristina , filha de José Pimenta Bauru
881	1956	Maria Abadia, 1º princesa do Concurso Miss Negra de Uberlândia
882		Professora Irene dos Santos, da Escola Normal de Uberlândia
883		Jerônimo Plácido da Silva
884		Maria Auxiliadora e Vilma Helena, filhas de José Schweter e professora Olga Campos Schweter
885		Luciano Amaral
886		Irene, filha de Benedito Mozart e Barbara Vilaça – Uberaba
887		Naia Mota Cardoso, filha de Rui Soares Cardoso e Aparecida Mota Cardoso
888		Elizabeth Lannes Bernardes, filha do Professor Euler Lannes Bernardes e Edna da Silva Bernardes
889		José Márcio, filho de José Vieira e Terezinha Carvalho
890		Cláudia, filha de Rubens Firmino e Normy Barbosa
891		Nely Raquel, filha de Geraldo Vilela Arantes e Erotildes da Paz
892		Iara Maria, filha de Geraldo Vilela Arantes e Erotildes da Paz
893		Luiza Angelica Torres, filha de Hélio Torres e Professora Judi Moreira Torres
894		Luis Duarte Ulhôa, filho de Luiz Rocha e Profª Benedita Pimentel
895		Paulino Gorodeski, filho de Isac e Fani Gorodeski
896		Judí Moreira Torres, diretora do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão
897		Brenda Chaves, vencedora do concurso “Boneca Viva” em Monte Alegre de Minas
898		Angela Maria, Raquel Andrade e Eliane Franco, filhas de Rubens Pereira, Geraldo Fonseca e Aluísio Franco
899		Raquel Andrade Fonseca, filha de Geraldo Fonseca e Maria Andrade
900		Gelva Bernardes, filha de Ivo de Oliveira e Aleth Bernardes
901		Regina Elena Pereira, filha de Pereira Rezende e Professora Noêmia Ribeiro
902		Maria Cristina Cury, Filha de Calil Abrão e Izaura B. Abrãao
903		Elizabeth e Rita de Cássia, filhas de Jerônima de Oliveira
904		Silésia, filha de José Arantes e Idalina Barcelo
905		José Rubens, filho de Rubens Guarato e Maria de Fátima Gaurato
906	1956	Oneida Monteiro, rainha do comércio
907		Marcelo Marquez, filho de Totó Marquez e Florinda Alves Marquez

908		Sandra Maria, filha de José Côdo e Professora Delvia Arantes Côdo
909	1939	Elzira Alves, miss Indianópolis
910		Diná Domingues, funcionária da prefeitura de Indianópolis
911		Cyro, filho de Cyro Franco e Stela Santa Cecilia
912		Jairo Guedes, filho do dr. Jonas Guedes e Maria da Purificação Guedes
913		Vasco e Ricardo, filhos de Pedro Vieira e Geralda Lozi
914		Atílio Valentin e família
915		Igreja N. Sra. do Rosário
916		Casa em São pedro de Uberabinha
917		Fac-Símile de documentos com nomes dos membros da 1ª Câmara Municipal de Uberabinha, empossada em 07/03/1892
918		Alunos da Escola Municipal Rural de Rio das Pedras
919		Edilamar Helena, filha de Alvaro Caligari e Cléa Gonçalves Caligari
920		Júlio Cesar de Oliveira, filho de Júlio O. Arantes e Saturnina Silva
921		Cristina Maria Pavan Caparelli, filha de Vitório Caparelli e Cora Pavan
922		Alunas do Colégio N. Senhora
923		Sibipiruna da Praça D. Pedro II (Hoje Praça Adolfo Fonseca)
924	1968	Desfile em comemoração ao 80º Aniversário de Uberlândia. Autoridades no palanque oficial
925	1955	Solenidade de entrega de certificados às turmas quartanistas dos grupos escolares municipais, em 15 de novembro, no Cine Teatro Uberlândia
926	1928	Funcionário do Fórum de Uberabinha
927	1923	Domingo esportivo às margens do Rio Uberabinha (Porangahy-Vaú) onde se realizaram diversas provas de atletismo no dia 22 de abril
928		Jacy de Assis, fundador e diretor da Faculdade de Direito de Uberlândia
929	1938	Alunos e professores do Grupo Noturno Municipal Augusto César
930		Paineira da Estação da Mogiana
931		Copiões-Uberlândia Clube - Vista da Cidade, Praia Clube, Av. Afonso Pena, Palacete na R. Goiás, Catedral de Santa Terezinha e prédio da Antiga Câmara Municipal
932		Copiões - Clube Monte Líbano, Av. Afonso Pena, Estação Rodoviária, Praça da República, Colégio Estadual, Praça Antonio Carlos (Clarimundo Carneiro) e Cine Regente
933		Irene de Freitas, José Carneiro, Creusa Rezende e Virgílio Galassi (da esquerda para a direita)
934		Aeroporto de Uberlândia
935		Caixa D'água do Jataí, fase de conclusão
936		Caixa D'água do Jataí, em construção
937		Caixa D'água do Jataí, em construção
938		Caixa D'água do Jataí, em construção
939		Ailton Rezende, aluno do Grupo Escolar N. Sra. do Carmo
940		Antonino Martins da Silva, tabelião do Cartório de Paz e Registro Civil de Uberlândia
941		Alunos e professores da Escola Municipal Rural do Salto
942		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Floresta
943		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Cruzeiro dos Peixotos
944		Aspectos da sala de traumatologia e ortopedia da Clínica do Dr. Fausto Gonzaga de Freitas
945		Aspectos da sala de traumatologia e ortopedia da Clínica do Dr. Fausto Gonzaga de Freitas
946		Aspectos da sala de traumatologia e ortopedia da Clínica do Dr. Fausto Gonzaga de Freitas
947		Colégio Amor às Letras (1919-1933). Praça Rui Barbosa 136
948		Prédio onde funcionou a Escola Pública e o quartel da Vila de São Pedro. Rua Vigário Dantas
949		Discurso do Prefeito Municipal Vasco Gifoni em 24/07/37 no salão nobre da Câmara Municipal
950		Alunos, professores e inspetores da Escola Normal de Uberlândia
951	1955	Solenidade de entrega de certificados às turmas quartanistas dos grupos escolares municipais em 15 de novembro no Cine Teatro Uberlândia

952		Solenidade de entrega de certificados às turmas quartanistas dos grupos escolares municipais em 15 de novembro no Cine Teatro Uberlândia
953		Solenidade de entrega de certificados às turmas quartanistas dos grupos escolares municipais em 15 de novembro no Cine Teatro Uberlândia
954	1955	Solenidade de entrega de certificados às turmas quartanistas dos grupos escolares municipais em 15 de novembro no Cine Teatro Uberlândia
955		Instituto Brasil Central
956		Alunos do Grupo Escolar Dr. Duarte Pimentel de Ulhoa. Diretora Cecy Cardoso
957		Prof. Sebastião Branquinho de Andrade
958		Alunos e professores da Escola Pública de Mateiro
959		Alunos da Escola Noturna Benedito Valadares
960		Alunos da Escola Noturna Benedito Valadares
961		Vigário Herculino. Capela da Rocinha
962		Vigário Herculino. Capela da Rocinha
963		Templo religioso
964		Francisco Pereira dos Santos, neto de João Pereira da Rocha
965		Francisco Pereira dos Santos, neto de João Pereira da Rocha
966		José Antonio de Mederios Cruz. Juiz Substituto da Comarca de Uberabinha, redator do Jornal "A Reforma", em 1897
967	1926	Grupo de pessoas em Martinópolis, hoje Martinésia
968	1929	Rolasimo Borges
969		Alunos da Escola Municipal Rural da Tenda
970		Homens trabalhando. Rua do Bairro Martins
971		Matadouro Municipal
972		Ponte do Vaú. Rio Uberabinha
973		Alunos e professores da Escola Pública Municipal José Gonçalves. Fazenda Buriti
974		Olaria de Poragahy
975		Olaria de Porangahy
976		Paineira da Estação da Mogiana
977		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Santa Maria
978		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Aprazível
979		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Buriti
980		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Paranan
981		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Machados
982		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Monjolinho
983		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Paraíso
984		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Divisa
985		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Aprazível
986		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Olhos D'Água
987		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Marimbondo
988		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de gordura
989		Alunos e professores da Escola Municicpal Rural de Dourados
990		Diplomandos e professores da Academia do Comércio de Uberlândia
991		Alunos e professores do Grupo Noturno Municipal Augusto César. Da esquerda para direita: Anita Vilela, Carmem Pimentel, Alyria Cunha Rezende, Helenita de Castro, Ruth Barbosa e Sebastiana Arantes
0992	1941	Alunos da Escola Rui Barbosa. Diretora Junvenília Ferreira dos Santos
0993		Alunos da Escola Rui Barbosa. Diretora Junvenília Ferreira dos Santos
0994	1907	Alunos e professores do Colégio Bandeira. Diretor José Felix Bandeira
0995	1908	Colégio Mineiro
0996		Colégio São José. Av. Afonso Pena esquina com R. Santos Dumont

0997		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Cruz Branca
0998		Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão. Construído em 1914, sendo este prédio sido demolido em 1963
0999		Detalhe da fachada do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão
1000		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Aprazível
1001		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Aprazível
1002		Alunos e professores da Escola Municipal Rural Usina Ribeiro
1003	1941	Exposição de trabalhos na Escola Municipal Paranan
1004		Cerâmica Martinésia, de Chaves e Marquez no Distrito de Martinésia
1005		Chaminés da Cerâmica Martinésia
1006		Alunos da Escola Pública Municipal da Fazenda Pontal
1007		Caetano Altafim
1008		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Dourados
1009		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Dourados
1010		Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Dourados
1011		Mercado Municipal
1012		Grupo de pessoas sobre uma ponte
1013		Alunos e professores da Escola Municipal de Machado. No centro Antônio Marra da Fonseca, Antônio Martins, Sebastião Branquinho e Profº Jerônimo Arantes
1014		Alunos e professores da Escola Municipal _____
1015		Alunos e professores do Externato N.Sra. Aparecida, Da esquerda para direita Julieta Rezende e Cora Bernardes Ferreira
1016		Alunos de Escola Municipal _____
1017		Professores de Escolas Municipais
1018		Barracão
1019		Homens trabalhando na lavoura
1020		Retrato de um homem na entrada de uma fazenda
1021		Alunos e professores da Escola Municipal
1022		Partida de futebol entre alunos de escolas municipais
1023		Grupo de pessoas
1024		Alunos de escola municipal trabalhando na lavoura
1025		Retrato de uma mulher
1026		Grupo de pessoas
1027		Jardim dos Bambús, hoje Pça Tubal Vilela
1028		Alunos e professores da Escola Municipal _____
1029		Lavoura de abacaxi
1030		Alunos e professores da Escola Municipal _____
1031		Iº Reservatório de água de Uberlândia. Av. Floriano Peixoto
1032		Nestor Rezende
1033		Alunos de Escola Municipal _____

1034		Grupo de pessoas à porta de uma casa
1035		Entrega de certificados a alunos pelo Prof. Jerônimo Arantes
1036		Grupo de professoras municipais
1037		Alunos e professores da Escola Municipal _____
1038		Alunos e professores da Escola Municipal _____
1039		Alunos e professores da Escola Municipal _____
1040		Cléa Gonçalves
1041		Adelina de Almeida
1042		Alunos e professores da Escola Municipal
1043		Alunas de escola municipal (Espetáculo infantil)
1044		Alunos e professores de Escola Municipal
1045		Alunos e professores da Escola Municipal
1046		Alunos e professores de Escola Municipal
1047		Alunas em brincadeira de roda
1048		Alunos e professores de escola municipal
1049		Alunos e professores de Escola Municipal
1050		Alunos e professores da Escola Municipal
1051		Alunos e professores da Escola Municipal
1052		Alunos e professores da Escola Municipal
1053		Alunos e professores da Escola Municipal
1054		Prof Jerônimo Arantes
1055		Alunos e professores de Escola Municipal
1056		Alunos e professores da Escola Municipal
1057		Alunos e profª Doralice Barbosa, da Escola Municipal de Marimbondo
1058		Alunos e profª da Escola Municipal de Xapetuba
1059		Alunos e professores da Escola Municipal
1060		Alunos de Escola Municipal
1061		Alunos e professores da Escola Municipal Rural do Pontal
1062		Rubens Guarato
1063		Alunos e o prof. José Garcia Rosa, da Escola Municipal de Galheiro
1064		Alunos de Escola Municipal
1065		Alunos e professores da Escola Municipal
1066		Alunos e professores da Escola Municipal
1067		Alunos e professores da Escola Municipal Horto do Pequi
		Horto do Pequi
1068		Alunos e professores da Escola Municipal
1069		Alunos e professores da Escola Municipal
1070		Alunos e professora da Escola Municipal

1071		Alunos e professora da Escola Municipal
1072		Alunos e professores da Escola Municipal
1073		Alunos e professores da Escola Municipal de Sobradinho
1074		Alunos e professores da Escola de Cruzeiro dos Peixotos
1075		Alunos e professores da Escola Municipal de Sobradinho
1076		Aluna do Grupo Escolar
1077		Aluna do Grupo Escolar
1078		Autoridades junto a construção de um emissário de esgoto
1079		Alunos e professores da Escola Municipal
1080		Alunos e professores da Escola Municipal
1081		Alunos e professores da Escola Municipal
1082		Alunos e professores da Escola Municipal
1083		Alunos e professores da Escola Municipal vestidos caracteristicamente para um apresentação artística
1084		Alunos e professores da Escola Municipal
1085		Alunos e professores da Escola Municipal
1086		Alunos e professores da Escola Municipal
1087		Alunos e professores da Escola Municipal
1088		Alunos e professores da Escola Municipal de Moreno
1089		Alunos e professora de Escola Municipal
1090		Alunos e professores da Escola Municipal
1091		Alunos e professor Altair Pimental da Escola de Martinésia
1092		Alunos de Escola Municipal
1093		Alunos e professores da Escola Municipal de Paraíso
1094		Alunas de Escola Municipal
1095		Alunas de Escola Municipal
1096		Alunos e professores da Escola Municipal
1097		Alunos e professores da Escola Municipal
1098		Alunos e o professor Joaquim Carlos, da Escola Municipal de Terra Branca
1099		Alunos e o professor Joaquim Carlos, da Escola Municipal de Terra Branca
1100		Alunos de Escola Municipal
1101		Alunos e professores da Escola Municipal
1102		Alunos e professores da Escola Municipal de Caetanos
1103		Alunos e professores da Escola do Pontal
1104		Desfile escolar
1105		Alunos e professores da Escola Municipal
1106		Desfile escolar
1107		Alunos e professores da Escola Municipal
1108		Grupo de pessoas em frente a uma fazenda

1109		Alunos e professores do ginásio Mineiro - hoje Escola Estadual de 1º e 2º graus de Uberlândia
1110		Alunas e professores do Colégio Nossa Senhora
1111	1933	Escola Municipal de Quilombo
1112		Depósito de José Garcia filho, máquina de arroz. Travessa Tobias Inácio
1113		Alunos e professores da Escola de Cruzeiro dos Peixotos
1114		Alunos e professores da Escola de Cruzeiro dos Peixotos
1115		Alunos e professores da Escola Municipal
1116		Alunos e professores da Escola Municipal
1117		Alunos e professora da Escola Municipal
1118		Prof. Jerônimo Arantes
1119		Professora Orávia Artiaga
1120		Alunos e professores da Escola Rural de Machados
1121		Alunos de Escola Municipal
1122		Alunos de Escola Municipal
1123		Alunos de Escola Municipal
1124		Alunos e professores da Escola Municipal
1125		Olaria
1126		Pessoas trabalhando com hortaliça
1127		Interior de uma olaria
1128		Colheita de cana
1129		Cerca de fazenda
1130		Baile no Uberlândia Clube
1131		Grupo de pessoas frente a uma casa
1132		Festa de rodeio
1133		Lenhadores
1134		Travessia do Monjolinho para Indianópolis
1135		Forno de cerâmica
1136		Trem de ferro
1137		Festa popular
1138		Cruzeiro de uma fazenda
1139		Crianças puxando carrinho de tração animal
1140		Exposição de trabalhos em escola municipal
1141	1923	Grupo de pessoas participantes da barraquinha na Pça da Liberdade, hoje Clarimundo Carneiro
1142		Greve dos caminhoneiros. Ponte do Vaú
1143		Greve dos caminhoneiros. Ponte do Vaú
1144		Carro estacionado
1145		Jardineira

1146		Antiga estrada de ferro na Av. João Pessoa
1147		Fábrica de fósforos. Av. Brasil
1148		Retrato de crianças
1149		Grupo de pessoas frente a uma residência
1150	1938	Claudette e Myla
1151		Augusto Teodoro de Melo e ---------- (direta p/ esquerda)
1152		Delvia Arantes
1153		Retrato de uma mulher
1154		Alunos de Escola Municipal
1155		Retrato de um homem
1156		Retrato de uma mulher
1157		C. C. Lima
1158		Retrato de uma mulher
1159		José Monteiro
1160		Augusto Teodoro de Melo e Olimpia Ferreira de Melo
1161		Retrato de um homem
1162		Retrato de uma criança
1163		Retrato de uma criança
1164		Homero Santos
1165		Filha do maestro Antônio Lopes
1166		Grupo de pessoas em frente a uma fazenda
1167		Retrato de um homem
1168		Retrato de um homem
1169		Alunas
1170		Marco de pedra do Patrimônio de N. Sra. Do Carmo na nascente do Corrego Cajubá
1171		Crianças na praça
1172		Odilon Guarato
1173		Paineira
1174		Retrato de uma mulher
1175		Horta da Escola Municipal de Caetanos
1176		Busto de Felisberto Alves Carrejo
1177		Busto de Felisberto Alves Carrejo
1178		Busto de Felisberto Alves Carrejo
1179		Obelisco da Praça Cel Carneiro, já demolido
1180		Obelisco da Praça Cel Carneiro, já demolido
1181		Professores e políticos de Uberlândia
1182		Cristálio Vieira
1183		Noroastro do Nascimento

1184		Antônio Zeferino
1185		Prof. Joaquim Ferreira da Escola Municipal Paraíso
1186		Edson Vieira
1187		Antônio Martins
1188		Alcebíades Casais de Andrade
1189		Prof. Sebastião Branquinho de Andrade
1190		Antônio Gomes Filho
1191		Bengeu Borges de Assis
1192		Admar Pires
1193		Retrato de uma mulher
1194		Maria Conceição Barbosa de Souza
1195		Retrato de um homem
1196		Silvio Rugani
1197		Rodolfo Correa
1198		Antenor Correa
1199		Retrato de um homem
1200		Retrato de uma mulher
1201		Cecília
1202		Alunos e professores da Escola Municipal
1203		Zilá Cabral
1204		Célia Guerra
1205		Carmem Pereira
1206		Retrato de uma mulher
1207		Valderez Mamede
1208		Dinorá ------
1209		Olga Campos
1210		Lázara de Paula
1211		Valderez Mamede
1212		Cecília Garcia
1213		Dalva Borges Manoel
1214		Nair Alves
1215		Rute de Souza Fernandes
1216		Eudoxia Mamede Gama
1217		Selma Alves dos Santos
1218		Elza Scarabucci
1219		Golnira Santos
1220		Nisia Sales
1221		Margarida Gonçalves

1222		Elma Silva
1223		Fonte luminosa
1224		Profª Anita Artiaga
1225		Retrato de uma mulher
1226		Luzia Silva
1227		Retrato de uma mulher
1228		Augusto César Ferreira
1229		Felisberto Alves Carrejo
1230		Antonio Fernandes
1231		Grupo de crianças vestidas caracteristicamente para uma apresentação artística
1232		Grupo de pessoas sobre a ponte do Pau furado
1233		Alunos de escola municipal
1234		Retrato de um homem
1235		Escola Municipal
1236		Serralheria
1237		Alunos de Escola Municipal
1238		Fonte luminosa
1239		Ana Godoy de Souza
1240		Fonte luminosa
1241		Fonte luminosa
1242		Fonte luminosa
1243		Delvia Arantes
1244		Delvia Arantes
1245		Delvia Arantes
1246		Delvia Arantes
1247		Delvia Arantes
1248		Delvia Arantes
1249		Delvia Arantes
1250		Delvia Arantes
1251		Delvia Arantes
1252		Delvia Arantes
1253		Delvia Arantes
1254		Delvia Arantes
1255		Delvia Arantes
1256		Delvia Arantes
1257		Delvia Arantes
1258		Delvia Arantes
1259		Delvia Arantes

1260		Delvia Arantes
1261		Delvia Arantes e outras crianças
1262		Delvia Arantes
1263		Delvia Arantes com uma criança
1264		Criança brincando
1265		Delvia Arantes e Bernardino
1266		Delvia Arantes e outras crianças
1267		Prof. Jerônimo Arantes
1268		Profº Jerônimo Arantes e Jovelina Ferreira dos Santos Arantes
1269		Prof. Jerônimo Arantes

3. Hemeroteca

3.1 Jornais

Nº de ordem	Data limite	Titulo	Nº exemplares
001	Sem data	A Tribuna	001
002	1897	A Reforma	001
003	1900	Gazeta de Uberabinha	003
004	1907	A Nova Era	026
005	1907-08	O Progresso	050
006	1907-09	O Progresso	016
007	1909	O Progresso	037
008	1909-10	O Progresso	051
009	1909-12	O Progresso	079
010	1909-16	A Livraria Kosmos	002
011	1911	O Progresso	043
012	1912	O Progresso	052
013	1912	O Progresso	050
014	1914	O Progresso	051
015	1914	Paranayba	026
016	1914	Paranayba	004
017	1915-16	O Brasil	003
018	1915-16	O Commércio	012
019	1916	Binóculo	014
020	1917	O Diário de Uberabinha	010
021	1918	A Noticia	001
022	1918-19	A Noticia	045
023	1919	A Escola	001
024	1919-20	A Tribuna	048
025	1920	A Chispa	001
026	1920	O Aerolitho	001
027	1920	O Lampeão	002
028	1920	O Corisco	006
029	1920	O Garotinho	001
030	1920	O Lápis	001
031	1920	O Rabixo	001
032	1920	O Relâmpago	001
033	1920	O Sabre	001
034	1920-21	A Tribuna	052
035	1920-21	A Letra 7	004
036	1921	A Esperança	001
037	1921-22	A Tribuna	037
038	1922	A Tribuna	031
039	1922-23	Sertão Judiciário	004
040	1922-37	A Tribuna	006
041	1923	A Espora	001
042	1923	Reflexo	001
043	1923	A Tribuna	052
044	1923-24	O Alarme	002
045	1924	A Tribuna	001
046	1924-25	A Reação	027
047	1924-25	A Tribuna	043
048	1925	A Mariposa	035

049	1926	A Farpa	001
050	1926	Triângulo Mineiro	029
051	1927	A Garra	002
052	1927	O Ideal	001
053	1928	O Município	001
054	1929	A Folha Municipal	002
055	1930	Diário da Revolução	044
056	1931	O Triumpho	001
057	1932	O Jornal Pequeno	001
058	1932-35	A Pena	016
059	1933	O Brasileirinho	001
060	1934	O Evangelista	001
061	1934	A E SU - Jornal	002
062	1933-34	A Escola Rural	007
063	1934	O Estado de Goyaz	027
064	1935	A Raça	001
065	1935	A Seara	001
066	1935	A Escola Normal	001
067	1935	O Mineirinho	001
068	1935	O Povo	001
069	1935	O Estado de Goyas	033
070	1935	O Araponga	001
071	1935-37	Jornal de Uberlândia	100
072	1936	Diário de Uberlândia	101
073	1936	Hora H	001
074	1936	Luz e caridade	001
075	1936	A Borboleta	001
076	1936	O Momento	002
077	1936	O Estado de Goyas	047
078	1937	O Estado de Goyas	068
079	1937	Correio Popular	001
080	1937	Critico Político	001
081	1937	Democracia	001
082	1937	O Bandeirante	019
083	1938	O Estado de Goyaz	075
084	1938	Correio de Uberlândia	001
085	1939	O Estado de Goyaz	073
086	1939	O Programa	002
087	1940	O Estado de Goyaz	100
088	1940	Brasil Central	001
089	1940	Maria	001
090	1940	Cruzeiro	001
091	1940	O Ginasiano	001
092	1940	Mercúrio	001
093	1940	Oásis	001
094	1940	Voz Central	001
095	1941	O Estado de Goyas	100
096	1941-42	Jornal de Uberlândia	085
097	1941-42	Jornal de Uberlândia	081
098	1942	O Estado de Goyaz	099
099	1943	O Estado de Goyaz	100
100	1943	O Escolar	001
101	1944	O jornal	001
102	1945	O Estado de Goyaz	100

103	1946	Oswaldo Cruz	001
104	1946	A Voz do Povo	001
105	1946-47	A Tribuna Católica	002
106	1946-47	Mocidade Livre	018
107	1947	Nova Sento	001
108	1947	Folha Esportiva	001
109	1950	Boa Vontade	009
110	1950	Jornal dos Professores Municipais	002
111	1950	Voz do Triângulo	002
112	1951	Vida Escolar	001
113	1952	O Terceiro Milênio	001
114	1953-54	Tribuna do Triângulo	035
115	1955	Pee`rre	001
116	1956	Ponta de Lança	001
117	1956	Jornal dos Motoristas	001
118	1956	O Pioneiro	001
119	1956-1982	O Triângulo	004
120	1958	Mensagem	001
121	1958	O Nacionalista	001
122	1958	O Secundarista	001
123	1960	Folha do Triângulo	007
124	1961	A Província	001
125	1961	O Arauto	001
126	1962	O Companheiro	001
127	1962	Tribuna Acadêmica	001
128	1962-1963	Uberlândia Comercial	013
129	1963	A Escolar	001
130	1963	Jornal Caça e Pesca	027
131	1966	Tribuna de Minas	033
132	1967	O Jornal do Triângulo	003
133	1968	Mini-notas	043
134	1974	Jornal de Bolso	001
135	1976	Expediente	001
136	1981	O Município	001
		JORNAIS DE OUTRAS LOCALIDADES	
137	1929 e 1935	O Triângulo (Araguary)	003
138	1932-1933	O Estado de Goyaz	046
139	1932-1943	O Lábaro (Monte Alegre de Minas)	005
140	S/dt	Gazeta de Uberaba	001
141	1938	Correio do D'oeste	001
142	1939	Buriti(Buriti Alegre de Goiás)	001
143	1941	O Sul Mineiro (Varginha)	001
144	1940	O Estado de Goyás	001
145	1942	Minas Gerais (Belo Horizonte)	001
146	1942	A Noite (Rio de Janeiro)	001
147	1946	Diário do Congresso Nacional(Rio de Janeiro)	001
148	1956	Gazeta do Triângulo (Araguari)	001
149	1961	Correio Católico (Uberaba)	001
150	1980	O Monte Alegrense (Monte Alegre de Minas)	

3.2. Revistas

Nº de ordem	Referencia Bibliográfica
	UBERLANDIA
001	PRAIA CLUBE- 50 anos servindo à comunidade uberlandense - 1935-1985, Uberlandia, Gráfica Sabe, 1985, 14p. (quatro exemplares)
002	A CAMPONEzA – Revista Agro-pecuária e Ilustrada. Uberlândia, s.e., ano I, nº 1, jun/1939, 40p.,
003	A ESCOLA – Ribeirão Preto, Guimarães, anno IX, nº 1, Maio, 1920, 16p. _____nº 2, julho, 1920, 12p. _____ nº 3, julho, 1920, 16p. _____,nº 4-5, setembro/outubro 1920, 16p. _____, s.1, s.e., anno IX, nº 6-7, janeiro 1921, 12 p. _____, nº 8-9, abril/maio, 1921, 12p. _____, nº 10, 11, maio 1921, 16p. _____, nº 12, agosto/setembro 1921, 16p. _____, Nº 14, setembro/outubro 1921, 12p.
004	SEREIA, s.1., s.e., ano I, nº 2, julho/1953, 28p.
005	SEREIA, Araguari, Cruzeiro, ano I, nº 3, Ago/1953, 28p.
006	_____, Cruzeiro Paiva e Vendeth, ano I, nº 4, setembro/1953, 30p.
007	_____, Cruzeiro Paiva e Vendeth, ano I, nº 7, março/1954, 34p.
008	_____, Cruzeiro, ano I, nº 8, abril/1954, 34p.
009	_____, Cruzeiro, ano I, nº 10, junho, 1954; 34 p.
010	_____, Uberlândia, Manhães, ano 2, nº 13, setembro, 1954, 30p
011	_____, ano 2, nº 17,s.e., 34p.
012	_____, ano 2, nº 18, fevereiro/1955, 34p
013	_____, ano 2, nº 19, março/1955, 34p.
014	_____, ano 2, nº 23, julho/1955, 26p.
015	_____, Uberlândia, Pavan, ano III, nº 32, julho/1958, 26p.
016	CIDADE ILUSTRADA – s.1., Zebu, ano I, nº 1, novembro, 1953, 58 p.
017	DEZ ANOS DE VIDA FRANCISCANA NO TRIÂNGULO MINEIRO – Uberlândia, Planalto, 1963, 60 p.
018	ELITE MAGAZINE – Uberlândia, s.e. ano I, nº 1, Outubro-novembro/1957, 40p.
019	_____, Uberlândia, Cruzeiro. ano I, nº 2, dezembro/1957, janeiro/1958; 58 p
020	_____,Uberlândia, Cruzeiro s.e. ano I, nº 4, março,1958, 50p.
021	_____,Uberlândia, Pavan, ano I, nº 5, abril, 1958, 54p.
022	_____,Uberlândia, Pavan ano I, nº 6, maio, 1958, 50p.
023	_____,Uberlândia, s.e., ano I, nº 8, agosto, 1958, 38p.
024	_____,Uberlândia, Tip. Brasil, ano I, nº 9, setembro/ 1958, 38p.
025	_____,Uberlândia, Tip. Brasil, ano I, nº 10, outubro/novembro, 1958, 34p.
026	_____,Uberlândia, , ano 2, nº 11, dezembro, 1958, 38p.
027	_____,Uberlândia, , ano 2, nº 13, fevereiro, 1959, 38p.
028	_____,Uberlândia, ano 2, nº 14, março, 1959, 42p.
029	_____,Uberlândia, ano 2, nº 15, abril, 1959, 42p.
030	_____,Uberlândia, ano 2, nº 16, maio, 1959, 50p.
031	_____,Uberlândia, ano 2, nº 17, junho, 1959, 42p.
032	_____,Uberlândia, ano 2, nº 18, julho, 1959, 42p.
033	_____,Uberlândia, ano 2, nº 19, agosto, 1959, 38p.
034	_____,Uberlândia, ano 2, nº 20, setembro, 1959, 42p.
035	_____,Uberlândia, ano 2, nº 21, outubro, 1959, 42p.
036	_____,Uberlândia, ano 3, nº 22, novembro, 1959, 38p.
037	_____,Uberlândia, ano 3, nº 23, dezembro, 1959, 60p.

038	ESCOLA NORNAL, Orgam Literário e noticioso; O Instituto Brasil Central está no Triangulo ao serviço do Brasil. Uberlandia, S.1., ano XI, nº 67, julho/agosto de 1938, 18p.
039	ILUSTRAÇÃO MINEIRA. literatura Crítica; Commércio e Lavoura. Uberlandia, s.1., 1926, 20p.
040	SUPLEMENTO COMERCIAL ILUSTRADO; Semanário gratuito, s.1., s.e., ano I, nº 1, 1951, 8p. _____; Semanário gratuito, s.1., s.e., ano I, nº 2, 1951, 8p. _____; Semanário gratuito, s.1., s.e., ano I, nº 3, 1951, 8p _____; Semanário Gratuito, Araguari, Cruzeiro, ano I, nº 4, 1951, 8p. _____; Semanário Gratuito, Araguari, Cruzeiro, ano I, nº 5, 1951, 10p. _____; Semanário Gratuito, Araguari, Cruzeiro, ano I, nº 6, 1952, 12p. _____; Semanário Gratuito, Araguari, Cruzeiro, ano I, nº 7, 1952, 12p. _____; Semanário Gratuito, Araguari, Cruzeiro, ano I, nº 8, 1952, 12p. _____; Semanário Gratuito, Araguari, Cruzeiro, ano I, nº 9, 1952, 12p. _____; Semanário Gratuito, Araguari, Cruzeiro, ano I, nº 10, 1952, 12p. _____; Semanário Gratuito, Araguari, Cruzeiro, ano I, nº 11, 1952, 12p. _____; Semanário Gratuito, Araguari, Cruzeiro, ano I, nº 12, 1952, 12p.
041	LEIA E CONHEÇA, Uberlândia 81 anos. Uberlândia, Tela-color Publicidade Ltda, ano I, nº 1, setembro 1969, 40p.
042	MAIA, órgão das alunas do Colégio e Escola Normal Oficial "Nossa Senhora". Uberlândia, s.e., nº XXIII, 1952, 26p.
043	NOSSA TERRA. Revista Mensal. Uberlândia, Pavan, ano I, nº 1, s.d., 18p.
044	O CRIME DO BURITI, s.1., s.e., 1933, 24p.
045	O JULIO VERNE, Uberlândia, Ubergral, ano I, nº 1, 1969, 35p.
046	_____, ano I, nº 2, 1969, 44p.
047	O UBERLEÃO. VIII Convenção Distrito L-13. Uberlândia Sabe, 1974, 48p.
048	PLANALBANK – Revista dos funcionários do Banco do Planalto de Minas Gerais S. A , Uberlândia, Planalto, ano I, nº 6, 1963, 22p.
049	REFLEXO. De Uberlândia para o Brasil, Uberlândia, Correio, ano I, nº 1, 1956, 32p.
050	REVISTA DO "CIRCULO DE PAIS E PROFESSORES", s.1., s.n.t., ano I, nº 1, 1935, 82p. (original e xerox)
051	REVISTA OFICIAL DOS JOGOS DO II CAMPEONATO ABERTO DO INTERIOR. Uberlândia "Ultra", ano I, nº 2, Agosto, 1937, 27p.
052	TRIANGULO, Revista Mensal. Uberlândia, "AMIP", ano I, nº 1, junho, 1952, 54p.
053	_____, Uberlândia, "AMIP", ano I, nº 2, novembro de 1951, 62p.
054	TRIANGULO DE MINAS. Revista mensal ilustrada. Uberlândia. Póvoa. Março/1935/ 22p . (original e xerox)
055	TRIANGULO DE MINAS. Revista mensal ilustrada, Uberlândia. Pavan. JUNHO/1935/ 22p . (original e xerox)
056	TRIANGULO MINEIRO ILUSTRADO, Uberlândia, Manhães, ano I, nº 1, dezembro de 1955, 38p.
057	UBERLEÃO. Boletim Informativo do Lions Clube Uberlândia, Uberlândia, s.e., ano IX, nº

	95, março 1977, 40p.
058	UBERLANDIA ILUSTRADA. Uberlândia, s.e., ano I, nº 3, maio/ 1939, 36p.
059	_____, Cahoeiro do Mateiro do Rio Uberabinha - Uberlândia, s.e., ano I, nº 4, junho/1939, 32p.
060	_____, Uberlândia, s.e., ano I, nº 5, junho/1940, 32p.(dois exemplares)
061	_____, Uberlândia, Kosmos, nº 6, julho/1940, 34p.
062	_____, Uberlândia, s.e., nº 7e8, agosto e setembro/ 1940, 34p.
063	_____, Uberlândia, s.e., nº 9, abril / 1941, 26p.
064	_____, Uberlândia, Kosmos., nº 10, julho/ 1941, 34p.
065	_____, Uberlândia, s.e., nº 11, dezembro/ 1941, 32p.
066	_____, Uberlândia, s.e., nº 12, julho / 1946, 34p.
067	_____, Uberlândia, s.e., nº 13, dezembro / 1946, 34p.
068	_____, Uberlândia, s.e., nº 14, dezembro/1947, 34p.(três exemplares)
069	_____, Uberlândia, Kosmos, nº 15, janeiro /1952, 28p.
070	_____, Uberlândia, s.e., nº 16, junho / 1953, 30p.
071	_____, Uberlândia, Brasil Central, nº 17, outubro/1953, 32p.
072	_____, Uberlândia, Brasil Central, nº 18, fevereiro/ 1954, 32p.
073	_____, Uberlândia, Brasil Central, nº 19, março / 1955, 32p.
074	_____, Uberlândia, Brasil Central, nº 20, dezembro/ 1955, 32p.
075	_____, Uberlândia, Brasil Central, nº 21, junho /1956, 30p.
076	_____, Uberlândia, Manhães, nº 22, setembro/ 1957, 32p.
077	_____, Uberlândia, Manhães, ano I, nº 23, janeiro /1958, 32p.(dois exemplares)
078	_____, Uberlândia, Brasil Central, nº 24, junho /1958, 32p.
079	_____, Uberlândia, Kosmos, nº 25, setembro /1959, 32p.
080	_____, Uberlândia, s.e., nº 26, dezembro / 1960, 32p.(02 exemplares)
081	_____, Uberlândia, s.e., nº 27, maio / 1961, 30p.
082	_____, Uberlândia, s.e., nº 28, agosto / 1961, 32p.
083	UBERLÂNDIA ROTÁRIA. Uberlândia, Liv. Pavan, ano I, nº 1 agosto/setembro de 1939, 50p.
084	UBERLÂNDIA. Cidade Industrial, s.n.t., 12p.
085	UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. Investimentos privilegiados. Uberlândia, s.e., s.d., 16p.
086	UBERLANDIA 96(96 anos). Uberlândia, Sabe, 1984, 50p.
087	UBERLANDIA 98(96 anos). Uberlândia, Sabe, 1986, 52p. (cinco exemplares)
088	UM TÓPICO DA NOSSA HISTÓRIA (Fragmentos da Edição nº 25 da revista Uberlândia Ilustrada). Uberlândia, Kosmos, 1959, 14p.
089	UBERLANDIA. Sec. Mun. Ind. Com. e Turismo. A GRANDE RAZÃO, Uberlândia, Formato, s.d., 18p.
090	UBERLANDIA, Sec. Mun. Ind. Com. e Turismo. A GRANDE RAZÃO, Uberlândia, Formato, s.d., 22p.
091	UBERLANDIA. Industry and Commerce Country Department Tourism and Agriculture. The Great. Reson Uberlândia, Formato, s.d. 24p.
092	UBERLANDIA. Staedtische Industrie-Dommerz-Und Turisme Behoerde. Der. Hauptgrund. Uberlândia, Formato, s.d. 24p.
	TRIANGULO MINEIRO
093	GRAÇA E BELEZA. Uberaba, Triângulo, ano II, nº 20, maio 1946, 52p.

094	_____. Uberaba, s.n.t., ano II, n°25 dezembro 1950, 104 p
095	O Guarani. Ano I, n° 3, Araguari, Tip. São José, junho/julho 1952, 58 p
	MINAS GERAIS
096	Carvalho, Theophilo Feu de (org). Revista do Archivo Público Mineiro; Índice Geral: 1896 a 1913, Bello Horizonte, Imprensa Official, 1914, 133 p
097	ALTEROZA. Belo Horizonte, AlterosZ, Ano XXI, n° 307 Junho 1959, 96p
098	_____ 311 Agosto 1959, 104 p
099	_____ 339 Março 1961, 128 p
100	Revista do Archivo Público Mineiro. Ouro Preto, Imprensa Official, ANNO I, fasc. 1° jan/Mar 1896, 196 p
101	_____ Ouro Preto, Imprensa Official, ANNO I, fasc. 2° 197-399 p
102	_____, Ouro Preto , Imprensa Official, ANNO I, fasc. 3° jul/set 1896, 401 a 647 p
103	_____ .Ouro Preto, Imprensa Official, ANNO I, fasc. 4° Out/Dez 1896, 649 – 827 p
104	_____ .Ouro Preto, Imprensa Official, ANNO II, fasc. 1° Jan/Mar 1897, 187 p
105	_____ .Ouro Preto, Imprensa Official, ANNO II, fasc. 2° Abr/Jun 1897, 189 - 424 p
106	_____ .Ouro Preto, Imprensa Official, ANNO II, fasc. 3° Jul/Set 1897, 423 – 598 p
107	_____ .Ouro Preto, Imprensa Official, ANNO II, fasc. 4° Out/Dez 1897, 599- 797 p
108	_____ .Ouro Preto, Imprensa Official, ANNO II, fasc. 1° 1898, 248 p
109	_____ .Bello Horizonte, Imprensa Official, ANNO III, fasc. II, Abr/Jun 1898, 251 p
110	_____ .Bello Horizonte, Imprensa Official, ANNO III, fasc. III e IV Jul/Dez 1896, 465 – 927 p
111	_____ .Bello Horizonte, Imprensa Official, ANNO IV, fasc. I e II, Jan/Jun 1899, 394 p
112	_____. Bello Horizonte Imprensa Official, ANNO VI fasc. I, Jan/Mar 1901, 317p
113	_____ .Bello Horizonte, Imprensa Official ANNO XIX 1921, 378 p
114	_____ .Bello Horizonte, Imprensa Official, ANNO XX, 1924, 647 p
	BRASIL E GERAL
115	ATUALIDADE . Revista Comemorativa do aniversário de Campo Grande; 26 de Agosto de 1899 a 26 de Agosto de 1967; Campo Grande, 68 anos de Progresso. Campo Grande, Alvorada, ano 1, 1967 , 46 p
116	REVOLUÇÃO DE 1964. Revista O Cruzeiro. Rio de Janeiro, "O Cruzeiro", ano XXXVI, nº 30; maio/1964, 118p. _____Revista O Cruzeiro. Rio de Janeiro, "O Cruzeiro", ano XXXVI, nº 31; 09/ maio/1964, 130p. _____Revista O Cruzeiro. Rio de Janeiro, "O Cruzeiro", ano XXXVI, nº 32; 16/maio/1964, 122p. _____Revista "Fatos e fotos, Brasília, ano IV, nº 169, abril, 1964, 72p.
117	MANCHETE, Rio de janeiro, Bloch. Nº 1, abril 1952, 40 p.

	_____, Rio de Janeiro, Bloch. Nº 2, maio 1952, 40 p. _____, Rio de Janeiro, Bloch. Nº 3, maio 1952, 40 p. _____, Rio de Janeiro, Bloch. Nº 4, maio 1952, 40 p. _____, Rio de Janeiro, Bloch. Nº 5, maio 1952, 40 p. _____, Rio de Janeiro, Bloch. Nº 6, maio 1952, 40 p. _____,Rio de Janeiro, Bloch. Nº 7, junho 1952, 40 p. _____,Rio de Janeiro, Bloch. Nº 8, junho1952, 40 p. _____, Rio de Janeiro, Bloch. Nº 9, junho 1952, 40 p. _____,, Rio de Janeiro, Bloch. Nº 10, junho 1952, 40 p. _____,Rio de Janeiro, Bloch. Nº 11, julho 1952, 40 p. _____,Rio de Janeiro, Bloch. Nº 12, julho 1952, 40 p. _____,Rio de Janeiro, Bloch. Nº 13, julho 1952, 42 p. _____,Rio de Janeiro, Bloch. Nº 14, julho 1952, 42 p. _____,Rio de Janeiro, Bloch. Nº 15, julho 1952, 42 p. _____,Rio de Janeiro, Bloch. Nº 16, agosto 1952, 42 p.
118	EM GUARDA. Para defesa das Américas. Washington, Busines Publishers International Corporation, s.d. ano I, nº 8, 40p.
119	_____, Washington, Business Publishers International Corporation, s.d. ano 1, Nº 12, 44p.
120	_____, Washington, Business Publishers International Corporation, s.d. ano 2, nº 05, 40p.
121	_____, Washington, Business Publishers International Corporation, s.d. ano 2, nº 8, 40p.
122	_____, Washington, Business Publishers International Corporation, s.d. ano 2, nº 8, 40p.
123	_____, Washington, Business Publishers International Corporation, s.d. ano 2, nº 12, 40p.
124	_____, Washington, Business Publishers International Corporation, s.d. ano 3, nº1, 40p.
125	_____, Washington, Business Publishers International Corporation, s.d. ano 3, nº 2, 40p.
126	_____, Washington, Business Publishers International Corporation, s.d. ano 3, nº 6, 40p.
127	_____, Washington, Business Publishers International Corporation, s.d. ano 3, nº 7, 40p. (2 exemp.)
128	_____, Washington, Business Publishers International Corporation, s.d. ano 3, nº 8, 40p.
129	_____, Washington, Business Publishers International Corporation, s.d. ano 3, nº 9, 40p. (2 exemp.)
130	_____, Washington, Business Publishers International Corporation, s.d. ano 3, nº 10, 40p. (2 exemp.)
131	_____, Washington, Business Publishers International Corporation, s.d. ano 3, n° 11, 40p. (2 exemp.)
132	_____, Washington, Business Publishers International Corporation, s.d. ano 3, nº 12, 40p.
133	_____, Washington, Business Publishers International Corporation, s.d. ano 4, nº 1 , 40p.
134	_____, Washington, Business Publishers International Corporation, s.d. ano 4, nº 2, 40p.
135	_____, Washington, Business Publishers International Corporation, s.d. ano 4, nº 3, 40p. (2 exemp.)
136	_____, Washington, Business Publishers International Corporation, s.d. ano 4, nº 4, 40p. (2 exemp.)
137	_____, Washington, Busines Publishers International Corporation, s.d. ano 4, nº 5,

	40p.
138	_____, Washington, Business Publishers International Corporation, s.d. ano 4, nº 6, 40p. (2 exemp.)
139	_____, Washington, Business Publishers International Corporation, s.d. ano 4, nº 7, 44p.
140	_____, Washington, Business Publishers International Corporation, s.d. ano 4, nº 8, 40p. (2 exemp.)
141	_____, Washington, Business Publishers International Corporation, s.d. ano 4, nº 11, 40p.
142	"À Principio...", s.n.t., s.e., (ASSUNTO: América do Norte)
143	FON FON, Rio de Janeiro, s.e., nº 2155, julho 1948, 66p.
144	ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA, Rio de janeiro, "O MALHO", ano XX, nª 92, dezembro 1942, 89p.
145	_____, Rio de Janeiro, "O MALHO", ano XXI, nº 103, novembro 1943, 48p.
146	CARVALHO, Affonso Celso de, GUERRA< Lavrystone e MATHIAS, Herculano, HISTÓRIA DO BRASIL (Fascículo semanal)O descobrimento, 150 ano de independência. Rio de Janeiro, Bloch, nº 1, 1972. 16p. _____, HISTÓRIA DO BRASIL(fascículo semanal) A Colonização; 150 anos de Independência . Rio de Janeiro, Bloch, nº 2, 1972, 16p. _____, HISTÓRIA DO BRASIL(fascículo semanal) O Indígena; 150 anos de Independência . Rio de Janeiro, Bloch, nº 3, 1972, 16p. _____, HISTÓRIA DO BRASIL(fascículo semanal) O Governo Geral, 150 anos de Independência . Rio de Janeiro, Bloch, nº 4, 1972, 16p. _____, HISTÓRIA DO BRASIL(fascículo semanal) A Catequese ; 150 anos de Independência . Rio de Janeiro, Bloch, nº 5, 1972, 16p. BRASIL MAIS BRASIL; e também nosso Portugal. Rio de Janeiro, "O CRUZEIRO" ano XLIV, nº 37, setembro de 1972, 290p. MANCHETE. Suplemento de edição de Independência; 1822-1972; Norte do Paraná; A nova Explosão de Progresso. Rio de Janeiro, Bloch, 1972, 35 p. _____, Edição da Independência, 150 anos de Progresso, Rio de Janeiro, Bloch, 1972, 338p.
147	LIBERTAÇÃO. Os Aliados da França. Washington, Escritório de Negócios Inter-americanos. 1944, 31p. (dois exemplares.
148	MANCHETE, Rio de janeiro. Bloch, nº 704, Outubro, 1965, 118p.
149	GETULIO VARGAS. Rio de Janeiro, "O CRUZEIRO" Agosto 1974, 35p.
150	O CRUZEIRO, Rio de Janeiro, ano XVI, nº 8, dezembro de 1943, 188p.
151	O MALHO, Rio de janeiro, ANNO XII, nº 576, setembro de 1913, 54p. _____, Rio de janeiro, ANNO XIII, nº 609, Maio/1914, 54p. _____, Rio de janeiro, ANNO XIII, nº 606, abril/1914, 50p _____, Rio de janeiro, ANNO XLIII, nº 68, setembro/1945, 69p.
152	REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, Cia Editora Americana, anno XL, nª 51, novembro 1939, 54p.
153	REVISTA DOS NAMORADOS. Rio de Janeiro. Baptista de Souza e Cia. Ano 1, nº 2, junho 1951, 31p. _____, . Rio de Janeiro. Baptista de Souza e Cia. Ano 1, nº 3, julho 1951, 31p. _____,. Rio de Janeiro. Baptista de Souza e Cia. Ano 1, nº 4, agosto, 1951, 31p. _____,. Rio de Janeiro. Baptista de Souza e Cia. Ano 1, nº 5, agosto, 1951, 31p. _____,. Rio de Janeiro. Baptista de Souza e Cia. Ano 1, nº 11, março, 1952, 26p.
154	CORAÇÃO. Rio de Janeiro. Baptista de Souza & Cia., ano I, nº 3, março 1948, 28p.
155	URACAP, Em Revista. São Paulo, Guia Fiscal, ano III, abril/maio/junho/ 1949, nº 7, 48p.

156	VAMOS LER! Rio de janeiro. A Noite, ano XI, nº 519, 11 de julho,1916, 63p.
157	Edição PRÉ-COMEMORATIVA DO SESQUICENTENÁRIOS DA INDEPENDENCIA 1822-1972, Ed. Brasil-América, 1970, 34p.
158	As Grandes Religiões. A REFORMA PROTESTANTE. São Paulo/, Abril S/A Cultural Industrial, Cap. 29, 1973, 449-464p.
159	Ribeirão Preto. JORNAL COMEMORATIVO DOS 122 ANOS. Ribeirão Preto, O Diário, 19 de Junho 1978, 91p.

4 . Mapoteca

Nº de ordem	Data	Descrição	Órgão Produtor
001	1913	Capeamento do tanque flexível Systema Rodrigues de Brito.	Comissão de melhoramentos municipaes – Estado de MG
002	1913	Mapa do Estado de Goiás	Ministério da Viação e Obras Públicas
003	1919	Projeto de Praça no cemitério velho	Cipriano Del Favero
004	1920	Disposição da instalação dos 02 grupos bomba-Electro-Centrífugas "Sulzer"	Câmara Municipal de Uberabinha
005	1921	Tipo de encanamento de madeira	Projeto do engenheiro Azelli
006	1921	Abastecimento d'água – Usina	Câmara Municipal de Uberabinha Projeto Eng. Azzelli.
007	1921	Frente do Cemitério Municipal	Projeto do engenheiro Azelli
008	1922	Projeto de beneficiamento do largo Oswaldo Cruz e da Estação	Projeto do engenheiro Azelli
009	1927	Planta da cidade de Uberabinha	----------
010	1933	Projeto de uma jazigo – Proprietário: Arthur Oliveira	Construtor Domingos Ferreira Ribeiro
011	1935	Projeto de um banheiro para carrapaticida	Ministério da Agricultura – Dept. Nacional de Produção Animal
012	1938	Casa dos Mortos	Arquiteto Leonardo
013	1939	Abastecimento de água de Uberlândia. Reservatório de 400m3	Empresa Mineira de Construções Ltda. B. H.
014	1939	Abastecimento de água de Uberlândia. Reservatório de 500m3	Empresa Mineira de Construções Ltda. B. H.
0015	1939	Abastecimento de água e reservatório elevado	Prefeitura Municipal de Uberlândia
016	1940	Sem titulo, 1º e 2ª parte	Projeto de Romeo de Paoli
017	1940	Projeto de Programa de Abastecimento de água, rede de esgoto e calçamento (1934-1939)	Prefeitura Municipal de Uberlândia
018	1945	Projeto de Reforma de uma residência à av. barão do Rio Branco. Proprietário: Antônio de Oliveira .	Eng. Vinícius Vasconcelos
019	1954	Patrimônio da matriz de Uberlândia	Jerônimo Arantes
020	Sem data	Quadra para anjinhos	
021	Sem data	Projeto de um edifício destinado à despejo ou depósito de uma residência	Projeto de João Jorge Coury
022	Sem data	Necrotério	Prefeitura Municipal de Uberlândia
023	Sem data	Rede distribuidora de energia elétrica na cidade de Uberabinha	
024	Sem data	Patrimônio de Santa Maria	José da Costa Carvalho- eng. e geógrafo
025	Sem data	Planta do Hotel Colombo Proprietário: Colombo Vilela Reis	

026	Sem data	Projeto de uma residencia à R. Princesa Isabel, Proprietário: Maria de Lourdes Silva	Projeto: de João Jorge Coury
027	Sem data	Projeto de reforma para aumento e reforma do barracão à rua Goiás. Propriet. Esterino Finotti e José dos Santos	Projeto Luiz da Rocha e Silva
028	Sem data	Quadra para adultos (cemitério)	
029	Sem data	Loteamento do quarteirão 292 da Av. Cesário Alvim com Quintino Bocaiúva	Prefeitura Municipal de Uberlândia Serviço de Patrimônio
030	Sem data	Cálculo para concreto armado de lage e vigas do prédio á rua Santos Dumont com Floriano Peixoto Propriet. Nazir Zacharias	Projeto de João Jorge Coury Enge. Luiz da Rocha
031	Sem data	Projeto de construção da caixa d'água de Martinópolis	
032	Sem data	Projeto de construção de casa de operário Proprietário: Vital Ferreira Jr..	Escritório técnico de engenhara Vitorino Semola
033	Sem data	Casa residencial para operário	Projeto fornecido pela diretoria de obras.
034	Sem data	Projeto de residencias populares	Prefeitura Municipal de Uberlândia Tubal Vilela da Silva
035	Sem data	Terrenos da Empresa Construtora Uberabinha	
036	Sem data	Abastecimento de água de Morrinhos	Projeto de Luiz Rocha Silva
037	Sem data	Planta para reforma e aumento de um armazém. Propr. Jorge Abrão	Projeto de João Jorge Coury
038	Sem data	Segundo Cemitério	
039	Sem data	Planta geral da Prefeitura Municipal de Uberlândia(Câmara Municipal)	
040	Sem data	Planta do Distrito de Santa Maria	
041	Sem data	Quadro sinótico da História do Brasil	Alberto Gosch
042	Sem data	Planta baixa não identicada	

5 – Pastas Temáticas

Numero de Ordem	Datas Limites	Tema
0001	1855 - 1972	Assuntos diversos sobre Felisberto Carrejo
0002	1828 - 1974	Assuntos diversos sobre famílias e pessoas
0003	1938 – 1941	Comemoração dos Aniversários de Uberlândia
0004	1960 – 1975	Comemoração dos Aniversários de Uberlândia
0005	1956 – 1957	Cultura e Lazer (Uberlândia Clube)
0006	1908 – 1963	Cultura e Lazer (Clubes, Cinema, Teatro, outros)
0007	1851 – 1977	Dados Históricos
0008	1935 – 1969	Dados estatísticos de Uberlândia
0009	1881 – 1976	Distritos
0010	1823 – 1973	Documentos Públicos diversos
0011	1898 – 1911	Documentos Públicos (Registro de óbitos)
0012	1892 - 1894	Docums. Públicos (Livro de pedidos de licença p/ const. de prédio)
0013	1856 – 1978	Economia
0014	1911 – 1981	Educação
0015	1824 – 1927	Educação
0016	1836 – 1946	Educação
0017	1891 – 1981	Educação
0018	1937 – 1982	Esporte
0019	1900 – 1971	Imprensa
0020	1939 – 1968	Instituições Sociais
0021	1938 – 1972	Jerônimo Arantes
0022	1935 – 1979	Literatura
0023	1936 – 1957	Meios de Comunicação
0024	1938 – 1956	Negro
0025	1922 – 1947	Política
0026	1981 – 1982	Potencialidade de Uberlândia
0027	1943 – 1981	Realizações Adminstrativas
0028	1853 – 1982	Religiao
0029	1971	Reportagem sobre Uberlândia
0030	1935 – 1965	Revista Ilustrada
0031	1891 – 1981	Segurança Pública
0032	1895 – 1985	Transportes
0033	1919 – 1976	Urbanismo
0034	1830 – 1956	Cidades do Triângulo
0035	1866 – 1960	Cidades do Triângulo
0036	1867 – 1963	Cidades do Triângulo
0037	1873 – 1980	Cidades do Triângulo
0038	1839 – 1963	Cidades do Triângulo
0039	1820 – 1973	Triângulo Mineiro (Emancipação do Triângulo)
0040	1970 – 1981	Minas Gerais
0041	1932 – 1986	Brasil
0042	1913 – 1972	Brasil
0043	1954 – 1978	Brasil
0044	1938 – 1972	Brasil
0045	1955 – 1975	Brasil
0046	1939 – 1966	Brasil
0047	S/ data	Brasil
0048	1973 – 1986	Brasil
0049	1876 – 1973	Brasil
0050	1930 – 1974	Brasil
0051	1961 – 1973	Assuntos Diversos
0052	1939 - 1945	Assuntos Diversos

ANEXO II

Programa Proposto para Leitura nas Escolas Primárias do Estado de Minas Gerais

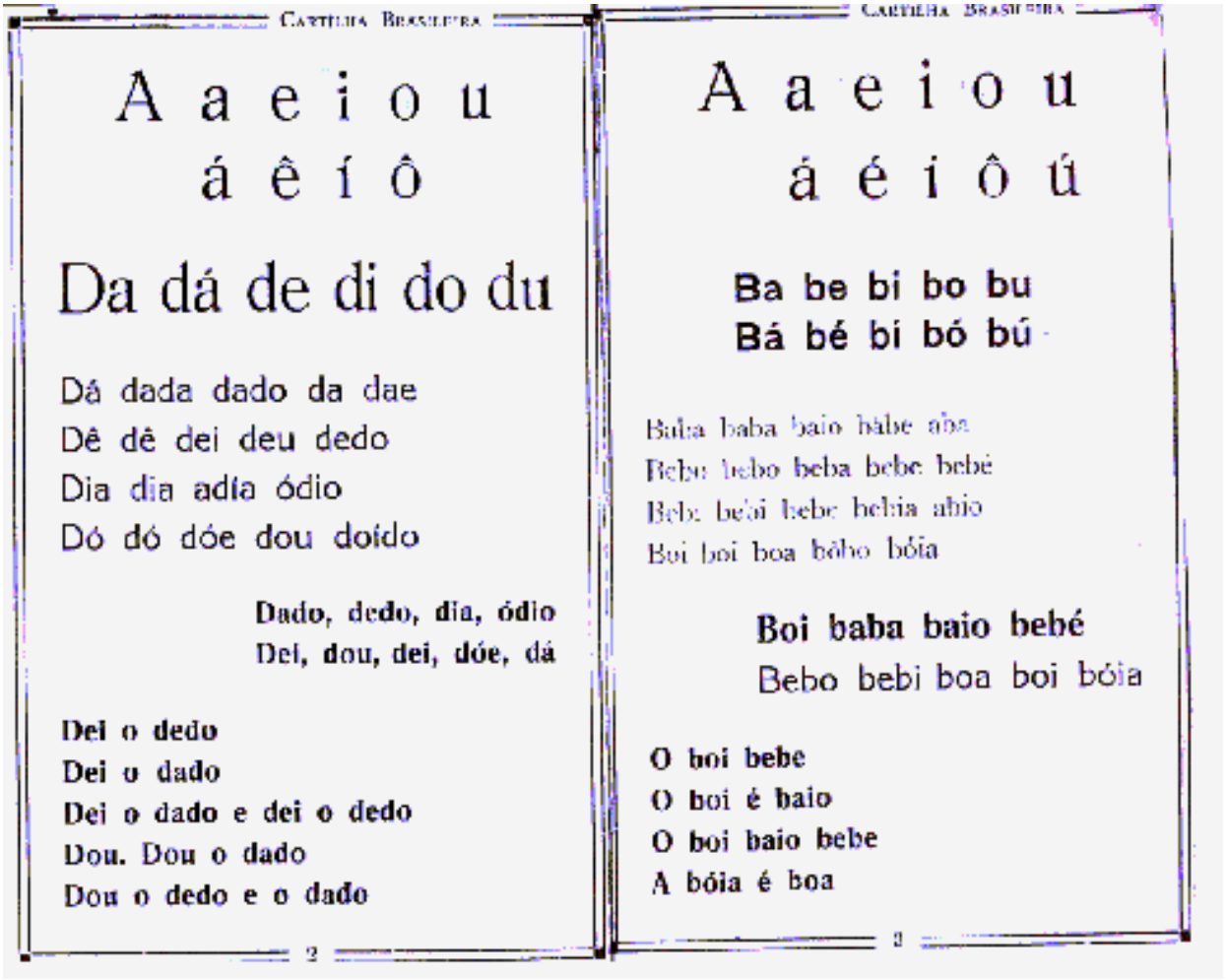
Segundo as instruções constantes no Decreto n. 6758, de 1 de janeiro de 1925.

ANO	CONTEÚDO
1°.	I- Conversa com os alunos. II- Inscrição de sentenças no quadro negro. III- Estudo de palavras que representem coisas concretas e interessantes. IV- Hábitos de leitura da sentença como um todo. Pronúncia distinta. V- Decomposição de palavra em sílabas e depois, estas em letras. VI- Decomposição de palavras e composição de novas. VII- Lições curtas bem compreendidas. VIII- Variação no modo de repetir as lições. IX- Material ilustrativo: desenhos, cartões com palavras e sílabas, letras recortadas. Dramatização da lição. X- Livro de leitura só depois de algumas lições. XI- Exercícios interessantes para as primeiras lições. XII- Leitura oral e leitura silenciosa. XIII- Mais freqüente a leitura oral, porém mais importante e silenciosa. XIV- Exercícios de leitura silenciosa, independentes do compêndio. XV- Maus hábitos a evitar na leitura. XVI- No fim do 1°. ano, formação de bons hábitos de leitura.
2°.	I- Aplicação das instruções do 1°. Ano. II- Leitura silenciosa e reprodução posterior do assunto lido. III- Destaque dos vocábulos menos comuns. IV- Estímulo à leitura extra-escolar. V- No fim do 2°. Ano, leitura corrente e escrita correta da maior parte das palavras do livro.
3°.	I- Exercícios de interpretação exata e expressão correta da leitura oral, bem como eficiência de compreensão da silenciosa. II- Desenvolvimento da habilidade de Ler com desembaraço. III- Testes semanais para julgar a compreensão e o desembaraço na leitura. IV- Trecho desconhecido, para os testes, havendo perguntas escritas a serem respondidas com espaços de tempo marcados, tanto para a leitura, como para as respostas. V- Hábito de ler por prazer, no fim do 3°. ano. Vocabulário, leitura rápida e retenção dos pensamentos essenciais do trecho. Escrita sob ditado.
4°.	I- Leitura como meio de informação para as outras matérias e como meio recreativo. II- Leitura como expressão e naturalidade, no fim do 4°. Ano, reproduzindo oralmente o sentido. Hábito de ler. Biblioteca infantil, composta de boas obras.

FONTE: MOURÃO, op. cit., p. 355-57.

ANEXO III

Cartilha Brasileira



CARTILHA BRASILEIRA

A a e i o u
á ê í ô

Da dá de di do du

Dá dada dado da dae
Dê dê dei deu dedo
Dia dia adía ódio
Dó dó dóe dou doído

Dado, dedo, dia, ódio
Dei, dou, dei, dóe, dá

Dei o dedo
Dei o dado
Dei o dado e dei o dedo
Dou. Dou o dado
Dou o dedo e o dado

2

CARTILHA BRASILEIRA

A a e i o u
á é i ô ú

Ba be bi bo bu
Bá bé bi bó bú

Baba baio bebe
Bebo bebi boa boi bóia

Boi baba baio bebé
Bebo bebi boa boi bóia

O boi bebe
O boi é baio
O boi baio bebe
A bóia é boa

3

Figura 8. Cartilha Brasileira.
Arantes, J., op. cit. CPJA. APU.

APÊNDICE

APÊNDICE I

Roteiros para Entrevistas

1.1 Pessoas que *Conviveram* com o Prof. Jerônimo Arantes
Em que ano, aproximadamente, conheceu o prof. Jerônimo Arantes e em que local?
Trabalhou com ele? Em que ano e onde?
Quais as lembranças que guarda dele?
Freqüentava a casa dele? Chegou a conhecer a coleção de jornais, fotografias, revistas e demais documentos que ele possuía?
Ele manifestava interesse pela educação? Quais eram as preocupações dele em relação a este assunto?
Ele comentava sobre o trabalho que desenvolvia acerca da história de Uberlândia?
Acompanhou a publicação da revista Uberlândia Ilustrada? Lembra-se de como esta revista era recebida pela sociedade?
Ele comentava sobre as atividades que desenvolvia no IBGE?
Ele mantinha ligação com a política local? Sabe se o prof. Jerônimo apoiou algum candidato a prefeito, vereador, deputado, governador e/ou presidente. Lembra-se de ele ter feito campanha política?
Sabe qual era o meio de sobrevivência do prof. Jerônimo Arantes?
Como a sociedade via o prof. Jerônimo Arantes?

1.2 Pessoas que *Trabalharam* com o Prof. Jerônimo Arantes
Em que ano, aproximadamente, conheceu o prof. Jerônimo Arantes e em que local?
Trabalhou com ele? Em que ano e onde?
Quais as lembranças que guarda dele?
Freqüentava a casa dele? Chegou a conhecer a coleção de jornais, fotografias, revistas e demais documentos que ele possuía?
Ele manifestava interesse pela educação? Quais eram as preocupações dele em relação a este assunto?
Como era o relacionamento dele com os demais professores? E com os alunos?
Como a sociedade via o professor no período em que o senhor atuava no magistério?
Quais eram as características do ensino na época em que o senhor trabalhava: didática, avaliação, material pedagógico, etc...

Acredita que no período em questão a educação representava algum papel social? Qual?
Como era o relacionamento da Secretaria de Educação com as escolas?
O prof. Jerônimo Arantes comentava sobre o trabalho que desenvolvia acerca da história de Uberlândia?
Ele comentava sobre as atividades que desenvolvia no IBGE?
Acompanhou a publicação da revista Uberlândia Ilustrada? Lembra-se de como esta revista era recebida pela sociedade?
Ele mantinha ligação com a política local? Arantes apoiou algum candidato a prefeito, vereador, deputado, governador e/ou presidente? Lembra-se de ele ter feito campanha política?
Qual era o meio de sobrevivência de Arantes?
Como a sociedade via o prof. Jerônimo Arantes?

1.3 Funcionários do Arquivo Público de Uberlândia
Conheceu pessoalmente Jerônimo Arantes?
Quando tomou contato com o acervo de Arantes pela primeira vez?
De quem partiu a iniciativa de adquirir o acervo, da família ou da Secretaria de Cultura?
Como foram feitos os contatos com a família de Arantes para a aquisição do acervo?
Quais foram as justificativas apresentadas pela Secretaria para a aquisição do acervo?
Lembra-se de como estavam os documentos quando os viu pela primeira vez?
Houve seleção dos documentos, ou todo o material ofertado foi adquirido?
Qual foi o papel desse acervo para a formação do Arquivo Público?

APÊNDICE II

Dissertações e Teses que Utilizaram a CPJA.

ALVES, Josefa Aparecida. *Sociabilidades urbanas*: o olhar, a voz e a memória da praça Tubal Vilela (1930-1962). 2004. Dissertação (Mestrado) — Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2004.
CALVO, Célia Rocha. *Muitas memórias e histórias de uma cidade:* experiências e lembranças de viveres urbanos, Uberlândia, 1938-1990. 2001. Tese (Doutorado) — PUC, São Paulo, 2001.
CARRIJO, Gilson G. *Fotografia e a invenção do espaço urbano*: considerações sobre a relação entre estética e política. 2002. Dissertação (Mestrado) — Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.
CARVALHO, Luciana B. de O. Bar. *A configuração do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão no contexto republicano* (Uberabinha/MG, 1911-1929). 2002. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.
DÂNGELO, Newton. *Vozes da cidade*: progresso, consumo e lazer ao som do rádio, Uberlândia – 1939/70. 2001. Tese (Doutorado) — PUC, São Paulo, 2001.
FREITAS, Eliane M. de. *Memórias de uma "odisséia"*: Tito Lívio (Teixeira) e a construção da memória histórica sobre a "Revolução de Trinta" em Uberlândia/MG. 1999. Dissertação (Mestrado) — Instituto de Filosofia Ciência e Letras, UNICAMP, Campinas, 1999.
GARCIA, Renísia Cristina. *Honra, sobrevivência e valentia*: um estudo sobre trabalhadores e populações pobres uberlandenses envolvidos em processos criminais (1922-1937). 1997. Dissertação (Mestrado) — PUC, São Paulo, 1997.
LOPES, Valéria Maria Queiroz Cavalcante. *Caminhos e trilhas*: transformações e apropriações da cidade de Uberlândia (1950-1980). 2002. Dissertação (Mestrado) — Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.
MÁXIMO, Cirian Gouveia. *Da ordem educacional ao progresso social*: a concepção de educação veiculada pela imprensa uberabinhense (1920-1930). 2003. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.
NUNES, Leandro. Cidade e imagens: progresso, trabalho e quebra-quebras – Uberlândia – 1950/1960. 1993. Dissertação (Mestrado) — PUC, São Paulo, 1993.
OLIVEIRA, Júlio César de. *O último trago, a última estrofe*: experiências boêmias em Uberlândia. 2000. Dissertação (Mestrado) — PUC, São Paulo, 2000.
OLIVEIRA, Selmane Felipe de. *Crescimento urbano e ideologia burguesa*: estudo do desenvolvimento urbano capitalista em cidades de médio porte. Uberlândia 1950-1985. 1992. Dissertação (Mestrado) — UFF, Niterói, 1992.
PINTO, Luziano Macedo. *Situações de cinema*: tramas e imagens de sociabilidade. Uberlândia 30 a 50. 2001. Dissertação (Mestrado) — Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001.
REDUCINO, Marileusa de Oliveira. *Uma praça e seu entorno*: plasticidades efêmeras do urbano. Uberlândia - século XX. 2003. Dissertação (Mestrado) — Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.
RODRIGUES, Jane de F. S. *Trabalho, ordem e progresso*: uma discussão sobre a trajetória da classe trabalhadora uberlandense. O setor de serviços. 1924-1964. 1989. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 1989.

SANTOS, Regma M. dos. *Plumitivo claudicante:* impressões cotidianas, memória e história nas crônicas de Lycidio Paes. 2000. Tese (Doutorado) — PUC, São Paulo, 2000.
SANTOS, Regma Maria dos. *Os meios de comunicação na memória e no discurso político em Uberlândia* (1958-1963). 1993. Dissertação (Mestrado) — PUC, São Paulo, 1993.
SOARES, Beatriz Ribeiro. *Uberlândia*: da cidade jardim ao portal do cerrado – imagens e representações no Triângulo Mineiro. 1995. Tese (Doutor) — Departamento de Geografia, USP, São Paulo, 1995.
MOURA SOBRINHO, Vicente Batista de. *Massificação do ensino em Uberlândia*: a fala da imprensa (1940-1960). 2002. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.
TEMER, Sérgio Batista. *Idéias urbanísticas Uberlândia*: de Uberabinha à "Curitiba" do cerrado. 2001. Dissertação (Mestrado) — Urbanismo/FAU, PUCCAMP, Campinas, 2001.
VASCONCELOS, Maria Helena Falcão. *Dias de violência* – o quebra de janeiro de 59 em Uberlândia. 1993. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas, 1993.

APÊNDICE III

Uberlândia Ilustrada

Uberlândia Ilustrada

Conteúdos voltados para a divulgação de fatos relacionados à história local

Nº	CONTEÚDOS
03	Vultos da nossa história: Joaquim marques Póvoa. Através do Triângulo: conhecendo Indianópolis. Revivendo o passado.
04	História do abastecimento de água de Uberlândia. História da introdução do automóvel no Triângulo. Álbum de Uberabinha: biografia de Arlindo Teixeira. Através do Triângulo: Nova Ponte. Revivendo o passado na voz de gente antiga. Reminiscência de Uberabinha.
05	Percorrendo o município: Rocinha.
06	De onde Uberlândia veio: a família Carrejo.
7- 8	Reminiscências: recortes de jornais de 1915 com aspectos da cidade (cinema, concursos de beleza etc.)
09	Histórico do município de Uberlândia: cinqüentenário da organização administrativa. Visão do passado: entrevista com "Mãe-preta" abordando aspectos de Uberlândia no passado.
10	História da instrução no município de Uberlândia.
11	História da família Pereira Rezende.
12	Nosso patrimônio histórico: história da primeira Igreja.
14	História da imprensa em Uberlândia. História da Cia. Mogiana de Estradas de Ferro.
15	Uma página do passado: resenha histórica da Comarca de Uberlândia. Tipos populares.
16	A prática da medicina antiga em Uberlândia. Histórico do abastecimento de água em Uberlândia.
17	História da odontologia em Uberlândia. Conservando nosso patrimônio histórico: ata da implantação do marco comemorativo.
18	Biografia de Joaquim Marques Póvoa.
19	Resenha histórica do esporte em Uberlândia. Centenário da criação do Distrito de Paz em Uberlândia.
20	História da política em Uberlândia: partidos e representantes.
21	O negro em Uberlândia (1918-1956). Álbum de Uberabinha: biografia do cap. Sebastião Ribeiro dos Santos. Tipos populares.
22	Biografia de diversos membros da colônia italiana instalada em Uberlândia. Patrimônio histórico: árvore "histórica".
23	Efemérides e leis memoráveis (Uberlândia).
24	História das farmácias em Uberlândia.
25	História da arte gráfica em Uberlândia. História da Livraria Kosmos (a primeira da cidade).
26	Centenário do nascimento de João Pinheiro. Onde Uberlândia nasceu.
27	História do automóvel em Uberlândia.
28	Como nasceu a vila Martins (bairro de Uberlândia).

* O número 13 não apresentou nenhum artigo da mesma natureza.

Fonte: *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia. Arquivo Público de Uberlândia. Coleção Professor Jerônimo Arantes.